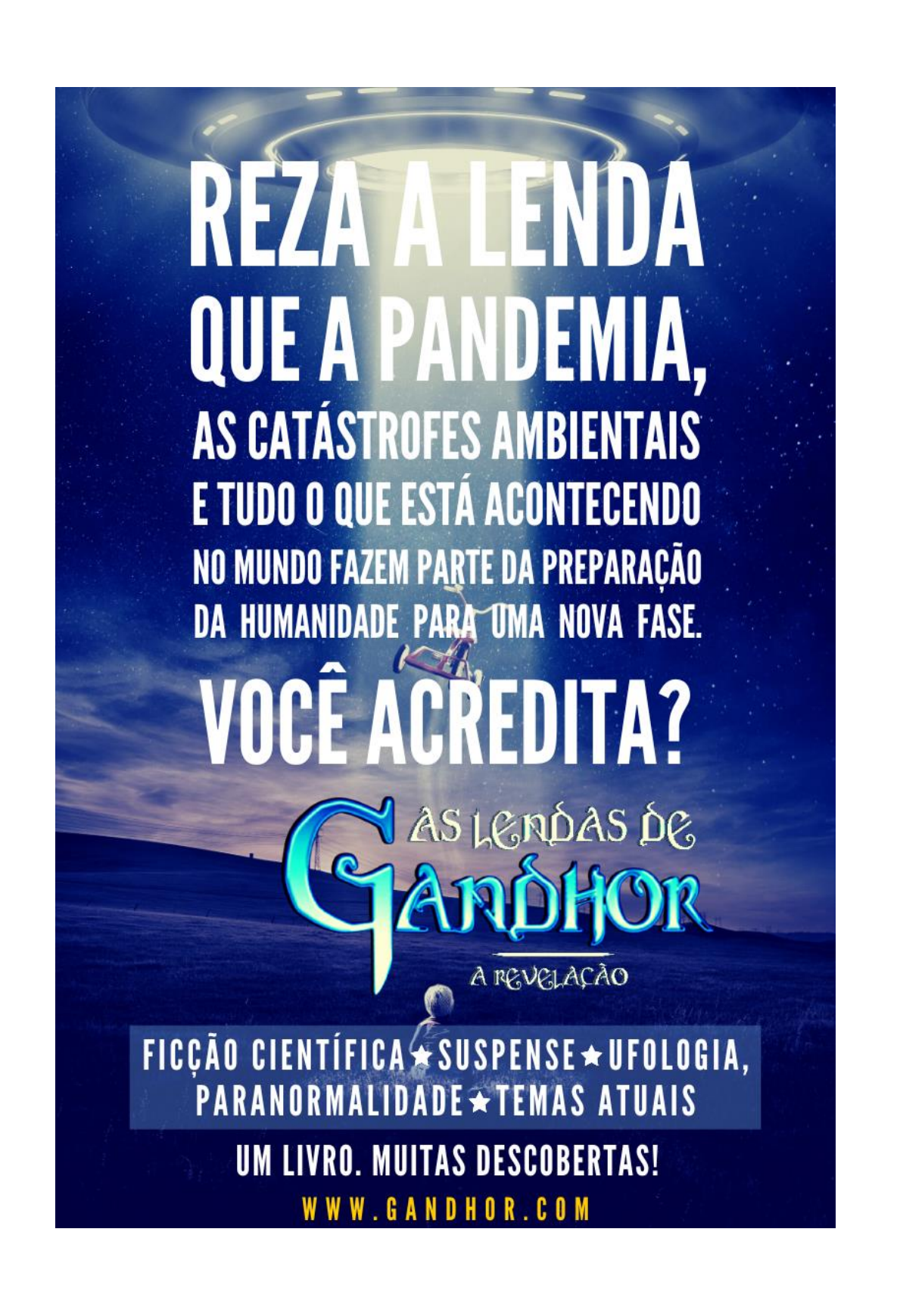


AS LENDAS DE GANDHOR

A REVELAÇÃO



HELVISTER RESENDE



**REZA A LENDA
QUE A PANDEMIA,
AS CATÁSTROFES AMBIENTAIS
E TUDO O QUE ESTÁ ACONTECENDO
NO MUNDO FAZEM PARTE DA PREPARAÇÃO
DA HUMANIDADE PARA UMA NOVA FASE.**

VOCÊ ACREDITA?

AS LENDAS DE
GANDHOR
A REVELAÇÃO

**FIÇÃO CIENTÍFICA ★ SUSPENSE ★ UFOLOGIA,
PARANORMALIDADE ★ TEMAS ATUAIS**

UM LIVRO. MUITAS DESCOBERTAS!

WWW.GANDHOR.COM

**PARABÉNS!
VOCÊ RECEBEU
ESTA EDIÇÃO
GRATUITA!**

**PARA COLABORAR,
GOSTARIA QUE VOCÊ ME
AJUDASSE DA SEGUINTE
FORMA:**

**COMPARTILHE ESTE LIVRO COM O MAIOR
NÚMERO POSSÍVEL DE PESSOAS**

**ASSINE O ABAIXO-ASSINADO PARA
QUE ESTE LIVRO POSSA SE TORNAR
UMA SÉRIE DE TV OU UM FILME.
LINK: CHNG.IT/RQXRVBZSHS**

**SE PUDER, FAÇA UM PIX PARA
MIM, O AUTOR. CHAVE PIX:
helvister@yahoo.com.br**


**SIGA-ME:
[@helvister](https://www.instagram.com/helvister)**

**MUITO OBRIGADO E ESPERO QUE GOSTE DESTA
OBRA FANTÁSTICA E EMOCIONANTE!**

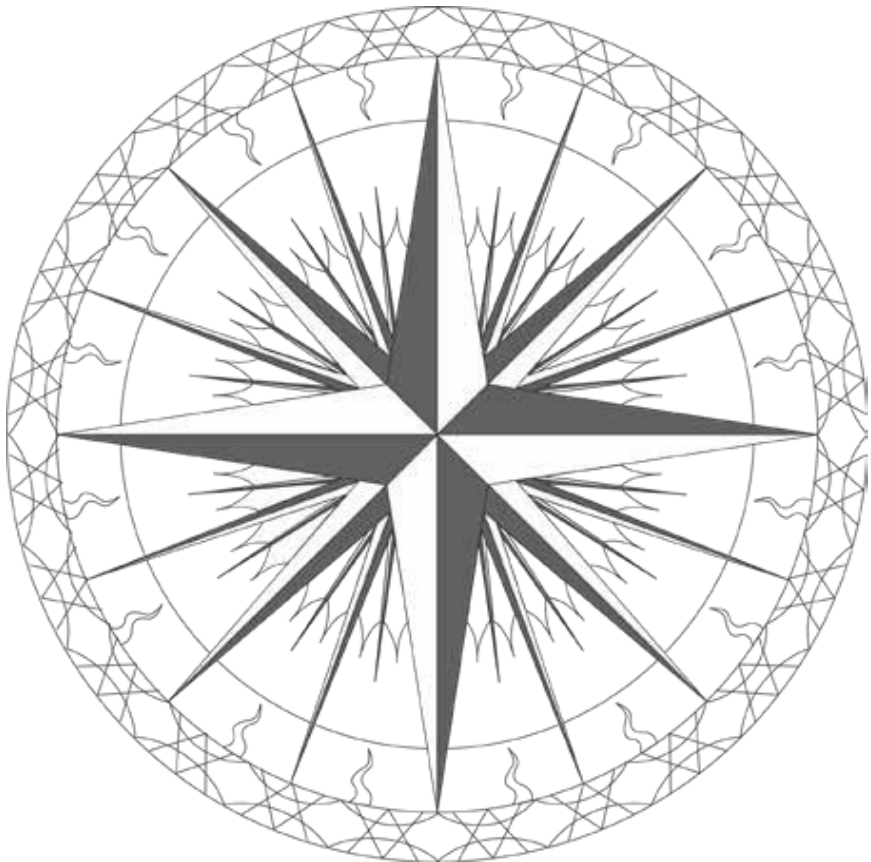
WWW.GANDHOR.COM

Helvister Resende

As lendas de Gandhor

A REVELAÇÃO

2ª edição



Copyright: © Helvister Resende
Revisão: Sara Ferreira Marcenés Pozzato
Capa: Mateus Guilherme
Projeto gráfico e diagramação: Letícia Ribeiro Ianhez
Storyteller e orientadora de histórias: Camila Prietto (Ateliê de Estórias e Universo CaJu)
Ilustrações: Délcio Almeida

Helvister Resende

Catálogo na Publicação (CIP)

Resende, Helvister
R433 As lendas de Gandhor : a revelação / Helvister Resende. -
2.Ed. - Belo Horizonte : Páginas Editora, 2021.
493 p.

ISBN 978-65-87123-79-0

1. Ficção brasileira – Romance I. Título

CDD: B869.35

Bibliotecária responsável: Cleide A. Fernandes CRB6/2334

As lendas de Gandhor

A REVELAÇÃO

2ª edição

Este livro não pode ser reproduzido, no todo ou em partes, sem a prévia autorização do autor.
Belo Horizonte — 2021 — 2ª edição.

www.paginaseditora.com.br
contato@paginaseditora.com.br



Dedico este livro aos primeiros leitores:
Alisson, Malu e Henrique.
E também a toda minha família
e a todos os meus amigos.

Sumário

PRÓLOGO - A sétima terça-feira	11
CAPÍTULO 1 - Paisagem atmosférica	19
CAPÍTULO 2 - Vento espiralado	45
CAPÍTULO 3 - Sargento Saci	61
CAPÍTULO 4 - Gás lacrimogêneo	76
CAPÍTULO 5 - Divergências	84
CAPÍTULO 6 - O pior inimigo	96
CAPÍTULO 7 - Alvorada	106
CAPÍTULO 8 - Desafetos e afetos	117
CAPÍTULO 9 - Coisas estranhas	138
CAPÍTULO 10 - Oncinha do mato	151
CAPÍTULO 11 - Sanduíche de mãos	175
CAPÍTULO 12 - <i>Déjà-vu</i>	184
CAPÍTULO 13 - Don Juan	200
CAPÍTULO 14 - Vermelho vivo	209
CAPÍTULO 15 - A última rosa	219

CAPÍTULO 16 - Coração escuro	234
CAPÍTULO 17 - Substância vexatória	243
CAPÍTULO 18 - Toc-toc	257
CAPÍTULO 19 - Pretinha	275
CAPÍTULO 20 - A revelação	289
CAPÍTULO 21 - Inteligência Suprema	310
CAPÍTULO 22 - Juntando os cacos	327
CAPÍTULO 23 - <i>Voilà</i>	344
CAPÍTULO 24 - Zigue-zague	351
CAPÍTULO 25 - Margherita	365
CAPÍTULO 26 - A raça humana	375
CAPÍTULO 27 - Homens de preto	384
CAPÍTULO 28 - Anjo	399
CAPÍTULO 29 - Velha mania	410
CAPÍTULO 30 - Estrutura faraônica	427
CAPÍTULO 31 - Efeito dominó	447
CAPÍTULO 32 - Gandhor	466

MINHA CARA LEITORA, MEU CARO LEITOR,

O que está em suas mãos, sob seu olhar, ou ao som de seus ouvidos, não é apenas um livro, é um pouco de energia. Energia emanada por sonhos e vivências, lutas e experiências, histórias reais e fantásticas, minhas e de outros. O resultado de um desejo que gostaria de deixar como presente para o mundo. E, por isso, ele é seu. Sinta-se parte dessa conquista!

Além de apresentar uma releitura de algumas lendas folclóricas do interior do Brasil, *As lendas de Gandhor* são inspiradas na teoria espírita kardecista sobre a Lei do Progresso, sem configurar, contudo, uma obra de cunho religioso.

Pandemias; catástrofes naturais; acentuação de divergências políticas, ideológicas e de crenças... Será que tudo que está acontecendo atualmente no mundo é uma mera coincidência? Segundo aquela teoria, não. Isso porque o planeta Terra está em fase de transição, saindo de um período e entrando em outro, exatamente como acontece em *As lendas de Gandhor: a revelação*.

Em meio a essa transição planetária carregada de transformações comportamentais e mudanças no meio ambiente, Juan, um policial militar, descobre que coisas estranhas estão acontecendo com seus amigos e com o mundo ao seu redor. Enfrentando problemas pessoais de relacionamento e de preconceito, Juan ainda terá um encontro fantástico, que o despertará para a missão de auxiliar no processo de evolução do planeta, antes que forças ocultas das trevas interfiram no controle disso.

Ufologia, racismo, espiritismo, homofobia, acessibilidade... Esses e outros temas permeiam esta trama de ficção científica, envolvida em uma história de suspense, aventura e superação, feita, especialmente, para unir esse mundo contemporâneo tão dividido e despertar a consciência de que todos podem colaborar para o progresso da humanidade e do planeta, apesar das diferenças.

Antes de começar, um alerta: abra sua mente (e também seu coração)!

PRÓLOGO

A sétima terça-feira



Todas as terças-feiras, próximo à meia-noite, o vilarejo era tomado por um medo disseminado. Medo este provocado por uma visita que vinha acontecendo há sete terças-feiras. Vargem do Mato Verde era o nome daquele pequeno povoado. Uma dúzia de casinhas simples compunha o cenário bucólico. Um daqueles distritos do interior que apenas algumas pessoas já ouviram falar e poucas ainda estiveram no lugar.

Era um dia como qualquer outro durante o entardecer: a fumaça nas chaminés anunciava o jantar; o cheiro de lenha queimada invadia o interior das casas; as crianças, todas sujas depois de brincar, preparavam-se para o banho, muitas vezes indesejado; e, assim, todos se ajeitavam para finalizar seu dia. Em um dia como esse, o terror aconteceu!

No primeiro dia de ataque, quando as pessoas daquele vilarejo já estavam com os sonhos aflorados em seus travesseiros preenchidos de palha, berros de cabras interromperam o silêncio da noite. Outros sons de animais surgiram. Cachorros, porcos, bois. Ruídos como galopes aconteciam em frente às casas. Eram rápidos e aterrorizantes. Gemidos estranhos e agudos os acompanhavam.

Assustados, os moradores levantaram de suas camas, mas temiam abrir as janelas para ver o que acontecia na rua de terra batida. Após um berro ensurdecedor de uma cabra, um silêncio mais terrível



ainda dominou o ambiente. Pelas frestas das janelas, algumas pessoas se arriscaram a olhar. Nenhuma alma viva estava presente. Então, o que poderia ter acontecido?

No alvorecer seguinte, os moradores encontraram carcaças de cabra próximo à rua. Que animal poderia ter feito aquilo? Um lobo? Uma onça? Ninguém sabia.

Depois do quarto ataque consecutivo, todo morador de Vargem do Mato Verde compreendeu que o visitante misterioso e indesejável tinha seu dia da semana preferido para atacar. E, após cada noite de agressões, mais carcaças de animais eram encontradas pela manhã. Galinhas, cachorros, bezerros, cabras, tudo assustadoramente devorado. Mas as cabras eram, sem dúvida, seu prato preferido, já que a quantidade de restos mortais desses animais era maior e mais frequente.

Seu Bartolomeu, o beato do lugar, queria descobrir o que estava atacando as criações. Na quinta semana, ele resolveu deixar entreaberta a janela de seu quarto no segundo andar. Sua casa era a única de dois andares em Vargem do Mato Verde.

Próximo à meia-noite, os barulhos estranhos reiniciaram. O beato, que não se desgrudava de seu gato malhado, foi observar o que estava por trás dos ataques. A visualização foi rápida.

O ser estava de costas a cerca de dez passos da casa. Andava sobre duas pernas finas e compridas. Os pés eram largos. Seus braços também eram finos e grandes o suficiente para tocar o chão com aqueles dedos absurdamente compridos. Não trajava roupas e tinha o corpo escamoso. Possuía uma enorme corcunda. Suas orelhas pontudas tinham as mesmas dimensões que a cabeça redonda e achatada. Foi o suficiente para perceber que o autor dos ataques não era um animal. Nem uma pessoa. Era uma figura horripilante!

Ao notar que a criatura estava virando a cabeça em sua direção, Seu Bartolomeu deixou o gato cair para fora da janela. Recolheu-se para o interior do quarto. Aterrorizado pelo que acabara de ver, o beato não teve coragem de saber o que houve com o seu gatinho. Apenas o ouviu

miar bem alto. Na manhã do outro dia, pelos pretos e brancos, sujos de sangue, estavam à porta da casa de Seu Bartolomeu. O relato do beato amedrontou ainda mais a comunidade de Vargem do Mato Verde.

Na sétima terça-feira, no final da tarde, acomodadas no interior de suas casas com telhados de barro, as famílias da vilota estavam reunidas em volta do fogão a lenha ou em volta da mesa retangular comprida com dois bancos igualmente longos – típica de todos aqueles casebres. Todas tomavam suas sopas de batatas antes de irem dormir.

— Mamãe, eu esqueci minha bola na rua.

— Quietinho, menino! Amanhã você pega sua bola.

— Mas mãe...

— Cala essa boca, Joaquim. Ou vai ficar de castigo! Vamu pra sala rezar todos juntos — disse Dona Amélia, mãe de Joaquim, chamando por seus seis filhos para irem até o outro cômodo da casa

— Joaquim, você vai terminar de tomar sua sopa primeiro. — A senhora de meia idade chamou a atenção de Joaquim, o filho mais novo, quando ele estava acompanhando os outros irmãos até a sala.

O garoto de sete anos voltou para o banco comprido onde estava sentado e, contra a sua vontade, começou a tomar o resto da sopa que havia deixado no prato.

Após certo tempo murmurando algumas rezas com seus filhos, Dona Amélia se lembrou de algo.

— João, vá chamar o Joaquim pra rezar com a gente. Já deu tempo dele terminar a sopa.

— Sim, mamãe — o filho de treze anos, o mais velho, obedeceu. Posteriormente, ele retornou para a sala com uma expressão de assombro. — Mãe! O Joaquim não tá na cozinha. Acho que ele saiu, porque a porta dos fundos tá aberta.

Dona Amélia ficou espantada com o que João havia dito. A matriarca levantou-se da poltrona e correu até a cozinha para verificar com seus próprios olhos. Com o auxílio dos demais filhos, todos os cômodos da casa foram revistados, mas ninguém encontrou o pequeno

Joaquim. A única explicação era a infeliz possibilidade de o garoto ter saído de casa naquela noite maldita.

Não longe da casa de Dona Amélia, pés descalços caminhavam a curtos passos até uma árvore grande e robusta de manga que havia no final da rua, próximo à curva da estrada que dá acesso a outras vilas. Era noite de lua cheia. O céu estava sem nuvens. Os pezinhos que se aproximavam da mangueira começaram a diminuir o ritmo.

Debaixo da sombra da árvore feita pelo luar, Joaquim, o dono dos pezinhos, notou que havia alguém ali. Mesmo a noite estando clara, não era possível identificar, com precisão, quem estava debaixo daquelas folhagens. Alguém estava de cócoras e de costas, aparentemente muito ocupado mexendo em algo no chão.

A bola de couro toda remendada estava ao lado do sujeito à sombra da mangueira. Joaquim começou a diminuir cada vez mais seus passos conforme conseguia observar melhor aquela figura estranha à sua frente.

O menino parou. Visualizou sua bola. Depois olhou para o sujeito que estava sem roupas e parecendo comer algo. De repente, ele interrompeu o que estava fazendo, como se estivesse sentindo a presença do menino, provavelmente denunciada pela respiração do garoto.

Por sua vez, Joaquim percebeu que o sujeito, ainda de costas, levantou a cabeça. Suas orelhas eram enormes. Aquele corpo era diferente de qualquer outra pessoa que o menino conhecia. Um calafrio percorreu a nuca de Joaquim. A criatura estava virando o pescoço vagarosamente para observar quem estava atrás. Quando virou por completo, a figura ficou em pé e esticou o pescoço curto, mas o suficiente para sair da sombra da árvore.

A revelação do rosto daquele ser à luz do luar fez o menino arregalar os olhos de forma tão exagerada que eles ficaram esbugalhados. Só então Joaquim percebeu uma cabra estripada ao chão. O monstro encarou-o com dois olhos grandes, brilhantes e vermelhos. Era uma

aparência de morcego; a boca, suja de sangue, abriu-se para revelar um amontoado de dentes formando um círculo. Do centro daquele orifício, saiu um ruído agudo e estranho. Com esse barulho, o grito do menino invadiu toda a noite.

A fera ficou sobre duas patas, uma delas perfurou a bola. Após sair inteiramente de baixo das folhas da árvore, o corpo da criatura mostrava ter uma coloração mista de branco, cinza e rosa. Joaquim não quis observar mais detalhes do monstro. Achou melhor correr de volta para sua casa. Correu o máximo que pôde.

O garoto observava que a luz da lua projetava sua sombra no chão. Repentinamente, sua sombra foi tomada por uma ainda maior, com a silhueta de orelhas grandes e pontudas. O menino sentiu dedos compridos envolverem sua cintura. Logo, os seus pés não tocavam mais o chão. A criatura carregou o garoto com apenas uma mão. Joaquim tornou a gritar. Ele notou que o monstro havia dado meia-volta e retornava em direção à mangueira.

Um tiro fez a criatura parar. Ela virou-se para observar de onde viera o barulho.

— Tire suas garras imundas do meu filho, seu demônio!

Dona Amélia, segurando uma espingarda, encarava o monstro. Atrás dela, um pouco mais distante, estavam seus outros cinco filhos. Novamente, um som agudo ressurgiu. E mais um tiro foi dado pela espingarda da matriarca. Dessa vez, a bala retirou parte de uma das orelhas do monstro, e Joaquim, livre, caiu ao chão.

— Corram, crianças! Fuja, Joaquim! — disse Dona Amélia, quando percebeu que a criatura andava em sua direção.

Antes mesmo de esboçar qualquer reação, um forte tapa do monstro jogou Dona Amélia na terra batida. Com o impacto, a espingarda foi lançada longe. Tentando fugir, a corajosa matriarca ras-tejava-se de costas para o chão sem deixar de encarar o monstro. Os olhos vermelhos e brilhantes foram ficando cada vez mais próximos até Dona Amélia conseguir ver-se refletida neles.

Os rugidos mal recomeçaram quando uma pedra atingiu a cabeça oval e achatada.

— Deixe a minha mãe em paz, bicho feio! — disse Joaquim, autor da pedra atirada.

O monstro deixou de atacar Dona Amélia para correr atrás do garoto. Perdido, sem rumo certo, Joaquim viu a porta da casa de Seu Bartolomeu e logo mexeu e remexeu a maçaneta para adentrar o lugar. Em vão, pois não conseguiu abrir. A porta estava trancada.

Ao ver na porta a sombra de dedos compridos, sem virar para observar o que era, o garoto se abaixou, e, por sorte, as garras do monstro destruíram a porta do Seu Bartolomeu e não a cabeça de Joaquim.

O menino correu para outra direção, mas tropeçou em um buraco e caiu.

Novamente, o monstro encarava Joaquim. Novamente, aquela boca com dentes estranhos se abria.

— Aqui em cima, criatura do inferno!

Provavelmente não deu tempo de o monstro observar o autor daquela frase, pois seus olhos grandes e vermelhos foram queimados pela água fervendo atirada do segundo andar. Com as garras sobre o rosto, a criatura começou a correr desordenadamente.

Os filhos de Dona Amélia jogaram uma rede de pescar sobre o monstro. Dona Amélia pegou sua espingarda do chão e, acompanhando o movimento da criatura com o cano da arma, aguardou o momento certo para acionar o gatilho e atirar. Com o impacto do tiro, o monstro caiu em um poço d'água que estava secando.

Devido à altura do poço, à lama em seu interior, à rede de pescar, ao tiro e à cegueira provocada pela água quente jogada por Seu Bartolomeu, o monstro não conseguiu sair do poço.

Dias depois, a notícia de uma criatura estranha capturada por moradores de uma pequena vila se espalhou rapidamente pela região. Agentes das Forças Militares apareceram com seus veículos em Vargem do Mato Verde para averiguar o que estava atormentando os

moradores. Os militares conseguiram retirar a criatura do poço e colocaram-na em um compartimento fechado dentro de um caminhão. Eles pediram para que a população do vilarejo não espalhasse os fatos ocorridos naquele lugar.

— Moço, aonde o senhô vai levar esse bicho?

— Não posso falar, garoto. É assunto confidencial — respondeu um militar que estava prestes a entrar na viatura e deixar o local com os demais.

— Joaquim, deixa o moço — advertiu Dona Amélia. — Desculpe os modos do meu menino, Seu Policial — falou abraçando Joaquim. — O senhô sabe dizê que animal é esse?

— Também não posso falar, senhora — entrou na viatura ajeitando os óculos escuros no rosto.

— A gente aqui de Vargem do Mato Verde até colocou um nome nele — o menino não conseguiu ficar quieto.

— Sério? E qual é?

— A gente chama ele de Chupa-cabra!

Paisagem atmosférica



— E aí? Gostaram da história? Juan, você prestou atenção?

— Sim — respondi.

— Parece que você está com a mente em outro lugar — comentou Billy, que acabara de ler a história.

— É que fiquei pensando em tudo o que você falou — justifiquei.

— Mas o que vocês acharam?

— Bem assustadora!

— Assustadora?! Francamente, David. Essa história não serve nem para assustar crianças. Achei ridícula. Não gostei. Conte outra de terror, Billy. Mas terror de verdade. Com morte, sangue, violência! — falava Pietro, o mais cético do grupo. Ele se comportava como um adolescente. Nem parecia ter os seus quase trinta anos, que eu sabia que ele tinha.

— Que livro é esse, Billy? — perguntou Matheus.

— Um livro de lendas. Na verdade, é um conjunto de histórias contadas por uma senhora do interior do Estado. Dizem que são baseadas em fatos reais — disse fechando o livro que segurava nas mãos.

— Baseado em fatos reais? Que piada! — Pietro deu gargalhadas.

— Quietos, Pietro! Ou vai querer que algum superior venha aqui? — advertiu Billy, que sofria com os mosquitos da floresta, e isso ficava visível em sua pele branca cheia de vermelhões.

— Mas será que essa história é real? — Matheus queria saber.

O QUE ESTÁ
ACHANDO DO
LIVRO?

DEIXE SEU COMENTÁRIO
NO SITE: GANDHOR.COM

COLABORE COM O AUTOR, FAÇA UM PIX.
CHAVE PIX: helvister@yahoo.com.br

ABAIXO-ASSINADO PARA O LIVRO
SE TORNAR UMA SÉRIE OU FILME:
CHNG.IT/RQXRVBZSHS

COMPARTILHE ESTE
LIVRO COM TODOS OS
SEUS CONTATOS!


SIGA O AUTOR:
[@helvister](https://www.instagram.com/helvister)

MUITO OBRIGADO E ESPERO QUE GOSTE DESTA
OBRA FANTÁSTICA E EMOCIONANTE!

WWW.GANDHOR.COM

— A lenda do Chupa-cabra é antiga. Mais um daqueles contos de cidades pequenas. Eu já tinha ouvido falar nessa história quando eu ainda criança. Mas nunca ouvi essa versão — disse David, o loiro de olhos verdes da turma.

— Depois você virou adulto, mas se esqueceu de crescer no tamanho — brincou Pietro e todos riram.

— Pessoal, vocês acham que essa história pode ter acontecido de verdade? — Matheus insistia na dúvida.

— Existe uma teoria que sim — contou Billy — inclusive essa cidade, Vargem do Mato Verde, existe e fica no interior do nosso Estado. Os moradores mais antigos confirmam essa versão. Dizem que o Chupa-cabra nada mais é que um extraterrestre! E que os militares que foram capturar o ET, naquela época, guardaram esse segredo em órgãos de outros países.

— Ridículo! — Pietro se ajeitava no saco de dormir que tinha a mesma coloração que o seu tom de pele pardo.

— Eu acredito — falei. Todos olharam para mim.

— Você?! — espantou-se Pietro. — Justo você, Juan? Você parece ser tão sábio. Vai acreditar nessas bobagens que ninguém consegue provar?

— Não sabia que você gostava desses assuntos de ETs e ufo... ufo... Qual é mesmo o nome dos estudos de OVNIS, objetos voadores não identificados? — perguntou David.

— É ufologia, David — lembrei meu amigo. — Eu só penso que existem muitos mistérios no mundo que ainda não foram desvendados. Por que não acreditar nessa história? Ela pode muito bem ser verdadeira.

— Se fosse verdadeira, o mundo todo saberia — disse Pietro.

— Mas será que o mundo todo estaria preparado para essa verdade? — indaguei.

— Que verdade, Juan? — perguntou David.

— A de que existem extraterrestres — respondi.

— Querem saber o que acho? Acho que já está tarde demais e amanhã nós teremos muitas atividades. Chega de histórias por hoje. Vou guardar meu livro. É melhor dormirmos e deixar Juan e Matheus continuarem de guarda — recomendou Billy, e todos concordaram.

Billy, Pietro e David voltaram a se acomodar em seus sacos de dormir debaixo da barraca em formato de “V” invertido. Eu e Matheus estávamos agachados no gramado próximo à entrada da barraca de nossos amigos, espiando o interior para ouvir a história do Chupa-cabra. Levantamos e ajeitamos, cada um, nossas fardas camufladas e nossas bandoleiras no pescoço, de forma que os fuzis, pendurados nelas, retornassem a uma posição confortável em nossas mãos.

Estávamos de guarda naquele acampamento militar. Nosso setor era o sete. Zona Sudoeste do acampamento. As barracas vizinhas, com outros militares, não poderiam ficar longe de nossas vistas, de forma que, se precisássemos, poderíamos fazer gestos ou gritar que éramos compreendidos por nossos colegas que faziam a guarda de outras barracas em outros setores.

A noite estava clara, como aquela sétima terça-feira da história contada por Billy. De um lado para o outro, eu e Matheus revezávamos os sentidos de guarda no alto da colina onde nos encontrávamos. Em um momento, Matheus se aproximou de mim. Eu iria ocupar o lugar deixado por ele do outro lado.

— Juan, espere um pouco. Queria lhe falar algo.

— Pode falar — deixei de continuar meu trajeto e parei para ouvir o amigo. Ao contrário de mim, Matheus tinha pele, cabelos e olhos claros.

— Você realmente acredita em vida extraterrestre ou você falou aquilo para brincar com o pessoal?

— Eu acredito — falei com firmeza.

— Sério? Por quê?

— Olhe para o céu.

Aquela noite era uma das noites mais estreladas que eu já havia visto em todos os meus vinte e sete anos de existência. Ficamos contemplando aquela paisagem atmosférica por um tempo.

— Lindo!

— Veja, Matheus, como é imenso. Você acha que em todo o universo somente o nosso planeta possui vida? E você acha que vida inteligente existe apenas neste planeta?

— Tem razão, Juan — disse ainda contemplando as estrelas. — Seria muito egoísmo de nossa parte achar que o universo inteiro é só nosso.

— Posso perguntar por que você quer saber se eu acredito em extraterrestre?

— Então... — Matheus espiava seu próprio coturno preto — eu queria saber algo, mas não sei se conto.

— Algo sobre mim?

— Não — olhou para mim. Ele era tão alto quanto eu. Talvez um pouco mais baixo. — Não é sobre você. É sobre mim.

— Pois, então, diga.

— Eu não sei como começar a falar. Não sei se você vai me entender. Fico preocupado com o que você pode pensar sobre mim — o olhar de Matheus ora era direcionado para um lado, ora era direcionado para outro e, outras vezes, encontrava-se com o meu. — Eu o conheci no início do curso, e isso ainda não tem nem um ano. E mesmo nos conhecendo há pouco tempo, conheço o suficiente para saber que você é uma pessoa séria. Por isso, acho que posso confiar em você. Não posso?

— Sim, claro!

— Juan, faz duas semanas, mais ou menos, que eu estou tendo sensações estranhas.

— Que tipos de sensações?

— Essas sensações vão e voltam. Eu não consigo controlá-las.

— Você pode dizer o que é?

— Eu sinto que tenho uma capacidade que não é comum

entre as pessoas. Para ser sincero, eu não conheço ninguém que tenha essa capacidade.

— Uma capacidade? — perguntei começando a ficar confuso.

— Sim.

— Que tipo de capacidade?

— Uma capacidade de... de...

— De?

— De ouvir pensamentos.

De longe, era possível ouvir latidos. Deviam ser lobos. Não sei nem em qual direção olhava. Aquela frase era a única coisa que eu tentava compreender. Se alguém, ao longe, pudesse nos observar, enxergaria, contra as luzes das estrelas, a silhueta da barraca de nossos amigos, e a silhueta de dois militares no alto de uma colina, um deles coçando a cabeça por baixo do boné. Esse era eu.

— Você quer dizer que consegue adivinhar o que as pessoas estão pensando, certo?

— Não. Eu ouço os pensamentos das pessoas.

— Como assim ouvir pensamentos?

— Ouvindo, da mesma forma que escuto o que você está dizendo agora.

— Entendo...

— Por favor, não faça essa cara de quem está conversando com alguém doido. Eu não estou louco!

— Ok, ok. Então, diga o que eu estou pensando agora.

— Essa capacidade aparece quando ela quer. Agora, por exemplo, eu não consigo ouvir o que você está pensando.

— Certo. Então, quando isso começou a acontecer com você?

— Como eu disse, foi mais ou menos há duas semanas. Nós estávamos na Academia de Polícia. Era aula de Direito Penal. O professor havia dado exercícios para fazermos. Eu estava custando a me concentrar nas atividades, porque a sala inteira estava falando. “Pessoal, por favor, vamos fazer silêncio! Estou tentando me concentrar”, pedi.

— Eu me lembro disso. Todos, inclusive o professor, que estava na carteira à frente da sala, olharam espantados para você.

— Pois é.

— No entanto, todos estavam quietos. Não entendemos o porquê de você ter falado aquilo. Ainda mais você que quase nunca fala nada em sala.

— Está vendo? O que eu estava ouvindo não eram vozes. Eram pensamentos. Logo que eu pedi para todos fazerem silêncio, eu ouvi as falas novamente. E, quando eu iria, mais uma vez, pedir silêncio, percebi que ninguém estava gesticulando. Estavam todos de boca fechada. Levantei da cadeira e comecei a caminhar pelo corredor de carteiras, observando rosto por rosto. Ouvia Billy reclamar que o exercício não tinha contextualização com fatos recentes, mas a boca dele estava fechada. Em seguida, ouvi: “Essa aula não acaba! Estou doido para encontrar com a Carmem”, era o pensamento de Pietro. Olhei para ele. Ele também não estava falando nada. Todos estavam em suas carteiras estudando quietos, sem nada dizer, entretanto, eu ouvia todos. Ouvia seus pensamentos. “Matheus? Matheus!”, olhei e percebi que quem me chamava não estava usando o pensamento, e sim a voz. Era o professor. Ele queria saber por que eu estava em pé em vez de fazer os exercícios. Então, dei a desculpa de que eu precisava ir ao banheiro. Lá fiquei pensando: “O que está acontecendo comigo?”. Depois de um tempo, retornei para a sala e eu não ouvia mais nada. Porém, vez ou outra, essa capacidade aparece e desaparece.

— Matheus, você já tentou controlar essa capacidade?

— Eu? Não. Nunca tentei.

— Como você sabe se são pensamentos e não sua imaginação?

— Semana passada, nossa turma estava tendo aula de Defesa Pessoal. Lembra-se?

— Como vou me esquecer? Você foi ótimo. Na demonstração com o Gustavo, você não deixou que ele encostasse em você em nenhum momento e, posteriormente, você ainda conseguiu pegá-lo de surpresa e imobilizá-lo. Foi surpreendente!

— E desde quando eu sou bom em Defesa Pessoal, Juan?

— É... — tentei me recordar — não sei.

— Nunca! Gustavo estava pensando em suas ações antes de executá-las. Com isso, eu conseguia me desviar dos gestos dele.

Fiquei em silêncio mirando o céu. Isso demorou um tempo.

— Por favor, Juan, diga alguma coisa. Eu estou muito preocupado. Sei que eu não estou louco. Mas também sei que não é uma capacidade normal. Não sei se você sabe, mas eu e minha irmã somos adotados. Eu até cogitei a hipótese de não sermos deste planeta. Talvez fomos abandonados por um casal de ETs.

Sorri. Posteriormente, mantive meu silêncio ainda observando as estrelas. Matheus continuou:

— Eu sempre o admirei, Juan. Sua postura na sala, no curso. Você é um grande profissional e um grande ser humano. Eu confio em você, por isso, você é a primeira pessoa que está sabendo disso.

Olhei para Matheus e o alertei:

— Não conte isso para mais ninguém. As pessoas não entenderiam e achariam que você está louco.

— Você, então, acredita em mim?

— Por que eu não acreditaria? Também o conheço e sei que você não diria uma mentira dessas.

— Obrigado! — ele sorriu. — Juan, você acha que sou um extraterrestre?

— Não, senão você comeria cabras e teria uma cabeça enorme.

Rimos baixinho. Depois não conversamos mais. Voltamos a tomar conta do nosso setor. Eu não conseguia esquecer todas aquelas coisas que ouvi. Matheus não iria mentir para mim. Eu acreditava nele. Fiquei controlando meus pensamentos o tempo todo. Não sabia se a capacidade de Matheus estava ativa e eu não queria que ele soubesse o que eu estava pensando.

Também fiquei preocupado com Matheus. Como ele deve se sentir tendo essa capacidade? Não sei se eu gostaria de ouvir pensa-

mentos alheios. Seria ótimo saber se algumas pessoas são falsas comigo ou não. Mas, da mesma forma que gosto de preservar alguns pensamentos só para mim, outras pessoas também gostam de fazer isso. Seria invasão de privacidade. Será que existem outras pessoas como Matheus? E essa história de que ele talvez seja um ET? Será que ele pode ser mesmo um?

..

O amanhecer no alto das montanhas é um espetáculo da natureza. É impressionante como poucas pessoas param para contemplar as belezas deste planeta, como esse fenômeno dos primeiros raios do sol pela manhã. Dá uma sensação de recomeço; de mais uma oportunidade para viver!

Como em todas as manhãs, o toque da corneta soou para lembrar todos de que mais um dia militar nos aguardava. Um desânimo me atingiu quando me lembrei de que não iria descansar depois de ter trabalhado quase toda a noite.

— Corre, militar! Chega de morosidade!

— Vocês têm dez segundos para entrar em forma, quem atrasar vai ter uma atividade extra!

— Ajeita esse boné, militar! Está parecendo cantor de *Rap*!

A correria para entrarmos em forma era sempre acompanhada pelas frases motivadoras dos nossos superiores. Matheus e eu, por termos trabalhado à noite, já estávamos fardados. Por outro lado, estávamos mais cansados. Nossos colegas se aprontaram rapidamente e se deslocaram até o campo principal, onde todos ficavam em formação a fim de se apresentarem para as atividades do dia.

Estávamos no Curso de Sargentos da Polícia Militar de nosso Estado. O curso estava acabando, e uma das últimas etapas era o acampamento de sete dias em uma zona não urbana, adaptada para atividades de situações de guerra e sobrevivência em floresta. Era o antepenúltimo dia do acampamento. Estávamos cansados. Dormíamos

mal. Comíamos mal. Estávamos chegando aos nossos limites físicos e até psicológicos. Esse era o objetivo da atividade. Preparar-nos para situações extremas.

No dia anterior, não tivemos muitas atividades físicas. Participamos de duas oficinas: uma sobre os vários tipos de nós em cordas e outra sobre técnicas de sobrevivência na selva. Dessa forma, pudemos descansar um pouco. Sobrou até fôlego para contarmos histórias à noite. No entanto, sabíamos que a fase tranquila era só para estarmos preparados para uma fase mais complicada. Ou seja, os últimos dias prometiam ser tão desgastantes assim como foram os primeiros.

Rapel, tiro, transposição de curso d'água, pista com obstáculos, rastejo, escalada, alpinismo; muitos e muitos exercícios físicos. Todas essas atividades feitas nos primeiros dias, ou quase todas, deveriam, agora, ser executadas com os nossos inseparáveis fuzis e mochilas.

Contrariando muitas expectativas, eu me saí muito bem em praticamente todas elas, sobretudo na pista de obstáculos. Consegui até mesmo auxiliar alguns companheiros. No início do Curso de Sargentos, havíamos feito algumas atividades semelhantes às que estávamos fazendo durante o acampamento. Inclusive recebi um certificado como militar destaque. Todavia, as modalidades de rastejo, tanto no barro quanto fora dele, eram as que eu mais tinha dificuldades.

Havia, entre homens e mulheres, trezentos militares participando do acampamento. Éramos nós, os sargentos-alunos, ou seja, sargentos em formação. Cerca de cem outros militares auxiliavam na organização. Eles eram nossos superiores hierárquicos: sargentos, subtenentes, cadetes, tenentes e demais oficiais. Diferente de nós, eles vestiam o fardamento tradicional da polícia de nosso Estado: fardamento preto com a boina também preta. De vez em quando, recebíamos a supervisão de nossa comandante, a Coronel Luísa, primeira mulher a chegar ao posto de comandante geral da nossa polícia.

Naquele alvorecer, cinco e trinta da manhã para ser mais exato, montaram um palanque à frente do campo.

— Atenção, acampamento, ao meu comando! Acampamento, sentido! Cobrir!

Os comandos de ordem unida eram dados por um cadete que estava auxiliando na organização. Outros cadetes, sargentos e tenentes ajudavam a supervisionar a tropa e verificar se todos estavam formando as filas de forma alinhada, se todos estavam com as fardas em perfeitas condições, se todos estavam com os equipamentos completos (mochila, fuzil, cantil) e se todos estavam executando os comandos com precisão.

A Bandeira Nacional foi hasteada enquanto a banda militar, ao lado do palco, tocava o hino do nosso país. Em posições específicas, segurávamos o fuzil para prestarmos continência à Bandeira. Posteriormente, ouvimos os recados da manhã dados pelos comandantes da Academia de Polícia que também estavam presentes. Eles nos parabenizavam por termos chegado até aquele momento do acampamento. Ouvíamos atentamente cada palavra e apenas mexíamos as pálpebras para piscar.

— Atenção, acampamento, cruzar armas!

Todos os militares já estavam em forma com seus respectivos fuzis. Com o último comando dado, nós, os futuros sargentos, segurávamos os fuzis com as duas mãos, uma no cano e outra na coronha, colocando o fuzil contra o peito, deixando a arma inclinada com o cano para cima.

— Bom dia, sargentos-alunos! — disse o senhor Capitão Theo, chefe do Curso de Sargentos.

— Bom dia, senhor! — todos nós respondemos bem alto e em coro.

— Complementando o que os meus colegas disseram anteriormente, também gostaria de parabenizar aos senhores e às senhoras do Curso de Sargentos por caminharem para as últimas semanas de curso e por terem chegado até este momento.

O Capitão Theo se movimentava pelo palco com o microfone. Abaixo daquelas sobranceiras ralas, os seus olhos pretos e puxados faziam questão de mirar nos olhos de cada um. Eu utilizava a minha

visão periférica para identificar quando o Capitão se movimentava, ficando enquadrado entre as filas de militares. As filas eram feitas em ordem decrescente. Eu era um dos primeiros. Havia poucos militares à minha frente. Eu não podia mexer, por isso, só conseguia observar o Capitão Theo quando ele se movimentava e eu desviava minha atenção da nuca do meu colega Gustavo e direcionava para o palco onde conseguia ver quem estivesse lá.

— Como Chefe do Curso das senhoras e dos senhores, é meu dever garantir que tudo ocorra bem e que todos estejam altamente capacitados para quaisquer tipos de conflito, do atendimento a uma simples ocorrência até mesmo a situações de guerra, caso as Forças Militares do nosso país necessitem de auxílio para uma — continuava a falar o Capitão Theo. Ele tinha descendência indígena. Era muito elegante, tanto ao falar quanto ao se movimentar. É o que chamamos de garbo militar.

Conheço a nuca de Gustavo mais do que conheço o mapa do meu país. Havia uma verruga, à direita, bem no limite onde o cabelo terminava.

— Hoje as senhoras e os senhores irão para o último e grande desafio deste acampamento, que é o “Simulado de Selva”. Como o próprio nome diz, trata-se de uma simulação para situações em selva. Vocês serão divididos em grupos. Cada grupo receberá uma missão, tendo o prazo de 48 horas, no máximo, para cumpri-la. Como auxílio, vocês receberão um kit de sobrevivência. Esta será uma ótima oportunidade para vocês colocarem em prática tudo o que aprenderam durante o curso e durante esses dias no acampamento. Sejam unidos, tenham espírito de corpo. Sejam camaradas uns com os outros. A todo instante, vocês deverão manter contato conosco via aparelhos de rádio, que estão localizados no kit. Em várias partes da floresta, serão instaladas cabanas de apoio para caso de urgência e emergência.

Fiquei pensando em como seria mais aquela aventura. Meus pensamentos se interromperam quando um cadete passou no corredor de fila onde eu estava. Era um cadete tão forte quanto eu. Talvez mais. Ele estava conferindo se havia algum militar em posição errada. Assim

que ele passou por mim, meu olhar encontrou com o de Matheus, que estava na fila ao lado. Vi que ele me observava com espanto. Tornei a mirar a verruga de Gustavo.

— Os sargentos e os cadetes que estão monitorando cada pelotão já dispõem de uma lista com as divisões de grupos. Chamarei agora a Excelentíssima senhora Comandante da Polícia Militar, Coronel Luísa, para dar início a nossa última etapa do acampamento — concluiu Capitão Theo.

No palco, estando em pé como os demais militares e também trajando o fardamento tradicional de nossa instituição da cor preta, uma mulher, cabelos castanho-claros presos por baixo da boina, aparentando ter cinquenta anos, posicionou-se ao centro para falar ao microfone.

— Bom dia a todos!

— BOM DIA, SENHORA! — provavelmente quem estivesse a quilômetros de distância teria ouvido o coro de todos os militares.

— Que bom ouvir esse bom dia de vocês — disse sorrindo —. Significa que estão empolgados. Mesmo que estejam cansados, vocês devem continuar firme no propósito. O propósito de vocês está chegando. Após o acampamento, dentro de algumas semanas, vocês deixarão de ser sargentos-alunos para serem sargentos — ela olhava para todas as direções do público. — A farda que vocês usarão no dia da formatura representará todo o esforço que vocês tiveram para consegui-la. A farda que uso não é apenas um pedaço de pano, ela representa muito suor, muitas lágrimas e, até mesmo, sangue! Ser militar não é um trabalho, é uma vocação, um chamado para servir. Hoje vocês estão treinando, amanhã vocês estarão vivenciando tudo o que aprenderam na Academia de Polícia. Portanto, valorizem o aprendizado que estão recebendo. — deu uma pausa — Eu declaro aberta a atividade “Simulado de Selva”!

Em seguida, os sargentos e os cadetes monitores que possuíam as listas dos grupos se posicionaram diante de cada pelotão para anunciar as divisões. Meu Pelotão era o 16. O grupo para o qual meu nome foi selecionado era basicamente composto pelos mesmos colegas do

meu setor de dormitório: Billy, Pietro, David e Matheus. A diferença ficou com um componente a mais: Emily, uma militar muito bonita. Conversei com ela poucas vezes. Ela sempre ficava ao fundo da sala; bem-observadora. Fazia pontuações sobre diversos temas discutidos durante as aulas. Suas colocações eram, muitas vezes, polêmicas, pois questionava quase tudo.

Estávamos fora de forma para reunir o grupo. Desse modo, vários amontoados de militares ficaram espalhados naquele pátio no meio da selva. Próximo a meu grupo, aquele mesmo cadete forte chegou e disse:

— Vocês são o grupo “Sai junto, chega junto”. O comandante do grupo será o Sargento-aluno Pietro — disse conferindo em sua lista em um dispositivo eletrônico em formato de prancheta. Em seguida, saiu para prestar informação a outro conjunto de sargentos-alunos. Pietro estava muito feliz com a notícia e logo começou a falar seus requisitos para o que ele definia como “regras para um bom desempenho de grupo”.

Depois que recebemos orientação para prosseguirmos até outra parte do pátio, aproximei-me de Matheus.

— Você leu meu pensamento, não foi, Matheus?

— O quê?

— Aquela hora, quando estávamos em forma, e o cadete passou. Eu notei você olhando espantado para mim. Você sabia o que eu estava pensando naquela hora?

Após desviar o olhar, Matheus me encarou, segurou o fuzil com apenas uma mão. A outra ele tocou em meu ombro e disse:

— Sim. Mas não se preocupe, Juan. Seu segredo está guardado. Confie em mim.

— Grupo “Sai junto, chega junto”! — chamou um sargento.

— Vamos, pessoal, rápido! — pediu Pietro chamando por nosso grupo.

O meu grupo foi à frente. Eu, um pouco pensativo, segui atrás. Do outro lado do pátio, alguns helicópteros e viaturas com héli-

ces¹ iriam decolar. Alguns grupos de sargentos-alunos iriam iniciar suas atividades em locais distantes. Por isso, o uso das aeronaves. Recebemos instruções sobre os primeiros procedimentos que teríamos em nossa missão. Tivemos pouco tempo para assimilar todas as informações. Posteriormente, fomos convocados para subir em um helicóptero.

Dentro da aeronave, colocamos os equipamentos de segurança. O piloto de nariz pontudo era um subtenente, seu nome era Fred, ele fez questão de cumprimentar um por um.

— Estão todos prontos? — perguntou o Subtenente Fred.

— Sim, senhor! — respondemos.

— Agora seremos um grupo. “Sai junto, chega junto”. Vou repassar algumas orientações, mas, depois, vocês precisarão seguir sozinhos na missão. Neste momento, vocês precisarão guardar os fuzis dentro desse saco onde está o kit.

No chão do helicóptero, havia uma bolsa grande e cilíndrica em que tivemos que guardar nossos fuzis.

— As mochilas podem continuar nas costas de vocês. Agora, preciso que coloquem os cintos e os protetores de ouvidos. — Ele apontou para os protetores que estavam nos assentos. Ele mesmo usava um. — Esses protetores também são comunicadores. Assim, poderemos nos ouvir sem a interferência do barulho da aeronave.

Em seguida, ele foi para frente do helicóptero. A nave começou a decolar. Saímos do chão. No alto, era possível ver todo o acampamento. Estávamos no meio de uma imensa floresta. O pátio do acampamento parecia uma pequena área desmatada naquele mar verde. Ao longo do caminho, alguns morros — altos, baixos, chapados, com cumes — embelezavam o lugar.

Em um desses cerros, percebi uma instalação. Provavelmente, era uma das cabanas, montadas pelos organizadores, que serviriam de

¹ Viatura com hélices: trata-se de um quadricóptero ou helicóptero quadrotor tripulado utilizado pelo autor, no enredo deste livro, como uma viatura voadora, com capacidade reduzida para transporte de pessoas, em comparação aos helicópteros tradicionais.

suporte em caso de urgência e emergência. Daquele ponto em que estávamos, não observei nenhum vestígio de cidades vizinhas. Notei que estava começando a cair uma chuva fina.

— Atenção, equipe “Sai junto, chega junto” — falou o piloto de nariz pontudo. — Como havia me apresentado antes, sou o Subtenente Fred, eu tenho a missão de levá-los ao local de onde vocês irão iniciar a atividade.

— Senhor! Eu não estou conseguindo ouvir direito, acho que meu fone está com problemas — gritou Billy.

— Não posso repetir as instruções — continuou a dizer o Subtenente Fred. — Vocês deverão saltar do helicóptero quando eu der a ordem.

— O quê?! — nós exclamamos.

— Ele disse saltar ou sambar? — perguntou Billy.

— Eu espero que tenha sido sambar — falou David.

— Antes de saltar, vocês deverão, primeiro, jogar para fora do helicóptero o kit de sobrevivência. Fiquem tranquilos, vocês saltarão sobre as águas de um rio. O saco com o kit não afundará. Ele foi feito para boiar. Mas vocês precisarão ter cuidado para que ele não seja levado pela correnteza.

Ninguém esperava por aquilo. A alegria de curtir a paisagem se transformou em um pesadelo. Pular com equipamentos de um lugar alto até uma superfície com água era uma experiência que já havíamos feito antes no meio do curso, mas havia acontecido em uma piscina. Não esperávamos passar por essa experiência novamente e naquela circunstância.

O helicóptero chegou até um rio. Diminuiu a altura em que estava voando.

— É esse o rio que vamos ter que pular, senhor? — perguntou Matheus.

— Sim, mas eu vou procurar um ponto mais seguro para vocês pularem, porque estou vendo que há muitos jacarés perto das margens.

Espiamos lá embaixo. Mesmo chovendo, era possível entrever dezenas e dezenas de jacarés naquela parte do rio.

— Era para vocês ficarem aqui. Terei que ir um pouco mais longe. Isso vai acabar prejudicando vocês, porque, dentro do kit sobrevivência, existe um mapa com orientações sobre a localização, e a missão de vocês deveria ter início nesse ponto do...

— O que foi isso?! — perguntou Pietro.

Um barulho seguido de um solavanco no helicóptero assustou todos, inclusive o Subtenente. Ele voltou seu rosto para o painel de controle, acionando vários botões. Outro barulho e outro solavanco.

— O que está acontecendo?! — Pietro interpelou.

— Estou sentindo cheiro de queimado! — disse Billy.

— Pessoal, tem fumaça saindo de cima do helicóptero — Emily apontava para fora da janela.

— Pulem! Pulem do helicóptero agora! — ordenou o piloto.

— Senhor, mas — comecei a falar para o Subtenente.

— Eu estou ordenando que pulem deste helicóptero imediatamente!

— Eu não vou pular! Está cheio de jacarés lá embaixo! — disse Billy.

— Pulem antes que o helicóptero caia!

— Isso é mentira! — disse Pietro. — Ele está blefando. Isso deve fazer parte da simulação.

— Não! Ele não está mentindo. O helicóptero vai mesmo cair! — falou Matheus.

— Como você pode ter certeza disso? — David questionou.

Provavelmente Matheus havia lido os pensamentos do Subtenente. Então aquilo só poderia ser verdade!

O helicóptero ficou próximo ao rio, mas era possível sentir que a nave estava fazendo voos de forma desordenada. Emily abriu a porta do helicóptero, ela arrastou o kit de sobrevivência para empurrá-lo para fora. Ajudei. O kit caiu. Em seguida, Emily se atirou para fora da nave. David foi o próximo. Cada um deveria saltar com sua respectiva mochila.

— Vocês estão loucos? — berrou Billy.

— Vamos todos! — falei. Matheus pulou. Pietro ficou na beirada do helicóptero, olhou para baixo, olhou para o restante que ficava. Estava indeciso.

— Pulem rápido! O helicóptero não vai aguentar! — disse o piloto. Aquela frase foi o impulso que fez Pietro saltar.

— Senhor! — gritei para o piloto. — E o senhor?

— Eu preciso controlar o helicóptero. Vão sem mim!

— Vamos, Billy! — falei pegando no braço do meu colega.

— Não! Eu tenho medo de jacaré!

— Vamos! — insisti.

— Não! Não vou!

— O helicóptero está caindo!!! — vociferou o Subtenente Fred.

A aeronave inclinou e caiu lateralmente. Billy, o piloto e eu ficamos presos no interior.

Billy gritava enquanto a água invadia o lugar. Não demorou muito, e os gritos cessaram. O rio era um pouco turvo, mas com visibilidade suficiente para que eu conseguisse enxergar Billy e o empurrar para fora do helicóptero. Fui ajudar o subtenente, porque ele não saía do banco onde estava. Tirei minha mochila para facilitar o meu nado. Meu protetor de ouvido e meu boné já estavam desaparecidos há muito tempo. Mergulhei até a frente do helicóptero. O Subtenente estava preso pelo cinto.

Tentei controlar os movimentos do Subtenente, que estava aflito. Forcei o cinto e consegui arrebatá-lo do banco. Puxei o piloto pelo braço para auxiliá-lo a mergulhar até a saída da aeronave. Saímos. Eu estava perdendo todo o meu ar. Nadar com o fardamento era difícil. Nadar com o fardamento segurando alguém pelo braço era mais difícil ainda. Parecia que a superfície nunca chegaria. Mas a claridade anunciava que sim. Em contato com o meio gasoso novamente, respirei. O piloto também.

— Socorro! Socorro!

Mal consegui recuperar o fôlego direito e avistei Billy gritar. Ele estava a cerca de dez metros de mim, nadava desesperadamente. Olhei o motivo que o atormentava. Era o que pensei: um jacaré estava indo em sua direção. Soltei o braço do Subtenente. Ele já conseguia nadar por si só. Fui atrás do animal.

Naquela água de coloração marrom, era possível ver a ponta da cauda do jacaré serpenteando a superfície. Billy gritou fortemente. Com certeza, o jacaré o abocanhara. Continuei nadando. Vi que a cauda do animal afundou. Percebi que Billy também havia afundado. Foi então que eu entendi que o jacaré havia mordido Billy e o levava para o fundo. No mesmo instante, mergulhei esticando a minha mão até alcançar a única coisa que movimentava naquelas águas. Agarrei com todas as minhas forças. Senti que havia amassado algo. Uma mancha vermelha surgiu. Eu havia espremido com tanta força a cauda do jacaré que ele sumiu assustado em outra direção no fundo do rio.

Retornei à superfície. Pouco depois, Billy, aos berros, retornou também. Aproximei-me dele. A água em sua volta estava vermelha.

— A minha perna! A minha perna! — Billy clamava.

— Sobe nas minhas costas! — pedi.

Billy, mesmo parecendo desorientado, agarrou o meu pescoço. Eu me movi o mais rápido que pude até a margem mais próxima. Fiquei preocupado não só com mais jacarés virem atrás de nós, mas também com piranhas, porque elas percebem o sangue na água. Chegando à margem do rio, perto de nós, estavam outros jacarés. Mesmo cansado, eu apoiei Billy em meu ombro para ele ficar em pé.

— Ai! Não consigo ficar em pé.

A farda escondia o tamanho do ferimento de Billy. Na altura da panturrilha, havia sangue na calça. Carreguei Billy no colo e corri, pois vinham jacarés atrás de nós. Tive que adentrar a mata que estava à nossa frente. Depois que me certifiquei de que estávamos longe do alcance dos animais, coloquei Billy deitado ao chão da mata. Com um

canivete, rasguei a parte da calça suja de sangue.— Você teve muita sorte — analisei o ferimento.

— O quê? Sorte? — entre gritos e gemidos de dor, disse Billy.

— Sim, o jacaré não atingiu nenhum osso seu. Aparentemente. Acho que foi só a panturrilha. Poderia ter sido muito pior.

Parte dos músculos da panturrilha estava dilacerada. Fiz um torniquete com as tiras de pano que tirei da calça dele. Ao mesmo tempo, conversava com Billy para ele esquecer a dor.

A chuva, que continuava fina, contribuía para espalhar ainda mais o sangue no chão. Porém, de qualquer forma, o estrago era muito menor do que eu imaginava, e meu torniquete conseguiu estancar a hemorragia.

Ouvi ruídos vindos da mata. Seriam mais jacarés?

— Vocês estão bem? — disse uma voz feminina.

Uma felicidade invadiu meu peito. Emily, Matheus, David e Pietro apareceram. Emily, assim como os demais, estava sem o boné. Foi possível ver como era grande o cabelo preto e liso dela.

— Que bom que vocês estão a salvo! — exclamei, abraçando todos.

— O que houve? — Matheus perguntou preocupado ao ver Billy deitado com um curativo na perna e sangue pelo chão.

— Ele foi mordido por um jacaré — expliquei. — O animal chegou a puxá-lo para o fundo do rio, mas... alguma coisa fez com que ele soltasse Billy.

— Que estranho. O que será que aconteceu? Jacarés, geralmente, costumam a soltar suas presas — contou Emily. Eu reparei que ela olhava desconfiada para mim.

— Nós vimos o helicóptero cair — falava David. — Ainda estávamos no rio. Nadamos até a margem. Havia muitos jacarés próximo de nós. Tivemos que entrar rápido na mata. Quando olhamos de volta para as águas, o helicóptero já estava afundado. Matheus disse que avistou alguém nadando. Corremos até este ponto imaginando que vocês estariam aqui.

— Então, ouvimos os gritos de Billy — disse Pietro.
— E onde está o Subtenente? — perguntou Matheus.
— Eu ia fazer a mesma pergunta para vocês — respondi.
— Estou aqui!

Eu e meus colegas procuramos o dono da frase. O Subtenente, assim como todos, estava com o fardamento molhado. A farda dele não era camuflada. Ficamos contentes ao vê-lo.

— O que aconteceu? — perguntou o piloto apontando com a cabeça para Billy.

— Mordida de jacaré — esclareci. — Contudo, não foi grave. Consegui fazer um torniquete.

— Onde está o kit de sobrevivência?

— Senhor, neste momento, o kit deve estar distribuído em vários estômagos de répteis semiaquáticos — respondeu Pietro em tom de escárnio. — Eu vi um monte deles destruírem o kit. Provavelmente, estavam pensando que fosse algum tipo de alimento exótico.

— Eu não acredito! — exclamou o piloto. — O kit era a nossa única fonte de comunicação para nos resgatarmos!

— O senhor não tem um aparelho no pulso? — perguntou Emily sobre o dispositivo eletrônico de comunicação² que o Subtenente tinha no pulso, acoplado a uma pulseira.

— Sim, mas a rede de comunicação dele não funciona aqui na selva — explicou o Subtenente. — O kit era muito importante. Dentro dele, havia alimentos, equipamentos de primeiros socorros e vários utensílios de sobrevivência! Os fuzis de vocês também estavam lá.

2 Dispositivo (ou aparelho) eletrônico de comunicação: invenção do autor para o enredo deste livro com o intuito de definir um tipo de *smartphone* utilizado preso a uma pulseira, podendo ser retirado e colocado nela por meio de encaixe/desencaixe. Esse aparelho/dispositivo expande e encolhe de tamanho a depender do interesse do usuário (se deseja que fique do tamanho de um *smartphone* ou de um *smartwatch*) e também pode ser utilizado como *drone* quando acionadas as quatro mini-hélices nele embutidas.

Todos ficamos espantados. O que faríamos sem comunicação e sem alimento no meio de uma floresta?

— Quantos de vocês ainda possuem mochilas? — continuou Fred.

Emily, Matheus e David tinham mochilas. Eles abriram-nas. Por sorte, em uma das mochilas, havia um estojo de primeiros socorros. Também havia uma lona, faca, isqueiro, capa de chuva e cordas para escalar.

— E comida? — interpelou Pietro.

— Não tem — respondeu Matheus.

— Não acredito! — Pietro demonstrou mais pavor. — Temos que encontrar alguma forma de sair daqui. Temos que buscar ajuda! Vamos nos dividir!

— Não! Somos um grupo. “Sai junto, chega junto”, lembra-se? — Subtenente Fred disse para Pietro, voltando-se, em seguida, para o restante do grupo. — Vamos permanecer unidos! Primeiro temos que cuidar do ferimento de Billy.

Adentramos um pouco mais a mata densa para ficarmos distantes dos jacarés. Billy foi se apoiando em mim, pulando em uma perna. Pegamos a lona e amarramos as pontas em um tronco de árvore. Estava pronta uma tenda. Billy ficou debaixo dela. Matheus, que era bom em primeiros socorros, fez todos os procedimentos que estavam a seu alcance para que a perna de Billy não infeccionasse. Em seguida, finalizou com um curativo.

Pouco tempo depois, a chuva parou. Eu contei para o Subtenente que, durante o voo no helicóptero, havia observado uma cabana de apoio sobre uma chapada e que ela não deveria estar longe. O Subtenente disse que deveríamos ir até lá. Tentei recordar a direção exata da cabana.

— Noroeste — lembrei.

— Ótimo! Então vamos! Vou acionar o modo flutuante do meu aparelho para observar onde estamos e se é possível avistarmos essa chapada que você falou.

O Subtenente desencanaixou o seu aparelho eletrônico de comunicação do pulso, expandiu o tamanho e acionou as quatro mini-hélices do pequeno equipamento, que levantou voo ultrapassando a altura das árvores. Pelo pequeno visor fixo que havia na pulseira do dispositivo, era possível receber as imagens do que estava sendo transmitido. Manualmente, Fred controlava os movimentos do aparelho no ar por meio do ecrã tátil da pulseira. Antes de completar uma visão em 360 graus do lugar, as imagens foram cortadas. Um falcão atacou o dispositivo.

— Ele está levando o aparelho embora! — disse David.

— A ave deve ter pensado que fosse algum animal pequeno — Emily discorreu.

— Perdemos mais um equipamento que poderia nos salvar... — falei.

— Eu tenho uma bússola! — Pietro retirou uma bússola do bolso de sua calça. — Ao menos ela vai facilitar a direção que precisamos seguir.

— Excelente! — disse o Subtenente Fred para Pietro. — Você então será o portador da bússola que nos guiará até o ponto de apoio que Juan falou.

— E como vamos até esse ponto de apoio? — perguntou Billy. — Eu ainda não estou conseguindo andar direito.

— Eu carrego você — ofereci.

— Você?! — indagou Pietro. — Um saci carregando um manco?

— Pietro! Que comentário é esse? — repreendeu Emily.

— Desculpe, foi só uma brincadeira.

— Brincadeiras têm limites, Pietro. E você já está passando deles! — David disse olhando com raiva para Pietro.

— Deixem ele. Eu não ligo mais para essas brincadeiras — falei. — Como eu disse antes, eu posso carregar o Billy.

— Juan, você é forte, mas carregar alguém durante muito tempo é exaustivo demais — Emily disse.

— Nós daremos um jeito de revezar. Não podemos ficar aqui nessa mata fechada. Se algum helicóptero ou viatura de resgate passar, pode ser que não nos veja — Subtenente Fred disse.

Desfizemos o acampamento improvisado. Coloquei Billy nas costas. Não senti dificuldade nenhuma. Seguimos a orientação da bússola de Pietro. Enquanto carregava Billy, lembrei como foi fácil arrebeitar o cinto do piloto no helicóptero e esmagar a caudade um jacaré. De onde foi que tirei tanta força? Sei que, em momentos de aflição, as pessoas conseguem extrair grande energia de si mesmas. Mas tudo aquilo era demais! E o peso de Billy? Ele estava muito leve para mim.

Tentei não pensar nessas coisas naquele momento.

Os trechos durante a mata fechada ora eram densos ora não. Em certas partes, a vegetação baixa era quase inexistente. Grandes árvores nos cercavam. Caminhamos por aproximadamente três horas. Fizemos algumas paradas para descanso. Meus amigos ofereceram carregar Billy nas costas em meu lugar. Eu disse que não era necessário, porque, até o momento, eu não estava me sentindo cansado por fazer aquilo. Eles, então, se revezaram para carregar as três mochilas que tínhamos.

Em uma das paradas, encontramos árvores frutíferas. Acabamos com todas as frutas que havia nelas. Seguimos viagem.

— Esperem!

— O que foi, senhor Subtenente? — perguntou Matheus.

— Pegadas — ele apontou para várias pegadas em volta de nós. — São recentes.

— Parecem ser de um grupo de pessoas — disse David analisando as pegadas. — Será que estamos a salvo? — indagou sorridente.

— São de militares — falou Emily. — As pegadas são de coturnos como os nossos!

Todos, exceto eu e, conseqüentemente, Billy, abaixaram para verificar as pegadas.

— Pietro, passe-me sua bússola — pediu Fred. Pietro entregou o objeto para o Subtenente, que girou a bússola. Caminhou, deu algumas voltas — Foi o que pensei.

— O que foi, senhor? — perguntei.

— A bússola está estragada. Essas pegadas são as nossas! Estamos andando em círculos! — exclamou encarando Pietro, assim como todos os outros o fizeram depois de terem se levantado.

— Eu não tenho culpa! — justificou Pietro. — Como eu poderia imaginar que a minha bússola não estava funcionando bem? Provavelmente, a queda do avião fez com que ela estragasse — guardou o objeto na mochila que transportava.

— Se antes estávamos na dúvida, agora temos certeza: estamos perdidos! — falou David.

Pietro, David, Subtenente Fred e Matheus ficaram discutindo. Billy e eu só ouvíamos.

— Pessoal! — chamou Emily. — Pessoal, silêncio! — quem estava discutindo ficou quieto só depois que Emily chamou a atenção pela segunda vez. — O que será isso no meio da mata?

— Isso o quê, Emily? — inquiri.

— Ruídos — disse a única mulher do grupo.

Todos ficaram quietos para tentar ouvir alguma coisa.

— Eu não ouço nada — Pietro disse.

— Está aqui, eu sei! — disse Emily. — Fiquem atentos!

— De quem ou do que essa garota está falando? — perguntou o Subtenente para David. Este fez um gesto com as mãos e os braços que poderia significar um “Não tenho a menor ideia”.

— Tenham cuidado! — Emily parecia aflita. Neste momento, o grupo aproximou-se. Um ao lado do outro. Todos olhavam para fora daquele círculo desajeitado que se formou. Cada um atento à mata a sua frente. — Não viemos fazer mal algum! — esbravejou Emily, aparentemente para o nada.

— Emily, o que está acontecendo? — perguntei preocupado com a amiga.

— Acho que ela surtou — disse Billy falando baixinho para mim sobre as minhas costas.

Emily estava apreensiva. Ela procurava algo ou alguém que somente ela parecia saber que estava por ali.

— Emily, se for uma piada...

Pietro iria concluir a frase quando Emily gritou:

— Ela está ali, nas árvores!!!

Procuramos na direção em que Emily apontava. Lá estava ela sobre o tronco de uma árvore. Grande, majestosa, imponente, com a expressão mais raivosa de todas. Uma onça! O maior felino das Américas. A fera rugiu. Eu fiquei sem saber o que fazer. O Subtenente ordenou que corrêssemos. A onça pulou sobre Pietro. A sorte dele foi que a mordida e as garras fincadas recaíram sobre a mochila e não em seu pescoço.

Todavia, com o peso do animal de quase dois metros, Pietro caiu. Ele se soltou da mochila e conseguiu fugir de forma desesperada pela mata. Os demais viram que Pietro estava bem e continuaram a correr. Billy ficou esgoelando em meus ouvidos para eu sair dali. Olhei para o lado e vi Emily. Estática como eu. Observávamos a onça ficando frustrada ao perceber que a mochila não era um ser vivo cheio de músculos e sangue. Com a boca, a fera sacudiu a mochila, jogando-a para longe. Em seguida, encarou-nos, a mim e a Emily, com aqueles olhos felinos verde-claros.

A onça parecia querer me atacar, ou atacar Billy, que não parava de gemer de medo. Emily entreviu fazendo apenas contato visual com o animal, que correspondia com o olhar, ameaçava dando alguns passos, emitindo sons e arreganhando os dentes. Em momento posterior, voltou-se para Emily. Era como se a onça tivesse dúvida sobre o que fazer. Instantes depois, ela deu um salto, mas era em direção à mata, seguindo caminho.

— Qual era o problema dessa onça?! — perguntei ainda em estado de choque.

— Eu... eu...
— Emily! Juan! – gritou Matheus, ele retornou com o Subtenente e David.
— Não vimos vocês nos acompanharem, então, voltamos – falou David.
— Onde está a onça? – o Subtenente Fred queria saber.
— Ela foi embora – respondi. — E onde está Pietro?
— Do jeito que o conheço, ele deve estar a quilômetros de distância daqui — disse Billy.
— Acertou — falou David.

Depois que Emily disse a direção para onde a onça seguiu, todos acharam prudente seguir para o lado oposto. No entanto, esbarávamos em mais um empecilho: Pietro. Mas logo esse problema foi resolvido. Deitado no chão da mata e coberto por folhas secas, encontramos Pietro camuflado. Na verdade, ele nos encontrou quando gritávamos o seu nome.

O QUE ESTÁ ACHANDO DO LIVRO?

PARA SABER MAIS SOBRE O LIVRO, ACESSSE: WWW.GANDHOR.COM

COLABORE COM O AUTOR, FAÇA UM PIX. CHAVE PIX: helvister@yahoo.com.br

COMPARTILHE ESTE LIVRO COM TODOS OS SEUS CONTATOS!

SIGA O AUTOR: @helvister

MUITO OBRIGADO! ESPERO QUE SUA LEITURA SEJA FANTÁSTICA!

CAPÍTULO 2

Vento espiralado



Caminhamos com mais atenção com relação à parte superior da floresta. O perigo, como descobrimos, também poderia vir das árvores.

— Por falar em árvores, eu tive uma ideia.

— Qual, David? — indagou Matheus.

— Eu vou escalar uma árvore até o topo. No alto, terei uma noção melhor sobre onde estamos e para onde poderemos ir.

— Gostei da sugestão, rapaz – comentou o Subtenente Fred — Mas você sabe como escalar essas árvores?

— Eu sou ótimo em escalada. Pode confiar!

David realmente era bom para escalar. Ele havia tirado a maior nota da turma.

Uma árvore bem alta foi escolhida. Do chão, observamos David subir. Ele não quis utilizar as cordas que carregávamos. Eu aproveitei a pausa para tirar Billy de minhas costas para que ele descansasse, já que a sua posição não era a mais confortável.

A árvore escolhida por David devia ter aproximadamente vinte metros de altura. Do alto, nós o ouvimos bradar. Ele disse que tinha uma colina com uma superfície plana a noroeste. Poderia ser a chapa-da que eu havia avistado. No entanto, ainda demoraria algumas horas até chegar lá.

David contemplava a paisagem do topo da árvore, então, iniciou a descida. No meio do tronco da árvore, ele pisou em um galho

que quebrou. Por pouco, não caiu com o pedaço de madeira direto no chão, uma vez que ele conseguiu se segurar em outro galho. O tronco mais próximo para ele apoiar os pés estava longe do alcance de suas pernas. Era necessário que ele se movesse utilizando apenas as mãos que sustentavam seu corpo.

— Segure firme, David! Tenha cuidado! — gritei. Todos ficamos desesperados ao ver o amigo naquela situação.

— Movimente-se até o tronco mais próximo para apoiar os pés! — orientou o Subtenente.

— Não posso! — David gritou.

— Por quê?

— Não posso, senhor, porque tem uma serpente na direção que preciso ir!

Uma cobra se enroscava no galho onde David estava pendurado.

— Eu vou subir para ajudar você! — falei.

— Não! — disse Emily. — Como você vai fazer isso? Tem uma serpente lá! E se for venenosa?

— Pessoal, ele está caindo! — Billy apontou para o alto.

Vimos David ficar pendurado apenas por um braço. Posteriormente, ele se soltou por completo. Antes que meu amigo batesse contra o solo, eu pulei na direção do corpo de David, assim, nós dois caímos para o lado em um monte de folhagens.

Nossos amigos, exceto Billy que não podia andar direito, foram até ao nosso encontro. Eu estava bem, não sentia dor nenhuma. David também, apenas reclamou de esfoliações nas mãos. Todos acharam aquilo incrível. De alguma forma, minha ação fez com que a queda de David não acontecesse de forma direta. Isso diminuiu o impacto. Todos me parabenizaram. David me agradeceu demais.

Após o momento de heroísmo, o Subtenente Fred disse para montarmos acampamento naquele local. Logo anoiteceria. A chegada até a chapada ficaria para o dia seguinte. Dividimos algumas tarefas.

O Subtenente Fred e Pietro fizeram uma cobertura com a lona igual à que havíamos feito anteriormente. Assim, estaríamos com proteção sobre as nossas cabeças para caso voltasse a chover. David construiu uma armadilha para pegar animais pequenos. Billy apenas ficou sentado se recuperando do ferimento.

Eu fiquei encarregado do fogo. Peguei lenha e acendi com o isqueiro que tínhamos. Matheus e Emily saíram para encontrar algo para comer. Retornaram com algumas sementes, cogumelos e raízes comestíveis. Foi o suficiente para saciar a fome por um momento, mas, pouco tempo depois, o estômago voltou a roncar. E, para piorar, a armadilha de David não capturou nada.

Anoiteceu por completo. O lugar onde estávamos instalados não tinha muitas árvores. Era uma pequena clareira. Ali, todos estavam sentados em volta da fogueira.

— Eles já deveriam ter nos encontrado — disse o Subtenente Fred observando as labaredas do pequeno fogo. — Andamos o dia todo e não ouvimos e nem avistamos nenhum helicóptero de resgate e nenhuma viatura com hélices.

— Eles podem estar nos procurando do outro lado do rio — disse Emily.

Em seguida, ouvimos apenas grilos e o balançar das árvores.

— Talvez a gente tenha morrido naquele acidente do helicóptero, e isso aqui que estamos vivendo seja o inferno — disse David. Todos olharam para ele. — O que foi?

— Você é muito engraçadinho, David — ironicamente falou Emily.

— Só estou deduzindo. É uma possibilidade, não é?

Fizemos uma escala para revezarmos a guarda do acampamento. O primeiro que ficou de prontidão foi o Subtenente Fred.

Custei, mas consegui dormir após um tempo deitado no chão de folhas secas e com as roupas ainda um pouco úmidas.

— Juan. Juan. Acorde.

Acordei assustado. Não deu nem tempo para sonhar, e Emily me chamava baixinho para ficar no lugar dela. Era a minha vez de guardar o acampamento. Os nossos amigos dormiam um do lado do outro para poderem caber todos sob o teto feito de lona. Emily me chamou até um local defronte à tenda de lona e um pouco afastado. Dali era possível ter uma visão geral do lugar, iluminado por nossa fogueira, e ter tempo de reagir caso surgisse alguma ameaça.

— Obrigado, Emily — agradei. Falávamos num tom mais baixo para não acordar nossos colegas. — Pode dormir, agora é a sua vez de descansar.

— Ok. Juan, preciso lhe dizer algo — ela espiava a tenda para se certificar de que os demais estavam dormindo.

— Pois não.

— Aquele momento com a onça. Você percebeu algo de diferente comigo?

— Todos nós percebemos, Emily. Você anteviu a presença da onça. E, antes de o animal ir embora, eu percebi que ele encarava você, assim como um cachorro teimoso o faz com o dono, sendo obrigado a obedecê-lo.

— Eu não havia percebido a presença da onça. Ela me disse que estava ali.

— A onça lhe disse? Não estou entendendo — levei minha mão ao queixo, como se isso me ajudasse a pensar.

— Juan, eu consigo me comunicar com animais!

Era noite, mas a coloração azul daqueles olhos de Emily se fazia visível. E eu os encarava assim como fiz com Matheus quando ele me revelou que ouvia pensamento.

— Você acha que sou louca, não é?

— Não, não é isso.

— Aquele onça estava assustada. Onças não atacam pessoas daquele jeito. Geralmente, elas têm medo de pessoas. No entanto, ela me disse que precisava defender sua mata, porque seres estranhos estavam prejudicando a floresta e os animais.

— Seriam caçadores?

— Não sei. Talvez. Mas eu acho que ela pensou que nós fôssemos esses seres. Então eu disse para ela que não éramos ruins, que não faríamos mal a ela e a nenhum animal da floresta. Por isso, ela foi embora.

— Emily, em nenhum momento, eu ouvi você dizer essas coisas — voltei com a mão no queixo.

— Eu estava me comunicado com a onça por meio do pensamento. É assim que converso com os animais: pelo pensamento. Eu os compreendo, e eles me compreendem.

— Você utiliza, então, a telepatia com os animais?

— Sim. Acho que é tipo isso.

— E há quanto tempo você conversa com eles?

— Há algumas semanas. E você?

— Eu o quê?! — estranhei a pergunta.

— Há quanto tempo você percebe que sensações estranhas estão acontecendo contigo? Sensações sobre-humanas?

— Como assim? O que você está dizendo, Emily?

— Está acontecendo com você também, Juan. Não adianta negar. Você também está sofrendo mudanças e tendo algum tipo de capacidade, digamos, paranormal! Eu percebo em você. Eu sinto em você.

— Não existe nada de paranormal em mim. Eu sou normal! Não sei de onde você está tirando essa ideia.

— Juan, ninguém é tão forte para aguentar uma pessoa sobre as costas durante tanto tempo sem sentir dor, ainda mais tendo a limitação que você tem. Ninguém consegue salvar, com as próprias mãos, um indivíduo que esteja caindo de uma grande altura como você fez com David. Também aposto que você ajudou o Subtenente Fred e o Billy a saírem do helicóptero. Admita, Juan. Você também está se sentindo estranho ultimamente. Suas percepções, seu corpo, suas sensações. Pode confiar em mim.

— Eu... eu não sei do que você está falando.

— Matheus e eu conversamos enquanto procurávamos por comida. Ele me disse que ouve pensamentos. Contou-me que revelou isso para você. Eu falei sobre a minha telepatia com os animais. Também falamos sobre você. Ele e eu desconfiamos que essas mudanças talvez não estejam acontecendo com todas as pessoas. Mas desconfiamos que esteja acontecendo com você também.

— Acho melhor você dormir, Emily. Está tarde.

— Tudo bem. Caso precise de ajuda, Juan, saiba que pode contar comigo — Emily caminhou até onde os outros dormiam.

Cinco minutos, quando se está em vigilância, parecem durar uma hora. Qualquer barulho, qualquer folha caindo chama a atenção. Eu refletia sobre as coisas que Emily me dissera. De fato, tudo fazia muito sentido. Talvez a minha força inexplicável tivesse relação com as mudanças que estão ocorrendo com meus amigos. Mas por que isso está acontecendo? Por que apenas com algumas pessoas?

Um ruído me despertou interesse.

— O que foi isso? — procurei. Dessa vez, o barulho vinha de uma coruja que pousou em um galho na árvore ao meu lado. A coruja ficou me observando. Ela tinha uma plumagem branca, preta e marrom. Na cabeça, as penas formavam duas pontas em lados opostos. Encarei a ave. — Você quer se comunicar comigo, coruja? — falei baixinho. — O que você quer?

A coruja tombou a cabeça num ato de “Que humano mais doido!”. Em seguida, levantou voo.

— Ok. Eu também não queria conversar com você — bronqueei.

Querida dormir para não pensar em comida. E a hora que não passava? E a fome que não passava?

Um vento saiu da mata. Ele arrastava as folhas secas no chão. Estava vindo em minha direção. Estranho. Eu acompanhei o trajeto percebendo o movimento das folhas. Quando o vento espiralado me atingiu, senti meu corpo arrepiar. Um calafrio me transpassou. Uma

sensação sombria vinha da mata. Aquele vento trouxera um resquício daquele sentimento frio.

— Tem alguma coisa de ruim nesta mata!

Algo no céu chamou a minha atenção. Vi luzes piscando. Estavam se aproximando.

— Um helicóptero! Tenho que fazer sinal e acordar meus amigos!

Corri para pegar um pedaço de madeira em chamas da fogueira. Peguei-o. Quando eu iria gritar para chamar meus amigos, parei, observei, desisti. As luzes que avistei não pareciam ser de um helicóptero. Eram um aglomerado de luzes que estavam cortando o céu, movimentando-se de um lado para o outro. Em seguida, desapareceram como uma estrela cadente.

Meu foco se voltou para baixo novamente.

— Algum problema, Juan?

— Que susto, David! — falei para o amigo que havia se aproximado sem que eu notasse.

— Por que você estava olhando para cima?

— Não. Nada. Eu vim averiguar um movimento nas árvores. Era uma coruja.

— E essa tocha? — disse apontando para a madeira com fogo na ponta que eu segurava com uma das mãos.

— Isso? Usei, usei para... para iluminar, já que estamos sem lanternas.

— Entendi. Pode descansar, Juan. Agora é minha vez de montar guarda do acampamento. Além da coruja, teve alguma alteração durante o seu turno?

— Não.

Voltei a deitar sobre as folhas secas e sob o teto de plástico preto. Ainda assim, o sono não vinha me visitar. Quando, enfim, comecei a adormecer, o Subtenente Fred acordou todos para prosseguirmos.

O dia ainda não estava totalmente claro. O amanhecer em uma mata fechada não é iluminado. A claridade demora a chegar. Aquele dia estava ainda menos iluminado. Havia muito nevoeiro. Estávamos cansados e com fome. As poucas frutas que Emily e Mathews conseguiram para nós não foram suficientes. A armadilha de David não capturou nada.

Chegamos a um riacho. Quem ainda possuía cantil reabasteceu com água fresca e cristalina. Lavamos nossos rostos. Bebemos aquela água gelada e gostosa. Logo pensamos em pescar, mas o Subtenente Fred sugeriu que seguíssemos o curso d'água em direção contrária, pois, pelo relevo do local, tudo indicava que a serra que David avistara estava perto. De fato, ela estava mais próximo do que pensávamos.

Um vento passou. O nevoeiro que pairava sobre a floresta escondia uma montanha pedregosa à nossa frente. Adiantamos os nossos passos para chegarmos mais perto. Eu ainda continuava com a missão de carregar Billy.

Como era de se esperar, o curso d'água nos levou até uma cachoeira que descia pela montanha pedregosa. Só não esperávamos encontrar um paredão de pedra comprido que se perdia na mata em suas extremidades. Devia ter uns quinze metros de altura. A queda d'água do paredão formava um lago. Os peixes estavam nítidos.

Subtenente Fred concordou em ficarmos ali e fazer refeições. Deixei Billy sentado perto da lagoa. O piloto de nariz pontudo dividiu o grupo em duas equipes: uma para pescar e outra para ir com ele descobrir como subir o paredão.

Eu e David fomos com ele. Percorremos o paredão por uma grande extensão.

— Essa muralha de pedra parece não ter fim.

— Realmente, Juan, parece ser muito extensa. Nós precisamos subir! Talvez o ponto de apoio que você viu esteja lá em cima — disse o Subtenente.

David falou:

— Senhor, pelo que observei, esta parte do paredão onde estamos é a mais baixa que encontramos até agora. Como existem algumas saliências na parede até o topo, acredito que consigo chegar lá. Dessa forma, eu subo com a mochila, prendo uma corda lá em cima e assim todos nós poderemos escalar.

— Mas você tem equipamentos suficientes para isso?

— Apenas cordas — respondeu ele retirando sua mochila das costas e abrindo o zíper para exibir o conteúdo.

— David, você não acha que é muito arriscado subir nessas pedras sem proteção? Lembra-se do que aconteceu naquela árvore — recordei.

— Não se preocupe, meu irmão. Dessa vez, dará certo. E, se eu cair, você me segura de novo!

Demos risadas.

Todavia, minha expressão risonha durou pouco após olhar para cima e ver o lugar que meu amigo iria subir. Mesmo sendo a parte mais baixa que encontramos, era muito alta para escalar sem equipamentos, como ele disse que faria.

David, acompanhado de sua mochila, começou a escalar aquele muro natural. Cada orifício que ele encontrava era um apoio para subir. Ele testava primeiro fazendo força para ver se os apoios desmoronariam ou não com o seu peso. Faltando poucos metros para chegar ao topo, uma fenda, onde David apoiava o pé, quebrou.

Por sorte, ele estava com o outro pé firme em outra saliência. Fora apenas um susto. Em seguida, David conseguiu chegar à superfície daquela muralha. Comemoramos. Ele esbravejou animado lá do alto. Disse que existia outro paredão ao fundo e que iria amarrar a ponta da corda em algum lugar.

Depois de um tempo, David reapareceu na beirada do muro. Ele jogou a outra ponta da corda até onde eu e o Subtenente estávamos e desceu como num rapel. Fred parabenizou David quando ele colocou os pés no solo.

Retornamos ao lago perto da cachoeira para darmos a boa notícia para o restante do grupo. Matheus havia renovado o curativo de Billy. Emily e Pietro estavam assando um peixe fincado em gravetos. Eles conseguiram fazer uma armadilha e capturar aquele peixe de tamanho considerável. Foi o suficiente para fazer todos comerem um bom pedaço.

O restante do grupo ficou feliz com a notícia sobre a escalada de David. Fomos todos ao local do paredão onde estava a corda que o amigo amarrara. Ele foi o primeiro a subir para nos lembrar como se faz e repassar algumas dicas. Pedimos para Emily ser a próxima a escalar, mas ela não quis. Pietro logo se ofereceu. Ele demorou a chegar ao topo, mas conseguiu. O grupo estava inquieto em relação a mim e a Billy. Eu disse que conseguiria subir. Já havia feito isso antes. Também falei que conseguiria subir com Billy nas costas.

Meus amigos se preocuparam, porém não havia outra solução. Falei que o peso de Billy não complicaria a minha limitação. Ele ficou sentado ao chão apenas observando. Estava muito quieto. Talvez chateado por não poder ajudar. Subtenente Fred afirmou em bom tom que ele próprio seria o último a escalar, uma vez que era o chefe do grupo e precisava se certificar de que todos estariam no topo com segurança.

Matheus subiu com uma mochila. Em seguida, foi a vez de Emily. Ela e David foram os que escalaram em menor tempo, além de também subirem com mochilas nas costas.

Era a minha vez e a de Billy. Fred pediu que amarrássemos uma corda ligando a minha cintura à de Billy, por precaução. Coloquei-o em minhas costas. Após confirmar com meu amigo se estava tudo pronto, escalei.

Não era mais possível ver David, Pietro, Matheus e Emily no alto. O nevoeiro havia retornado e estava mais denso. Eu não conseguia enxergar o topo, mas eu sabia que era só subir. Fui subindo com cautela. Achei que fosse mais fácil escalar como me recordava da última vez que fiz aquilo, porém, com Billy nas costas, o desconforto

e a preocupação em não o deixar cair, mesmo sabendo que ele estava amarrado em mim, eram enormes.

Do meio do paredão, era possível observar apenas um pouco do horizonte no meio da bruma. Virei minha cabeça o máximo que eu podia para não enxergar apenas aquele muro. Uma visão me fez dar uma pausa. Lá estava a floresta! Toda coberta de branco. Visíveis eram apenas algumas folhagens altas da copa das árvores mais próximas. Aquela nuvem não permitia ver nada acima e nem abaixo. A pausa não foi apenas contemplativa. Uma sensação estranha, porém, familiar, ocorreu-me. A mesma sensação da noite anterior. O calafrio.

— Juan, você está se sentindo mal? — perguntou Billy.

— Não, Billy. Estou bem. Mas você está ouvindo esse barulho?

— Que barulho?

Avistamos uma das folhagens de árvores se mover bruscamente.

— Olhe! — apontou Billy.

Por um instante fiquei feliz que Billy também observava coisas estranhas e não apenas eu. Outras folhagens se moveram assim que a anterior parou. Barulhos e abalos também acompanhavam esses movimentos. Era como se lá embaixo, alguém ou algo estivesse se aproximando do paredão, encostando-se nas árvores enquanto deslocava.

— Subtenente! Subtenente Fred! Suba! Tem algo se aproximando! — gritei para que o meu superior hierárquico subisse pela corda mesmo comigo e Billy ainda pendurados nela.

Não era possível ver o nosso chefe. Os movimentos das folhagens mostravam que o “algo” chegava cada vez mais próximo ao paredão. Billy e eu apenas observávamos o que acontecia abaixo de nós: muita névoa e algumas pontas dos topos das árvores. Os movimentos na mata cessaram exatamente abaixo de nós. Nada mais aconteceu.

— Ah!!!

Fred gritou. Era possível sentir que algo segurava a nossa corda. Instantes seguintes ele ficou visível. Seu rosto aflito surgiu em meio à bruma. Ele havia subido apressadamente pela corda.

— Subam! Subam! — ele esbravejava para que eu e Billy continuássemos a escalar.

Obedeci. Meus amigos no topo gritavam perguntando o que estava acontecendo. Eles não viam nada. Percebi que um solavanco puxava a corda para baixo. Olhei. Subtenente Fred estava se aproximando de mim. Ele parou. Escancarou os olhos para mim. As mãos dele deslizaram pela corda fazendo com que ele descesse bruscamente até desaparecer na imensidão branca novamente. Algo o havia puxado.

— Não!!! — vociferei. Meus gritos só não foram mais altos que os gritos que viriam posteriormente.

Billy e eu não vimos mais nada abaixo de nós. Percebi que a corda não estava mais sendo tensionada. O Subtenente começou a berrar de forma pavorosa. As folhagens na mata voltaram a se agitar.

— Subtenente!!! — chamávamos por nosso chefe.

Senti um grande impulso na corda. Dessa vez, foi muito forte. Eu sabia que não era o meu superior. Alguma coisa estava forçando a corda para baixo como se soubesse que eu e meu amigo estávamos pendurados nela. Comecei a me soltar da corda. Fiz isso o mais rápido que pude. Mais puxões aconteceram.

Billy contribuía para meu desespero chiando em meu ouvido e chamando por todos os santos possíveis. Por pouco, não caímos com a corda que foi desprendida do topo e puxada para baixo. Os nossos amigos pareciam se desesperar ainda mais.

Billy e eu não caímos. Ele continuou em minhas costas e tendo uma corda presa em sua cintura à minha. Consegui me apoiar nas fendas do paredão. Tive que escalar sem equipamentos.

Mais uma olhada para baixo. Os movimentos nas árvores cessaram. Talvez aquele “algo” tivesse ido embora.

Tudo estava ficando mais claro. Os raios do sol estavam eliminando o nevoeiro. Subi devagar tendo cuidado com Billy. Após alguns metros, consegui avistar meus amigos. Eles jogaram outra corda para nós, mas era mais curta e eu precisava subir um pouco mais para alcançá-la.

Eu tentava não pensar no que poderia ter acontecido com o Subtenente Fred. Precisava manter meu equilíbrio emocional e psicológico. Em oposto, Billy ainda estava em estado de choque se esgoelando. Eu pedia para ele se acalmar e não se mover. Precisávamos ficar equilibrados naquela montanha. Equilibrados em todos os sentidos.

Não adiantou.

O nervosismo de Billy colaborou para que ele soltasse as mãos que seguravam minhas costas. Ele caiu. Eu quase me desequilibrei. A corda amarrada entre nossas cinturas foi a salvação dele.

— Não se mexa! — falei em tom bem-alto e claro. — Não se mexa! Agarre-se no paredão, senão você vai me derrubar também! — eu dizia para Billy me obedecer.

Se ele se agarrasse ao paredão e escalasse até mim, eu conseguiria me equilibrar e subir mais alguns centímetros para alcançar a corda que nossos amigos haviam jogado para nós. Billy tentou se segurar. Ele começava a subir, mas estava tão apavorado que escorregava. Isso fazia com que o impulso me pressionasse para baixo novamente.

Eu precisava continuar a subir. Subi assim mesmo. Consegui segurar a ponta da corda. Meus amigos seguravam a outra ponta. O impulso deles e mais minha agilidade em me agarrar nas saliências da parede fizeram com que eu subisse mais rápido e, conseqüentemente, Billy subiu também.

Porém, a corda em minha cintura estava escorregando. Os laços estavam se desfazendo devido aos sacolejos que Billy produzia. Gritei pedindo para que ele se agarrar à parede, pois a corda iria arrebentar.

Um helicóptero surgiu no horizonte. Não consegui observar diretamente, porque ele estava na mesma direção que os raios do sol. Todavia, era possível ouvir que estava se aproximando.

— Hei! Aqui! Aqui!

Ouvi a voz de Pietro. No mesmo instante, a corda que me segurava cedeu, levando-me para baixo. Em seguida, ouvi Emily, David e Matheus gritarem por Pietro. Provavelmente ele havia soltado a corda

para fazer acenos e chamar pelo helicóptero. Conseguia, perfeitamente, imaginá-lo fazendo isso.

A amarração que segurava Billy em minha cintura se afrouxou. Meu instinto em salvar o amigo falou mais alto e quase soltei a outra corda que meus amigos estavam segurando. Foi muito rápido. Não deixei o cabo em minha cintura se desfazer por completo. Agarrei-o com força. Só então ele se desprende de mim. Fiquei segurando firme as duas cordas: uma que me ligava a Billy e outra que me ligava ao topo. Uma corda em cada mão.

— Billy, você precisa se agarrar ao paredão! Minhas mãos estão suando. A corda vai se soltar!

— Não estou conseguindo alcançar o muro! A corda está balançando e minha perna ainda dói!

Fechei meus olhos. Não queria ver meu amigo caindo ou ver a corda que estava acima de mim se soltar. Uma coisa era certa: ambas as cordas escorregavam em minhas mãos encharcadas de suor. Eu apenas não sabia qual das duas iria se desprender primeiro.

Infelizmente, foi a de Billy. Abri meus olhos esperando assistir à queda do amigo, mas ele conseguiu se segurar no muro momentos antes. Voltei minha atenção para cima. Com a outra mão desocupada, pude me apoiar na parede novamente e retomar minha escalada.

Consegui avistar o helicóptero. Ele estava sobre a minha cabeça. Diminuía a distância cada vez mais. Mais e mais.

— Dê-me sua mão! — de forma enfática, pediu-me um militar descendo pendurado em uma corda presa ao helicóptero. Era o Capitão Theo. A aeronave ficou próximo o suficiente para que o meu superior conseguisse se comunicar comigo.

— Salve o meu colega primeiro! A perna dele está machucada e ele pode cair!

Capitão Theo foi até Billy para resgatá-lo. Pegou o meu amigo e subiu com ele para o helicóptero. Depois, foi minha vez de ser salvo. Logo todos os meus amigos e eu estávamos na aeronave. Dissemos aos

dois tripulantes que vieram nos resgatar que um militar havia caído na mata e não sabíamos se ele estava vivo ou não. Capitão Theo falou que precisaria retornar com equipamentos apropriados para o resgate do Subtenente Fred, já que o local exigia mais estrutura.

Chegamos de volta ao acampamento. Antes de aterrissarmos, era possível ver centenas de cabeças de militares nos aguardando. O nosso sumiço, meu e de meus amigos, havia se tornado notícia.

Como era de se esperar, fomos atendidos por uma equipe de médicos. Depois que nos recuperamos e nos alimentamos em uma tenda montada no acampamento, nossos superiores nos fizeram mil perguntas sobre o que houve. Pietro era o que mais queria falar. Relatava as cenas como se fosse Hércules retornando de seus doze trabalhos. Disse que enfrentou jacarés, onça e que, graças à sua habilidade em pescar, o grupo não passou fome.

— Conte sobre a sua bússola estragada também! — falou David.

— Isso não vem ao caso — disse Pietro.

— A verdade, senhor, é que todo o grupo se ajudou mutuamente — disse Matheus aos superiores naquela tenda.

Emily contou sobre minha ação de levar Billy nas costas o tempo todo. Eu pensei em falar que, graças a Emily, a onça não nos atacou, mas eu acabaria colocando o segredo dela em risco.

Uma aeronave maior, mais moderna, de decolagem e aterragem verticais, com quatro hélices horizontais, e com maior número de profissionais de resgate, ficou incumbida de procurar pelo Subtenente Fred. Ao ouvi-la retornar, saí apressadamente da tenda. Assim que ela posou, Capitão Theo foi o primeiro a descer pela rampa traseira da aeronave. Ele foi ao meu encontro. Sua expressão não era agradável. Estendeu o braço para me mostrar algo em suas mãos. Era uma tarjeta com manchas de sangue escrito “Subtenente Fred”. Ele me entregou.

— Eu sinto muito.

— Mas e o corpo? — perguntei tristemente.

— Encontramos apenas alguns poucos pedaços. Algum animal deve ter feito isso. Talvez uma onça.

— Impossível ser um animal só! – duvidei.

— Devem ter sido várias onças.

— Elas não costumam viver em grupo.

— Senhor Capitão! – outro militar que havia desembarcado da aeronave apareceu. — Senhor, o pessoal do Setor ST está a caminho para fazer a investigação. Eles acham que seja mais um caso de “Oncinha do mato” para a Seção X.

— Obrigado, já estou indo — respondeu o capitão. Em seguida, dirigiu-me a palavra. — Preciso ir. Após confirmada a morte do Subtenente Fred por meio de exames do sangue encontrado no local, poderia fazer a gentileza de entregar essa tarjeta à família dele?

— Sim, senhor.

No retorno para a cidade, o clima entre meus colegas de profissão era o pior possível. Uma tristeza tomava conta de todos. O término do acampamento foi adiantado, a atividade “Simulado de Selva” foi cancelada.

O pior de tudo era saber que uma família iria receber a notícia sobre a morte de um ente querido. Se para nós, colegas de profissão, era uma notícia triste, imagina para quem era mais próximo. Fiquei sabendo que o Subtenente Fred havia deixado esposa e três filhos. Um tinha a mesma idade que a minha.



O QUE ESTÁ ACHANDO DO LIVRO?

PARA SABER MAIS SOBRE O LIVRO, ACESSE: WWW.GANDHOR.COM

COLABORE COM O AUTOR, FAÇA UM PIX. CHAVE PIX: helvister@yahoo.com.br

MUITO OBRIGADO! ESPERO QUE SUA LEITURA SEJA FANTÁSTICA!

CAPÍTULO 3

Sargento Saci



A Academia de Polícia da instituição militar em que eu trabalhava era muito grande. Era localizada no centro da capital do Estado. Dentro dela, existiam prédios e ruas o suficiente para ser considerada um bairro à parte. Os conjuntos de prédios, não muito altos, eram divididos em setores.

Havia o Setor Estudantil, onde eram ministradas aulas para os militares, que podiam ingressar na carreira ou como soldados, o menor grau hierárquico, ou como tenentes. Quem entrava para a Polícia Militar como soldado poderia fazer um concurso interno para se tornar cabo ou sargento e, assim, subir hierarquicamente na carreira. Os sargentos da Polícia Militar do meu Estado poderiam chegar à graduação de subtenente, a última posição hierárquica do grupo das praças. Acima dessas, estão os oficiais que iniciam como cadetes e, ao final do curso, tornam-se aspirantes a oficiais para depois se tornarem tenentes, podendo chegar ao posto de coronel no final da carreira.

Eu ingressei na polícia como soldado e consegui passar no concurso interno para sargento. O Curso de Sargentos tinha a duração de aproximadamente um ano. Eu estava no final do curso.

Existia um pátio enorme em frente ao Setor Estudantil. O pátio era capaz de comportar aproximadamente dez mil pessoas. Três grandes mastros marcavam o centro do pátio com um palanque erguido diante dos três prédios. Em um dos prédios, aconteciam as aulas dos soldados e cabos; no outro, dos sargentos; e no último, dos cadetes.

Dessa forma, a entrada da Academia de Polícia iniciava pelo grande pátio, terminando no palanque com os mastros e tendo ao fundo os prédios estudantis. Atrás destes, ainda havia outros prédios que serviam como alojamentos para os militares que faziam os cursos. Nosso regime era de internato.

Os trezentos sargentos-alunos, contando comigo, do Curso de Sargentos estavam distribuídos e enfileirados ocupando a parte central do pátio naquele dia. Estávamos usando o fardamento tradicional. Farda preta com boina e coturno também pretos. Era uma manhã nublada, contudo, o tempo cinzento perdeu lugar para vários enfeites coloridos com as cores da nossa polícia: verde, vermelho, amarelo e preto.

O palco, assim como a entrada da Academia, estava rodeado de adornos. Guardas de honra formavam um pelotão de exibição à parte, próximos aos sargentos-alunos. Todas essas pompas significavam uma coisa: teríamos visitas.

Após o hasteamento da Bandeira Nacional a meio mastro, porque era um dia de luto, um dos superiores hierárquicos que estavam no palanque começou a falar ao microfone, que estava sob um pedestal. Ele lamentou a perda do nosso colega de trabalho. Leu um texto sobre o Subtenente Fred enquanto fotos do falecido eram exibidas por meio de um projetor de holograma.

Um grupo de pessoas que não eram militares estava no palanque. Era a família de Fred. A esposa e a filha não conseguiam esconder as lágrimas. Os outros filhos, um adolescente e o que deveria ter a minha idade, pareciam abatidos.

Com o fim do discurso, o chefe do Curso de Sargentos, Capitão Theo, convidou alguns oficiais para entregarem medalhas. Tratavam-se das medalhas que seriam entregues ao grupo vencedor da atividade “Simulado de Selva”. Um desses oficiais era a senhora Comandante da Polícia Militar, Coronel Luísa. Ela estava acompanhada do seu marido, que era nada mais nada menos que o senhor Comandante das Forças Militares do país, General Gabriel.

As Forças Militares são uma instituição que reúne as forças de defesa do nosso país. O maior posto hierárquico é o de general. Eu sabia que a minha comandante era esposa do comandante das Forças Militares. Ouvi a história dos dois uma vez quando eu ainda estava fazendo o Curso de Soldados. Eles se conheceram quando a polícia do meu Estado, em conjunto com as Forças Militares, precisou auxiliar em uma missão de paz no exterior. Posteriormente, Gabriel e Luísa se casaram e, desde então, as duas instituições mantêm uma estreita relação.

Outra presença ilustre naquela manhã era a do Subcomandante das Forças Militares, o senhor General Skirmjan. A seu respeito eu também ouvi histórias. Ele foi o único militar do país que conseguiu cinco promoções por ato de bravura. Ou seja, ele foi promovido cinco vezes por ter realizado feitos considerados heroicos. Dessa forma, diferente do Comandante Gabriel, ele atingira o maior posto em pouco tempo e, por isso, não aparentava ser tão velho. Devia ter quarenta anos mais ou menos.

Billy, David, Emily, Juan, Matheus e Pietro. Esses foram os nomes chamados para subirem ao palanque e receber, cada um, uma medalha. Depois do que vivenciamos na floresta, foi unânime, entre os organizadores do acampamento, a decisão de que meu grupo deveria receber as honrarias. Saímos de forma do meio da tropa e subimos até o palco.

Billy não estava em forma conosco. Ele estava de muletas. Assistia à cerimônia sentado em uma cadeira no pátio. Quando seu nome foi chamado, ele subiu ao palco também. Devido a seu estado de saúde, ele usava um fardamento diferente dos demais para proporcionar maior conforto e mobilidade.

Durante a entrega das medalhas, quem colocou uma em minha cabeça foi a comandante da polícia, Coronel Luísa. Ela me recebeu com um sorriso simpático. Logo que colocou a medalha em mim, deu-me um abraço e me parabenizou. Meus colegas foram homenageados, cada um, por outros oficiais.

Depois que os seis sargentos-alunos estavam com as chapas metálicas em seus pescoços, Capitão Theo disse:

— Vocês receberão também o troféu de melhor equipe do acampamento. Qual de vocês era o comandante do grupo “Sai junto, chega junto”? – assim que o Capitão terminou a pergunta, Pietro se manifestou com bastante empolgação. O Capitão entregou para ele o troféu.

Pietro não comandou, em nenhum momento, o nosso grupo. Não apenas porque o Subtenente Fred estava conosco, mas também porque ele não se prontificou a coordenar e a organizar nada. Ali no palco, ele fez um discurso como se, durante a atividade na floresta, ele tivesse dado a vida por todo o grupo. Ao final de sua fala, ele concluiu:

— E é por isso que eu, quero dizer, nós da equipe “Sai junto, chega junto” estamos honrados com este troféu e, por isso, esse troféu...

— Por isso, esse troféu será repassado para a família do senhor Subtenente Fred! — disse Emily aproximando-se do microfone e interrompendo a fala de Pietro.

— Isso! Faremos exatamente isso — concordou Pietro, que parecia ter outro destino em mente para o troféu. Talvez a estante do quarto dele.

Foi apenas uma atitude simbólica, mas que nunca trará o conforto necessário à família do militar falecido. A matriarca recebeu o troféu com uma chuva de aplausos. Eu e o restante da equipe ficamos satisfeitos e emocionados. Com o fim da aclamação, estávamos nos retirando do palanque até ouvirmos o Capitão Theo dizer:

— Esperem, militares! Acharam que as homenagens chegaram ao fim? Ainda temos mais uma entrega para fazer.

Uma soldado que ajudava no cerimonial carregava uma bandeja de ouro. Ela se posicionou ao lado de um dos oficiais.

— Como reconhecimento pela bravura, pelo companheirismo e pela valentia, — continuava o Capitão Theo — receberá o certificado de Destaque do Acampamento o Sargento-aluno Juan Silva!

Eu engoli minha saliva como se estivesse engolindo uma pedra. Meus amigos me assistiam e, com os demais presentes, começaram a me aplaudir. Fiquei muito sem graça. Capitão Theo me convidou para me posicionar ao centro do palco.

— Para fazer a entrega do certificado, convido o senhor Subcomandante das Forças Militares, o senhor General Skirmjan!

O militar se aproximou de mim. Duas coisas chamavam a atenção nele. Uma era o bigode fino e a outra era um objeto com ornamentos em ouro, uma bainha. Ela estava presa à cintura em que guardava uma espada. Fiz o cumprimento militar obrigatório e permaneci em posição de sentido. A Soldado ficou ao lado do Subcomandante, que pegou o certificado na bandeja dourada e me entregou. Estiquei a mão para receber o documento.

— O que é isso em suas mãos? Uma cicatriz? — o General Skirmjan perguntou se referindo a uma mancha em formato de losango achatado na palma de minha mão esquerda.

— Não, senhor. É uma marca de nascença — respondi. As pessoas sempre me perguntavam sobre aquela marca.

— Interessante — voltou a atenção para o meu rosto novamente. — Meus parabéns, meu jovem. Muito merecido esse reconhecimento, fiquei sabendo dos seus atos de bravura na selva — a voz dele era aveludada.

— Obrigado, senhor — falei com o certificado em mãos.

Feitas as homenagens, o evento acabou. Todos os militares foram dispensados. Eu ainda precisava fazer algo.

Observei a família do Subtenente Fred. Estavam saindo da Academia de Polícia. Identifiquei o filho mais velho. Toquei em seu ombro.

— Olá! Tudo bem? Eu preciso lhe entregar algo que pertencia a seu pai e que ele estava usando quando morreu.

Retirei de meu bolso a tarjeta e entreguei ao rapaz que tinha nariz pontudo como o pai. Ele recebeu com carinho. Olhou em meus olhos, sorriu timidamente.

- Obrigado!
- Espero poder ser tão bom militar como seu pai foi.
- Tenho certeza que será!

Observei a família partindo. Uma cena muito triste.

Fui para o vestiário do meu alojamento. Em frente ao lugar, ouvi meu nome. Algumas vozes vinham de dentro. Eu estava na entrada do vestiário onde uma parede impedia a visão do interior.

— “Como reconhecimento pela bravura, pelo companheirismo e pela valentia, receberá o certificado de Destaque do Acampamento o Sargento-aluno Juan Silva!” — dizia uma voz tentando imitar, de forma sarcástica, o que o Capitão Theo dissera na entrega do meu certificado.

- Hahaha! – vários risos.
- Ridículo! Só porque é aleijado, ele ganhou o prêmio.
- Sargento Saci!
- Hahaha! — mais risos.
- Isso não é justo! Já é o segundo prêmio que ele recebe no curso!
- Acho que vou perder uma mão, quem sabe eu também não ganho alguma coisa!
- Hahaha – mais e mais risos.

Fiquei quieto ouvindo todas aquelas frases infelizes. Segurava com força o meu certificado. Acabei o amassando. Cerrei meus dentes. Eu observava algumas lâmpadas no teto. Fui distraído por algo. Uma lâmpada estourou. Achei muito estranho, mas não me importei. Eu precisava sair daquele lugar antes que alguém surgisse e descobrisse que eu fiquei ouvindo a conversa. Não sei quem estava no vestiário, nem quantas pessoas estavam me zoando. Entretanto, reconheci uma voz: Pietro.

No prédio do meu alojamento, fui para meu quarto guardar o certificado. Os sargentos-alunos ganharam o resto do dia de folga. Eu não tinha muita coisa para fazer, então fiquei lendo alguns livros. Horas mais tarde, eu já estava na cama.

No meu quarto, dormiam dez militares. Cinco camas de um lado, cinco de outro. No centro do corredor, encostada à parede, ficava uma cômoda. Entre as camas, havia um armário fino e comprido. Cada um para um militar do quarto. Quatro grandes janelas levavam bastante iluminação natural para aquele dormitório retangular de paredes altas.

Momentos antes de dormir, fiquei recordando algumas coisas. Quem mais poderia estar falando mal de mim naquele vestiário? Devido à minha demora em pegar no sono, fui obrigado a ouvir os roncoss de Gustavo, meu colega de quarto. Matheus e David ficavam no dormitório ao lado, o mesmo que Pietro e Billy.

..

A corneta anunciava que mais um dia havia chegado à Academia de Polícia. Eram cinco e meia da manhã. Levantei, arrumei a cama deixando os lençóis bem-dobrados e a colcha bem-esticada. Tomei banho. Engraxei meu coturno. Passei minha farda. Fardei-me. Meia três quartos, coturno brilhando de tão polido, calça, cinto, camisa. Gandola com tarjeta “Sargento-aluno Juan”, do lado direito, na altura do peito.

Por cima da minha careca, a boina preta. Eu tinha cabelo, preto e crespo, mas era tão curto que eu parecia careca. Mais alguns acessórios, e pronto! Era hora de dirigir-me até o refeitório. Tomei o café da manhã. Pão, ovos, leite.

Às sete horas em ponto, eu já estava em formação no pátio com os meus colegas. Existiam manhãs excepcionais, em que precisávamos levantar muito mais cedo. A diferença daquela manhã era a chuva que começava a cair. Mesmo assim, tínhamos que continuar em formação, como se não estivessem caindo pingos que nos irritavam, molhando nossos rostos e fardamento.

— Atenção, sargentos-alunos, ao meu comando! — bradou a senhora Tenente Sarah. — Vejam que alegria vocês receberem esta

chuva nesta manhã! Assim, nós poderemos fazer nossas atividades com mais intensidade, pois ela irá nos refrescar.

A Tenente Sarah era muito exigente quando comandava as atividades físicas. Ela era alta, jovem, cabelos pretos e crespos, talvez longos. Não era possível saber, porque todas as policiais femininas prendiam seus cabelos por baixo da boina. A oficial devia ser atleta. Ela sempre pedia para que fizéssemos muitos exercícios: polichinelos, abdominais, elevação de joelhos. Neste último, além de fazer o exercício, também era costume cantarmos uma canção.

— Puxem uma canção militar! — pediu analisando a tropa enquanto percorria os corredores.

Eu me lembrei de uma canção que gostava muito, “O Elucidador”, então decidi cantar. Cada frase que eu dizia era repetida em seguida pelo restante da tropa.

*Venho da larva
Venho do vulcão
Sou deste planeta
Sou desta nação*

*No frio e no calor
Na selva e no labor
Se de mim precisar,
estou pronto pra ajudar*

*Não posso falhar
Não posso errar
Se eu fracassar
Vão me julgar*

*Anjo, herói, chamam-me assim
Outros eu sei, não gostam de mim*

*Mas minha vida eu posso perder
pra qualquer um, esse é meu dever*

*A família deixo no lar
sem saber se vou voltar
A paz é o objetivo
Pela saudade eu vivo*

*Sofro com meu irmão
A dor nos aproxima
O sofrimento não é em vão
A vida salva é nossa sina*

*Não entende minha labuta?
Eu vou elucidar
Minha crença é uma luta
e vou lhe mostrar*

*Existe uma diferença
entre eu e você
É a minha missão
de servir e proteger*

Minha canção marcou o término da atividade. Fizemos o ritual de praxe do hasteamento da Bandeira Nacional. Na sequência, cada turma se deslocou para suas respectivas salas.

Minha turma era o Pelotão 16. Molhamos a sala toda, uma vez que nossos fardamentos estavam encharcados. O professor, senhor Tenente Alejandro, entrou. Ficamos todos em pé em posição de sentido para recebê-lo. Tenente Alejandro pediu para ficarmos à vontade e retornarmos aos nossos assentos. Ele era professor de Direitos Humanos.

—Pelotão 16, como está na programação curricular, hoje não teremos aula, pois vocês darão início a mais um estágio. Eu fiquei encarregado de dividi-los em grupos com quatro ou cinco integrantes e distribuí-los nas unidades policiais de nossa capital. Vou deixar que vocês mesmos se organizem. Como a sala possui trinta alunos, formem cinco grupos com quatro e dois grupos com cinco.

David, Matheus e eu convidamos Emily para fazer parte de nosso grupo. Pietro e Billy se reuniram em outro. Com as equipes formadas, o professor distribuiu a lista de unidades policiais. Meu grupo foi parar no Batalhão Oito, que ficava na Região Sul da cidade.

Fomos autorizados a trocar o fardamento molhado por um seco. Em seguida, fomos até a Intendência da Academia para nos equiparmos com armamentos e outros materiais de proteção, além de pegarmos um veículo. A Intendência era o setor responsável pela logística de materiais da Academia.

De posse dos nossos equipamentos, fomos até o estacionamento de viaturas pegar a nossa. Matheus foi quem dirigiu a viatura. Esta, assim como todos os tradicionais veículos da instituição, era preta, com a plotagem em amarelo e vermelho e os dizeres “Polícia Militar” em verde.

Durante o trajeto, enquanto ficávamos atentos aos movimentos pelas ruas, fomos conversando. David começou a relembrar algumas situações quando ele era recruta, ou seja, quando ele era um soldado durante o período de formação militar.

— Eu não tinha nenhuma noção de militarismo. Nenhum familiar meu era. Nas nossas primeiras inspeções de fardamento, o comandante dos soldados resolveu vistoriar a tropa — David contava a situação em tom de piada. Logo, estávamos aguardando um desfecho engraçado. — Estava todo mundo impecável naquele dia. Então, ele começou a fazer perguntas sobre alguns conteúdos que já tínhamos aprendido em sala. Ele escolhia um militar aleatoriamente. Andava devagar entre as filas nos encarando de forma muito séria. Não queríamos nem olhar para o rosto dele. Tínhamos que manter a imobilidade extrema! Então, ele

soltava os gritos em forma de pergunta: “Você, militar! Qual é o nome completo do Comandante do Setor de Eventos?” — David até mudou a tonalidade da voz para encenar um comandante ríspido. — Ele colocava tanta pressão na pergunta que meus colegas gaguejavam na hora de responder. Ainda não tínhamos os nomes em nossos uniformes porque era a primeira semana de curso. Eu ficava em posição de descanso, apenas mexendo meu olho e observando o comandante inspecionar a tropa. Ele estava se aproximando de mim. Rezei mil orações, torcendo para ele não me escolher. Porém, ele me escolheu! “Você militar, qual é o nome do Comandante do Curso de Soldados?”, eu respondi: “N... Não sei, senhor!”, “Não sabe?! E qual é o meu nome?”, “Também não sei, senhor!”, “Militar, qual é o seu nome?”. Por fim, eu respondi: “Senhor, eu estou tão nervoso que também não sei!”.

— Hahaha! — todos nós gargalhamos.

— Eu não acredito que você respondeu isso, David!

— Acredite se quiser, Emily, mas respondi isso sim — falou David. — É claro que, após essa situação, eu peguei serviço de sentinela a semana inteira. Normal. Haha!

— Comigo teve um caso engraçado também — Emily se lembrou de uma situação. — No meu Curso de Soldados, também na primeira semana, estávamos todos no pátio em formação durante a inspeção de fardamento. Eu tive o azar de um pássaro ter feito cocô em minha farda momentos antes de uma sargento chegar até mim para a inspeção. Eu tentei explicar a situação, então ela simplesmente disse “Você teve azar, militar, infelizmente, terei que anotar seu nome e você também terá que pagar dez!”, então eu respondi: “Mas, senhora, minha carteira com meu dinheiro ficou no armário, não posso pagar dez agora”.

— Hahaha — todos riram.

— Mas ela estava se referindo a dez flexões! — disse Matheus.

— Sim, mas eu não sabia, pensei que a Sargento estivesse falando sobre dinheiro. Então, ela me fez pagar dez flexões e mais cinco voltas correndo em torno da tropa!

— Isso foi pouco. Uma vez, eu precisei pagar trinta flexões e mais dez voltas correndo em torno da tropa — falou Matheus enquanto dirigia.

— Mas o que você fez para ter essa punição? — disse David, que estava no banco dianteiro ao lado de Matheus.

— Eu me movimentei em forma. Nesse dia, havia muitos mosquitos. E eles estavam, o tempo todo, pousando em meu rosto. Depois que um superior me advertiu, expliquei que estava me movimentando por causa dos mosquitos. O militar superior disse para eu ter mais respeito com os mosquitos, porque eles estavam ali há mais tempo que eu.

— Haha!

— Juan, você deve ter algum caso para contar de quando você era recruta, não tem? — perguntou David.

— Deve ter mesmo, você está muito quieto.

— Eu tenho alguns — comentei.

— Conta para a gente! — Emily pediu. — Ainda não chegamos ao batalhão.

— Ok. Eu era bem-raquítico quando entrei para a Polícia Militar. Naquele ano, havia uma turma de soldados já formados estagiando na Academia para cumprir algumas demandas administrativas. Dois soldados ficaram incumbidos de fiscalizar os vestiários. Um desses soldados usava óculos. O outro, mais baixo, tinha os cabelos castanhos e um pouco de sarda no rosto. Eu me recordo apenas o nome deste último. Ele se chamava Bob. Um dia, eu encontrei um papel pregado na porta do meu armário escrito “Preto feio e fedido”.

— Que horror! — Emily manifestou seu espanto assim como os demais.

— Perguntei aos fiscais do vestiário se eles observaram quem havia colocado o papel em meu armário — continuei a contar. — Eles riram e disseram que não sabiam de nada. Eu era o único negro daquele vestiário. Havia militares pardos, mas eu era o único com a pele mais escura. Em momento posterior, recebi mais uns dois outros bilhetes ofensivos no armário.

— Mas você não pensou em contar isso para nenhum superior? — perguntou Matheus.

— Eu não sabia quem me enviava os bilhetes. Então, achava que não adiantaria reclamar. Um dia, meu armário estava sem cadeado. Por um descuido, acabei me esquecendo de trancar. Do lado de fora havia um recado, também em um bilhete, que dizia: “Militar responsável por este armário encontrado aberto, comparecer ao gabinete do Comandante Geral da Polícia Militar imediatamente para se justificar!”.

— Gabinete do comandante geral? Desde quando esquecer um cadeado aberto é motivo para isso?! — perguntou Emily.

— Desde nunca! Mas eu era recruta, não sabia nada. Saí correndo até o gabinete, que, por sua vez, fica dentro da Academia. Fui barrado por vários superiores e, quando eu expliquei o motivo, eles acharam que eu estava fazendo alguma brincadeira. Levei várias advertências e nem precisei chegar até o comandante geral, que, nessa época, ainda não era a Coronel Luísa. Quando voltei ao vestiário, os fiscais estavam rindo, então o fiscal com sardas disse “Como foi o encontro com o Comandante Geral?”. Eu falei: “São vocês que estão me perseguindo!”. Ele disse: “Senhor! Chame-nos de senhor! Não é nesse tom que você deve tratar seus superiores! Você vai levar uma advertência. E ainda terá que se apresentar para nós hoje à noite após as atividades. Encontre-nos na pista de hipismo”.

— Você não foi, não é?

— Fui, David. Cheguei ao centro de treinamento de cavalos e estavam os dois militares me aguardando. Eles pediram para eu ficar em um canto da pista onde havia muito excremento. Bob era sempre quem falava na dupla, o de óculos só concordava e ficava rindo. Bob pediu para que eu fizesse polichinelos, flexões, abdominais.

— Não acredito! — meus amigos ficavam cada vez mais espantados com a história que eu contava.

— Então começou a chover — continuei. — Bob disse que ele e o amigo ficariam em uma das salas de espectadores da pista de hipis-

mo me observando fazer as atividades. Ele disse que faltavam apenas trinta voltas e que, terminando, eu poderia procurá-los. De onde eu me encontrava, não conseguia ver se os soldados estavam me observando ou não da sala onde disseram que ficariam para se esconderem da chuva. Dei as trinta voltas correndo naquele campo para cavalos. No final, entrei na sala, eles não estavam lá. Deveriam ter ido embora há muito tempo.

— Covardes! — David manifestou sua indignação. — E você procurou seus direitos, claro.

— Você fez uma denúncia contra eles, não foi? — Emily queria saber.

— No dia seguinte, eu não me sentia bem, fui levado ao hospital. Fiquei internado e com pneumonia. Dias depois, já curado, fiquei sabendo que os soldados que estavam estagiando já tinham saído da Academia. Então, resolvi dispensar providências.

— Você fez muito errado, meu irmão — disse Matheus.

— Pois é, esse tipo de situação é imperdoável dentro de nossa corporação. O que houve com você foi um crime! E os culpados deveriam pagar por isso — informou Emily.

— Sei disso. Mas já faz anos que isso ocorreu. Eu era muito bobo. Devia ter relatado a situação para algum superior, mas acabei não fazendo nada.

— Pessoal, desculpe interromper, mas temos suspeitos ali naquela esquina!

Matheus apontou para dois rapazes que brigavam na calçada. Paramos a viatura perto. De forma ágil, desembarcamos do veículo com as armas em punho. Eles poderiam estar armados. Ordenamos para que os indivíduos colocassem as mãos sobre as cabeças. Fizemos uma busca pessoal, a fim de encontrar algum armamento ou objeto ilícito. Não encontramos.

— Revistem a mochila do rapaz de jaqueta! — pediu Matheus enquanto eu e David revistávamos cada um.

David abriu a mochila e não encontrou nada.

— Tem um fundo falso na mochila — Matheus falou enquanto encarava de forma séria o rapaz com jaqueta. Este ficou assustado.

Ao conferir o fundo, David percebeu que, de fato, era falso. Dentro, estavam pacotes com drogas ilícitas.

Os abordados, assim como David, ficaram admirados com a descoberta das drogas. Emily e eu nos entreolhamos. Sabíamos que Matheus usara sua capacidade de telepatia para descobrir o material escondido.

Colocamos os indivíduos no compartimento de conduzidos, ou seja, na cela da viatura, para serem encaminhados até a delegacia do centro da cidade. Entramos em contato com o Batalhão Oito para relatar que, no caminho, havíamos deparado com aquela situação e que, por isso, estávamos atrasados para iniciar o estágio. Um militar do batalhão disse que um sargento chamado Douglas iria se encontrar conosco na delegacia.

Chegando lá, aquele caso foi notificado como tráfico pelo delegado. Os abordados foram presos.

— Parabéns a toda guarnição! — disse o Sargento Douglas quando foi ao nosso encontro. Ele era pardo, baixo, deveria ser apenas alguns anos mais novo que eu. — Agora, nós temos que ir até a avenida principal da Região Sul dar apoio aos nossos colegas.

— O que está acontecendo lá, senhor? — perguntou Emily.

— Uma manifestação.

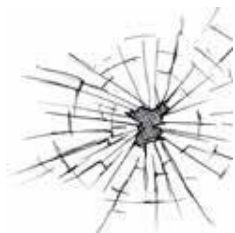
COLABORE COM O AUTOR, FAÇA UM PIX.
CHAVE PIX: helvister@yahoo.com.br

MUITO OBRIGADO! ESPERO QUE SUA
LEITURA SEJA FANTÁSTICA!

WWW.GANDHOR.COM

CAPÍTULO 4

Gás lacrimogêneo



Saímos do prédio da delegacia com o sinal luminoso e a sirene da viatura acionados. Matheus dirigia com rapidez. Antes de embarcarmos no veículo, nós havíamos nos equipado com capacete, escudo e outros itens de segurança.

A avenida principal da Região Sul era muito larga. Um grande fluxo de carro passava por ali diariamente. Havia muito comércio no entorno. A manifestação bloqueou os dois sentidos da pista. Tivemos dificuldades de nos aproximarmos do local. Muitos carros a nossa frente não conseguiam abrir caminho para passarmos. Escutamos bombas e tiros. No rádio transmissor de nossa viatura, vários militares davam comandos estratégicos.

— Estou vendo! — disse o Sargento Douglas no banco dianteiro da viatura. — O Pelotão de Controle de Manifestação está logo à frente!

— Senhor, não vamos conseguir chegar lá de viatura. Há muitos carros na nossa frente. O trânsito está fechado! — relatou Matheus.

— Vamos descer. Encoste a viatura! — ordenou o Sargento.

Descemos da viatura com nossos equipamentos. O cheiro de gás lacrimogêneo chegava a meu nariz. Alguns cidadãos corriam em direção oposta à nossa. Vimos nossos colegas mais adiante. Eram aproximadamente cinquenta. Eles estavam se preparando para avançar até os manifestantes, que estavam a cerca de quinhentos metros dos policiais.

— Boa tarde, senhor Tenente Óliver! Trouxe mais reforço — disse Sargento Douglas se aproximando do comandante do Pelotão de Controle de Manifestação.

— Perfeito! Entrem em formação! Vou começar a dar os comandos agora! — disse um tenente bem jovem, mas demonstrando conhecimento por sua postura e sua forma de comandar. Logo ordenou que a tropa entrasse em formação com os escudos e avançasse.

Fiquei ao lado de Emily na formação. Ela estava na lateral esquerda. Eu estava ao centro, do lado direito dela. Não éramos os primeiros da fila, mas fiquei preocupado com Emily. Na posição em que estávamos, usávamos os escudos para proteger nossas cabeças, ou seja, contra objetos que poderiam vir de cima. No entanto, nossas pernas, ou melhor, as pernas de quem se encontrava nas laterais, ficavam desprotegidas.

— Troque de lugar comigo, Emily!

— Não precisa.

— Vamos, troque! É mais seguro!

— Não! Estou bem!

Emily era teimosa. Já estávamos em movimento, eu não poderia mais sair da formação, senão atrapalharia o grupo.

Barulhos lembrando batuques de tambor iniciaram. Senti uma força contra o escudo que eu segurava. Objetos estavam sendo arremessados.

— Lançar granada!

O comandante do Pelotão, Tenente Óliver, ordenou que granadas fossem lançadas. Os militares responsáveis acataram as ordens dadas. Segundos depois, ouvimos as explosões. Berros davam o tom do caos naquele lugar. Eu queria muito saber o que estava acontecendo. Não conseguia ver direito. Eu simplesmente confiava em meus colegas que estavam à minha frente e me movia de acordo com os comandos dados. Observava constantemente Emily. Ela estava segura. Demonstrava seriedade em seu rosto.

Uma explosão perto de Emily assustou todos. Era um objeto em chamas que haviam atirado perto de nós.

— Atenção, atiradores! Preparar para o disparo! Disparar!

Tiros de balas de borracha foram disparados contra as pessoas que nos atacavam. Eu percebi movimentações aleatórias próximo ao nosso pelotão. Eram alguns poucos manifestantes que estavam se dispersando.

Outros solavancos aconteciam sobre os escudos. Eram pedras e pedaços de concreto que estavam sendo arremessados. Alguns pedaços eram até grandes demais para serem atirados com as mãos.

— Ai!!!

— Emily! — gritei para Emily. Uma pedra havia atingido o pé dela. Ela caiu logo em seguida.

Saí da formação para ajudar a amiga.

— O que está acontecendo? — perguntou o comandante quando o pelotão parou de avançar. Ele se aproximou de mim e de Emily, que estava ao chão.

— Senhor, permissão para retirar a militar e levá-la para um local seguro! — pedi.

— Tudo bem — respondeu e chamou por outro militar — Socorrista! Auxilie esses dois aqui!

Deixei meu escudo e o de Emily com o militar que foi até o nosso encontro. Ele usava os escudos para nos proteger. Peguei a amiga nos braços. Recuamos para sair da avenida. Ficamos atrás de um poste na calçada. Emily dizia que não conseguia mexer o pé.

— Ela precisa ir ao hospital urgente! Não houve ferimento, o coturno protegeu, mas provavelmente houve fratura — disse o Soldado Estevão. Eu olhei o nome dele na tarjeta.

— Pode voltar para a formação, Estevão. Eu vou levá-la ao hospital mais próximo. Minha viatura está aqui perto — falei.

— Sargento-aluno Juan?

— Sargento Douglas?! — perguntei ao Sargento quando o vi retornar com David e Matheus.

— Está tudo bem com a Sargento-aluna Emily? — perguntou o meu superior.

— Por que vocês voltaram? — Emily indagou.

— O Tenente Óliver nos liberou. Os manifestantes estão se dispersando. Além disso, ele precisa do socorrista — explicou David.

— Então eu vou voltar para o pelotão. Até mais, senhores! — disse o Soldado se despedindo. Ele devolveu os escudos e saiu.

Levei Emily até a nossa viatura. Matheus, David e o Sargento Douglas nos acompanharam. Eles guardaram os equipamentos. Coloquei minha amiga com cuidado no banco traseiro.

— Obrigada, Juan — disse ela.

— Não agradeça. Você deveria ter me ouvido e ter trocado de lugar comigo.

— A pedra iria atingir qualquer um que estivesse em meu lugar. Eu fico feliz que tenha sido comigo.

— Você é muito valente, sabia? — minha frase fez um sorriso recíproco acontecer naquele instante. Mas eu percebi algo diferente no olhar dela que me deixou sem graça.

— Hey! Vocês aí! Parem!

Ouvi os berros de David. Fui verificar. Ele gritava com três pessoas que estavam apedrejando a vidraça de um estabelecimento.

— Voltem aqui! — David correu atrás de um. O Sargento Douglas correu também. Matheus teve que ficar cuidando da viatura e de Emily. Eu corri atrás de outro. Retirei meu bastão da cintura. Com ele, consegui derrubar o sujeito pelas pernas. Ele caiu. Em seguida, utilizei golpes para imobilizá-lo. Fiquei sobre o indivíduo.

Olhei para o estrago feito na vidraça do estabelecimento. Era uma loja de brinquedos. Recordei-me de que aquela loja era de alguém que eu conhecia.

— Perdemos os caras — disse David retornando com o Sargento Douglas.

— Ao menos Juan pegou um — falou Sargento Douglas apontando para mim.

Algemei o indivíduo. Ele resistia e não parava de gritar e xingar todos nós.

— Eu exijo meus direitos! Me soltem, seus fantoches do governo! Vou acionar meu advogado!

— Coloca esse aí lá atrás — disse Sargento Douglas pedindo para eu colocar o indivíduo no compartimento de conduzidos.

Assim fiz. Quando o rapaz ficou em pé, pude ver que ele era quase da minha altura, porém mais magro e branco. Ele resistia. Conduzi-o até o compartimento. Matheus abriu a porta e me ajudou a colocar o jovem na cela. Para que o rapaz não batesse a cabeça no teto do veículo, precisei auxiliá-lo colocando minha mão sobre os cabelos castanhos e ondulados dele. Fechei a grade do compartimento.

— Pessoal, vamos fazer o seguinte... — Sargento Douglas estava passando orientações.

— Tirem-me daqui! Eu não fiz nada! — esbravejava o preso.

— Claro que você não fez nada. Você só danificou uma loja. Só isso — respondi ironicamente para o indivíduo.

— Vamos ter que levar Emily e esse criminoso até o hospital e, depois, vamos até a delegacia — Sargento Douglas continuou a falar.

— Eu não sou criminoso! Sou estudante! Aposto que vocês nem sabem o que é educação — disse o rapaz.

— E você teve muita educação ao quebrar os vidros daquela loja, não é? Eu conheço os donos de lá, sabia?

— Juan! Pare de dar atenção a esse sujeito! Estou repassando instruções aqui! — repreendeu-me o Sargento.

— Desculpe-me, senhor — respondi abaixando o olhar.

— Fechem essa tampa traseira da viatura e vamos embora! — ordenou.

Matheus fechou a tampa traseira. O rapaz ficou falando sozi-

nho até o hospital. Lá recebeu atendimento médico alegando que eu havia quebrado as pernas e os pulsos dele. Porém, nada foi constatado nos exames. Emily também não fraturou nada. Contudo, ela precisaria repousar o pé durante alguns dias.

Na delegacia, Sargento Douglas dividiu a equipe. Matheus e David retornariam ao batalhão para levar Emily. O Sargento e eu acompanharíamos o caso do rapaz que quebrou a vidraça.

No saguão do prédio da delegacia, o meu superior disse:

— Não acredito!

— O que foi, senhor?

— Vontade de ir ao banheiro! — respondeu ele. — Estou segurando essa vontade desde a manifestação. Pode subir pelo elevador até o décimo quinto andar com o conduzido. Lá a gente vai redigir o boletim. Eu irei daqui a pouco. O criminoso está sob sua responsabilidade, ok?

— Sim, senhor.

— Eu já disse que não sou criminoso! — disse o conduzido.

— Você cometeu um crime, então é criminoso sim! — respondi enquanto segurava o sujeito pelos pulsos algemados nas costas.

— É crime manifestar?

— Não. Mas é crime danificar patrimônio.

Caminhei até o elevador conduzindo o rapaz. Entramos. O elevador não era muito grande. Apertei o botão do décimo quinto andar.

— Tem capacidade para oito pessoas. Mas, como você é muito grande, aqui cabem apenas mais uns quatro — disse o sujeito lendo as descrições em um letreiro do elevador.

Eu estava enxergando à frente. Pisquei o olho lentamente e mirei o rapaz. Reparei que ele tinha olhos esverdeados.

— O que foi? Não gostou da piada, Juan? — disse o conduzido observando meu nome na farda.

Voltei a apreciar os pontos luminosos que marcavam as passagens de andares.

— Para de segurar o meu braço com força! — falava o indivíduo.

— Não estou segurando com força, você é quem está forçando e não está obedecendo.

— E por que eu teria que lhe obedecer?

— Eu sou a autoridade aqui!

— Você está achando que não sei dos meus direitos? Pois saiba que sei todos!

— E seus deveres? Você sabe de algum?

O conduzido não me respondeu. Sentimos um solavanco.

— O que foi isso? — perguntou o rapaz.

— O elevador parou.

— Não é possível!

Apertei o botão para abrir a porta. Nada aconteceu. Apertei para subir e descer. Também foi em vão. Apertei o botão de emergência. Pelo alto-falante, alguém da portaria atendeu.

— Serviço do Edifício da Delegacia Central, em que posso ajudar? — falou uma voz feminina.

— Boa tarde, estou no elevador, e ele parou de funcionar. Ele não sobe, não desce, não abre a porta. Estou preso.

— Olha só, você também está preso! Esse mundo dá voltas! — disse o conduzido. — Repreendi o sujeito com o olhar.

— Entendi, senhor — voltou a falar a voz feminina. — Preciso que me informe em qual elevador o senhor está.

— Estou no décimo quarto andar. Esse elevador é o... — olhei sobre a porta do lugar onde havia uma sequência alfanumérica — “B-3”.

— Quantas pessoas estão no elevador? — perguntou a voz.

— Duas — respondi.

— Ok, senhor. A equipe de assistência será acionada e, em breve, irá solucionar o problema. Pedimos, por gentileza, que não mexam em nada e que permaneçam quietos e calmos. Obrigada.

— Pensei que ela ia pedir para permanecermos no local, como

se estivéssemos opções de onde ficar — disse o rapaz chato. — Eu quero me sentar — ele forçou o braço, então o segurei firme. — Posso me sentar no chão para aguardar até que consertem isso aqui? Ou eu também não tenho esse direito?

Eu não respondi. Conduzi o indivíduo até o canto do elevador. Coloquei-o de frente para mim. Peguei os dois braços dele, cada um com uma mão, abaixando-o vagorosamente até o chão. Nesse momento, percebi que o sujeito me encarava. Deixei-o ao chão e fui até a outra extremidade, observando-o constantemente.

Eu estava com meu aparelho de comunicação no pulso. Liguei para o Sargento Douglas e expliquei a situação. Ele disse que me aguardaria até consertarem o elevador.

O QUE ESTÁ ACHANDO DO LIVRO?

PARA SABER MAIS SOBRE O LIVRO, ACESSSE:
WWW.GANDHOR.COM

COLABORE COM O AUTOR, FAÇA UM PIX.
CHAVE PIX: helvister@yahoo.com.br

COMPARTILHE ESTE LIVRO COM TODOS OS SEUS CONTATOS!

SIGA O AUTOR:
@helvister

MUITO OBRIGADO! ESPERO QUE SUA LEITURA SEJA FANTÁSTICA!

CAPÍTULO 5

Divergências



Silêncio.

O sujeito sabia que eu não tirava os olhos dele. Eu precisava vigiá-lo. Mas estávamos trancados naquele elevador. Talvez eu não precisasse observar tanto. Ora ele ficava analisando meu coturno, ora olhava para os botões dos andares na parede do elevador, ora o seu olhar encontrava com o meu e logo era desviado. Talvez, para não ficar constrangido.

— Vocês são sempre assim?

— O quê?

— Vocês, policiais, são sempre sérios, com essa cara de bravo e com mau humor?

— Quantos policiais você conhece?

— Conhecer no sentido de ter amizade? Nenhum.

— Então, provavelmente a imagem que você tem de policial é a imagem que os veículos de comunicação de massa transmitem.

— Hahahaha! — iniciou uma gargalhada chata e balançou a cabeça negativamente. — “Veículos de comunicação de massa”! Não é verdade! — ficou sério. — Sou estudante de Jornalismo. Sei muito bem analisar criticamente o que a mídia transmite. Acontece que, quando vejo vocês nas ruas, vocês estão, quase sempre, desrespeitando e sendo violentos com as pessoas.

— Você deve ser o tipo de pessoa que só percebe a presença de policiais quando nós já estamos fazendo alguma abordagem ou atuando

em alguma ocorrência em que é necessário aplicar alguma advertência ou fazer o uso da força. Pessoas assim nunca reparam quando policiais estão prestando atendimento em escolas, auxiliando idosos a atravessarem a rua, promovendo campanhas sociais. Algumas pessoas parecem querer enxergar apenas o que lhes convém. Já que você é jornalista, então me responda: por que, dentre várias ocorrências em que protegemos e servimos os cidadãos, a mídia apenas divulga aquela em que não tivemos sucesso?

— Exatamente por isso. O erro é mais atrativo. Dá mais audiência. Além disso, proteger o cidadão é a função de vocês. E como vocês não são honestos...

— Pare de generalizar! — dei um passo à frente. — Você disse

que sabe fazer uma análise crítica da mídia, mas acredita em todas as notícias veiculadas por ela! Os casos de policiais corruptos, autoritários e que cometem demais atos que corrompem o decoro da classe não representam todos os profissionais da área. São exceções, não a maioria.

— Será mesmo?

— Acompanhe a rotina de um policial! Veja com seus próprios olhos se somos violentos e desrespeitosos. Falar sem conhecer é fácil. Conheça-nos primeiro.

— Ótima ideia. Farei isso se eu não for preso. Vou produzir uma matéria sobre a rotina policial. Mas eu falarei tudo o que eu observar, sem manipulações!

— Quero só ver!

O silêncio retornou naqueles aproximados dois metros quadrados. Passaram-se minutos e mais minutos. Um barulho interrompeu a calmaria. Era meu aparelho.

— Pronto, senhor!

— Juan, os técnicos estão presos no trânsito provocado por aquela manifestação. Vão se atrasar — disse o Sargento Douglas. — E talvez o reparo demore um pouco, porque, na última vez que o elevador parou dessa maneira, os serviços do prédio disseram que os técnicos demoraram mais de uma hora para consertar.

— Mais de uma hora?!

— O quê? Vamos ficar presos aqui por mais de uma hora? — perguntou o rapaz.

— Por favor, eu preciso de silêncio para ouvir as informações — adverti o sujeito.

— Fique calmo — o Sargento continuou a falar. — A boa notícia é que não é nada grave. Porém, vai demorar. E como está o autor do crime?

— Ele está bem.

— Ótimo. Mantenha a situação sob controle. Qualquer coisa, entre em contato.

— Certo, senhor. Obrigado!

— Agora você pode me explicar o que vai acontecer conosco? — perguntou o sujeito quando me viu desligar o meu aparelho e colocá-lo de volta ao pulso.

— Os técnicos do elevador irão demorar a chegar. Eles estão presos no engarrafamento gerado por sua manifestação.

— A manifestação é nossa! Você deveria estar lá também! Aumentaram o valor dos transportes públicos!

— Eu estava lá.

— Sim, mas estava do lado errado.

— Então quer dizer que quem não pensa como você está do lado errado?

— Você não entende. Errado não é a palavra que quero dizer. O que digo é que estávamos defendendo uma causa da sociedade. E você faz parte dela, não é?

— E as pessoas que não querem essa causa? Não querem defender o que você defende. Elas têm direitos também, inclusive o de não pensar como você — falei.

— Com toda a razão. Acontece que, geralmente, essas pessoas fazem parte da elite. Elas não precisam de transporte público, por exemplo. Para elas, pouco importa se o valor vai aumentar. Elas não

precisam de manifestação para conseguir o que querem dos governantes. Nós estávamos defendendo os mais desfavorecidos pela sociedade. E, se não for por meio das manifestações, como seremos ouvidos?

— Manifestar é um direito de todo cidadão, desde que a manifestação seja pacífica. Você estava depredando um patrimônio. Você agiu errado.

— E disparar bombas e balas de borracha contra nós é muito certo, não é? Uma amiga minha foi atingida no estômago! Nem sei como ela está! Tem um amigo meu que sofre de asma, ele quase morreu com o gás que vocês jogaram em nós! Vocês sempre agem com violência e querem que a gente abaixe a cabeça e aceite a “chibatada”? Não! Não vamos mais aceitar violência e autoritarismo!

— A polícia, nessas situações, não age, ela reage. Se foi preciso fazer o uso da força é porque a situação chegou ao seu estado crítico. E esse uso é respaldado pelas próprias leis. Muitos curiosos e ignorantes registram nossas ações a partir do ponto em que a situação já atingiu esse estado, e a impressão é de que estamos agindo de forma arbitrária e truculenta.

— Mas existem situações em que policiais agem de forma arbitrária, de forma corrupta, de forma desonesta e violenta sim!

— Sim, devem existir, assim como deve ocorrer em qualquer profissão. Mas não estou falando desses casos. Estou falando sobre a manipulação de imagens e sobre a sua ação de depredação. Que fique bem claro que não estávamos impedindo a manifestação, estávamos impedindo a violência.

— Agindo com violência. Que didática fascinante!

— Qual é o seu nome mesmo?

— Richard.

— Richard, muitas situações exigem a intervenção da polícia. E, em cada uma delas, os policiais precisam analisar o ambiente para saber como reagir. Há momentos em que uma conversa civilizada é o bastante, como acontece na maioria dos casos. E há momentos em que o diálogo não surte efeito.

— Por exemplo? – questionou.

— Danificar patrimônio é um exemplo. Você estava no meio de uma multidão. O comportamento de uma pessoa em uma multidão é muito propício à reprodução do comportamento coletivo. É o que acontece com uma torcida de futebol, por exemplo. Uma pessoa começa a gritar uma frase e logo o estádio todo está gritando a mesma frase. Muitas pessoas em multidões tendem a repetir os mesmos gestos e ações da maioria, como uma forma de se enturmar, de não ser diferente. E isso vale tanto para ações boas quanto para ações ruins. Nestes casos, as pessoas tendem a não acatar ordens de forma simples e sutis. Por isso, é necessário agir na mesma proporção. É preciso que as pessoas tomem cuidado para não perder a razão nessas situações, senão vão acabar presas, como você.

— Você, falando assim, nem parece ser policial. Você tem alguma formação acadêmica?

— Sou formado em Educação Física e, no ano passado, iniciei meu doutorado em Ciências Militares.

— O quê?! Você está fazendo doutorado?

— Por que o espanto?

— Eu... eu...

— Já sei! Você é um daqueles que tem a mentalidade que policial só sabe usar a força, não precisa estudar.

— Não, não é isso. Quantos anos você tem? — Richard quis saber.

— 27 anos. E você?

— 23. Estou no último ano da faculdade.

— E está gostando?

— Muito. Eu estava em outro curso, mas mudei, pois me identifiquei mais com o Jornalismo. Eu sou ativista das causas gay³. Sou

³ Gay+: a expressão “gay+” foi criada pelo autor em referência à sigla LGBT (Lésbicas, gays, bissexuais, travestis, transexuais, transgêneros) com o objetivo de abranger todos os grupos de orientações sexuais e de identidades de gênero, não apenas os especificados na sigla. Como esta varia com o tempo, o autor achou mais viável criar uma expressão que se enquadrasse no enredo deste livro, uma vez que a história se baseia em um futuro próximo.

coordenador de um movimento, o *Up and Fly*. Já ouviu falar?

— Não.

— Não? É um movimento bem famoso que promove passeatas e campanhas pelo país e pelo exterior, defendendo os direitos das minorias.

— Então, você é...

— Gay? Não sou.

— Não é?!

— Por que o espanto? Só porque defendo uma causa gay significa que sou gay? Eu posso lutar por várias causas sem ser atingindo por elas diretamente. Lutar pela liberdade, pelo amor, não pressupõe que você seja o “prejudicado” direto, basta ser humano. Ter sensibilidade, empatia pelo outro.

— Você deveria ter pensado nos donos da loja que você quebrou.

— Outra vez isso! Você ficou tão preocupado em me acusar que não deixou eu me defender. Eu não queria acertar a loja de brinquedos. Jamais faria isso! Queria quebrar a vidraça de uma agência bancária que estava ao lado. Vi alguns rapazes fazendo isso e, no calor da emoção, com raiva de vocês, policiais, e de todo esse sistema, acabei me empolgando. Exatamente como você falou que acontece com as pessoas nessas situações. No entanto, eu acabei confundindo as vidraças dos estabelecimentos e atingi o lugar errado. Vamos mudar de assunto, pode ser?

— Tudo bem.

— Gostaria de lhe pedir um favor. Pode retirar essas algemas de mim? Prometo que não vou fugir para lugar algum!

— Haha! — eu dei risadas irônicas. Percebi que Richard estava brincando ao dizer que não fugiria para lugar algum. Como se algum de nós dois pudéssemos — Como você está se comportando bem... — retirei as algemas dele. Ele continuou sentado. E eu em pé.

Passaram-se alguns minutos. Ouvi vozes do outro lado do elevador. Em seguida, uns “toc-tocs”.

— Juan? — disse uma voz do lado externo.

— Sim!

- Juan, você está bem? — perguntou a voz do Sargento Douglas.
- Sim, senhor!
- E o conduzido?
- Também — falei.
- Quem está falando do lado de fora? — perguntou Richard.
- Quietos! — pedi.
- Os técnicos estão chegando. Aguarde mais um pouco.
- Tudo bem, senhor — concordei com o Sargento.

Mais um momento sem falarmos nada. Os sons do meu pé batendo contra o chão marcavam uma espécie de ritmo.

— Por que você não se senta? Vocês são proibidos de se sentarem? — disse Richard, que, por certo, percebeu minha ansiedade.

— Claro que não. Em pé, é melhor para respondermos a qualquer ação. Eu poderia ficar em pé por mais tempo, mas ficar parado faz minha perna me incomodar. Eu vou precisar retirar minha perna.

—“Precisar retirar minha perna”? Isso é algum tipo de jargão militar?

Eu me sentei ao chão. Retirei meu coturno esquerdo. Suspendi a calça até a altura do joelho. Depois fui tirando minha longa meia preta. Richard me olhava sem dizer nada. Terminei de retirar minha meia. Em seguida, desencaixei minha prótese a partir do joelho.

— Meu Deus! Eu...

— Ufa! — dei um suspiro de alívio. — Ficar muito tempo em pé e sem me movimentar incomoda demais, mesmo com essa prótese moderna e tecnológica.

Minha prótese era bem-sofisticada. Tinha a coloração preta-metálica, com a estrutura reproduzindo perfeitamente a minha perna esquerda, com o pé e os dedos, inclusive.

— Desculpe-me! Desculpe-me mesmo se, de alguma forma, o ofendi. Eu não sabia...

— Está me ofendendo agora, Richard.

— Eu? Por quê?

— Você está me pedindo desculpas só porque descobriu que sou deficiente físico.

— Escute. Não quero discutir mais. Tudo bem? Eu confesso que não imaginava que você não tivesse uma perna. Estou surpreso. E fiquei sem o que dizer. Foi só isso. Ok?

— Ok.

— Posso saber como...

— Como perdi a perna? Sim, pode sim. Temos tempo, não é? — acomodei-me encostando minhas costas contra a parede do elevador, tal como Richard estava. — Bom, há dois anos, eu estava atendendo uma ocorrência de incêndio. A casa estava desmoronando. Os bombeiros ainda não haviam chegado. Os moradores da casa estavam do lado de fora, porém, um senhor idoso não conseguiu sair. Os gritos de desespero dele soaram como um chamado para mim. Eu entrei na casa tomada pelo fogo. Visualizei uma figura acenando para mim. Peguei-a no colo. Saí apressadamente. Quando faltavam poucos metros para a saída, eu tropecei e caí. Deixei o senhor cair também. Uma coluna de ferro tombou sobre a minha canela esquerda. O senhor se levantou e tentava me puxar. Eu pedia para ele sair e se salvar, mas ele não saiu. Eu tentava não gritar de dor para não apavorar ainda mais o idoso. Olhei para o rosto dele, imaginei que fosse o rosto de alguém conhecido. Foi quando criei forças e me levantei. Eu e o senhor saímos da casa um apoiando ao outro. Segundos depois, a casa toda desmoronou.

— Nossa! — Richard ficou pálido.

— Após o acidente, precisei amputar a perna. Fui promovido a cabo por ato de bravura. Mas minha felicidade não durou muito, porque o idoso que eu havia salvado morreu devido a complicações renais decorrentes das queimaduras que sofrera. Por incrível que pareça, não me queimei, fora a perna amputada. Eu tive que deixar o serviço de rua para trabalhar no escritório do batalhão em que servia. Eu usava muletas. Todos percebiam a minha tristeza em não poder mais atuar

nas ruas. Era o serviço que eu gostava de fazer. Gosto de ter contato com as pessoas, de protegê-las, de defendê-las. Ano passado, o pessoal do meu trabalho se reuniu para comprar para mim esta prótese, que foi muito cara. Ela se acopla perfeitamente a meu corpo e foi feita sob medida. Também possui um sistema sensível que, depois de colocada, permite que eu sinta toques e sensações térmicas. Depois disso, pude retornar ao serviço de rua e, superando todas as expectativas, consegui passar em todas as etapas físicas para fazer o Curso de Sargentos.

— Parabéns! Sua força de vontade é impressionante! Imagino que seu sonho de ser militar veio desde quando você era criança, não é?

— Sim. Tudo começou quando, misteriosamente, eu fui parar no alto de um morro.

— Como você foi parar lá? – Richard demonstrava interesse em me ouvir.

Ele abraçava as pernas enquanto estava sentado. Decidi continuar falando.

— Esse é um mistério que ainda não desvendei. Eu tinha sete anos. Morava em uma comunidade carente com minha avó e meu irmão de oito anos. Um dia, minha avó foi nos acordar para irmos à escola, porém, eu não estava na cama, nem em casa. Ela ficou preocupada e saiu procurando por mim por toda a favela. O bairro todo ficou sabendo do meu sumiço. Ao meio-dia, meu irmão correu até minha avó para dizer que ouvia meus choros próximo a um cume de pedra cercado por uma vegetação densa e espinhosa. De fato, os choros eram meus. Eu estava sobre aquele enorme e alto monte pedregoso. Foi preciso que os bombeiros me resgatassem de helicóptero. Eles quiseram saber como cheguei até lá, mas eu não me lembrava de nada. Falei que eu simplesmente acordei lá. A hipótese era sonambulismo. Um dos bombeiros foi muito gentil e me presenteou com um distintivo militar que guardo comigo até hoje — retirei do meu bolso um distintivo de bronze em formato de um par de asas aberto.

— Que legal! — disse Richard se aproximando para ver o objeto em minha mão. — E essa mancha na palma de sua mão?

— É uma marca de nascença — guardei o distintivo. — Continuando, o presente que recebi do bombeiro foi para mim uma referência que mudaria minha vida. Depois que minha avó morreu, eu e meu irmão fomos parar em um projeto social. Nós éramos adolescentes. Ninguém queria adotar adolescentes. Meu irmão acabou fugindo do lugar. Ele voltou para nossa comunidade, porque tinha “amigos” que o incentivaram a entrar no mundo do crime. Acabou se tornando um criminoso. Hoje em dia, eu não tenho mais contato com ele e não tenho a menor ideia de onde ele esteja. Assim que eu atingi a maioridade, também voltei para minha comunidade e decidi fazer faculdade. Também não abandonei o projeto social que me acolheu. Até hoje sou voluntário lá. Consegui um bom emprego e precisei morar em outro bairro. Quando terminei a faculdade, fiz o concurso público para ingressar na polícia e passei. Desde então, sigo nessa jornada, que não encaro como uma profissão, mas uma vocação.

— Sua história de vida é muito bonita. Triste, mas com um final feliz!

— E qual é a sua história de vida, Richard?

— A minha?

— Sim. Eu contei a minha e quero saber a sua.

— A minha história é muito diferente da sua. Eu tive sorte de nascer em uma família com boas condições financeiras. Não tenho irmãos. Meus pais se separaram quando eu ainda era criança. Meu pai é artista plástico, e minha mãe é professora universitária.

— Legal! Ela dá aulas de quê?

— De Filosofia. Mesmo separados, meus pais continuam sendo amigos. Eu tenho muito orgulho deles. Eles me ensinaram e me ensinam muitas coisas sobre a vida. Desde pequeno, aprendi a não desperdiçar as coisas: comida, vestuário, energia elétrica. Com eles, aprendi a respeitar a natureza, a respeitar as diferenças, as culturas, as pessoas, as crenças de cada um. Aprendi a valorizar o que tenho, porque existem pessoas que têm tão pouco ou absolutamente nada! Procuramos seguir

um estilo de vida sustentável e consciente, não apenas sobre questões ambientais, mas também sobre causas sociais. Por isso, eu luto tanto pelos direitos das pessoas que são injustiçadas por esse sistema que visa beneficiar os grandes empresários, os políticos, a elite. Quem detém o controle financeiro só pensa em ampliar seus lucros. Eles fazem alguns “projetinhos sociais” voltados para as classes mais baixas, porém, fazem isso apenas para acobertar a verdadeira exploração que existe sobre as classes dominadas. O movimento que participo, *Up and Fly*, tem como objetivo essa luta contra o abuso de poder e contra as injustiças, especialmente com relação aos grupos subalternos e marginalizados.

— Acho admirável você lutar pelos direitos dos outros, mesmo não precisando.

— É meu dever e dever de todos zelar pelo bem do próximo! Principalmente, quando esse próximo não tem condições de lutar por si mesmo, porque, muitas vezes, ele não tem acesso à informação, não tem acesso à educação, é uma vítima manipulada pelo sistema. E, na maioria dos casos, não sabe sequer os seus direitos básicos e acaba se contentando com uma vida de exploração.

— Concordo com você — falei refletindo sobre o que eu acabara de ouvir. — Só não entendo como essa pessoa que está aqui agora conversando comigo pode ter sido a mesma pessoa que estava cometendo aquele ato violento de vandalismo.

— Está voltando nesse assunto de novo?

Ouvimos barulhos e um grito de “Estamos acabando!”.

Coloquei minha prótese rapidamente. Levantei-me depois de Richard, que disse:

— Fiquei feliz com a nossa conversa. Achei muito produtiva, apesar das divergências.

— Eu também.

— Só preciso confessar algo.

— Pois não.

— Eu menti para você. Eu sou gay sim. Mas existem muitos

que não são e participam do meu movimento. Se você quiser participar, está convidado.

— Agradeço o convite.

A porta do elevador se abriu. Os técnicos, o Sargento Douglas e mais outros curiosos apontaram suas cabeças.

— Meu caro, pode deixar que termino o caso desse sujeito. Eu o conduzo até o delegado. Estão lhe aguardando na Academia de Polícia. Pode ir, você está dispensado — o Sargento Douglas pegou Richard pelo braço, conduzindo-o.

— Sim, senhor. Obrigado, senhor! — Dei meia volta e saí. Dessa vez, em outro elevador. Quando a porta estava se fechando, mesmo estando distante, vi que Richard não parava de olhar para mim.

O QUE ESTÁ ACHANDO DO LIVRO?

PARA SABER MAIS SOBRE O LIVRO, ACESSE: WWW.GANDHOR.COM

COLABORE COM O AUTOR, FAÇA UM PIX. CHAVE PIX: helvister@yahoo.com.br

COMPARTILHE ESTE LIVRO COM TODOS OS SEUS CONTATOS!

SIGA O AUTOR: @helvister

MUITO OBRIGADO! ESPERO QUE SUA LEITURA SEJA FANTÁSTICA!

CAPÍTULO 6

O pior inimigo



De volta à Academia, alimentei-me e tomei um banho para relaxar depois de um dia intenso. Não encontrei com meus amigos. Emily ficava no prédio das mulheres. “Será que ela está bem?” Eu pensava em muitas coisas. Mas meus principais pensamentos estavam voltados àquela conversa que tive com o rapaz conduzido, Richard.

Eu começava a pensar nele e uma raiva enorme tomava conta de mim. O que poderia estar acontecendo comigo? Como se não bastasse ter essas sensações, recordei-me de outras coisas; de tudo o que aconteceu comigo recentemente.

“Está acontecendo com você também, Juan. Não adianta negar”. Aquela afirmação de Emily me intrigava! Será mesmo que eu também tinha capacidades sobre-humanas? Outras pessoas poderiam achar legal ter esse tipo de “poder”. Mas eu não gostava daquela ideia. Não queria mais nada em minha vida que me distinguisse dos outros.

Já sofri muito preconceito por ser negro, por ser de origem pobre e por ser aleijado. Chega! Já é diferença demais. E o rapaz no elevador? Mais isso agora! Não! Não!

— Eu não vou pensar mais nisso. Eu preciso dormir. Isso! Vou dormir! — sussurrei baixinho.

Já era de madrugada. Todos no meu dormitório dormiam. Ao deitar em minha cama, tive o cuidado para não fazer muito barulho. Nem sempre eu retirava a prótese para dormir e para tomar banho.

Não havia necessidade. Ela foi feita para isso. Ademais, em um quartel é preciso estar sempre de prontidão caso algo inesperado aconteça e você tenha que reagir rapidamente.

Começou a chover. A melodia orquestrada pelas águas do céu não contribuía para que meu sono chegasse. Como o dia todo fizera calor, com a chegada da chuva, o clima ficou abafado, por isso, eu, assim como vários outros colegas, estava sem camisa. Apenas uma bermuda para dormir.

Começou a relampear e a trovejar.

Eu estava inquieto. Tentei inúmeras posições para adormecer. Todavia, o que eu conseguia era observar os efeitos das luzes dos raios nas paredes do quarto. Achava que eu era o único a não ser contemplado pelos sonhos. Estava sozinho naquele quarto cheio de gente. Sozinho com meus pensamentos. Sozinho no mundo.

Por que não sou como os outros? Por que não nasci normal? É difícil dormir quando várias questões surgem na mente. A verdade era que eu gostaria de dormir e nunca mais poder acordar...

Com muita dificuldade, adormeci. Um sonho me invadiu. Eu estava descalço. No sonho, eu tinha as duas pernas. Sentia uma grama macia sob meus pés. A grama estava amassada, como se algo a tivesse tombado. Fiquei parado por um instante acariciando aquelas plantas com meus dedos dos pés. Reparei que tudo ao meu redor estava tomado pela relva amassada.

O céu estava claro, com um azul celeste incrível. Olhei para trás. Não tão longe, uma porta de madeira com pintura envelhecida estava em pé, sem estar amparada em nada. Caminhei até ela. Vagarosamente coloquei a mão sobre a maçaneta enferrujada. Girei para abrir. Um retângulo negro se revelou. Atravessei-o.

O lugar com grama em volta permaneceu da mesma forma, porém, era noite, ventava muito. Não parei de caminhar. Também trovejava e relampeava, mas não chovia. Notei que eu estava no alto de uma colina. Um pássaro preto sobrevoava em torno de

mim. Ele me encarava. As asas dele eram grandes. A penugem era brilhante. Ele desapareceu.

Avistei algo preto se movendo no céu. Pensei que fosse o mesmo pássaro retornando. Mas era um morcego. Ele voou em minha direção. Atacou-me com uma mordida no braço quando fui me defender. Apareceu outro. Ele fez a mesma coisa: sobrevoou próximo e me atacou. Dessa vez, meu rosto foi arranhado. Saiu sangue. Outros e outros morcegos chegavam para me atacar. Eu tentava fugir deles, mas não conseguia. Parecia que qualquer movimento meu era em vão. Eu não conseguia tocá-los. Minha mão atravessava seus corpos. Fiquei todo ferido.

Comecei a desistir e a aceitar aquela tortura. Deitei ao chão. Em meio aos ataques, visualizei uma figura longe. Passei a me preocupar com ela. Quando levantei para enxergar melhor, não havia mais morcegos. Olhei para meu corpo e não vi mais feridas e nem sangue. Em pé, caminhei em direção à figura, ela estava longe, de costas, parada sobre a grama, próximo à beirada da colina, encapuzada e coberta por um pano preto e leve que se movimentava com o balançar do vento.

Uma voz surgiu. “Sou teu pior inimigo!”. Era a figura quem falava. Mesmo de costas, ela conversava comigo, sabia que eu estava a caminho. “Tu és um fraco! Não vale nada!”. Um raio cortou o céu. Por pouco, não acertou meu pé quando eu caminhava. Recuei alguns passos. “Estás vendo? És um covarde! Não vale o ar que respira”. Continuei a caminhar. Outro raio quase me atingiu. “Haha! Não queiras me conhecer! Sou difícil de decifrar”. Dizia a voz. Era uma voz familiar.

Eu precisava saber quem era. Corri. Quanto mais eu corria, mais raios caíam perto de mim. Consegui chegar perto do ser misterioso. Raios e trovões cessaram. A figura permanecia de costas coberta pelo pano preto e velho. Estávamos na beirada de um precipício. Era a ponta triangular de um penhasco. Dei alguns passos, estiquei minha mão. Puxei com força aquele pano velho corroído por traças. O que foi revelado diante de mim me chamou a atenção.

Era um espelho. Grande e retangular. Quase do tamanho de uma porta. Logo que encarei meu reflexo por um instante, ele começou a falar comigo. “Olá, Juan! Faça um pedido e eu te atenderei”.

Eu respirava de forma ofegante. Após um tempo, saíram algumas palavras de meus lábios. “Eu desejo... eu desejo...”. Meu reflexo ficou aguardando a minha resposta. Uma lágrima escorreu de meu rosto e continuei o pedido “Eu desejo... não existir!”.

Depois que eu disse isso, o espelho falou: “Teu desejo é uma ordem”. Uma trinca atravessou o meu reflexo na diagonal. Posteriormente, outras surgiram até o espelho se quebrar por completo. O chão atrás de mim rachou. Desse modo, a ponta do penhasco, onde eu estava com o espelho, começou a cair. Eu caí num abismo escuro e sem fundo.

Durante a minha queda, ouvi uma voz chamando por meu nome.

— JUAN!!!

Quando abri meus olhos, minhas vistas estavam embaçadas. Passei a mão em meu rosto. Senti a textura de terra molhada. Eu estava deitado em uma poça d’água.

— O que está havendo aqui?!

Ao verificar a dona da frase, não consegui enxergar de imediato. Havia uma luz de refletor atrás da pessoa. Assim que minha visão ficou mais nítida, percebi que era a Tenente Sarah. Então notei que não estava mais no meu sonho. Eu estava no chão do jardim dos alojamentos.

— Senhora... eu — após ajeitar minha prótese, levantei o mais rápido que pude para ficar em posição de sentido e me identificar. — Sargento-aluno Juan, Pelotão 16!

— Que falta de pudor é essa? Esses são modos de ficar circulando em um ambiente militar? Trajando esse tipo de roupa? A essa hora da madrugada?

— Juan!? Você está bem?! — disse meu colega Gustavo saindo do saguão do prédio com a expressão de espanto. — Boa noite, senhora! Sargento-aluno Gustavo, Pelotão 16!

— Foi você quem gritou o nome do seu colega? — perguntou Tenente Sarah a Gustavo. Ele não parava de me encarar. Olhava de baixo para cima como se eu fosse a coisa mais estranha do mundo. — Responda, aluno! Estou lhe fazendo uma pergunta!

— Eu... O que foi que a senhora disse mesmo?

— Eu perguntei se foi você quem gritou agora há pouco chamando por seu colega?

— Sim. Sim, senhora!

— Gritou por mim? — achei estranho.

— Quero uma explicação imediata para o que está acontecendo aqui. E quero saber por que vocês dois estão fora dos dormitórios a essa hora! — Tenente Sarah estava furiosa.

Provavelmente, ela estava tirando serviço de fiscal da noite. Devia estar cansada, o suor era nítido em sua pele morena, no entanto, não demonstrava fadiga. Eu e Gustavo permanecíamos em posição de sentido.

— Senhora eu. — tentei pensar em algo. Achava que se dissesse que eu não sabia de nada, eu poderia estar encrencado.

— Comecem a falar! Eu ouvi gritos de alguém dizendo “Juan!”, chego aqui e me deparo com um aluno seminu, todo sujo, na porta do prédio, e, agora, aparece outro aluno, um pouco mais vestido, porém fora do quarto a essa hora também. Digam-me! Qual a explicação para tudo isso?

— Sou sonâmbulo, senhora — falei.

— Sonâmbulo?

— Sim, sou.

— E eu sabia disso — falou Gustavo contribuindo com minhas ideias. — Por isso, quando acordei e percebi que Juan estava fora da cama, corri até a janela e vi que ele já havia descido as escadas e estava do lado de fora do prédio. Então, o chamei a fim de acordá-lo.

— Foi quando eu tropecei e caí na poça. Então acordei, e a senhora chegou bem nesse momento.

— Interessante como vocês possuem criatividade para inventar histórias. Mas vou fingir que acredito, até porque não consigo enxergar outro motivo para essa situação. Como forma de punição, vocês ficarão de sentinela nos dias que eu escolher durante o resto do curso!

Eu e Gustavo ficamos descontentes com a notícia. Nossa superior mexeu no aparelho dela que estava no pulso. Acionou um feixe de laser e o apontou sobre o meu rosto e depois no rosto do meu colega.

— Aluno Juan e aluno Gustavo — falava enquanto digitava no dispositivo. — Pronto. Está na minha agenda agora. Agradeçam-me por eu não aplicar medidas piores, porque vocês correriam o risco de serem até presos! Retornem imediatamente ao dormitório de vocês! Podem se retirar.

— Sim, senhora! — respondemos em coro.

— Ah! E você, jovem, vá tomar um banho antes de dormir!

— Sim, senhora — concordei.

De volta ao prédio, subindo as escadas, percebi que Gustavo se mostrava ainda atordoado. Ele não falava nada. Subia ao meu lado.

— Foi você que gritou o meu nome mesmo?

— Sim — ele acelerou os passos respondendo sem olhar para mim.

— Aconteceu alguma coisa que você está me escondendo, Gustavo? — ele não me respondeu nada. Continuei a falar e a subir as escadas atrás dele. — Eu só me lembro de estar no quarto. Então, eu tive um pesadelo e acordei do lado de fora do prédio. Por acaso, você me viu andando? Eu disse para a Tenente Sarah que eu era sonâmbulo. De fato, eu sou, mas há muito tempo eu não tinha episódio de sonambulismo.

Gustavo continuava seu caminho.

— Você pode falar alguma coisa? — toquei no ombro dele.

— Não! — ele se esquivou de minha mão. Parou em um degrau da escada e me encarou. — Quem é você, Juan? O que você é?

— Não estou entendendo.

— Eu vi você se jogar da janela do quinto andar!

— Eu? Fiz isso? Impossível!

— Como você fez aquilo? Era para você estar no mínimo paraplégico!

— Gustavo, como eu lhe disse, eu não me recordo de nada.

— Eu não conseguia dormir. Vi você levantar e sair do quarto apenas de bermuda. Achei que você pudesse estar passando mal. Então, levantei para ir atrás de você. Não consegui achá-lo nos corredores próximos ao quarto. Procurei em outras partes e achei você abrindo uma janela no final do corredor. Ao perceber que você estava saindo por ela, corri em sua direção. Você ficou por um tempo parado no parapeito do prédio. Apareci chamando por você. No entanto, você não me notava. Estava olhando para frente. Eu não conseguia o alcançar; para isso, eu também teria que sair pela janela e ficar no parapeito do prédio. De repente, você se inclinou para frente e caiu. Eu gritei seu nome. Vi você atirado ao chão. Desci correndo. Depois encontrei você em pé, sem nenhum ferimento ou sequela, ao lado da Tenente Sarah.

— Não pode ser verdade! — fiquei pálido.

— Não vou contar para ninguém. Ninguém acreditaria em mim. Nem eu que vi estou acreditando. Mas essa é a verdade — ele deu as costas e continuou o caminho.

Permaneci estático nas escadas. Em seguida, lembrei que eu estava sem camisa e outro superior poderia me encontrar. Além disso, eu precisava tomar um banho.

••

As aulas na manhã que se sucedeu foram tranquilas. Mas nem tanto. O boato de um aluno perambulando apenas de bermuda pela Academia correu por todos os lugares. Eu sentava nas últimas carteiras da sala. Vez ou outra, alguém cochichava e olhava para trás.

No intervalo, durante o refeitório, fui até a mesa em que Emily se encontrava para saber como ela estava. Matheus estava ao lado dela.

— Estou muito melhor. Preciso usar essa bota ortopédica por uns dias — ela me mostrou a bota que usava. — Mas ficarei bem — devido a seu estado, Emily precisou utilizar um fardamento mais confortável, assim como Billy utilizava por causa das muletas.

— Fico feliz em saber disso — comentei.

— Juan, é verdade o que estão dizendo? Você é sonâmbulo? — perguntou Matheus.

— Eu preciso contar para vocês o que aconteceu comigo na última noite — sentei junto a meus amigos.

Relatei tudo. Contei o sonho, contei sobre como acordei com a Tenente Sarah me xingando, posteriormente contei o que Gustavo havia me dito.

— Depois disso, você ainda tem dúvidas de que você também possui habilidades paranormais? — questionou-me Emily.

— E que habilidades seriam essas?

— Superforça, claro! — disse Emily. — Como você explica o fato de você ter caído do quinto andar de um prédio e não ter sofrido nenhum arranhão?

— Você está dizendo isso porque você acredita na versão de Gustavo — falei. — Se isso for verdade, pode ser que talvez eu tenha essa “superforça”, mas não acho que foi o caso. Eu sou sonâmbulo. Tem muito tempo que não aconteciam episódios de sonambulismo comigo, mas parece que retornaram. Foi apenas isso que aconteceu.

— Talvez Gustavo tenha tido algum tipo de alucinação. Ele acordou assustado com os relâmpagos e trovões e começou a delirar — explicou Matheus.

— Sim! Deve ter sido exatamente isso aí — concordei.

— De qualquer forma, é bom que ele pense que tenha sido isso mesmo.

— Por que você diz isso, Matheus? — Emily indagou.

— Não acho que seja prudente que outras pessoas saibam de nossas capacidades paranormais.

— Acontece que eu não tenho nenhuma — insisti.

— Tudo bem. Mas se as pessoas souberem ou desconfiarem de algo nesse sentido, talvez isso crie muita polêmica e eu não sei o que poderia acontecer.

— Tem razão, Matheus. É melhor não falarmos nada — Emily disse.

— Sim, principalmente porque eu não tenho esses dons que vocês têm.

— Sobre o Gustavo, pode deixar que converso com ele e vou tentar convencê-lo de que tudo não passou de alucinações e delírios. Independentemente disso, Juan, acho que você precisa considerar que algo de estranho está acontecendo contigo.

— Por que, Matheus?

— Eu tenho facilidade para interpretar sonhos. Por isso, acredito que seu sonho é uma mensagem, talvez algo que possa vir a acontecer.

— Seria um tipo de premonição? — Emily quis saber.

— Sim — afirmou Matheus.

— Você quer dizer que eu vou me encontrar com um espelho na beira de um precipício?

— Não, não é isso, Juan. Os sonhos utilizam muitas metáforas e símbolos para demonstrar o que realmente significam. Eu prefiro não lhe dizer, nesse momento, qual é a mensagem por trás de seu sonho.

— Você não está me ajudando muito.

— Juan, por mais que eu queira, é você mesmo quem precisa se ajudar.

— Acho que estamos todos precisando de ajuda — falou Emily.

— Precisamos sair um pouco da rotina. Vamos combinar de fazer algum passeio na nossa próxima folga?

— Boa ideia! Tenho que aproveitar as poucas folgas que me sobram. A Tenente Sarah me puniu, vou tirar serviço de sentinela até o final do curso. Isso quer dizer que quase todas as noites eu terei serviço extra — fiquei desanimado.

— Em que tipo de lugar vocês gostariam de ir? — perguntou Emily.

— Qualquer lugar para mim está bom. E para você, Juan?

— Para mim também, mas antes eu preciso voltar a ajudar no projeto social no qual sou voluntário. Tem muito tempo que não vou lá.

— Eu lembro que você já me falou sobre esse projeto — disse Matheus.

— Nossa! Eu não sabia. Que tipo de projeto é esse?

— Chama-se Projeto Social Alvorada. Lá são oferecidas diversas atividades para crianças e jovens carentes em situações de risco. Vocês querem conhecer?

— Claro! Vamos sim! — responderam Emily e Matheus.

O QUE ESTÁ ACHANDO DO LIVRO?

PARA SABER MAIS SOBRE O LIVRO, ACESSE: WWW.GANDHOR.COM

COLABORE COM O AUTOR, FAÇA UM PIX. CHAVE PIX: helvister@yahoo.com.br

COMPARTILHE ESTE LIVRO COM TODOS OS SEUS CONTATOS!

SIGA O AUTOR: @helvister

MUITO OBRIGADO! ESPERO QUE SUA LEITURA SEJA FANTÁSTICA!

CAPÍTULO 7

Alvorada



Dias depois, Emily estava curada. Ela, Matheus e também David me acompanharam até o Projeto Social Alvorada. Era nossa folga.

Meu carro ficava guardado em um prédio que alugava garagens, próximo à Academia de Polícia. Em meu veículo, seguimos em direção ao Projeto. Estávamos com roupas comuns. Sem a farda, ficávamos um pouco diferente. Emily estava ainda mais diferente. Pela segunda vez, via os seus cabelos soltos, mas, agora, bem-cuidados, eles brilhavam. E o seu penteado contribuía para que seus olhos ficassem ainda mais azuis.

Em minhas folgas, eu sempre gostava de ir ao Projeto. Porém, não conseguia visitá-lo com tanta frequência desde que entrei no Curso de Sargentos. O Alvorada atendia em uma região afastada da cidade, cercada por montanhas cobertas de vegetação nativa.

Do lado de fora, parecia uma escola. E não deixava de ser. Era um prédio comprido. Possuía apenas um andar. À frente, havia um gramado com jardim. Ao centro, cercada por coqueiros, uma passarela com calçada de pedra ligava a porta de entrada à rua.

Quando chegamos lá, fui apresentando o local e as pessoas para eles.

— Oi, tio Juan!

— Oi, Sabrina! Como está? — abracei uma garota negra muito bonita que passava pelo corredor externo do projeto. — A cada dia que a vejo, você fica maior! Daqui a pouco, vai me ultrapassar na altura.

— Não exagere, tio! Beijos! — disse se despedindo.

— Essa adolescente chegou aqui com oito anos — falei com meus amigos enquanto Sabrina se afastava. — Quase teve que ir para a adoção, mas seus pais conseguiram se tratar das drogas e do álcool. Hoje ela está no grupo de dança com outros adolescentes.

— Como funciona aqui, Juan? — Emily queria saber.

— Aqui é um projeto social voltado para crianças e adolescentes carentes em situação de risco. O risco basicamente acontece quando a criança ou o adolescente não tem seus direitos garantidos. Geralmente, os que vêm ao projeto chegam porque os pais ou responsáveis estão envolvidos com a criminalidade ou têm dependência química, deixando, assim, de cuidar dos menores. Alguns vêm por determinação da justiça, outros vêm por iniciativa dos próprios pais — eu explicava e caminhava com meus amigos pelos corredores externos do lugar. — O projeto funciona como um orfanato e também como uma atividade paralela à escola regular para aqueles que não precisam dormir aqui. Nesse lugar, são promovidas várias atividades culturais e desportivas conscientizando as crianças e os adolescentes a não usarem drogas e nem a cometerem crimes.

— Tio Juan!!! — um menino gritou e veio correndo.

— Meu pequeno Pedrinho!

O menino pardo foi até os meus braços. Abaixei para pegá-lo.

— Eu quero voar!

— Você quer voar? Então vamos voar! — balancei a criança de um lado para o outro simulando um voo. Depois a coloquei de volta ao chão.

— Ele saiu correndo de perto de mim assim que o vi no corredor! — disse Sophia, a mãe de Pedrinho. Os dois se pareciam muito fisicamente.

— Olá, Sophia! — cumprimentei.

— Olá, Juan!

— Eu estava com muita saudade dele — falei para ela enquanto acariciava os cabelos pretos do pequeno.

— Tio Juan, vamos jogar bola?

— Vamos sim! Vou só mostrar o Alvorada para os meus amigos.

Você já os cumprimentou? Essa aqui é a Emily, esse é o David e esse é o Matheus.

— Oi, Pedrinho! — disse Emily.

— Oi, mocinho! — falou Matheus.

— Ei, Pedrinho! Que boneco é esse na sua mão? — perguntou David ao garoto sobre um boneco que o menino segurava.

— Não é boneco é um super-herói!

— Que legal! Depois você me deixa brincar com ele também?

— Deixo.

— Então combinado! — disse David.

— Vamos, Pedrinho, mais tarde você brinca com os amigos do tio Juan — disse a moça que veio pegar Pedrinho conduzindo-o de volta para alguma sala.

— Até mais, Sophia!

— Até mais, Juan! É sempre um prazer recebê-lo aqui — disse e saiu com Pedrinho.

— Olha só! Senti um clima de romance!

— Deixe de bobagem, David. Somos apenas amigos. A Sophia é funcionária do Alvorada. Os voluntários e funcionários também podem trazer seus filhos para brincar com as crianças e os adolescentes do Projeto.

Mostrei a meus amigos quase todos os lugares do Alvorada. Salas de estudos, jogos, dança, teatro, artes marciais. Mostrei também a quadra poliesportiva, a horta etc.

No jardim central do lugar, observei a coordenadora do Alvorada, Dona Emma, conversar com um homem e uma mulher. A mulher estava com uma câmera na mão, e o homem segurava um microfone. Eu reconheci o rapaz. Era Richard. Trocamos olhares. Parecia que eles haviam acabado de fazer uma entrevista com Dona Emma. Ela me viu, chamou os jornalistas para acompanhá-la até onde eu e meus

amigos estávamos passando. Tivemos que parar. Observei Richard cochichar no ouvido da moça.

— Venham conhecer o Juan! Ele foi uma das primeiras crianças beneficiadas pelo Projeto. Mesmo após ter saído do Alvorada, ele continuou a nos visitar fazendo trabalhos voluntários. Hoje ele é policial militar — disse Dona Emma para os jornalistas.

Depois de um longo abraço em mim e em meus amigos, a senhora robusta de sorriso simpático e cabelos loiros e curtos nos apresentou.

— Já nos conhecemos — falei.

— Já se conhecem? Que ótimo! — falou Dona Emma.

— Eu só não conheço a moça.

— Mas eu já ouvi falar sobre você — comentou a jornalista ruiva de cabelos encaracolados. Richard olhou para ela de forma séria. — Meu nome é Shanti.

— Muito prazer, Shanti! — disse David estendendo a mão para cumprimentá-la. Todos logo notaram o interesse de David. Ninguém havia estendido a mão antes. Ele foi o primeiro.

— Prazer! — ela respondeu com um sorriso, demonstrando também ter se interessado por David.

— Richard e Shanti estavam me entrevistando. Eles irão fazer uma matéria sobre o Alvorada! — falou com empolgação.

— Que legal, Dona Emma! Fico muito feliz que o Alvorada esteja ficando famoso.

— E eu estou feliz de ver você aqui de volta, meu querido! Traga sempre seus amigos aqui — disse para mim, em seguida, dirigiu a palavra para os demais. — Todos vocês serão sempre bem-vindos! — depois de ajeitar os grandes óculos no rosto, Dona Emma continuou. — Vou pedir licença a todos. Preciso ir. Tenho que ajudar as meninas da cozinha. Daqui a pouco, serviremos o almoço. Inclusive, todos estão convidados! Você principalmente, Juan. E como está o seu curso?

— Está acabando, Dona Emma. Em breve, será a formatura!

— Que bom, meu querido! Graças a Deus!

Dona Emma se despediu de nós e saiu.

— Bom, acho que precisamos cumprir a nossa promessa de brincar com Pedrinho e as outras crianças. Não é mesmo? — perguntei aos meus amigos.

— Podemos fazer fotos e filmagens de vocês? — perguntou Shanti.

— Claro! — respondeu David fazendo com que eu, Emily e Matheus olhássemos para ele. — Vamos lá! — disse indo à frente com a jornalista. Emily e Matheus começaram a rir baixinho. — Eu também tenho conhecimento desses equipamentos de audiovisual, sabia?

— Sério? Que legal! — disse Shanti conversando com David enquanto todos os demais também resolveram caminhar em direção à parte posterior do Projeto, onde estava a quadra poliesportiva e o campo de futebol.

Eu fiquei atrás de todos. Richard se aproximou de mim.

— Você não cansa de me surpreender.

— Como assim?

— Não sabia que você fazia trabalho voluntário.

— Mas eu lhe falei, não se lembra? Esse era o projeto que participei logo que perdi minha avó. Desde então, continuo a frequentar o lugar, porém como voluntário.

— Verdade, eu me esqueci. É que a gente falou sobre tanta coisa.

— É mesmo. E você o que faz aqui?

— Eu estou estagiando em uma revista que faz parte da agência de comunicação de um primo meu. A revista fala sobre Artes. E, como o Projeto Alvorada tem oficinas artísticas, achei interessante fazer uma matéria.

Percebi que meus amigos e Shanti estavam mais distantes de nós.

— Acho que meu amigo se interessou por sua amiga.

— E acho que ela também gostou do seu amigo!

—Hahaha — demos risadas.

Ficamos parados no jardim do projeto.

— Você também fica bonito sem a farda.

— Ah sim... — fiquei sem saber o que falar. Nunca havia sido elogiado com aquelas palavras por um homem.

— Você pode me dar uma entrevista? Acho que será interessante acrescentar mais um personagem à matéria. Ainda mais com um exemplo de alguém que passou pelo projeto.

— Tudo bem.

— Vou precisar dos seus dados — Richard pegou um aparelho para fazer anotações. — Seu nome completo?

— Juan Silva.

— Ok. Sua profissão é policial militar e sua idade é 27 anos.

Certo?

— Isso.

— Você é solteiro?

— O quê?

— É para a matéria, eu preciso dessa informação.

— Sou — fiquei resabiado.

— E você namora?

— Oi?

— Eu vi que você estava ao lado de uma moça. Vocês estão namorando?

— Não, ela é só minha amiga.

— Ah, sim — Richard pareceu feliz com a notícia.

— Você precisa dessas informações mesmo? — comecei a achar graça.

— Sim. E qual o seu contato?

— Por que você precisa dele?

— Preciso para lhe dizer quando sairá a publicação da matéria.

— Tudo bem.

Assim que forneci os dados para Richard, ele fez perguntas sobre como conheci o Projeto e como o Projeto foi importante em

minha vida. Fomos andando até a quadra poliesportiva, onde estavam nossos amigos. Meus amigos estavam brincando de jogar bola com as crianças enquanto a amiga de Richard fazia fotos e filmagens.

Eu perguntei para o jornalista curioso:

— E o que houve com aquela ocorrência?

— Ah, sim, minha mãe pagou fiança e terei que indenizar os donos da loja.

Andamos mais pelo Projeto. Acabamos falando sobre outras coisas. Sobre as mudanças climáticas drásticas que vêm acontecendo no mundo, sobre algumas guerras em outros países, sobre os avanços da tecnologia, entre outros assuntos.

Observei uma pessoa conhecida. Interrompi a conversa com Richard:

— Desculpe interromper, Richard, mas eu gostaria que você conhecesse uma pessoa.

— É mesmo? Quem?

— Está vendo aquela mulher ali — apontei para uma mulher que estava com a camisa do Projeto e conversava com algumas crianças.

— Aquela senhora baixinha de cabelos pretos e umas mechas grisalhas?

— Sim. Ela é a dona da loja de brinquedos que você quebrou. Richard ficou aturdido.

— Você não gostaria de conhecê-la? — perguntei.

— Não. Acho melhor não. Meu advogado já está tomando providências em relação à indenização. Eu não tenho mais nenhuma relação com ela.

— Tem certeza de que não quer ao menos conversar? A história dela é interessante. Talvez você queira saber para sua matéria também. Veja só, ela está vindo até nós.

Assim que me viu, a senhora de quem falávamos se aproximou. Richard demonstrava desconforto, mas permaneceu ao meu lado.

— Olá, Juan! Você está sumido do Alvorada.

— Oi, Lia! Pois é, estou terminando o Curso de Sargentos. Assim que eu o concluir, terei mais tempo para ajudar. Lia, este é Richard, um jornalista que veio fazer reportagem sobre o nosso Projeto.

— Olá, Richard! Prazer! — a senhora estendeu a mão para Richard.

— Oi. Prazer — disse Richard com vergonha, mas recebeu o cumprimento com um sorriso tímido.

— Lia, você poderia contar a sua história para Richard. Acho que ele vai se interessar.

— Não é necessário, muito obrigado. Imagino que você esteja ocupada — falou Richard demonstrando que não queria ouvir.

— Claro que conto! Fique tranquilo que hoje estou de folga e não tenho pressa — de forma simpática respondeu Lia. — Vou resumir minha história. Eu e meu marido viemos da zona rural. Quando decidimos nos mudar para a cidade, foi um choque de cultura. Passamos por muitas dificuldades financeiras. Depois eu engravidei. Tive uma gestação complicada, e meu parto foi de risco. Após o nascimento do Gabriel, meu filho, o médico me disse que eu não poderia gerar outra criança. Meu marido era padeiro e começou a fazer pães por conta própria. Utilizamos o quintal da nossa casa para atender as encomendas. Eu fazia bolos para ajudar. Meu filho cresceu nos auxiliando também. Depois de um tempo, abrimos nossa padaria. Nosso próprio negócio. Gabriel já era adolescente e me ajudava no atendimento aos clientes. Na primeira semana, logo que inauguramos a padaria, sofremos um assalto. Um rapaz encapuzado apontou a arma para mim. Eu comecei a chorar. Meu filho não aguentou ver aquela situação, então ele reagiu. O criminoso atirou contra Gabriel. O assaltante pegou o dinheiro e saiu. Meu marido estava nos fundos da padaria, trabalhando. Quando ele chegou, viu-me ao chão com o nosso filho morrendo em meus braços.

— Eu... sinto muito... — disse Richard.

— Eu e meu marido ficamos traumatizados e vendemos todos os maquinários. Fechamos nossa padaria. Meu marido procurou

emprego em outra área. Eu não conseguia trabalhar, só ficava em casa pensando em Gabriel e como poderiam existir pessoas más como aquele bandido. Pessoas que querem retirar as coisas dos outros, coisas que custamos a conquistar. Mas o pior foi ter tirado o meu bem mais precioso: a vida de meu filho! — Lia só olhava para Richard. — Esse período de depressão durou dois anos até que, cansada de tanta tristeza, decidi mudar aquela situação. Eu sabia que não podia ter filhos e nem conseguiria trazer o meu Gabriel de volta, mas eu queria ter contato com crianças, então comecei a ajudar neste projeto social. Renovei minhas energias com a troca de carinho deste lugar! Sinceramente, por incrível que pareça, eu é quem sou ajudada quando venho aqui. Os sorrisos das crianças me trazem esperança. Há três anos, eu e meu marido retornamos com a ideia de ter um próprio negócio. Decidimos abrir uma loja de brinquedos. Todos os anos, desde então, fazemos uma campanha com nossos clientes para ganhar desconto ao doarem um brinquedo usado ou novo para o Projeto.

— Que bom que tudo deu certo! — falou Richard.

— Mamãe! Mamãe! — chamava uma menina que foi ao encontro de Lia. — Olha o desenho que fiz! — disse mostrando uma folha qualquer.

— Que lindo, Bia! Parabéns! — disse Lia para a menina. — Eu não terminei a história — falou para nós. — Esta é Beatriz, minha filha. Ela era uma das crianças órfãs do Projeto. Mesmo estando comigo, eu gosto de trazê-la aqui para reencontrar com os amiguinhos.

— Oi, Bia! — disse Richard.

— Olha meu desenho! É um sol amarelo! — a menina, com um lindo sorriso, mostrou-nos o desenho.

— Que desenho lindo, Bia! E foi você quem fez? — interagi com a criança.

— Sim! — ela respondeu e saiu correndo.

— Eu vou ter que retornar. Agora é hora de brincar e de fazer desenho com as crianças. Prazer em conhecê-lo, Richard. Visite-nos mais vezes.

— O prazer é todo meu, Lia. Pode deixar que retornarei! — sorriu Richard. Depois que Lia saiu, ele desfez o sorriso e falou para mim — Não precisava ter feito isso.

— Isso o quê?

— Eu vou embora. Estou atrasado. Tenho que redigir essa matéria ainda hoje. Muito obrigado pela entrevista — despediu-se de mim com um aperto de mão e se retirou.

Ele foi até Shanti chamar por ela. Reparei que ela e David trocaram contatos.

Instantes depois, brinquei um pouco com Pedrinho e com outras crianças. Eu e meus amigos almoçamos no Projeto. A comida estava deliciosa, como sempre.

Era hora de partir, e nós nos despedimos de todos, deixando o cumprimento a Dona Emma para o final, simplesmente porque o seu abraço era o mais gostoso e carinhoso.

Dentro do meu carro, meus amigos comentaram como foi ótima a visita. Matheus ficou encantado com o lugar. Disse que também gostaria de se tornar voluntário assim que concluísse o Curso de Sargentos. Emily falou que não conhecia aquela parte da cidade e disse que o lugar deixava o Projeto com uma aparência ainda mais angelical.

— E você David? — perguntei.

— Eu o quê? — David estava distraído no aparelho dele.

— O que achou do Projeto.

— Incrível! Incrível! Um belo trabalho que vocês fazem lá.

— Aposto que você está conversando com aquela jornalista, não é? — perguntou Emily.

— Talvez — David respondeu sorrindo.

— Está apaixonado! — disse Matheus, todos riram.

Ao chegarmos no bairro da Academia de Polícia, Matheus e David pediram para descer, pois eles iriam ao mercado fazer algumas compras. Estacionei o carro para eles descerem. Em seguida, continuei o trajeto. Emily, que estava ao meu lado no banco dianteiro, disse:

— Juan, eu gostaria de lhe fazer um convite.
— Pois não — eu continuei com o olhar na direção.
— Vamos sair qualquer dia? — em seguida, deu uma breve pausa antes de continuar a fala — Só nós dois?
— Só nós dois?! Mas... onde iríamos?
— Não sei. Talvez um bar.
— Eu não bebo bebida alcoólica.
— Tudo bem. Nós podemos beber um suco. O mais importante é a companhia, não é mesmo?
— Sim. Claro.
— Podemos ir a um restaurante também. Assim, a gente pode conversar mais à vontade. Não é mesmo?
— Isso — não virei o meu rosto em nenhum momento. Foquei a atenção na estrada.
— Ok. Então assim que tivermos outra oportunidade, a gente combina de sair. Mas só nós dois, certo?
— Certo.
Chegando próximo à Academia, Emily pediu para descer do carro. Ela iria ficar na casa de uma amiga. Antes de desembarcar, Emily despediu-se de mim com um beijo bem lento em meu rosto.

O QUE ESTÁ ACHANDO DO LIVRO?

PARA SABER MAIS SOBRE O LIVRO, ACESSE: WWW.GANDHOR.COM

COLABORE COM O AUTOR, FAÇA UM PIX. CHAVE PIX: helvister@yahoo.com.br

MUITO OBRIGADO! ESPERO QUE SUA LEITURA SEJA FANTÁSTICA!

CAPÍTULO 8

Desafetos e afetos



À noite, fui até a Intendência me equipar para assumir meu posto de sentinela. Em seguida, recebi orientações do fiscal da noite sobre em qual posto deveria montar guarda. Naquele dia, eu estava escalado para vigiar o Setor de Ensino, no prédio dos Soldados e Cabos, espaço em que ocorrem as aulas. Eu deveria ficar no térreo do prédio. Assim aconteceu.

Minha visibilidade era boa, uma vez que não havia paredes por ali. Apenas as colunas do edifício. Porém, longe do alcance das luzes dos refletores do térreo, só era possível vislumbrar as silhuetas de quem transitava no lugar. Eu precisava, de tempos em tempos, manter contato com outras sentinelas de setores vizinhos, para saber se estavam precisando de ajuda ou não. Eu andava de um lado para o outro, com um fuzil nas mãos, interrogando as pessoas que passavam por ali pedindo que se identificassem e explicassem o que faziam àquela hora naquele lugar.

— Ei! Militar! Identifique-se! — gritei a um militar que transitava por ali perto. Quando ele estava se aproximando, a luz do refletor revelou o rosto do indivíduo.

— Cabo-aluno Bob, senhor! Ao seu dispor! — a um passo de distância de mim e em posição de sentido, o militar respondeu.

Por um instante, eu continuei encarando o militar. Aquele rosto com sardas. Só podia ser ele! Ele demonstrava expressão de quem não estava compreendendo.

— Então é você! É você mesmo! — falei enquanto dava voltas em torno do militar, observando-o.

— Não estou entendendo, senhor — respondeu o militar ainda em posição de sentido, movendo apenas os olhos e a boca.

— Quem diria, não é mesmo? Depois de tanto tempo — parei em frente ao militar — Não se lembra de mim?

— Não, senhor.

— Tem certeza? Por isso, dizem que “quem bate não se lembra, mas quem apanha se lembra de quem bateu” — dei algumas risadas. — Confesso que estou bem diferente. Mas vamos refrescar a sua memória. Há seis anos, um recruta negro, alto e franzino utilizava um vestiário em que você e seu amigo faziam a segurança. Vocês perseguiram esse recruta durante quase todo o curso, e o humilhavam de muitas formas — percebi que o militar começava a ficar vermelho, o olhar perdido. — Uma vez, vocês o obrigaram a fazer vários exercícios, inutilmente, sob a chuva e em condições degradantes. No dia seguinte, o recruta foi internado com pneumonia. Agora, você se recorda quem era esse recruta?

— Sim, senhor. Era o senhor.

— Isso mesmo. Olhe para mim! — ordenei que o recruta me notasse. Ele levantou o olhar de forma constrangida. — Você quase destruiu o meu sonho de ser militar! Eu poderia ter perdido o curso se eu tivesse alguma complicação de saúde. Além disso, eu poderia ter morrido!

— Senhor, eu sinto...

— CALE-SE! — esbravejei. — Não o autorizei a falar!

— Desculpe, senhor.

— Olhe para mim! — ordenei novamente. — Após esse episódio, eu compreendi que sua ação era a de um racista! Você é um racista! Mas eu fui burro e não o denunciei na época — minha boca espumava de tanta raiva. — Para o chão! Pague cem flexões!

— Sim, senhor!

O militar demonstrava espanto. Mas acatou minhas ordens e começou a fazer as flexões.

— Quero ouvir você contando!

— Sete! Oito! Nove! Dez! — contava.

— Estique esses braços quando estiver em cima e quase encoste ao chão quando estiver embaixo!

Após a trigésima flexão, o militar diminuiu o ritmo da contagem, os movimentos do exercício também estavam lentos.

— Já está desistindo, militar? Que fraco é você. Continue! — eu ordenava em pé, diante do Cabo-aluno. Ele estava custando a fazer os movimentos até chegar ao ponto de encostar no chão e não conseguir se erguer.

— De pé! Trezentos polichinelos! Agora!

O militar levantou-se após o meu grito. Ele começou a fazer os exercícios. Novamente, os primeiros movimentos foram mais enérgicos. Depois de certa frequência, a cadência diminuiu. Nesse momento, fiquei atrás do militar falando próximo a seus ouvidos enquanto ele fazia os exercícios:

— Vou ficar observando seus movimentos constantemente, militar, qualquer deslize seu e eu irei puni-lo. Farei isso para você sentir o que eu senti!

— O que está havendo aqui?

Quando olhei para trás, fiquei quase sem palavras.

— Ca... Capitão Theo?!

— Vamos, respondam-me! O que está acontecendo aqui?

— Senhor, eu... esse militar... ele...

— Para de fazer polichinelos, militar! — ordenou ao Cabo-aluno que, mesmo diante da presença do Capitão Theo, continuava a fazer os exercícios.

— Senhor, esse militar me prejudicou no passado e...

— E agora que você é hierarquicamente superior, você está utilizando de sua posição para se vingar, não é?

— Não, senhor. Não é isso!

— Militar, você está dispensado! Pode ir — falou para o outro.

— Obrigado, senhor! — O Cabo-aluno Bob deu meia-volta e se retirou. Antes, lançou um olhar frio para mim.

— Continue, Sargento-aluno Juan, continue a se justificar sobre o que estava acontecendo aqui.

— Senhor, eu não estava me vingando. Eu estava fazendo justiça. Aquele militar me prejudicou no passado. Eu quase morri.

— E por que na época você não tomou providências?

— Eu era subordinado.

— Isso não justifica. Você não deve obedecer a ordens ilegais. Quando detectado algum abuso de poder, você deve denunciar no mesmo instante.

— Eu sei, senhor, mas eu não tinha muito conhecimento e achei melhor ignorar a situação e esquecê-la.

— Esquecê-la? Não parece que você se esqueceu da situação, parece que você ficou aguardando por muito tempo a oportunidade para se vingar. Juan, ouça-me, vingança e justiça não são as mesmas coisas. Agir como aquele militar agiu com você só fará com que a situação piore. Estar numa posição superior não significa que você pode fazer o que quiser com os seus subordinados. Pelo contrário, você precisa dar o exemplo! Se você está num patamar acima, quer dizer que você tem um grau de instrução mais amplo, e esse conhecimento deve ser usado para orientar e não para prejudicar. Se você acha que militarismo é subir na carreira para pisar nos outros, Juan, você não sabe o que é militarismo.

— Senhor, minha intenção não era a de prejudicar ninguém. Eu queria apenas que ele aprendesse a lição, que ele me respeitasse.

Eu encarava meu superior. Havia muita luz atrás dele. Mesmo estando sério comigo, o seu semblante indígena era simpático.

— Você quer ser respeitado por quem você é ou pela posição que você ocupa?

Abaixei a cabeça, envergonhado. Capitão Theo continuou:

— Você acha mesmo que aquele militar aprendeu a lição com

sua atitude ou você despertou nele ódio por você? Se você quer continuar a ser um militar, aprenda uma coisa: este mundo dá voltas. Em nossa instituição, poderemos trabalhar com qualquer um: um subordinado, um superior. Você não sabe se amanhã estará trabalhando com aquele militar que você se vingou. E o que vai acontecer depois? Como vocês vão confiar um no outro? Como vocês irão lidar em situações nas quais a sua vida estará nas mãos dele e vice-versa? Não seria muito melhor se vocês fossem camaradas? Esse exemplo que estou lhe dando sobre nossa instituição serve para o mundo. Todas as pessoas estão, de certa forma, “presas” neste planeta. Se você prejudicar alguém, amanhã é você quem estará sendo prejudicado. É a lei da ação e reação. Já ouviu falar? Trate as pessoas bem. Amanhã você pode estar na cama de um hospital precisando de atendimento, e o médico ou o enfermeiro podem ser alguém que você não goste ou que tenha preconceito. Reflita sobre isso. Essa será sua punição. Assim que puder, peça desculpas àquele militar.

— Sim, senhor. Obrigado, senhor!

— Continue seu trabalho e não se esqueça de refletir sobre tudo que lhe falei.

Capitão Theo despediu-se de mim. Assim que ele se foi, continuei o meu serviço e cumprindo minha punição a noite toda.

•••

No dia seguinte, tivemos aula de Educação Física pela manhã. Minha turma, Pelotão 16, deslocou-se até o ginásio poliesportivo. Estávamos com roupas adequadas para a atividade. Billy e Pietro diminuíram o contato comigo, com David, com Matheus e com Emily. Eles ficavam conversando mais com outros colegas nossos. Eu estava feliz por Billy, porque ele já não usava mais muletas e estava apenas com uma bota ortopédica igual à que Emily tinha usado.

A professora de Educação Física, Sargento Anna, era negra e possuía uma empolgação fora do comum. Ela passou alguns exercícios

de alongamento para fazermos. Teríamos corrida em seguida. Matheus foi ao meu encontro num canto da quadra.

— Olá, Juan! Acho que eu nem preciso ouvir pensamentos para saber que você teve uma péssima noite de serviço.

— Minha cara está tão ruim assim? — falei enquanto me alongava.

— Acontece que você está bocejando demais.

— Pois é, ocorreu uma situação durante o meu serviço e não consegui dormir durante o pouco tempo que tive para descansar. Mas eu prefiro contar em momento oportuno.

— Tudo bem. Sem problemas. Eu queria lhe dizer algo sobre aquele seu sonho — Matheus se contorcia para fazer alguns exercícios de alongamento também.

— Pode falar.

— Você, alguma vez, já pensou em se suicidar?

— O quê?! — eu havia acabado de me alongar tentando encostar meus dedos das mãos na ponta dos meus pés, então, retornei à posição ereta para ouvir o amigo.

— No seu sonho, o seu reflexo lhe ofereceu um desejo, e você pediu para nunca ter existido. Esse tipo de desejo é comum entre pessoas que pensam em se suicidar. Você costuma ter pensamentos suicidas? — Matheus também parou de se alongar.

— Não!

— Juan, pode ser sincero comigo.

— Não. Eu disse que não! E, por favor, não leia meus pensamentos.

— Não estou lendo, Juan. Agora eu estou conseguindo controlar esse meu dom. Por isso, vou respeitar a sua privacidade. Mas saiba, meu irmão, que estou aberto para ouvi-lo sempre que você quiser desabafar algo. Pode contar comigo!

— Agradeço muito, Matheus. Obrigado por me falar sobre o meu sonho.

— Não acabei. Tem mais!

— E o que é?

— No seu sonho, você se deparou com o seu reflexo em um espelho.

— Sim.

— Antes, você disse que ouviu uma voz dizendo: “Eu sou o teu pior inimigo”.

— E?

— Não é óbvio? Você mesmo é o seu pior inimigo!

— Como eu posso ser meu próprio inimigo?

— Não sei. Apenas acho que você mesmo deve descobrir.

— Como?

— Vamos ter que encerrar a conversa.

— Por quê?

— Emily está vindo e vai querer ter uma conversa a sós com você.

Do outro lado da quadra, Emily caminhava até a nossa direção com uma expressão alegre.

— Você está lendo o pensamento dela? Mas você não disse que está controlando esse seu dom?

— Às vezes — Matheus deu um sorriso sem graça para mim.

Emily chegou mais perto.

— Olá, meninos! — disse Emily quando chegou. Ela ajeitou a roupa de ginástica, o tênis, a bermuda e a camiseta.

— Oi! — Matheus e eu respondemos.

— Juan, posso conversar em particular com você? — perguntou Emily.

— Ok, entendi. Já estou saindo! — falou Matheus me abandonando.

— Juan, você quer sair comigo hoje à noite?

— Eu preciso ver minha escala de sentinela para saber se trabalho hoje ou não.

— Eu olhei no quadro de avisos. E você não vai trabalhar nesta noite.

— Ah! — fiquei surpreso — Então acho que podemos nos encontrar sim.

— Excelente! — respondeu Emily com um grande sorriso.

— Ei, vocês aí no canto da quadra! — gritou a Sargento Anna.
— Terminaram o alongamento? Agora, juntem-se a nós para começarmos a corrida!

Emily e eu obedecemos e fomos até o centro da quadra onde estava o restante do Pelotão 16. Organizamo-nos em três filas para começarmos a correr na pista do lado externo do ginásio. Depois do apito da Sargento Anna, que estava à frente, iniciamos a corrida. Enquanto fazíamos essa atividade, cantávamos canções militares.

Nós percorremos toda a extensão da Academia. Passamos por praticamente todos os setores, exceto aqueles que eram restritos.

••

Era sexta-feira. Os alunos que estavam de folga no final de semana saíam para aproveitar. Os que moravam na capital conseguiam visitar seus familiares. Aqueles que moravam em cidades mais distantes poderiam ficar na Academia ou na casa de amigos. Eu não tinha familiares para visitar. Também não tinha casa própria. Então, nas minhas folgas, eu dormia na Academia e costumava visitar o Projeto Alvorada. Além disso, para aproveitar o tempo, eu lia. Gostava dos livros de fantasia e de aventura.

Ao anoitecer, combinei de encontrar com Emily em frente ao prédio onde meu carro ficava. Lá estava ela. Nunca a vi daquele jeito. Usava um vestido vermelho, pernas à amostra. Os cabelos soltos. No meu carro, disse para Emily como ela estava bonita. Ela ficou com as bochechas avermelhadas e também me elogiou. Eu estava com uma camisa azul escura de mangas compridas, porém dobradas até a altura dos meus bíceps; e calça social preta.

Emily tinha uma sugestão de restaurante para irmos. Assim que estacionei o carro, entramos no lugar indicado. O restaurante ficava em um edifício. Ele tinha um salão descoberto com vista para um parque

que havia no centro da capital. O estabelecimento era uma grande varanda com luzes penduradas como se fossem varais. A noite estava quente. Clima agradável para ficarmos ao ar livre. Pedi suco de uva. Emily me acompanhou no pedido. Em seguida, pedimos a refeição principal.

Conversamos sobre a Academia — como era de se esperar. Falamos sobre o Curso de Sargentos, sobre a carreira militar. Descobri que ela tinha muitos parentes militares na família. O pai, a mãe, o irmão, alguns primos, alguns tios. Os avôs dela também eram militares.

— Era meu destino continuar na carreira da família.

— Que legal! Mas você sempre quis ser militar ou você se viu obrigada a dar continuidade ao legado de sua família?

— Eu sempre quis! Desde criança. Estudei em colégios militares e, quando revelei para minha família que era isso que eu queria, eles me fizeram a mesma pergunta que você. Acharam que eu poderia me sentir obrigada a seguir a carreira por causa de uma tradição familiar. Mas eu disse que era meu sonho. Quando eu passei no concurso, meu pai até chorou.

— Que graça!

— Foi muito emocionante!

Bebemos um pouco de nossos sucos. O silêncio foi quebrado com a pergunta de Emily:

— Você ainda acredita que não tem poderes paranormais?

— Eu? Eu não sou como você e o Matheus, Emily. Eu não ouço pensamentos, não converso com animais.

— Mas não existem apenas essas habilidades paranormais. Cada um pode desenvolver alguma habilidade diferente. Você, por exemplo, é muito forte!

— Não tem nada de paranormal na minha força. Eu apenas pratico muitos exercícios. E o que você quer dizer com relação à habilidade paranormal? Você acha que todas as pessoas podem desenvolver alguma?

— Não sei, Juan. Apenas acho que o mundo está ficando estranho.

— Como assim?

— Você não percebe? Não sente? Desde quando você conhece alguém telepata e, pouco tempo depois, você descobre uma pessoa que se comunica com os animais por meio de pensamentos? São coincidências? Coisas estranhas estão acontecendo com o mundo e com as pessoas, Juan. Não sei se com todas ou só com algumas, como eu havia lhe dito no acampamento na selva. E, por falar na selva, você acha que o animal que matou o Subtenente Fred era mesmo uma onça como disseram para nós?

— Não. Com certeza não.

— Está vendo! Até você concorda que existe algo de estranho acontecendo. Essas mudanças climáticas, essas guerras, pandemias...

— Emily, não exagere. As mudanças climáticas estão acontecendo por causa da poluição do meio ambiente, e as guerras e as pandemias sempre existiram.

— Eu sei. Mas, mais do que isso, está acontecendo algo muito além do que os nossos olhos veem. Juan, a onça com a qual consegui me comunicar na selva não se comunicava com palavras. Ela se comunicava com sensações. Eu apenas consegui decifrar em palavras o que ela estava tentando expressar. Havia algo de tenebroso naquela floresta.

— Recordei-me da sensação que tive na selva. Aquele calafrio assustador.

— A natureza é muito mais sábia que nós, Juan. A vegetação, os animais, todo o ecossistema. Eles possuem sentidos que não temos. Eles sabem o que está acontecendo com o planeta. Mas nós não enxergamos ou não queremos enxergar isso.

Eu bebi mais um pouco do suco. Minha amiga continuou:

— Lembra-se que comentei sobre o animal estar assustado conosco, porque pensou que fôssemos os seres estranhos que estavam acabando com a floresta e os animais?

— Sim. Pensamos que a onça estivesse falando sobre algum caçador.

— Exato. Mas acho que não. Acho que ela estava se referindo ao mesmo ser que atacou o Subtenente Fred.

— E que ser poderia ser?

— Talvez um ET.

— Bobagem! — ri.

— Você não acredita?

— Acredito em ETs. Mas não acho que eles atacam seres humanos.

— Tem razão. Mas podem existir seres extraterrestres que não são bons, que possuem a forma de monstros.

— E qual seria a relação desses extraterrestres com as mudanças que estão acontecendo e com as capacidades paranormais de algumas pessoas?

— É exatamente isso que eu gostaria de saber! Acho que tudo isso não pode ser apenas uma simples coincidência. Mas não consigo perceber uma ligação.

— De fato, Emily, é muito estranho que tudo isso esteja ocorrendo ao mesmo tempo.

— Enfim, eu andei pesquisando e descobri pessoas em outras partes do mundo que relatam situações como as que estamos vivenciando. Situações paranormais. Existe o depoimento de uma garota que conseguiu se teletransportar de um andar do prédio onde ela estava para outro andar!

— Teletransportar?! — fiquei espantado.

— Sim! E têm vários outros relatos de pessoas com mais de uma capacidade. Capacidades de vários tipos, como a minha, como a do Matheus e como a sua.

— Você ainda insiste que tenho capacidade?

— Ok. Não falo mais. Mas você tem certeza de que não sente nada de diferente em você?

— Não!

— Não pergunto apenas com relação à força. Pode ser algo diferente com relação a qualquer outro dom sobrenatural ou paranor-

mal. Percepções estranhas. Pressentimentos. Comigo percebo que, além do meu dom de conversar com os animais, eu também estou desenvolvendo outras habilidades.

— Como o quê?

— Eu estou conseguindo enxergar, a olho nu, imagens em infravermelho, ultravioleta e outras radiações.

— Uau! Isso é incrível, Emily! Quando começou a acontecer?

— Há alguns dias. Eu havia perdido o meu aparelho e consegui encontrá-lo debaixo de minha cama sem precisar ter que me abaixar para procurá-lo.

— Sensacional! Eu queria ter esse poder! Haha!

— Ainda estou tentando controlar isso. Com relação à telepatia com os animais, eu percebo que não só compreendo o que eles querem e sou compreendida, como também consigo manipulá-los com a força do pensamento.

— Como assim? — fiquei curioso.

— Eles fazem exatamente o que quero. Fiz algumas experiências com cachorros, gatos e até pássaros. Você quer uma demonstração?

— Aqui? Agora?

— Sim, por que não? Aguarde só um instante. — Emily acomodou-se na cadeira. Fechou os olhos como se comesse a dar início a uma sessão de meditação. — Tem uma coruja perto de nós.

— Sério? Adoro corujas! Onde ela está? — procurei em volta.

— Ela está nas árvores do parque em frente — falou ainda de olhos fechados.

Olhei para a direção do parque do outro lado da rua. Minha atenção estava voltada para as árvores de lá. Do escuro, entre as folhas, um ponto claro apareceu. Uma coruja voava em nossa direção. Ela se aproximou da sacada. Deu uma volta sobrevoando as cabeças dos clientes do restaurante até se abaixar e pousar na grade da varanda diante da mesa quadrada em que eu e Emily estávamos.

— Inacreditável! — exclamei. Todos do restaurante direcionavam o olhar para a coruja perto de nós.

— Ela não é linda? — falou Emily depois de abrir os olhos e passar a mão sobre a penugem da ave para lhe fazer carinho.

— Sim — respondi observando a coruja de penas brancas e beges — Como você faz para se comunicar com os animais?

— Eu sinto. Eu conecto a minha energia com a energia do animal. Tente! Se achar melhor, faça isso de olhos abertos.

Eu olhei para a coruja. Ela deixou de encarar Emily para me encarar. Parecia que percebia a minha intenção. Ergui minha mão para tentar acariciar a ave. Os olhos dela eram esbugalhados. Amarelos.

— Concentre-se! Sinta a energia. Coloque intenção no que você sente — disse Emily que deixara de fazer carinho na coruja para me dar orientações.

Meus dedos estavam bem perto da ave. Não desviei meu olhar. De repente, rememorei a sensação estranha da floresta. Em seguida, a coruja levantou voo e desapareceu de volta às árvores do parque.

— Acho que a assustei — falei me recompondo na cadeira.

— Não. Ela percebeu algo em você. Uma insegurança.

— Entendi... — com a saída da atração da noite, as pessoas voltaram a se concentrar em seus próprios quadrados. — Você não fica assustada com esses dons? — perguntei.

— Fiquei assustada no início. Mas, quando descobri que também existem outras pessoas com capacidades diferentes, fiquei mais tranquila. Não sei até quando gente como eu ficará com as habilidades escondidas, reprimidas, temendo ser descobertas. Tenho medo do que pode acontecer. Não acho que a humanidade está preparada para esse tipo de coisa.

— O que você acha que pode acontecer?

— Imagine o que aconteceria se alguém de má índole desenvolvesse uma dessas capacidades?

— Isso seria terrível.

— Exatamente isso que eu temo. Ficar me escondendo dos outros, sem poder revelar quem eu verdadeiramente sou, não é nada bom — eu começava a compreender o que Emily sentia — Mas isso é melhor do que presenciar pessoas com habilidades parecidas usando esses dons para coisas ruins.

— Não revelar para os outros quem você é só porque você é considerada “diferente”, de fato, é ruim. Eu sei o que é isso. Imagino o quanto você deve estar sofrendo.

— Fico feliz por poder contar com a sua confiança, Juan.

— Pode contar sempre — respondi. Sorrimos um para o outro. Senti meu rosto se esquentar.

— Eu me preocupo que criminosos utilizem essas capacidades para o mal, fazendo com que as pessoas generalizem e pensem que todos aqueles com dons paranormais sejam bandidos. Isso seria horrível!

— Não vamos criar preocupações desnecessárias. Vamos nos preocupar com um dia de cada vez — tornei a beber mais um pouco do suco e levei a mão à mesa para colocar a taça de volta. — Acho você uma pessoa incrível, Emily. Você é muito sábia, importa-se com a natureza, com as questões sociais.

— Você também é tudo isso e muito mais, Juan — Emily pegou em minha mão. Estávamos de frente um para o outro. Fiquei observando a mão dela. Ela usava um esmalte vermelho. — Você é diferente de todos os rapazes que conheço. Existe algo em você que é muito peculiar, muito especial! Amei ter visto você interagindo com aquelas crianças no Projeto. Achei admirável. Também admiro a sua forma justa de trabalhar.

— Obrigado — eu não sabia o que dizer. Voltei meu olhar para ela.

— Juan, eu gostaria de lhe pedir algo.

— O que é? — eu engoli saliva imaginando o que seria esse “algo”.

— Sei que geralmente esse pedido é feito pelos homens, mas nós estamos em tempos mais que modernos, por isso, não me envergonho de tomar essa iniciativa. Juan... aceita namorar comigo?

Era o que eu temia. Eu olhei para todos os lados e percebi que em todas as outras mesas quadradas havia apenas casais. Com meus olhos encontrando com os de Emily, respondi:

— Emily, seria maravilhoso namorar com você. Você, além de bela, é incrível! A mulher que todo homem sonharia ter. Mas, como você mesma disse, eu não sou como os outros rapazes. Eu... eu tenho problemas em me relacionar. Já tive outros relacionamentos que não deram certo e cheguei à conclusão de que preciso ficar sozinho.

— Dê uma chance para nós!

— Sinto muito. Mas não vejo nenhuma chance entre nós que não seja uma linda amizade.

Senti a mão de Emily deslizar vagarosamente sobre a minha. Em seguida, ela não me olhou mais. Tomou o resto do suco que havia em sua taça.

— Desculpe-me, Juan, mas acho que não vou conseguir esperar nosso pedido chegar. Eu não estou muito bem. Acho que vou embora.

— Você tem certeza?

— Sim! Tenho! Peça para cancelarem o nosso pedido. Está demorando demais. Obrigada pela companhia nesta noite — ela se levantou. Levantei-me da mesa também.

— Vou levá-la de volta.

— Não, não se incomode! Minha amiga mora aqui perto do restaurante. Vou dormir na casa dela.

Cancelei o pedido. Paguei a conta. Acompanhei Emily até a saída do restaurante. Despedimo-nos com um abraço.

De volta ao carro, ao som de uma música melancólica, eu me culpavapelo que havia feito com Emily. Eu não queria aceitar aquela situação. Mas, para evitar qualquer frustração dela ou minha no futuro, achei que foi a melhor decisão.

Ao parar em frente ao prédio onde eu iria entrar, meu aparelho tocou. Olhei para meu pulso, onde o dispositivo eletrônico estava. Não havia identificação na tela. Não sabia quem era, mas atendi assim mesmo.

— Juan? Olá, Juan! Sou eu, o Richard! Tudo bem?

— Olá, Richard! Tudo bem sim, e você?

— Estou entrando em contato para lhe dizer que a matéria sobre o Projeto Social Alvorada sairá na revista na próxima segunda-feira.

— Que ótimo! Obrigado por ter me avisado.

— Por nada! Também queria aproveitar para lhe fazer um convite.

— Pode falar.

— Queria convidá-lo para sair. Conheço um ótimo bar com danceteria. A comida de lá é excelente! Além disso, podemos assistir às apresentações de dança.

— Mas é muito longe?

— Não, não é! Fica perto de onde moro, no centro da capital. Você pode, inclusive, deixar seu carro na garagem do meu prédio, se quiser.

— Não sei se vou.

— Vamos! Você vai gostar! Se estiver ruim, a gente vai embora e podemos ir a outro lugar. Vamos! Imagino que você trabalha muito. Merece descansar um pouco, divertir, esquecer os problemas. Não é?

— Sim. É verdade.

— Então combinado! Vou lhe passar o endereço e o aguardo daqui a pouco.

Não guardei meu carro. Fui até o endereço enviado.

— O que eu estou fazendo? — no caminho, eu conversava comigo mesmo dentro do veículo — Não sou gay! Não sou gay! Então por que terei um encontro com esse rapaz? Mas é só um encontro. Não quer dizer nada. Não vamos fazer nada! Só um encontro entre amigos. É normal dois amigos saírem para se divertir. O problema é que ele é gay... E qual é o problema em ter um amigo gay? Eu acho que não vou. Mas estou quase chegando ao endereço. Para dizer a verdade, acho que cheguei.

Richard morava em um dos edifícios mais altos de um bairro nobre. Era um prédio com vidros espelhados. Na portaria, o funcionário do prédio já sabia quem eu era quando me identifiquei, então ele autorizou

minha entrada. Depois que guardei o carro, fiquei esperando Richard no hall. Quando ele apareceu, impressionei-me! Ele estava muito bem-vestido, diferente das outras vezes em que o vi com roupas mais simples e mais discretas. Ele estava com uma calça azul-claro muito justa e uma camiseta de estampas coloridas que deixava um pouco do tórax à mostra.

O lugar que estávamos indo era situado, segundo Richard, a dois quarteirões de distância. Fomos a pé.

— Nem acredito que você veio — disse Richard não conseguindo parar de sorrir.

— Saiba que eu também não! — falei enquanto andávamos.

— Haha! — rimos juntos.

Chegando em frente ao local, havia luzes de neon na portaria e um letreiro “Night Dance” sobre a pequena entrada que dava acesso a um corredor comprido. Pagamos para entrar. No final da galeria comprida, um grande salão. A pista de dança era no andar de baixo. O andar de cima, onde estávamos, contornava o centro do lugar. Muitas luzes coloridas piscando e se movimentando. Pessoas circulando com taças na mão, outras dançando próximo à grade do mezanino. Música agitada. Era mesmo um ambiente de danceteria.

— Por aqui! — disse Richard ao meu ouvido. A música ambiente estava alta, depois pegou no meu braço para me conduzir. Eu soltei, mas ele não se importou com minha reação e continuava a me chamar.

Percebi que alguns homens no lugar me encaravam. Um, inclusive, piscou para mim. Olhei para outra direção na mesma hora. Chegamos a um local mais afastado do movimento de pessoas circulando. Havia mesas ali. Várias delas estavam ocupadas por casais. Aparentemente, todos casais homossexuais.

— Vamos nos assentar aqui — disse Richard falando em tom normal. A música ali já não estava tão alta.

Sentei-me.

Aproximou-se de nós uma travesti usando um avental preto com babados brancos. Ela disse:

— Boa noite, rapazes. Aqui está o cardápio. Fiquem à vontade para escolher o pedido de vocês. Meu nome é Lola e estou à disposição para o que precisarem.

— Eu já quero pedir uma bebida! — disse Richard fazendo o pedido sem abrir o cardápio.

— Tudo bem, querido. O que você deseja? — disse Lola.

— Um whiskey — respondeu Richard.

— E você, querido? O que vai querer? — Lola perguntou para mim.

— Tem suco natural?

— Suco?! Sim, acho que temos limão.

— Quero um suco de limão, por favor — pedi.

— Então vou querer um suco de limão no lugar do whiskey, por favor.

— Ok, meninos! Vou trazer as bebidas de vocês.

— Como você consegue ser tão certinho? — perguntou-me Richard quando Lola se retirou.

— Você está falando sobre o meu pedido? Eu não bebo bebida alcoólica.

— Você me surpreende a cada encontro! — disse Richard me observando analisar o local. Eu não parava de olhar para todos os lados. — O que achou daqui?

— Você não me disse que seria uma danceteria gay.

— Não, não disse. Fiquei com receio de você se recusar. Geralmente, homens como você demoram a se revelar.

— “Se revelar”? O que você está querendo dizer?

— Você é gay. Não?

— Não! Não sou. Eu só estou saindo com você para... para sermos amigos. Ou você está com outras intenções?

— Eu?! Não! Imagina! Eu o convidei para conhecê-lo melhor. E, talvez se gostássemos um do outro, então...

— Então o quê?

— Vamos falar sobre outras coisas, não é mesmo?

— Acho melhor!

O clima não estava bom, mas Richard soube ser simpático e quebrar um pouco da rigidez de meu rosto. Falamos sobre antigos relacionamentos. Contei para ele que eu tive duas namoradas. Uma na adolescência e uma assim que ingressei na polícia. Meu último relacionamento havia acabado há dois anos.

— E, depois disso, você não namorou mais ninguém?

— Não.

— E não sente falta de namorar?

— Eu não tenho pressa para encontrar alguém. Sei que a mulher da minha vida vai aparecer.

— “Mulher”. Compreendo — Richard tomou um pouco do suco que havia chegado.

Eu não gostei do comentário dele. Soou sarcástico. Ele percebeu e continuou a conversar comigo. Ele me contou que estava finalizando o curso de Jornalismo. Eu disse que também estava finalizando o meu Curso de Sargentos. Assim, um convidou o outro para suas respectivas formaturas. Ademais, falei a respeito da minha tese de doutorado. Richard queria saber sobre do que se tratava. Contei que envolvia o Projeto Alvorada.

Tomamos nossa bebida, comemos alguns salgados.

— Vamos dançar! — disse Richard se levantando e me chamando para a pista de dança.

— Dançar? Não. Eu não sei dançar.

— Eu ensino! Vamos!

Acompanhei-o até a pista de dança no andar de baixo. Havia muitas pessoas dançando próximo uma das outras. Eu tentei fazer alguns passos. Richard me mostrou como se fazia. Tentei copiá-lo, mas eu sabia que não estava legal. Eu ficava muito desengonçado dançando.

— Tente não ficar com as pernas rígidas — ele chiou no meu ombro. A boca dele ficou bem perto do meu rosto.

Tentei fazer o que ele pedia. Parecia que havia melhorado. Ele fez um gesto confirmando que melhorei.

— Oi! Você é solteiro? — alguém sussurrou em meu ouvido.

Era um rapaz alto, estava vestido com uma camisa tão apertada que parecia que seus músculos iriam rasgá-la. Fiquei surpreso. Não estava aguardando alguém me fazer aquela pergunta. Afastei-me dele e esbarrei em um casal de lésbicas que estavam se beijando. Elas nem se importaram e continuaram a se beijar.

— Juan, aonde você vai? — perguntou Richard quando me viu sair.

Eu não respondi e continuei andando. Richard me seguia.

Tive dificuldades em encontrar espaço para passar entre as pessoas. Muitos homens me encaravam com uma expressão que me constrangia. Eu estava doido para sair daquele ambiente. Não estava me sentindo bem. Por onde eu olhava, havia alguém me observando. Finalmente cheguei até o corredor por onde entrei. Richard apareceu em seguida.

— Juan! Aonde você vai?

— Não quero ficar nesse lugar!

— Mas o que aconteceu? — Richard tentava acompanhar meus passos. Eu continuava a caminhar até a saída.

— Não estou me sentindo bem. Só isso!

— Vamos para outro lugar então.

— Não! Eu vou embora. Amanhã tenho que trabalhar em mais um turno de sentinela.

Saímos da danceteria. Seguimos de volta ao prédio de Richard. Eu continuava a caminhar apressadamente.

— Juan, espere! Espere! — Richard pegou o meu braço e me puxou para trás. Parei de andar e me virei. — O que está acontecendo? Juan, você está chorando?!

— Não! — enxuguei minhas lágrimas. — Meus olhos ficaram irritados com as luzes daquele lugar.

— Juan, por favor, confie em mim! Diga-me o que você está sentindo! — Richard ficou segurando minhas mãos.

— Esse é o problema, eu não sei o que está acontecendo comigo — abaixei a cabeça.

Richard me deu um abraço. Aceitei. Ficamos abraçados por um longo tempo. Jamais pensei que poderia ficar abraçado a um homem daquela maneira. Era possível, inclusive, sentir o coração de Richard bater. Quando estávamos desfazendo o abraço, nossos rostos se encostaram. Nossas bocas se aproximaram. Eu olhei para os olhos dele e depois para os lábios. Ele fez a mesma coisa comigo. Um carro passou do nosso lado. Então lembrei que estávamos em via pública. Afastei-me dele.

— Preciso pegar meu carro!

— Tudo bem.

Retornei ao prédio de Richard. Ele perguntou se eu gostaria de dormir no seu apartamento naquela noite. Recusei. Na despedida, Richard demonstrou que iria me dar outro abraço, mas eu estiquei o meu braço para um aperto de mão. Esse foi o único gesto de despedida. Richard se aproximou da janela do meu carro quando eu estava prestes a sair da garagem.

— Quando você quiser desabafar, saiba que estarei de braços abertos para ajudá-lo.

— Obrigado. Boa noite!

Saí.

Fiquei o observando pelo retrovisor.

**COLABORE COM O AUTOR, FAÇA UM PIX.
CHAVE PIX: helvister@yahoo.com.br**

**MUITO OBRIGADO! ESPERO QUE SUA
LEITURA SEJA FANTÁSTICA!**

WWW.GANDHOR.COM

CAPÍTULO 9

Coisas estranhas



Meu turno de sentinela na noite seguinte foi em dupla. Eu estava com Gustavo. Ele evitava me encarar e ficar perto de mim. Ainda estava traumatizado com o que acontecera na noite do meu sonambulismo. A quietude entre nós era quebrada somente pelos sons dos grilos. Estávamos de sentinela no setor onde aconteciam as aulas de Educação Física. Transitávamos entre o campo gramado e o ginásio poliesportivo.

O turno estava tranquilo. A noite agradável. Eu não deveria me distrair, mas fiquei pensando na noite anterior. Por um centímetro, ou talvez menos, meus lábios não haviam se encostado aos de Richard. Fiquei imaginando o que aconteceria se estivessem se tocado. Eu teria beijado um homem! Que horror!

Eu conversava mentalmente comigo, afirmando que não deveria ficar imaginando essa cena. Não deveria.

— Então, por que eu quase deixei isso acontecer? Será que eu estava gostando daquele cara? O que é que eu estou pensando? Não posso pensar nessas coisas. Ainda mais eu, um policial militar! Ser gay não combina com ser militar. Não posso ser as duas coisas. Ninguém permitiria isso. Essa sensação de me sentir atraído por pessoas do mesmo sexo está me perseguindo! Sinceramente, acho que sempre me perseguiu e agora está cada vez mais intensa.

Lembrei-me de quando eu e meu irmão, Jeferson, éramos adolescentes. Um dia acordei com as suas gargalhadas. Perguntei o que tinha acontecido. Ele disse que eu estava falando enquanto dormia e,

em determinado momento do meu sono, eu disse que estava apaixonado por Anderson. Anderson era um garoto da minha escola. Meu irmão sabia quem era.

Depois disso, Jeferson me perseguia fazendo gozações e me chamando de gay, bicha, veado... Com raiva e para provar que não era gay, eu comecei a me relacionar com várias garotas.

— Eu não sou gay! Eu preciso fazer algo para não deixar qualquer sentimento homossexual invadir minha mente. Acho que sei o que fazer. Não vou mais me encontrar com aquele Richard! — Olhei para Gustavo. Será que ele lê pensamentos como Matheus? — balbuciei baixinho, observando os movimentos dele. Logo voltei à minha conversa mental. Se for assim, ele deve estar sabendo tudo a meu respeito. Mas acho que não. Ele continua concentrado observando o campo. Acho que estou começando a ficar doido. Somente Matheus sabe sobre mim. Eu preciso não pensar mais nisso. Preciso não imaginar o que aconteceria se mais alguém soubesse que eu estou sentindo esse tipo de atração.

— Gustavo! — chamei tentando iniciar uma conversa com o colega. Eu queria fugir daquele conflito interno.

Gustavo não disse nada, ficou quieto. Aproximei-me dele.

— Gustavo, você ainda está assustado com aquela situação sobre o meu sonambulismo?

— Como não estaria? — respondeu meu colega virando-se apenas um pouco para falar comigo.

— Matheus me contou que conversou com você. Ele lhe disse sobre alucinações e delírios, não foi?

— Sim, ele falou.

— E você acha que foi o que aconteceu com você?

— Pode ser. Mas eu sei o que eu vi — ele virou-se por completo. — Se foi alucinação ou não, era muito real. Não era para você estar vivo, Juan. De qualquer maneira, eu tento me convencer que foi mesmo uma alucinação. Ninguém acreditaria na minha versão.

— Pois é. Até porque, se eu tivesse mesmo caído daquela altura, eu poderia estar morto, como você mesmo está falando. Mas não estou.

— Na dúvida, eu prefiro não ficar perto de você.

— Por quê?

— Eu não sei o que você é. Se você é um tipo de bruxo, de demônio.

— Haha! — dei algumas gargalhadas. — Gustavo! Não me diga que você acredita nessas coisas.

— Eu não sei. Mas você não é normal! Você é estranho.

A frase do meu companheiro de serviço soou como um tapa em meu rosto. Já senti outras vezes aquela sensação que penetrava em mim. A sensação de exclusão, de discriminação, de indiferença. Comecei a sentir uma tristeza profunda. Recordei-me de outras ocasiões quando sofri diversos preconceitos por ser... diferente.

— Socorro! Socorro!

— O que foi isso? — falei.

— Isso o quê? — perguntou Gustavo.

— Esses gritos de socorro. Você não está ouvindo?

— Não.

— Socorro!

— Escute! Novamente! Você ouviu dessa vez?

— Não estou ouvindo nada além dos grilos, Juan.

— Socorro!

Quando ouvi os pedidos de socorro de novo, olhei para Gustavo. Ele realmente parecia não ouvir nada, então falou:

— Eu não lhe disse? Você é estranho, Juan.

— Eu estou brincando, Gustavo! É claro que não estou ouvindo nada. Falei isso só para brincar com você e deixar o clima mais descontraído — eu menti.

— Não precisa deixar o clima descontraído. Só precisamos fazer o nosso trabalho. Cada um em sua função. Conversar somente em caso de necessidade.

— Ok — voltei para o canto onde eu estava.

Eu realmente tinha escutado gritos de socorro. Mas não sei por que Gustavo não ouvia. Fiquei atento a todos os ruídos. Não ouvi mais nada. Se eu escutasse novamente, o que eu poderia fazer? Gustavo não iria acreditar em mim e confirmaria suas suspeitas de que eu realmente era estranho.

O que será que estava acontecendo comigo? Será que eu realmente estava ficando doido e ouvindo vozes? Só sei que aqueles chamados de socorro substituíram Richard em meus pensamentos. Eram chamados estranhos. A voz parecia ser de uma mulher. Provavelmente, eu estava ficando louco. Não tinha outra explicação.

Passei o turno todo sem ouvir mais nada: nem a voz de Gustavo e nem os pedidos de socorro. O fim do expediente finalmente havia chegado. Enfim, voltei para o meu quarto. Estava vazio. Todos curtiam o final de semana fora da Academia. Consegui dormir.

..

No dia seguinte, à tarde, meus colegas voltavam para passar a noite de domingo na Academia e iniciar mais uma semana militar. Fui ao dormitório de Matheus e David. Eles estavam sentados na beirada das camas com Pietro, Billy e Ren, um colega de curso que tinha traços orientais.

— Olha quem chegou! — falou Pietro.

— Estávamos falando de você, Juan — disse David.

— E sobre o que falavam de mim? — perguntei. Reparei a perna de Billy, ele não usava mais a bota ortopédica. — Sua perna, Billy! Você está melhor?

— Sim. Ficarei com cicatrizes e um pouco de falta de sensibilidade, mas nada que me prejudique andar e fazer alguns exercícios — respondeu Billy.

— Que ótimo! — comentei.

— Sobre você, estávamos querendo que se juntasse a nós para montarmos uma república após o final do curso — contou David.

— Uma república? — perguntei.

— Sim. Queremos morar em um mesmo apartamento para dividirmos as despesas. Assim, conseguiremos economizar para depois cada um seguir seu caminho em outro lugar — falou Ren.

— Legal! Eu aceito sim — concordei.

— Perfeito! — exclamou David. — Eu posso procurar por apartamentos. Conheço vários corretores de imóveis. Mas queria saber se vocês terão alguma exigência.

— Tem que ter um quarto para cada um! — disse Pietro.

— Sim e, se possível, um banheiro em cada quarto — acrescentou Billy.

— Ok, vou anotar aqui — David estava anotando em seu aparelho. — Apartamento com seis quartos com um banheiro em cada um.

— A localização deve ser na região central — Matheus disse.

— Certo, vou anotar também — afirmou David.

— Cozinha e sala grandes. E nada de bagunça!

— Isso a gente pensa depois, Ren — falou Pietro.

— Sim, esses detalhes entrarão nas regras da república, como, por exemplo, se vamos aceitar que a namorada ou o namorado de cada um possa frequentar a república livremente.

— Hahaha! — Pietro deu gargalhadas.

— O que falei de tão engraçado, Pietro? — perguntou David.

— “Namorada ou namorado”! Você só pode estar brincando, não é, David? É claro que se tratando de nós seis, com certeza, levaremos NAMORADAS para a república. Ninguém aqui é gay. Ou tem algum gay entre nós e eu não sabia?

— Se tiver, qual é o problema, Pietro? — falou David.

— Qual é o problema?! O problema é que eu jamais dividiria uma casa com um gay!

— Eu também não! — disse Billy. — Imagine se ele começar a me assediar?

— E por que você acha que alguém entre nós faria isso? — perguntou Matheus.

— Gays são pervertidos, maníacos, psicopatas! Eles são obras do demônio! Eu não fico à vontade em um lugar onde tem gay — falou Billy.

— Eu tenho um primo gay e ele não é assim! — disse David.

— Coitados dos seus tios. Imagina ter um filho gay? Eu preferia que ele morresse ou que fosse bandido! — Pietro disse.

— Pessoal, vamos ser sinceros! — Ren falou. — A sociedade finge suportar os gays, porque não tem coragem de dizer que não gosta deles.

— Gays deveriam ficar isolados numa ilha só para eles! E, para ficar melhor, um meteoro deveria cair lá e destruir todos! — Pietro disse.

— Haha! — Pietro, Billy e Ren começaram a rir.

— Querem saber? Minha exigência para dividir um apartamento é não morar com pessoas preconceituosas como vocês! Estou fora! — David diminuiu o tamanho do aparelho, colocou de volta no pulso e saiu do quarto.

— Eu também! Não contem comigo! — Matheus também estava se retirando, mas antes continuou a falar. — Torçam para que um dia vocês não precisem de alguém que, porventura, seja gay!

— Prefiro morrer! — falou Pietro olhando com expressão de raiva para Matheus, que saiu do quarto balançando a cabeça, demonstrando espanto e decepção com a frase do colega.

— Eu Aposto que eles quem são as bichas do grupo! — Pietro continuou a falar após a saída de Matheus. — Então, vamos continuar a montar a república somente com nós quatro.

Eu permaneci no quarto com uma vontade imensa de sair daquela situação e também dizer que não dividiria apartamento com eles. No entanto, continuei para que não desconfiassem de mim. Eu não sei se consegui disfarçar que eu não estava me sentindo bem. Tudo que eu acabara de ouvir era como se fosse uma dose de veneno que trazia efeitos colaterais. Suei, tremi um pouco. Para disfarçar, eu ria

com as piadas sem graça deles. Mas minha risada era muito forçada. Acabei aceitando todas as propostas deles com relação ao apartamento. A verdade era que eu nem conseguia prestar atenção no que diziam.

Após aquela conversa desagradável e tóxica, fui para o meu dormitório. Queria ter encontrado com Matheus e David. Queria me desabafar com eles. Mas pensei que fosse melhor não falar com ninguém. Eu pensava comigo mesmo: “Não tenho que me sentir ofendido com o que Pietro e os outros disseram. Eu não sou gay. Se estou sentindo algum tipo de atração por aquele Richard é porque não me relaciono com ninguém há muito tempo. Talvez eu deveria dar uma chance para Emily. Acho que ela me fará esquecer esses pensamentos terríveis. Amanhã entrarei em contato com Richard e vou pedir que ele nunca mais me procure. Preciso esquecê-lo e esquecer essa sensação de atração por pessoas do mesmo sexo!”

Durante a madrugada, tive um sonho. Sonhei com Richard. Estávamos juntos. Muito juntos... Acordei não acreditando no que eu tinha sonhado. Precisei levantar rápido e ir ao banheiro para tomar banho. Antes de sair do quarto, peguei minha toalha e minha cadeira de plástico, um suporte que, às vezes, uso no banho quando preciso retirar minha prótese.

O banheiro era um daqueles tipos de sanitários coletivos, grandes, com vários boxes. Não acendi a luz para evitar que alguém fosse me perturbar. A noite estava clara. Através das vidraças, as luzes do luar iluminavam o suficiente. Pendurei minha toalha na porta do box. Dentro dele, coloquei minha cadeira. Retirei minha perna mecânica, e a deixei encostada do lado de fora. Sentei na cadeira e comecei meu banho. Um banho de sentimentos corrosivos.

“Gays são pervertidos, maníacos, psicopatas! Eles são obras do demônio!”, “Imagine ter um filho gay? Eu preferia que ele morresse, ou que fosse bandido”, “A sociedade finge suportar os gays, porque não tem coragem de dizer que não gosta deles”, “Gays deveriam ficar isolados numa ilha só para eles!”.

Como não ficar com essas frases na cabeça?

— Eu não sou assim! Eu não sou gay! — falei baixinho apoiando minhas mãos na parede. Eu entrevia o ralo do banheiro com a cabeça abaixada enquanto minhas lágrimas se misturavam à água que caía do chuveiro. Desliguei o chuveiro. Enxuguei-me. Decidi parar de chorar. Coloquei a minha perna mecânica de volta. Enrolei a toalha em minha cintura. Fui até a direção de um dos espelhos que ficavam em frente a uma das várias pias do lugar.

Olhei para meu reflexo. Lembrei-me daquele sonho que contei para Matheus.

— Eu desejo... eu desejo não existir! — pronunciei essas palavras.

O que aconteceu depois me assustou. O espelho trincou! Em seguida, estilhaçou caindo ao chão. Igual ao meu sonho!

Fiquei imóvel vendo os cacos de vidro espalhados pela pia e em parte do chão. Ouvi passos se aproximarem.

— Quem está aí? — perguntou alguém acendendo a luz. Posteriormente, a pessoa entrou. Era Fernando, um sargento-aluno. Ele estava de vigia naquela noite. — Juan?! O que houve?

— Boa noite, Fernando. Eu fui tomar banho, então... eu. escorreguei e me apoiei no espelho, então ele quebrou.

— E você se cortou?

— Não. Eu tive sorte.

— Mas por que você quis tomar banho em uma hora dessas e com a luz apagada?

— Eu queria relaxar para dormir melhor. Não acendi a luz para não chamar a atenção.

— Mas acabou chamando! Eu terei que contar essa situação no relatório do meu turno.

— Ok. Sem problemas. Eu vou pagar pelo prejuízo.

Limpei o estrago que fiz. Nem preciso dizer que não consegui dormir o restante daquela noite.

O alvorecer seguinte foi agitado. Todos os sargentos-alunos iniciavam os ensaios para a formatura. Estávamos ensaiando movimentos para o desfile cívico-militar que aconteceria na cerimônia. Todos precisavam estar com os passos sincronizados. No entanto, eu estava muito desconcentrado.

— Juan! Preste atenção! Você está errando muito hoje! — disse Emily em voz baixa para que nenhum superior nos ouvisse conversar enquanto ensaiávamos.

— Sim. Desculpe-me — respondi à amiga, que estava na fileira ao meu lado.

— Marcar passo! — Tenente Sarah gritava para toda a tropa dando as coordenadas dos dispositivos que precisávamos executar.

No vai e vem de fileiras, umas marchando para a direita, outras para a esquerda, outras para frente, outras fazendo meias-voltas, eu acabei ficando em uma ponta voltada para fora do pátio. Minha fileira ficou marcando passo, ou seja, marchando sem sair do lugar. Percebi alguns militares em minha frente. Eles estavam auxiliando na organização.

Olhei melhor. O militar que estava a quatro passos de mim era Bob, o cabo-aluno que me prejudicou no passado. Ele estava sorrindo para mim, mas não era um sorriso de cumprimento, era um sorriso diferente. Um sorriso maligno. O olhar dele não me transmitia uma sensação boa. Ele parecia querer dizer algo com aquela expressão. Não podíamos falar nada naquele momento.

— Esquerda, volver! — comandava Tenente Sarah, e todos a obedeceram. — Em frente! — todos marcharam para frente.

Não vi mais o Bob. Fiquei com a expressão dele em minha mente.

De súbito, um tremor no solo. Isso fez com que eu e todos interrompêssemos a marcha. Tenente Sarah, do alto do palanque, pa-

recia querer chamar a atenção da tropa por termos parado. No entanto, ela se calou. Todos os militares no pátio calaram-se. Apenas observávamos, assustados, o que estava acontecendo.

Outro tremor no solo. As hastes das bandeiras balançaram, assim como a tenda do palanque. Alguns automóveis que estavam no estacionamento, localizado ao lado do grande pátio, tiveram seus alarmes disparados. Os olhares apreensivos de todos não paravam de percorrer em todas as direções. Os abalos sísmicos duraram cerca de um minuto. Não foram fortes, mas o suficiente para causar espanto.

O mais estranho era o fato de que aquela cidade nunca havia registrado um tremor no solo até aquela data. Não era algo comum. Os ensaios foram cancelados. Ficamos aguardando no centro do campo gramado da Academia alguma decisão da Comandante da Polícia, senhora Coronel Luísa, sobre os procedimentos seguintes.

Especialistas no assunto de abalos sísmicos, sismólogos, divulgaram uma nota oficial à imprensa. Eles disseram que investigariam o que poderia ter provocado o tremor, e disseram que a população da capital e das cidades circunvizinhas, que também sentiram oscilações, poderia ficar tranquila e retornar às suas rotinas normalmente.

Com tudo normalizado, à tarde, o Pelotão 16 teve aula de Armamento. Fomos até o estande de tiro que ficava num setor próximo à Intendência.

No deslocamento, eu havia recebido uma mensagem de texto de Richard em meu aparelho. Antes de abrir a mensagem, olhei para os lados para conferir se não havia ninguém por perto. A mensagem dizia: “Olá, Juan! Estou escrevendo para dizer que não consigo parar de pensar em você. Sinto que você quer desabafar. Como eu disse, estou à disposição sempre que precisar. O que você acha de sairmos mais uma vez? Abraços!”.

Respirei profundamente. Não compreendia o que estava acontecendo comigo. Sentia raiva de Richard, mas no fundo eu gostei de ter recebido a mensagem. Eu não quis respondê-lo.

O estande de tiro era um grande galpão, comprido e largo, com várias seções. Em cada uma, havia vários corredores. Em um lado da ponta dos corredores, ficavam os alvos, que eram placas com o desenho de uma sombra de um agressor qualquer e armado; na outra ponta, havia os boxes, nos quais os atiradores ficavam. Eu estava em um deles.

Terminada a sessão de tiros, as placas foram movimentadas até nós para que verificássemos cada disparo. Percebi que todos os meus tiros estavam longe do centro da figura.

— Concentre-se mais, Juan. Você já foi muito melhor que isso! — disse o Sargento Breno quando passou pelo meu box para conferir meu desempenho. Eu retirei os óculos de proteção e o abafador de som para prestar atenção nas orientações do professor.

— Além de não ter acertado nenhum tiro no centro, pela quantidade de perfurações, você deixou um tiro escapar para fora da placa. Na próxima aula, tente se esforçar mais!

— Sim, senhor! — respondi.

— Próximo grupo à linha de tiro preparar para colocar os equipamentos de proteção! Daqui a pouco, serão vocês! — ele falou para a turma.

Fui até o balcão ali perto para me desarmar e repassar a arma para o próximo colega fazer a atividade. Observei que minha turma estava prestando atenção em David. Ele estava fazendo imitações de alguns colegas com trejeitos e forma de falar. Todos riam em volta dele.

Aproveitei que todos estavam entretidos e me retirei do salão de tiros. Caminhei em direção aos banheiros. Procurei por um que estivesse mais distante. Entrei. Olhei ao redor. Não havia ninguém. A claridade, através das janelas, invadia o banheiro, assim como um pensamento latente que eu alimentava.

Ouvi passos de pessoas se aproximando. Corri até um box de uma privada. Fechei a porta.

— Nós precisamos ter muita cautela! — disse uma voz rouca entrando naquele recinto.

— Com certeza! Mas é questão de tempo para que toda a humanidade descubra. — disse outra voz, dessa vez, uma voz mais suave.

— Você ficou sabendo que trocaram a senha novamente?

— Não. E qual é?

— Aguarde um pouco — o dono dessa frase começou a caminhar pelo lugar.

Percebi que ele estava se certificando de que não havia ninguém por ali, pois ele começou a conferir box por box, observando por baixo das portas. Como as portas eram elevadas, pelo espaço que sobrava abaixo, dava para saber se havia alguém ou não. Então, cuidadosamente, para não fazer barulho, subi sobre a privada onde eu estava.

Dessa forma, quando o sujeito passasse pelo meu box, ele não veria meus pés. Ao menos era o que eu esperava que acontecesse. Vi o momento em que o sujeito passou diante da porta de onde eu estava. Ainda bem que ele não me notou. Minha ideia havia dado certo.

— Não há ninguém aqui. Guarde o que vou lhe dizer, a senha é: “A terra se entristece onde a chuva é amarga”.

— Ok. Vou guardar!

Ouvi barulhos de urina cair.

— Hoje à noite, acontecerá mais uma sessão.

— Acho que podemos esperar um avanço extraordinário!

Depois do barulho de descarga dos mictórios, ouvi os passos dos dois sujeitos saindo do banheiro.

Eu estava no banheiro dos oficiais. Entrei sem ter observado o letreiro na porta. Saí daquele lugar e fui para outro, o banheiro das praças. Averigui se não havia ninguém no corredor e ninguém no interior do lugar.

Cheguei até uma pia com espelho. Retirei do meu coldre preso à minha cintura a pistola que eu estava usando no estande de tiro. Eu não a devolvi. Havia uma bala nela. Deixei de propósito. Peguei a arma com a minha mão direita. Olhei cada detalhe daquele objeto metálico. Destravei-a. Sem colocar o dedo no gatilho fiquei virando, lentamente,

o objeto de um lado para o outro. Observando-o.

Aquele armamento ganhava outro significado. Era uma solução. Uma solução que colocaria fim a todas as minhas angústias. Fim a todos os meus sofrimentos. Era tudo o que eu precisava: por um fim! Vi meus olhos no reflexo do espelho. Agora eu entendia aquele meu sonho.

— Desculpe-me, mas não vejo outra saída... – conversei comigo mesmo enquanto uma lágrima escorria.

Vagarosamente fui apontando a arma para a direção do meu rosto. A bala no interior do cano estava visível. Meu indicador tocava o gatilho.

O QUE ESTÁ ACHANDO DO LIVRO?

DEIXE SEU COMENTÁRIO NO SITE: GANDHOR.COM

COLABORE COM O AUTOR, FAÇA UM PIX. CHAVE PIX: helvister@yahoo.com.br

ABAIXO-ASSINADO PARA O LIVRO SE TORNAR UMA SÉRIE OU FILME: CHNG.IT/RQXRVBZSHS

COMPARTILHE ESTE LIVRO COM TODOS OS SEUS CONTATOS!

SIGA O AUTOR: @helvister

MUITO OBRIGADO E ESPERO QUE GOSTE DESTA OBRA FANTÁSTICA E EMOCIONANTE!

WWW.GANDHOR.COM

CAPÍTULO 10

Oncinha do mato



— Não faça isso!!!

No mesmo instante, abaixei a arma. Olhei para trás e vi Matheus. Eu não o ouvi entrar.

— Não faça isso, Juan! Por favor!

— Fazer o quê? Eu só estava conferindo o armamento — falei enquanto enxugava a lágrima.

— A quem você quer enganar, meu irmão? — Matheus ficou próximo de mim. Fiquei de frente para ele. — Seus pensamentos estavam tão altos que, se eu estivesse a cem quilômetros de distância, eu conseguiria ouvi-los.

— Eu... eu... — tentei pensar em algo para falar.

— Guarde essa arma de volta em seu coldre, agora!

Respeitosamente obedeci a meu amigo.

— Você acha mesmo que se matando colocaria um fim a seus problemas? — Ele observava profundamente meus olhos. Nunca o havia visto tão sério como naquele momento.

— Se eu não existir, eles também não existirão. Certo?

— Engano seu! A vida não cessa com a morte. O corpo morre. O espírito não.

— Matheus, eu...

— Eu sei que você não é religioso. Respeito isso. Mas, independentemente de credo, saiba que existem pessoas que se importam com

você, Juan. Pessoas como eu! Você acha justo deixar quem o ama sofrer por causa de uma decisão egoísta e covarde?

— Não sou egoísta! E nem sou covarde! — falei achando ruim o que eu acabara de ouvir.

— É sim! Quem só pensa em si mesmo é o quê? Quem foge dos problemas é o quê? — pausa. — Juan, se você morrer, você só irá multiplicar os problemas — após um suspiro ele continuou. — Meu irmão, a vida é um dom, uma dádiva — o olhar dele voltou a ficar meigo como de costume. — Infelizmente, ela não vem com um manual. Existem situações que são únicas, porque cada vida é única e diferente das demais. Não ter um manual para nos apontar as soluções dos nossos problemas significa que nós mesmos devemos encontrar uma forma de resolvê-los e não de fugir deles, como você estava querendo fazer agora há pouco. Os problemas aparecem. Assim como as oportunidades para saber lidar com eles ou solucioná-los. Sei que você está assim por receio do que os outros possam fazer caso descubram o seu segredo. Você precisa compreender que não é possível controlar as ações dos outros. Contudo, você tem domínio dos seus próprios atos. Saiba utilizá-los para o bem. Ninguém perde por fazer o bem. Toda ação tem uma reação. Se você faz o bem, ele volta para você. Pode não voltar na hora que você quer, mas ele volta! E a mesma coisa acontece com as más ações. Dar um fim em sua própria vida, com certeza, é um ato ruim e suas consequências serão piores.

— Falar é fácil, Matheus. Você até pode ler pensamentos, mas você não lê sentimentos. Não sabe a dor que alguém sente por ser discriminado. Eu já fui muito humilhado! Não quero ter que passar por mais uma discriminação. Não quero sofrer preconceito por ser... gay! É triste ter que admitir, mas há anos eu luto por essa sensação de sentir atração por pessoas do mesmo sexo. Quando eu era adolescente, pensei que fosse normal por causa da puberdade. No entanto, conforme fui amadurecendo, foi ficando cada vez mais difícil camuflar essas sensações. Matheus, meu irmão, eu não quero ser gay! — meus olhos

voltaram a se encher de lágrimas — Não quero! Não quero receber aqueles olhares de nojo, de desprezo. Não quero ser tratado com indiferença, ainda mais por pessoas que gosto. Não quero ser considerado um monstro, uma aberração!

Matheus me abraçou. Não resisti. Aceitei o abraço e molhei o ombro dele.

— Eu sei o que é ser humilhado. Eu também já fui discriminado por ser diferente da maioria das pessoas — contava Matheus enquanto estávamos abraçados. — Eu era aquele típico nerd do colégio. Aquele que todos pegavam no pé por usar óculos, tirar ótimas notas, sentar na primeira carteira, ser o queridinho dos professores. Quase todos os dias eu ficava sem lanche, porque três garotos roubavam meu lanche. Eram os mesmos que me apelidavam de todos os nomes que você poderia imaginar.

Desfizemos o abraço, mas continuei prestando atenção na história.

— Eu chegava da escola e minha mãe me perguntava como tinha sido minha aula. Eu sempre dizia que estava tudo bem. Minha mãe tinha depressão. Ela não merecia se preocupar comigo por causa de uns garotos idiotas. Então eu percebia que o mais importante não era o que aqueles garotos diziam, e sim o que minha mãe dizia. A opinião de quem me ama é o que importa. Quem não significa nada para mim não merecia a minha atenção. Com esse pensamento, eu passei a não ligar e nem me importar com os garotos. Eles perceberam que as ofensas que eles faziam não surtiam mais efeitos em mim, então passaram a me deixar em paz e até pararam de roubar meu lanche. Hoje em dia, eu descobri que dois desses garotos estão presos — mais uma pequena pausa. — Diante dessa minha história, Juan, quero saber de você qual a opinião mais importante: a das pessoas que querem o seu bem ou a das pessoas que não significam nada para você?

Fiquei em silêncio por um momento. Logo falei:

— E quando são as pessoas que amamos não nos entendem? E quando são elas quem começam a nos discriminar?

— Se elas realmente amam, elas vão compreender. Pode demostrar. Mas vão compreender. Você precisa entender que não é fácil quebrar barreiras e sentimentos pré-concebidos, sobretudo aqueles relacionados à homossexualidade, considerada por muitos inaceitável. Não é um processo instantâneo. É algo gradual, que varia de pessoa para pessoa.

— Verdade, Matheus.

— Tem uma pessoa se aproximando. Ouço os pensamentos dela. Vai entrar aqui no banheiro. Precisamos ir.

— Eu preciso voltar para a sala de tiro. Tenho que devolver esta arma — lembrei.

— Juan, antes de irmos, preciso lhe pedir mais uma vez: não tente acabar com sua vida novamente! Lembre-se sempre de que a morte não é o fim. Outras pessoas precisam de você. Você é um grande exemplo de superação. Ser diferente o faz ser especial!

Dei um sorriso discreto com uma afirmação com a cabeça. Um militar entrou no banheiro. Depois eu e Matheus saímos.

••

Outra noite de sentinela. Trabalhar quase todas as noites e ainda ficar o dia todo tendo aulas, estudando, deixava-me muito cansado. Eu percebia que meu rendimento estava caindo muito nas aulas, nas provas, nos trabalhos. Além disso, eu precisava decorar os movimentos para a apresentação da formatura e realizá-los com precisão. A rotina militar é sempre assim; muito intensa. A diferença eram os problemas pessoais que eu ainda precisava lidar.

Aquele turno era mais um em dupla. Novamente, o local para ser vigiado era o Setor Estudantil, onde ficavam os prédios das aulas teóricas. Quando tudo parecia caminhar para ser uma noite tranquila, ouvi gritos:

— Socorro! Socorro! Alguém me ajude!

Olhei para Carmem, minha companheira de serviço que estava a poucos metros de mim. Ela era branca e seu rosto transmitia atenção ao trabalho. Mas parecia ignorar os gritos que eu ouvia.

— Socorro! Socorro!

Eram aqueles mesmos gritos diferentes que eu ouvi no último turno. A voz era muito estranha. Parecia ser uma voz de mulher. Outra vez eu não sabia identificar se o som estava longe ou perto, apesar de sentir de qual direção a voz estava vindo.

— Ei! Carmem!

A militar fez gesto com a cabeça de “O que foi?”.

— Você ouviu?

— Ouvi o quê? — respondeu.

— Alguém pedindo socorro.

— O quê? — fez uma expressão de estranheza.

— Socorro! — a voz retornou.

— Escute! Ouviu agora?

— Juan, acho que você está cansado e está ouvindo coisas.

Logo o nosso turno vai acabar. Aguarde mais um pouco.

— Socorro! — outra vez a voz.

Olhei novamente para Carmem e ela agia normalmente. Foi então que percebi que, de novo, apenas eu ouvia aqueles pedidos de ajuda.

— Tem razão. Acho que estou ouvindo coisas — concordei com a colega.

Olhei para a direção de onde a voz vinha. Ela estava partindo do Centro Militar de Pesquisas Especiais e Tecnologia Avançada, mais conhecido como Setor ST. Eu não poderia estar doido. Alguém estava precisando de ajuda. Mas por que somente eu podia ouvir?

— O pessoal está chegando.

— Quem? — perguntei a Carmem. Acompanhei a direção para onde ela apontava e vi dois colegas nossos chegarem. Cada um, assim como nós, também portando um fuzil.

— Que bom que vocês chegaram. Tem alguém aqui que estava até sonhando acordado! Haha! — disse Carmem para os nossos colegas que iriam nos render no turno.

— Vão descansar. A gente assume agora — falou um deles.

Assim que eu e Carmem deixamos o nosso posto, partimos em direção à Intendência. Iríamos nos desarmar. Não trabalharíamos mais naquela noite.

— Carmem. Pode ir andando. Eu vou ao banheiro.

— Não dá para segurar até a Intendência?

— Não. Eu realmente preciso ir ao banheiro agora. Pode ir sem mim. Avise ao fiscal da noite que vou atrasar para finalizar o término do serviço, por favor — eu precisava dar ciência ao fiscal da noite.

— Ok. Pode deixar que aviso. Boa noite.

— Boa noite e bom descanso — segui em direção aos sanitários dos prédios mais próximos. Apesar de estar escuro, fiquei observando Carmem tomar distância de mim para eu seguir para outro lado; para o Setor ST.

— Por favor! Alguém me salve!

A voz! Eu estava na direção certa. Passei com cautela pelas sentinelas que guardavam os postos até o caminho que dava para o Setor ST. No entanto, um pouco mais adiante, alguém me chamou:

— Você! Identifique-se!

Virei-me.

— Sargento-aluno Juan! — falei para o militar que se aproximava de mim. Na tarjeta, vi que também era um sargento-aluno.

— Aonde você vai? — perguntou ele.

— Vou assumir um posto agora, próximo ao Setor ST.

— É melhor ir rápido então, acho que você está atrasado para a troca de turno.

— Verdade! Até mais! Bom serviço!

— Para você também!

Andei apressadamente. Cheguei ao térreo de um prédio onde

havia apenas uma sentinela. Aquele era o último posto mais próximo do Setor ST. O edifício era o alojamento feminino.

— Parado! Identifique-se! — ele apontou a arma para mim.

— Calma, amigo! Não sabe reconhecer um colega de trabalho? Sargento-aluno Juan — falei enquanto me aproximava segurando o fuzil.

— Desculpe, senhor. Preciso saber o que o senhor está fazendo aqui. — o militar se chamava Vicente. Era um cabo-aluno. Tinha a pele como a minha, porém a estatura baixa.

— Vim lhe substituir no posto.

— Mas eu assumi tem pouco tempo. E meu próximo turno é quando estiver amanhecendo.

— Sim, pois é, contudo, houve um equívoco. O seu turno é o próximo. O fiscal da noite pediu-me para lhe avisar.

— Sério? — Vicente parecia confuso.

— Sim. Pode ir embora, descansar e voltar logo mais tarde.

— Tudo bem. Vou repassar para o senhor as alterações do turno. Está acontecendo uma movimentação no Setor ST. Acho que estão fazendo alguma reunião por lá.

— Reunião? De madrugada?

— Também achei estranho. Mas não é assunto para nós, não é mesmo? Fora isso, o turno está tranquilo. Até mais, senhor! — a sentinela deu meia-volta e saiu.

Fiquei no posto observando o grande muro iluminado que estava a cerca de trezentos metros. O muro deveria ter a altura de um prédio de três andares. Na estrada que havia ao lado do edifício onde eu me encontrava, passou um veículo militar de pequeno porte sem cobertura. Nele estava, além do militar motorista, um oficial militar de alta patente. Pela farda, percebi que era das Forças Militares.

Quando o veículo se aproximou, prestei a continência regulamentar quando se está utilizando um fuzil. Assim que passaram por mim, desfiz a continência. Com o olhar, fiquei acompanhando.

O pequeno automóvel parou na entrada do Setor ST, onde estavam dois militares de prontidão. Em seguida, abriram o imenso portão e o veículo entrou.

Aproximei-me da beirada de uma parede do prédio onde eu estava. Dessa forma, poderia observar a movimentação sem que percebessem que eu estava espiando. A falta de iluminação no térreo contribuía para minha camuflagem. Outro veículo pequeno, com mais um oficial, passou. Dessa vez, o oficial que estava no banco do passageiro era da instituição. Chegou perto das sentinelas da entrada do Setor ST e também entrou. Antes de o portão fechar, outro veículo saiu, mas sem nenhum conduzido.

De fato, como dissera Vicente, o militar que eu substituí, deveria estar acontecendo algum tipo de reunião no Setor ST. Alguma reunião sigilosa, já que era madrugada e até mesmo oficiais das Forças Militares estavam presentes. Ocorreu-me a conversa que eu havia ouvido no banheiro dos oficiais. “Hoje à noite acontecerá mais uma sessão”. Um deles disse essa frase. Se eles eram oficiais do Setor ST, com certeza, a movimentação no lugar era devido a essa tal “sessão”.

Um caminhão passou próximo de onde eu estava. Era um caminhão de lixo. Dei mais uma conferida na direção do grande portão. O veículo grande também estava entrando no Setor ST.

— Se eu soubesse que o caminhão de lixo entraria lá, eu teria dado um jeito de subir nele para adentrar o local também! — pensei. — Eu preciso entrar!

Dei alguns passos para trás e esbarrei em algo. Ao verificar, percebi que se tratava de um militar. Assustei! No entanto, o susto não demorou, porque o sujeito em questão era um manequim. Eu estava em frente ao Departamento de Uniformes Militares que ficava no mesmo prédio do alojamento de oficiais mulheres. Olhei para o manequim enquanto ideias borbulhavam em minha mente. Na tarjeta do boneco, estava escrito MAJ Merlin, ou seja, Major Merlin. Eu nunca ouvi falar desse oficial.

Os arbustos do outro lado do prédio foram suficientes para me cobrir e cobrir o manequim. A calça do boneco estava um pouco apertada. A camisa também. Na verdade, aquele não era o meu número. Porém, consegui me vestir com toda aquela indumentária.

— O que estou fazendo? — perguntei a mim mesmo.

— Socorro!

Ouvir novamente o grito estranho me fez lembrar o que me motivava a cometer aquela loucura. Escondi meu fuzil, a minha farda e o manequim. Eu só torcia para retornar a tempo de a noite não acabar, pois eu temia que alguém encontrasse todas aquelas coisas no meio dos arbustos.

Apareci com a cabeça e a boina pelo muro. Outro carro sem nenhum passageiro saiu do portão grande. Quando passava próximo a mim, eu fiquei exposto e acenei.

— Parado, militar! Espere!

O motorista deu uma freada brusca.

— O que aconteceu, senhor?! — disse o motorista assustado, pois não esperava que alguém surgisse de repente e ficasse diante do seu caminho.

— Preciso que me leve de volta ao Setor ST. Eu esqueci que tenho uma reunião importante lá.

— Ah sim, a reunião dos cabreiros! Pode subir, senhor. Eu levo o senhor até lá — respondeu o soldado abrindo a pequena porta do veículo sem precisar sair de seu lugar para fazer isso.

Subi no automóvel. Este fez o contorno e retornou para os grandes portões. Na entrada, um dos dois soldados sentinelas me abordou:

— Boa noite, senhor! Preciso conferir sua autorização.

— Minha autorização?

— Sim, senhor.

— Isso é um absurdo! Eu sou o Major... — olhei para minha tarjeta. — Major Merlin! Eu estive aqui ainda esta noite.

— Compreendo, senhor. Mas faz parte do protocolo.

— Terei que entrar em contato com o alto comando do Setor ST para verificar essa situação constrangedora! — tentei fazer uma entonação de voz diferente.

— Senhor Major Merlin! — eu estava nervoso e demorei a atender ao militar que dirigia o veículo onde estava. — Parece que tem um crachá caído próximo ao pé do senhor. Não seria do senhor?

Olhei para o chão do veículo e, de fato, havia um crachá. Peguei para observar. Era de outro oficial. Cobri o nome e mostrei rapidamente para a sentinela não notar.

— Eu havia deixado cair. Posso entrar agora?

— Sim. O senhor pode entrar – respondeu o soldado um pouco desconfiado.

Passando pela muralha de concreto, o caminho que se revelou para além dos portões era iluminado por luzes azuis. Parecia um pátio comprido. Vários corredores pareciam com o caminho. Eram seis andares de salas e mais salas, de um lado e de outro. Muitos militares transitavam pelos corredores externos dos prédios. No alto das muralhas cinzas, vigias circulavam com rifles. Senti um frio no estômago. Esses vigias não eram militares. Faziam parte de uma equipe de segurança especializada. Ao menos era o que eu já ouvi falar.

O Centro Militar de Pesquisas Especiais e Tecnologia Avançada, Setor ST, era um local restrito. Os militares que trabalhavam ali eram rigorosamente selecionados, levando em conta o grau de instrução e conhecimento para contribuir para alguma pesquisa, experiência ou invenção.

Desse lugar, saem os equipamentos de última geração que utilizamos durante o nosso trabalho, como os nossos fardamentos (que são feitos de tecido tecnológico antibalístico) e nossas algemas magnéticas (que usam mecanismo de magnetos facilitando a utilização). Por ser uma área restrita, à qual poucos têm acesso, várias são as histórias supersticiosas deste lugar. Histórias que chegam a dar medo!

“O que eu estou fazendo?”. Eu pensava. “Se me descobrirem, eu irei preso! Só espero que esses gritos de socorro não sejam alucinações minhas”.

— Senhor Major Merlin! — era o motorista me chamando outra vez. — Chegamos, senhor. Pode descer.

— Ah! Sim. Obrigado.

Desembarquei do veículo. Olhei ao redor, mas sem mover demais a cabeça. Muitos militares transitando. Segui em um dos corredores externos.

Não tinha a mínima ideia para onde ir. Eu retribuía algumas continências que faziam para mim. Alguns, percebi, olhavam-me de modo ressabiado, talvez porque eu era muito jovem para estar no posto que eu ostentava, ou talvez porque nunca haviam me visto por ali.

— Socorro!

Que ótimo. Os gritos retornaram. Não que eu estivesse feliz em ouvir alguém em perigo. Todavia, na minha situação, era o que eu precisava ouvir para saber ao menos em qual direção continuar.

O chamado vinha de andares superiores. Um elevador estava logo à minha frente. Era um elevador com paredes de vidros. Entrei, apertei qualquer botão. Antes que a porta se fechasse, um militar adentrou. Era uma mulher.

— Boa noite, senhor! – disse sorridente.

— Boa noite — retribuí o cumprimento que a militar fizera para mim. Ela tinha um ponto eletrônico no ouvido.

— Parabéns pelo caso M512-X.

— O quê?

— O senhor não é da Seção X? — ela apontou para o crachá que eu havia pregado na farda. De fato, tinha os dizeres Seção X nele.

— Sim — eu cobri o crachá para ela não observar os demais dados —, conseguimos êxito na investigação.

— Investigação? Não é experimento?

— Sim, experimento! Eu me equivoquei. É que estou atrasado para a reunião dos cabreiros.

— O senhor deve estar mesmo distraído. Apertou o quinto andar. Eu apertei o sexto para o senhor.

Subimos até o sexto.

— Muito obrigado, Tenente Joanna.

— Por nada, senhor! — ela mantinha o sorriso o tempo todo.

Saí do elevador em direção a um corredor branco, estava muito iluminado. Havia dois seguranças ladeando a frente do elevador. Eles me cumprimentaram, eu retribuí. Olhei para trás e vi a Tenente Joanna descer no elevador comunicando com alguém pelo ponto que estava no ouvido dela. Já não estava mais com um semblante gentil.

Segui até a porta de frente para o corredor. Era a única porta que havia no lugar. Ou seja, eu não tinha outras opções para onde ir. Antes de chegar, passei por janelas de vidros escuros. Olhei para trás. Os seguranças receberam algum recado pelo ponto eletrônico deles. Eles começaram a caminhar em minha direção. Acima da porta à minha frente, estava escrito Seção X.

— Socorro! Socorro!

Era ali mesmo que eu precisava passar. Um teclado alfanumérico estava sobre uma pilastra de metal. Logo entendi que eu precisaria digitar a senha para acessar o lugar.

— O que eu faço agora? — cochichei baixinho.

Escutei os passos dos seguranças se aproximarem.

“A terra se entristece onde a chuva é amarga”. Lembrei-me da senha que eu ouvira no banheiro dos oficiais. Digitei. De repente, quando pensei que a porta abriria, nada aconteceu.

— Senhor? Senhor? — os seguranças estavam próximo e me chamavam.

Talvez eu deveria digitar com mais calma. Devo ter errado alguma letra. Digitei novamente a senha. A porta não se abriu.

— O senhor está com algum problema? — um daqueles homens me perguntou. Eles estavam bem perto de mim.

— “A terra se entristece onde a chuva é amarga” ou é “A chuva

é amarga onde a terra se entristece”? — eu falava baixo e me concentrava. — Vamos, porta! Abra! Abra! — Eu desejava desesperadamente que aquela porta se abrisse de uma vez.

A porta se abriu. Olhei para trás e, tentando disfarçar o nervosismo, falei:

— Não. Não estou com problema algum. Com licença.

Passei pela porta e ela se fechou imediatamente. Eu nem quis ver como estavam as expressões daqueles caras. Não queria que eles reparassem meu rosto suando. Do outro lado, havia outra passagem comprida e estreita, porém com luzes vermelhas. A iluminação não era eficiente e deixava a escuridão predominar. Adiante, várias capas penduradas em um cabideiro na parede.

Um aviso em uma placa: “uso obrigatório”. Coloquei a capa sem precisar retirar a farda. Precisei colocar luvas também. Tinha uma espécie de capacete pendurado próximo às capas. Coloquei o capacete.

Pelo visor, o corredor não estava mais escuro. Ao contrário, estava tão nítido que parecia estar iluminado pelo sol. Na parte externa da capa, havia um espaço, um tipo de compartimento transparente para colocar algo. Pelo tamanho e pela localização — na altura do peito do lado direito — compreendi que era onde eu deveria deixar o crachá. Assim eu fiz.

Fiquei parecendo um astronauta. Caminhei com cautela. Comecei a sentir um arrepio. “Deve ser medo”, pensei. Passei por várias portas com vidro retangular na parte superior. Olhei através dos vidros. Eu não encontrei nada, senão salas brancas e vazias. Uma porta adiante chamava a atenção. Era de onde estava vindo um bramido. Parecia que um animal estava trancado lá. Ao observar pela janelinha da porta, algo atingiu o vidro do lado de dentro.

Se não fosse o vidro, eu teria sido acertado pelo que parecia ser uma gosma cinza. Aquela substância não me deixou observar direito o que estava na sala. Acima da porta, estava a descrição: “A4807-X – oncinha do mato”.

— “A4807-X – oncinha do mato”?! “Oncinha do mato”! Eu já ouvi essa expressão antes! — pensei alto.

— Quem é você? — levei o maior susto. Não esperava encontrar ninguém naquele momento. Era outra pessoa de capa. O capacete não permitia ver quem estava por trás daquela vestimenta. A voz feminina saía com som eletrônico daquele capacete ridículo, fazendo-me compreender que era uma mulher quem me dirigia a palavra. — Senhor Major Simon?! — a mulher leu o crachá em minha roupa. Era esse o nome que estava escrito. — O senhor não estava passando mal, por isso precisou ir embora?

— É... é... — eu não tinha a menor ideia do que dizer.

— Tudo bem. Fico feliz que o senhor tenha voltado. Estamos no final da sessão! Venha!

Não consegui verificar quem era essa pessoa, mas ela me conduziu pelos corredores daquele ambiente. Viramos uma esquerda, depois uma direita. Chegamos a um portal metálico. A encapuzada abriu-o para mim. Na sala, havia cerca de trinta pessoas utilizando capas iguais à minha. Eles notaram a minha presença, mas depois retornaram a atenção para o que estava ao centro do lugar iluminado por uma luz de holofote.

Fiquei sobre um assento vago na última fileira.

Sob a luz, uma mulher seminua estava deitada em cima de uma maca. Ela estava careca. Parecia dormir. Dava para observar o tórax se movimentar. No lugar do cabelo, estavam fios elétricos que ligavam o couro cabeludo a um aparelho ao chão. Os pulsos, os tornozelos e o pescoço estavam amarrados por correntes pratas presas no solo.

A sala mais parecia um teatro. O público estava disposto em semicírculos sobre assentos distribuídos em um chão declinado. Na parte inferior, no palco, a mulher sobre a maca rodeada de aparelhos.

Ao fundo, uma tela projetava o que parecia ser a representação dos impulsos nervosos da mulher. Inclusive uma marcação sonora acompanhava os batimentos cardíacos da “paciente”.

Um astronauta, ou melhor, alguém com a roupa de proteção estava em pé também no palco. Ele começou a falar como se fosse um cientista. A voz também saía um pouco robotizada:

— Esta noite é histórica, meus amigos! Daremos mais um avanço em nossa pesquisa! No nosso último encontro, conseguimos um pouco de êxito. Agora, vamos dar continuidade. Peço que todos colaborem mais uma vez com o sigilo até que nos seja permitido divulgar tudo. Lembramos que tais experimentos também estão ocorrendo em outras partes do mundo.

O cientista se posicionou até uma mesa no palco. Nela havia uma caixa metálica. O sujeito a abriu e retirou duas pequenas esferas prateadas. Não enxerguei direito, mas aquelas bolinhas pareciam ter pequenas luzes vermelhas. O cientista segurou as esferas com suas mãos cobertas pela luva e posicionou-as sobre a “paciente”: uma no tórax e outra na testa. As esferas pareciam ter acionado uma espécie de perfuração sobre a mulher, por isso ficaram grudadas nela.

Em seguida, o sujeito foi até os equipamentos no palco e apertou um botão. A tela projetada se dividiu em dois planos. Um continuava a mostrar os impulsos da mulher. O outro exibia cenas, um pouco distorcidas. A mulher começou a se mover. Ela ficava de olhos fechados o tempo todo.

Um mar azul surgiu na tela. As ondas pareciam tranquilas. Depois, outra cena. Uma floresta cheia de árvores com musgo surgiu. Em seguida, pessoas circulando em uma cidade.

O sujeito que presidia aquele evento apertou outro botão.

A mulher ficou mais agitada. As imagens na tela passavam com mais rapidez.

— Socorro!

Era ela! A dona dos pedidos de socorro! Eu havia descoberto!

Notei que ela não pronunciava as palavras de ajuda. Porém, eu sabia que era ela quem estava clamando por socorro. Só podia ser ela! Fiquei assustado. Seria eu também um telepata?

Na tela, mais imagens. As cenas passavam cada vez mais rápido. Quase não dava para identificá-las. Vi vulcões em erupção. Tanques militares. Terremotos. Pessoas gritando. Incêndios em florestas. Pessoas desesperadas em hospitais. Plantações devastadas. Manifestações. Catástrofes.

— E agora o momento mais esperado! — disse o cientista acionando outro botão da máquina.

As luzes das esferas metálicas sobre a “paciente” ficaram azuis. Na tela, uma escuridão substituiu as imagens. Apenas os impulsos da mulher continuaram a ser transmitidos. Ela começou a gemer tanto que sacudia a maca na qual estava. Era possível acompanhar seus batimentos chegando a marcações altíssimas. Os sinais sonoros da máquina estavam se intensificando.

— Socorro! Alguém me tire daqui!

— Basta! — levantei de meu assento para gritar. Todos me olharam. — Não percebem que essa mulher precisa de ajuda! — caminhei em direção ao palco. Fui para lá até ficar frente a frente com o cientista.

— Doutor Simon?! — ele disse.

— Eu exijo que pare esse experimento agora!

— Mas, doutor, o senhor mesmo contribuiu para este experimento.

Os movimentos da mulher eram cada vez mais frenéticos, assim como as batidas cardíacas.

— Não aperte mais nenhum botão nessa máquina! Está fazendo mal a essa mulher!

Os sinais dos batimentos aceleravam cada vez mais.

— Senhor, nem sabemos se ela é mesmo uma mulher.

A maca tremia tanto que parecia que a “paciente” estava tendo uma convulsão.

— Como assim?! O que você quer dizer com isso?

As luzes do lugar começaram a falhar.

— Dr. Simon, o senhor está bem?

— Ahhhhh!!! — a mulher sentou-se na maca. As correntes que prendiam seus pulsos se soltaram do chão. Ela conseguiu retirar as esferas do seu corpo. Em seguida, esticou os braços quase tocando em mim e no cientista que estávamos próximo aos seus pés. No entanto, a corrente que prendia o seu pescoço continuava presa, por isso, ela ainda tinha alguns dos movimentos limitados. Por pouco tempo.

Depois do susto com o grito, que foi ouvido por todos, a mulher, ainda bradando e com os braços esticados em minha direção, abriu os olhos. Eles estavam revirados. O cientista e eu demos alguns passos para trás.

A “paciente” se levantou da maca. Empregou uma força sobrenatural para arrebentar as demais correntes que prendiam o seu corpo. Porém, elas apenas se desprenderam do chão, não de seus membros, tornando-se armas utilizadas contra nós.

Feito um chicote, ela bateu os cordões de metal nas pessoas do público, que começaram a correr e a se espalhar pela sala. Em seguida, a mulher lançou as correntes contra os equipamentos e contra o painel na parede quebrando tudo. O cientista que estava comigo tentou fugir, mas foi atingido nas costas pelo cordão de metal também.

Eu fiquei a sós com a mulher naquele palco. Ela se aproximou de mim com os olhos brancos. Abriu a boca. Soltou um grito. Depois caiu. Um tiro havia atingido sua cabeça. Um militar armado entre os presentes efetuara o disparo.

Em seguida, todos que já estavam saindo da sala começaram a retornar. Eles queriam observar o corpo da mulher. Aproveitei que todos estavam distraídos e sai do local.

Retornei até a porta por onde entrei. Retirei a vestimenta de proteção. Pendurei-a novamente no cabide junto com o crachá. Quando saí, encontrei com um militar. Olhei a tarjeta dele. Major Simon. Prestei continência. Percebi que ele achou estranho, pois eu, de acordo com a farda, também era major e não precisaria fazer continência.

Peguei o elevador até o térreo. Andei pelo corredor que acompanhava o pátio. Do outro lado, observei que militares me lançavam olhares de suspeitas. Entrei pela primeira porta que vi. Ela dava acesso a uma escada. Não pensei duas vezes e subi. Cheguei até outra passagem comprida. Caminhei normalmente. As portas ali também tinham aberturas retangulares de vidro.

Chegando ao fim do corredor, olhei para trás quando ouvi pessoas. Vi três militares apontando para mim. Eles correram. Eu também corri. Virei em outro corredor. Decidi entrar em uma daquelas portas. Entrei velozmente e fechei.

— Atenção, classe!

Ao me virar, vi que estava em uma sala de aula. Vários alunos em pé me observavam, provavelmente pela forma estranha com que eu havia entrado no recinto. O professor, à frente da turma, era um capitão. Desfiz minha cara de espanto e decidi improvisar.

— Fiquem à vontade! — pedi.

Os alunos se sentaram. Comecei a fazer anotações no quadro e percebi que estava sendo observado. Os militares que me seguiam entreviam o interior da sala pela abertura da porta. Como não notaram nada de incomum, continuaram a busca seguindo pelo corredor.

Terminei de escrever. Virei-me para ficar de frente para a classe.

— Preciso de um voluntário para ler o que acabei de escrever no quadro — falei.

— “A terra se entristece onde a chuva é amarga” — leu um tenente.

— Obrigado. Alguém poderia me dizer o que isso significa?

— Senhor, essa é a nova senha do sistema de redes do Setor ST — respondeu outro tenente.

— Muito bem! — falei ao mesmo tempo em que fiquei surpreso com aquela revelação banal. Olhei em volta, todos estavam com caras de “O que esse militar veio fazer aqui?”, inclusive o Capitão. — Bem, então, acho que essa turma já está sabendo da nova senha. Devo transmitir a mensagem para outra turma. Com licença a todos.

— Atenção, classe! — disse o Capitão, todos ficaram em pé enquanto eu me retirava da sala.

Do lado de fora, fiz o caminho inverso dos meus “perseguidores”. No entanto, acabei me perdendo naquele emaranhado de corredores. Eu não sabia onde estava e nem como faria para sair daquele labirinto.

Uma sensação inexplicável me fez voltar para conferir uma das salas. A porta estava entreaberta. Olhei pela abertura. Vi o Capitão Theo. Ele estava sentado em uma cadeira e vestia uma túnica branca. Havia outra pessoa atrás dele em pé com uma roupa branca também. Essa pessoa, um senhor com barba grisalha, colocou as mãos sobre os ombros do Capitão.

— Isso, agora volte aos poucos. Aos poucos — falava o senhor de forma tranquila e serena.

O Capitão estava com os olhos fechados. Respirava profundamente. Em momento posterior, ele acordou.

— Tudo bem com o senhor, Capitão?

— Tudo bem, tudo bem. O que foi que ela disse dessa vez?

— Muitas coisas. Eu registrei tudo — o senhor de barba ficou de frente para o Capitão. — É um ser incrível de uma sabedoria imensa.

— Verdade! Estou ansioso para ela se revelar.

Ouvi conversas no corredor. Precisei parar de observá-los. Andei um pouco e entrei por outra porta. Nessa sala, também havia pessoas, contudo elas não notaram a minha presença. Estavam de costas, aglomeradas em volta de algo. Todas estavam de jalecos brancos. A sala era uma espécie de laboratório. Cheguei mais perto até conseguir visualizar o que chamava tanto a atenção daquele grupo de aproximadamente vinte pessoas.

— Observem novamente! — disse uma mulher negra de cabelo curto com um jaleco branco, enquanto expunha um capacete diferente. Era um capacete quase todo transparente. — Vou colocá-lo — ela fez isso. — Vocês ainda estão me ouvindo e me vendo, certo? Vou escurecer os vidros e abafar o som — em poucos segundos, o

capacete ficou todo preto. — E quanto à minha voz? Ainda estão me ouvindo? — quase não consegui ouvir a mulher, pois a voz dela estava muito baixa.

Reparei que havia jalecos pendurados em um cabideiro no canto da sala. Ainda sem ser notado pelos outros, cuidadosamente coloquei um jaleco por cima da minha farda. Precisei retirar minha boina para ficar como os demais.

A mulher retirou o capacete e continuou a apresentação do objeto.

— Todo o sistema interno desta invenção possui visor ultrasensível. Os comandos são feitos pela leitura facial e pelo direcionamento dos olhos. Também podem ser acionados por gestos no ar feitos pelo usuário diante do visor. O capacete possui várias câmeras para uma captação de imagens em 360 graus. É possível, também, colocar várias imagens simultâneas no visor.

— Inclusive imagens de câmeras de outros capacetes? — perguntou um aluno.

— Sim. Isso possibilita, por exemplo, que um militar saiba onde está um companheiro. Ou, ainda, permite o acesso a imagens aéreas das aeronaves, facilitando o deslocamento do militar no solo — respondeu a mulher, que parecia ser uma professora. — O capacete ainda possui visão noturna, comunicador; serve como máscara em caso de bombas, incêndio e gases; é feito de material resistente ao calor e à prova de balas.

— Com licença! — disse um militar acompanhado de outros dois entrando bruscamente na sala. Eram os meus “perseguidores”. Eles não falaram mais nada. Apenas escanearam o lugar com os olhos. Eu era mais um no meio daqueles de jalecos brancos. Fiz exatamente o que os demais fizeram: fiquei estático e demonstrando não entender o que aqueles três indivíduos queriam encontrar na sala. Em seguida, os intrusos se retiraram sem dizer nada.

— Bom, vamos continuar — disse a professora. Posteriormente, ela me descobriu entre os alunos. — Quem é você?!

— Eu? Eu sou um visitante e já estou de saída — retirei o jaleco e recoloquei a boina.

— Atenção turma! — disse a professora iniciando uma ordem, pois viu as estrelas de oficial no meu ombro.

— Não é necessária a apresentação. Pode continuar a aula. A propósito, muito boa essa invenção! — coloquei o jaleco no lugar e saí.

De volta ao corredor, iniciei, mais uma vez, a busca por uma saída. No caminho, encontrei uma faxineira. Ela estava retirando lixo de um carrinho e jogando em um compartimento acoplado na parede — um orifício retangular como se fosse uma pequena janela.

— Com licença, boa noite!

— Boa noite, senhor!

— A senhora sabe onde fica a saída?

— Siga adiante e vire no final do corredor. Depois, é só descer as escadas.

— Muito obrigado!

— Por nada!

Segui as orientações da senhora e finalmente encontrei a saída: o caminho comprido iluminado de azul. Adiante, vi o Major Simon conversando com alguns vigias. Dei meia-volta. Andei apressadamente. Subi em um daqueles elevadores transparentes. Havia uma militar ali. Cumprimentamo-nos.

Com o elevador subindo, observei, através do vidro, a Tenente Joanna e outros militares procurando por algo lá embaixo. “Por mim”, pensei. Notei que a militar ao meu lado, no elevador, carregava alguns papéis.

— Boa noite! Posso verificar esses documentos?

— Sim, senhor! — disse a militar achando estranho, mas concordando.

Coloquei os papéis à frente de meu rosto, cobrindo-o para não ser identificado pela Tenente Joanna, que olhava para todos os lados.

— Senhor, está de cabeça para baixo — falou a militar.

— Ah, sim. Perfeitamente — falei corrigindo a posição dos documentos.

Chegando ao andar superior, devolvi os papéis para a militar.

— Excelente trabalho! Continue assim! — falei saindo do elevador.

Caminhei por mais uma passagem comprida. Nunca vi tantos corredores assim! Porém, ao final daquele, reparei que não havia saída. Escutei passos. Eu precisava fazer alguma coisa. Pela janela do corredor vi, do lado de fora do prédio, um caminhão de lixo recolhendo resíduos.

“Lixo seco”. Eu li um letreiro que estava na parede. Abaixo, um buraco retangular, como aquele em que a faxineira estava descartando o lixo.

Repentinamente ouvi: “Ele deve ter ido por aqui!”. Quem me procurava estava se aproximando.

— Eu não tenho outra saída. Só espero caber aí! — falei para mim.

Entre de ponta-cabeça pelo compartimento! Estava escuro. Era estreito, mas largo o suficiente para que eu coubesse. Parecia uma rampa, porém a inclinação era quase vertical, o que me fez deslizar. Como imaginei, o final daquele escorregador era um container de lixo situado ao lado do prédio onde eu estava.

Antes que eu pudesse tentar ficar em pé, senti que o container estava se movendo. Foi quando compreendi que o caminhão que eu havia visto, estava despejando o lixo do container para dentro da caçamba.

Caí na caçamba. Retirei todo o lixo que estava sobre mim. Respirei aliviado, apesar de o cheiro não ser tão agradável, mesmo sendo um compartimento de lixo seco.

— Uau! Que sorte! — falei. — Agora é só ficar aqui aguardando o caminhão sair do Setor.

Escutei um barulho.

— O que foi isso?!

Percebi que uma parede da caçamba estava se movendo. Os lixos estavam sendo comprimidos. Havia papéis e outros lixos secos. Se eu continuasse ali, seria esmagado! Desesperei-me, mas não gritei para não fazer alarde. A abertura por onde eu caí estava se fechando. Eu precisava sair o mais rápido possível. Comecei a pular, mas os lixos sobre minhas pernas não me permitiam ter impulso. Apesar de eu ser alto, não estava conseguindo alcançar a beirada do teto para poder me pendurar e sair.

O buraco no teto não era grande e estava ficando menor conforme se fechava. Após umas três tentativas, consegui segurar com as pontas dos meus dedos a beirada. Percebi que o caminhão começou a se locomover. O balanço não me deixava equilibrar para tentar sair. O teto se fechava mais e mais. Eu precisava fazer algo para não ter meus dedos cortados pela tampa de metal. E fiz. Soltei-me caindo de volta no interior da caçamba. Com o teto fechado, a escuridão foi total.

Percebi que o lixo se aglomerava conforme a parede se fechava para compactar tudo ali dentro. As paredes estavam tão perto uma da outra que foi possível ficar pendurado entre elas. De um lado, eu apoiava as mãos; do outro, os pés. Desse modo, foi possível “escalar” até o teto da cabine. Apoiando apenas com uma mão, fui apalpando o teto com a outra, enquanto o lugar ficava cada vez menor. Senti que minha prótese estava desencaixando devido à pressão que eu estava fazendo nas pernas para ficar pendurado ali. Algo a mais para o meu desespero.

Tateei alguma coisa. Era um tipo de alavanca. Puxei. Compreendi que era a alavanca da tampa do teto. Em poucos segundos, saí da caçamba e fechei a tampa. Por pouco, não fui esmagado!

Sobre a caçamba do caminhão em movimento, ajeitei minha prótese e minha boina. Foi um milagre não ter perdido as duas coisas.

Estando ali, em cima de um caminhão, logo minha presença seria notada.

— E agora, o que faço?

Antes que eu pudesse pensar, senti a freada do caminhão. Ele parou. Possivelmente para recolher mais lixo. E foi o que aconteceu. Do alto, fiquei observando um lixeiro descer da cabine e manusear algumas alavancas para recolher mais lixo de um container. Desci pelo outro lado do caminhão. Em seguida, fui para baixo dele. Olhei onde eu poderia me agarrar e colocar meus pés. Segurei em algumas peças.

Pouco tempo depois, o caminhão deu a partida entrando em movimento. Eu fiquei embaixo, tendo cuidado para não cair e não ter parte do meu corpo esfolado pelo atrito com o chão.

— Em algum momento, esse caminhão vai precisar sair do Setor ST. Vou ficar aqui aguardando.

Minha ideia foi concretizada! Após recolher mais um container de lixo, o caminhão seguiu pelo mesmo caminho por onde eu havia entrado naquele setor.

Instantes depois, assim que passou pela portaria do Setor ST, esperei um pouco para me soltar do caminhão. Soltei-me. O caminhão passou sobre mim. Levantei rápido. Fui até o térreo do prédio feminino onde eu estava de sentinela. Encontrei minhas coisas na moita exatamente como eu havia deixado. Troquei a farda. Recoloquei a farda no manequim e o pus de volta ao lugar onde estava. A farda estava muito suja e rasgada.

Voltei ao posto de sentinela ainda não acreditando em tudo que eu havia passado. Poucos minutos depois, Vicente, o mesmo militar que eu estaria supostamente substituindo, retornou. Despedi dele. Fui até a Intendência devolver os equipamentos.

COLABORE COM O AUTOR, FAÇA UM PIX.
CHAVE PIX: helvister@yahoo.com.br

**MUITO OBRIGADO! ESPERO QUE SUA
LEITURA SEJA FANTÁSTICA!**

WWW.GANDHOR.COM

Sanduíche de mãos



Matheus não acreditou quando contei quase tudo o que houve comigo na noite anterior.

— Saiba que nem eu mesmo estou acreditando.

— Você conseguiu entrar e sair de um dos setores mais vigiados! — disse Matheus procurando por um livro na prateleira. Estávamos na biblioteca da Academia de Polícia, entre várias estantes de livros.

— Eu sei.

— Você se arriscou muito! — ele disse após ter escolhido um livro.

— Eu sei.

— Você sabe que, se descobrirem, você pode ser até preso! — falou olhando para mim.

— Eu sei! Mas o que mais me chamou a atenção foi a mulher. Quem era ela? Por que ela estava ali, servindo de cobaia? — falei. Omiti alguns detalhes da minha aventura, preferindo guardar segredo sobre a presença do Capitão Theo no Setor ST e sobre ter ouvido o pedido de socorro da mulher por pensamento.

— Você disse que o homem naquela sala escura falou que a mulher poderia nem ser uma mulher.

— Sim. O que você acha que isso significa?

Matheus olhou para os dois lados do corredor onde estávamos. As pessoas mais próximas estavam distantes o suficiente para não prestarem atenção em nós.

— Que ela poderia ser um alienígena — disse num tom mais baixo.

— Foi o que eu pensei também. Isso explicaria a força que ela teve ao arrebentar as correntes.

— Veja isso!

— “Nunca estivemos sós: um guia sobre extraterrestres e galáxias” — pronunciei o título do livro que Matheus me mostrava.

— Estou me aprofundando no assunto. Acho curioso que a Academia possua um número considerável de livros com essa temática. Agora precisamos ir embora. Daqui a pouco, teremos mais ensaio para a formatura.

Retornando para o pátio principal, percebi que algumas pessoas me notaram. Algumas cochichavam entre elas depois de me ver. Achei que fosse impressão minha. Logo comentei com Matheus.

— Matheus, você...

— Sim. Estão falando de você.

— O que eles estão dizendo?

— Acho melhor não falar.

— Diga-me, Matheus! Por favor!

— Meu amigo, o que posso lhe dizer é que você precisa ser forte.

Chegamos até o nosso prédio. Nas escadas, encontramos com Pietro, Billy e Ren descendo.

— Juan! Esqueça a ideia de morar com a gente! Jamais iremos dividir o mesmo teto com uma bicha!

— Do que você está falando, Pietro? – fiquei surpreso.

— Não finja de bobo, Juan. Todo mundo agora sabe que você é uma vergonha para a instituição! – disse Billy.

— O que vocês querem dizer?

— Tem um vídeo seu circulando pela rede digital. Você e um gay se agarrando e se beijando em plena via pública! Que desgosto! — Ren fez cara de nojo.

— Uma vergonha! Vexame! Decepção... — falou Pietro. — Todos tinham pena de você por ser aleijado, mas agora todos sentem nojo!

— Nojo todos deveriam sentir de você, seu preconceituoso! — Matheus me defendeu.

— Olhem só quem também está se revelando! — Pietro disse em tom de zombaria. — Você demorou a sair do armário, não é mesmo, Matheus?

O sinal da Academia tocou.

— Juan, vamos! O ensaio já vai começar! — Matheus me chamou para continuar a subir as escadas.

— Corram, mocinhas! Ou vão se atrasar! Haha! — falou Pietro enquanto os outros riram com ele.

No quarto, Matheus deixou sobre a cômoda o livro que tomou emprestado na biblioteca, depois pegou o aparelho dele. Revirou os programas no dispositivo e me mostrou. Ele também havia recebido o vídeo que Ren comentara.

Assistimos. Era eu e Richard na noite do nosso encontro na danceteria. Nós estávamos abraçados e nossos lábios quase se tocando. Pela distância em que essa cena foi filmada, parecia que estávamos nos beijando. A câmera nos filmou em movimento, o que sugere que a pessoa estava dentro de um veículo. Tentei me recordar quem poderia estar àquela distância. Então, lembrei que, naquela noite, um carro, em velocidade muito baixa, havia passado por mim e por Richard. Porém, não saberia dizer como era o carro e nem quem estava nele.

— Não se preocupe, Juan — disse Matheus colocando a mão em meu ombro. — Eu vou descobrir quem fez isso com você.

— Obrigado, meu irmão.

— Vamos para o pátio. Estamos atrasados.

Durante o ensaio, eu era a celebridade. Todos, inclusive os superiores, observaram-me. Alguns nem se davam o trabalho de despistar. Mais uma vez, eu não conseguia me concentrar para marchar. Estava me sentindo a pior pessoa do mundo.

Por dentro, eu estava em prantos. Por fora, a minha vergonha era explícita em meus movimentos contidos e minha cabeça baixa.

Depois de ensaiar exaustivamente debaixo de um sol forte, ganhámos um intervalo, mas sem poder sair da área do pátio. Fui beber água. David aproximou-se.

— Juan, fiquei sabendo. Pode contar comigo. Nossa amizade não mudou em nada para mim.

— Obrigado! — respondi sentindo um grande alívio e emoção no peito. — Sua amizade é muito, muito importante para mim!

— Juan! — exclamou Matheus se aproximando de mim e de David.

— Eu sei quem divulgou aquele vídeo! Ele está olhando em nossa direção. Está do outro lado. É um militar com sardas.

Um sujeito de estatura mediana me encarava. Eu o conhecia. Ele tinha sardas. Era um cabo-aluno. O Cabo-aluno Bob! Ele me lançou olhares e sorrisos malignos, como fizera outro dia.

— Você nem precisa me dizer o que ele está pensando, Matheus. Eu sinto.

— Atenção, sargentos-alunos! Vamos voltar para compor o dispositivo do ensaio! Agora! — do palanque, ordenava a Tenente Sarah.

Todos nós retornamos aos lugares para voltar a ensaiar. Ensaíamos mais e mais vezes. O sol até deixou de ser forte, pois já estava entardecendo. Estávamos marcando passo. De onde eu estava, avistei o Cabo-aluno Bob. Ele conversava com outro militar. Atrás dele, estavam as hastes com as bandeiras. Um pensamento infeliz passou por minha cabeça. Imaginei a haste caindo sobre Bob. Sabia que era um pensamento ridículo e imaturo, mas era o que minha vontade estava expressando naquele momento.

Mirei para cima, para a haste do meio onde estava a Bandeira Nacional. Estava linda contra os raios do sol naquele poente. O militar que conversava com Bob saiu de perto dele. Era um momento ideal para acontecer o que eu imaginava. Olhei para a bandeira novamente.

Ela saiu diante do sol. Foi inclinando. Inclinando. Então, foi quando percebi que a haste estava caindo!

— Cuidado! — berrou alguém para Bob, que se virou e correu.

Por pouco, o poste de metal não o acertou. Outras pessoas que estavam por ali também saíram de perto, pois a haste era comprida e quase caiu sobre outros militares. Os sargentos-alunos que estavam ensaiando pararam de fazer os movimentos. Estavam assustados e curiosos para saber o que havia acontecido. Por isso, foram até onde a haste estava.

As pessoas esbarraram em mim para chegar até o local. Eu, porém, permaneci no mesmo lugar. Imóvel. Boquiaberto.

— Como isso é possível?! — sussurrei comigo emitindo as palavras de modo devagar.

Após um tempo, conseguiram retirar o poste de metal. Ouvi alguns comentários de colegas ao meu lado.

— Nossa! Que estranho acontecer isso, não é? Justo com a bandeira do país — disse uma militar.

— Parece ser um mau presságio — respondeu outro colega.

Tenente Sarah voltou a falar ao microfone. Disse que a haste estava enferrujada e que a dilatação deve ter contribuído para danificar a base, fazendo com que a estrutura caísse. Ela dispensou todos do ensaio.

Liberados, todos foram para os vestiários. Todo mundo queria tomar um bom banho depois de um dia exaustivo. Na porta do vestiário, Matheus apareceu.

— Juan, não entre!

Matheus, às vezes, parecia não me conhecer. O alerta dele era como se me pedisse para fazer exatamente o contrário. Entrei. Os que estavam no vestiário riam sem parar. Quando me viram, reduziram as gargalhadas. Chequei à porta do meu armário. Foi quando compreendi qual era o motivo de tanta graça.

“Saci gay”. Era o que estava escrito lá.

— Quem foi que fez isso, hein? — esbravejei. — Apareça se tiver coragem! Vamos! Covarde! Isso é coisa de covarde!

Ninguém respondeu. Muitos não conseguiam disfarçar a vontade de rir. Furioso, saí do vestiário. Matheus estava atrás de mim. Pedi para ele não me seguir.

Eu parecia marchar de tão forte que eu caminhava até o prédio da Administração da Academia de Polícia. Fui até a sala do Capitão Theo. Ele não estava. Fiquei aguardando em frente. Enquanto isso, peguei meu aparelho. Enviei uma mensagem para Richard dizendo:

“Richard, acho melhor não nos encontrarmos mais. Nunca mais! Não é bom para minha reputação ter amizade com pessoas que já cometeram crime, como você. Não tem nada a ver com a sua orientação sexual. Espero que me entenda. Obrigado pelo passeio que tivemos. Seja feliz! Por favor, não me procure mais. Adeus!”

Enviei a mensagem enquanto algumas lágrimas escorriam.

— Por que você está triste?

A dona daquela frase era nada mais nada menos que a Comandante Geral da Polícia Militar do meu Estado, senhora Coronel Luísa. Ela estava sem a boina com o penteado preso. No mesmo instante, guardei meu aparelho de volta no pulso, enxuguei o rosto e prestei continência.

— Fique à vontade, meu jovem! — respondeu com um sorriso simpático, observando-me através de óculos. Era a primeira vez que eu a via de óculos. — Está esperando alguém?

— Estou aguardando o senhor Capitão Theo.

— Ele está em uma reunião. Vai demorar um pouco. Se quiser, vamos até a minha sala para você o aguardar.

— Imagina, senhora! Não quero atrapalhar.

— Claro que não vai atrapalhar! Vamos!

Aceitei o convite.

Cheguei até a sala da Coronel. Ela me deixou à vontade para me sentar em uma das duas poltronas confortáveis que estavam diante

de sua mesa. Ela também se sentou, mas do outro lado da mesa, em que havia uma poltrona maior.

— Você pode dizer por que estava chorando?

— Não eram lágrimas, senhora. Era suor. Ficamos a tarde toda ensaiando para a formatura.

— Entendi... — não consegui convencê-la. — Então, você pode me contar por que está triste?

— Não consigo disfarçar, não é mesmo?

Ela balançou a cabeça para dizer que não. Eu dei sequência à fala.

— Tudo bem, eu conto. Mais cedo ou mais tarde, a senhora vai acabar descobrindo de qualquer forma.

Contei o que aconteceu. Ela me encarava o tempo todo; sempre com a mesma expressão. Depois que narrei o caso, foi a sua vez de falar:

— Você é gay, meu jovem?

— Eu? — não esperava aquela pergunta tão direta — Eu... não!

— Então não tem com o que se preocupar. Mas, digamos que você fosse, eu lhe diria a mesma coisa.

Às vezes, eu não conseguia olhar diretamente em seus olhos.

— Veja, Juan, quantos troféus, quantas medalhas tenho — ela apontava para uma estante muito grande em um lado da parede, com muitas demonstrações de conquistas em bronze, prata e ouro.

— Você acha que foi fácil chegar aonde cheguei?

— Acredito que não.

— Realmente não foi — ela se acomodou na poltrona. Colocou os antebraços sobre a mesa e encostou as pontas dos dedos de uma mão com as de outra. — Houve uma época em que apenas homens brancos e ricos ditavam as ordens no mundo. Com o passar do tempo, as pessoas foram evoluindo, adquirindo conhecimento e compreendendo que todas, absolutamente todas as pessoas, possuem os mesmos direitos. Todavia, essa igualdade entre as pessoas não aconteceu de um dia para o outro, e ainda há muito o que se fazer para uma igualdade mundial. Todos que eram considerados diferentes pela população dominante eram discrimi-

nados. Quem era mulher, quem tinha a pele escura, quem tinha alguma deficiência, quem era pobre, quem era homossexual, quem acreditava em outras religiões senão as dominantes, quem não tinha religião.

Ela se levantou e começou a circular ao redor da mesa. Eu acompanhava virando a poltrona na direção em que caminhava. E continuou:

— Um longo processo foi construído para que alguns seguimentos da sociedade tivessem os mesmos direitos que os demais. A mulher pôde ir à escola, depois votar e, mais tarde, trabalhar nos mesmos locais nos quais apenas homens trabalhavam. Os negros deixaram de ser escravizados e puderam frequentar os mesmos lugares que os brancos. Hoje é um absurdo pensarmos que essas coisas tão simples eram proibidas àquelas pessoas. Da mesma forma, no futuro, as pessoas acharão absurdo que a nossa atual sociedade discrimine pessoas apenas pelo fato de sentirem atração por outras do mesmo sexo.

A Coronel Luísa sentou-se na poltrona do meu lado, mas não olhava para mim. Olhava para a estante cheia de medalhas e troféus. Após um longo suspiro, continuou:

— Enfrentei muitos desafios. Muitas quedas. Muitos “nãos”. Muitos “você não consegue”. Muitos “você não pode fazer isso, porque é uma mulher”. Não foi fácil. Não foi nada fácil... Mas eu consegui. Consegui graças a uma grande capacidade. Uma capacidade que descobri dentro de mim. Uma força sobrenatural! — olhou para mim.

— Uma força sobrenatural?!

“Será que a comandante também tinha habilidades especiais?”. Eu pensava.

— Sim, sobrenatural — ela declarava —, uma capacidade fora do comum. Não sei quem disse e onde eu ouvi, mas é a mais pura verdade: essa força é mais potente que qualquer bomba que o mundo possa criar! Essa capacidade se chama força de vontade!

— Ah, sim!

— Não existe vitória sem mérito. Não existe mérito sem força

de vontade. Não existe força de vontade sem fé. E não existe fé sem amor! Você acredita no amor, Juan?

— Sim, claro!

— Eu também. O amor nos move e pode mover qualquer coisa no universo. A criatura que descobre dentro de si o amor consegue despertar em si a fé e a força de vontade. Se as pessoas soubessem a grandeza e a excepcionalidade da força que possuem, então elas saberiam que podem conseguir o que quiserem! Imagine todas as pessoas do mundo usando essa força para realizar seus sonhos, respeitando uns aos outros, fazendo o bem! O mundo todo seria feliz e um lugar melhor para se viver! — falava com brilho no olhar.

— Com certeza. Seria maravilhoso!

— No entanto, ainda estamos em processo, Juan — ela retirou os óculos. Deixou-os sobre a mesa, em seguida me encarou. — Ainda um processo de descoberta de nós mesmos. De descoberta do verdadeiro sentido do amor. Um processo de aceitação do próximo, do que é diferente. É um processo demorado, sofrido, mas vai passar. Por isso, você precisa ser forte e lutar! Enquanto eu estiver no comando, não deixarei que nada de mal lhe aconteça. Tudo bem? — ela pegou em minha mão, que estava apoiada no braço da poltrona.

— Sim, senhora! Muito obrigado! — coloquei minha outra mão sobre a dela naquele sanduíche de mãos.

— Eu estou escutando movimentações do lado de fora da sala. Acho que o Capitão Theo deve ter terminado aquela reunião.

Eu também ouvia conversas no corredor.

— Acho que já vou, senhora — levantei-me. — Permissão para me retirar.

— Permissão concedida.

Antes de sair da sala, a Coronel Luísa ainda disse algumas palavras:

— Juan, descubra a energia que existe em você e saiba utilizá-la.

Respondi que sim com a cabeça. Fechei a porta. Decidi conversar com o Capitão Theo em outra oportunidade.

CAPÍTULO 12

Déjà-vu



Os dias se passaram. As insinuações diminuíram. Eu havia sonhado com algo que me perturbaria por muito tempo.

Naquele dia, durante o almoço, Emily foi conversar comigo no refeitório. Eu estava na mesa mais afastada. Sozinho. Não conseguia comer minha refeição.

— Posso me sentar ao seu lado?

— Você tem preconceito contra saci gay?

— Deixe de ser bobo! — disse Emily sentando-se ao meu lado.

— Até que enfim eu posso conversar melhor com você. Esta semana de provas e trabalhos está me deixando louca e sem tempo! Bom, então vamos lá. Conte-me tudo. Aquele vídeo é verdadeiro?

— Sim. Você está com raiva de mim?

— Eu deveria. Apenas pelo fato de você não ter me contado antes.

— Como eu poderia, Emily? Eu ainda não estava me aceitando.

— Confesso que eu já havia desconfiado de você antes.

— Como?

— Dos rapazes de nossa turma, somente você e Matheus não gostavam de sair aos finais de semana e voltar falando com quantas garotas tiveram um encontro.

— Então você acha que o Matheus é?

— Não. Não acho que ele seja gay. Eu conheço a irmã dele. Ela me falou algumas coisas. Disse que ele nunca se preocupou em

ter um relacionamento. Ele gosta muito de estudar. O prazer dele é o conhecimento. Ou, talvez, ele nem se importe com relacionamentos, assim como algumas pessoas assexuadas.

— Assexuadas?

— Eu não sei muito sobre elas. Li uma vez que são pessoas que não sentem atração sexual por outras. Eles podem até ter relacionamentos e se apaixonar, mas não por causa do sexo. A atração de alguns seria puramente romântica.

— Se Matheus realmente for assim, isso faz sentido. Mas não podemos julgá-lo.

— Claro que não. Só estou deduzindo. Além disso, sabemos que ele continuará sendo o nosso amigo nerd mais querido, não importa quem ele seja!

— Haha! Verdade!

— Você, Juan, por outro lado, sempre foi uma incógnita para mim.

— Por quê? — franzi a testa.

— Achei que você havia gostado do beijo que lhe dei no dia que visitamos o Projeto Social Alvorada. Por isso, marquei um encontro com você. Além disso, você aceitou o encontro.

— Eu queria muito mesmo, Emily, ter um relacionamento com você. Você é incrível. Achei que pudesse vencer esse meu defeito.

— Juan! Não é defeito! Não se torture dessa forma. Você nasceu assim. Ninguém escolhe gostar de homens ou mulheres. Eu não escolhi gostar de homens, eu já nasci assim. Do mesmo modo, você!

— Ok. É verdade. Eu pensei que, com você, eu poderia não sentir mais atração por homens. Porém, depois eu percebi que era melhor não ter começado um relacionamento contigo e, após um tempo, terminar. Você não mereceria isso.

— Obrigada — Emily sorriu para mim e segurou minha mão que estava sobre a mesa. Eu retribuí com outro sorriso. — E sobre o rapaz do vídeo, era aquele jornalista que estava no Alvorada, não era?

Confirmei com a cabeça. Ela era muito observadora.

— E qual é o nome dele mesmo?

— Richard.

— Vocês estavam se conhecendo no dia do vídeo?

— Sim. Só que eu nem o beijei. Pelo vídeo, parece que demos um beijo, mas apenas ficamos próximo. Depois eu fiquei muito confuso e saí. O vídeo não mostra isso.

— E você encontrou com o Richard? Ele está sabendo sobre o vídeo?

— Não, não. Eu bloqueei o contato dele.

— Por quê?

— Não quero saber mais dele.

— Mas você não gosta dele?

— Sim, mas eu não quero gostar.

— Juan, essas coisas não são simples assim. Não mandamos no nosso coração.

— Mas mandamos em nossa razão.

— Sua razão está lhe pedindo para fazer algo que o deixará infeliz? Se for assim, é hora de você questionar a sua razão e acreditar mais no seu coração. Ao menos o coração nunca mente em nos mostrar o que desejamos. Acredito que deve haver um equilíbrio. E você está sendo radical consigo mesmo.

— Eu não sei o que devo fazer...

— Comece se conhecendo, compreendendo seus limites, seus potenciais. E não se importe com o que as outras pessoas pensam de você. Elas não pagam suas contas, não vivem sua vida, não se importam se você está feliz ou triste, não se importam se você está vivo ou morto.

— Eu quero muito continuar sendo militar. Eu amo o que faço!

— Pois continue!

— Não posso ser militar e ser gay!

— Por que não?

Fiquei quieto, de boca aberta. Emily continuou:

— Acho que você precisa relaxar mais. Na sua próxima folga, faça uma atividade em meio à natureza, leia livros e assista a filmes que transmitam boas mensagens. Passe um tempo sozinho se conhecendo e sempre ocupando a mente com coisas boas. Você precisa enxergar mais dentro de si e olhar menos para o mundo frio e preconceituoso aqui fora.

— Obrigado! — meus olhos se fecharam um pouco devido ao grande sorriso que dei.

Aqueles conselhos eram tudo o que precisava ouvir.

— Olá, pessoal! — disse Matheus com uma bandeja de comida. — Posso me sentar com vocês?

— Não, não pode! — disse Emily.

— Tudo bem? — Matheus estava saindo.

— Volte aqui, estou brincando! — Emily riu.

— Eu sei — Matheus respondeu rindo também e se sentou.

— Eu preciso ir, meninos. Tenho que me preparar para apresentar um trabalho agora depois do almoço. Preciso treinar mais — Emily despediu-se de mim e de Matheus, em seguida, saiu.

— Está tudo bem, meu amigo? — Matheus falou comigo enquanto comia sua refeição. — Você não comeu nada! — observou meu prato cheio.

— Está tudo bem sim. Eu estou sem fome. Apenas estou preocupado com um sonho que tive esta noite. Mais um sonho impressionante.

— Conte-me! — disse Matheus interessado e de boca cheia.

— Eu sonhei com uma festa. Contudo, era uma festa estranha. Havia muitas pessoas aglomeradas formando um espaço circular no centro de um grande salão. No meio desse círculo, tinham três caixões. Sobre um deles, um livro com uma capa parecida com a daquele livro que você alugou na biblioteca outro dia. Era como se estivesse acontecendo um funeral durante a festa. Eu chorava muito percebendo os caixões. Olhei para a minha mão esquerda e vi a minha marca de nascença brilhar. A marca se mexia, como se fosse uma seta de uma

bússola. Saí daquele círculo de pessoas. Estiquei meu braço e fiquei com a palma da minha mão aberta. Orientei-me e segui para onde a minha marca apontava. Subi algumas escadas. Entrei em algumas casas, becos, vielas. Cheguei até o alto de um morro onde havia uma espada flutuando. A espada emanava muita luz, uma luz dourada, radiante! Minha marca brilhava com mais intensidade a cada vez que eu me aproximava dessa espada. Eu queria tocar a espada, pegá-la para mim. No entanto, ela estava flutuando muito alto. Do céu, um pássaro apareceu. Era o mesmo pássaro preto de asas grandes daquele meu outro sonho. Com as suas garras, ele me levantou até a espada. Estiquei minha mão para tocá-la. Então...

— Então o quê? — com empolgação, perguntou Matheus que até parou de comer.

— Eu acordei — respondi parecendo frustrar meu amigo. — Você saberia me dizer o que o meu sonho significa?

Ele deu uma mexida na comida. Isso levou um tempo.

— Matheus! Você sabe se meu sonho significa algo ruim? — insisti com a indagação.

— Não, não sei o que significa.

— Tem certeza?

— Sim — respondeu com o olhar perdido. — Acho melhor eu comer rápido, daqui a pouco, o horário de almoço vai acabar. E você deveria fazer o mesmo. Você precisa se alimentar. Acho que você até emagreceu neste último mês.

— Emagreci um pouco mesmo — esforcei-me para comer a minha comida, que já estava fria.

Tentei não ficar pensando muito para Matheus não ler meus pensamentos. Eu desconfiava que Matheus sabia o que meu sonho significava, mas não queria me falar.

••

O meu dia de folga havia chegado. Fiz o que Emily tinha me sugerido. Caminhei em um parque ecológico que existia a caminho do Projeto Social Alvorada. Respirar um pouco de ar puro da vegetação era revigorante.

O sol estava agradável naquela manhã. Aproveitei e fiz uma visita ao Projeto. Cumprimentei todos e, claro, especialmente Dona Emma. Brinquei de bola com as crianças. Em seguida, encontrei com Sabrina, a adolescente, sentada em uma sala quando eu estava passando por uma porta.

— Oi, Sabrina! O que você está fazendo? Já fez sua lição de casa?

— Oi, tio Juan! Fiz ontem. Agora estou assistindo ao noticiário.

— Que ótimo! Parabéns! Precisamos sempre nos manter informados. E o que está passando?

— Uma manifestação sobre direitos dos gay+.

Fiquei curioso para observar. Olhei para a manifestação na tela. Havia muitas pessoas.

— Essa avenida é aqui perto não é? — perguntei.

— Sim, tio. Essa manifestação está acontecendo agora.

Uma repórter estava fazendo a cobertura jornalística da manifestação. Ela estava andando para acompanhar os manifestantes que seguravam cartazes. Depois, entrevistou um dos coordenadores do evento, como dizia a legenda. O nome dele era:

— Richard! — espantei.

— Você conhece esse moço, tio? — perguntou Sabrina.

— Eu?! Eu já ouvi falar sobre ele.

— Eu também. Ele faz parte daquele movimento famoso *Up and Fly*, que defende as causas dos gay+. Eu sou a favor, e você, tio?

— Eu?! Também. Não tenho nada contra — falei enquanto observava Richard.

Ele estava muito bonito e parecia feliz. Empolgado em fazer o que gostava. O noticiário transmitiu outra matéria. Era sobre plantações que estavam sendo devastadas por pragas.

Fiquei mais um pouco no Alvorada. Conversei com Dona Emma. Ela sabia que eu estava com o rosto tristonho. Não sei como ela conseguia perceber essas coisas. Eu disse que eram problemas no curso, mas que tudo iria ficar bem.

Decidi ir embora do Projeto. Antes, dei um abraço em todos.

Comecei a fazer o caminho de volta. Como eu estava cansado, achei melhor voltar de ônibus. Entrei em um ônibus e sentei-me ao fundo, à esquerda, longe de outras pessoas. Com o veículo em movimento, pude admirar a paisagem enquanto pensava na vida.

O ônibus fez uma parada em um ponto. Subiram quatro pessoas. Porém, uma delas me chamou a atenção. Era Richard!

Ele e os amigos ficaram em pé conversando e rindo. Ele não notou a minha presença. A minha vontade era de descer do ônibus. Eu não queria que ele me visse, apesar de ter gostado de vê-lo. Fiquei com o rosto virado para a janela.

Após um tempo, percebi que eles começaram a olhar para trás e depois murmurar entre si, inclusive Richard. Alguns pontos de ônibus passaram, os amigos de Richard desceram. Ele, no entanto, permaneceu no ônibus e foi até mim, sentando-se ao meu lado.

— Vai continuar olhando para fora da janela?

— Gosto do vento batendo em meu rosto — respondi sem olhar para ele.

— Você também gosta de ser imaturo?

— Imaturo? — virei-me para ele. — Eu?

— Sim, imaturo! Por que você me enviou aquela mensagem? Por que não quis conversar comigo? Podíamos ter tido uma conversa pessoalmente como dois adultos.

— Você não entenderia.

— Claro que não, você não me explica o que está acontecendo para eu poder entender.

Continuei quieto e, novamente, observando a paisagem urbana através da janela.

— Juan, por favor, diga-me a verdade. Você está gostando de mim, mas não quer admitir. Por isso, está fugindo? Não é?

Olhei para os olhos esverdeados de Richard. Uma mecha daqueles cabelos castanhos e ondulados caía em seu rosto.

— Se eu disser que sim, o que você faria?

— Eu diria que estou aqui para ajudar, Juan, porque eu também estou gostando de você.

— Então... eu digo sim!

Correspondi aquele sorriso lindo com outro.

Richard tocou o meu ombro, direcionou o rosto para me beijar.

— Não! Aqui, não! — afastei meu rosto.

— Qual é o problema?

— Não estou preparado para beijar em público — olhei para as outras pessoas que estavam no ônibus. Todas estavam de costas para mim.

— Tudo bem. Vou respeitar o seu tempo.

Com a mão esquerda, Richard pegou em minha mão direita.

Ficamos com nossos dedos entrelaçados de forma discreta naquele canto do ônibus. Olhávamos um para o outro e não conseguíamos disfarçar nossa alegria.

Queria falar tudo o que eu sentia por ele, sobre aquela sensação que ele me trazia, mas que eu estava reprimindo de todas as formas. Era tanta coisa para contar. Também precisava falar sobre o vídeo. No entanto, não queria estragar aquele momento. Não obstante, algo se encarregaria de fazer aquilo.

O ônibus fez mais uma parada. Alguns passageiros iriam descer, mas foram impedidos por dois rapazes com toucas cobrindo a cabeça, deixando apenas um buraco para os olhos. Um deles, o mais alto, estava com uma arma na mão.

— Ninguém desce dessa porcaria! — disse o cara armado com um revólver.

— Vão passando tudo pra mim! — falou o outro que estava com uma sacola.

— Todo mundo quietinho. Obedece!

— Passa tudo! Relógio, anel, aparelho, carteira, dinheiro! — mandava o cara mais baixo, recolhendo todos os pertences das pessoas do veículo. — Passa rápido, tia! — falou para uma senhora visivelmente apavorada. Ela colocou a bolsa na sacola do sujeito.

Richard e eu soltamos as mãos um do outro. Eu não tirava os olhos dos bandidos que estavam roubando os pertences dos passageiros na parte dianteira do ônibus.

Direcionei minha mão até a cintura onde estava a minha arma. Eu não andava sem ela e sem minhas algemas magnéticas. Richard viu e impediu minha ação, colocando a mão sobre o meu antebraço e gesticulando a boca com a frase “Não faça isso!”.

No meio do veículo, havia uma mulher segurando um bebê no colo. A criança chorava muito alto por causa daquela situação.

— Cale esse moleque, dona! — disse o bandido mais alto.

A mulher, com gestos nervosos, balançava a criança freneticamente, numa tentativa de que aquela ação acalmaria o bebê. Porém, quanto mais ela balançava, mais o bebê chorava.

— Cale esse pirralho! Já falei! — disse o bandido novamente para a mulher. — Ô parceiro, agiliza aí! — falou com o outro bandido.

— Já vou! Anda moço, me passa tudo! — o bandido menor pediu para um senhor retirar rápido o relógio do pulso e colocá-lo na sacola.

A criança chorava mais e mais alto.

— Eu vou ter que calar esse moleque no tiro, não é? — falou o bandido alto, apontando o revólver para a mulher com o bebê.

Um estrondo aconteceu dentro do ônibus!

Em seguida, bandido e arma caíram próximo ao comparsa. Este, assim como os passageiros, olhou para o fundo do ônibus.

— Mãos na cabeça, eu sou da polícia! — falei apontando minha arma para a cabeça do bandido. Ele deixou a sacola com os produtos roubados cair.

Assim que o bandido colocou a mão na cabeça, pedi para ele virar de costas e ajoelhar, depois deitar no chão. Nesse momento, enquanto eu apontava minha pistola para o sujeito, com a outra mão, apanhei o revólver no chão e o guardei na minha cintura. O revólver estava sujo devido à poça de sangue que se formou com a perfuração causada no peito do bandido alvejado.

Em seguida, continuei exigindo que o bandido permanecesse parado. Apliquei um golpe de imobilização nas pernas do sujeito, de modo que pude ficar sobre ele. Com o bandido imobilizado, guardei minha arma e o algemei.

Puxei a touca do rapaz algemado.

— Você é só um moleque! Tem quantos anos?

— Quinze — respondeu beijando o chão do ônibus.

— E seu amigo?

— Dezessete. Moço, por favor, não me mata! — começou a chorar.

Levantei e peguei o garoto para prendê-lo no pé de uma das poltronas do ônibus. Assim o fiz. O moleque ficou sentado e algemado pelas costas e preso ao banco. Retirei o capuz do outro bandido. Também parecia ser jovem. Conferi a pulsação no pescoço. Não senti nada.

— Alguém, por favor, chame uma ambulância! Eu vou entrar em contato com a polícia.

Em poucos minutos, as instituições chegaram. Os profissionais da ambulância confirmaram o óbito do bandido. Entreguei a arma do criminoso para os peritos. Eles a verificaram e constataram que não estava municada.

Os passageiros do ônibus recebiam atendimento ali no local. Precisei tomar medicamentos, pois tive contato com o sangue de outra pessoa. O corpo do bandido morto foi levado. O outro bandido foi conduzido à delegacia especializada.

Eu prestei depoimento para os meus colegas de trabalho que foram atender a ocorrência: um sargento e um soldado. Richard também deu o depoimento dele.

Antes de ir embora, a mulher com o bebê foi até o meu encontro.

— Obrigada! Muito obrigada! — ela disse visivelmente emocionada.

— Não precisa agradecer, senhora. Apenas fiz a minha parte.

— Fez muito mais que isso. Se não fosse o senhor, eu nem sei o que poderia ter acontecido comigo ou com o meu filho.

Observei o bebê. Deveria ter oito ou nove meses de idade. Ele dormia no colo da mãe. Depois ela saiu.

— Parabéns, Sargento-aluno Juan! Foi um ato heroico! — disse Sargento daquela ocorrência.

— Parabéns, senhor! — disse o Soldado.

— Obrigado.

Em seguida, os meus colegas desconhecidos foram ouvir outros depoimentos. Richard aproximou-se de mim. Eu estava encostado na viatura policial.

— Você está sendo parabenizado por ter tirado uma vida?

— Não. Claro que não! Eles estão me parabenizando por ter salvado vidas! Inclusive a sua!

— Você ouviu o que os peritos disseram? A arma não tinha balas.

— E como eu poderia saber disso antes? Ainda não desenvolvi essa capacidade de adivinhações. Acho que você deveria analisar a situação por outros pontos de vista, Richard. Afinal, eu fiz o que fiz também por você.

— Tem razão. Desculpe-me. Eu estou muito perturbado — Richard também se encostou na viatura. — Nunca fui assaltado. Nunca vi uma pessoa ser morta na minha frente.

— Jamais se deve reagir a um assalto! Deixe para nós, profissionais capacitados, fazermos isso!

— Ok. Só achei que você foi muito... frio. Parecia ser outra pessoa.

— Eu preciso controlar minhas emoções nesses momentos de tensão. Qualquer erro ou vacilo meu poderia ter resultado em consequências terríveis. Acha que não fiquei abalado?

— Não é isso, Juan. Para mim, é muito difícil compreender a sua profissão. Eu sei que vocês policiais precisam agir nessas situações, mas... sei lá, poderia ter sido de outra forma, sem que ninguém morresse.

— Esse seria o ideal. Porém, existem situações que, infelizmente, isso não é possível. E essa foi uma delas.

— Certo. Não vamos discutir pontos de vistas diferentes agora, não é mesmo? Ainda mais após uma reconciliação. Vamos manter a paz — ele me abraçou. Aceitei o abraço.

Ficamos ainda algum tempo no local. Depois, tivemos que ir até uma delegacia prestar mais esclarecimentos. Eu nem sabia quantas horas havia passado. Assim que nos liberaram, Richard e eu decidimos pegar um táxi. Ele insistiu para que eu fosse até o seu apartamento tomar um banho e comer algo. Aceitei.

No caminho, dentro do táxi, durante um breve período de silêncio entre a conversa com Richard, recordei-me sobre o que ele havia dito: “Só achei que você foi muito... frio”. De fato, nessas situações, nós, policiais, precisamos controlar nossas emoções e focar no desenrolar dos acontecimentos.

Aquela foi a minha primeira ocorrência em que precisei alvejar alguém e, por consequência disso, a pessoa foi a óbito. Essa sensação era ruim, muito ruim. Porém, familiar. Parecia que eu já havia matado alguém antes, mas eu tinha certeza que não. Era como se eu estivesse sentindo algo que já me aconteceu, como num *déjàvu*. No entanto, apenas em relação ao sentimento, e não em relação ao fato. Muito estranho aquilo.

Procurei ocupar minha mente com outras coisas. Tentei me recordar somente do rosto da mulher que veio me agradecer com o seu bebê nos braços. O seu olhar de alívio era confortante e gratificante para mim.

Chegamos, eu e Richard, no prédio onde ele morava. O apartamento dele parecia a casa de um artista, com vários quadros espalhados pelas paredes. Pequenos enfeites parecendo ser de várias partes do mundo. Alguns muito exóticos. Várias peças artísticas, esculturas, va-

sos. Muitas feitas de pedras, cristais, madeira. O lugar também exalava incenso, talvez de jasmim.

Livros eram encontrados por todos os lados: nas estantes, nas mesas e até algumas pilhas ao chão. Filtros de sonhos, sinos dos ventos e outros objetos compunham a parte superior do apartamento. Parecia que tudo estava bagunçado, mas logo percebi que a disposição da decoração era propositalmente irregular.

Richard me mostrou o seu quarto. Havia uma cama muito grande. Aos fundos, um banheiro onde tomei um banho. Enquanto isso, ele preparava o jantar. Ele me emprestou algumas de suas roupas. Elas tinham o mesmo comprimento que o meu, todavia um pouco apertadas.

Depois que ele tomou banho, comemos um macarrão com molho de tomate e manjeriço.

— O manjeriço é fresco. Eu cultivo uma pequena horta no terraço do prédio.

— Está ótima a refeição! Você cozinha muito bem!

— Obrigado! — nunca havia visto Richard com um sorriso tímido. Achei muito atraente aquele gesto.

Estávamos um de frente para o outro, sentados em volta de uma pequena mesa quadrada que ele tinha na cozinha. Sob a luz amarela do pendente em formato de prato invertido acima de nossas cabeças, ouvíamos uma música tranquila, instrumental, que ele havia colocado.

Em nenhum momento, encostamos um no outro. Ainda estávamos tensos por causa do episódio que acontecera mais cedo. Provavelmente, se não fosse por isso, o clima seria bem mais romântico.

— Vamos até o terraço do prédio? — falou depois que me viu terminar o segundo prato da refeição.

— O que tem lá? — perguntei limpando a boca em um guardanapo.

— Você vai ver!

Levantamos da mesa. Eu iria lavar as louças, porém ele não deixou. Saímos do apartamento e fomos até o elevador.

A porta se fechou, Richard olhou para mim e, com um tom sedutor, disse:

— Foi assim que nos conhecemos, não é?

— Sim!

Dessa vez, não resisti. Senti a maciez dos cabelos dele entre meus dedos ao mesmo tempo em que pude sentir o perfume de seu rosto. Um gosto doce percorria meu paladar. Com minha outra mão, segurei sua cintura e o puxei para mais perto de mim. Sentir novamente o coração dele palpitar, freneticamente, assim como o meu, foi simplesmente maravilhoso!

Era o ápice de todas as emoções que eu estava acumulando durante muito tempo. Era algo tão diferente e tão bom! Abri meus olhos algumas vezes para ter a certeza do que estava acontecendo. Sim, era real! Era espetacular! Uma sensação incrível contagiava todo o meu corpo. Nunca havia sentido aquilo em outros relacionamentos. Aquela energia fantástica!

Não queria saber mais o que as pessoas falavam. Não queria saber dos problemas. Não queria saber de mais nada e de mais ninguém! Eu apenas queria ficar naquele momento. Mergulhar naquela sensação que, para mim, era a melhor que eu já havia experimentado. Se antes eu estava na dúvida, agora eu tinha certeza de quem eu era e de quem eu queria para minha vida. Eu queria Richard!

Só diminuimos a intensidade do encontro de nossos lábios quando a porta do elevador se abriu.

— A porta se abriu! — eu tentava falar com Richard ainda me beijando.

— Tem certeza? Talvez existem mais andares para subir.

Demos risadas. Saímos do elevador de mãos dadas. Continuamos o beijo do lado de fora. Com os olhos, procurei se tinha outras pessoas ali. Não tinha.

Depois de um tempo nos beijando, resolvemos dar um descanso para os lábios.

— Venha, vou lhe mostrar a vista!

Ele me conduziu até a beirada do muro do prédio. Passamos por vasos cheios de hortaliças. Era onde ele cultivava a horta. Havia uma piscina no local, com algumas cadeiras em volta.

Na ponta do prédio, contemplei a vista naquela noite. Toda a paisagem urbana estava lá embaixo. Os prédios vizinhos eram mais baixos. Muitas luzes nas janelas. Muitos carros nas avenidas. E um céu todo escuro.

— Linda paisagem. Mas a melhor é você! — comentei.

Novamente nos beijamos. Deitamos em uma das cadeiras inclinadas que estava perto da piscina. Richard ficou deitado, fiquei sobre ele. Eu não sabia qual dos dois lindos olhos dele observar. Admirava-o. A boca dele estava ainda mais vermelha. O clima pedia algo mais.

Meu aparelho tocou quando eu iria retornar os beijos. Verifiquei a mensagem.

— Eu preciso ir!

— Não acredito! Aconteceu algo grave? — questionou-me quando eu levantei.

— Tenho uma chamada noturna na Academia de Polícia dentro de uma hora!

— Chamada? O que é isso? — Richard continuava deitado na cadeira.

— É uma atividade surpresa. Às vezes, eles fazem isso para simular imprevistos.

— Mas é a sua folga!

— Sinto muito, mas essa é minha profissão.

— Quando vamos nos ver novamente, meu anjo?

— O que você falou?

— Quando vamos nos ver novamente.

— Não. O que você disse depois disso?

— Meu anjo.

Abaixei para ficar com o rosto bem próximo a ele.

— Repete.

— Meu anjo!

— Você fica mais lindo me chamando assim!

Despedi de Richard com mais carinhos.

O QUE ESTÁ ACHANDO DO LIVRO?

DEIXE SEU COMENTÁRIO NO SITE: GANDHOR.COM

COLABORE COM O AUTOR, FAÇA UM PIX.
CHAVE PIX: helvister@yahoo.com.br

ABAIXO-ASSINADO PARA O LIVRO SE TORNAR UMA SÉRIE OU FILME:
CHNG.IT/RQXRVBZSHS

COMPARTILHE ESTE LIVRO COM TODOS OS SEUS CONTATOS!

SIGA O AUTOR:
[@helvister](https://www.instagram.com/helvister)

MUITO OBRIGADO E ESPERO QUE GOSTE DESTA OBRA FANTÁSTICA E EMOCIONANTE!

WWW.GANDHOR.COM

CAPÍTULO 13

Don Juan



Peguei um táxi até a Academia de Polícia. Cheguei e fui colocando a minha farda para fazer uma série de atividades físicas noturna. Não senti nenhuma dor, nenhum cansaço. Estava em êxtase lembrando o encontro daquela noite. O cansaço das atividades não surtiu efeito em mim.

Durante os intervalos, eu não conseguia pensar muito sobre os momentos com o Richard, pois todos já estavam sabendo sobre o assalto ao ônibus e, alguns, queriam me parabenizar e me interrogar sobre como fora a minha ação.

••

Os dias ulteriores foram os mais felizes desde que iniciei o Curso de Sargentos. A ocorrência do ônibus contribuiu para que as piadas sobre a minha orientação sexual diminuíssem. Além disso, eu e Richard começamos a namorar. Sim, ele era meu namorado. M-e-u n-a-m-o-r-a-d-o. Isso, infelizmente, ainda soava desconfortável para mim. Era compreensível. Passei toda a minha vida criado em uma sociedade machista, em que a homossexualidade sempre foi considerada como algo ruim e inaceitável. É questão de tempo, eu sei, para que eu consiga agir naturalmente e sem vergonha alguma e responder a qualquer um que fizer a pergunta “Oi, Juan! Quem é esse rapaz ao seu lado?”.

Então direi com o maior prazer e orgulho: “O nome dele é Richard. Ele é meu namorado!”.

Eu e Richard começamos a nos conhecer melhor a cada dia. Marcamos vários encontros. Trocamos mensagens todos os dias. Conversei com ele sobre o vazamento do vídeo. Ele disse o que os meus amigos falaram: para que eu não me importasse com a opinião dos outros.

Fiquei sabendo mais sobre o *Up and Fly*. Richard disse que qualquer dia me levaria para conhecer a sede desse movimento. Fui, inclusive, até a casa da mãe de Richard. O nome dela era Olga. Uma mulher encantadora e muito simpática. Lá, na casa dela, eu e meu namorado pudemos ficar de mãos dadas sem sermos censurados por essa manifestação de carinho.

Eu contei para Matheus e David sobre Richard. Eles me apoiaram. David me contou que estava se encontrando com Shanti, amiga de Richard. Foi quando eu sugeri para sairmos nós quatro. Ele gostou da ideia. Assim aconteceu.

Na folga seguinte, eu e Richard, David e Shanti, fomos até um restaurante de comida japonesa. No local, vimos três pessoas conversando sob um tatame em volta de uma mesa. Uma das pessoas disse:

— Ah não! Não estou acreditando! Richard e Shanti! — disse um rapaz de cabelos castanhos longos e anelados que trajava uma calça marrom apertada e uma camisa bege. Ele se levantou e saiu correndo para abraçar Shanti e Richard.

— Rô! Quanto tempo! — disse Shanti — eles se cumprimentaram com dois beijos no rosto, um em cada lado.

— Que saudades de você, Rômulo! — falou Richard, que também foi cumprimentado com beijos.

— Ah não! Não me diga que você arrumou um homem para chamar de seu? — perguntou Rômulo para Richard quando o viu colocar o braço sobre o meu ombro.

— Haha! Sim, Rô. Este é Juan — Richard me apresentou para o amigo. Reparei que ele também usava uma leve maquiagem no rosto.

— Vejam só: um Don Juan! Haha! Lindo nome. Tão bonito quanto o dono! — falou olhando para mim. Depois, comentou com Richard — Com todo o respeito, amigo — os dois riram.

Rômulo me cumprimentou com um abraço e um beijo no rosto. Eu fiquei sem jeito.

— E esse deus grego loiro de olhos verdes é de quem? — apontou para David.

— Esse é meu! Haha! — disse Shanti abraçando David. Shanti era mais alta que meu amigo.

— Prazer, querido!

David esticou o braço para um aperto de mão antes que Rômulo pudesse cumprimentá-lo carinhosamente como fez com os demais. E assim foi o cumprimento entre eles.

Fomos até a mesa na qual estava um casal. O homem, barbudo, estava de macacão jeans; a mulher, negra com cabelos crespos volumosos, usava uma blusa e uma saia com estampas alegres. Fomos apresentados. Os nomes eram, respectivamente, Paulo e Lara. Eles e Rômulo insistiram para que sentássemos todos juntos. Nós aceitamos.

Antes de pisarmos no tatame, retiramos nossos calçados. Ficamos em torno da mesa, eles de um lado, nós de outro. Pedimos porções de comidas típicas e bebidas. Os assuntos da conversa eram, em sua maioria, sobre o movimento *Up and Fly*. Dessa forma, eu e David ficamos mais quietos.

Quando Rômulo contou vários casos engraçados, eu e meu amigo pudemos participar mais.

— Uma vez, eu e outras amigas estávamos voltando de uma danceteria. Estávamos todas lindas e deslumbrantes, porém bêbadas! Haha! De repente, um moleque chegou para nós e disse “Passa a grana, tia!”. Eu deixei meu lado mulher de lado e falei com a voz mais grossa do mundo: “Não vou passar nada não, moleque!”. O menino levou um susto tão grande, mas tão grande que saiu correndo. Acho que ele deve ter molhado a calça toda!

— Hahaha! — todos riram.

— Você se define como homem ou como mulher? — perguntei.

— Eu sou um homem que se veste como mulher para apresentações artísticas. Nesses casos, sou uma *drag queen*. Mas, de vez em quando, também gosto de me travestir de mulher no dia a dia. Por isso, não me importo que me chamem de travesti.

— Não seria transexual? — fiz outra pergunta.

— Não, querido. Transexual é outra coisa — falou Rômulo.

— Eu sou trans — disse Paulo.

Eu e David ficamos perplexos.

— Você é mulher?! — David disse.

— Não, eu sou homem.

— Ah, bom! Achei que você tinha nascido mulher — falou David.

— Eu nasci mulher.

— Agora não estou entendendo nada! — meu amigo ficou confuso. E eu também.

— Eu me defino como homem, mas nasci em um corpo de mulher. E gosto de mulher. No caso, desta mulher aqui! — beijou o rosto de Lara. O casal não se desgrudava.

— E eu sou bissexual — falou Lara. — Nasci em um corpo de mulher, considero-me mulher e minha orientação sexual é bissexual, pois sinto atração por pessoas do mesmo sexo e também por pessoas de sexo diferente do meu.

— Para mim, isso é muito confuso — mencionou David.

— Meu bem, — disse Shanti — vou tentar lhe explicar de uma forma bem simples e resumida. Mas saiba que são conceitos e termos, de fato, muito mais complexos. Grosso modo, tente pensar em três aspectos. Um primeiro ponto a se pensar é a questão biológica, se a pessoa nasceu com o órgão feminino ou masculino. A segunda questão é a identidade de gênero, ou seja, se a pessoa se considera homem ou mulher, independentemente do corpo em que nasceu. Nesse caso, se ela nasceu em um corpo e se identifica com aquele mesmo corpo, en-

tão a pessoa é cisgênero; se ela não se identifica com o corpo em que nasceu, então a pessoa é transgênero. É claro que estou sendo sucinta. As explicações são muito mais abrangentes. Apenas para ficar mais fácil para você entender.

— Você, David, é cisgênero. A Shanti é cisgênero, eu sou cisgênero — Richard também ajudava a explicar. — Todos aqui, exceto o Paulo, são cisgênero.

— Mas você é gay, não é, Richard? — David perguntou.

— Sou. Acontece que a identidade de gênero não tem a ver com a orientação sexual — disse Richard.

— Ainda continuo sem entender! Haha! — com o *hashi*, David escolheu uma peça de comida sobre a mesa e engoliu.

— Calma, querido. Faltou eu explicar a terceira questão que é justamente a orientação sexual da pessoa, ou seja, se ela se sente atraída por pessoas do mesmo sexo (homossexual), do sexo oposto (heterossexual) ou de ambos os sexos (bissexual).

— Hum! Falou bonito, menina! Parabéns!

— Obrigada, Rô!

— Existem casos, por exemplo, de pessoa que nasce com o órgão feminino, identifica-se como homem e sente atração por homens. E o contrário acontece também — Rômulo acrescentou à explicação de Shanti.

— Nossa! Muito complicado! Haha! — falou David.

— E ainda existem outros termos, outros conceitos. Nós só estamos resumindo para você entender — comentou Lara.

Reparamos David. Ele ficou com uma cara muito engraçada de quem não estava entendendo nada. Até para mim era complicado entender, mesmo eu sendo gay.

— Acho melhor voltar a falar das minhas aventuras. Lembrei-me de mais um caso! — disse Rômulo com gestos expressivos. — Vou contar para vocês. Porém, esse não é engraçado. Outro dia, quando eu também estava caminhando vestida como mulher, dois policiais me

abordaram. Assim que um deles percebeu que eu era uma travesti, ele fez questão de me empurrar contra o muro e pediu para que eu tirasse o vestido que eu estava usando.

— Você teve que tirar o vestido na rua?! — perguntou Richard.

— Sim! — respondeu Rômulo — um vestido lindo cheio de brilhantes. O policial queria que eu tirasse ali mesmo, na rua! Vejam só! Disse que precisava se certificar se eu não estava usando alguma arma por baixo. Eu precisei acatar as ordens, porque o policial e o colega estavam sendo truculentos comigo. Fiquei só com as roupas íntimas. Nunca me senti tão humilhada!

— Que absurdo! — disse Lara.

— Eles ainda disseram que aquele constrangimento que passei fazia parte da abordagem — continuou Rômulo. — Óbvio que os policiais eram preconceituosos e estavam querendo me ridicularizar.

— Provavelmente, você estava em uma situação suspeita, em que foi necessário fazer uma abordagem dessa forma — disse David. — Talvez, o local onde você estava deveria ser um local ermo.

— Não! Não foi nada disso! Eu estava voltando do bar em que costumo fazer apresentações musicais. Já era de manhã! Fui submetido a um grande constrangimento em via pública, com várias pessoas me notando! — Rômulo estava deixando de falar em um tom mais agudo.

— A abordagem faz parte do procedimento policial — falei para Rômulo.

— Exato! — David concordou comigo e lançou uma pergunta para Rômulo. — Se o policial não abordar, como ele vai saber se o suspeito estava ou não portando algo ilegal?

— Mas precisava ser daquela forma? — indagou Paulo. — Ficou explícito que os policiais agiram de forma truculenta com o Rô por puro preconceito!

— Policiais são violentos! Eu não gosto de policiais — disse Lara.

— Eles se acham no direito de fazer o que querem simplesmente pelo fato de usarem fardas e poderem prender! — afirmou Rômulo.

— Isso tudo é uma grande mentira! — disse David começando a se exaltar.

— Acalme-se, meu bem! — disse Shanti.

— É verdade sim! — falou Paulo.

— Quantos policiais você conhece? — David perguntou.

— O suficiente para saber que são todos autoritários, sem escrúpulos e robôs do governo! — respondeu Paulo.

— Cale a boca! Cale a boca! — David se levantou e apontou o dedo para os três amigos do outro lado da mesa. — Eu sou policial e não vou aturar mais uma blasfêmia de vocês! Senão ...

— Senão o quê? — disse Paulo, que diferente de Lara e Rômulo, não ficou surpreso quando David revelou quem era. — Vai nos prender? Vai nos violentar? Vai nos torturar?

— Eu vou embora! — David colocou os calçados e saiu. Eu, Shanti e Richard fomos atrás.

Shanti segurou nos braços de David.

— David, espere!

— Esperar o quê? Eu não suporto esse tipo de gente que ofende os outros sem conhecer! Esses são seus amigos?

— São sim, mas...

— Que tipo de pessoa é você para ter amigos assim? Você também é um desses defensores de minorias que se acham no direito de fazer o que querem só porque são os “coitadinhos da sociedade”, os “excluídos do mundo”? Vocês não podem obrigar ninguém a pensar como vocês!

— David, acalme-se, você já está falando besteiras — Shanti pedia.

— Não vou me acalmar! — ele gritava. Outras pessoas no restaurante olhavam para nós no meio daquele lugar. — Não vou aceitar que falem o que quiserem sem procurar se informar antes! Para mim acabou, Shanti! Se você apoia e se mistura com esse tipo de gente, para mim você é tão ridícula quanto eles!

— Não fale assim com minha amiga! — defendeu Richard.

— Não estou falando com você! — disse David apontando para meu namorado.

— David! Meu irmão, controle-se! — falei intervindo na situação.

— E você, Juan? Deixou o cara ofender nossa instituição, nossa honra, nossa dignidade. E o que você fez? Nada! Nem disse que também era militar. Ficou com vergonha de se assumir?

Fiquei quieto. David me encarava com uma expressão de decepção.

Antes de sair, deixou um dinheiro sobre a mesa vazia que estava ali perto para pagar a parte dele da conta.

Shanti, Richard e eu observamos ele ir embora. Ficamos parados no meio do restaurante.

— Ele ficou assim porque disse que se sentiu ofendido. Imagine o que eu e tantos outros sentimos sendo ofendidos constantemente por tantas pessoas e de várias formas simplesmente por sermos gay+? E ainda devemos nos calar porque somos a “minoria” — comentou Richard.

— Seus amigos também não agiram certo — declarei.

— Não, não agiram. Liberdade de expressão não quer dizer que a pessoa pode sair por aí desrespeitando os outros com palavras. E foi o que aconteceu. Todos erraram. E isso é o que mais acontece hoje em dia: cada um acha que a sua opinião é a correta e ninguém chega a um acordo — Richard continuava a falar.

— Aqueles que se dizem contra policiais se baseiam em exemplos de péssimos profissionais — falei.

— Do mesmo modo, quem é contra os gays julga com base em exemplos de alguns homossexuais que também agem de maneira inadequada — completou Richard.

— Estou preocupada com David. Ele saiu muito exaltado — disse Shanti. Ela não estava prestando atenção no que eu e Richard dizíamos.

— Vou atrás dele — fui pegar meu calçado.

Em seguida, despedi de Richard e Shanti. Saí para ir atrás de David. Não consegui achá-lo. Tentei entrar em contato com ele por meio do aparelho, mas não tive êxito.

Fui encontrá-lo na Academia de Polícia. Ele estava mais calmo. Tentei conversar com ele, mas ele disse que era melhor esquecer tudo aquilo, em nome de nossa amizade. Respeitei a decisão dele e não toquei mais no assunto.

O QUE ESTÁ ACHANDO DO LIVRO?

PARA SABER MAIS SOBRE O LIVRO, ACESSE: WWW.GANDHOR.COM

COLABORE COM O AUTOR, FAÇA UM PIX.
CHAVE PIX: helvister@yahoo.com.br

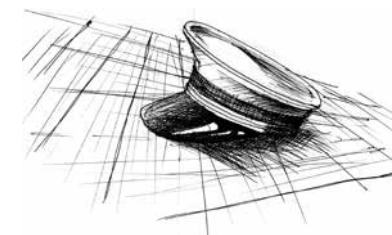
COMPARTILHE ESTE LIVRO COM TODOS OS SEUS CONTATOS!

SIGA O AUTOR: @helvister

MUITO OBRIGADO! ESPERO QUE SUA LEITURA SEJA FANTÁSTICA!

CAPÍTULO 14

Vermelho vivo



O grande dia havia chegado! Ou melhor, a grande noite! O momento mais esperado depois de um ano de curso: a formatura do Curso de Sargentos!

A instituição havia alugado um enorme salão para o evento. O lugar parecia um ginásio olímpico. Era grande de largura e de altura. Grande o suficiente para os formandos fazerem suas exibições de ordem unida e ainda ter espaço para o baile de gala que aconteceria logo em seguida.

Na parte externa, havia um grande tapete vermelho que percorria todo trajeto: da rua à entrada principal. Filas com soldados montando guarda ladeavam o tapete. Holofotes e outras combinações de luzes compunham o cenário glamouroso. Muitos convidados, familiares e amigos dos formandos e demais personalidades militares, estavam chegando para prestigiar aquela ocasião.

Todos nós, os futuros sargentos, aguardávamos, nos bastidores do ginásio, o momento de sermos chamados para a exibição que tanto ensaiamos ao longo do último mês de curso. Trajávamos o fardamento de gala. Um tipo de terno, na cor branca, com insígnias e outros ornamentos dourados. O nosso quepe era preto com um florão, bordado com fios de ouro, ao centro e à frente.

— Ansioso?

Olhei para ver quem me dirigia a palavra. Era Emily. O fardamento das policiais se diferenciava na parte inferior. Os homens

usavam calça preta e as mulheres, saia preta. Em vez do quepe, elas utilizavam um chapéu preto com o mesmo florão dourado como ornamento.

— Sim, um pouco — respondi apertando uma mão contra outra.

— Convidou alguém?

— Richard, claro! E algumas pessoas do Projeto Alvorada que já me disseram que não poderão comparecer. E você?

— Minha família toda veio. Meu pai é militar aposentado. Ele não perderia esse evento por nada!

— Eles devem estar orgulhosos de você!

— Estão sim. Juan, você não parece estar somente ansioso para a apresentação.

— Não. Eu estou sentido uma sensação estranha, mas não deve ser nada demais.

— Isso deve ser fome! — disse David, que chegava com Matheus.

— Haha! — todos rimos.

— Amigos, quero desejar a todos, desde já, os meus parabéns! — falava Matheus. — Não sei se vamos trabalhar juntos logo que formos distribuídos para os batalhões militares, então quero deixar aqui meus cumprimentos e minhas despedidas!

— Falando assim parece que nem vamos mais nos ver. E a nossa república? Não vamos montar uma? — perguntei.

— Claro! — disse David. — Nós três já estamos certos de nos encontrarmos posteriormente.

— Então a despedida é para mim, certo?

— Sim, foi um prazer conhecê-la, senhorita Emily! Adeus! — disse David brincando.

— Deixe de ser bobo, David. Amigos de verdade nunca se separam, mesmo estando longe fisicamente — Emily falou.

— Silêncio! Silêncio! — chiou a Tenente Sarah pelos corredores — Vamos começar a apresentação! Assim que anunciarem, entraremos ao som da banda da polícia militar. Rápido! Quero todos em formação!

Emily, David, Matheus e eu nos abraçamos coletivamente. Depois, cada um se posicionou em seus lugares nas fileiras junto a outros militares ansiosos.

O anúncio foi feito. O som da banda da polícia começou. Era a deixa para darmos início à nossa tão esperada apresentação. De vários pontos do salão, fileiras de militares marchando surgiram para se encontrar ao centro do lugar. Era uma emoção muito forte. Muita euforia partia do público que nos assistia. Muitos flashes de câmeras. Muitos aplausos. E nem tínhamos começado a nossa performance! Estávamos, ainda, apenas entrando no salão para ficarmos em posição de destaque.

Os movimentos de nossa marcha seguiam a cadência do bumbo e de outros instrumentos musicais da banda da polícia, localizada à direita do grande palco montado à frente da tropa. Demos início a várias performances. Usando as nossas posições, formamos vários símbolos: a divisa de sargento, a estrela do Estado e a Bandeira Nacional. Cada dispositivo montado era o início de uma chuva de aplausos.

Era muita emoção para nós formandos. Aquele dia era a representação e a consumação de todo o esforço que tivemos ao longo do curso. Muita superação, muitos desafios, muitos obstáculos e limites vencidos. Limites esses que extrapolavam as questões físicas. Ao final, sabíamos que precisávamos ser fortes não apenas para os outros, mas, principalmente, para nós mesmos. E, ali, naquele momento, estava a nossa recompensa: comemorar a conquista de uma nova posição militar ao lado de nossos irmãos de farda e ao lado de quem amamos.

Em algum lugar daquele grande público, estava Richard. Lembrei-me de minha avó também. Ela estaria muito orgulhosa de mim. Se realmente existisse vida após a morte, creio que ela deveria estar me assistindo, levando as mãos junto ao peito. Gesto que ela sempre fazia quando presenciava algo muito comovente. Como eu queria que ela ainda estivesse viva...

Eu precisava controlar minhas emoções. Os comandos de ordem unida precisavam ser executados todos em conjunto para os movimentos saírem uniformemente.

Nos momentos de fala dos convidados, eu e meus colegas tínhamos que ficar parados sem nos mover. Estavam presentes no palco os professores do Curso de Sargentos, os oficiais organizadores, entre eles o Capitão Theo, a Comandante Geral da Polícia, Coronel Luísa, o marido dela, Comandante das Forças Militares, General Gabriel, e o Subcomandante das Forças Militares, General Skirmjan. Era a vez deste último falar.

Assim como os outros, ele, que chamava sempre a atenção por portar uma espada embainhada na cintura, também fez um discurso belíssimo parabenizando os formandos pela conclusão do curso e por terem escolhido servir uma profissão honrada para defender o país, o Estado e toda a sociedade.

Percebi que, no palanque, estavam alguns militares ajudando na organização do evento. Entre eles, estava o Cabo-aluno Bob segurando uma bandeja de ouro.

— Alguém caiu ali atrás.

Ouvi comentários entre a tropa que permanecia imóvel. Dei uma olhada discreta para averiguar. Vi Matheus caído.

— Algum militar pode acudir o companheiro que caiu? — disse o General Skirmjan ao microfone quando notou o incidente.

Antes que ele completasse a frase, eu já estava saindo do meu lugar para ajudar o amigo.

— Matheus! Matheus! Você está bem?

— Não muito. Fiquei tonto.

— Vamos até a enfermaria!

Enquanto levantava Matheus e o conduzia para sair do meio do salão entre as fileiras de militares, ouvi cochichos dos nossos colegas formandos: “Que vergonha! Caiu em forma! Todos viram”, “Estragou a nossa formatura”, “Só poderiam ser esses dois!”.

Apoiado em mim, Matheus conseguiu chegar, vagarosamente, até a enfermaria, localizada nos bastidores do ginásio. Lá ele foi atendido por uma médica militar que pediu para ele deitar em uma cama.

— O que aconteceu? — perguntou a médica.

— Minha vista escureceu, fiquei tonto e caí.

— Deve ter sido alguma variação na pressão arterial. Vou aferir — falou a médica, depois ela voltou-se para mim. — Você pode ir, rapaz. Volte para a sua formatura.

— Matheus, você vai ficar bem? — Matheus respondeu com a cabeça que “sim”.

Voltei para entrar em formação com os meus colegas.

Após as homenagens aos militares que tiraram as melhores notas no curso, fizemos o juramento final. Os formandos estenderam o braço direito na direção da Bandeira Nacional ao lado do palanque. Em coro, todos nós dissemos:

A partir deste momento, sendo sargento militar, assumo minha responsabilidade e comprometimento com a instituição e com a sociedade, jurando zelar pelo bem-estar de todos, sem discriminação, com respeito, com ética e com transparência, executando os serviços com coragem e justiça, sob os pilares da disciplina e da hierarquia, entre o comando e a tropa, protegendo e servindo a todos, ainda que, para isso, minha vida possa ser imolada! Sargento militar: força e honra no dever!

Mais chuva de aplausos após o juramento. Por fim, Capitão Theo fez o último comando para sairmos da formação. Assim que ele terminou a fala, jogamos nossos chapéus para o alto. Éramos, oficialmente, sargentos!

Todos se abraçaram depois disso. Eu não ganhei muitos abraços, mas fiquei feliz com os que recebi. Recuperei o meu quepe e o coloquei de volta.

— Estamos formados, meu irmão! — David chegou comemorando com um abraço forte, tentando me levantar do chão. E conseguiu.

— Haha! Parabéns, meu irmão! — falei após o abraço.

— E Matheus? — perguntou David. — Ele está bem? Vi que você o conduziu até a enfermaria.

— A médica disse que sim. A pressão dele deve ter caído.

Do outro lado do palanque, outra banda, mas, no caso desta, uma banda não militar, iniciava uma música agitada. Começava o baile.

Os parentes dos formandos puderam invadir o centro do salão para cumprimentar os novos sargentos.

— Juan, vou procurar por minha família. Depois a gente se fala!

— Ok, David!

Fiquei onde estava. Retirei meu quepe para limpá-lo. Ajeitei-o novamente na cabeça. Olhava de um lado para outro.

— Procurando por alguém? — disse Richard.

— Não mais — falei com o maior sorriso do mundo.

Demos um abraço apertado.

— Parabéns, meu anjo! Meu sargento! — ele disse enquanto nos abraçávamos.

— Obrigado! Estou muito feliz que você esteja aqui comigo neste momento!

— Eu não poderia faltar. Sei o quanto essa conquista é importante para você! Sei o quanto você queria que sua avó também estivesse aqui.

Eu tentava segurar a emoção. Ainda próximo ao pescoço de Richard, sentindo o perfume dele, observava outras pessoas. Vários casais se abraçando. Militares cumprimentavam suas companheiras ou companheiros com muitos beijos. Eram todos casais héteros.

Falei ao ouvido de Richard:

— Que vontade imensa de lhe dar um beijo, aqui, na frente de todo mundo!

— Eu também! Muita vontade!

— Isso não é justo. Qual é a diferença entre o amor que esses casais sentem um pelo outro do amor que sentimos?

— Nenhum, meu anjo. Tivemos a infelicidade de nascer com o mesmo sexo numa época ainda preconceituosa e, por isso, não podemos manifestar nossos gestos de carinho, afeto e amor.

— Até quando vamos ter que omitir o que sentimos um pelo outro só para “agradar” os que não suportam nos ver juntos só por causa de preconceito?

— Eu não sei, meu anjo. Não vamos pensar sobre isso agora — desfizemos o nosso abraço parcialmente. — Parabéns, sargento! Meu sargento! — disse mirando meus olhos.

Eu acariciei o rosto de Richard. Ele havia colocado um terno só para me prestigiar. Eu estava disposto a beijá-lo na frente de todos! Não estava me importando com as consequências daquela ação.

Porém, um chamado não me permitiu cometer o ato de amor.

— Juan! Juan!

Olhei para ver quem me chamava daquele jeito desesperado. Era Matheus. Ele estava com dificuldades de chegar até mim por causa das várias pessoas que estavam em seu caminho. Mas ele conseguiu se aproximar.

— O que foi?! — perguntei indo até o amigo. — Você está melhor?

— Juan! — ele ainda estava um pouco fraco e respirava profundamente. — Temos que sair daqui!

— Por quê?

— No palanque! Ali no palanque, tem alguém, algo que...

Dois tiros perfuraram o peito de Matheus.

Fiquei em estado de choque!

Era como se não conseguisse ouvir nada ao redor. Nem a música. Eu sabia que as pessoas gritavam assustadas, mas eu não ouvia. Parecia que tudo estava estático, ou movimentando lentamente. “Será que isso está acontecendo mesmo? Matheus foi baleado aqui no meio da formatura?”.

Matheus começou a inclinar para frente. Foi quando decidi agir. Segurei meu amigo antes que ele caísse. Abaixei, com ele em

meus braços, sentando ao chão. O sangue ficava com um tom ainda mais vermelho vivo na farda branca dele.

— Matheus! Matheus!!!

— Um médico! Alguém chame um médico! — gritou Richard.

— Matheus! Fale comigo, por favor!

Matheus parecia querer falar.

— Você sabe quem fez isso? — perguntei.

— O que está acontecendo? — disse a Coronel Luísa ao microfone quando percebeu a aglomeração de pessoas depois dos disparos.

Assim que ela falou, outros sons de disparos aconteceram. Eles atingiram a Coronel. No mesmo instante, o marido dela, General Gabriel, foi acudir a esposa, porém ele também foi ferido pelos tiros.

O caos havia se instaurado. Houve muita correria. Ninguém sabia de onde estavam vindo os tiros. Todos queriam salvar suas vidas. Os militares que estavam armados ficaram atentos em todas as direções tentando identificar o culpado.

— Fale comigo, Matheus!!!

Matheus, com dificuldades, começou a apontar para uma direção: para o palanque. No entanto, o braço que ele havia esticado com dificuldade desfaleceu, encostando-se ao chão.

— Não, Matheus! Resista, meu irmão! Resista! Por favor! Por favor, não morra! Não nos abandone! NÃO!!!

Não consegui ver o rosto do meu amigo, do meu irmão querido, pois as lágrimas vieram à tona.

— Ele não está com pulso — disse Richard assim que se abaixou para aferir a pulsação no braço de Matheus.

Enxuguei as lágrimas na manga de minha farda. Coloquei meu amigo cuidadosamente ao chão. Levantei.

— Cuide dele — pedi para Richard.

Minha expressão era outra. Era a de querer fazer justiça.

Olhei na direção do palanque. Não vi mais o Cabo-aluno Bob. Ele era o principal suspeito. Só podia ser ele o culpado!

Examinei em volta. Muitas pessoas ainda correndo de um lado para outro. De longe, observei Bob passando pela saída de emergência que dava para outro estacionamento. Corri. Esbarrei em algumas pessoas. Continuei correndo. Senti minha pulsação ficar forte.

Conseguí chegar até a saída de emergência. Vi alguém de costas entrando em um carro prata. Era ele. O mesmo tipo de fardamento, a mesma altura, a mesma cor de cabelo. O carro saiu de forma rápida. Do outro lado do lugar, tinha um rapaz prestes a entrar em outro veículo, um carro preto. Puxei-o pelo braço.

— O que está havendo?!

— Preciso do seu carro para atender uma emergência! — falei. Entrei no carro e saí atrás do outro.

O carro prata corria mais que o normal. Comecei a correr também. Provavelmente, Bob sabia que alguém estava atrás dele. Também pudera, eu aproximei demais da traseira. Em um momento, cheguei a colidir nela. O carro prata acelerou mais. Eu corria o máximo também. As curvas faziam os pneus “cantarem”. A sorte é que não havia muitos carros nas ruas naquela noite. Porém, os que havia dificultava a minha aproximação. Era preciso fazer zigue-zagues entre eles. Consegui ficar pareado com o carro prata.

Aproximei-me o suficiente para jogar o carro para cima dele. Com o impacto, o carro prata subiu em um canteiro gramado. Acompanhei. Depois paramos. Desci rapidamente. Saquei a minha arma que estava por baixo da minha farda e abri a porta do motorista do outro carro. Puxei a maçaneta com tanta força que ela saiu na minha mão.

— Você é louco?! Por que quer nos matar?

Era um policial, mas não era o Cabo-aluno Bob. Ao lado do policial, estava uma mulher. Devia ser a esposa dele.

Abaixei lentamente a minha arma. Minha decepção era visível.

— Desculpe. Pensei que fosse o atirador da formatura.

— Vou processar você! — disse o policial ainda dentro do veículo. — Você poderia ter nos matado!

— Por que você estava correndo tanto? — questionei.

— Pensei que você era o terrorista do baile que veio atrás de mim e de minha mulher.

Eu estava perturbado. Precisava encontrar quem matara meu amigo! Eu tinha que voltar. O assassino ainda poderia estar no salão. Richard e meus amigos estavam lá!

De volta ao salão, reencontrei Richard. Uma ambulância havia levado os feridos para um hospital. Os tiros não acontecerem mais. O que significava que o culpado poderia ter ido embora. Outras pessoas ficaram feridas por causa do tumulto.

Em poucos minutos, o que eu temia fora confirmado: Matheus, Coronel Luísa e General Gabriel estavam mortos. Aquela, que poderia ser uma das noites mais importantes de minha vida, tornou-se a pior de todas!

O QUE ESTÁ ACHANDO DO LIVRO?

PARA SABER MAIS SOBRE O LIVRO, ACESSE: WWW.GANDHOR.COM

COLABORE COM O AUTOR, FAÇA UM PIX. CHAVE PIX: helvister@yahoo.com.br

MUITO OBRIGADO! ESPERO QUE SUA LEITURA SEJA FANTÁSTICA!

CAPÍTULO 15

A última rosa



Um pássaro voava no céu azul. Suas penas eram acinzentadas. Ele pousou sobre um galho de uma árvore com flores amarelas. Ficou piando. Qualquer pessoa que o ouvisse diria que cantava lindamente. No entanto, para mim, aquela melodia era maravilhosamente triste. Talvez, em outra oportunidade, aqueles sons trariam sensações melhores para mim. Como devia ser ótima a vida de um pássaro. Não se preocupar com nada. Voar para onde quisesse. Ser livre! Ser ele mesmo!

De repente, um estouro! E o pássaro, assustado, voou. Voltei minha atenção para o que acontecia. A guarda fúnebre fizera a execução de tiros em honra a Matheus.

O gramado daquele cemitério estava verde, iluminado pelo sol. Eu não concordava com um lindo dia se intrometer em um momento tão triste como aquele. As únicas coisas que estavam combinando com o sentimento eram as roupas das pessoas ali presentes e o vazio em meu peito.

Não conseguia prestar atenção nas homenagens que fizeram para Matheus. Convidaram-me para dizer algumas palavras, mas eu não quis. O caixão foi colocado na cova com a Bandeira Nacional por cima. As pessoas, em volta, jogavam botões de rosas vermelhas que carregavam nas mãos.

Olhei para a rosa que eu segurava. Aquele vermelho me fez lembrar sangue. Quis me livrar dela em seguida.

— Adeus, meu amigo, meu irmão!

Minha rosa foi a última a ser lançada naquele buraco da morte. O coveiro terminou de cobrir com terra o caixão. As pessoas começaram a ir embora. Richard estava ao meu lado e me acompanhava. David se aproximou. Abraçamo-nos. Ele parecia mais abatido que eu. Nunca o vi daquela forma. Emily também chegou. Estava acompanhada de uma moça. Devia ser a irmã de Matheus. Era idêntica a ele. Como se fosse uma versão feminina do meu amigo.

— Pessoal, esta é irmã de Matheus, Alice.

— Prazer, Alice. Sentimos muito, muito mesmo por essa perda irreparável — falou Richard por mim e por David.

— Obrigada pelo carinho! — disse Alice com uma voz doce e suave. — Matheus falava muito de vocês.

— Nunca conheci alguém com um coração tão puro como o seu irmão — disse David.

— Matheus era um herói — comecei a conversar. — Muito sábio e corajoso. Tenho certeza de que não é só a instituição a qual ele servia que vai perder com sua morte. O mundo todo perde com a morte de um ser humano tão maravilhoso como ele era.

— Obrigada! — Alice começou a chorar. Emily abraçou a amiga e esta deitou a cabeça no ombro de Emily, depois levantou. — Quem de vocês é Juan?

— Sou eu.

Alice retirou um pequeno caderno do bolso.

— Isso é para você — disse me entregando o objeto.

— Para mim? O que é isso?

— Estava entre os pertences de Matheus. Era um caderno de anotações dele. Seu nome está na capa.

Deveras, o meu nome estava na capa. Foliei o caderno. Havia várias anotações, inclusive desenhos e rabiscos.

— Obrigado — agradei.

— Vocês irão ao funeral da Coronel Luísa e do General Gabriel? — perguntou Emily.

— Estou querendo ir. Parece que será um grande evento, digno de duas grandes pessoas que souberam estar brilhantemente à frente das nossas instituições — falou David.

— A imprensa toda estará lá — Richard comentou. — Parece que a cerimônia acontecerá em um estádio.

— Eu gostaria de ir, mas quero descansar um pouco. Ainda estou abalado com tudo o que aconteceu — falei.

— A gente compreende — disse Richard colocando a mão nas minhas costas de forma carinhosa.

Todos se despediram. Levei Richard até a casa dele, depois fui com David até o apartamento em que estávamos morando. Richard tinha insistido para que eu morasse com ele, porém eu havia prometido a David que dividiria o apartamento por um tempo. Os pais de David mobiliaram todo o lugar. A mãe dele também fez questão de acrescentar alguns detalhes como vasos de flores e quadros. Até um aquário ela nos deu.

..

Os dias seguintes foram um período de luto muito grande. A Polícia Militar do Estado e todas as Forças Militares vivenciaram esse luto. Essa fase de transição ficou a cargo do General Skirmjan, que tomou a frente tanto das Forças Militares quanto da Polícia até uma segunda ordem.

Comecei a trabalhar em um batalhão diferente que David. Eu quase não o via, pois nossos horários não eram os mesmos.

Sozinho no apartamento, veio-me à memória o caderno de anotações de Matheus. Eu havia retirado a minha prótese e a colocado ao chão. Estava deitado no sofá da sala. Peguei o pequeno caderno de capa cinza com meu nome. Foliei página por página, bem lentamente. Parei na página intitulada “Sonho 1”. Tinha descrições sobre o meu sonho com o espelho. Tópicos apontavam o significado. “Atravessar uma porta = indica mudança”, “Espelho = interior da pessoa”.

Foliei mais e encontrei “Sonho 2”. Também com muitos tópicos. O que mais me impressionou era “Três caixões = três mortes”. E, depois, “Livro de aliens sobre um caixão = caixão de Matheus (meu caixão)”.

— Não pode ser! — espantei — “Caixão de Matheus (meu caixão)”. Matheus sabia que iria morrer. Ele sabia! — murmurei sozinho. — Imagina saber que sua própria morte está chegando. Ele evitou falar sobre isso. Por quê? Por que ele não fez alguma coisa para impedir essa fatalidade? Será que ele não tinha certeza? Será que ele não queria que eu me envolvesse para também não ser afetado? — comecei a imaginar mil situações. — Por que, meu irmão? Por que me abandonou? — acariciei o caderno.

Richard havia entrado em contato comigo. Ele me perguntou se eu poderia ir até o apartamento dele, pois havia duas surpresas para mim.

Cheguei rápido até o lugar.

— Quais são as surpresas?

— Calma, apressadinho! — ele falou. Demos um abraço e um longo beijo.

Em seguida, ele me conduziu para o interior da casa. Posicionou-me à frente colocando as mãos sobre os meus olhos. Depois me guiou. Andamos alguns passos.

— O que será? — eu estava curioso.

— Mais um pouco e... surpresa! — Richard retirou as mãos de meu rosto.

Olhei em volta, ele havia feito uma decoração na sala de jantar. Colocou velas sobre a mesa.

— Uau!

— Gostou? Eu fiz um jantar especial para nós.

— Está um pouco cedo para jantar, não está?

— Mas é porque a noite será longa!

Mais uma vez, envolvemos nossos braços, um ao outro.

— Você precisa relaxar um pouco, meu anjo — dizia fazendo

carinho na minha careca. — Você merece um jantar especial com uma pitada de fortes emoções.

— Eu não quero só uma pitada!

Continuamos nosso beijo. O abraço foi ficando mais intenso. Tropeçamos na cadeira.

— Acho que vou querer jantar mais tarde.

— Pensando melhor, eu também! — ele concordou comigo.

Richard parou o beijo. Pegou em minha mão para me conduzir até o quarto dele. Continuamos nossas carícias. As mãos de Richard percorriam meu corpo e as minhas o corpo dele. Richard retirou minha camisa. Eu tirei a camisa dele. Ficamos frente a frente, entreolhando-nos. Respirávamos forte.

— Você está pronto? — perguntou Richard.

— Como nunca estive em toda a minha vida!

Demos mais beijos.

— Acho melhor eu retirar minha prótese.

— Eu tiro para você.

Agarramos um ao outro e tropeçamos novamente. Dessa vez, o tropeço nos conduziu à cama onde ficamos por um longo e prazeroso tempo...

Tomamos banho juntos. Vestimos pijamas. O pijama de Richard, diferente da roupa que ele havia me emprestado noutro dia, era mais confortável.

Richard precisou esquentar a comida novamente. Ele colocou uma travessa de cerâmica sobre a mesa em cima de um aparador de pano artesanal com babados. Sentamo-nos. Ficamos um de frente para o outro na pequena mesa quadrada. Um tocando o rosto do outro delicadamente.

— Obrigado.

— Pelo quê, meu anjo?

— Por me dar motivo para continuar a viver.

— Ter esperança de que dias melhores virão é um grande motivo para continuar a viver.

— Você me dá esperança — beijei os dedos dele que estavam na minha face.

— Agradeço, meu anjo. Mas e se eu morrer?

Parei de beijá-lo. Richard continuou:

— Meu anjo, você não pode colocar em uma pessoa toda a responsabilidade do sentido da sua vida. Viver independe disso. O ato de amar sem apego, simplesmente por entrega, esse sim é o verdadeiro sentido de viver.

Recompus-me no encosto da cadeira. Pronunciei:

— Qual é o menu?

— O menu de hoje é torta de legumes! — falou retirando a tampa da travessa na qual estava uma torta muito bonita.

— Humm! O cheiro e a aparência estão ótimos!

— É uma receita de família! Vou servir um pedaço para você!

— falou enquanto cortava a torta.

— Obrigado! — estiquei meu braço com o prato para receber a minha parte da torta.

— Meu anjo! Seu braço!

— O que foi?

— O fogo da vela está encostando em seu braço!

Olhei e realmente o fogo estava encostando no meu tríceps.

Retirei rapidamente.

— Você se queimou?

— Não — analisei meu braço. — Não me queimei.

— Você não sentiu o fogo?

— Não senti.

Achamos aquilo estranho. Mas depois continuamos a nossa ceia. Comemos toda a torta! Richard disse que havia sobremesa, mas eu falei que era melhor deixar para mais tarde. Ficamos abraçados no sofá assistindo a um filme.

O interfone tocou. Richard atendeu:

— Sim. Ah, sim! Tudo bem. Pode pedir para ela subir. Obrigado, Gilberto. — desligou o interfone em seguida.

— Quem era?

— Esqueci-me da outra surpresa.

— Outra surpresa?

— Eu disse que haveria fortes emoções, não disse? Falta mais uma. Espero que você goste. Custei a encontrá-la, mas meu faro jornalístico consegue apurar qualquer fonte!

Achei estranho. Richard parecia empolgado. A campainha do apartamento tocou minutos seguintes. Meu namorado foi abrir a porta. Era uma senhora. Deveria ter setenta anos ou mais. O jeito dela andar, a forma carinhosa de cumprimentar e até mesmo o aspecto físico lembrava a minha querida e falecida avó.

Richard a conduziu até a mesa na sala de jantar para que ela pudesse se sentar. Ele ofereceu chá para a senhora. Convidou-me para acompanhá-los. Fiquei de frente para a idosa, Richard sentou-se entre nós.

— Dona Ruth, este aqui é meu... meu amigo Juan — Richard fazia as apresentações. Eu continuei achando tudo estranho. — Juan, esta é Dona Ruth, avó do Henry, o garoto que morreu no assalto ao ônibus.

Meu estômago começou a revirar. Minha cabeça, a doer. Simplesmente a minha vontade era a de me levantar da mesa para dizer em tom bem-alto: “O que isso significa, Richard?!”. Porém, não fiz aquilo. Conquanto, minhas expressões faciais não mentiam. Elas estavam externando o que eu sentia. Richard notou e ainda continuou:

— Dona Ruth, conte um pouco da história do seu neto para nós.

— Claro, meu jovem. — a senhora respondeu com bastante simpatia. — Eu criei meu neto, sabe? Tivemos uma vida muito difícil. Não que hoje seja mais fácil, mas antes era pior. O pai dele também morreu assassinado. A minha filha, mãe dele, está em uma clínica de reabi... reabi...

— Reabilitação — completou Richard.

— Isso! Ela está lá. Ela não entende muito bem as coisas, sabe? Ela usou muita coisa errada. Essas drogas. Então a cabeça dela não funciona bem. Ela nem sabe que o filho dela morreu. Mas ela está

para sair da clínica a qualquer momento. Fico preocupada como minha filha vai receber a notícia. O meu netinho era um amor de pessoa. Quando era menor, nunca tinha me dado trabalho — a senhora começou a passar a mão sobre o aparador na mesa. Ela ajeitava os babados de forma delicada. Dividia seu olhar conosco e com essa distração. Suas mãos eram calejadas. — Mas então ele começou a ter amizades ruins. Andava com bandidos.

— Aceita rosquinhas? — ofereceu Richard segurando um pequeno cesto com rosquinhas de amendoim.

— Depois, querido — respondeu Dona Ruth. Ela só me enxergava. Não sei se Richard havia dito que eu era quem havia matado o neto dela. Talvez não, pois senão ela não me lançaria um semblante tão meigo. — Henry tinha abandonado a escola. Chegava tarde em casa. Começou a me tratar diferente. Ele aparecia com roupas novas, aparelhos eletrônicos novos. Dizia que estava trabalhando. Mas eu sabia que não estava. A gente que é mãe, que é avó, sabe das coisas. Pode não parecer, mas sabe! Cof! Cof! — ela levou a mão à boca.

— A senhora está se sentindo bem? — perguntei.

— Estou, meu filho. É que tenho uma tosse que insiste em não sumir. Mas vai passar — ela tomou um pouco do chá. — Que delícia! É de quê?

— Erva cidreira.

— Continuando, infelizmente o que aconteceu com o meu netinho era o que eu esperava. Foi muito dolorido para mim encarar aquela situação, sabe? Eu fui ao lugar onde haviam levado o corpo dele para exames. Quando retiraram o pano de cima do corpo, eu vi a pior cena da minha vida e que nunca vou conseguir esquecer — ela pressionou um lábio contra outro, segurando para não chorar. — Nenhuma mãe, nenhuma avó merece ver seu filho, seu neto morrer. Isso dói na alma — apontou para o próprio peito. — Aquele bebê que a gente viu nascer, que a gente criou, cuidou, ensinou a andar, ensinou a falar, viu crescer... — Dona Ruth começou a chorar, Richard ofereceu um

lenço a ela. — Obrigada, querido — ela aceitou o lenço. Passou no rosto. — Henry era muito jovem. Eu tinha esperanças que ele pudesse mudar. Eu rezava a Deus todos os dias pedindo isso. Mas ele não teve chance. Tiraram essa chance dele...

Depois de um longo suspiro da senhora, compreendi que ela não sabia que fui eu quem assassinara o seu neto. Então decidi começar a conversar:

— A senhora compreende que seu neto cometeu um crime colocando pessoas em perigo e que, por isso, ele morreu, não sabe?

— Sei. Eu sei disso. Por isso, se eu encontrasse com a pessoa que tirou a vida do meu neto, se eu pudesse olhar nos olhos dela como eu estou fazendo com você agora, eu não teria ódio dela, eu saberia entender que ela estava agindo de acordo com o que ela pensava ser o certo a fazer. Mas, se, de algum modo, essa pessoa tivesse tido a chance de conhecer meu neto, ela ia saber que ele não era tão ruim. Ele precisava de ajuda! Ele foi muito influenciado por más companhias.

— Eu vim de uma situação muito parecida com a do neto da senhora. Nem por isso eu me tornei um criminoso.

— Quem bom, meu filho! Que bom que você não se contaminou pelas coisas ruins. Mas nem todo mundo é assim. Por favor, ajude! Ajude a mostrar para os jovens o sentido da vida!

— Sempre que posso, faço isso.

— Ótimo! Por favor, continue assim.

— Então, se a senhora encontrasse o homem que atirou no neto da senhora para defender um ônibus cheio de vidas inocentes, a senhora o perdoaria?

Dona Ruth suspirou profundamente. Tomou mais um pouco do chá. Voltou com a xícara para a mesa e me dirigiu a palavra:

— Meu jovem, saiba que as piores pessoas do mundo têm ou já tiveram mãe ou alguém que as amam. Por pior que essas pessoas sejam, ainda assim tem gente que nunca vai deixar de amar, nunca vai deixar de ter esperança na mudança delas! Agora, me diga uma coisa:

quem, em sã consciência, amaria uma pessoa que ninguém gosta, uma pessoa que só faz maldade, comete crime? Quem? Mas tem gente que ama esse tipo de pessoa, pois acredita que no fundo essa pessoa não é ruim, que uma hora ou outra um sentimento bom vai despertar nessa pessoa. E você, sabe que sentimento é esse?

Fiquei quieto. Apenas ouvia. Ela prosseguiu:

— Meu jovem, eu lhe digo que sentimento é esse. Ele se chama amor! Só uma mãe de verdade pode amar um filho por pior que ele seja. Porque ela acredita em sua mudança. Ela acredita na mudança de seu filho. E mesmo que essa mãe, avó ou qualquer pessoa que ame muito morra, ela, mesmo em espírito, vai continuar torcendo para que a mudança aconteça. E, quando esse dia chegar, será a maior felicidade do universo! Mas me diga: e se o filho morre antes dele conseguir se tornar uma pessoa melhor?

Ela terminou o seu chá.

— Mais um pouco? — Richard levantou o bule para colocar mais na xícara.

— Não. Obrigada, meu filho. Estou satisfeita — Dona Ruth prosseguiu. — Eu pensei muito sobre isso, meu jovem rapaz — falava para mim. — Antes eu só enxergava a minha situação, mas me coloquei no lugar de outras mães, para sentir o que elas sentem. Isso também tem um nome, você sabe o que é? Quando alguém se coloca no lugar do outro.

— Empatia! — falou Richard.

— Isso mesmo! — disse a senhora — A maior dor do mundo para uma mãe é ver seu filho sofrer, é ver seu filho morrer antes de sua própria morte. Como você disse — encarava-me —, vidas inocentes foram salvas naquele ônibus. Fico imaginando como também seria triste saber que meu neto havia tirado a vida de alguém. Nesse caso, outra mãe estaria passando pelo mesmo sofrimento que eu estou passando agora. Então, não seria apenas o sofrimento dela, seria o meu também. Eu ficaria triste demais se soubesse que meu netinho era um assassino e que, em algum lugar do mundo, uma mãe estaria

sofrendo por culpa dele. Mas você sabia que existe um jeito de amenizar o sofrimento das duas mães, a mãe do filho que morreu e a mãe do filho que matou?

— Não. Como? — falei aguardando o desenrolar da conversa.

— Pelo perdão! O perdão não traria de volta a vida do filho que se foi, o perdão não apagaria da memória aquele ato cruel. Mas, como eu falei, iria amenizar o sofrimento. Se o meu netinho tivesse matado uma pessoa e se arrependesse, e se a mãe da pessoa que morreu chegasse para o meu neto e, de coração, perdoasse o que ele fez, eu me sentiria melhor, ela se sentiria melhor, meu neto se sentiria melhor. Por isso, meu jovem, eu perdoaria aquele que tirou a vida do meu Henry. Eu perdoou você!

Não era possível segurar as lágrimas, elas já estavam caindo há muito tempo.

— A senhora sabia que fui eu?

— Não. Meu coração que desconfiou.

— Posso lhe dar um abraço?

— Claro, meu jovem!

Ficamos em pé. Fui ao encontro dela. Foi nostálgico! Até a altura era a mesma que a de minha avó. Richard acompanhava a cena também comovido.

O interfone tocou novamente. Richard atendeu. Ele disse que o porteiro Gilberto avisou que o acompanhante de Dona Ruth a aguardava no hall de entrada. Acompanhamos a senhora até o elevador. Despedimo-nos.

De volta ao apartamento de Richard, mudei meu emocional:

— Não se faz o que você fez!

— O que eu fiz?

— Você brincou com os meus sentimentos!

— Absolutamente não! Eu só fiz o que você fez comigo quando me apresentou àquela senhora dona da loja de brinquedos.

— Foi uma situação completamente diferente, Richard! Eu não havia planejado o encontro de vocês. Simplesmente aconteceu!

E você pôde compreender o outro lado — eu estava andando impacientemente pela sala.

— Foi exatamente o que eu fiz. Eu quis lhe mostrar o outro lado — Richard, por sua vez, permanecia parado.

— Richard, você não entende. Você cometeu um crime, eu não. Eu estava exercendo a minha profissão! Quando você vai entender essa diferença?

— Eu me exaltei em uma situação na qual eu estava exercendo o meu direito de manifestar. Na situação do ônibus, você tirou a vida de alguém.

— Para salvar outras! Inclusive a sua! — parei.

Entre nós, havia o sofá.

— Eu sei! Mas achei que você iria gostar de conhecer o outro lado. Achei que foi muito produtiva a conversa com a Dona Ruth. Eu me emocionei. Todos nós nos emocionamos. Não sei por que você está achando ruim.

— Eu achei maravilhoso conversar com aquela senhora. Mas pense: e se ela não tivesse me perdoado? E se ela não tivesse um coração tão bom e generoso? Compreende a situação que você me colocaria? Além disso, imagine se ela ficasse nervosa e não suportasse fortes emoções? Ficar frente a frente com o sujeito que matou o neto dela. Imagine se ela passasse mal com isso?

— Verdade. Desculpe-me...

— Richard, você acha mesmo que eu gosto de matar? Você acha mesmo que escolhi ser policial para tirar a vida dos outros? Eu escolhi ser policial para proteger as pessoas e salvá-las de criminosos e bandidos! Minha profissão não existiria se não houvesse esses tipos de pessoas. Diz uma coisa, o que você faria naquela situação do ônibus? Como você agiria e resolveria o problema com um ônibus sendo assaltado?

Richard não falou nada.

— Coloque-se no meu lugar. Você teria alguma solução diferente para o que aconteceu? Diga-me!

Ficamos em silêncio. Sentei-me no sofá. Richard ficou em pé, atrás do móvel e de mim. Ele me abraçou.

— Desculpe-me. Acho difícil compreender sua profissão. Eu só penso que, tendo mais conversas como a que tivemos com a Dona Ruth, seria um bom começo para um mundo melhor e sem violência.

— Se você acha que eu realmente gosto de matar, Richard, então eu não acho que devemos ter um relacionamento.

— Não! Claro que não penso isso de você, eu só...

Tocaram a campainha de forma impaciente. Richard interrompeu o abraço para abrir a porta.

A pessoa que bateu à porta foi entrando bruscamente e discutindo com Richard:

— O que você fez com a minha sogra, a Dona Ruth, hein?

— Eu?! Como assim? Quem é você?

— Ela tá lá embaixo chorando! Não é você o jornalista bicha que chamou ela para uma entrevista?

— Quem é você para entrar na minha casa e me ofender desse jeito?

— O que está acontecendo aqui? — levantei do sofá. Pude ver quem entrara de forma agressiva. — Jeferson?!

— Juan?! — respondeu o sujeito que parecia uma versão minha se não fosse a barba e o cabelo grandes e a estatura um pouco menor.

— Vocês se conhecem? — perguntou Richard sem compreender o que estava acontecendo.

— Sim — respondi — Ele é o meu irmão.

Richard ficou boquiaberto. Jeferson continuou:

— Não sou o seu irmão, traidor! Você deixou de ser minha família há muito tempo! Então você está morando com um veado? Haha! — começou a rir. — Quem aqui faz o papel da mulher?

— Saia da minha casa agora ou eu chamo... — Richard foi interrompido.

— Chamar a polícia? Olha o “policinha” aí do teu lado! É essa polícia cor-de-rosa que defende a sociedade? — falou com tom irônico. Meus dentes rangiam. Se eu forçasse mais, acho que eles poderiam até quebrar. Meus punhos estavam cerrados. Eu os apertava fortemente.

— Você é uma vergonha pra polícia! — Jeferson continuava a dizer. — Mas sabe, eu acho isso bom. Eles merecem mais pessoas que nem você. Assim a reputação deles cai. Quem diria, hein? O certinho da família dorme com outro homem! Haha! Que vergonha!

— S—A—I—A D—A—Q—U—I! — falei alto e pausadamente para ser bem-claro.

— Sai você da minha vida! Bicha! Se eu te pegar mexendo com a minha gente de novo, eu juro que serei a última pessoa que você verá nessa sua vida inútil! — depois de apontar o dedo para mim, Jeferson saiu. Fiquei parado. Richard trancou a porta.

— Sinceramente não entendo como o porteiro deixou esse sujeito subir até aqui no meu apartamento! Juan, você está se sentindo bem? — eu ainda estava parado no mesmo lugar, observando minhas mãos. — O que houve com suas mãos? Estão sangrando!

— Eu apertei meu punho com força. Minhas unhas acabaram me ferindo.

— Vou pegar um lenço para você.

Enquanto enxugava o sangue de minhas mãos, falei:

— Eu... eu me controlei ao máximo. Não é fácil fingir que não estou ouvindo todas aquelas ofensas. — Richard ficou ao meu lado. Estávamos no sofá.

— Processe esse cara!

— Você não entende! Ele é criminoso! Um dos mais influentes da cidade. Um processinho não vai resolver nada. Ele precisa ser preso! Só que não sei onde está morando.

— Ele disse que a Dona Ruth era sogra dele. Talvez ele more com ela. Ela mora na comunidade Morro do Furgão.

— Morro do Furgão?

— Sim. Você conhece?

— Muito. É onde eu nasci. É a minha favela.

O QUE ESTÁ ACHANDO DO LIVRO?

DEIXE SEU COMENTÁRIO NO SITE: GANDHOR.COM

COLABORE COM O AUTOR, FAÇA UM PIX. CHAVE PIX: helvister@yahoo.com.br

ABAIXO-ASSINADO PARA O LIVRO SE TORNAR UMA SÉRIE OU FILME: CHNG.IT/RQXRVBZSHS

COMPARTILHE ESTE LIVRO COM TODOS OS SEUS CONTATOS!

SIGA O AUTOR: [@helvister](https://www.instagram.com/helvister)

MUITO OBRIGADO E ESPERO QUE GOSTE DESTA OBRA FANTÁSTICA E EMOCIONANTE!

WWW.GANDHOR.COM

CAPÍTULO 16

Coração escuro



Recebi uma ligação do Capitão Theo para comparecer à Delegacia Central — a mesma onde fiquei preso com Richard no elevador — e prestar depoimentos sobre o atentado na formatura dos sargentos. O caso era complicado e, por isso, a investigação se estendia.

Anteriormente, eu havia relatado minha suspeita sobre o Cabo-aluno Bob. No entanto, nada foi confirmado contra ele. Como eu havia pegado um carro emprestado para perseguir um militar na noite do fato, acabei me tornando um dos possíveis suspeitos. Tanto o militar quanto o dono do automóvel me processaram. Fui obrigado a vender meu carro para sanar os prejuízos. Como eu precisava de veículo para trabalhar, acabei comprando um carro mais barato e de segunda mão.

De volta àquele edifício da Delegacia Central, cumprimentei Capitão Theo e outros agentes que estavam por ali. O meu superior me chamou até uma sala para conversar em particular comigo. Ele quis me mostrar algo.

— Talvez você nos ajude a tirar essa dúvida, Juan — disse Capitão Theo pegando uma cadeira para eu me sentar diante de uma mesa, na qual havia um dispositivo. Ele ligou o aparelho, projetando imagens por meio de holograma. Eram imagens em três dimensões de um lugar familiar. — Assista a essa gravação das câmeras de segurança — ele ficou em pé ao meu lado.

O vídeo começou a rodar. Eram imagens do circuito interno do ginásio onde aconteceu a formatura. Mostrava momentos antes dos atentados. Meu superior colocou os dedos na projeção para direcionar e ampliar uma cena específica.

— Preste atenção na imagem do palanque. Você disse que foi para lá que Matheus apontou antes de morrer, não é?

— Sim.

— Olhe só esse detalhe que impressionante — apontou na tela.

— Aqui perto do palanque, na parte inferior, próximo ao púlpito.

— O que é isso?

— É uma arma.

— Impossível! Ela, ela...

— Sim. Ela está flutuando.

— Como isso é possível?! — arreepei-me.

— É o que estamos tentando entender. Pela posição que a pistola estava, as pessoas no palanque não conseguiam ver a arma, pois o púlpito estava à frente. Veja o momento dos disparos.

As imagens mostravam a arma disparando, sozinha, na direção de Matheus, que estava ao centro do salão. Em seguida, a Coronel Luísa foi até o microfone, que estava sobre um tripé, no centro do palco. O cano da pistola virou para a direção dela fazendo disparos. Com a aproximação do General Gabriel, para acudir a esposa, a arma também disparou contra ele.

— Cenas horríveis... — falei.

— Eu sei.

A arma abaixou sozinha, desceu do palanque até se misturar na confusão onde as pessoas corriam de um lado para o outro.

— E assim nós perdemos a arma. — Capitão pausou a tela — Foi do meio do povo que ela também surgiu. O ponto onde a arma ficou flutuando foi estrategicamente pensado. Foi por causa desse, digamos, ponto cego, que tanto a Coronel Luísa quanto o General Gabriel não notaram a pistola. Por esse ponto, também foi possível atingir Matheus.

— Isso significa que os disparos não foram aleatórios — direcionei a cabeça para cima para falar com o Capitão.

— De modo algum. Quem manipulou a arma sabia perfeitamente quem seriam seus alvos.

— Como isso pode acontecer? E por quê?

— É o que eu gostaria de lhe perguntar.

— Não estou compreendendo, Capitão.

— Juan. Não pense que sua visita ao Setor ST passou despercebida. Você nega isso?

Fiquei perplexo. Abaixei a cabeça confirmando que não.

— Eu o defendi em um processo sigiloso e difícil. Sua prisão e depois seu desligamento da polícia aconteceriam facilmente. Não obstante, consegui que o caso fosse arquivado sem que você prestasse depoimentos pelo menos. Eu o ajudei, Juan. Não apenas como seu superior direto, mas também como amigo, pois acredito no seu caráter, conheço a sua história, sei que a instituição ganha muito em tê-lo a nosso favor. E, por isso, eu preciso que você me conte o que está acontecendo. Você pode imaginar o que houve na formatura?

Fiquei em silêncio por um instante. Depois comecei a falar:

— Senhor, eu posso estar doido. Mas eu percebo que recentemente algumas coisas estranhas estão acontecendo no mundo de forma geral.

— Continue — Capitão Theo puxou outra cadeira que estava ali perto para sentar-se também.

— Eu sinto uma energia muito grande envolvendo todo o globo. Uma força, talvez, sobrenatural. Muitas coisas estão acontecendo ao mesmo tempo: guerras, rivalidades políticas e ideológicas dividindo as pessoas, mudanças climáticas, doenças... Tudo isso sempre foi comum na humanidade, porém está acontecendo de forma muito intensa e estranha. Eu não sei se é possível, mas isso, de alguma forma, está afetando as pessoas, não só o pensamento delas, o corpo também!

— De que forma?

— Não sei, senhor, talvez uma mutação, uma evolução genética.

— “Mutação”. “Evolução genética” — falou com ar pensativo.

— Sim. Não em todas as pessoas. Só em algumas.

— Isso está acontecendo com você?

— Comigo?

— Sim. Está?

— Não — respondi sem convicção. — Não, senhor. Mas aconteceu com Matheus. Ele me contou. No entanto, agora ele está morto.

— Que tipo de mutação Matheus tinha?

— Matheus? — comecei a ficar nervoso. Eu não achava certo falar sobre a habilidade de Matheus, mesmo após ele ter morrido. Parecia que eu estava traindo a amizade dele. Todavia, era uma forma de não falar sobre mim. Além disso, Capitão Theo era de confiança.

— Sim. Ele comentou com você, não foi? Pode dizer. Era telecinesia o poder dele?

— Telecinesia? O que é isso, senhor?

— Telecinesia ou telecinese é a capacidade de mover objetos com a força da mente.

— Não, ele não tinha isso.

— Tudo indica que foi através da telecinese que utilizaram a arma no atentado.

— Pode ser que sim, mas não foi o Matheus! Ele nunca faria isso! — fiquei um pouco exaltado. — Até porque, se fosse ele, como ele se mataria e, em seguida, mataria outros?

— Sei que não foi Matheus, Juan. Entretanto, havia outras pessoas com capacidades paranormais na festa, não havia?

Fiquei em silêncio. Lembrei de Emily.

— Você pode me dizer quem mais tem essas capacidades? — insistiu meu superior.

De vez em quando, eu percebia que o olhar do Capitão Theo era direcionado para um canto da sala onde não havia ninguém. Achei aquilo estranho.

— Senhor, eu só conheci uma pessoa com capacidades especiais, e era Matheus. Ele era telepata.

— Juan — Capitão Theo puxou a cadeira dele para mais perto de mim. — Confie em mim, eu preciso dessas informações para apurar a investigação. Outras mortes podem acontecer se não descobirmos quem foi o culpado.

— Eu disse tudo que sei, senhor — olhei nos olhos dele.

— Tudo bem — disse se levantando. — Obrigado por suas informações. Pode se retirar.

A caminho do trabalho, ainda tentava absorver a conversa que tive com o Capitão Theo. Quem poderia ter feito aquele atentado? Por que alguém mataria o Matheus, a Coronel Luísa e o General Gabriel? Quem mais tinha poderes na festa. Eu só sabia de Emily, mas Emily jamais faria isso. Jamais! Além disso, ela não tinha a habilidade de telecinese.

Cheguei ao batalhão onde trabalhava. Eu não tinha amigos lá. Não conhecia ninguém. Mas, naquele dia, todos me encaravam. Eu estava a caminho do vestiário. Dois militares saíram do lugar e me viram entrando. Eles começaram a rir. Eu já havia passado por situações dessas. Fui trocar de roupa, um grupo de militares estava no canto, também rindo. Parecia que era de mim.

— Posso saber qual é a graça? — perguntei em tom de raiva.

— Você não está sabendo? Aquele seu vídeo voltou a circular nas redes, dessa vez, toda a cidade está com acesso.

Era o que faltava para deixar o meu dia tenso.

No final do turno, quando voltei para casa, David confirmou o que estava acontecendo. Ele conversava comigo na sala enquanto assistíamos à TV no sofá.

— Agora é geral, meu irmão. O seu vídeo não é mais novidade na Academia de Polícia, é em toda a rede.

— Aquele infeliz Cabo-aluno Bob! Eu vou processá-lo!

— Os cabos-alunos já se formaram, ficou sabendo? Agora ele é Cabo Bob. Mas você tem certeza de que foi ele quem espalhou seu vídeo?

— Tenho! — ainda estava com raiva.

— Quem lhe falou?

— Matheus. Não se lembra?

— E como Matheus ficou sabendo disso?

Recordei-me de que David não sabia sobre as telepatias de Matheus.

— David, eu preciso lhe dizer algo. Mas quero que guarde segredo.

Contei para David sobre Matheus e sobre a conversa que tive com o Capitão Theo. Mostrei o caderno de anotações de Matheus também. Porém, não revelei nada sobre Emily.

— Isso é impressionante e, ao mesmo tempo, difícil de acreditar!

— Eu sei. Só estou falando isso, pois, com a morte de Matheus, não vejo problema em contar. Confio em você. Tenho certeza de que Matheus não se importaria. Vocês também eram amigos.

— Obrigado, Juan.

— Agora vamos para o nosso noticiário internacional. — disse uma jornalista no telejornal. David e eu prestamos atenção — A Organização das Nações do Mundo (ONM) acaba de confirmar a presença de todos os líderes mundiais no evento Discurso Mundial Fraternal, que ocorrerá no mês que vem.

— Discurso Mundial Fraternal? — estranhei.

— Sim. Você não está sabendo? — disse David. — Parece que vão fazer um comunicado importante para todas as nações.

A jornalista prosseguiu:

— Este será o primeiro evento que reunirá, além de todos os representantes dos países no mundo, representantes de grandes instituições. Após o intervalo, voltaremos com mais informações.

— Vou para o meu quarto — levantei-me.

— Ok! — David mudou de canal. — Juan, espere! — chamou-me. — Veja! Não é o Richard na TV?

Eu já havia saído da sala, mas retornei correndo e olhei para a tela. Por certo, era Richard.

— Sim, é ele!

Ele estava em um programa de TV sendo entrevistado. O programa era ao vivo.

— Aumente um pouco o volume, por favor — pedi para David
Ele aumentou. Tornei a me sentar.

— Então são quatro anos à frente do seu movimento *Up and Fly* — disse o entrevistador para Richard. Eles estavam sentados em poltronas. — Você é um exemplo para todos os gay+, um símbolo da resistência nesses tempos contemporâneos! Parabéns! — a plateia que estava no programa aplaudiu.

— Obrigado, obrigado! Mas a luta ainda continua! — Richard disse sorrindo.

— Ele não lhe disse sobre a participação dele nesse programa de TV? — perguntou David para mim.

— Não — respondi em tom de decepção. Continuei assistindo.

— Como alguns sabem — dizia Richard no programa —, os grupos considerados como minorias, ou grupos subalternos ou subalternizados, são grupos de pessoas que se diferenciam dos demais por sofrerem opressão social de grupos dominantes. Não necessariamente são a minoria, quantitativamente falando. São exemplos de subalternos: mulheres, mulheres negras, negros, gay+, pessoas de classe econômica baixa entre outros. As minorias podem variar dependendo lugar, da cultura, da religião etc. Essa é uma explicação bem-resumida, só para esclarecer algumas dúvidas.

— Interessante! — comentou o entrevistador.

— O *Up and Fly*, inicialmente, defendia apenas os gay+, pois foi em defesa deles que o grupo surgiu. Com o passar do tempo, no entanto, estendemos nossos esforços em defesa de outros grupos subalternizados.

— E por que esse nome *Up and Fly*?

— Eu não ajudei a fundar o movimento, mas o coordenador mais antigo conta que os criadores quiseram um nome que demonstrasse motivação e liberdade.

— Muito legal! Richard, agora gostaria de mudar um pouco de assunto. Queria que você comentasse sobre um vídeo polêmico que está circulando nas redes — disse o entrevistador. Richard fez uma expressão de que não estava gostando da conversa. — Produção, coloque um trecho do vídeo na nossa tela.

Apareceu um trecho do vídeo em que eu e Richard estávamos abraçados na calçada quase nos beijando.

— Descobrimos que o sujeito que aparece com você no vídeo é um policial militar! — falou o entrevistador, a plateia ficou espantada. — Você confirma, Richard?

A câmera deu um close no meu namorado. Ele estava sério. Fiquei aguardando ansioso pela resposta dele. O suspense acabou quando ele disse:

— Não. Não é verdade esse vídeo. O rapaz que estava comigo não é o policial militar que vocês investigaram. Pode até parecer, mas não é.

— E se fosse um policial, você seria capaz de se relacionar com um militar, um agente do governo que seu movimento tanto critica pela forma como tratam os grupos de minorias?

— Eu... — Richard deu uma risada sem graça — De modo algum. Eu não seria capaz disso.

David olhou para mim para saber a minha reação. Não consegui olhar para ele. Fiquei observando fixamente a TV não acreditando no que eu assistia.

— Eu vou descansar — retirei-me da sala.

— Juan! Juan!

— David, por favor, eu quero ficar sozinho.

Do meu quarto, dava para ter uma vista de uma grande avenida. A noite era agitada lá fora. No prédio à frente, luzes acesas tornavam as janelas indiscretas. Observei um senhor tomando uma xícara de alguma coisa. Na outra janela, uma mulher apontava o dedo para uma criança. Devia estar xingando. Mais acima, um homem entrou na sala e cumprimentou uma mulher com um beijo.

Cada um com sua vida. Cada um com seus problemas. Cada um em sua janela. E se eles olhassem para o meu prédio e me vissem? Um vulto de um cara em pé, com a luz apagada e o coração mais escuro ainda.

Richard me ligou mais tarde. Não atendi. Ele me mandou mensagem dizendo que me visitaria após o meu expediente do dia seguinte. Não respondi.

O QUE ESTÁ ACHANDO DO LIVRO?

PARA SABER MAIS SOBRE O LIVRO, ACESSE:
WWW.GANDHOR.COM

COLABORE COM O AUTOR, FAÇA UM PIX.
CHAVE PIX: helvister@yahoo.com.br

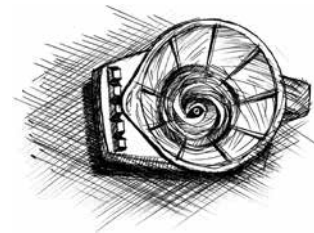
COMPARTILHE ESTE LIVRO COM TODOS OS SEUS CONTATOS!

SIGA O AUTOR:
[@helvister](https://www.instagram.com/helvister)

MUITO OBRIGADO! ESPERO QUE SUA LEITURA SEJA FANTÁSTICA!

CAPÍTULO 17

Substância vexatória



Mais um dia de trabalho. Dessa vez, a rotina foi diferente.

— Juan, você terá que acompanhar o pessoal da Infância e Juventude, instituição responsável por jovens que cometem delitos — disse Tenente Phil, meu superior, andando comigo pelos corredores do batalhão. — Eles estão com um adolescente infrator. O garoto precisa cumprir a penalidade estipulada participando e ajudando em um projeto social. Você conhece algum projeto social para indicar?

— Sim, eu, inclusive, sou voluntário em um.

— Qual?

— Projeto Social Alvorada.

— Ótimo! Ligue para lá e confirme que você vai levar um adolescente. O pessoal da Infância e Juventude está aguardando você na recepção do batalhão com o jovem.

— Sim, senhor.

— Ah! Depois que você deixá-los lá, compareça a minha sala. Tenho um recado muito importante para você!

— Sim, senhor!

Fiz o que me foi incumbido. Liguei para Dona Emma. Ela ficou satisfeita com a notícia. As pessoas que seriam conduzidas estavam sentadas em um banco me aguardando. Havia duas mulheres e um jovem de boné que não vi o rosto, pois ele estava com a cabeça abaixada. Uma das mulheres era mais jovem, com cabelos pretos, compridos

e encaracolados; a outra, um pouco mais velha e robusta, com cabelo bem-curto e preto.

— Bom dia, sou o Sargento Juan! — as moças se levantaram para me cumprimentar. — Esse é o adolescente que iremos levar, não é? — aponte para o jovem, que continuava cabisbaixo.

— É sim — disse a mulher mais nova. — Lukas, levante-se para cumprimentar o policial! — pediu ao adolescente.

O rapaz não se levantou do banco, mas levantou o boné. Seu rosto era familiar. Foi então que me recordei. Era o mesmo adolescente que estava no ônibus do assalto. Aquele que eu havia poupado a vida!

— Esse mundo dá voltas, não é, rapaz? — falei ao ver o espanto do jovem, bem mais do que o meu.

— O senhor conhece esse garoto? — falou a mulher mais nova.

— Sim. Eu estava presente na ocorrência dele. Espero que ele mude de vida e saia desse mundo do crime!

— É o que todos nós desejamos. Só vai depender dele. E ele quer, não é mesmo, Lukas? — disse a senhora mais velha.

O rapaz, ainda sentado, voltou a olhar para baixo.

— Não seja mal-educado, Lukas. Responda.

Ele levantou a cabeça, olhou para a senhora que lhe pedira para responder. Demorou a dizer:

— Claro! — sorriu sarcasticamente.

Lukas estava apresentando comportamento indiferente. Demorou a se levantar. Demorou a entrar na viatura. Fingia que não estava ouvindo as nossas perguntas. Não entrei no joguinho dele. Ignorei-o também.

Eu não queria que ele fosse para o Projeto Alvorada. Arrependi-me de ter feito a indicação. Fiquei receoso como que ele poderia fazer lá. Depois, lembrei que o Projeto servia exatamente para isso: mudar para melhor a vida de pessoas como ele.

No Projeto, Donna Emma o recebeu com aquele carinho de sempre. Deu um abraço, pegou na mão dele e disse:

— Aqui é seu lar! Tudo aqui é seu também! Vamos lhe dar muito carinho, muito amor e comida, porque encher a barriga também é muito bom, não é mesmo?

Lukas deu um leve sorriso.

— A gente vai fazer tudo para você se sentir bem! E você vai ajudar a gente também. Sabe como? Cuidando de nós! Nós cuidamos uns dos outros. Eu já estou velha, meu jovem! Olhe só os meus cabelos brancos, as minhas rugas. Eu preciso que você me ajude. Sabe do que eu gosto?

— Não — respondeu ele.

— Eu gosto de sorrisos! Gosto de ver todo mundo alegre! Sabe o que eu gosto também?

— Não.

— Gosto de festa! Muita festa! As nossas festas são muito animadas, você vai ver! Tem dança, tem teatro, tem luta!

— Luta?

— Tem, tem sim! Tem caratê, judô e outras! Sempre fazemos apresentações. Aí você escolhe o que você quer fazer para ficar feliz!

Enquanto Dona Emma e Lukas caminhavam de braços dados. Eu e as agentes da Infância e Juventude acompanhávamos atrás.

— Veja só o Thiago! Thiago, venha aqui cumprimentar o Lukas!

Dona Emma chamou um jovem que estava capinando a grama. Ele interrompeu o serviço para ir ao encontro dela e de Lukas.

— Thiago, esse aqui é o Lukas, nosso novo ajudante!

— Oi, Lukas! — Thiago retirou as luvas de jardineiro que usava para cumprimentar Lukas.

— Oi.

— O Thiago faz caratê.

— Faça judô, Dona Emma! — disse rindo.

— Ah, sim! Eu sempre confundo os dois!

— Mas você está trabalhando? — perguntou Lukas.

— Sim e qual é o problema? — disse Thiago. — Aqui todo

mundo faz um pouco de tudo. Nada nessa vida é de graça, meu camarada! Não custa nada ajudar quem nos ajuda. Não é mesmo?

— Thiago, pode continuar seu serviço, meu querido. Vou mostrar mais coisas para o Lukas.

— Até mais, Lukas! Seja bem-vindo!

— O que ele fez para estar aqui? — Lukas perguntou para Dona Emma quando eles deram as costas para Thiago.

— Não sei. E também não interessa saber o passado, não é? A gente tem que se preocupar com o agora! O importante é que ele decidiu melhorar a vida dele e está conseguindo fazer isso. Olhe só quem está aqui, também! — exclamou quando viu uma garota carregando caixas com objetos dentro. — Sabrina, minha filha! Cumprimente nosso convidado especial de hoje!

Sabrina estava passando e parou para cumprimentar Lukas.

— Olá! — deu um sorriso.

— Oi! Você sempre vem aqui? — até a entonação da voz de Lukas havia mudado.

— Sim. Haha!

— Que legal! E você gosta daqui?

— Não. Eu amo esse lugar! — respondeu Sabrina alegremente. — Dona Emma, eu vou levar essas embalagens descartáveis para a oficina de artesanato.

— Pode ir, minha filha!

— Eu posso ajudar também? — pediu Lukas.

— Claro! A Sabrina aceita a ajuda não é, Sabrina?

— Sim. Leve esta que está por cima, por favor.

Lukas pegou uma caixa para ajudar Sabrina. Eles saíram conversando. Dona Emma foi atrás.

— Que mulher maravilhosa é essa Donna Emma! — falou a moça que estava comigo.

— Sim! Ela é um ser de luz! — comentei.

— Que carisma ela tem! — disse a mulher de cabelos cur-

tos. — Eu ainda precisarei viver muitas vidas até chegar ao nível de bondade dela!

— Tio Juan! Tio Juan!

— Pedrinho!

O garoto correu até mim. Abaixei para abraçá-lo. Levantei-o em meu colo.

— Você está de polícia hoje! — o menino falou observando admirado a minha farda.

— Sim! Hoje o tio Juan está trabalhando — no meu colo, Pedrinho colocava a mão sobre minha boina.

— Quando eu crescer, eu quero ser policial, tio!

— Que legal! Então você já pode ir acostumando com a boina! — coloquei a boina na cabeça dele. Ele ficou gargalhando. — Que bonito você ficou! Cumprimente as moças, fala seu nome para elas! — pedi.

— Pedro.

— Que nome lindo! — disse a moça mais jovem.

— Vamos para a sala de TV, tio Juan!

— Vamos! — falei para Pedrinho, colocando-o ao chão e pegando minha boina de volta. Posteriormente, voltei-me para as moças — Vou até o outro lado do Projeto. Quando quiserem, fiquem à vontade para me chamar.

— Tudo bem — uma delas disse.

Pedrinho me deu a mão e foi me puxando até a sala de TV. No caminho, encontramos com a mãe dele.

— Veja a sua mamãe ali! — falei com ele.

— O que você está fazendo com o meu filho?! Solte-o agora! — disse Sophia enquanto caminhava com fúria até mim.

— Oi, Sophia. Aconteceu alguma coisa? — perguntei estranhando o tom de voz dela.

— Solte meu filho! — Sophia puxou o braço da criança de minhas mãos com força.

— Ai, mãe! — gritou Pedrinho.

— Você está bem, Pedrinho? — coloquei a mão sobre a cabeça de Pedrinho.

— Tire essa mão dele! — disse Sophia, em seguida, lançou um cuspe em meu rosto.

Fiquei sem reação.

Permaneci de olhos fechados sentindo uma gosma deslizar e uma energia fria me percorrer. Uma sensação horrível de humilhação. Limpei vagarosamente aquela substância vexatória abaixo do meu olho. Olhei para minha mão que limpava o cuspe ainda não acreditando no que havia acontecido.

Sophia continuou com as ofensas:

— Como você ainda pode pisar os pés aqui depois daquela pouca vergonha daquele vídeo? Que decepção! A Polícia devia demitir gente assim!

— Você... você não deveria ter feito isso. Muito menos na frente do seu filho!

— E você que faz coisa pior em público. O filho é meu! Eu vou criá-lo para não ser assim como você. Nunca mais encoste no meu filho! Perverso! Aberração!

Uma voluntária do Alvorada estava perto de nós e viu tudo. Ela disse:

— Sophia! Você está louca?! Cuspiu no policial?

— Ele não é policial! É uma aberração com farda!

— Saia daqui agora! Vou chamar a Dona Emma! — falei.

— Eu já vou! Quero distância de gente assim.

Sophia, com brutalidade, saiu puxando o menino pelo braço. Ele começou a chorar.

— Juan, pode deixar que vou chamar a Dona Emma para você. — falou a voluntária.

— Não precisa. Eu... eu vou tomar minhas providências em relação a isso. Foi bom você ter testemunhado.

— Você vai prendê-la?

— Eu... eu preciso resolver outros assuntos mais importantes. Eu vou embora. Depois vejo isso.

Saí daquele corredor. Passei pelas moças da Infância e Juventude.

— Sargento Juan! Nós vamos ficar aqui mais um pouco observando o Lukas. O senhor pode nos buscar mais tarde.

— Ok. Outra viatura virá buscá-los. Eu já vou embora.

Na viatura, eu conferia meu rosto pelo espelho do retrovisor interno enquanto dirigia. Eu estava em alta velocidade.

“A Polícia devia demitir gente assim!”. Seria uma vergonha chorar fardado estando de serviço. Segurei a vontade. “Perverso!”. Percebi que eu aumentava ainda mais a velocidade em que dirigia. “Aberração!”. Reduzi. “Nunca mais encoste no meu filho! Quero distância de gente assim!”. Estacionei a viatura no primeiro acostamento que encontrei. Retirei a arma do meu coldre.

Outra vez, eu analisava os detalhes do objeto metálico. Observei meus olhos no retrovisor. Respirei fundo.

“Não faça isso!”. A voz de Matheus parecia real em meus pensamentos. “A morte não é o fim! Não seja covarde, não seja egoísta!”.

Assim que uma gota caiu sobre minha arma, guardei o objeto de volta. Coloquei as mãos sobre o volante. Não sei quanto tempo fiquei naquele acostamento. Provavelmente, as pessoas que passassem ali por perto estranhariam um militar cabisbaixo.

Eu precisava ser forte! Lembrar que outras pessoas dependiam de mim me fez erguer a cabeça novamente. Enxuguei meu rosto. Liguei a viatura e continuei meu caminho.

Antes de descer da viatura no estacionamento do batalhão, respirei fundo. Eu precisava manter a postura e a compostura, principalmente porque ainda tinha que conversar com meu superior. Dentro do batalhão, bati à porta do escritório do Tenente Phil. Pedi permissão para entrar.

— Permissão concedida. Entre, Sargento Juan! — disse o Tenente que estava sentado em sua mesa. — Sente-se! — pediu para eu me

assentar na cadeira em frente à mesa dele. Sobre a mesa, havia um porta-retratos em que o Tenente, fardado, beijava a boca de uma mulher, provavelmente sua esposa. — Juan, o que preciso lhe dizer é muito... muito... que palavra posso dizer? Delicado! — ele achou uma palavra.

— O que seria? — perguntei depois que me sentei. Eu imaginava o que era. Inclusive já estava preparando meu coração para mais uma pancada.

— Acho que você também deve saber de alguns vídeos seus que estão circulando nas redes, não é?

— Sim.

— Eu gostaria de deixar claro que não tenho nenhum preconceito com quem escolhe levar a vida como você está levando. Acho que cada um faz o que quer. Claro que algumas coisas devem ser feitas só dentro de casa, não é verdade? — ele me perguntou esperando alguma resposta, porém eu apenas o observava sem apresentar qualquer tipo de expressão. — Inclusive minha esposa tem um primo que é, sabe? — ele evitava a todo instante dizer a palavra “gay”. — Nas festas de família, a gente se encontra normalmente, eu converso com ele, cumprimento-o. Como eu disse, eu respeito a escolha das pessoas.

— Senhor.

— Pode falar.

— Nem sempre são escolhas. As pessoas nascem assim. Acredito que o senhor não escolheu ser heterossexual, não é mesmo? O senhor nasceu assim.

— Tudo bem. Que seja! Voltando ao ponto que quero chegar, acho que essas atitudes, quando partem de um policial militar, devem ser discretas e não foi o que aconteceu. Existem afirmações, inclusive, que você está postando vídeos de conteúdo pornográfico em sites.

— Que absurdo! Quem disse isso?! — fiquei exaltado.

— Acalme-se! Deixe-me terminar! — ele me repreendeu. — Algumas pessoas disseram que viram um perfil seu em sites pornográficos e que você ainda estava fardado.

Minha cabeça não parava de fazer gestos de negação. Eu olhava para cima não acreditando no que estava ouvindo. Tenente Phil continuou:

— Como eu falei, respeito a sua escolha — ele insistia que era escolha —, mas não misture a nossa profissão com o que você faz com outros homens na sua vida particular. Eu recebi a missão de ter essa conversa contigo para orientá-lo. Pelo seu histórico profissional, vemos que você tem muita competência, apesar de ter uma perna mecânica. No entanto, agora descobrimos essa... essa... particularidade sua! — achou outra palavra. — Então, diante de tudo isso, essa conversa é para orientá-lo e não termos que tomar outras medidas como o seu desligamento da instituição. Sabemos que existem outros militares que escolheram ser assim como você, todavia eles não ficam se exibindo como você está fazendo. Você deveria fazer o mesmo e ter sua vida privada dentro de casa. Promete se comportar e não ficar se exibindo?

Apenas observava.

— Sargento Juan! Estou lhe perguntando se você promete se comportar.

— Sim, senhor. Não vou mais “exibir” minha vida particular em público — eu estava distraído com o porta-retratos dele. — Posso me retirar, senhor?

— Não. Ainda tem mais um recado.

Fiquei curioso em saber o que mais estava por vir.

— Em conversa com outros militares do batalhão — dizia Tenente Phil —, considerando as circunstâncias, concluímos que será melhor para você ficar afastado da capital por um período.

— Afastar-me da capital?

— Sim. Ao menos até essa polêmica toda desaparecer. Então, decidimos que você será transferido para uma cidade do interior do Estado. Você não acha que isso será melhor para você? Ficar longe de toda essa polêmica?

— Claro! — sorri sem vontade.

— Que bom que gostou, porque você deverá se apresentar no seu novo batalhão depois de amanhã.

— Depois de amanhã? Assim, tão rápido?

— Sim e pela manhã. Já providenciamos a sua transferência. Você já está, inclusive, desligado deste batalhão — disse levantando-se. Eu também me levantei. — Desejo a você muita sorte em seu novo ambiente de trabalho. — estendeu a mão para me cumprimentar. — Obrigado pelos serviços prestados durante o tempo em que estive conosco.

— Por nada, senhor. — retribuí o cumprimento.

••

Quando processamos alimentos em uma máquina, misturamos várias coisas para que elas fiquem homogêneas. Dessa forma, fica difícil identificar o que foi triturado. Frutas, legumes, leite, água, farinha, açúcar. Alguém consegue distinguir o que é cada uma dessas coisas quando estão misturadas e processadas? Parece ser tudo uma coisa só.

Se eu colocasse em um recipiente minhas angústias, minhas aflições, minhas tristezas, meus pesadelos e... batesse tudo... O resultado seria o que eu estava sentindo. Um *mix* de emoção que eu não conseguia expressar. Não conseguia distinguir o que era o quê. Não conseguia manifestar nada! Era tanta coisa acontecendo ao mesmo tempo que eu apenas existia.

Saber que eu me mudaria foi um grande impacto. O que eu faria longe da cidade onde nasci e cresci?

No princípio, fiquei arrasado. Porém, pensei bem e achei que era exatamente do que eu precisava. Uma mudança em minha vida. Eu precisava sair daquela confusão toda.

Só havia uma coisa para resolver antes dessa mudança: Richard.

Fiquei aguardando na sala do meu apartamento. A televisão estava desligada. Eu tomava lentamente o meu copo com leite gelado.

Olhei para o relógio que tinha na parede. A mãe de David que havia dado. Era a milésima vez que eu observava aqueles ponteiros.

O interfone tocou. Era ele.

Richard entrou no apartamento. Ele estava com a mesma alegria de sempre. Abraçou-me. Beijou-me. Eu agi como um robô.

— Então até que enfim estou conhecendo seu apartamento! Muito legal! Bem-iluminado. Gostei! — disse entrando e observando tudo em volta.

Ofereci leite. Ele preferiu café. Sentamos no sofá com nossas canecas.

— E seu dia de trabalho como foi? — perguntou ele.

— Foi bom. Foi tranquilo. E seu dia como foi?

— Foi bom também. Estou na reta final para a formatura da minha faculdade de Jornalismo, como você sabe. E, como você também sabe, estou ajudando na organização. Nossa! São muitos detalhes. Hoje tivemos reunião para decidirmos os ajustes finais.

— Teve alguma novidade no seu dia?

— Ah, sim! Teve sim. Eu fui chamado de última hora para dar entrevista em um programa de TV para representar o *Up and Fly!*

— Legal — eu não parecia estar empolgado.

— Pois é. Foi muito legal! Falei sobre o *Up and Fly* — Richard coçou a cabeça — Foi bem legal.

— E você falou mais alguma coisa?

— Não — bebeu um pouco de café. — A formatura será em um terraço no centro da cidade, em uma cobertura fantástica...

— Richard, eu assisti à sua entrevista.

— Perdão?

— Eu assisti à sua entrevista na TV.

Richard ficou em choque. Continuei:

— Então você jamais se relacionaria com um policial militar, não é?

— Juan, eu....

— Não tente se explicar, Richard. Não tem explicação — levantei e coloquei o meu copo de leite vazio sobre a mesa atrás do sofá.

— Juan, eu disse aquilo para proteger você! — Richard levantou-se também.

— Para me proteger? — comecei a rir

— Sim — colocou a caneca sobre a mesa também. — Se eu dissesse que estava ficando com você...

— Namorando — corrigi.

— Sim, namorando. Se eu dissesse que estava namorando com você, toda a corporação militar iria pegar no seu pé.

— Não seja ridículo, Richard! A Polícia Militar inteira sabe que sou gay. Você contar isso não seria novidade! Confesse! Vamos, confesse! Você estava preocupado com o seu público!

— Sim. Eu estava sim.

— Está vendo! Eu sabia!

— Eu vou falar sobre o nosso namoro para meu público, só que aquele não era o momento e nem daquela forma. Você viu o jornalista, ele foi tendencioso. Aquele vídeo não estava na pauta. Você sabe como os jornalistas são traiçoeiros!

— Sei sim, sei muito bem. Conheço um assim que está aqui na minha frente!

— Não, não. Meu anjo, não sou assim!

— Não me chame de meu anjo! — falei alto.

— Não grite comigo!

— Acabou, Richard. Acabou. Não há mais nada entre nós!

— Juan, acho que...

— Saia daqui! — direcionei meu dedo para onde eu queria que ele fosse: para longe de mim.

Richard aproximou-se bem perto de meu rosto, encarando-me.

— É isso mesmo que você quer? — perguntou.

— Sim! — respondi seriamente.

Richard caminhou em direção à porta. Passei à frente dele para abri-la. Puxei a maçaneta.

— Espero poder voltar para conversarmos melhor quando você estiver menos furioso.

— Pode voltar, mas eu não estarei aqui.

— Como assim?

— Fui transferido. Vou trabalhar em uma cidade no interior.

— Você pediu para se mudar daqui?

— Não! Não falei isso. Eu disse que fui transferido. Mandaram-me trabalhar em outro lugar e eu vou depois de amanhã.

— E você quer terminar comigo assim, dessa forma ridícula?

— Eu não quero falar mais nada com você, Richard. Adeus!

Ele deu uma última encarada. Desviei o olhar. Quando ele saiu, fechei a porta.

Agora eu estava pronto para me mudar.

..

O clima nublado da manhã seguinte combinou com o meu humor. David chegou do serviço, ele havia trabalhado de madrugada. Contei para ele sobre as novidades. Ele ficou triste sobre o término com Richard. Ele disse que não esperava que a situação do programa de TV pudesse ter culminado com o fim do meu relacionamento. David também ficou muito triste com a notícia sobre a transferência. Achou um absurdo me transferirem alegando que era para o meu bem.

— E você vai se mudar quando?

— Amanhã de manhã, preciso me apresentar no novo batalhão. Como a cidade fica a algumas horas daqui, preciso sair de madrugada — falei enquanto encaixotava minhas coisas no meu quarto.

— Cara, você vai fazer muita falta! Quem mais vai me dar conselhos quando eu fizer alguma coisa errada?

— Haha — rimos.

— Obrigado, meu irmão! Obrigado por me aceitar como eu sou. Obrigado por me estender a mão quando todos me deram as costas.

— Eu olhei para seu coração, meu amigo!

Trocamos sorrisos. Ele continuou:

— Você quer ajuda para embalar suas coisas?

— Não precisa. Não tenho muita coisa. Agora você pode alugar esse quarto. Se quiser pode chamar o Pietro ou o Billy para morar aqui.

— Você está louco? Antes só do que mal acompanhado, meu camarada!

— Haha! Verdade!

— Se você não se importa, vou dormir um pouco.

— Sem problemas.

— Até mais, Juan.

— Até mais, meu irmão.

O QUE ESTÁ ACHANDO DO LIVRO?

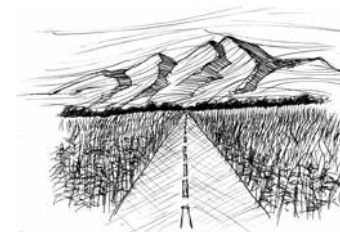
PARA SABER MAIS SOBRE O LIVRO, ACESSSE: WWW.GANDHOR.COM

COLABORE COM O AUTOR, FAÇA UM PIX. CHAVE PIX: helvister@yahoo.com.br

MUITO OBRIGADO! ESPERO QUE SUA LEITURA SEJA FANTÁSTICA!

CAPÍTULO 18

Toc-toc



O movimento de carros é bem menor durante a madrugada. Saí da zona urbana. Entrei na rodovia. Deixei para trás uma fase de minha vida. Aquela mudança de cidade representaria para mim muito mais que uma mudança de ambiente. Seria uma mudança de vida. Novo lar, novas pessoas, novo local de trabalho, novos desafios. Enfim, tudo novo!

Coloquei uma música para tocar durante a viagem. A música falava de um sol que retornaria no amanhã por mais uma vez. O refrão dizia que quem acredita em algo sempre alcança. Por coincidência, pouco após ouvir a música, observei uma estrela cadente atravessar o céu estrelado à minha frente. Suspirei e fiz um pedido enquanto dirigia. Senti uma paz em meu peito.

Algumas horas se passaram, de acordo com o aparelho no meu pulso. Ainda era noite. A estrada era comprida e reta. Aquele ponto era plano e o trecho parecia cortar uma plantação de milho, ou outro tipo de planta alta. Fiquei vislumbrando o céu. O sol demonstrava querer aparecer. Eu desejava ver mais uma estrela cadente para fazer mais pedidos. De repente, algo muito estranho aconteceu!

O que vi foi um imenso jato de luzes cortar a estrada, passando poucos metros à frente de meu carro. Era como se, voando muito perto do chão, um avião enorme e todo iluminado tivesse atravessado meu caminho, da direita para a esquerda, em uma velocidade absurdamente rápida! Perdi o controle da direção do carro. Saí da estrada em

direção à plantação, à minha direita. Depois de ter atropelado quase uma tonelada de pés de milho, o carro parou.

Eu estava com dificuldades de respirar. Não larguei o volante. Tentava compreender o que havia acontecido. Passado um tempo, desci do carro. Parecia que ele não estava estragado. Ao menos era o que eu esperava. Fui adentrando a plantação para saber onde eu estava. Após retirar as folhagens que cobriam a minha visão, cheguei até um local aberto.

Meus olhos só poderiam estar me enganando. O crepúsculo havia se iniciado. Ainda assim, eu me esforçava para tentar entender o que estava à minha frente. Andei mais um pouco naquele campo. Pisei com cuidado no mato retorcido. Era assim em toda a parte. Parei onde achei que fosse o centro do lugar.

Retirei meu aparelho do bolso. Programei-o para sobrevoar a uma altura calculada. Ele acionou as hélices e voou. No alto, fez uma filmagem de 360°. Conferi as imagens no meu pulso, mas não acreditei. O aparelho voltou até a minha mão. Assisti mais uma vez ao vídeo.

Era o que eu havia pensado. Eu estava sobre um símbolo feito na plantação, ou seja, eu estava sobre um agroglypho! Pela imagem obtida, o desenho formava círculos com uma rosa dos ventos ao centro.

— Então, se isso for mesmo um agroglypho, o que eu vi cortando a estrada só pode ter sido... um disco voador! — falei sozinho. — Ai! — senti uma dor na mão. Olhei. Parecia que minha marca de nascença havia recebido uma fincada. Ignorei aquilo.

Voltei para meu veículo. O carro estava funcionando. Ainda bem!

Retornei minha trajetória até a cidade. No batalhão, procurei me informar sobre quem seria meu comandante direto. Era um Tenente chamado Nicholas. Tenente Nicholas era uma daquelas pessoas sem muita conversa. Foi direto ao assunto. Disse-me que eu seria comandante de um posto policial em uma cidade pequena. A cidade se chamava Cartas do Norte. Ficava a alguns quilômetros de distância daquele batalhão. Ele me passou o endereço e disse que Robben, o

Sargento que eu iria substituir, estaria no posto policial me esperando. Aproveitei e mostrei ao Tenente as imagens que fiz sobre a plantação.

Ele disse:

— Isso provavelmente é obra de um “sem-o-que-fazer”! A gente tem que se preocupar é com bandido! Entendeu?

— Sim, senhor.

— Então pode ir que o Sargento Robben está o aguardando.

Saí do batalhão.

Na rodovia, a estrada de acesso à cidade de Cartas do Norte era demarcada por uma placa quase invisível de tão desbotada. Se não fosse o localizador do meu veículo, provavelmente eu teria seguido caminho adiante e não teria entrado à esquerda naquela estrada de terra.

Fiquei encantado com o caminho cheio de túneis de árvores. O dia estava ensolarado, porém com ventos frios. Clima típico daquela época do ano. Curvas, aclives, declives, retas, mares de morros. Quando achei que já estava demorando a chegar, principiei a subida de uma ladeira. Do outro lado do morro, a cidade! Passei sob outro letreiro semi-transparente: “Bem-vindo a Cartas do Norte”. Olhei o panorama da cidade enquanto meu veículo descia o morro. As ruas tinham calçamento.

A pequena cidade, com um pouco mais de dois mil habitantes, encontrava-se em um vale. Eu dirigia lentamente procurando observar cada cidadão, cada casa, cada esquina, cada comércio. Observava atentamente cada ação daquele lugar, mesmo sendo simples, algo suspeito poderia acontecer. É impressionante como mesmo não estando de serviço, eu não deixava de ser policial, de ter algumas manias do ofício.

As poucas pessoas na rua pareciam muito mais curiosas comigo do que eu com elas. Acompanhavam, com a cabeça, a direção que eu seguia. Parei meu automóvel em frente a uma lanchonete. Ao menos parecia ser uma lanchonete. Não havia nenhum letreiro do lado de fora.

— Boa tarde, eu gostaria de uma informação, por favor. O posto policial fica onde? — perguntei à mulher que estava do outro lado do balcão.

— Aconteceu alguma coisa? — respondeu uma senhora de óculos e lenço sobre a cabeça. Ela terminava de colocar uma bebida no copo de um cliente velhinho e claro como ela.

— Não. Não houve nada. Só queria saber onde é.

— No final da avenida, à direita.

— Obrigado. Uma boa tarde para a senhora.

— Por nada, meu rapaz! — deu um sorriso enquanto limpava o balcão com um pano.

Lá estava o posto policial no local indicado. Mal saí do meu veículo e já fui recebido pelos militares do lugar.

— Então você é o novo comandante de Cartas do Norte? — foi se aproximando um policial de barriga avantajada.

— Do Posto Policial de Cartas do Norte — corrigi dando uma risadinha. Fiquei na posição de sentido, mesmo sem estar de farda. — Sargento Juan às suas ordens, senhor... — olhei para a etiqueta de identificação na gandola desbotada — Sargento Robben!

— Chega de cerimônia e vamos entrando! — Ele colocou um braço sobre o meu ombro para me conduzir até o posto policial.

Um cachorro avançou em minha direção. Era preto, de tamanho médio, a barriga e as patas dianteiras eram brancas. Ele começou a latir.

— Deixe o moço entrar, Pretinha! — pediu o Sargento Robben. — Essa é a nossa mascote. Nós a chamamos de Pretinha.

Eu chamei a cachorra para vir até o meu encontro. Ela parou de latir e se aproximou. Depois de muito me cheirar, abanou o rabo e deu umas lambidas na minha mão quando eu tentava afagar suas orelhas pontudas. Sargento Robben disse:

— Que estranho! Ela nunca tratou alguém tão bem assim no primeiro contato. Ela é uma cachorra de rua, mas vive perambulando por aqui. Deixe eu lhe apresentar a tropa.

O velho Sargento me conduziu até o pequeno lance de escadas que antecede a entrada do posto policial. Lá estavam três militares de prontidão, um cabo e dois soldados. Eles fizeram as devidas apresen-

tações. O cabo se chamava Silva, ele tinha um bigode grosso. Um dos soldados era branco e ruivo, e o outro era negro com o tom de pele um pouco mais escuro que a minha. O ruivo era Gastón; o negro, Marcelo.

Após as apresentações, adentramos o lugar. O prédio era branco e bem-velho, assim como os móveis em seu interior. Uma pintura ali não seria nada mal. Apesar disso, o local era bem-limpo e organizado.

No andar de cima, ficava o alojamento. Todos eram aquartelados. O quarto do Sargento Robben, que, a partir daquele momento, seria o meu, ficava de frente para a rua. Através de uma grande janela de vidro, era possível ter uma vista da mata cheia de coqueiros e de uma montanha ao fundo. O cômodo era grande. Grandes também eram a cama e os armários. Tinha uma mesa de cabeceira com um abajur velho, mas funcionando. Havia espaço em frente à cama. Eu poderia fazer alguns exercícios físicos ali. Gostei.

Antes de ir embora, o Sargento Robben me passou várias orientações e recomendações. Afinal, ele conhecia tudo e todos de Cartas do Norte. Demorou a se despedir dos outros militares que se esforçavam para demonstrar alegria, apesar da tristeza pela partida do amigo.

A sós com os meus subordinados, perguntei:

— Qual dos dois soldados conhece essa região há mais tempo?

— Eu, senhor. Sou natural desta região — respondeu o ruivo.

— Certo. Então, você ficará comigo para compor a guarnição. O Soldado Marcelo ficará com o Cabo Silva e assumirão o serviço hoje. Ok?

— Sim, senhor — responderam em coro.

— Vou descansar um pouco e qualquer coisa podem me chamar.

Guardei meu carro na garagem aos fundos do posto policial. Retirei minhas malas e levei até o meu novo quarto. Com tudo organizado, abri as cortinas, mas não abri a janela para o vento não entrar. Tomei banho, coloquei uma roupa confortável e fiquei admirando a paisagem através do vidro. Meus pensamentos estavam mais distantes que o pôr do sol atrás daquele morro.

Toc-toc! Toc-Toc! Batiam à porta.

— Quem é?

— Sou eu, Sargento, o Soldado Gastón.

— Aconteceu algum problema? — eu perguntei enquanto abria a porta.

— Não, senhor. Eu só preciso...

Quando abri a porta, Gastón não conseguia concluir a frase.

Eu estava de bermuda, e minha perna mecânica ficou aparente.

— Você só precisa... — tentei ajudar o Soldado a concluir a frase.

— Eu... eu... só queria saber o horário que vamos pegar no turno amanhã.

— Vamos continuar seguindo a escala habitual de vocês. Silva e Marcelo trabalharão amanhã novamente e depois será a nossa vez de trabalhar dois dias seguidos. Se precisar de mudanças, eu aviso. Pensei que estivesse acontecendo algum problema grave, pois você bateu com muita força em minha porta.

— Perdão, senhor. É... é o meu jeito. Se... — ele não conseguia disfarçar a surpresa. — Se o senhor precisar de alguma ajuda, pode chamar.

— Obrigado. Boa noite!

— Permissão para me retirar, senhor.

— Concedida.

Mais tarde, fui me deitar. Continuei a contemplar o céu pela janela. Adormeci.

Pela madrugada, decidi ir até a cozinha comer algo. Eu não havia jantado nada. Passei em frente à porta do quarto dos outros militares. Eles ainda estavam acordados.

— Ele não vai dar conta. Não temos condição de ter um comandante despreparado.

— Então vamos fazer isso, não é? Amanhã mesmo, a gente relata o problema para o Tenente Nicholas e conta a verdade.

Era inevitável não ouvir o que diziam. Mesmo com a porta do quarto fechada, eu conseguia ouvi-los. Estavam falando de mim.

— Eu ainda acho que é melhor esperar um pouco. A gente não sabe como ele vai se sair durante uma ocorrência.

— E você quer esperar acontecer algo para descobrir como ele vai se virar? Pessoal, acorda! Ele não tem perna!

— Fale baixo! Quer que ele acorde?

— Ok. Continuando, ele não é como nós. Ele até pode ser forte, mas isso não significa que ele conseguirá dar conta do nosso serviço aqui no interior. Aqui não é a capital.

Eu ainda não conhecia a voz de cada um para identificar quem dizia o quê.

— Tudo bem, vocês quem sabe. Eu ainda acho que é melhor esperar.

Eu não quis continuar ouvindo. Eles poderiam abrir a porta e notar minha presença. Retornei para o meu quarto com o máximo de cuidado para evitar fazer barulho. Mesmo com fome, fui me deitar. Achei melhor assim.

Por muito e muito tempo, com a ajuda da luz fraca e ocre do abajur, fiquei observando o teto do meu quarto. Analisava alguns pontos nos quais a tinta velha estava descascando. Formas variadas eram desenhadas por lascas de tinta. A depender da minha imaginação, algumas me lembravam casas. Outras, animais. Outras, monstros que jamais vi. Uma me lembrou Richard. Parei de olhar.

— O que eu fiz da minha vida para ser assim tão diferente? Aonde quer que eu vá, eu não sou aceito. Sou sempre inconveniente, estranho, anormal... Qual é o objetivo da minha existência?

Tantas perguntas. Nenhuma resposta.

A iluminação surgia e desaparecia. O abajur estava falhando. Parecia ter algum tipo de curto circuito. A luz do teto acendeu e também apresentava o mesmo defeito. Desliguei o abajur. Tudo ficou escuro.

O clarear da manhã anunciava um novo dia. No entanto, eu já estava acordado antes disso. Levantei bem cedo. Fui até uma pequena loja e comprei alguns materiais. Cheguei ao posto policial antes que os demais militares acordassem. Troquei de roupa, peguei uma escada que havia no quintal. Fiquei na parte da frente do posto para dar início ao trabalho. Em seguida, os militares saíram do recinto, pois ouviram alguns barulhos. Eles olharam para cima, abismados.

— Sargento? — perguntou Marcelo.

— O que o senhor está fazendo aí? — Gastón queria saber.

— O que vocês, acham? Estou pintando a fachada do posto policial — no topo da escada, eu respondi à pergunta enquanto molhava o rolo de tinta no balde que estava comigo.

— O senhor conseguiu pintar toda essa parte sozinho? — questionou Silva, pois eu já havia pintado quase metade da fachada.

— Claro, por que o espanto?

— Nós vamos ajudar o senhor — ofereceu Gastón.

— Não tem necessidade — eu disse.

— Nós fazemos questão — Silva observava meu trabalho. Mesmo no alto, eu entendi que ele ainda parecia não acreditar no que eu estava fazendo.

— Você e Marcelo assumirão o turno daqui a pouco — argumentei. — Não terão tempo para me ajudar.

— Então eu ajudo — disse Gastón.

— Só se você não tiver outra coisa para fazer.

O restante da manhã foi o suficiente para que eu e Gastón terminássemos toda a fachada. Quando estávamos pintando, várias pessoas da pequena cidade começaram a se juntar diante do estabelecimento. Elas passavam, aglomeravam-se, observavam, cochichavam, em seguida, iam embora quase quebrando o pescoço para continuar observando. Meu olhar para a direção delas não inibia a bisbilhotagem.

— Não ligue, Sargento. As pessoas daqui não podem ver alguém de fora que ficam curiosas.

— Ainda mais se a pessoa tiver uma deficiência física como eu, não concorda?

— Não. Não é isso — respondeu Gastón tentando ser gentil.

Continuamos os retoques finais. Gastón proseava:

— As pessoas daqui são muito curiosas. Quando nossa viatura chega em algum lugar, parece que uma nave espacial está chegando. Quando saímos da viatura então, parece que somos extraterrestres! Todos ficam nos olhando como se fôssemos de outro planeta.

Rimos. Então, eu pensei: “Eu sei muito bem como é se sentir de outro planeta”.

Nós continuamos o serviço após o almoço. No fim do dia, não conseguimos concluir toda a pintura externa. O resultado, porém, já fazia diferença. Parecia outro quartel.

Quando fui guardar os materiais de tinta, a cachorrinha apareceu.

— Oi, Pretinha! — fiz carinho nela. — Esse é seu nome, não é? Onde você dorme?

— Ela costuma dormir na porta do posto — disse Gastón me ajudando a guardar os materiais.

— Eu vi que, no quintal, tem alguns pedaços de madeira aparentemente sem utilidade. Acho que vou fazer uma casinha para ela.

Gastón foi para o quarto dele. Eu peguei um pouco de comida e dei para a Pretinha.

Minha segunda noite naquela cidadezinha foi bem melhor. Eu estava cansado, mas minha cabeça estava mais leve. Não sei que horas eram. Os latidos me despertaram. A cortina cobria a janela por completo. Abri apenas uma brecha para observar o lado de fora.

A Pretinha latia com alguma coisa que parecia estar namata. A luz do luar me permitia enxergar um pouco. Meu olhar sonolento dificultava a visão. Olhei para mata e não vi nada. Pretinha continuava a latir.

Mais uma espiada na floresta. Parecia que algo se movia entre as folhagens. Cocei os olhos. Eu vi! Era uma figura estranha! Não consegui identificar o que era. Corri para pegar meus binóculos de observação noturna. Retornei para a janela. Aproximei o zoom. Era apenas um arbusto diferente... Caí em uma armadilha psicológica, mais conhecida como pareidolia.

Voltei a me deitar e tentei dormir, ignorando os latidos. Gastón batia à porta do meu quarto novamente pelo amanhecer. Dessa vez, não foi com brutalidade, mas houve insistência.

— Bom dia, Sargento — ele disse, quando eu abri a porta. — Acabaram de ligar para falar sobre um ataque em um rebanho de ovelhas que aconteceu nessa madrugada.

— Ataque?

— Sim. Deve ser algum lobo. Isso é muito comum por aqui.

— Alguém se feriu?

— Não.

— Ok. Coloque a farda, por favor, e ligue para central do batalhão dizendo que nossa guarnição entrará mais cedo no turno.

— Sim, senhor.

A nova dupla formada saiu com a viatura para atender ao chamado. O local era uma fazenda a poucos quilômetros da cidade. Chegamos ao endereço fornecido. Estavam em frente ao casarão antigo um senhor e uma senhora, provavelmente um casal, ambos aparentando 60 anos.

— Senhor Rafiq?

— Sou eu.

— O senhor que nos acionou, não foi? — perguntei ao velhinho.

— Sim, senhor policial.

Rafiq nos levou até o outro lado do pasto, que rodeava a sua fazenda, para nos mostrar o local do fato. Chegamos ao lugar onde ele disse que deixava as ovelhas. Um celeiro feito de madeira.

Parecia a cena de um massacre! E, por certo, era. Um amontoado de carnes dilaceradas estava sobre o chão misturado à palha e aos milhares

de mosquitos que infestavam tudo. Patas, cabeças e outras partes de corpos estavam aqui e acolá. Algumas poucas ovelhas vivas ainda estavam ao fundo do celeiro e outras pastavam do lado de fora como se nada tivesse acontecido.

— O senhor tem alguma ideia do que pode ter feito isso? — pasmo com a cena, perguntei fazendo uma busca visual.

— Não, senhor. Nunca aconteceu isso na minha fazenda.

— Quantas ovelhas o senhor acha que perdeu?

— Pela quantidade que sobrou, calculo que umas quarenta.

— Quarenta?! — espantou-se Gastón.

Agachei para analisar as carniças com mais atenção.

— Gastón, liga para a perícia, por favor.

— Sim, senhor!

Até a perícia chegar, a esposa do senhor Rafiq nos convidou para tomarmos café em sua residência. Acabei aceitando pela insistência e também porque estava faminto. Aproveitei para saber mais detalhes sobre o ataque. Rafiq contou que, há dois anos, um lobo atacou filhotes de ovelha. Gastón disse que também é comum onças aparecerem e atacarem animais da fazenda. No entanto, nunca aconteceu um ataque em grande escala como aquele.

A equipe de peritos chegou para analisar o local.

Depois de mais de uma hora, eles concluíram o trabalho.

— Então, foi um animal selvagem que fez isso? — perguntei à mulher perita que estava à frente da equipe. Na identificação, constava o nome de Edna.

— Ainda temos que levar as amostras para o laboratório. Mas adianto que esse ataque não envolveu só animais selvagens.

— Como assim? — perguntei enquanto Edna prosseguia com seus afazeres: descartar as luvas sujas de sangue que ela estava usando, fazer anotações nos aparelhos, guardar materiais nos automóveis em que ela e sua equipe vieram.

— Aconteceu um caso parecido há poucos dias no leste do Estado. Os peritos de lá ainda estão tendo dificuldades em descobrir o

que anda atacando animais das fazendas na região. Desconfiamos que seja um grupo de pessoas que estão tentando disseminar uma ideologia fantasiosa — enquanto ela andava, seu cabelo amarrado balançava.

— Que tipo de pessoas faria uma atrocidade dessas? Com qual objetivo?

— Existem pessoas de todos os tipos, não é? Eu não tenho a mínima ideia sobre as intenções dessas pessoas. Pode ser ritualística, como pode ser por motivo pessoal. Eles calçam botas que simulam pegadas. Veja!

Edna apontou para uma pegada sobre uma poça de sangue. Abaixamos para examinar. Era uma grande pegada gorda com pequenos cinco dedos. A perita disse:

— Parece com enormes pegadas de crocodilo. Agora eu lhe pergunto, existem crocodilos aqui nessa região?

— Não sei. Sou da capital. Não conheço essa região.

— Pois lhe digo que não. Isso é armação! Esses criminosos devem pagar por essas atrocidades! Por isso, vamos investigar.

— Eu não entendo muito bem de perícia, mas notei que a carne dos animais foi dilacerada por mordidas. Como se explica isso?

— Provavelmente, essas pessoas estavam acompanhadas por cães adestrados para praticar esse tipo de crime. O que pode dificultar o nosso trabalho é esse monte de palha, que prejudica a identificação de pegadas e, conseqüentemente, a determinação da quantidade de pessoas que estiveram aqui.

A equipe toda já estava aguardando a chefe dentro dos veículos. Gastón aproximou-se de mim. Eu fiz uma última pergunta para a mulher:

— Mas se não forem pessoas que fizeram isso?

— O quê? — virou-se para me encarar pela primeira vez.

— Pergunto se isso tudo não é obra de outro ser que não seja nem animal e nem um ser humano.

— Seria o que então? Um chupa-cabra, como nas lendas?

— Sim, por que não?

Um breve silêncio. Edna, posteriormente, puxou o coro para as gargalhadas de toda a equipe, até mesmo Gastón deu risadas discretas.

— Trabalhar com você deve ser muito engraçado! — entrou no automóvel. — Vocês da cidade grande têm uma ideia de que as pessoas do campo vivem de lendas e não sabem nada de ciência. Até mais, Sargento! Haha!

Ficamos Gastón e eu observando a equipe de peritos partir. Depois, passamos algumas orientações para o senhor Rafiq.

O restante do dia foi tranquilo. Meu companheiro de serviço me mostrou toda a região. Patrulhamos em quase todas as zonas rurais que circundam a pequena Cartas do Norte. Mesmo com muitas informações para absorver, aquela carnificina ainda se fazia presente na cabeça.

— Gastón.

— Senhor?

— Tem certeza de que nunca aconteceu algo parecido como aquela ocorrência da manhã?

— Sim, senhor — respondeu enquanto dirigia. — O que acontece muito nessa região é furto de ovelha e gado durante a noite. Esse tipo de matança nessa proporção nunca houve.

Nos dias que se sucederam, nada de extraordinário aconteceu.

Conversei com Emily. Eu havia enviado uma mensagem para ela quando me mudei. Dessa vez, eu disse para ela que, aos poucos, eu estava superando o fim do relacionamento com Richard. Falei como estava sendo meu novo lar: a cidade, as pessoas, os colegas de trabalho, o serviço diferente. Comentei sobre o provável encontro que tive com um OVNI e sobre o agrolifo. A reação dela foi a que eu esperava. Ela ficou histérica! Ainda mais quando relatei a ocorrência estranha das ovelhas. Sobre isso, Emily disse que também era algo paranormal.

— Só pode ser, Juan! — comunicávamo-nos por áudio. — Que outro animal deste planeta poderia ser capaz de fazer isso em uma noite?

— Segundo a perita, é um grupo de pessoas.

Eu conversava com Emily pelo alto-falante do meu dispositivo, enquanto fazia flexões no chão do quarto.

— Só comprovando para saber... Enfim! Vamos aguardar o laudo. Também tenho algo para lhe contar, Juan.

— Pelo seu tom de voz deve ser algo muito bom.

— Sim! É sim. Posso falar?

— Claro! Conte logo!

— Estou namorando!

— Que ótimo, Emily! Parabéns!

— E você conhece meu namorado.

— Sério? Quem é?

— Capitão Theo.

— Não acredito! — até parei de fazer as flexões.

— Sim!

— Como isso aconteceu? — levantei para pegar uma toalha e enxugar o meu suor.

— É uma longa história.

— Estou com tempo. Pode falar — sentei-me em uma cadeira com o aparelho ainda no pulso.

— Eu preciso que você guarde sigilo.

— Com certeza! Você sabe que pode confiar em mim, não sabe?

— Sim, claro que sei. Bom, eu e o Theo — quando Emily se referiu ao Capitão Theo apenas como “Theo”, achei muito estranho. Mas era falta de costume — ainda não podemos assumir o nosso namoro.

— Por que não?

— Juan, por favor, guarde segredo! Theo é objeto de estudo do Setor ST além de ser um dos comandantes de lá.

— Eu desconfiava que ele fosse mesmo um dos comandantes, mas... objeto de estudo? — recordei quando o vi em uma sala no Setor ST.

— Theo é médium.

— Médium? Como assim?

— São pessoas que têm uma sensibilidade espiritual. Alguns

têm esse poder mais acentuado, outros menos. No caso, o Theo tem esse poder muito acentuado.

— Qual é o poder dele?

— A mediunidade é o contato com o espiritual, e isso pode acontecer de várias formas. Theo, em questão, consegue conversar com espíritos.

— Hahaha!

— Do que você está rindo?

— Emily, você acredita mesmo em espíritos?

— Juan, eu converso e domino animais com a mente. Diga-me, por que eu não acreditaria em espíritos?

— Então o seu poder e o poder do Matheus têm relação com mediunidade?

— Não. É diferente. Theo estava me explicando sobre isso.

— Então, ele sabe sobre você?

— Sim.

— Como?

— Você contou.

— Eu?! — fiquei perplexo.

— Sim, mas sei que foi sem querer. Não o culpo.

— Eu não disse nada, Emily! Juro!

— Eu sei. Calma, que explico! Theo descobriu esse dom dele há muito tempo. Quando ele ingressou na polícia, logo quis trabalhar no Setor ST, com a seção responsável por pesquisas paranormais e sobrenaturais.

— Acho que sei qual seção é essa.

— Só a título de curiosidade, paranormais são eventos que a ciência ainda não consegue explicar. Por outro lado, o sobrenatural vai contra as leis naturais. Ambos, correntemente, são utilizados como sinônimos. A mediunidade pode ter relação com os dois. Sendo um médium, Theo se ofereceu para ajudar em ocorrências policiais usando o seu dom.

— De que forma?

— Segundo Theo, alguns espíritos de pessoas que morreram e se arrependeram dos crimes que cometeram em vida passaram a entrar em contato com ele. Esses espíritos, por exemplo, dão detalhes de ocorrências que não foram concluídas, apontam locais e objetos usados em crimes, citam nomes de pessoas envolvidas em delitos, entre outras coisas.

— Emily, sinceramente eu não consigo acreditar nisso. Isso desafia a lógica, a razão.

— Pode até ser, mas todas as informações obtidas por Theo, com a ajuda dos espíritos, foram confirmadas. Todas!

— Impossível! Se isso for verdade, então existem mesmo espíritos! Isso explica, inclusive, os seus poderes e os do Matheus.

— Não. Como eu ia dizer, Theo me esclareceu que a mediunidade está relacionada a espíritos. O meu caso e o do Matheus estão relacionados à física quântica.

— Minha querida amiga, por favor! Acho que o Capitão Theo está influenciando você com historinhas.

— De modo algum! Por que ele mentiria para mim? Prova de que ele está falando a verdade é sobre como ele descobriu que eu tinha poderes. Ele descobriu por você! No dia em que vocês estavam na delegacia prestando esclarecimentos sobre o atentado na formatura, havia um espírito de confiança dele naquela sala.

— Mas eu não vi nada.

— Você não viu porque você não é médium que vê espíritos! — a voz de Emily estava impaciente comigo. — Continuando, o espírito, na sala, dizia para Theo quando você estava mentindo ou dizendo a verdade em seu relato.

No mesmo instante, recordei-me daquele dia. Capitão Theo ficava olhando, vez ou outra, para um canto da sala. Ele deveria estar notando o espírito.

Emily deu sequência à fala:

— Quando Theo perguntou se você conhecia mais alguém com poderes que estava na formatura, você pensou em mim. Não disse, mas pensou. Foi quando o espírito contou isso para o Theo.

— Que espírito fofoqueiro, hein!

— Haha! – rimos.

— Eu me lembro quando o Capitão Theo conversava comigo na delegacia. Ele estava olhando para o lado o tempo todo. Porém, ele não dizia nada. Então, a comunicação com os espíritos é feita por meio da telepatia também?

— Exato, amigo! Existem várias formas de comunicação com os espíritos. A telepatia é uma. Theo só mantém contato com bons espíritos. Se não fosse assim, ele poderia ter o trabalho dele prejudicado por espíritos que só querem causar a discórdia e o ódio. Ele não quer que nós nos encontremos em público e que ninguém saiba sobre nosso relacionamento, pois ele disse que existe uma pesquisa secreta dentro da instituição. E que essa pesquisa tem ligação com algo que está para acontecer com o planeta Terra.

— E o que vai acontecer com a Terra?!

— É o que eu pergunto para ele todos os dias. Ele disse que não foi autorizado a responder, todavia, em breve todos saberão.

— Uau! — suspirei profundamente — Quanta novidade! Emily, confesso que estou surpreso com tudo isso que você me disse. O que posso lhe dizer é que estou feliz com a notícia sobre o seu namoro.

— Muito obrigada, meu amigo! — falou com alegria.

— Estou realmente muito feliz por você. Por vocês dois! Capitão Theo é uma excelente pessoa também. Você está contente com ele, não está?

— Muito!

— Realmente é ótimo quando encontramos alguém que nos faz feliz — minha voz foi diminuindo ao longo dessa frase. Emily notou minha tristeza.

— Você tem certeza de que terminar com o Richard foi a me-

lhor opção?

— Sim.

— Quem nunca errou nessa vida, Juan? Não somos perfeitos.

Você não é perfeito. Dê uma segunda chance para ele. Perdoe-o!

— NUNCA! — até eu assustei com o meu grito. Levantei da cadeira sem perceber — Desculpe-me, Emily. Eu... eu... estou um pouco cansado.

— Ok. Outro dia a gente conversa. Até mais.

— Até mais.

Desliguei meu aparelho. Refleti sobre minha reação exagerada.

O QUE ESTÁ ACHANDO DO LIVRO?

PARA SABER MAIS SOBRE O LIVRO, ACESSE: WWW.GANDHOR.COM

COLABORE COM O AUTOR, FAÇA UM PIX.
CHAVE PIX: helvister@yahoo.com.br

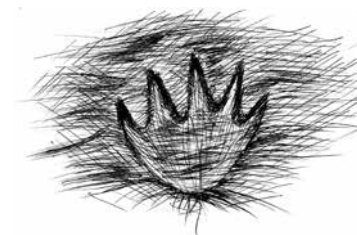
COMPARTILHE ESTE LIVRO COM TODOS OS SEUS CONTATOS!

SIGA O AUTOR: @helvister

MUITO OBRIGADO! ESPERO QUE SUA LEITURA SEJA FANTÁSTICA!

CAPÍTULO 19

Pretinha



Como de costume na região, algumas ocorrências mais simples surgiram: perda de documentos, discussões familiares, perda de animais domésticos. Por falar em animais domésticos, a cachorrinha Pretinha sempre me acompanhava aonde eu ia a pé dentro da cidade. Quando me via, ela corria para perto de mim e balançava o rabo. Ela não entrava nos estabelecimentos, ficava me aguardando do lado de fora.

Assim se sucedeu quando eu fui até a lanchonete tomar café. Pretinha não entrou e ficou me aguardando na porta. Era a mesma lanchonete onde pedi informação quando cheguei à cidade. De tanto ir ao local, acabei ficando amigo da dona do estabelecimento, Dona Rita. Ela disse que, desde o início, sabia que eu era policial, por causa do meu jeito.

— Ainda pensativo sobre as ovelhas? — disse servindo-me café com leite e pão torrado. Todos da cidade sabiam sobre o ataque aos animais. O caso teve grande repercussão.

— Acertou! — na verdade, eu estava pensando em Richard. Aquele dia seria a formatura dele.

— Você ficou sabendo sobre o Discurso Mundial?

— Que discurso, Dona Rita?

— O Discurso Mundial Fraternal. Estão noticiando em todos os jornais. Inclusive, daqui a pouco, deve anunciar na televisão.

— Ah, sim! Eu fiquei sabendo disso.

— Parece que vai acontecer um comunicado mundial para todos os povos daqui a alguns dias — a senhora ajeitou seu inseparável lenço na cabeça.

— Que comunicado seria esse?

— Eis a grande questão! Ninguém sabe.

Rita retornou ao balcão. Passei a prestar atenção na televisão que havia no alto da parede na lanchonete. Notei também que duas crianças, ambas meninas, não paravam de rir e olhar para mim. Elas pareciam estar desacompanhadas. Deviam morar ali perto. Elas decidiram se aproximar. Uma delas me perguntou:

— Moço, é verdade que você tem uma perna só?

— Marta! — berrou Rita lá do balcão. — Você não deveria se arrumar para a escola? — voltou-se para mim. — Perdão, Juan. Essa é minha neta. Muito atrevida!

— Sem problemas, Dona Rita — então, dirigi a palavra à menina. — É mentira, mocinha, eu tenho duas pernas, uma é de ferro. Veja só! — mostrei minha perna que estava exposta graças à bermuda que eu usava.

— Pronto! Pronto! Agora que já viram podem ir embora! Deixem o moço em paz! Vão brincar com o gatinho Bartô — disse Rita. As meninas obedeceram e saíram rindo. — Não ligue para essas meninas, Juan.

— Imagina, Dona Rita. São crianças. Quem me dera se, nesse sentido, todas as situações com as quais lido fossem assim. Curiosidade é muito diferente de falta de respeito. Curioso todo mundo é. Respeito era o que todos deveriam ter.

— Verdade!

— Eu já fui chamado de tanta coisa nessa vida. Até de Saci já me chamaram.

— Saci?

— Sim, aquele personagem do folclore brasileiro, um menino negro que tem uma perna só e vive aprontando travessuras.

— Sim, eu conheço a lenda. Que absurdo lhe chamarem assim!

— Se me chamassem de Saci, mas sem o intuito de me humilhar, tudo bem. O problema são os vários apelidos com o objetivo de me ridicularizar. Acontece que não me importo mais.

— Que bom que você não se importa — em seguida, Rita apontou para a TV — Olhe, Juan! Estão falando sobre aquele discurso que estávamos comentando.

Comecei a assistir ao noticiário. Uma jornalista começou a matéria sobre o que a Dona Rita falava:

— O Discurso Mundial Fraternal, que irá acontecer em três dias, está entre os assuntos mais comentados entre todas as pessoas do planeta! Trata-se de um comunicado que será transmitido ao vivo pela Organização das Nações do Mundo (ONM), em sua sede, na cidade de Nova Iorque. O discurso está criando muita polêmica, pois será a primeira vez em que todos os veículos de comunicação no mundo deverão sofrer interrupção para transmitir o comunicado. Fedrick Shoem, representante da ONM, disse que o comunicado é de interesse de toda a humanidade, porém não revelou o conteúdo. O evento também se destaca por ser o primeiro que reunirá todos os presidentes e/ou representantes de todos os países e de todas as principais instituições sociais e científicas do planeta.

Esse evento estava sendo muito divulgado, adquirindo muita importância e, conseqüentemente, gerando muitas especulações – positivas e negativas. Algumas pessoas foram entrevistadas para falar o que pensavam sobre o Discurso Mundial Fraternal. Uma senhora negra disse que estava preocupada, pois a ONM não revelava sobre o que se tratava o Discurso e, por isso, acreditava que era algo grave.

Um homem de queixo quadrado brincou com o repórter dizendo que o Discurso seria para anunciar o fim do mundo. Uma adolescente loira falou que a ONM, enfim, confirmaria a existência de alienígenas. Foram variados depoimentos sugerindo abordagens muito diferentes, desde o anúncio sobre algum tipo de economia globalizada, como uma moeda universal, até teorias envolvendo o apocalipse. A jornalista voltou a falar:

— Agora vamos para outro assunto. Pela primeira vez em muitos anos, vários vulcões estão entrando em erupção simultaneamente, a maioria deles localizada no Hemisfério Sul. Vamos falar ao vivo com os nossos correspondentes.

Quando a matéria sobre o Discurso Mundial foi encerrada, eu nem dei muita importância para a reportagem seguinte. Decidi ir embora.

— Até mais, Dona Rita!

— Não vai acabar de tomar o seu café?

Voltei e peguei o pedaço que sobrou do pão.

— Preciso ir! Tchau!

Saí apressadamente da lanchonete. Dei o pedaço do pão para Pretinha. Ela foi atrás de mim. Cheguei ao posto policial e fui para o meu quarto. Mais uma vez me deparei contemplando a vista.

— Só pode ser alguma coisa relacionada a extraterrestres. Tenho certeza! — fiquei falando comigo mesmo sobre o Discurso. — Tem tudo a ver com o que Emily disse sobre o Capitão Theo. Ele sabe sobre o conteúdo desse Discurso. Esse evento é o que está para acontecer com o planeta Terra! Preciso conversar com o Capitão.

Toc-toc!

— Senhor, bom dia! — disse Gastón quando abri a porta do quarto.

— Bom dia, Gastón.

— O Senhor Tenente Nicholas gostaria de falar com o senhor. Ele disse para o senhor atender a ligação dele no aparelho do senhor.

Eu estava sem o meu aparelho. Deixei-o na gaveta da cômoda quando saí para ir à lanchonete.

— Ok. Muito obrigado, Gastón — fechei a porta.

Assim que peguei o dispositivo na gaveta, ele tocou.

— Bom dia, sen...

— Aconteceu mais algum massacre de ovelhas? — Tenente Nicholas logo foi me perguntando.

— Como? — eu esperava ao menos um “bom dia”.

— Não quero saber de mais nenhuma ocorrência como aquela! Está me entendendo?

— Sim, senhor.

— Os peritos não estão conseguindo identificar o que aconteceu, mas me disseram que deve ser um grupo de criminosos. Fique de olho em tudo! — precisei distanciar o meu dispositivo de perto do rosto. Os sons ásperos da voz do Tenente eram irritantes.

— Sim, senhor.

— Você tem que organizar suas rotas de patrulhamento! A gente não pode deixar que esse tipo de crime aconteça de novo!

— Sim, senhor. Inclusive estou buscando apoio com a Polícia Florestal, com outros órgãos e com...

— Mais um ataque desses na nossa área e a imprensa vai começar a criticar o trabalho da polícia. É isso que você quer?

— Sen...

— É isso que você aprendeu na Academia de Polícia?

— Sen...

— O que você tem a falar?

— Senhor, é... por onde devo começar... Bom, estamos fazendo a nossa parte com o que temos e buscando apoio, inclusive da própria comunidade. Eu...

— Eu quero é ver resultados! Estatísticas! Mostre-me resultados!

Tenente Nicholas encerrou a ligação.

..

Gastón e eu percorremos a cidade toda orientando os cidadãos a nos chamar em caso de alguma situação ou pessoas suspeitas que porventura aparecessem. Fizemos a mesma coisa nas localidades rurais. Ainda bem que nenhuma outra fazenda havia sido alvo de atrocidades como a que aconteceu com as ovelhas.

À noite, abordávamos veículos e indivíduos suspeitos que transitavam nas estradas próximas às fazendas. Nada de estranho foi encontrado.

O clima do lugar estava muito instável. De dia, o sol era quente. À noite, fazia frio e costumava chover ou então ficava úmido com muita neblina. Este era o caso daquela madrugada.

Minha guarnição decidiu voltar para o posto policial e encerrar o turno, pois já estava na hora. Estávamos voltando de uma zona rural. A estrada era de terra.

— Que frio! — soprei um vapor contra as minhas mãos. Esfreguei aquele ar quentinho. — Nem é inverno. Imagino como deve ser aqui no inverno. Você está sentindo frio?

— Não, senhor. Estou acostumado com o clima daqui — dizia Gastón enquanto dirigia.

Senti uma horripilação na parte detrás do pescoço. Olhei para meu braço. Estava arrepido.

— Que estranho.

— O que foi, senhor?

— Nada — desconfiei do que eu sentia. Não sabia se era pelo frio. Não quis comentar com Gastón. — Amanhã vamos verificar com os fazendeiros as filmagens das propriedades — mudei de assunto. — Precisamos saber se as câmeras de vigilância estão captando alguma coisa de suspeito.

— Uma pena que aquele senhor que perdeu as ovelhas não tenha câmeras instaladas no local — disse Gastón enquanto dirigia.

Concordei com o meu colega de trabalho, ao olhar de volta para frente, em meio à neblina, entrevi uma sombra de algo ou alguém no meio da estrada.

— Cuidado!

Gastón tentou desviar a viatura, mas a parte posterior do lado esquerdo acertou a figura. Paramos o veículo alguns metros depois.

— Você está bem? — perguntei.

— Sim, senhor. O que era aquilo? Um animal?

— Não sei. Era muito grande para ser um animal. Vamos conferir o que é.

— O quê? Vamos sair da viatura?

— Sim. E se foi uma pessoa? Deve estar ferida — eu sabia que não era uma pessoa.

Desci primeiro. Passei por trás da viatura, aguardei Gastón. Este ligou o holofote do veículo para iluminar tudo ao redor. Em seguida, foi ao meu encontro.

— Bom trabalho, Gastón — elogiei a atitude do meu colega de iluminar o local.

Ainda assim, a neblina não nos deixava visualizar muito mais que cinco metros de onde estávamos. Peguei uma lanterna e fui me afastando da viatura. Gastón não queria, mas foi me acompanhando logo atrás. Chegamos ao local que, segundo meus cálculos, era onde havia acontecido a colisão. Iluminei o chão de terra da estrada. Havia pegadas. Grandes pegadas.

— Você sabe reconhecer pegadas, Gastón?

— Um pouco, senhor.

— O que me diz sobre essas? — agachamos para conferir.

— Essas são diferentes de todas as pegadas que conheço. Elas se parecem com...

— Com?

— Com aquelas pegadas do ataque às ovelhas.

Deveras, pareciam mesmo.

Voltamos para a viatura. Antes de entrar, eu quis verificar o tamanho do estrago da colisão sobre o veículo. O lado esquerdo ficou amassado. No local, havia uma substância cinza. Retirei um lenço do bolso e passei sobre a substância. A textura era gosmenta.

— Mas o que é isso?! — exclamou Gastón com repulsa.

Cheirei. Um cheiro muito ruim e estranho.

— Parece que essa substância pertencia ao que atingimos — falei.

Um barulho diferente surgiu na mata. Um rosnar.

— E isso, o que foi?

Outro rosnar aconteceu.

— Parece um ruído de algum animal, senhor.

— Que animal costuma fazer esse som?

— Sargento, nunca, em toda a minha vida, ouvi algo parecido.

Gastón e eu nos olhamos. Ouvimos algo rosnar novamente.

Mais alto e mais próximo dessa vez.

— Senhor... senhor! — chamou-me.

— Vamos dar uma volta por aí, Gastón. Vamos ver o que é isso!

Entramos na viatura e viramos o carro. Patrulhamos o entorno.

Não vimos nada. Gastón estava com medo. Percebi. Ele gostou quando não conseguimos descobrir o que estava fazendo aqueles ruídos estranhos.

Só tínhamos uma certeza, que era a mesma coisa que atingira o veículo.

••

Para o Tenente Nicholas, o acidente com a viatura chegou como se fosse a notícia do fim do mundo. Além da burocracia para justificar o que houve, por meio de documentos, ainda ouvi um sermão de meia hora do meu superior. Ele não acreditou que o estrago aconteceu porque a viatura se chocou contra algum animal estranho no meio de um nevoeiro.

Minha guarnição teve que ir até o batalhão para deixar a viatura com defeito e pegar uma nova. Voltamos para Cartas do Norte com o novo automóvel. Uma viatura jamais usada. O painel de controle tinha novos botões. Ficamos entretidos com o brinquedo novo.

A folga seguinte serviu para organizar algumas coisas pendentes. Outrossim, como em todas as outras, serviu também para uma reflexão profunda sobre a minha vida e o que estava acontecendo com ela.

Silva e Marcelo haviam terminado a pintura do lado interno

do posto policial. Eu aproveitei e construí uma casinha para a Pretinha. Ela estranhou, mas logo curtiu o novo lar. Deixei a casinha dela no quintal.

Deitado em minha cama. Eu não acreditava no que estava me acordando mais uma vez. Não eram os pensamentos latentes, eram os latidos da Pretinha. Levantei para conferir pela janela. Naquela noite, a rua estava tomada por uma bruma densa. Entre os latidos, eu ouvi um ruído. Um rosnar! O mesmo da noite anterior.

Peguei minha arma e a lanterna. Mesmo estando frio, desci e saí do posto policial apenas de bermuda e com uma camisa. A Pretinha aproximou-se de mim.

— O que foi, Pretinha? Com o que você está latindo?

Caminhei para o meio da rua. Iluminava de um lado para outro. Nada. Só neblina. Caminhei mais. Pretinha me acompanhava. Nada à frente, nada atrás, nada à esquerda, nada à direita.

— Não é nada, Pretinha.

Engano meu. Assim que falei com a cachorra, senti como se alguém passasse correndo atrás de mim. Pretinha começou a latir. Iluminei a direção e apontei a arma.

— Quem está aí?

Ouvi outro rosnado. Ao iluminar o lado de onde o barulho vinha, observei um vulto. A cachorra saiu em direção a ele.

— Não, Pretinha! Fique aqui!

Quando tentei impedir a cadela, deixei a lanterna cair. Com o impacto, o objeto quebrou e parou de funcionar. Minhas duas mãos agora empunhavam a arma. De longe, eu ouvia os latidos da cachorra. Comecei a sentir vultos me rondando, correndo de um lado para outro, bem perto de mim. Eu apontava a arma para várias direções. Não conseguia enxergar nada além de um metro de distância. Mais latidos e mais rosnares. Os barulhos foram se distanciando.

— Pretinha! — chamei pela cadela outra vez. Não ouvi mais os latidos.

— Sargento?!

Apontei a arma na direção de um rosto. Pelo bigode, logo identifiquei que se tratava do Cabo Silva.

— O que está acontecendo? — ele perguntou assustado. Gastón e Marcelo estavam com ele. Eles me iluminaram com uma lanterna.

— A cachorra está latindo com alguma coisa.

— Ela faz isso quase todas as noites — disse Marcelo.

— Sim, porém, dessa vez, eu vi com o que ela latia.

— E o que era?

— Eu não sei, não deu para observar direito por causa da neblina, mas era alguma coisa grande e que rosnava. A Pretinha foi atrás dessa coisa, naquela direção! — apontei.

— Sargento, existem muitos lobos por aqui — explicava Silva.

— Provavelmente, era um lobo, por isso, a cachorra ficou latindo. Eu sugiro que a gente volte, o que o senhor acha?

— Sim — eu estava esbaforido. Meus subordinados me observavam como se eu estivesse tendo alucinações. Não queria parecer louco. Aceitei a sugestão. — Sim, você tem razão. Podem entrar, eu já estou indo.

Silva e Marcelo entraram. Gastón me aguardou. Eu analisava todas as direções da mata, ainda tentando encontrar algo.

— Gastón, — falei baixo — eu ouvi aquele rosnar estranho. Eu vi vultos iguais àquela figura que encontramos na estrada.

— Sargento, acho melhor entrarmos rápido. Está tarde e frio.

Olhei para Gastón. Percebi que ele não queria tocar no assunto. Entramos para o posto policial.

Fiquei pensando na Pretinha. Não ouvi nenhum latido no restante da noite.

••

O dia tão esperado do Discurso Mundial Fraterno havia che-

gado. Até mesmo a pacata cidade de Cartas do Norte estava a par do assunto. A cidade tinha as suas personalidades como o prefeito, os vereadores, os representantes religiosos, os empresários mais ricos, a viúva de um fazendeiro milionário e os professores da única escola da cidade. Todas elas sabiam sobre e divulgavam o evento polêmico.

Gastón e eu estávamos de serviço e fomos até a lanchonete da Dona Rita para fazer um lanche no horário do Discurso. O estabelecimento estava lotado. Muitos escolheram assistir ao pronunciamento ali mesmo. Até Marta, neta de Dona Rita, e sua amiguinha estavam na lanchonete brincando com um gatinho bege num canto próximo ao balcão. Deveria ser o gato Bartô que Dona Rita disse aquele dia. Sem demora, imaginei que as escolas haviam liberado os alunos para poderem acompanhar o evento também.

Quando chegamos, o canal sintonizado ainda noticiava a repercussão da transmissão do Discurso pelo mundo. Vários estabelecimentos e locais públicos instalaram grandes telões para muitas pessoas.

África, Oceania, Ásia, Europa, América e até Antártida. O mundo todo aguardava o Discurso como se estivesse assistindo a um megaevento esportivo ou a um grande show de música. Nem mesmo catástrofes transmitidas ao vivo conseguiram alcançar a quantidade de espectadores daquele evento, como informou um repórter.

De repente, o sinal foi cortado e imagens da sede da ONM, em Nova Iorque, foram exibidas. Havia um grande palanque em estrutura de semicírculo na esplanada do lugar. No palco, várias pessoas sentadas. Deviam ser os convidados. Em frente, uma multidão acompanhava em pé. Alguns seguravam cartazes do tipo: “Sejam bem-vindos, ETs!”, “É o fim do mundo e eu nem me casei”, “Fora, Capitalismo!”, “Salvem o nosso planeta!”, entre outros.

Ao centro do semicírculo, um púlpito prata e as iniciais da ONM em dourado. Depois de alguns minutos, às 15h em ponto do horário local, um homem negro, com terno e óculos de grau, aparentando possuir setenta anos, posicionou-se no púlpito e, diante da plateia e

de um microfone discreto, iniciou uma fala:

— Povos de todas as nações! Estamos testemunhando algo inédito na história da humanidade! Esta é a primeira vez que todos os veículos de comunicação estão sintonizados em uma única transmissão para que um comunicado seja feito. Esse comunicado é de interesse público e diz respeito a todos os habitantes deste planeta chamado Terra. Todos os representantes de todas as nações, todos os representantes das maiores organizações — religiosas, científicas, culturais e sociais do mundo —, todas as maiores celebridades que trabalham em causas filantrópicas, todos estão aqui nesta esplanada, neste momento. Estamos reunidos sem nos importarmos com nossas diferenças sociais, culturais, ideológicas, étnicas e de credo. Isso porque estamos unidos em uma única causa: o bem-estar de nosso planeta. Gostaríamos de fazer um apelo a você que está nos ouvindo, a você que está nos assistindo, a você que está de alguma forma tendo acesso a esse comunicado: por favor, preste atenção em tudo que será transmitido aqui. Passarei a palavra para que todos possam compreender a causa deste evento.

Fedrick Shoem, o senhor que acabara de introduzir o discurso, conforme dizia a legenda da TV, saiu do púlpito e deu lugar a uma senhora branca, muito bem-vestida para a ocasião, de rosto oval e fino, cabelos lisos e pretos partidos ao meio, cobrindo todo o seu pescoço comprido, sem ultrapassar a altura dos ombros; olhos grandes e pretos através de óculos redondos com finas armações e uma boca grande que pronunciou as seguintes palavras:

Saudações, habitantes do planeta Terra! Meu nome é Dheareka.

A mulher se apresentou e parou de falar. Olhou de um lado para o outro. Fez isso de forma lenta. Apenas uma vez. Observou tudo e todos ao redor. Depois, voltou o rosto para a câmera e retomou sua fala:

Vocês já se perguntaram qual é o objetivo da existência de vocês?

Vocês já se perguntaram de onde vieram e para onde irão? Vocês já se perguntaram por que existem tantas diferenças e desigualdades no mundo? Vocês já se perguntaram se vocês estão realmente sós no Universo? E se estão sós, quem os colocou neste planeta? Quem criou o Universo?

Qual de vocês nunca pensou em ao menos uma dessas perguntas? Vocês conseguem responder a todas elas? Eu consigo. Querem saber as respostas? Vou orientá-los para isto. Apenas peço gentilmente: prestem atenção em tudo que irei falar.

Ao longo da história da humanidade, foi possível acompanhar a evolução do ser humano. Vocês desenvolveram um cérebro mais complexo, estrutura corpórea mais complexa e ainda continuam sofrendo mudanças biológicas no corpo com o passar do tempo. Vocês obtiveram avanços tecnológicos, aperfeiçoaram técnicas e inventaram ferramentas para auxiliá-los nos diversos afazeres. E, todos os dias, a tecnologia avança cada vez mais.

Mas o que dizer sobre a evolução moral de vocês? Ela está proporcional à tecnológica? É inegável que grandes foram as conquistas morais em vários aspectos: os direitos humanos, os direitos trabalhistas, as políticas de proteção ambiental. São méritos de muita luta por um convívio em sociedade mais igualitário, democrático e justo, mesmo que, na prática, não seja assim tão perfeito.

A humanidade está evoluindo. Pouco, mas está. Contudo, a evolução deve contemplar todos os aspectos, não apenas científicos e biológicos, mas, principalmente, o aspecto moral. Enquanto o prazer por bens materiais for maior que por bens imateriais, enquanto a alegria de ter um objeto for maior que o ato de ajudar alguém necessitado, enquanto ter for melhor do que ser, a raça humana não conseguirá passar para a próxima etapa evolutiva. Planetas que evoluem apenas tecnologicamente e se preocupam em enriquecer sem medir as consequências perdem sua essência, perdem seus recursos naturais e caminham para uma autodestruição.

Sim, meus queridos humanos, existe vida inteligente em outros

planetas, em outras dimensões. Vocês nunca estiveram sós neste Universo. Desde antes dos primeiros primatas, passando pelas primeiras civilizações antigas, pelas descobertas de novos continentes, pelo avanço das tecnologias, até os dias atuais, em todas essas etapas vocês foram acompanhados e, na medida do possível, receberam auxílio. Esse acompanhamento e essa ajuda foram feitos por seres mais evoluídos. Seres que vocês comumente chamam de extraterrestres, os ETs.

A figura desses seres sempre recebeu atribuições diferentes no imaginário humano. Muitas dessas imagens, muito desse temor e desse receio de um contato com criaturas de outros planetas foram provocados por produções artísticas que nem sempre revelam como realmente somos.

Isso mesmo, terráqueos. Este ser que vos fala não pertence a este planeta e não é um ser humano. Sou uma alienígena. Vim de um planeta amigo e estou aqui para fazer uma revelação!

O QUE ESTÁ ACHANDO DO LIVRO?

PARA SABER MAIS SOBRE O LIVRO, ACESSE: WWW.GANDHOR.COM

COLABORE COM O AUTOR, FAÇA UM PIX. CHAVE PIX: helvister@yahoo.com.br

MUITO OBRIGADO! ESPERO QUE SUA LEITURA SEJA FANTÁSTICA!

CAPÍTULO 20

A revelação



Aconteceu o que eu e a maioria do mundo esperava: a revelação de que extraterrestres existiam. E eu estava assistindo a um deles falar!

A partir de agora, meu discurso não usará a forma de comunicação de vocês. Percebam que, nos países onde minha fala estava precisando de intérpretes, agora estou conseguindo ser compreendida sem esse auxílio. Não importa qual língua você fala, não importa de onde você está me acompanhando. Seja no Cairo, Sidney, Taipé, Toronto, Veneza, Buenos Aires, Istambul. Percebam que até mesmo crianças pararam de fazer o que estavam fazendo e estão prestando atenção em mim.

Era verdade! A neta de Dona Rita e sua amiguinha estavam, naquele momento, prestando atenção na TV. E acredite ou não, até mesmo o gato Bartô parecia olhar para a televisão. Algo simplesmente inexplicável! Como aquilo era possível?

Todas as pessoas que estão recebendo esta mensagem estão conseguindo me entender em seu idioma nativo, em sua forma de expressão. No entanto, não estou usando nenhuma língua deste planeta. Isso ocorre porque utilizo um mecanismo de linguagem interplanetária, um mecanismo capaz de ser compreendido pela maioria dos seres humanoides. Não é mágica. Não é bruxaria. Não é tecnologia. É inteligência. A

inteligência que possuo foi adquirida ao longo de milênios de evolução. Evolução que compreende várias fases. Meu planeta, quando estava passando pela mesma fase que o de vocês, também recebeu ajuda externa. Agora, é a vez de nós os ajudarmos.

Eu e outros voluntários, que também vieram de planetas mais evoluídos, recebemos a missão de auxiliar vocês nessa mudança. Observamos vocês há muito tempo. Neste momento, nós gostaríamos de intensificar nossa ajuda trazendo o nosso conhecimento para vocês. Mas essa ajuda apenas acontecerá se vocês merecerem, se vocês estiverem dispostos a uma transformação positiva no sentido de serem mais unidos, de cuidarem uns dos outros, de cuidarem de todo o planeta Terra, de cuidarem de todos os seres vivos que nele vivem. Por hora, apenas meus conselhos servirão de auxílio.

Este nosso contato de forma mais ostensiva e ampla já estava previsto. Muitas instituições aqui presentes omitiram e negaram, por muito tempo, a existência de alienígenas temendo a reação da população.

Imagens da reação de alguns representantes de instituições e países foram mostradas. Alguns estavam visivelmente desconfortáveis com as palavras da ET. Esta continuou:

Entretanto, o momento da revelação chegou. Estou sob a forma humana para não provocar temor e pânico em vocês. Muitos ainda não estão preparados para ver a forma física de um alienígena por terem medo de nós, por criarem uma imagem monstruosa de extraterrestres que surgem em naves com o intuito de dominar o mundo e as criaturas que nele residem. Não somos assim.

Acompanhamos a evolução de vocês como um pai acompanha o crescimento de um filho. Auxiliamos a evolução de vocês como um irmão mais velho ajuda em alguns afazeres do irmão mais novo.

Não podemos agir por vocês, senão que mérito teriam? Não podemos fazer por vocês, senão o que aprenderiam? Nossas interferências

sempre foram as mínimas possíveis para que vocês mesmos pudessem aprender com os erros.

Nós estimulamos em vocês diversas criações. Nós orientamos vocês em importantes decisões. Tudo isso através de projeções astrais e outros tipos de contatos multidimensionais. Parece loucura? Para vocês que têm a mente limitada pode ser que sim. Um dia vocês também obterão o domínio do corpo e da mente e poderão fazer o que hoje muitos julgam ficção ou magia. Entre vocês, existem aqueles que já estão desenvolvendo algumas habilidades.

Está explicado o que está acontecendo com meus amigos. E, era difícil admitir, mas algo de estranho também acontecia comigo...

Vocês possuem equipamentos que se movem por ondas cerebrais. Hoje isto é uma realidade, mas há tempos isso seria loucura. Abram a mente de vocês.

Eu não espero que vocês acreditem se sou ou não uma extraterrestre. O que eu espero é que a mensagem que trago possa, de alguma forma, tocá-los para fazerem o bem.

A fase que o planeta Terra se encontra chama-se Provas e Expiações. Um planeta nesse nível ainda é um planeta atrasado moralmente, e a compreensão dos erros costuma acontecer de forma dolorosa. Ou seja, para que uma pessoa possa evoluir, ela precisa identificar seus pontos fracos e melhorá-los, no entanto, em muitos casos de planetas nesse estágio, a pessoa comete erros ao fazer isso, ou simplesmente ignora que o objetivo da vida é a evolução. Então, apenas depois de um sofrimento, é que ela consegue compreender como evoluir.

Por exemplo, algumas pessoas conseguem valorizar a vida somente após estarem doentes. Algumas pessoas começam a ser solidárias somente quando acontecem catástrofes. Algumas pessoas lutam por direitos somente quando se encontram em guerra. Por que esperar sofrer para compreender o sentido da vida? Não é muito melhor aprender pelo

amor do que pela dor? Mas muitos de vocês ainda insistem em praticar o bem somente quando lhes convêm.

O próximo estágio de evolução planetária chama-se Regeneração. Seres humanoides de um planeta assim possuem um melhor entendimento sobre a vida. Eles se ajudam mutuamente sem precisar que desastres, guerras e conflitos aconteçam para agir positivamente. O sofrimento não faz sentido quando os erros são identificados e logo corrigidos. Em um planeta de Regeneração, o ser é melhor que o ter, o ajudar é melhor que o enriquecer, o nós é melhor do que o eu.

Toda transição planetária⁴ é sempre cercada de atribuições. Ela não acontece de um dia para outro. Costuma demorar séculos. Vocês estão no final dessa transição. E precisam decidir se querem um planeta de Regeneração ou não. Se não o quiserem, vocês ainda terão mais e mais provas e expiações até compreenderem e aprenderem com os seus erros, e nós, seres extraterrestres, não poderemos contribuir muito.

No entanto, se vocês decidirem que querem uma mudança positiva, alcançarão, de forma mais rápida, um planeta de Regeneração. Assim, a transição acontecerá mais rápido, e vocês estarão propícios a novas descobertas e parcerias interplanetárias.

O momento de transição em que estão passando é um período conflituoso. Pandemias, mudanças climáticas, geológicas, comportamento anormal entre os animais e plantas, entre outros fatores que fogem de explicações científicas. Vocês percebem isso acontecendo com o planeta de vocês? Será que esses eventos apenas se justificam com a grande poluição que vocês fazem?

Recordei-me do terremoto que aconteceu enquanto eu estava na Academia de Polícia, da notícia sobre os vulcões em erupção, das pragas em plantações e de tantos outros acontecimentos com o meio ambiente.

⁴ Transição planetária é um dos temas da Lei do Progresso da doutrina espírita.

A natureza é viva. O planeta é um grande ser vivo. Ele precisa de cuidados e ele sente as vibrações dos seres que nele habitam. Vocês também estão sofrendo as mudanças desse período de transição. Não notaram que estão cada vez mais acentuadas as discussões ideológicas e políticas entre vocês? Elas sempre foram intensas dessa forma em outros períodos da humanidade?

O mundo todo está mudando e vocês sabem e sentem isso. Mas não compreendem o porquê. Eu vim para revelar isso: vocês precisam decidir se querem que essa evolução planetária aconteça agora ou não!

Como decidir isso? Por meio da forma de pensar e agir de vocês, começando a compreender que o objetivo da vida é ser feliz, respeitando a si mesmos e ao próximo, ajudando a todos sem preconceito algum, e sem apego aos bens materiais, priorizando, sempre, a evolução moral. Cada um contribuindo com o que sabe e com o que pode para o bem de todos.

Acham difícil? Não sabem como começar a fazer isso? Que tal se vocês começarem a identificar seus erros e se esforçarem para corrigi-los?

Qual é o grande problema na humanidade? É a fome? É a poluição? É a desigualdade social? São as guerras? São os recursos financeiros maldistribuídos? Eu lhes digo que tudo isso é consequência de um grande mal: o orgulho, o egoísmo, a falta de amor para com o próximo. Enquanto esses grandes carmas da humanidade não forem eliminados, todos aqueles problemas continuarão existindo.

O que é melhor: ter ou ser? Vocês precisam ter muitas casas, muitos carros, muitas propriedades? Todas as coisas que vocês compram realmente lhes são úteis? Saibam compartilhar, saibam fazer o bom uso de seus recursos. Vocês morrem, os bens materiais ficam.

O mal desse planeta é a corrupção? Vocês reclamam que seus governantes são corruptos. E vocês? Não são? Vocês cumprem com suas obrigações como pais, como filhos, como cônjuges, como cidadãos? Vocês são capazes de dialogar pacificamente com pessoas que pensam diferente de vocês? Vocês respeitam uns aos outros? Vocês respeitam o ambiente onde vivem sem prejudicar a natureza que os cerca, seja essa natureza

mineral, vegetal ou animal? Será que um governante que está à frente de um povo é tão diferente da maioria daquele povo que ele representa?

Percebam, meus queridos terráqueos, que vocês, ao longo de toda a história do mundo, provocaram o caos do qual tanto reclamam. E cabe a vocês, somente a vocês, solucionar todos esses problemas. Como? Por meio de ações simples, mas que exigem um grande esforço chamado: vontade!

O que vou orientar a vocês não é novidade. Muito do que estou falando já é de conhecimento da maioria, porém, poucos, muito poucos, colocam em prática. Vocês tiveram muitos mártires e expoentes em vários contextos históricos. Verdadeiros ícones da paz, da sabedoria e do amor. Eles foram seres de luz, líderes religiosos, políticos, artistas, cientistas, filósofos. Mas, devido à mente orgulhosa de vocês, foram criticados, perseguidos, humilhados e muitos acabaram sendo até assassinados.

Se não fosse um alienígena que estivesse falando, eu poderia dizer que estava assistindo a um discurso nada original. Muitos conselhos eu já havia escutado antes. Geralmente, os discursos de paz e amor ao próximo são semelhantes. Realmente, muitas foram as pessoas que pregaram o bem e, infelizmente, o mundo não absorveu na prática esses recados.

A mensagem que eles traziam pedia para que vocês comessem a conhecer a si próprios. Por meio do autoconhecimento, vocês identificarão seus limites, suas fraquezas, suas potencialidades, sua força interior. Desse modo, serão capazes de mudar aquilo que precisa ser melhorado.

A mensagem desses seres de luz também ensina que vocês precisam adquirir sabedoria por meio das múltiplas fontes de informações disponíveis. Tomem cuidado com aquelas informações errôneas que, devido à atual tecnologia, acabam distorcendo os verdadeiros conhecimentos. Procurem fontes confiáveis.

Imbuídos de sabedoria, vocês deverão usá-la em prol do próximo e de todo o planeta. De nada adianta adquirir conhecimento e não o utilizar. Aju-

dem-se. Ajudem-se sem discriminação, sem preconceitos, sem interesse. O ato de ajudar por si só já é gratificante. A troca de energia é imediata e intensa.

Tudo no Universo é energia. TUDO! Vocês são energia materializada em um corpo. Em cada partícula, em cada átomo do Universo, existe algo em comum: energia!

Vocês questionam a existência de Deus? O que é Deus para vocês? Um velhinho que faz das pessoas umas marionetes? Quem são os deuses de vocês? Seres que decidem quem vai sofrer, quem será rico, quem será pobre, quem vai morrer em uma catástrofe, quem vai morrer de câncer? Deus é aquele que vai julgar se você vai para o Céu ou o Inferno? Aliás, existe Céu e Inferno? Existe vida após a morte?

Tudo no Universo é energia. Por que não pensar que Deus é energia? Você acredita em energia? A energia não acaba. Ela se transforma. Ela está presente em todos os lugares e em tudo. Ela, como um todo, é onisciente, onipresente e onipotente. Ela sempre existiu e sempre está em transformação. Ela pode ser usada para o bem e para o mal. A propósito, “o mal é a ignorância do bem”, como dizem.

E, se pensarmos que a energia está em nós, então, todos somos um pouco deuses também. Ou seja, todos nós somos donos de nossos destinos, de nossas escolhas. O que acontece conosco é consequência de nossas ações. Sejam ações oriundas de outros tempos ou deste mesmo. Se pensarmos que somos energia, saberemos que a mudança acontece de dentro para fora.

Querem mudar o mundo que os cerca? Comecem mudando a si mesmos para a construção de uma nova era.

Tudo no Universo é energia! Um pensamento emana energia. Uma prece emana energia. Uma ação emana energia. Bons pensamentos e boas atitudes são energias muito maiores que pensamentos e atitudes ruins.

Olhei ao meu redor. Todas as pessoas presentes naquela lanchonete estavam atentas a cada palavra que ouvia. E, para mim, aqueles conselhos estavam fazendo muito sentido. Continuei a assistir.

O que é o amor senão uma explosão de energia! Muitos de vocês não veem a energia, mas todos são capazes de senti-la, assim como não vemos o vento, mas sentimos quanto ele nos toca. Dentro de cada um de vocês, existe uma grande energia chamada amor.

Você ainda não acredita no que eu digo? Como se chama o gesto de alguém que ajuda o outro mesmo que esse outro seja desconhecido? Como se chama o que uma mãe sente ao colocar nos braços, pela primeira vez, o filho que carregou durante uma gestação? Como se chama aquela lembrança de pessoas queridas que já se foram? Como se chama a sensação de querer estar no lugar de alguém doente só para não ver essa pessoa sofrer?

Por trás de todos os sentimentos de afeto, está o maior de todos eles: o amor. O amor é algo sobrenatural, extracorpóreo. Não concordam? Algo que nem a ciência consegue explicar. Vocês o sentem. Toda criatura, por mais ignorante que seja, sente o amor.

Vocês acreditam no amor?

Vocês ainda têm dúvidas sobre muitas coisas? Isso é bom. A certeza absoluta não move nada. Movimentem-se sempre. Encontrem motivos para viver e fazer o bem. Por que é bom fazer o bem? Porque o mal não gera nada, apenas destrói. Ou seja, a vida, a criação é um ato de amor. Se vocês fazem o mal permitem que o mal seja feito a vocês também.

Não deixem que o planeta de vocês acabe. Ainda há esperança! Acreditem! Mas vocês precisam agir agora!

O tempo para a mudança significativa de vocês está acabando. Existe um grande mal na humanidade. Um perigo que assola todos. Ele está perto de vocês. Tenham cuidado! Esse mal, esse perigo é...

A transmissão foi cortada e saiu do ar, por isso, a extraterrestre não disse qual era o perigo.

Na lanchonete da Dona Rita, todos os clientes começaram a comentar o que tinham acabado de assistir. Era um burburinho danado. Paguei o lanche e saí com Gastón para patrulhar. Na viatura, conversamos.

— Sargento, o senhor acha que é verdade tudo aquilo dito na transmissão?

— Não sei. O discurso foi lindo! Lembra-me muito a fala de grandes pacifistas que tivemos na humanidade.

— O senhor acha que aquela mulher é realmente uma ET?

— Se ela é ou não uma alienígena, acho que nunca sabermos. Mas acredito em tudo o que ela disse sobre o ser humano ter que fazer algo para mudar o planeta, pois, infelizmente, os recursos estão acabando e, com isso, o fim da humanidade se aproxima. Isso é real!

— Então, o senhor concorda que o mundo está passando por transformações como ela falou.

— Sim.

— Eu também, Sargento. O mundo está uma loucura! E não é só sobre as mudanças climáticas. É em praticamente tudo! Eu sinto isso. Não é estranho?

— Não, Gastón. Não é. Como a mulher disse, ela... qual é mesmo o nome da ET?

— Dheareka. Só de ter um nome assim já se vê que não é deste planeta!

— Hahaha! – rimos.

— Pois então, — continuei — como Dheareka disse, tudo é energia. Energia pode ser sentida. O planeta está mudando, por isso, nós sentimos isso.

— Verdade, Sargento.

— Vamos refletir sobre isso enquanto damos uma volta por aí. Continuamos a patrulhar pelas ruas de Cartas do Norte.

De volta ao posto policial, não encontrei a Pretinha. Fui procurá-la na casinha. Estava vazia. Gastón disse que a cadela tinha o hábito de desaparecer por um tempo e depois aparecer repentinamente.

••

Os dias seguintes após o Discurso Mundial Fraternal renderam assuntos. Não se falava sobre outra coisa no mundo inteiro. Ninguém conseguiu compreender por que a transmissão foi cortada justamente quando a ET iria dizer qual era o perigo para a humanidade.

Dizem que quem estava presente no local assistiu até o final e que a ET Dheareka desapareceu quando um feixe de luz vindo do céu incidiu sobre ela. Fizeram filmagens desse momento, porém não captaram o que ela disse. Alguns disseram que tudo não passava de projeções holográficas. Outros disseram que os vídeos eram montagens.

Verdade ou não, o certo é que a mensagem conseguiu chamar a atenção de muitas pessoas. O dia do Discurso ficou conhecido como “A revelação”. As grandes instituições foram pressionadas a se posicionarem sobre o assunto e a exporem arquivos secretos.

Países também foram forçados a se manifestarem. Alguns presidentes e representantes confirmaram que a existência e o contato com seres de outros planetas eram algo possível e que poderiam ter acontecido em várias fases da história do mundo; outros disseram que precisavam fazer reuniões para tomar alguma posição.

Fedrick Shoem e outros representantes da ONM não quiseram prestar mais esclarecimentos sobre Dheareka e seu discurso. Eles alegavam que tudo o que era preciso saber foi dito, outros detalhes precisavam ser revelados pelas nações através de seus representantes e também por instituições que escondiam segredos da humanidade. Sobre Dheareka, ninguém conseguiu encontrar nenhuma informação. Quem era ela, de onde vinha, para onde foi, se, de fato, era um ser humano ou não. Nada foi encontrado.

Algumas pessoas começaram a declarar que foram abduzidas em algum momento da vida. Elas disseram que não contaram isso antes, pois estavam com receio de serem dadas como loucas ou que ninguém acreditasse. Eu assisti a algumas declarações desse tipo. Umas pessoas demonstravam sinceridade, outras, no entanto, pareciam apenas querer fama e encontraram a oportunidade certa.

Outra coisa certa era que alienígenas e vida fora da terra estava em discussão em todos os lugares. Durante toda a minha existência e considerando toda a minha compreensão de mundo, eu não havia visto algo assim. Não era um assunto inédito, mas, pela primeira vez, era discutido de forma séria e pela maioria das pessoas.

“A revelação” conseguiu chamar a atenção não apenas por levantar dúvidas sobre ETs, mas por suscitar questionamentos sobre a vida como um todo e sobre como estamos lidando com o planeta, sabendo que, se nada for feito, ou melhor, se as coisas continuarem como estão, os recursos irão acabar e, conseqüentemente, o ser humano será extinto.

Até eu mesmo, que não sou religioso, havia questionado a existência de Deus. Nunca havia cogitado a hipótese de que Deus poderia não ser um ser. E se ele realmente fosse energia? E se a energia fosse Deus? Apenas usamos palavras diferentes para expressar a mesma coisa? Eu acredito em energia!

Além disso, outro questionamento sondava a minha cabeça sobre “A revelação”. Era relativo ao que Dheareka iria concluir quando a transmissão foi cortada. Que mal era aquele? A humanidade corria perigo de mais o quê?

..

Como de costume, durante o serviço, aconteceu o patrulhamento nas localidades rurais. A pedido de Gastón, esse patrulhamento aconteceu durante o dia. Ele, agora mais do que nunca, estava convicto de que havíamos atropelado um ET naquele dia em que a viatura ficou danificada. Eu não tinha certeza se era um extraterrestre, mas, provavelmente, era uma criatura muito diferente de todas as que eu conhecia.

Silva havia me ligado para retornar ao posto policial, pois ele tinha algo para me mostrar. Gastón e eu retornamos. Silva estava na porta junto com Marcelo. Ambos estavam com expressões sérias.

— O que houve? Algo grave? — perguntei.

Silva mostrou um amontoado de pano sujo. Ele desembrolhou. No interior, havia uma pata de um animal. Uma pata peludinha, branca e preta. Pretinha!

— Encontramos a cerca de dois quilômetros daqui. Havia marcas de sangue no chão e restos de carniça. Sobrou apenas esse pedaço.

Peguei o embrulho. Olhei para a patinha. Rememorei a alegria dela quando me via. Devolvi o embrulho quando percebi que eu estava me emocionando.

— Enterre no quintal, por favor.

— Sim, senhor.

— Gastón e eu vamos fazer uma ronda nas localidades rurais.

Patrulhamos a zona rural até o chegar da noite. Gastón estava visivelmente incomodado por dirigir em locais onde já havíamos estado durante o dia. Eu disse que era preciso, pois tínhamos que prevenir os ataques e que esses ataques aconteciam majoritariamente à noite.

Naquele momento, mais do que nunca, precisávamos encontrar o que havia matado a Pretinha e que, provavelmente, era o que estava atacando os animais das fazendas.

Aquela noite não estava com nevoeiro como as noites anteriores. A lua estava clara. Conseguíamos observar lugares distantes. Pedi para Gastón ir até o alto de uma montanha. Estacionamos a viatura no alto e desembarcamos. Saí da estrada, fui até a beirada de um penhasco. Daquele ponto, eu conseguia ter uma visão do mar de morros da região. Cartas do Norte era nada mais que uns pontinhos lá embaixo, muito longe.

— Hoje a noite está bonita, não é? — perguntei para Gastón quando percebi que ele se aproximava.

— Sim, senhor — ele respondeu e ficamos um tempo em silêncio contemplando o horizonte iluminado pelo luar e pelas infinitas estrelas. — Também está bem-quieta — completou.

— Verdade — nesse instante, olhei para o céu e me recordei do dia em que eu estava tirando guarda com Matheus durante o acampamento no Curso de Sargentos. O céu estava estrelado como aquele.

“A morte não é o fim”. Matheus disse isso para mim. Eu queria muito acreditar naquilo. Muito! “Tudo no Universo é energia! A energia não acaba. Ela se transforma”. Recordei-me das palavras de Dheareka. E se fosse verdade? Será que a consciência humana continua após a morte? “Um pensamento emana energia. Uma prece emana energia”.

Olhei para uma estrela específica. Concentrei-me. Fiz uma prece. Tentei segurar, mas acabei deixando uma lágrima escorrer. Como a lágrima caiu do lado contrário onde Gastón estava, acho que ele não percebeu.

— Senhor! Senhor!

— O que foi? — enxuguei a gota rapidamente.

— Veja! Ali, lá embaixo — Gastón apontou na direção em que havia um caminhão e uma pequena movimentação.

— O que tem ali?

— Senhor. Ali não tem estrada. Por que será que aquele caminhão está lá próximo a um pasto a essa hora?

Conseguí matar a charada de Gastón. Só poderiam ser ladrões.

— Pegue os binóculos de visão noturna, por favor!

Gastón foi pegar o objeto na viatura, depois me entregou. Eu aproximei a imagem. Havia dois sujeitos. Eles estavam tocando as vacas para o interior do veículo.

— Vamos até lá sem a viatura. Vamos pegar esses bandidos no flagra!

Assim fizemos. Cortamos caminho pela mata nos preocupando em não fazer barulho e não chamar a atenção. Ao mesmo tempo, tentamos ser rápidos para poder chegar a tempo do flagrante.

Quando estávamos próximos, escondemo-nos atrás de alguns arbustos. Notamos que os dois indivíduos continuavam a conduzir vacas para dentro do caminhão, que estava com a rampa de acesso do compartimento traseiro abaixada, facilitando a passagem dos animais para dentro do veículo.

Quando vi a cerca do pasto danificada, não havia mais dúvida, estávamos presenciando um furto. Por gestos, comuniquei com Gastón para que pudéssemos abordar.

— Parados! Aqui é a polícia! Mãos na cabeça! Mãos na cabeça!

Apontamos nossas armas para os sujeitos, que ficaram com os olhos arregalados. Estavam dando passos para trás, num sinal de que queriam fugir, mas acabaram acatando as ordens.

Revistamos os indivíduos e o caminhão. Colocamos as algemas neles e os deixamos assentados, um de costas para o outro.

— Eu juro, senhor policial! Não estamos roubando gado. Esse gado é nosso — falou um homem careca. Ele e o amigo, que usava cavanhaque, balançaram suas cabeças afirmativamente.

— Ah, sim. E, por isso, vocês tinham que transportar esses animais de madrugada, pelo fundo do pasto. E também tiveram que cortar a cerca — falei enquanto retirava meu aparelho do pulso.

— Isso mesmo! O senhor acertou — falou o cara de cavanhaque.

— Então, por que vocês ameaçaram fugir quando nos viram?

— Nós... nós nos assustamos — respondeu o careca.

— Olhe para o aparelho! — acionei um programa de meu dispositivo que emitiu um laser para fazer a leitura biométrica através da íris do sujeito, o careca. Ele me obedeceu. — Então você é o Ronaldo! E você, quem é? Olhe para o aparelho! — fui até o outro rapaz para fazer o mesmo procedimento. — Mike! Interessantes vocês — consultei as informações no meu dispositivo. — Ambos possuem histórico criminal de furto e roubo de gado!

— Não é verdade! Nunca roubamos nada! — declarou Mike.

— Sargento! — Gastón me chamou.

— E aí, o que você descobriu? — perguntei para Gastón.

Ele havia feito uma vistoria no caminhão utilizando uma pequena máquina para identificação de odores. Além disso, meu colega havia colocado o caminhão exatamente onde a cerca estava danificada para que, ao mesmo tempo, as vacas que estavam dentro

do caminhão pudessem sair de volta ao pasto e as que ficaram no pasto não fugissem.

— Não foi identificada nenhuma substância ilícita nesse caminhão. Porém, o chip do veículo aponta que foi roubado semana passada!

Olhei para os sujeitos:

— O que vocês têm a dizer?

— Não é verdade, eu peguei o caminhão emprestado — falou Ronaldo.

— Emprestado com quem? — questionei.

Os dois responderam ao mesmo tempo, porém Ronaldo disse que era do primo dele, e Mike disse que era da sogra.

— Não entendi. Foi da sogra de um e do primo de outro? — perguntou Gastón, querendo saber até onde os criminosos seguiriam com a mentira.

— É que.... acontece que...

— A minha sogra é casada com o primo dele, por isso o caminhão é do casal — falou Mike. — Então, viemos aqui na nossa propriedade.

— Vocês não são donos desta propriedade coisa nenhuma! Eu conheço quem é o dono desta fazenda! — disse Gastón.

— Pois então, é do meu tio! — Ronaldo falou.

— Acontece que o proprietário desta fazenda é uma mulher — disse Gastón.

— Sim, é minha tia.

— Levantem do chão e vamos a uma delegacia para vocês explicarem isso! — eu disse ajudando Ronaldo a ficar em pé; e Gastón, Mike.

Nós, Gastón e eu, conduzimos os sujeitos até a viatura. Eles foram acomodados no compartimento para presos. Em momento posterior, fomos até à entrada da fazenda que estava sendo alvo do furto. Procuramos pela proprietária. Era uma senhora de cabelos grisalhos. Recebeunos com muito susto com a porta entreaberta, pois era tarde da noite e ela não sabia o que estava acontecendo. Mostramos as fotos dos sujeitos e ela alegou nunca tê-los visto.

Diante da confirmação do furto, orientamos a senhora a nos acompanhar até a delegacia. Ela disse que precisava se arrumar, porque estava de pijamas. De fato, assim que abriu a porta por completo, eu reparei que ela usava um pijama com figuras de gatinhos. O nome da senhora era Glória. Ela falou que iria para a delegacia em seu próprio veículo acompanhada do sobrinho. Este apareceu em seguida. Também ficou assustado quando se aproximou logo atrás da tia.

— Nós vamos à frente então, precisamos levar os criminosos o mais rápido possível. Iremos aguardá-los na delegacia — falei.

— Obrigada, seu policial. — disse Glória. — Vocês querem tomar um café?

— Não, muito obrigado. Talvez outro dia. Até mais! — despedi, em seguida, Gastón e eu entramos na viatura.

Durante o caminho, passamos por uma estrada diferente, cheia de árvores altas. Estávamos descendo um morro. A estrada de terra contornava o morro fazendo uma espiral.

De dentro do veículo, era possível ouvir os conduzidos.

— Ô chefe! Solta a gente!

— Solta, senhor! Prometemos que não vamos mais furtar gado.

— Sei. Gado, não. Talvez outros animais, não é mesmo? — respondi sem olhar para trás. Seguia ao lado do meu companheiro que dirigia.

Em um trecho mais plano, pegamos uma curva à esquerda, mas não completamos o trajeto, já que a estrada estava bloqueada, obrigando Gastón a frear bruscamente.

— O que é isso?!

— Eu não sei, parece uma pedra gigante — respondeu Gastón. — Algum barranco deve ter desmoronado.

Descemos da viatura sem desligar os faróis. O amontoado oval, meio cinza e meio verde, estava bloqueando completamente os dois sentidos da estrada. Era alto, uns cinco metros, e cheio de fissuras e irregularidades.

— Essa pedra é estranha. Será que despencou de algum barranco mesmo? — perguntei analisando o barranco que ladeava um lado da estrada. No outro lado, estava uma floresta de pinheiros altos.

Fixei meus olhos naquela pedra diferente. Ela brilhava como couro e destoava de qualquer outro minério da região. Não resisti e toquei nela.

— Curioso... não parece uma rocha, parece...

O objeto que eu tocava se mexeu. Não concluí a frase. Uma fenda horizontal surgiu. Parte da estrutura subiu e outra parte desceu. Só depois que vi algo pegajoso surgir, compreendi. Eu havia tocado na pálpebra de algo muito, muito grande!

O enorme olho surgiu. Era vermelho. A luz do farol da viatura fez a pupila se contrair. Não muito longe, o outro olho também se abriu. Toda aquela “pedra” começou a se desprender do chão como se estivesse levitando. O solo tremeu, diferente do meu coração que parecia ter parado. Imóvel, encarava os olhos vermelhos que subiam cada vez mais.

Foi quando notei que toda aquela estrutura era, na verdade, parte do corpo de uma criatura que estava deitada na estrada. Ela se levantou. Media, mais ou menos, trinta metros. Parecia uma enorme lagartixa que se equilibrava pelas duas patas traseiras.

Meu momento de observação sobre aquele monstro durou poucos segundos, porque Gastón me chamou para entrar na viatura. Entramos tão rápido quanto Gastón ligou o carro e saiu de ré. Não daria tempo para virar o automóvel, o monstro começava a se locomover em nossa direção.

Uma boca de jacaré surgiu na criatura. Um barulho ensurdecedor saiu da então revelada bocarra. Esses barulhos se misturavam com os gritos dos prisioneiros e com minhas palavras de incentivo para Gastón andar mais rápido. Eu olhava para o retrovisor junto com Gastón e voltava o olhar para frente, observando a boca de crocodilo do monstro se aproximando cada vez mais.

A viatura colidiu com algo. Achei que fosse outro animal assustador que atingira a parte da traseira, porém, era outro veículo que vinha na direção oposta. Com o impacto, paramos. O outro veículo continuou o percurso de forma tortuosa, passou por entre as patas da criatura e atravessou debaixo dela. Ela se virou para o veículo e decidiu segui-lo, mas desistiu quando o automóvel saiu da estrada e desceu para a floresta. Logo me recordei que o veículo em questão poderia ser o de Dona Glória com o seu sobrinho.

— Liga o carro, Gastón!

— Estou tentando, senhor! Mas não está funcionando!

— Pelo amor de Deus, liga isso aí, Seu Policial! — gritou um dos prisioneiros.

A criatura voltou sua atenção para a nossa viatura e recomeçou a dar os seus pesados passos em nossa direção.

— O monstro está vindo, Gastón! Liga isso!

— Não estou conseguindo, Sargento!

Em questão de segundos, abri a porta do lado de Gastón e o atirei para fora da viatura com um empurrão. Em seguida, abri a porta do meu lado e saltei para fora do carro, antes que as mandíbulas e o céu da boca do monstro entrassem em contato com a viatura.

No chão, quando caí, virei para ver o que tinha acontecido. O monstro abocanhara toda a parte da frente da viatura, sacudindo-a como um cachorro faz quando brinca com um bicho de pelúcia. Depois, soltou o carro arremessando-o para longe. E, para longe, foram também os gritos de desespero dos bandidos.

A criatura observava Gastón. Ele estava caído ao chão e não se movia. Por um instante, fiquei pensando de onde tirei tanta força para jogar Gastón tão longe, do outro lado da estrada. Logo percebi que era mais importante fazer alguma coisa antes que o animal pegasse meu companheiro.

— Ei! Aqui, seu animal! Venha me pegar! — gritei e dei um tiro na criatura.

O tiro não foi capaz de perfurar o monstro, todavia conseguiu chamar a atenção dele. Saí correndo quando notei que minha tática havia dado certo. Fugindo do monstro, eu pensava onde eu estava com a cabeça para cometer aquela loucura. Adentrei a floresta de árvores altas, descendo morro afora. Deixei minha arma cair. Não dava tempo para voltar para pegá-la.

Notei que as árvores começaram a tombar. Era o monstro abrindo espaço para passar. Agora, além de fugir, eu também precisava me desviar dos troncos de árvores que caíam. Escutei os grunhidos da criatura várias vezes. Decidi seguir para o lado em vez de descer. Depois, ouvi barulhos diferentes. Enquanto eu corria, percebi vultos correndo paralelamente a mim. Observando com mais precisão, notei que pareciam animais quadrúpedes.

Olhar para os lados desviou minha atenção. Conclusão: pisei em um buraco, e minha perna mecânica se desprendeceu. Caí num lugar que parecia ser uma clareira, com a floresta densa em volta. A luz do luar ficou mais intensa.

Deitado no chão, virei para observar o monstro. Ou ele me devoraria, ou ele me esmagaria. De qualquer forma, ele estava a poucos metros de mim. Eu nada poderia fazer naquela situação.

De repente, aqueles vultos saíram da floresta fechada. Eu só poderia estar em um pesadelo! Que animais eram aqueles? Não existe comparação na lista de animais que conheço para relatar com o que eles se pareciam. Talvez, o que mais se aproximaria era o corpo de um buldogue e a cabeça de um morcego, porém, sem as orelhas. A pele lembrava a de um réptil e o tamanho era quase como o de um rinoceronte. Enfim. Estando na clareira, fiquei apenas observando as criaturas surgirem. Uma a uma foram saindo da floresta. Eram dezenas!

A lagartixa gigante parou de correr. Parou bem perto de mim. Em seguida, ela urrou fortemente. Precisei tampar meus ouvidos. Senti o hálito fétido da criatura. Com a ventania que se fez, minha boina voou para longe. As criaturas menores também emitiram ruídos. Fiquei

no meio de uma discussão incompreensível entre aqueles seres. Alguns dos monstros menores brigavam entre si, como cachorros bravos.

Entre rugidos e bramidos estranhos, notei que a lagartixa que caminhava sobre duas patas tinha asas! Seria um dragão? Parei de observar quando senti uma gosma cair em meu ombro. Olhei para o alto. Vi uma bocarra cheia de dentes afiados, iguais aos de um tubarão. Um dos monstros quadrúpedes havia se aproximado de mim parecendo querer me atacar. De fato, ele quase fez isso se não fosse o seu desaparecimento súbito.

Eu ainda permanecia sentado ao chão. Os monstros estavam prestes a me atacar. Porém, antes de qualquer ataque, vários lasers azuis surgiram. Quando eles tocavam nas criaturas, elas desapareciam. Os monstros que conseguiam escapar saíram correndo pela mata. O dragão rugiu e saiu também, porém, sua saída foi extraordinária. Ele levantou voo!

Enquanto isso, algumas criaturas ainda me sondavam. Umass tentavam me abocanhar, mas eram eliminadas pela luz azul.

Quem estava emitindo esses lasers? Eu estava prestes a descobrir. Silhuetas se aproximaram da clareira quando não havia mais nenhum monstro por perto. Eram quatro figuras. Quando percebi que não eram pessoas que caminhavam até a minha direção, senti um arrepio imenso pelo corpo. Uma daquelas feras monstruosas retornou e pulou para atacar esses seres. Um deles estendeu o braço que segurava uma espécie de arma, disparando um feixe de laser azul que, ao tocar a criatura, a fez desaparecer.

Comecei a me arrastar de costas quando os estranhos se aproximaram de mim. Eu deveria estar grato àquelas pessoas por terem me salvado dos monstros. Parei de me arrastar quando os quatro me cercaram. Eles ficaram ao meu redor e eu ao centro. Não eram pessoas que estavam em volta de mim me olhando caído ao chão. Deviam ter mais de dois metros de altura. Não tinham cabelo. Tinham pele bege, cabeças grandes, ovais, olhos também ovais e prateados. Trajavam roupas coladas junto aos corpos extremamente magros.

Nesse instante, eu só ouvia minha respiração. Um dos quatro seres se curvou para ficar mais próximo do meu rosto. Vi meu reflexo nos grandes olhos pratas.

— Não tenha medo. Não lhe faremos nenhum mal.

Procurei no rosto o orifício que deveria ser a boca para perceber algum movimento. Mas não se mexia. Aquelas palavras só poderiam estar acontecendo através do pensamento.

— Nós já nos conhecemos — ouvi outra voz.

— Impossível! Eu nunca o vi antes. Nenhum de vocês! — eu falava em tom de desespero.

— Sim. Você já nos viu, Juan!

Eu fiquei surpreso quando meu nome foi pronunciado. A figura que conversava comigo por pensamento ficou ereta novamente e, como os outros, olhou para cima. Também olhei. Alguns riscos atravessavam o céu. Pareciam rastros de estrelas cadentes. Porém, estavam muito próximos, quase tocando o topo das árvores. Mais e mais riscos foram surgindo. Eram contornos que desenhavam algo no ar. Um esboço de uma nave!

Aos poucos, cores preencheram os contornos. A nave redonda cinzaescura, agora visível, estava sobre nós. Do centro, surgiu um buraco brilhante emitindo uma luz branca muito forte que incidiu sobre nós. Pensei que estava ficando cego, mas era minha visão que estava escurecendo. Foi quando perdi os sentidos.

COLABORE COM O AUTOR, FAÇA UM PIX.
CHAVE PIX: helvister@yahoo.com.br

MUITO OBRIGADO! ESPERO QUE SUA
LEITURA SEJA FANTÁSTICA!

WWW.GANDHOR.COM

CAPÍTULO 21

Inteligência Suprema



Minhas pálpebras começaram a se abrir. Estava tudo muito luminoso em volta. Com a minha visão recuperando a nitidez, olhei para a pessoa que estava diante de meus olhos. Assustei! Então entendi que eu havia me assustado com o meu reflexo. Um espelho redondo pendurado numa espécie de tripé estava colocado próximo ao meu rosto. Foi um espanto bobo. No entanto, todo o restante me assustou muito mais.

— Onde eu estou? — soltei essas palavras.

Fiquei sentado. Eu estava sobre um tipo de maca. O lugar em volta parecia um laboratório. Um laboratório muito estranho. Luzes no teto sobre mim, paredes metálicas, vários aparelhos em volta.

— Onde estão minhas roupas?! Onde está minha perna?!

Eu estava nu e sem minha prótese.

Levantei. Coloquei meu pé direito naquele chão frio. Minha ideia era ir pulando até descobrir que lugar era aquele e como sair.

— Ai! — senti uma dor nas costas. Parecia que dois ferrões haviam sido espetados próximo às escápulas. Tentei colocar a ponta dos meus dedos no local levando uma de minhas mãos para trás.

— Está se sentido bem?

O espanto foi instantâneo ao ouvir aquela frase. Uma mulher apareceu. Logo fui cobrindo minha genital com as mãos. Eu me equilibrava encostando-me à maca.

— Quem é você? Onde estão os monstros e aqueles outros ETs? Isso aqui é a nave? O que fizeram comigo?

— Se você está conseguindo fazer perguntas, então acho que você está bem.

— Não se aproxime! — com uma mão, peguei uma espécie de ferramenta estranha em formato de bastão que estava em uma mesa elevada ali perto.

— Não estou lhe fazendo nenhum mal, por que você quer me atacar? — a mulher se aproximava cada vez mais. Era uma senhora de meia-idade. Usava um terno e saia verde-escuros feitos de um tecido que lembrava camurça. — Vocês têm uma mania de querer destruir aquilo que lhes é estranho.

— Eu não sei quem é você! — olhei para a senhora que, naquele momento, estava a poucos passos de mim.

— Tem certeza? — disse a mulher de rosto oval e fino, cabelos lisos e pretos partidos ao meio, cobrindo todo o seu pescoço comprido, sem ultrapassar a altura dos ombros; olhos grandes e pretos através de óculos redondos com finas armações; e uma boca grande.

— Eu não acredito! Você é a ET do Discurso! Você é a Dhea... Dhea...

— Dheareka. Prazer em revê-lo, Juan.

— Rever? A mim? Eu nunca lhe vi antes!

— Quando o conheci, você era apenas um garotinho de sete anos. Você ficou encantado com a nave. Até brincou aqui dentro.

— Não pode ser... não... eu só posso estar sonhando!

— A amnésia faz parte de alguns procedimentos. Mas tudo o que você vivenciou ainda está no seu subconsciente. Talvez, você se lembre de alguma coisa se eu ficar assim. O rosto de Dheareka começou a borbulhar. Estavam surgindo caroços como se fossem bolhas. O corpo dela afinou, exceto a cabeça que praticamente dobrou de tamanho.

— O que acha agora? — Dheareka disse após assumir a verdadeira forma.

— Não! Por favor, volte como estava antes! — virei meu rosto para não encará-la.

— Tudo bem — respondeu ela. E, novamente, outro processo de bolhas foi preciso para a mudança da pele, dessa vez, de bege para branca. — Se você que já me viu antes em minha forma habitual ainda se espanta, imagina o que teria acontecido se eu tivesse surgido dessa forma durante o Discurso?

— Ninguém teria prestado atenção em suas palavras.

— Exato.

— Eu queria muito algumas coisas — coloquei o bastão esquisito sobre a maca. — Primeiro, as minhas roupas de volta. Estou muito desconfortável conversando assim tendo que tampar o meu... Enfim, você me entende, não é?

— Com tanto incentivo à sexualidade desenfreada que o sistema do seu planeta fomenta por diversos meios, vocês humanos sentem vergonha ao exibir órgãos genitais? Não entendo essa contradição.

— Bom, eu também queria minha prótese. Onde ela está?

— Trarei suas coisas para você. Não esperava que você fosse voltar da anestesia tão rápido.

— Anestesia?! O que você fez comigo? E onde estão os seus amigos e aquelas feras?

Dheareka ignorou minhas perguntas. Ela olhou para um armário (ao menos parecia um armário) do outro lado daquele laboratório estranho. Uma gaveta surgiu. De dentro dela, saíram objetos. Eram meus pertences. A ET apenas movimentou os dedos parecendo conduzir meus objetos. Levitando, eles vieram ao meu encontro. Ela os guiou apenas com o poder da mente!

Depois que minhas roupas e minha prótese “pousaram” sobre a maca, parei de notar os objetos. Todavia, com a mesma expressão de terror, encarei a ET:

— Conte-me tudo! Eu exijo explicações! O que vocês fizeram comigo? Vocês me usam de cobaia desde os meus sete anos?

Você realmente é mesmo aquela pessoa que fez aquele belíssimo discurso na TV?

— Pode se vestir primeiro, Juan. Após isso, pergunte-me o que você quiser saber. Uma pergunta por vez.

— Ok. Você pode... — antes que eu completasse a frase, Dheareka ficou de costas para mim. Exatamente como eu gostaria.

Coloquei minha farda. Estavam faltando minha boina e minha arma. Lembrei que as havia perdido na floresta. Terminei de me ajeitar e, quando a ET tornou a me encarar através daqueles olhos, comecei a falar.

— Sinceramente, eu nem sei por onde começar. Ainda acho que isso tudo, aqueles monstros, você, essa mágica que você fez para levitar meus objetos, tudo não passa de fruto da minha imaginação. Tal como alguns sonhos estranhos que ando tendo ultimamente.

— Você tem certeza de que esses sonhos são tão estranhos? Eles não fazem sentido conforme algumas coisas vão se revelando? E, por falar em coisas estranhas, você não percebe que situações inexplicáveis estão acontecendo com você?

— Como você sabe disso? Como você sabe sobre os meus sonhos?

— Sobre os sonhos, nós podemos induzir alguns.

— Nós?

— Eu e outros irmãos de missão.

— Essa missão é a mesma que você falou durante o Discurso?

— Sim.

— Ok, então me esclareça quem é você, de onde você veio, que missão é essa e o que eu tenho a ver com essa missão — dei um pulo e fiquei sentado sobre a maca. Imaginei que a conversa poderia ser longa.

— Meu nome é Dheareka, vim de um planeta chamado Myph-ton. Ele está localizado em outro universo.

— Outro universo? Existem outros universos?

— Sim.

— E como vocês fazem para viajar longas distâncias?

— Nossa tecnologia é muito avançada. Utilizamos formas de locomoção muito além do que vocês humanos possam compreender. Também é possível encurtar caminhos através de atalhos como portais. Vocês chamam alguns deles de “buraco de minhoca”.

— Eu já ouvi falar. E aquelas formas geométricas, aqueles símbolos feitos em plantações? Os agrolifos. São vocês que os fazem? O que eu vi outro dia... foram vocês que o fizeram?

— Sim.

— Por quê? O que significam?

— Os agrolifos, entre outras formas de transmissão de mensagens, são como agulhas de acupuntura. São emanadores de energia. Energia curativa. Não fomos nós quem deixamos este planeta doente. São vocês mesmos. Mas nós estamos nos esforçando para que a Terra aguente mais um pouco, pois acreditamos que vocês conseguirão curá-la para a evolução.

— Então é verdade que os planetas evoluem?

— Como eu disse no Discurso, os planetas possuem graus de evolução que variam de acordo com o grau de evolução moral da maioria de seus habitantes. O planeta Terra não é um planeta ruim, porém, está longe de ser um planeta evoluído. As transições de fases nos planetas são sempre períodos conflituosos, por isso, é importante que seres mais evoluídos auxiliem os menos evoluídos.

— Então você é evoluída?

— Mais que vocês humanos, sim.

— O que seria evolução para você?

— Capacidade de autoconhecimento e reparação dos próprios erros a fim de auxiliar o bem de todos.

— Achei que você iria dizer que você é evoluída porque consegue mover objetos com a mente e anda em disco voador.

— A verdadeira evolução é a interior. Eu consigo mover objetos com a mente, teletransportar-me, conversar por telepatia, transformar-me, entre outras coisas. O corpo que utilizo é resultado de milênios

e milênios de evolução biológica. Com o passar dos anos, com novos hábitos alimentares, novos modos de vida e outros fatores, o corpo, principalmente o cérebro, dos humanoides do meu planeta se modificou. Um dia, vocês, terráqueos, se não se autodestruírem, irão conseguir fazer muitas coisas que hoje vocês consideram impossíveis ou pura magia, pois o corpo de vocês também irá se modificar.

— Então vamos ficar raquíticos e cabeçudos como vocês?

— Não necessariamente — pensei que Dheareka fosse dar alguma risada com o comentário que fiz, porém, ela continuou a conversa de modo sério. — Cada evolução física varia de acordo com os recursos e a psicosfera de cada planeta.

— Psicosfera do planeta?!

— É um tipo de campo energético. Sobre utilizar naves, isso é resultado de anos e anos de evolução tecnológica para que o meu povo pudesse fazer das viagens interplanetárias algo tão comum como andar de carro em seu planeta.

— Eu me recordo que você falou sobre o seu povo ter recebido ajuda e que agora é a vez de vocês ajudarem.

— Exato. Quando meu planeta, Myphton, estava passando pela mesma transição que a de vocês, ou seja, da fase de “Provas e Expições” para a fase de “Regeneração”, recebemos a visita de extra-terrestres. Eles queriam nos ajudar caso estivéssemos dispostos a mudar o nosso comportamento materialista. Meu povo, então, decidiu agir em prol do bem comum.

— O que vocês fizeram?

— Começamos a mudar nossas atitudes. Deixamos de ser egoístas e orgulhosos. Deixamos as diferenças de lado para nos ajudar mutuamente. Paramos com as guerras, paramos com a violência, paramos com a exploração das pessoas, começamos a usufruir do meio ambiente de forma consciente sem precisar devastá-lo, respeitando a fauna, a flora e os recursos naturais. Começamos a entender que os bens materiais existem para nos auxiliar e não para nos diferenciar. Enfim, aceitamos

a transformação, e, dessa forma, os extraterrestres nos ajudaram levando o conhecimento deles para nós. Assim, conseguimos evoluir em todos os sentidos. Agora, o meu planeta está em plena Regeneração. Não existem doenças, não existem sofrimentos como os de vocês, não existem desigualdades, não existem guerras, não existem preconceitos.

— Uau! Eu queria muito que a Terra fosse assim.

— Só depende de vocês terráqueos.

— E por que vocês querem nos ajudar?

— Se temos condições de ajudar, por que negar auxílio? Nós recebemos ajuda, agora, é nossa vez de retribuir. Muitos habitantes de meu planeta são voluntários em missões para contribuir com mundos que estão necessitando de apoio. Eu me informei sobre a Terra e me interessei sobre a missão aqui.

— E o que eu tenho a ver com esta missão?

— Você também é voluntário nesta missão.

— Eu? Haha!

— Sim.

— Não é verdade! Se eu fosse voluntário, com certeza eu me lembraria. A não ser que tenha sido forçado a me voluntariar quando você me encontrou aos sete anos de idade.

— O contato que tivemos com você aos sete anos de idade estava programado. O objetivo foi despertar em você o gosto por sua profissão. Militares foram lhe resgatar naquele cume onde o deixamos, não foi?

— Então foram vocês, ETs, que me deixaram naquele lugar.

— Sim. Além disso, era um reforço para que você não se esquecesse da missão a qual você mesmo se propôs realizar. Ninguém é obrigado a fazer nada. Todos nós possuímos livre arbítrio. Você foi voluntário porque quis e decidiu isso antes mesmo de nascer nesse corpo.

Fiquei um tempo observando o rosto daquela senhora ET. Depois, quando as palavras quiseram se pronunciar, decidi falar:

— Não estou entendendo. Como eu poderia decidir algo antes mesmo de existir?

— Eu não disse que você decidiu ser voluntário antes de existir. Eu disse que você decidiu ser voluntário antes de nascer.

— E qual é a diferença?

— Você já existia antes de nascer.

— Como?

— Você era o que os humanos chamam de espíritos ou consciência. Todos nós somos espíritos.

— Então espíritos existem de verdade?

— Sim. A existência não acontece apenas em três dimensões. A experiência em corpos materiais é necessária para a compreensão de muitas coisas que não seriam possíveis em corpos extracorpóreos.

— Então eu tenho um espírito?

— Não. Você é um espírito. O que você tem é um corpo temporário.

— Mas então para onde vou depois que eu morrer?

— Você é imortal.

— Eu sou o quê?

— Imortal. Assim como todos no Universo. O espírito também é energia e não morre. O corpo material morre.

— E o que acontece com o espírito quando o corpo morre?

— Quando o corpo físico perece, seu espírito volta para a vida real, que é a vida fora da matéria. Então, por afinidade moral, você se encontra com outros espíritos cujos corpos também pereceram. Se você, em vida corpórea compactuava com o mal, ficará acompanhado por espíritos que pensavam como você. Por outro lado, se você compactuava com o bem, conviverá com espíritos que possuem a mesma forma de pensar que você.

— Então é como se fosse o Céu e o Inferno?

— Não como vocês humanos imaginam.

— O que acontece se um espírito é mau? Ele passa a eternidade sofrendo?

— Que sentido isso teria? “O mal é a ausência do bem”, já ou-

viu isso? Quando o espírito aprende a importância de se fazer o bem, ele merece evoluir.

— E como ele vai poder evoluir se ele já morreu.

— Ele terá a oportunidade de nascer de novo.

— Nascer de novo? Então ele vai... reencarnar?

— Isso mesmo! A reencarnação é uma dádiva! E é através dela que compreendemos a justiça no Universo. É preciso reencarnar quantas vezes for necessário para adquirir experiências e aprendizados. A reencarnação funciona como uma escola. Você reencarna para aprender. Se você errou, você reencarna novamente até aprender com o seu erro. E, assim, sucessivamente até atingir a perfeição e se juntar à Inteligência Suprema.

— Quem é... — Dheareka nem esperou que eu concluísse a pergunta.

— Inteligência Suprema, Fonte Geradora, amor, energia, Deus, deuses, Mãe Natureza. Enfim, o que você quiser denominar. Evoluir sempre! Essa é a lei da vida.

Mais uma pausa para meus neurônios se organizarem. Eu estava confuso, porém, muito curioso.

— Por que, então, não nascemos perfeitos? — indaguei.

— Que mérito teríamos se assim o fosse? Somos criados ignorantes. As milhares de existências em diversos planetas nos dão a oportunidade de crescer moralmente. Alguns, por compreenderem o sentido de se fazer o bem, conseguem evoluir rapidamente, outros, no entanto, têm dificuldades e acabam retardando essa evolução por própria culpa. Mas todos, um dia, seremos perfeitos. Nenhum espírito seria criado para passar a eternidade fazendo o mal e sofrer por isso. Seria um grande desperdício.

— Você fala de outras vidas. Eu tive outras vidas, então?

— Sim, você já teve outras experiências em corpo físico.

— Então, por que eu não me lembro?

— A ignorância de vidas passadas faz parte do estágio moral

que o seu espírito se encontra. Alguns se recordam de vidas passadas, mas a maioria dos terráqueos não, pois ainda guardam mágoas e rancor. Imagina se um pai e um filho soubessem que em vidas passadas eram inimigos? Você não acha que essa lembrança atrapalharia ainda mais a evolução de ambos para se reconciliarem na atual vida?

Entrelacei meus dedos atrás de minha nuca e levantei a cabeça para cima.

— Não estou conseguindo encontrar lógica. É muito surreal para mim.

— Analise bem e encontrará a maior de todas as lógicas. Seria justo alguém fazer muita maldade e se matar em seguida? Que tempo esta pessoa teria para redimir seus erros? Seria justo uma criança morrer tão jovem? Que tempo ela teve para aprender e ter méritos? A morte não é o fim, porque não existe a morte do espírito. A vida continua. E cada reencarnação é uma oportunidade única. Outras chances podem vir, mas elas não serão da mesma forma. Por isso, pedimos para que você não desperdice essa nova chance de cumprir sua missão.

— Que missão é essa? — coloquei minhas mãos sobre minhas coxas e inclinei meu corpo para frente.

— Você não é originário deste planeta, Juan. Assim como você, nas últimas décadas, centenas de espíritos de outros planetas vieram reencarnar na Terra com a finalidade de auxiliar na transição planetária. Esses espíritos, como você, trazem experiências adquiridas em vidas passadas para colaborar com o conhecimento em várias áreas: nas ciências, nas artes, nos esportes, nos trabalhos sociais, em instituições tradicionais, em defesa do meio ambiente, entre outros. Por isso, assim que vocês nascem, as pessoas já percebem o quanto vocês são diferentes e possuem grande capacidade para transformar o ambiente em volta. Pelas atitudes de vocês, outras pessoas são incentivadas a contribuírem para o progresso da humanidade na mudança para uma fase melhor. Cada um de vocês possui uma missão diferente. Você tem uma missão, Juan. E todas as missões possuem o mesmo propósito: evolução.

— E qual é a minha missão?

— Dheareka? — uma voz interrompeu. Três ETs entraram naquele laboratório. Eram os outros que estavam com Dheareka quando me encontraram na floresta. Mesmo tendo-os visto antes, eu ainda fiquei um pouco assustado com a forma como eles se apresentavam.
— Precisamos ir.

— Tudo bem.

Quando aqueles três ETs se aproximaram, Dheareka fez as apresentações:

— Juan, deixe-me apresentar meus irmãos de missão: Zirt, Fhalcter e Ilx.

— Gostaríamos de continuar com este momento de informações, porém, precisamos partir — falou um dos ETs. Dessa vez, a sua pequena boca se moveu.

— Até mais, Juan. — disse Dheareka.

— Não, espere! — levantei da maca. — Eu ainda tenho muito a perguntar! Que missão é a minha?

— Você sabe. Sempre soube qual é.

— Não sei! Eu juro que não sei!

— Ouça seu interior.

— E aqueles monstros que queriam me atacar? Que ETs eram aqueles?

— Não são extraterrestres, Juan. São seres deste mesmo planeta.

— Aquelas criaturas horríveis? Não existem criaturas assim no meu planeta!

— São seres de um mundo paralelo ao planeta Terra. Eles foram trazidos através de portais por um ser das trevas.

— Que ser é esse? Ele tem a ver com aquele perigo que você disse que a humanidade está correndo?

— Infelizmente, as forças ocultas lideradas por maus espíritos não querem a transição do seu planeta. Eles ainda não compreendem o bem e sabem que, se o planeta Terra evoluir, eles terão que abandoná-lo para reencarnar em outros planetas, talvez, mais inferiores que

este. Por isso, eles querem evitar que os bons ensinamentos cheguem a todos. Um desses espíritos está alterando a força quântica da Terra. Ele está encarnado e o persegue, tentando impedir que você cumpra a sua missão. Essa não é a sua primeira reencarnação neste planeta, Juan. Você falhou com a sua missão anteriormente. Por favor, não falhe de novo. A mudança planetária conta com você!

— Quem é esse ser que quer me impedir? Onde ele está? Eu o conheço?

— Não temos mais tempo, Juan. Ele desconfia que estamos o auxiliando. Precisamos ir. Até breve.

— Esperem! — falei e observei um dos ETs apontar para mim o bastão que eu havia colocado sobre a cama. — O que você vai fazer?

Antes que eu pudesse ter qualquer reação, um laser de coração azul saiu daquele objeto.

Tudo se apagou.

..

Quando meus olhos se abriram, era possível observar folhagens se balançando ao vento. Mais acima, um céu negro estrelado. Acordei no chão de terra de uma estrada. Eu estava com minha boina. Conferi meu armamento. A pistola estava no meu coldre. Do outro lado da estrada, vi Gastón levantando lentamente ainda um pouco desacordado. Fui até ele procurando saber se estava bem.

— O que aconteceu? — ele me perguntou.

— Você não se lembra? Um monstro surgiu e pegou a viatura.

— Um monstro? Sargento, o senhor bebeu?

Ajudei Gastón a se levantar.

— Gastón, do que você se lembra?

— Não sei. Eu só me lembro que a gente estava indo até a delegacia levar dois prisioneiros, então...

— Meu Deus! Os prisioneiros!

Meu companheiro e eu seguimos a estrada à procura da viatura. Observamos luzes piscarem. Quando olhamos para cima, vimos, estancado em uma árvore, assim como um bilhete de papel é espetado em um porta-bilhetes, o nosso veículo. Ele estava com um tronco atravessado ao centro, de baixo para cima, e as luzes intermitentes do sinal luminoso ligadas.

— Como a viatura foi parar lá?

— Você realmente não se lembra de nada, Gastón?

— Não, senhor. Os prisioneiros ainda estão lá?

Assim que Gastón concluiu sua pergunta, a viatura se movimentou um pouco para baixo. Ouvimos gritos vindos dela.

— Sim, eles estão. Vamos entrar em contato com os bombeiros!

— Socorro! Socorro! — ouvimos gritos pedindo ajuda.

— É uma voz de uma mulher! — falou Gastón. Nós achamos estranho. — está vindo da floresta.

— O outro carro! — recordei-me do outro veículo que havia colidido com a viatura e saído da estrada.

Fomos até a beirada da estrada. De longe, avistamos o veículo ladeira abaixo. Ele se chocou contra uma árvore. Do lado de fora do carro, estava Dona Glória e o sobrinho. Como eu havia imaginado, aquele era o carro deles. Eles estavam bem, aparentemente. Estavam com dificuldades de subir o morro até a estrada. Acenei para eles me identificando. Falei que chamaria os bombeiros.

Acionamos, eu e Gastón, todo o reforço possível. Bombeiros, ambulância, reforço policial. Uma enorme aeronave dos bombeiros de quatro hélices horizontais conseguiu, por meio de um guincho em formato de garra, puxar para seu interior a viatura espetada no tronco da árvore. Assim, os prisioneiros foram resgatados. Resgatados também foram a Dona Glória e seu sobrinho.

Como era de se esperar, o caso repercutiu entre a população de Cartas do Norte e entre os veículos de comunicação da região. Na delegacia, Gastón disse que não se lembrava de nada. Os prisioneiros

estavam em choque. Eu tentei dar uma explicação do que houve, mas, quando cheguei à parte do monstro, o delegado disse que me ouviria em outro momento, porque parecia que eu também não estava em condições psicológicas de dar qualquer tipo de depoimento. Minha guarnição foi liberada.

••

De volta aos meus aposentos, recebi mensagem do meu superior, Tenente Nicholas, para me apresentar ao batalhão na tarde do dia seguinte. Eu estava prestes a ter mais uma noite mal dormida. De qualquer forma, teria pouco tempo para tentar descansar, pois o dia já estava quase amanhecendo.

Outra vez observava o teto do quarto. Já não havia mais lascas de tinta velha. Todo o lugar havia sido pintado.

— Não pode ter sido um sonho. — conversava comigo mesmo — Não pode. Foi muito real. Prova disso era a viatura ter parado em cima de uma árvore. De que outra forma aquilo aconteceria? Agora, tudo está começando a fazer muito sentido. Sempre me achei diferente da maioria das pessoas, e não se trata apenas das diferenças que me colocam sendo parte de grupos de minoria. Mas uma diferença peculiar... Sempre achei que a vida foi muito injusta comigo, mas eu não sei o que aconteceu comigo em vidas passadas. E os poderes de Emily e Matheus? Será que têm relação com algum tipo de missão? — respirei fundo — Qual será a minha missão? Sinceramente eu não sei. Eu não sei... eu falhei uma vez, como disse Dheareka. Então, essa é a minha segunda chance. Será que eu terei outra? Acho que a ignorância sobre outras vidas não está me ajudando muito... E aquele ser maligno das forças ocultas? Quem é ele? Talvez seja o Cabo Bob.

À tarde, lá estava eu na sala do senhor Tenente Nicholas.

— Conte tudo! TUDO! — ele estava furioso. — Mas eu quero é a verdade! Detalhe por detalhe do que, de fato, aconteceu!

— ele estava sentado do outro lado da mesa em sua sala. Havia um computador sobre ela.

Contei toda a versão do que eu me recordava. Falei sobre o patrulhamento do dia e da noite. Contei que Gastón e eu paramos a viatura no alto de um morro, posteriormente, desembarcamos. Contei que vimos um caminhão suspeito com dois indivíduos. Toda a riqueza de detalhes possível foi manifestada em meu relato. E meu superior digitava.

Eu não havia me preparado para aquela conversa. Então, nem tive tempo para pensar se valia à pena ou não falar sobre os monstros e os ETs. Então, comecei a contar a verdade. O problema é que, na parte “Uma fenda horizontal surgiu. Parte da estrutura subiu e outra parte desceu. Só depois que vi algo pegajoso surgir, compreendi que eu havia tocado na pálpebra de algo muito, muito grande!”, Tenente Nicholas levantou-se da cadeira e disse:

— Pare! Pare! Pare! Se continuar a relatar o que disse para o delegado eu vou instaurar um processo contra a sua sanidade mental! Já não foi o suficiente para você ser famosinho na capital por causa da sua safadeza sexual?

— Senhor, não houve nenhuma safadeza sexual! Eu...

— Não lhe autorizei falar! — eu me calei. Tenente Nicholas voltou a se acomodar em sua cadeira confortável. — Você quer os holofotes para você e para o que você chama de causa! E se aproveita de ocorrências para ganhar destaque!

Dei um riso inconformado com aquela calúnia.

— Vou escrever aqui na sua ocorrência — recomeçou a digitar no computador — que o Sargento Juan e o Soldado Gastón deixaram a viatura para socorrer o carro da vítima que havia capotado, mas que a viatura, devido à inclinação do terreno, saiu da estrada e caiu no barranco ficando presa às árvores. Pronto — terminou de digitar. — Pode se retirar, Sargento.

Levantei-me da cadeira. Pedi permissão para me retirar. Fui autorizado. Antes de minha mão chegar à maçaneta eu ouvi:

— Em breve, tomarei as providências cabíveis sobre o seu péssimo desempenho, Sargento Juan!

— Sim, senhor. Com sua licença.

Abri a porta e saí cabisbaixo daquela sala. Passando pelos corredores, fiquei pensando que eu deveria ter mentido sobre o que realmente acontecera. De fato, era impossível acreditar em algo que não teria como comprovar. Também fiquei pensando nos absurdos que o Tenente havia falado a respeito da minha orientação sexual. E como ele descobriu a minha orientação sexual? Se ele ficou sabendo, em breve, toda a cidade de Cartas do Norte também saberá.

— Juan?!

Quando fui ver quem pronunciava meu nome não acreditei.

— Capitão Theo?! O que... o que o senhor está fazendo aqui?

— O que acha, Juan? Vim levá-lo de volta para a capital! Nós estamos precisando de reforço e parece que o pessoal aqui não está satisfeito com você, não é mesmo? Então, acho que é a solução perfeita!

Não aguentei e tive que dar um abraço nele.

Não pude conversar muito com Capitão Theo, pois ele precisava resolver minha transferência e depois partir de volta para a capital. Cumprí as burocracias para a minha mudança dentro da instituição. Logo que assinei os papéis, eu já não era mais o comandante do Posto Policial de Cartas do Norte.

..

Antes de ir embora definitivamente da pequena cidade, despedime de todos os colegas de trabalho: Silva, Marcelo e meu parceiro de guarnição, Gastón.

— Até mais, Sargento! — falou Gastón enquanto apertávamos fortemente as mãos em frente ao Posto Policial. Silva e Marcelo também estavam ali. — Em pouco tempo, aprendemos muito com o senhor. Particularmente, eu confesso que, no início, devido às limitações

do senhor, eu o havia subestimado. Mas compreendi que eu era quem tinha limitações. Limitações em minha mente.

— Tenha certeza, Gastón, de que o aprendizado foi recíproco. Obrigado!

Depois que saí do Posto Policial, uma última passada na lanchonete de Dona Rita também não poderia faltar. Agradei à simpática senhora pela receptividade, pela conversa e pela atenção. Ah! E, claro, pela comida!

No meu carro, subindo o morro para ir embora, suspirei de alegria. Eu queria voltar para a minha cidade! Mas o suspiro também foi de gratidão. Valeu toda aquela experiência.

Uma última olhada pelo retrovisor do meu veículo e:

— Adeus, Cartas do Norte!

O QUE ESTÁ ACHANDO DO LIVRO?

PARA SABER MAIS SOBRE O LIVRO, ACESSE: WWW.GANDHOR.COM

COLABORE COM O AUTOR, FAÇA UM PIX. CHAVE PIX: helvister@yahoo.com.br

MUITO OBRIGADO! ESPERO QUE SUA LEITURA SEJA FANTÁSTICA!

Juntando os cacos



— Alô? David? Tudo bem, meu irmão?

— Veja quem está me ligando! Quanto tempo, irmão! Quais são as novidades no interior?

— São as melhores possíveis! Principalmente agora!

— Que cara é essa de alegria? Você ganhou algum prêmio em dinheiro, Juan?

— Foi muito melhor que isso! Eu consegui voltar para a capital! E vou trabalhar no seu batalhão!

— Não acredito! Sério?!

— Sim!

— Que notícia maravilhosa! Como isso aconteceu?

— O Capitão Theo me ajudou. É uma longa história. Preciso falar pessoalmente. Agora estou a caminho de volta para a capital. Fiz uma parada aqui em um restaurante na estrada e decidi contar para você essa notícia.

— Muito obrigado pela lembrança. E você já tem lugar para ficar aqui na capital?

— Não. Vou ficar hospedado em um hotel até encontrar um apartamento.

— Que pena, pois o seu quarto ainda está aqui em casa aguardando por você.

— Ninguém alugou o quarto?

— Até para isso você tem sorte sabia? Um estudante havia alugado, mas ficou só uma semana. Agora está vazio. Você quer o quarto?

— E você ainda pergunta? Claro que sim! Será ótimo poder voltar a morar contigo, ainda mais agora que trabalharemos no mesmo lugar.

Voltar para a minha cidade e ainda por cima com um lar era a melhor coisa que poderia acontecer naquele momento.

Prédios, prédios e mais prédios. O calor denunciava que eu estava de volta à selva de pedra.

Chegando a meu antigo apartamento, dei um forte abraço em David, que me ajudou com as malas. Enquanto eu ajeitava as roupas em meus antigos armários, fui conversando com David. Contei sobre toda a minha experiência em Cartas do Norte. Falei sobre as pessoas, sobre o lugar, sobre os costumes, sobre o serviço policial e sobre algumas ocorrências. Procurei dar uma versão mais realista do que houve comigo. Nesse sentido, tive que ocultar as partes paranormais como os monstros e os ETs. Por fim, eu disse sobre como Capitão Theo foi o responsável por me ajudar a voltar.

Depois de tanto falar, tomei um banho para relaxar. No meu quarto, havia um grande espelho. Eu estava sentindo falta de me olhar em um espelho grande. Em Cartas do Norte não tinha. Ao me virar para ver minhas costas, percebi que havia duas marcas nas minhas costas. Pareciam cicatrizes salientes. Era como se algo tivesse feito dois pontos na altura de cada uma das minhas escápulas.

— Os ETs! — lembrei-me de quando eu havia recuperado os sentidos na nave. Eu estava sobre uma maca. Minhas costas doíam bem onde estavam aquelas cicatrizes — Eles fizeram alguma coisa comigo. Só pode ser!

Depois de tanto observar as cicatrizes, fui até o terraço do prédio. Tinha muito tempo que eu queria ir lá. O prédio era alto e tinha um terraço de onde era possível ter uma vista da cidade. Abri a porta de acesso ao lugar. Logo senti o vento morno daquela noite.

Eu estava rodeado de arranhacéus; alguns mais altos, outros mais baixos que o prédio onde eu me encontrava. Cheguei ao parapeito para ver a rua. Os sons dos automóveis se destacavam. Olhei para as janelas dos prédios vizinhos. Dava para observar o movimento de pessoas.

Tantas pessoas no mundo. Todas elas diferentes, únicas, especiais.

Naquele momento, era impossível não me lembrar de Richard, das vezes em que subíamos até o terraço do edifício onde ele mora.

— Estou de volta! — pronunciei essas palavras enquanto contemplava o panorama urbano. — Será que isso significa alguma coisa? — olhei para aquele céu com pouquíssimas estrelas. — Por que as respostas não vêm quando a gente quer?

Havia uma estrutura de concreto no chão que utilizei como banco. Antes, retirei minha prótese e a coloquei ao lado. Tirei meu pé do chão para sentar como numa posição de meditação. De fato, meditei. Meditei sobre os ETs.

Enquanto eu me concentrava, olhei fixamente para uma jarra, talvez com água. Entre os vários retângulos das janelas dos apartamentos em minha frente, era aquele com a jarra sobre a mesa que me chamava atenção. Sem motivo algum. Era apenas uma distração para meus olhos. Por outro lado, minha concentração estava latente.

“Você não percebe que situações inexplicáveis estão acontecendo com você?”. Meus olhos não paravam de mirar a jarra. “Você não é originário deste planeta”. Parecia que eu só enxergava o objeto. “Você tem uma missão, Juan”. Parecia que eu o tocava com a mente. “Você falhou com sua missão anteriormente. Por favor, não falhe de novo”. Era possível sentir a jarra. “A mudança planetária conta com você!”. A jarra caiu! Tal como eu queria que acontecesse!

Aquele movimento, ocorrido a cerca de 50 metros de distância de mim, despertou-me de volta para a realidade. De longe, eu observava uma mulher gesticulando diante do que imaginei ser o estrago de uma jarra espatifada ao chão. Outra pessoa chegou e parecia que eles discutiam. Era possível notar que, pelas mãos coçando a cabeça, eles

não compreendiam como a jarra havia caído da mesa. Mas eu sabia e ainda assim não conseguia acreditar.

Eu havia derrubado aquele objeto com a força da minha mente! Saí às pressas do terraço. Voltei para o apartamento e entrei no banheiro. Lavei meu rosto e tentei não fazer barulho para não acordar David. Ele já deveria estar dormindo. Encarei meu reflexo no espelho.

— Eu também tenho habilidades paranormais!

O Capitão Theo falou sobre essa capacidade. Era telecinese.

— Isso explica por que as luzes do vestiário da Academia se apagaram no dia da entrega das medalhas do acampamento. Isso explica por que uma vez o espelho quebrou no banheiro. Por que a haste da Bandeira caiu. E por que a porta da Seção X se abriu e tantas outras coisas. Eu sou como Matheus e Emily! Eles sempre souberam disso. E no fundo, eu também sempre soube, mas não queria admitir. E agora eu tenho certeza. Talvez. Pode ter sido coincidência a jarra ter caído quando eu queria. Será?

Olhei para um vaso de flores que estava sobre o balcão da pia e desejei profundamente que ele fosse parar em minha mão. Quando o vaso começou a se mover, eu recuei querendo que o vaso fosse para longe de mim. O objeto caiu e quebrou no chão.

Fiquei com receio de catar os cacos do vaso, mas fui pegando os pedaços com cuidado.

— Juan? Juan? Está tudo bem aí? — perguntou David do outro lado da porta.

— Sim, sim. Eu esbarrei no vaso de flores da pia e quebrei. Amanhã compro outro.

— Não se preocupe com isso. Mas você se machucou?

— Não. Está tudo bem. Pode ficar tranquilo.

— Ok. Vou dormir. Boa noite!

— Boa noite!

Juntando os cacos, levantei-me ao mesmo tempo que meu reflexo no espelho grande do banheiro.

— Que loucura! — falei para mim mesmo.

••

No outro dia, precisei me levantar no mesmo horário que David. Tínhamos que estar no batalhão às sete horas da manhã.

Chegando a meu novo local de trabalho, fui me apresentar para o Capitão Theo. Ele era subcomandante daquele batalhão.

— Feliz por estar de volta, meu jovem?

— Feliz demais, senhor! O senhor não se arrependerá!

— Tenho certeza que não. Juan, nada nesta vida é por acaso. Tudo tem um significado para acontecer. Saiba aproveitar as oportunidades que a vida lhe oferece, pois não sabemos se elas irão reaparecer. Você não retornou para a capital à toa. Não desperdice essa chance!

— Sim, senhor! — eu não tinha certeza se era viável contar para o Capitão Theo sobre o meu encontro com os ETs e também sobre o que aconteceu comigo na noite anterior. Achei melhor deixar para outra oportunidade.

Como estávamos a sós em seu escritório, aproveitei para me informar sobre a Emily e felicitá-lo pelo relacionamento. Ele disse que Emily estava bem. Ela trabalhava em outro batalhão da capital. Disse também que ela estava sabendo sobre a minha transferência. Não nos delongamos muito na conversa, pois estávamos em horário de serviço.

— Você vai compor uma guarnição com mais um sargento. Ele é mais antigo hierarquicamente que você e deve estar o esperando no estacionamento. Já enviei para o sistema da viatura os itinerários que vocês farão no patrulhamento de hoje.

Quando cheguei ao estacionamento do batalhão, vi que, em frente à viatura que eu iria utilizar, estava David.

— O que você está fazendo aqui? Achei que já tinha saído para patrulhar.

— Estou aguardando o meu mais novo subordinado chegar – ele respondeu.

— Não acredito! Você...

— Sim, e pode me chamar de senhor porque sou mais antigo que você! Haha!

— Por poucos pontos de diferença! — respondi sorrindo.

Na classificação final do nosso Curso de Sargentos, David ficou algumas posições acima, o que o fazia ser mais antigo hierarquicamente.

Foi uma alegria! David era o meu comandante de guarnição. Patrulhar seria mais prazeroso com um amigo daquele. E assim foi o dia todo. Percorremos os locais demarcados. Fizemos contatos com a comunidade para saber como estava a segurança na região. Visitamos escolas para garantir a proteção dos alunos, principalmente durante a entrada e a saída das aulas. Abordamos pessoas e veículos suspeitos.

Na volta para casa, também senti vontade de falar para o meu amigo o que havia acontecido comigo no terraço. Mas fiquei preocupado com a reação dele. Afinal, morávamos juntos. Como David iria se comportar sabendo que tem um amigo com capacidades paranormais em casa?

O próximo dia era a nossa folga. Depois do café da manhã, fui para a sala.

— Até mais, Juan!

— Aonde você vai, David?

— Vou à academia de ginástica.

— Ah, sim. Até mais! Outro dia comprarei um novo vaso de flor para o banheiro.

— Não se preocupe com isso. Acidentes acontecem — disse já abrindo a porta para sair do apartamento.

Levantei-me do sofá e fui conferir se a porta estava mesmo trancada. Voltei para o assento e fiquei diante de uma mesinha localizada no centro da sala. Sobre o móvel, estavam revistas, livros e pequenos objetos de decoração. Ajeitei uma posição mais ereta para me assentar. Fechei os olhos por um instante e abri com uma expressão mais séria.

Olhei fixamente para o livro de capa branca que estava no topo da pilha de livros sobre a mesinha. Ele começou a flutuar. Estava tremendo. Parecia, a todo instante, que iria cair. E caiu. Eu havia me desconcentrado com uma pomba que passou voando pela janela. Peguei o livro no chão e o recoloquei na mesa. Comecei tudo de novo. O livro fluuava de forma instável até que conseguiu chegar à palma de minha mão. Fiz o experimento com outros pequenos objetos. Alguns caíram, mas era por falta de concentração.

Tentei outras formas: colocar o objeto em um local mais distante, fazer um objeto trocar de lugar com outro. Fiquei brincando!

— Isso é demais! — falei.

Passada mais de uma hora, David chegou. Fui para meu quarto fazer mais experimentos. Dessa vez, usei roupas, pois se caíssem não fariam barulho. Deu certo também.

E assim foi durante toda a semana. Trabalhava e, durante as folgas, eu aproveitava a ausência de David para fazer objetos flutuarem. A cada dia, eu me desafiava mais. Procurava levitar mais de um objeto (assim era mais difícil), procurava mover algum objeto mais pesado como poltrona, mesa, cama. Os objetos estavam ficando menos instáveis no ar.

Além de ficar empolgado com minha nova habilidade, eu também decidi resolver outras pendências em minha vida. De volta à capital, eu queria fazer mais visitas ao Alvorada. Dona Emma iria gostar de me rever e saber que eu seria mais assíduo no Projeto. Também precisava voltar a estudar. Pausei meu doutorado durante o Curso de Sargentos e já estava passando da hora de retomar a pesquisa.

O final de semana chegou. E coincidiu com a folga. Eu ainda não estava me sentindo à vontade para falar com David sobre o meu “dom”. Mas sabia que, a qualquer momento, eu precisaria contar.

David disse que eu estava muito sedentário e, por isso, perguntou se eu gostaria de acompanhá-lo em uma corrida no parque. De fato, mesmo que eu treinasse alguns exercícios em casa, eu precisava

praticar atividades aeróbicas. Além disso, o dia estava muito bonito, então decidi fazer companhia ao meu amigo.

Após correr por mais de sessenta minutos sem parar, nós diminuimos os passos até apenas caminharmos. Com o fôlego recuperado nós começamos a conversar.

— Você reencontrou Shanti? — perguntei.

— Não. Você está achando que sou fácil de reconquistar? Se, para conquistar é difícil, imagina reconquistar! — rimos, então ele continuou. — E você? Tem pensado no Richard?

— Para ser sincero, infelizmente sim! Eu penso nele todos os dias. E também nas palavras infelizes que ele disse naquele programa de TV.

— Ah, sim — David parecia apreensivo com algo. — Vamos supor que ele aparecesse diante de você. O que você diria?

— Quem tem que dizer alguma coisa é ele. Ele precisa me pedir perdão! Tem que ser um pedido de perdão bem-sincero e convincente.

— Quem sabe isso não acontece agora. — David apontou para a direção que eu não estava olhando.

— O que foi?

Fui observar. Do outro lado da rua, estava Richard conversando alegremente com um rapaz alto de cabelos pretos, lisos, cortado de lado. O rapaz tinha um estilo bem-moderno: tatuagens, pulseiras e cordões.

— Vamos dar uma corrida? Acho que já deu para recuperar o fôlego, não é? — falei para meu amigo.

Queria que Richard não me visse, por isso quis sair logo daquele lugar.

— Pensei que eu era orgulhoso, mas parece que existem pessoas muito piores do que eu.

— Eu não sou orgulhoso, David!

— Ok, ok! Vamos correr então, não é?

David e eu corremos em volta de uma lagoa que havia no parque da capital.

“Será que Richard está namorando com aquele homem que estava ao lado dele?”. Fiquei pensando. O estilo do rapaz não tinha nada a ver com o estilo de Richard. “Ele pregava tanto a defesa de um estilo de vida mais sustentável sem seguir padrões de moda impostos pelo capitalismo, pelo consumismo. Agora está com um cara que parece ser completamente o oposto dele. Eu estava enganado achando que conhecia bem o Richard. Como pode ser tão tolo!”.

— Hey!

Olhei para trás e vi David gritando. Parei de correr e fiquei esperando.

— Se quer correr sozinho, é só falar — disse ele entre respirações exauridas.

— Cara, desculpa! Não percebi que estava correndo mais que você. Eu não sei onde estou com a cabeça.

— Eu acho que você sabe sim! — entreolhamo-nos. Fiquei quieto. — Vamos continuar? Mas vamos caminhando agora. Cansei. Ufa! — ele apoiou as mãos sobre os joelhos inclinando um pouco o corpo para frente. — Tem certeza de que você ficou muito tempo sem fazer atividade física? Você está com o condicionamento ótimo!

Após o exercício, ficamos conversando sobre outros assuntos. Ele me contou sobre uma danceteria que tinha ido.

— Veja! Uma loja de flores. — apontei para uma loja.

— O que tem ela?

— Talvez lá haja algum vaso de flor parecido com o que quebrei. Vou até lá.

— Juan, eu já disse para você não se preocupar. Minha mãe tem vários desses vasos, por isso, ela me deu um.

— Vamos!

Quando estávamos entrando na loja, Richard, acompanhado do cara estiloso, estava saindo. Foi um momento constrangedor. Queria ter continuado meu trajeto, mas fiquei parado. Frente a frente com o meu ex-namorado. Não dissemos nada. O que foi mais estranho ainda.

— Eu vou ver se tem o vaso de flor aqui dentro — disse David entrando na loja e me abandonando naquela situação.

— Carlinhos, pode ir. Eu encontro com você naquela sorveteria.

— Tudo bem. Até mais! — disse o cara estiloso saindo da loja.

Richard e eu ficamos ainda alguns segundos em silêncio observando um ao outro.

— Tudo bem, Juan?

— Sim, Richard. E você? — não entendi por que eu continuei parado.

— Tudo bem também. Você está de férias?

— Não. Eu voltei a morar aqui — também não entendi por que eu estava dando explicações de minha vida.

— Que notícia ótima!

“Falso! Como pode falar isso se já está com outro?”. Na verdade, eu queria, mas não disse isso, apenas pensei...

— Estou muito feliz por ter encontrado você! — Richard continuava a dizer. — Você me bloqueou de seus contatos. Eu precisava muito conversar com você. A gente pode conversar?

— Nós já não estamos fazendo isso agora, não é?

— Sim — ele percebeu minha frieza. — Queria muito saber como você está. Eu procurei por você, mas David e Emily não quiseram me dizer onde lhe encontrar. Imagino que tenha sido você quem pediu para eles não falarem.

— Sim, eu pedi — realmente eu havia feito isso.

— Por quê? Não precisava ser tão imaturo assim.

— Não é imaturidade. Eu queria esquecer você!

— Queria? Então, agora não quer mais?

Fiquei um tempo sem dizer nada e tentando não olhar nos olhos dele. Falei:

— Diga logo o que você quer, acho que o seu namorado está o esperando.

— Meu namorado?

— Sim. O cara que estava com você.

— Ele não é meu namorado — ficou rindo. — Ele é meu primo Carlos. Lembra-se de que eu trabalhei numa revista de uma agência de comunicação de um primo meu? Então! Era ele.

— Entendi — meu corpo relaxou, senti um alívio. — Estou com um pouco de pressa. Você pode ser mais objetivo sobre o que quer me falar?

— Ah, sim! Eu não gostaria de conversar com você dessa forma, neste lugar. Poderíamos marcar um encontro?

— Mas o que seria discutido nesse encontro?

— Eu não quero discutir nada. Eu preciso lhe dizer algo muito importante, mas que não pode ser dito assim, na rua, em qualquer lugar.

— Tudo bem. A gente pode marcar um encontro. Mas vou ver se conseguirei ir. Estou com muitos compromissos ultimamente.

— Ok. Você tem meus contatos. Assim que você me retornar, eu lhe respondo, e a gente combina um dia e um local para o nosso encontro. Até mais! — ele estendeu a mão para mim.

— Até — retribuí o cumprimento.

David já estava com um vaso na mão. Era diferente daquele que eu havia quebrado. Como ele fez questão de pagar, prometi o presentear de outra forma.

Meu amigo não aguentou a curiosidade e, quando caminhamos de volta para casa, logo me perguntou sobre a conversa com Richard. Contei sobre o encontro que ainda marcaríamos. Ele ficou feliz. Disse que sempre que falo sobre Richard transmito um “ar de apaixonado”. Por isso, ele acredita que esse encontro será a oportunidade para que Richard e eu voltemos a namorar. Mas acho que não será tão fácil assim.

— Deixe de ser orgulhoso! Você disse que esperaria ele lhe pedir perdão. Isso vai acontecer. Esse encontro provavelmente será para ele pedir que vocês voltem a namorar, e você parece que quer. Então, você irá voltar, certo?

— E se a Shanti quiser voltar com você?

— Não mude de assunto. Estamos falando sobre você. O meu orgulho é diferente do seu.

— Você é uma piada, David! Haha!

••

À noite, eu estava assistindo a um filme quando David, muito bem-vestido, saiu do quarto.

— Você vai ficar a noite toda em casa? — ele me perguntou.

— Sim. E aonde você vai tão arrumado assim?

— Vou naquela danceteria que lhe falei. Vamos?

— Danceteria? Não. Obrigado. Vou ficar aqui assistindo a uns filmes.

— Ok. Entendi. Você não quer ir, porque pode encontrar alguém interessante, e, se o Richard descobrir, a relação de vocês irá complicar ainda mais. Já entendi.

— Não é nada disso — taquei um travesseiro nele e comecei a rir.

— Tudo bem, senhor certinho! Respeito você — ele segurou o travesseiro que joguei. — Pode ficar em casa pensando se vai perdoar o Richard ou não — David levantou o travesseiro com as duas mãos segurando próximo ao próprio rosto. — Oh! Richard! Não sei se lhe perdoou ou não. Eu guardo mágoas, mas eu amo você! — ele ficou beijando o travesseiro. Eu simplesmente ignorei aquela cena boba. — Haha!

— Não achei graça nenhuma.

— Cuide-se! — jogou de volta o travesseiro.

Não queria, mas acabei fazendo o que David disse: fiquei pensando no encontro com Richard. A felicidade em saber que poderíamos voltar era evidente dentro de mim. Gostaria de não senti-la.

Depois de assistir a dois filmes consecutivos, lembrei-me de algo que poderia animar minha noite. Os treinamentos de telecinese! Comecei, como de costume, com os objetos da mesinha. Simultaneamente, levitei a poltrona onde eu estava sentado. Em seguida, como

se eu estivesse fazendo malabarismo, fiz o abajur, duas cadeiras, a mesinha de centro e, até mesmo, o carpete flutuarem. Aumentei o som da TV. Uma por uma e as pipocas que estavam em uma tigela do meu lado voavam até a minha boca. Retirei minha prótese e minha meia sem me encostar nelas.

— O que está acontecendo aqui?!

Meu coração parou, assim como meu corpo e todos os objetos que eu fazia flutuar. Ficamos imóveis no ar. Quando virei para ver de onde estavam vindo aquelas palavras, encontrei uma enorme reação de espanto na expressão e no olhar de David. Ele havia entrado no apartamento, mas eu não percebi, por causa do som da TV. Quando mal esperava, todos os objetos despencaram do ar. Como eu estava no “sofá voador”, também caí.

O barulho dos objetos caindo ao chão foi inevitável. David saiu correndo em direção à porta de saída. Do sofá, eu fiz o carpete voar bem rápido até ele e nele se enrolar. Antes que meu amigo gritasse, ou algo do tipo, minha meia serviu como mordaca.

Desequilibrando, preso daquela forma, David iria cair com o rosto voltado para o chão. Contudo, isso não aconteceu, pois eu evitei. Ele retornou à posição vertical enquanto eu me aproximava dele. A minha prótese voltou a ficar no lugar.

— David, eu... eu... como posso começar a falar? — tentava pensar no que dizer e como dizer. — Eu não sabia que você chegaria a essa hora. Eu não ouvi você chegar. Eu... eu...

Percebi que David estava ficando agitado. Parecia que queria falar algo.

— Eu vou tirar essa mordaca da sua boca, se você prometer não gritar — vagorosamente, retirei com minhas próprias mãos.

— Nunca mais coloque essa meia chulezenta na minha boca! — foram as primeiras palavras dele — Por favor, diga que eu cheguei embriagado da rua e que não vi você e os móveis do apartamento flutuarem. Ou então, diga que você comprou algum aparelho

de holograma e simulou tudo aquilo. Diga que você aprendeu alguma mágica de circo e que...

— Não. Não foi nada disso, David.

— O que foi tudo isso, então? Juan, o que é você?

— Eu não sei. Eu não conseguia fazer nada disso. Alguns meses atrás, eu comecei a sentir umas coisas estranhas. Tive sensações diferentes. Sensações em meu corpo que eu sabia que não eram comuns. Então, Matheus me revelou que também estava tendo essas sensações. Posteriormente, ele me contou sobre a telepatia dele. Foi então que percebi que não era só eu que estava sentindo coisas.

— Você contou isso para ele?

— Não. Não falei nada sobre mim. Apesar de que ele e Emily sempre desconfiaram.

— Emily?

— Sim, David. Nossa amiga Emily também possui capacidades paranormais. Ela conversa com animais e faz outras coisas.

— Todo mundo está desenvolvendo essas capacidades?

— Parece que não. Ao menos foi isso que os ETs me falaram.

— ETs? Cara, o que você anda consumindo? Por acaso, você está louco?

— Um louco pode fazer isso?

Fiz com que o tapete se desenrolasse. Com a força, David girou várias vezes até cair no chão. Fui levantá-lo, ele recusou a minha ajuda.

— Por favor, não tenha medo, David. Você não sabe como é ruim ser rejeitado por quem a gente gosta.

— Eu estou confuso. — dizia enquanto se levantava — Isso é impossível. Não pode ser real!

— Como eu dizia, encontrei com um ET, era a mesma ET do Discurso Mundial Fraternal.

Falei tudo para David. Conforme eu ia falando, ele ia ficando mais confortável. Ele se interessava por detalhes que, para mim, eram banais, como a cor das roupas dos ETs, a textura da

pele deles. Queria saber se a “lagartixa gigante” tinha orelhas. Ao final, ele questionou:

— Por que eu não consigo fazer essas mágicas?

— Talvez a sua mente ou o seu corpo não estão preparados.

— E por que você consegue? Você é tipo um mutante como nas histórias em quadrinhos?

— Talvez, David. A ET havia dito sobre um ser maligno. Ela disse que esse ser não quer que a Terra evolua. E, para isso, ele até está conseguindo mudar a força quântica do planeta.

— Deve ser por isso que ele trouxe esses monstros através de portais do mundo paralelo. E pode ser por isso também que algumas pessoas estão aflorando seus poderes.

— Sim, pode ser isso mesmo. Como você conseguiu absorver rápido as informações!

— Eu sou fã de ficção científica, meu caro!

— Haha! — rimos.

A campainha tocou. Era o vizinho do andar de baixo querendo saber o que havia provocado barulho. Expliquei que não era nada, apenas um móvel que havia caído. Eu continuei a conversar com David. Expliquei que esse ser maligno, que não tenho a mínima ideia de quem seja e de onde esteja, estava querendo impedir que eu cumprisse a minha missão. Missão que eu também não sabia qual era.

— Juan, precisamos derrotar esse ser!

— Precisamos?

— Sim, meu amigo! Agora eu também estou nessa aventura! Sou seu cúmplice. Vamos chamar a Emily e o Capitão Theo para formarmos uma liga! Que tal “A liga do quarteto fabuloso”?

— Haha! — eu ri. Depois continuei a falar sorridente. — Fico feliz, meu amigo, que não esteja com medo de mim. Achei que você se assustaria.

— Eu me assustei, Juan. Ainda estou um pouco assustado. Não é todos os dias que descobrimos que nosso melhor amigo é um mutante e tem superpoderes.

— Verdade.

— Faz de novo!

— Han?

— Faz os objetos voarem de novo! Eu quero ver se estou tendo alucinações ou não.

— Tudo bem. Sem problemas. Acho que posso começar arrumando essa bagunça.

Comecei colocando alguns objetos menores no lugar. David observava ainda com olhar perplexo. Depois foi a vez de móveis maiores. A mesa, a poltrona, o tapete. Estava quase tudo em seu devido lugar.

— Eu estou vendo e ainda assim não estou acreditando! Que outras coisas você consegue fazer? Você consegue voar? — David perguntou bem-empolgado.

— Eu? — respondi com outra pergunta. Então percebi que eu nunca havia pensado sobre aquilo. — Eu nunca tentei.

— Tente!

Fechei os olhos para me concentrar. Assim que eu abri, pensei que estaria encostando no teto. Mas não. Não movi nem um centímetro do chão.

— Não consegui — admiti.

— Tente fazer com que eu flutue! — pediu David.

Olhei fixamente para ele. Inclusive mexi minhas mãos num gesto para acompanhar o meu pensamento. Meu intuito era movimentar David até o teto também. Nada aconteceu. Balancei a cabeça negativamente para ele.

— O peixe! — disse apontando para o aquário. — Tente mover apenas o peixe do aquário.

— Isso vai ser fácil.

Não foi. Eu me concentrei e não consegui fazer com que um simples peixe saísse flutuando do aquário.

— Eu acho que entendi — disse David.

— O quê?

— Você só consegue mover objetos. Seres vivos não.

— Será? — fiquei pensativo. — Acho que você tem razão!

David ficou me fazendo várias perguntas. Também ficou pedindo para que eu fizesse outros objetos voarem. Concluímos também que eu só conseguia mover os objetos enquanto olhasse para eles, ou seja, eu precisava manter contato visual com o objeto para que a telecinese entrasse em ação.

Não demorou muito e David pediu para que eu arrumasse o quarto dele. Aos poucos, o David que eu conhecia estava de volta. Logo ele acostumou com a ideia de ter um “amigo mutante”, como ele me chamava.

O QUE ESTÁ ACHANDO DO LIVRO?

PARA SABER MAIS SOBRE O LIVRO, ACESSSE: WWW.GANDHOR.COM

COLABORE COM O AUTOR, FAÇA UM PIX. CHAVE PIX: helvister@yahoo.com.br

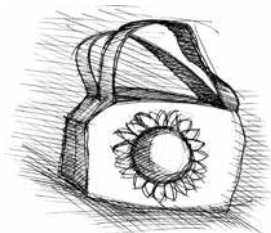
COMPARTILHE ESTE LIVRO COM TODOS OS SEUS CONTATOS!

SIGA O AUTOR: @helvister

MUITO OBRIGADO! ESPERO QUE SUA LEITURA SEJA FANTÁSTICA!

CAPÍTULO 23

Voilà



O dia seguinte era dia de trabalho. No café da manhã, David disse que agora não teria mais que se preocupar em lavar as louças. Fomos para o trabalho. Durante o caminho, ele me pediu para mover algumas coisas.

— Faz a bandeja daquele garçom ali no restaurante cair.

— David! Não. Isso, não.

— Qual é o problema? É só uma bandeja. Vai ser muito engraçado! Vamos!

Estávamos parados no semáforo. Eu olhei através da janela do carro de David e observei, do outro lado da calçada, um garçom recolhendo pratos e copos sujos de uma mesa. Então, a bandeja caiu. David deu várias gargalhadas. Foi engraçado, mas depois me arrependi de ter feito aquilo.

Durante o serviço, David e eu ficamos a pé em uma praça.

— Tomara que apareça um bandido! Estou doído para ver você acabar com ele!

— David, não sei se é correto usar meus poderes no trabalho.

— Deixa de ser bobo, Juan. É claro que é correto. Você deve usar seus poderes, principalmente, no trabalho, ora!

— E se alguém descobrir?

— E qual é o problema? Não tem mais pessoas como você?

— Sim. Mas a maioria não nos entenderia.

— Cara, eu queria estar no seu lugar!

— Não diga isso. Você não sabe o que está falando. Você não sabe como é se sentir diferente da maioria das pessoas. Eu, sim, sei muito bem o que é ser excluído, o que é se sentir estranho no seu próprio mundo.

— Não era bem isso que eu queria dizer. Apenas acho sensacional a ideia de ter poderes mágicos. É como se as histórias de super-heróis e outros seres fantásticos, que eu ouvia quando criança, sempre tivessem sido verdadeiras.

— Policiais! Policiais! — uma mulher aproximou-se de nós com uma expressão apavorada.

— O que foi, senhora? — perguntamos.

— Um ladrão! Acabou de roubar a minha bolsa!

— Para onde ele foi? Como ele era? — falei.

— Estava de boné preto, camisa cinza e bermuda preta. Ele foi naquela direção! — disse apontando para a direção que o bandido havia fugido.

— Nós vamos atrás dele. Fique aqui!

— Todos os meus documentos estavam na bolsa e meu salário também! Minha bolsa é roxa com uma flor colorida costurada à frente.

David e eu entramos na viatura. Anunciamos para todos os nossos colegas na rede rádio que um ladrão estava por ali perto e repassamos as informações. Percorremos a avenida por onde a senhora disse que o criminoso havia fugido.

— Olha ali! Acho que é ele! — disse David apontando para um sujeito com bolsa e com as mesmas características. Nossas suspeitas aumentaram quando o sujeito olhou para trás, viu a viatura e começou a correr. Ele entrou em uma calçada larga onde não passava carro. Parei a viatura. Descemos para persegui-lo.

— Ele está fugindo! — gritou David enquanto corríamos entre várias pessoas que circulavam no local.

O rapaz estava longe de nós, porém, ao alcance de meu olhar. Era o momento certo para usar minhas habilidades a favor de minha

profissão. Foi o que aconteceu. Uma lata de lixo à frente do suspeito e... *voilà!* O sujeito foi parar no chão. Ele ainda tentou escapar levantando rápido, mas não contava com outra lata de lixo cobrindo-lhe a cabeça.

— Viu como é útil o seu superpoder? — David falou enquanto estava sobre o sujeito algemando-o.

— Tem razão — respondi apanhando a bolsa roxa que o bandido deixara cair.

O bandido confessou o crime e foi encaminhado para uma delegacia. Recuperamos a bolsa daquela mulher que agradeceu imensamente a mim e a David. Finalizamos o turno satisfeitos por termos logrado êxito na ocorrência.

••

No dia consecutivo, David disse que precisaria ir sozinho com o carro dele, pois, após o trabalho, teria um encontro. Dessa forma, aconteceu. Fui com o meu próprio carro para o trabalho. Depois do turno, despedi-me dele e perguntei com quem ele iria sair, ele fez suspense e não me contou. Disse que era surpresa, mas logo eu iria saber.

No caminho de volta para casa, após o expediente, fiquei ouvindo música no carro. Assim que fiz uma curva em uma rua um pouco menos iluminada, percebi que estava acontecendo uma briga entre alguns garotos na calçada. Identifiquei, no meio deles, Sabrina, a adolescente do Projeto Alvorada! Estacionei o carro depressa. Saí dele e corri até a calçada onde acontecia o conflito. Puxei um garoto que iria dar um chute em outro.

— Posso saber qual é o motivo dessa briga?

— Não se meta, tio! — falou um garoto.

— Sou policial militar, se vocês continuarem a briga, eu vou conduzir todo mundo para a delegacia! — percebi que, de um lado, estavam três meninos e, do outro, um menino com a Sabrina.

— Isso não vai ficar assim! Eu pego vocês outra hora! — ameaçou um garoto que estava no trio.

— Guilherme, esquece! Eu não estou mais namorando você! — disse Sabrina. Ela estava de mãos dadas com o garoto que estava ao lado dela.

— Chega de discussão, vão todos para as suas casas! — fiquei falando isso estando entre os dois grupos para evitar atrito.

— Vamos embora! Outro dia a gente pega ele — disse Guilherme para os colegas.

Em seguida, ele e os outros dois garotos que o acompanhavam saíram. Depois que os observei ir, voltei-me para o casal, foi quando notei que o rapaz que estava com Sabrina era Lukas. O mesmo Lukas do assalto ao ônibus.

— Tio Juan, que bom que você apareceu! — Sabrina me abraçou.

— Sabrina, o que você está fazendo aqui? — perguntei enquanto a abraçava.

— Estava passeando com meu namorado, então, apareceu o meu ex e começou a briga — falou a garota depois de me abraçar.

— Eu não acredito que você está namorando com esse cara!

— Qual é o problema, tio? — perguntou Lukas.

— Ele mudou, tio Juan! O Alvorada o fez mudar! — Sabrina disse.

— Verdade, tio! Eu não estou mais no mundo do crime.

— E o que vocês estão fazendo na rua e neste bairro?

— Fomos ao cinema — contou Lukas.

— E com qual dinheiro você pagou os ingressos para o cinema? — Agora estou trabalhando em uma padaria. Dei um jeito em minha vida, tio! — falou o garoto.

— Haha! — ri ironicamente. — Quanta mentira!

— É verdade, tio Juan! Acredite! Eu falei para Lukas que só namoraria com ele se ele não voltasse a cometer crimes.

— Por isso, decidi procurar emprego e voltar a estudar.

— Você voltou a estudar também?!

— Sim, voltei. Estudo pela manhã e trabalho à tarde.
— Estamos estudando na mesma escola, tio Juan.
— Espero que os estudos possam fazer você melhorar como pessoa! — alertei Lukas. — Aonde vocês estão indo?
— Vou levar Sabrina até a casa dela.
— Entrem no carro, eu levo vocês. Mas antes eu preciso revisar você. Você está armado? — coloquei Lukas de costas, pus as mãos dele sobre a própria cabeça e comecei a revistá-lo.
— O que é isso, tio? Não mexo mais com arma. Eu já disse, mudei de vida.
— Só para ter certeza — falei terminando. — Podem entrar no carro.
Eles me obedeceram e se sentaram no banco de trás.
Eu não parava de observar, pelo retrovisor, o interior do veículo. Conversamos um pouco. Perguntei à Sabrina como estava o Alvorada e a Dona Emma, ela contou que estava tudo bem e que algumas crianças ainda perguntavam por mim. Falei que, em breve, eu iria ajudar no projeto com mais frequência.
Deixei Sabrina na porta da casa dela. Lukas quis sair do carro, então, eu disse que o levaria em casa também. Ele disse que não precisava, mas eu insisti. Sabrina também pediu para ele aceitar, pois já estava tarde. Só então ele concordou.
— Quer dizer que você e Sabrina estão apaixonados — fui conversando pelo caminho.
— Sim.
— Escute aqui! Se você fizer algum mal àquela menina, você não sabe do que sou capaz! Não pense você que eu...
— Tio! Relaxa — falou Lukas antes que eu concluísse meu raciocínio — Eu realmente mudei. Sabrina e o Alvorada transformaram a minha vida. Ela me contou como o senhor e o Projeto foram importantes para a vida dela e para muitas pessoas. Eu acabei entrando nesse mundo da criminalidade por causa de um chefe

lá da minha comunidade. Ele ajuda a gente, mas também faz todo mundo ficar refém dele.

— Ajuda vocês por meio do crime? Que bela ajuda...
— Ele até se parece com o senhor, tio. Fisicamente, claro.
— Parecece comigo?! Qual é o nome dele?
— Não sei se posso falar...
— Por acaso, ele se chama Jeferson?
— Sim! É ele mesmo! O senhor o conhece?
— Sim. Muito.
— Deve conhecer mesmo. Acho que todos os policiais o conhecem. Ele era tio do meu colega que assaltou o ônibus comigo.
— Então, você mora no Morro do Furgão.
— Isso mesmo.
Levei o garoto até o bairro. Estacionei o carro no início de um morro.
— Vou deixá-lo aqui no começo da comunidade.
— Está ótimo, tio. Eu iria pedir o senhor para me deixar aqui mesmo.
— Espere — pedi Lukas antes que ele saísse por completo do carro — Lukas, cuidado com o Jeferson. Não o deixe saber que você está no Alvorada. Ele pode tentar tirá-lo de lá. E não aceite nada que venha dele, seja objeto, seja proposta. Ele nunca vai lhe oferecer nada de bom e nada de graça.
— O senhor é o irmão mais novo dele que saiu do Morro do Furgão, não é?
Afirmi com a cabeça. O garoto continuou.
— Pode deixar, tio. Também não direi que me encontrei com o senhor.
Assim que Lukas saiu do carro, fui embora. Ele realmente parecia ter mudado. Não só pela postura, mas também pelo pensamento, pelas ações. Até mesmo a energia que ele transmitia era outra. Às vezes, tudo o que alguém precisa é apenas de uma oportunidade. E, claro, força de vontade para querer mudar também!

O QUE ESTÁ ACHANDO DO LIVRO?

DEIXE SEU COMENTÁRIO NO SITE: GANDHOR.COM

COLABORE COM O AUTOR, FAÇA UM PIX. CHAVE PIX: helvister@yahoo.com.br

ABAIXO-ASSINADO PARA O LIVRO SE TORNAR UMA SÉRIE OU FILME: CHNG.IT/RQXRVBZSHS

COMPARTILHE ESTE LIVRO COM TODOS OS SEUS CONTATOS!

SIGA O AUTOR: [@helvister](https://www.instagram.com/helvister)

MUITO OBRIGADO E ESPERO QUE GOSTE DESTA OBRA FANTÁSTICA E EMOCIONANTE!

WWW.GANDHOR.COM

CAPÍTULO 24

Zigue-zague



Passados alguns dias, finalmente Richard e eu encontramos uma data para o nosso encontro. Iríamos a uma pizzaria à noite.

Nesse dia, David e eu havíamos pegado o turno da manhã para trabalhar. Na viatura, percebi que David estava assoviando.

— Você está diferente! — falei.

— Eu?!

— Sim. Você está mais alegre.

— Eu sempre sou alegre.

— Eu sei, mas você está mais. Conte aí. Quem é que está deixando você assim?

— Acho que vou ter que lhe contar, não é? Você iria acabar descobrindo mesmo. Ok, vou contar! Eu e a Shanti reatamos o namoro!

— Que notícia excelente! — falei sorrindo. — E como isso aconteceu?

— Bom, eu não queria voltar, pois, como eu lhe disse, sou um homem difícil. Mas, observando o seu orgulho, percebi que isso não é legal.

— Ha! — eu dirigia enquanto falava. — Que bom que meu “orgulho” serviu para alguma coisa.

— Sim. Você guarda mágoa, rancor, não perdoa, é orgulhoso...

— Tudo bem, já entendi, já entendi. Pode voltar à sua história — não achei legal aquela brincadeira de ficar apontando defeitos em mim. Defeitos que eu nem tinha. Talvez, só um pouco.

— Ok. Bom, naquela noite que fui à danceteria, ela estava lá. Eu fingi que não a vi e ela fez o mesmo. Mas quando eu fui ao...

— Atenção! — era uma voz chamando na rede-rádio da viatura. — Atenção toda a rede! Está acontecendo um assalto ao banco em frente à Praça Boa Esperança. Pedimos a todas as guarnições dessa área que se desloquem até o local. Precisamos do apoio de todas as guarnições. Os ladrões estão armados e estão com reféns!

David e eu viramos um para o outro. Era a nossa área. Eu acelerei a viatura. Recebendo mais informações pela rede-rádio, ficamos sabendo que já havia policiais no local. Quando chegamos, descemos depressa da viatura e nos deparamos com várias outras, seis aproximadamente, posicionadas diante do banco com grandes vidraças, através das quais era possível visualizar os ladrões encapuzados no interior. Contei três. Cerca de vinte pessoas, à frente dos bandidos, estavam em pé de braços dados, uma ao lado da outra, servindo de “cordão humano”. Eram os reféns.

Um dos policiais que estava em frente ao banco tentava negociar com os assaltantes por meio de um alto-falante. David e eu identificamos quem estava coordenando a ocorrência, era uma Capitão, o nome dela era Brenda.

— Senhora, Sargento David e Sargento Juan a seu dispor. Qual é a situação? — perguntou David quando nos aproximamos atrás das viaturas que serviam como proteção.

— Estamos tentando negociar com os criminosos. Eles fizeram todos os clientes e funcionários de reféns. Montaram um cordão humano com as vítimas no saguão do banco. Estão ameaçando matar todos se não os deixarmos ir embora com o dinheiro que eles já pegaram. E, para piorar, ainda estão exigindo mais!

A Capitão Brenda pediu para que eu e David ficássemos na retaguarda do prédio do banco, caso os bandidos resolvessem sair por lá. Voltamos para a nossa viatura para acatar a ordem dada.

Do outro lado do prédio, não havia saída. Existia apenas um beco com uma moto estacionada entre o prédio do banco e outro edifício.

— Juan, esta é sua grande chance de usar mais uma vez o seu poder para pegarmos os bandidos e salvarmos aquelas pessoas!

— Eu sei, David. Mas preciso manter contato visual, lembra-se?

Olhei para o alto. O prédio vizinho ao do banco tinha a mesma altura.

— Tive uma ideia! — falei.

Entramos no prédio ao lado. Subimos até o terraço. Chegamos até o parapeito do lado que fazia divisa com o edifício onde acontecia o assalto. Eram aproximadamente dezessete andares. Cerca de seis metros separavam um prédio de outro.

— Acho que consigo pular!

— Você é louco?! Não dá para saltar isso tudo!

— Eu sinto que posso!

— E a sua prótese?

— O máximo que pode acontecer é ela sair com o impacto. Mas ela está bem firme — conferi apalpando. — Além disso, ela foi feita para atividades físicas. Caso eu não consiga pular, eu terei ajuda daquela corda — apontei para uma corda que havia no local.

A ideia era amarrar a corda em um cano de ferro no terraço onde estávamos. Na outra extremidade da corda, eu prenderia minha cintura. Caso eu não conseguisse pular, aquela ferramenta seria a minha segurança.

Colocamos a ideia em prática. Conferimos se a corda tinha tamanho suficiente para chegar até o outro prédio.

Tomei distância, saltei. Pisei sobre a beirada do parapeito para tomar impulso. No ar, consegui até dar uma olhada rápida para baixo. A moto no beco era só um pontinho. Sob os meus pés, senti o chão do outro terraço. Meu pulo foi tão suave que me deu vontade de pular mais. Porém, eu não estava ali para me divertir. Não forcei a perna com a prótese, por isso, ela nem se deslocou. David comemorava meu pulo. Por gestos, pedi para ele fazer silêncio, pois era preciso não chamar a atenção.

— Eu vou descer até lá — eu gesticulava para que o meu amigo me compreendesse.

— Ok! Cuidado! — David fez sinais.

Retirei a corda de minha cintura. Acessei os andares inferiores pelo interior do prédio. Saquei minha arma. Eu não sabia qual era o perigo que me aguardava. Tomei cuidado com as câmeras de vigilância. Caso os bandidos tivessem acesso a elas, eles poderiam me ver. Para evitar isso, eu utilizei a telecinese para mudar a direção das câmeras de modo a não captarem minha imagem.

Não usei elevador, pois isso poderia denunciar minha posição. Desci vários andares pelas escadas, atento a cada canto que eu adentrava.

Cheguei até uma porta. Era possível ouvir vozes do outro lado. Com o poder do meu pensamento, a porta se abriu lentamente.

— Eu já lhe disse várias vezes: todo o dinheiro está empacotado!

— Que bom! A Malaika quer que a gente leve tudo.

— Essa grana toda para mim já está suficiente. Não entendo por que ela quer mais.

Dei alguns passos, adentrando o que parecia ser um salão. Era grande e dividido em dois andares. Eu estava no segundo. Como um mezanino, corredores de metal ficavam em volta das paredes. Ao centro daquele “O”, no nível abaixo, estavam dois homens responsáveis pelas vozes que eu ouvia. Caminhei lentamente no corredor de lata. Abaixei quando vi um dos homens caminhar mais para o centro do salão, no campo da minha visão.

As luminárias do lugar se penduravam do teto sob compridas correntes, formando belos pendentês de prata. Vários sacos estavam ao centro do salão. Um homem era negro, o outro branco. Ambos, carecas. O branco havia acabado de colocar um pacote perto de uma pilha de embrulhos. Provavelmente, eram os sacos de dinheiro.

Fiquei abaixado, porém aproximei minha cabeça até a beirada do corredor para observá-los. Se eu fosse fazer algo, eles precisariam estar sob o alcance de minha visão. Eu não estava com muita ideia.

Coloquei em prática a primeira coisa que me veio à cabeça. Entrelacei os cadarços dos tênis do homem branco. Ele deu um passo e caiu. O outro colega foi ver o que havia acontecido.

— Eu não sei! Meus cadarços ficaram amarrados, então, caí.

— Que burro! Por que você fez isso?

— Não fui eu, idiota! Ajude-me a levantar!

O cara negro puxou o colega pelo braço. Logo os dois caíram ao chão. Eu também entrelacei os cadarços do sujeito negro.

Peguei minha algema. Coloquei sobre a palma de minha mão. Ela começou a flutuar. Meu objetivo era algemar o pulso de um bandido ao do outro. Assim, ficaria mais fácil abordá-los em seguida.

— Que barulho é esse aqui? — disse uma voz feminina entrando no salão. Eu precisei deixar as algemas paradas, flutuando no ar, para que o movimento delas não despertasse a atenção de ninguém.

— Malaika, esse idiota aqui que começou com essa brincadeira tola! — disse o negro tentando se levantar, mas caindo em seguida.

— Eu? Com certeza, é você por trás disso! — disse o outro bandido que também tentou se levantar e caiu em seguida.

— Quietos! Não quero saber mais dessas besteiras! — a dona da frase era uma mulher negra, muito bonita, com os cabelos grandes, ondulados, castanho-claros. Ela passou por baixo das algemas que estavam a cerca de cinco metros do chão. — A Lu, a Melissa e eu estamos no saguão tentando negociar com os policiais.

— Ok, Malaika. Não vamos mais fazer barulho — respondeu o bandido branco, o negro também concordou.

— Ótimo! — falou Malaika.

Quando ela deu as costas para retornar ao saguão onde estavam os reféns, ela parou e disse:

— Pensou que eu não fosse notar a sua presença?

— O quê? — perguntou o bandido branco.

— Você não, idiota!

— Eu? — disse o bandido negro.

— Não! Imbecil!

“Não é possível! Será que...”. Antes que eu pudesse pensar, Malaika se virou, trouxe as algemas até a sua mão, levantou voo e pousou sobre o corredor onde eu estava. Isso mesmo! Ela havia flutuado!

— Vejam só! Um soldadinho! — disse ela.

Apontei a arma na direção dela. Minha arma saiu de minhas mãos tão rápido que não sei onde ela foi parar. Levantei. A mulher continuou:

— Ora, ora, ora! Se não temos um coleguinha com poderes mágicos aqui também.

— Foi ele! Ele quem amarrou os nossos cadarços! — um dos bandidos disse.

Olhei para o chão do corredor de metal. Existiam algumas divisões, como se as armações fossem encaixadas.

— Quem é você, intruso?

— Sou um policial militar! E você está presa em nome da lei!

Fiz com que uma parte do chão entre nós se levantasse para acertá-la, como se fosse uma tampa se abrindo. Todavia, a mulher, também com a mente, impediu a ação; desviou a estrutura para longe, jogando-a no andar de baixo. Ficou um buraco entre nós.

— Acho que você não deveria ter feito isso — disse Malaika, como se nada tivesse acontecido.

Com uma expressão severa, a mulher levitou. Ela começou a erguer os braços com as palmas da mão e os dedos para cima. Parecia que estava invocando algo. E estava!

— Adoro quando ela faz essas coisas!

— Eu também! — diziam os bandidos.

Malaika “invocou” a parte da estrutura na qual eu me encontrava. Com o corredor tremendo, notei que era preciso sair dali o mais rápido possível. Corri na direção da porta por onde entrei. Aquele trecho do corredor em que eu estava se despreendeu da parede. Eu e a estrutura fomos arremessados ao chão.

Eu não me machuquei. Levantei assim que pude. No entanto, senti que eu não conseguia sair do lugar. Corria. Mas não consegui avançar um palmo. Não senti o solo. Eu estava flutuando.

Malaika fez com que as correntes dos pendentos se enrolassem nos meus braços. Cada um ficou preso por um pendente diferente, e eu fiquei próximo ao teto, pendurado de braços abertos. A mulher se aproximou de mim, levitando como um fantasma.

— Como você consegue flutuar? — perguntei.

— Quando eu percebi que eu estava adquirindo poderes, eu apenas os desenvolvi.

— Por que você está fazendo isso? Por que está usando seus poderes para cometer crime?

— Eu uso meus poderes da forma que eu quiser!

— Mas por que usá-los assim?

— Já sofri muito nessa vida. Eu só quero colher os frutos.

— Frutos de um trabalho que não é seu?

— Você não sabe nada sobre mim!

— Mesmo que você use esse dinheiro para ajudar, essa não é uma forma digna!

— Não venha com sermão, soldadinho. Você já foi corrompido pelo Estado! Um negro com poderes como o seu não deveria se submeter a cumprir ordens. Venha comigo! Juntos podemos fazer coisas grandiosas, conquistar o mundo!

— E depois? Dominar as pessoas? Colocarmo-nos numa posição superior? Não acho que é assim que tornaremos este mundo melhor!

— Que pena você pensar assim — Malaika fez minha arma voltar à cena. Ela pegou a pistola, apontou para meu rosto. — Ainda dá tempo de mudar de lado. Você quer?

— Não existem lados quando o objetivo é o mesmo. No caso, o de melhorar o mundo. No entanto, você não parece querer melhorar o mundo, não é mesmo?

— Vou entender isso como um não. Adeus!

Malaika disparou. Fechei os olhos. Pensei que eu estava morto. Quando abri minhas pálpebras, a bala estava parada no ar a poucos centímetros de atingir minha testa. Depois caiu ao chão.

— Pense bem. Você tem certeza? — ela me perguntou novamente.

— Malaika! Malaika! — disse uma mulher jovem entrando no salão.

— O que foi? — falou Malaika impaciente.

— Quem é esse aí? — a mulher me viu pendurado.

— Diga logo o que foi! — berrou Malaika.

— Os policiais trouxeram reforço.

— Ok. Agora volte para a recepção e não deixe a Lucy sozinha com os reféns novamente — respondeu ainda flutuando perto de mim.

— Tudo bem!

A mulher não conseguiu voltar para a recepção, pois eu fechei a porta. Antes que Malaika pudesse responder à minha ação, as vidraças daquele salão foram quebradas. Isso porque várias granadas com gases e fumaça foram arremessadas. Em poucos segundos, todo o lugar estava tomado por uma fumaça branca e tóxica. Malaika desapareceu. Ouvei os gritos dos outros bandidos chamando por ela.

Consegui me livrar das correntes. Caí no chão. Corri na direção do som: eu ouvia vozes e barulhos de objetos sendo derrubados. Saí da fumaça.

Nos fundos do local, um buraco havia sido feito em uma parede. Os dois bandidos conseguiram fugir por ele. Malaika deve ter aberto. Encontrei aquela outra mulher jovem tentando escapar. Empurrei-a para dentro de um banheiro. Com o pensamento, movi um grande armário para impedir que ela saísse de lá. Fui atrás dos outros bandidos.

Passando pelo grande buraco, cheguei ao beco entre os dois prédios. A moto não estava mais lá. Os criminosos deveriam ter fugido nela.

— Juan! — disse David aparecendo com a viatura de ré. — Dois indivíduos suspeitos acabaram de sair em uma moto!

— Sim! Eles estavam no assalto! Vamos atrás deles!

— Entre!

— Eu dirijo! — falei. David pulou para o banco ao lado. — Eu vou dirigir no modo antigravidade!

— Como assim?! — David olhou para mim, mas eu fiquei sério olhando apenas à frente.

Sentimos a viatura se mover para cima.

— Que demais! — meu amigo ficou empolgado.

O carro ficou flutuando. As rodas do veículo rodavam em alta velocidade, pois eu estava acelerando. Mas ainda não havíamos saído do lugar.

— Segure firme! — falei.

— Acelera, meu irmão! Vamos pegar esses bandidos!!! — incentivava-me David.

Após um estampido, o carro voou para frente! Saímos do beco velozmente!

A viatura não voava alto, pois a intenção era fazer com que todos pensassem que ela tocava o chão. Ela estava a poucos centímetros do solo. Quem visse não iria perceber a mágica.

Eu estava muito concentrado em minhas ações, mesmo que eu estivesse confiante dos meus poderes, era necessário bastante cautela. Grande quantidade de pedestres, ciclistas, motociclistas, carros e demais veículos transitavam naquela tarde.

— Veja! Logo à frente! Os bandidos! — apontou David.

Consegui visualizar os assaltantes. Era complicado observá-los e prestar atenção no trânsito. Malaika deveria ter voado para longe. Somente os dois carecas estavam prestes a serem capturados. Eles percorriam as ruas e as avenidas, fazendo zigue-zagues de forma imprudente. Quase os alcançamos em uma curva acentuada. Fiz uma manobra nessa curva com a minha ajuda paranormal. Continuamos em linha reta.

Dez metros separavam o nosso parachoque dianteiro do bandido garupeiro. A rua que seguíamos desembocou em uma avenida larga com muitos veículos em movimento. As mesmas manobras para ultrapassar carro por carro feitas pela moto também foram feitas por nossa viatura.

No vai e vem acelerado, era possível perceber a felicidade de David com toda aquela adrenalina.

— Vamos, Juan! Acelera! Não vamos deixá-los escapar!

— Sim, senhor! — eu virei bruscamente a viatura para o acostamento da pista. Estava livre. Era por onde a moto estava seguindo. Notei que adiante havia um semáforo. Iria ficar vermelho. A moto não demonstrava que iria parar. Quando o vermelho do semáforo surgiu, os bandidos atravessaram a rua com mais velocidade. Percebi gestos de comemoração por parte deles. No entanto, logo cessaram quando olharam para trás e notaram que eu também não parei. Com minhas habilidades, interrompi o movimento dos carros que cruzariam o nosso caminho. Seguimos a direção pelo centro sem nenhum obstáculo.

— Que loucura, meu irmão! — David suspirou de alívio e de emoção. — Meu coração foi parar na boca! Haha! — Ele disse vigiando atrás, observando os veículos que eu consegui parar.

Na moto, os bandidos seguiam velozmente o caminho. A viatura conseguia se aproximar. O condutor mudou o trajeto pilotando na calçada. Alguns pedestres quase foram atropelados. A viatura e a moto ficaram praticamente paralelas. David se postou próximo à janela com a arma em punho.

— Parem o veículo! Parem o veículo! — gritava ele.

O garupeiro fez um movimento suspeito para retirar algo de dentro de sua jaqueta de couro preta. Desconfiei e agi. Retirei dele a arma que ele iria utilizar. Trouxe-a para dentro da viatura. Era a minha arma! Provavelmente, Malaika deixou a pistola cair antes de fugir.

Por eu ter prestado atenção na arma, o veículo que eu dirigia foi em direção a uma carreta que fazia curva à nossa frente. Para

não colidir, deixei a viatura inclinada, equilibrando-se apenas em duas rodas: a dianteira e a traseira. Passamos rente à cabine da carreta. Estabilizei a viatura e seguimos a perseguição. Consegui ouvir gritos de espanto dos transeuntes.

— Essa foi por pouco! — exclamou David.

Continuamos a perseguição. Enxerguei um hidrante logo à frente. Tive a ideia de acioná-lo com a mente assim que os bandidos passassem ao seu lado. Aguardei um pouco. Mais um pouco. E um pouco mais. Era o momento!

Estourei o registro que estava voltado para o lado dos bandidos quando passaram com a moto. O jato de água os derrubou. Vi a moto deslizar. David e eu comemoramos. Precisaríamos desembarcar para capturar os fugitivos. “Pousei” a viatura no solo.

No entanto, eu freei a viatura onde a pista já estava encharcada com a água do hidrante. Aconteceu o efeito de aquaplanagem. A viatura girou umas duas vezes em seu próprio eixo. Na última, percebi uma mulher com uma criança na calçada. Seriam atingidas. Impedi que o giro da viatura continuasse. Depois que parei, observei a expressão assustada da mulher. Ela ficou estática segurando uma menina pelo braço.

— Vocês estão bem? — perguntei através da janela do carro.

— Sim. Nossa! Que susto! — falou a mulher.

— Juan! Os bandidos! Eles estão fugindo novamente!

Foi o que aconteceu. Eles levantaram a moto, montaram sobre ela e saíram.

Flutuei a viatura mais uma vez e fomos atrás. Estávamos a poucos metros de distância dos nossos alvos. Pensei em várias coisas para fazer com eles, agora que estavam sob minha atenção. Demorei demais. Quando o parachoque da viatura se aproximou, o bandido que conduzia a moto empinou a roda traseira. Ele conseguiu girar a moto em quase 180 graus, seguindo na direção oposta à nossa. Olhei pelo retrovisor e eles adentraram em outra via.

— Perdemos os bandidos de novo! Eles conseguiram escapar!
— Não! Não conseguiram! — falei para David. A viatura também deu meia-volta e continuou a corrida.

— Mais uma virada dessas e eu vomito meu café da manhã!

— Segure firme, David!

— Juan, estamos no sentido oposto da via! Cuidado com os carros!

Eu precisei desviar dos carros que vinham em sentido contrário. Logo adiante, notei que estavam vindo muitos automóveis de uma vez. Não havia espaço para desviar deles. Mas continuei adiante.

— Juan! — disse David notadamente preocupado enquanto os veículos se aproximavam. — Juan, a gente vai bater! — advertiu-me novamente. Eu continuava a acelerar a viatura. — Juan!!! Ahhh! Vou tapar os olhos! — Se David fechou mesmo os olhos, ele não pôde ver que eu levantei o carro que vinha em nossa direção de forma a permitir a nossa passagem por baixo dele. Depois, coloquei o veículo novamente ao chão.

— O que aconteceu?

— Já abriu os olhos? Então veja por si mesmo.

Mais um carro que vinha na direção oposta subiu e voou sobre nós.

— As pessoas estão vendo isso! E agora? — perguntou David.

— Agora vou virar à esquerda, logo ali, onde os bandidos entraram!

Precisei frear.

— Por que você parou?! — David olhou para a rua onde os bandidos foram. Não era uma rua, era um beco estreito. — A viatura não vai passar por aí.

— A não ser que ela passe de outro jeito.

Meu companheiro arregalou os olhos, pareceu ter ficado com medo do que eu poderia fazer. Talvez por ter percebido que eu estava entusiasmado com os meus poderes. E eu realmente estava.

Naquele beco comprido e estreito, os bandidos ouviam o barulho da viatura se aproximar. Olharam para trás. Ao certo, não encontraram nada. De fato, não havia nada atrás deles. Até que o garupeiro olhou para cima. Foi quando ele e o companheiro tomaram o maior susto. Eu havia colocado a viatura para percorrer em uma das paredes do prédio que ladeava o beco!

Apontei a arma para eles determinando a parada do veículo. Eu só não contava com a pronta obediência deles. Então a viatura continuou a seguir caminho no modo vertical. Acelerei. Fiz uma virada na parede como se estivesse no asfalto. As marcas de pneus ficaram nos tijolos. Logo, voltei para perseguir os bandidos. Eles haviam parado, mas fizeram isso para continuar a fuga no sentido inverso.

— Tem uma pessoa na janela à frente!

David me alertou para uma cabeça que havia apontado para fora de uma janela. A pessoa não recuou, olhava para outra direção. Fiz zigue-zague enquanto tentava decidir em qual direção desviar para não atingir a pessoa. Com os movimentos, a porta do lado de David se abriu deixando o meu amigo cair. Ele conseguiu se segurar pelo descanso de braço, mas parecia que estava escorregando. Eu não sabia se olhava para David ou se olhava para frente para não atropelar a pessoa na janela que, naquele momento, mirou a nossa direção.

A pessoa deu um berro, mas não foi atropelada. O carro passou por cima da janela de forma que as rodas não atingiram a sua cabeça. Voltei a minha atenção para David, que recusou a minha ajuda quando estiquei meu braço.

— Não! Continue assim, eu vou tentar pular sobre os bandidos! Acatei as ordens do meu comandante de guarnição.

A viatura estava alcançando a moto que seguia em fuga. Quando passamos pelos bandidos, David pulou sobre eles. Parei a viatura antes de o beco acabar e deixei que ela se encostasse ao chão, mesmo estando inclinada. Tive um pouco de dificuldade para sair do veículo. Fui ajudar meu amigo a deter os bandidos. Conseguimos capturá-los!

Não foi fácil justificar para os meus superiores sobre como a viatura foi parar tombada em um beco estreito.

Ao final, todos os envolvidos no assalto ao banco foram capturados, exceto Malaika.

O QUE ESTÁ ACHANDO DO LIVRO?

DEIXE SEU COMENTÁRIO NO SITE: GANDHOR.COM

COLABORE COM O AUTOR, FAÇA UM PIX. CHAVE PIX: helvister@yahoo.com.br

ABAIXO-ASSINADO PARA O LIVRO SE TORNAR UMA SÉRIE OU FILME: CHNG.IT/RQXRVBZSHS

COMPARTILHE ESTE LIVRO COM TODOS OS SEUS CONTATOS!

SIGA O AUTOR: [@helvister](https://www.instagram.com/helvister)

MUITO OBRIGADO E ESPERO QUE GOSTE DESTA OBRA FANTÁSTICA E EMOCIONANTE!

WWW.GANDHOR.COM

CAPÍTULO 25

Margherita



Encontrei com Capitão Theo no batalhão. Pedi para conversar com ele em particular. Confessei tudo. relatei sobre o meu encontro com os ETs, sobre o meu poder e também sobre as alterações que tive durante o turno. Ele ouviu atentamente palavra por palavra. Depois que desabafei, ele disse:

- Sobre a ocorrência de hoje, você acha que agiu corretamente?
- Os bandidos estavam fugindo, eu precisava fazer algo.
- Colocando em risco a vida de várias pessoas, inclusive a do seu parceiro de guarnição.
- Tive cautela.
- Espero que sim. Verificarei o que pode ser feito, mas me parece que você se descontrolou com o seu poder. Você já ouviu aquela frase sobre quem tem grandes poderes, não já?
- Sim. As responsabilidades aumentam.
- Exatamente! Não posso garantir que os seus feitos passem despercebidos por todos. Vamos torcer para que ninguém tenha filmado e publicado.
- Eu sinto muito, senhor.
- Não lamente, Juan, trabalhe! Trabalhe para evoluir e não para agir com irresponsabilidade.
- Sim, senhor — abaixei a cabeça. — Posso me retirar?
- Ainda não. Preciso lhe falar algo.

— Ok.

— Emily disse que contou para você que eu sou médium. Não é mesmo?

— Sim, senhor. Ela disse que o senhor conversa com pessoas mortas.

— Não. Eu vejo, ouço e sinto espíritos. Esses espíritos podem estar encarnados ou desencarnados.

— Como assim?

— Quando o espírito está animando um corpo, dizemos que ele está encarnado. Quando o corpo perece, o espírito fica desencarnado. Há momentos que uma pessoa, mesmo estando viva, consegue se desprender do corpo. Isso acontece, principalmente, quando dormimos. Os “fios da vida” que ligam o corpo ao espírito ficam mais, digamos, soltos quando adormecemos. A isso chamamos desdobramento. Espíritos mais evoluídos conseguem fazer desdobramentos de forma consciente. Também é possível que um médium possa incorporar espíritos que não seja o dele próprio.

— Entendi.

— Você deve estar se perguntando por que eu estou lhe dizendo essas coisas.

— Sim. — admiti.

— Eu consigo incorporar espíritos. Há alguns meses, um espírito muito evoluído me visitou. Ele me passou muitas informações, inclusive sobre você.

— Sobre mim?

— Sim. Esse espírito é da ET Dheareka.

— Não pode ser! — espantei. — Ela está morta?

— Não. Ela consegue fazer desdobramento de forma consciente, mesmo estando encarnada.

— Eu preciso conversar com ela. Muitas questões ainda não foram respondidas! Quando o senhor vai encontrá-la novamente?

— Eu não a encontro desde o Discurso Mundial Fraterno.

Agora que você me falou sobre o ser maligno, eu desconfio que ela esteja evitando contato para que ninguém descubra. Inclusive acho que não vou informar ao Setor ST sobre os seus poderes.

— Mas por que o senhor teria que fazer isso?

— Faz parte de nosso protocolo denunciar pessoas e eventos paranormais/sobrenaturais. Porém, desconfio que existem pessoas no Setor ST que não têm boas intenções.

— Capitão, por favor, sobre a Dheareka, se o senhor entrar em contato com ela novamente, avise-me!

— Claro. Tenha certeza que sim. Agora pode ir.

Saí.

David estava me aguardando do lado de fora da sala do Capitão Theo. Voltamos para a casa. No caminho, me recordei de algo:

— Meu Deus!

— O que foi, Juan?

— Richard! Tenho um encontro com ele.

— Ainda hoje? Não é melhor adiar?

— O problema é que custamos a encontrar uma data. Não posso cancelar.

— Puxa! Logo hoje que você deve estar cansado.

— Por incrível que pareça, não estou tão cansado; ao menos fisicamente. Acho que será bom sair um pouco. Acho que vou ao encontro mesmo assim.

..

A caminho da pizzaria onde seria o encontro, fiquei rememorando a ocorrência. Foi uma loucura tudo aquilo. Tentei não pensar. Eu precisava focar na conversa com Richard. Desconfiava sobre o que ele queria me falar. Realmente precisávamos resolver a nossa situação.

Cheguei à pizzaria. A decoração tinha adereços e cores da Itália. Para minha surpresa, Richard já estava sentado em uma mesa

ao fundo. O *hostess* do estabelecimento perguntou se eu queria uma mesa. Informei que tinha uma reserva e que minha companhia já havia chegado. Educadamente, dispensei os seus serviços.

Era possível ver o brilho nos olhos de Richard assim que entrei. Ele estava bem-vestido. Nada daquelas camisas largas e calça jeans. Nada daquele cabelo bagunçado. Ele usava uma camisa social branca de mangas compridas, calça marrom escuro e sapatos de mesma tonalidade. Cabelos úmidos penteados de lado, com uma franja que chegava até os seus lindos olhos. Para quebrar o tom formal, Richard colocou a camisa para fora da calça e deixou soltos os três primeiros botões, aparecendo um pouco dos pelos de seu tórax.

Consegui observá-lo atentamente, pois ele havia se levantado para me cumprimentar com um aperto de mão. Senti que ele queria me abraçar em seguida, mas fui me sentando na cadeira do lado oposto em que ele estava. Minha atitude inibiu qualquer outra manifestação de carinho por parte dele, que também resolveu se sentar.

— Boa noite! Pode me dizer o que você gostaria de me falar.

— Calma, Juan! — disse notadamente estranhando o meu modo objetivo de falar. — Vamos escolher uma comida, primeiro. Para adiantar, eu pedi um suco de uva — disse servindo-me um suco na taça que já estava sobre a mesa.

O garçom foi até a nossa mesa e nos apresentou o menu. Saiu em seguida. Folheei o cardápio sem escolher nada.

— Que tal uma pizza Margherita? — perguntou Richard.

— Pode ser.

Ele chamou o garçom.

— Uma pizza Margherita, por favor — pediu ao garçom. Quando este se retirou, Richard começou a falar. — Você está muito elegante com essa roupa. Deixou você ainda mais charmoso!

Eu vestia uma camisa social preta de listras brancas em conjunto com uma calça preta e um blazer também preto. Este estava aberto.

— Você também está legal — eu disse.

— Haha! — riu ironicamente. — “Legal” — mexeu na taça. — Você tem razão por estar com raiva de mim, Juan. Reconheço que fui infeliz no meu comentário naquela entrevista para a TV. Justo eu que prego o amor acima de qualquer diferença, acima de qualquer preconceito. Eu errei, Juan! E quem nunca errou? No entanto, o que eu fiz não justifica a forma como você terminou o nosso relacionamento.

— Você não tem ideia do quanto você me magoou.

— Eu sinto muito!

— Agora é tarde demais, Richard.

— Juan, não diga isso. Eu sinto que você também não quer terminar o nosso relacionamento. Por que esse orgulho? Dê outra chance para nós!

— Não sei. Será que você assumiria para o seu público que você tem um relacionamento com um policial?

— Claro! Estou disposto a fazer isso. Tenho certeza absoluta de que nosso relacionamento será muito bem-recebido pelo meu público. O apresentador de TV foi tendencioso naquela entrevista. Além disso, eu também queria preservar a sua imagem. Nunca havíamos conversado sobre assumir o nosso relacionamento abertamente.

— Falar agora é fácil. Depois que você despedaçou meu coração... Sinceramente, eu não sei se lhe perdôo.

— A pizza, senhores — disse o garçom que chegou à mesa trazendo uma bonita pizza.

— Esta é a minha parte do jantar — retirei da carteira um dinheiro e o pus sobre a mesa.

— Eu não acredito que você está fazendo essa cena ridícula!

— Adeus, Richard! Não me procure mais — levantei-me.

As pessoas das outras mesas se assustaram e começaram a gritar! O motivo? Um estrondo! Eu também me assustei e olhei para a direção da portaria do restaurante. Um tiro acabara de acontecer naquele lugar. O autor? Um homem de jaqueta jeans e calça preta havia atirado no teto de gesso. Em seguida, ele caminhou em minha direção.

— Fique parado! Qualquer movimento e eu estouro os seus miolos! — O garçom deixou a travessa com a pizza cair para levantar as mãos para o alto. Mas a conversa era comigo. — Eu falei para você não pisar na minha favela de novo! Parece até que você não me conhece, meu irmãozinho! — disse Jeferson com tanto ódio na fala que cuspiu para todos os lados.

— Juan, o que está acontecendo? — perguntou Richard ainda sentado na cadeira.

— Vejam só se não é o namoradinho dele! Eu sabia que vocês tinham um caso! — Jeferson pegou Richard pelo cabelo e o levantou da cadeira. Posteriormente, agarrou-o pelo pescoço apenas com um braço a fim de estrangulá-lo e apontou a arma para a cabeça dele. — Tire com cuidado a arma que eu sei que você tem aí! Rápido! — falou comigo.

Eu me sentia impotente naquela situação. Ainda estupefato, segui as ordens que me foram impostas.

— Qualquer movimento brusco e você pode dar adeus a essa bichinha aqui!

— Tudo bem, Jeferson! Mas, por favor, tenha cuidado, você está enforcando ele. — pedi para Jeferson, pois Richard demonstrava que estava ficando asfixiado.

Contudo, Jeferson parecia não se preocupar com isso. Ele olhava com raiva para mim. Abri mais o meu blazer, revelando uma arma em minha cintura. Com a outra mão, toquei em minha arma.

— Devagarzinho. Um simples movimento suspeito e seu maridinho aqui vai para o espaço!

Obedeci. Em seguida, ele me mandou colocar a arma sobre a mesa que estava próximo de mim. Depois, ordenou que o garçom e eu nos afastássemos dando passos para trás. Ainda agarrado em Richard, Jeferson se aproximou da pistola sobre a mesa. Porém, precisou soltar Richard para pegar a minha arma.

Fiquei com receio de fazer algo e Jeferson disparar contra Richard. Mas precisei agir. Sobre a mesa, havia duas facas. Eu tive uma

ideia! Rapidamente, cada uma das facas penetrou em uma mão de Jeferson. Mesmo assim, ele efetuou um disparo, que felizmente não acertou ninguém. Com as duas mãos feridas, Jeferson não conseguiu alcançar a minha arma. Nesse momento, parti para cima dele.

Jeferson disparou em minha direção com a arma dele. Não senti nada. Ele devia ter errado o tiro. Preocupe-me em pegar a arma dele antes que fizesse outro disparo. Atracamo-nos e caímos ao chão. Ele deixou a arma cair. Não consegui pegar porque ele também me agarrava, mesmo com as mãos atravessadas pelas facas. Ele conseguiu ficar em cima de mim, retirou as facas das próprias mãos e depois começou a utilizá-las para me ferir. Segurei os dois pulsos dele, evitando que as pontas das facas perfurassem meu rosto. Um jarro de suco quebrou na cabeça de Jeferson. Foi Richard.

A distração foi suficiente para que eu contornasse a situação e ficasse sobre o meu irmão. Consegui travar os braços dele com minhas pernas. Em seguida, retirei dele as facas com minha mente.

— Como você...

Antes que ele concluísse a pergunta, desferi um soco em seu rosto e o coloquei de bruços. Consegui algemá-lo. Minhas inseparáveis algemas magnéticas estavam no meu blazer. Falei para Richard pegar as armas e me entregar. Jeferson não estava totalmente desacordado. Precisei ficar sobre ele até a polícia chegar.

Assim que meus colegas de trabalho chegaram ao local, ajudei-os a colocar meu irmão na viatura no compartimento de conduzidos. Com Jeferson impossibilitado de fazer outra maldade, voltei a minha atenção para Richard.

— Você está bem? — instintivamente coloquei minha mão sobre o rosto de Richard.

— Sim — ele colocou a mão dele sobre a minha.

— Você vai precisar ir ao hospital? — perguntei retirando de forma rápida a minha mão. — Seu pescoço está vermelho.

— Não. Não precisa. Estou bem.

- Tem certeza?
- Sim. Eu vou caminhando devagar até em casa.
- Nós teremos que prestar esclarecimentos na delegacia.
- Estou frequentando a delegacia tanto quanto um policial.

Acho que vou acabar me tornando um.

— Haha! — Richard conseguiu tirar um sorriso de mim naquela situação. — Você está a pé?! Deixe que eu o leve de volta para casa.

Fomos à delegacia. Após relatarmos o fato, fomos liberados. Jefferson ficou preso pelo crime que cometeu na pizzaria e por estar com o mandado de prisão em aberto devido a outras ocorrências.

Na volta, como prometi, fui deixar Richard em casa. Assim que chegamos em frente ao prédio, eu perguntei, ainda dentro do carro:

- Está melhor?
- Sim — ele disse com um pequeno sorriso no rosto.
- Bom, acho que vou embora.

— Não — ele colocou a mão sobre minha perna. — Por favor, vamos entrar. Não comemos nada. Eu quero lhe agradecer. Você salvou a minha vida! De novo!

— Não. Dessa vez não salvei. Eu coloquei a sua vida em perigo. Não sei como Jefferson descobriu onde eu estava. Quase que você morre por minha culpa.

- Se eu morresse, você ficaria triste com isso?
- Que pergunta boba, Richard! Claro que sim.

— Por que esperar perder para valorizar, Juan? A vida é curta demais para sermos orgulhosos — Richard pegou minha mão que estava no volante e levou-a contra o próprio peito. — Eu estou vivo, Juan — eu sentia o coração dele bater. — Estamos vivos! Nós nos amamos. Não deixe que o único obstáculo entre nós seja o seu orgulho!

Olhei nos olhos dele. Senti uma forte emoção.

- Vamos entrar. Por favor!
- Está bem.

Deixei o meu carro no estacionamento do prédio. Quando estávamos subindo, no hall de entrada, o porteiro nos interrogou:

- Boa noite, Richard! O rapaz encontrou vocês?
- Boa noite, Gilberto! Que rapaz?

— Um rapaz que já esteve aqui outro dia trazendo uma senhora — disse Gilberto. — Ele voltou aqui e queria saber onde você estava. Como você havia me dito aonde iria, eu não vi problema em dar a informação.

— Agora descobrimos como Jefferson nos achou — Richard disse para mim.

No apartamento, Richard pediu para que eu o aguardasse no sofá enquanto ele preparava algo de comer para nós. Antes que ele fosse para a cozinha, puxei-o pelo braço para que ele se sentasse ao meu lado. Eu queria ver como estava o seu pescoço.

— Parece que está melhorando. Está menos vermelho — falei enquanto analisava e também colocava as mãos no pescoço dele.

Richard desabotoou mais alguns botões de sua camisa. Eu continuei minha análise com os dedos. Tateei vagarosamente. Desci até os pelos abaixo do pescoço. Logo toda a palma de minha mão estava em seu tórax. Richard abriu completamente a camisa. Minha mão percorreu as suas costas até a cintura. Um beijo foi inevitável.

Afastei um pouco o meu rosto do dele. Observei aqueles olhos. Os cílios. A sobrancelha. Era um conjunto maravilhoso que entrava em harmonia com o nariz e os lábios. Que lábios! Que saudade eu estava de senti-los. Continuei o beijo. Levantei do sofá. Retirei o blazer, comecei a desabotoar minha camisa.

Sentado, em minha frente. Richard me admirava sorridente. Em seguida, olhou para meu tórax e disse:

- Meu anjo, o que é isso?!
- Isso o quê?

Um metal estava impregnado próximo a meu umbigo. Verifiquei com cautela e extraí aquele material. Com o meu polegar e indicador, levei o objeto até a altura de meus olhos.

— Não pode ser!

— Isso é um estilhaço de bala? Foi aquele tiro que seu irmão deu? Mas como não perfurou seu corpo?

Não respondi às perguntas de Richard. Apenas, perplexo, admirava o material.

— Eu preciso ir! — guardei o metal no meu bolso, abotoei minha camisa. Peguei o blazer.

— Calma! Por que você vai embora?

— Eu... eu não estou com clima, Richard. Eu tive um dia exaustivo no trabalho. Atendi a uma ocorrência de assalto ao banco. Depois aconteceu essa briga com meu irmão. Acho melhor a gente se encontrar outro dia.

— Tudo bem. Se você acha melhor — ele pegou minhas mãos.

— Então, se vamos nos encontrar de novo, isso significa que você vai nos dar outra chance?

Acaricieei o rosto de Richard. Com alegria respondi:

— Sim.

Demos mais um beijo. Despedi-me.



O QUE ESTÁ ACHANDO DO LIVRO?

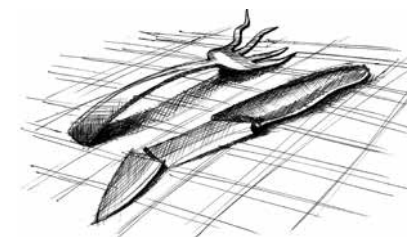
PARA SABER MAIS SOBRE O LIVRO, ACESSE: WWW.GANDHOR.COM

COLABORE COM O AUTOR, FAÇA UM PIX. CHAVE PIX: helvister@yahoo.com.br

MUITO OBRIGADO! ESPERO QUE SUA LEITURA SEJA FANTÁSTICA!

CAPÍTULO 26

A raça humana



No dia seguinte, mostrei o resto do projétil para David. Ele ficou analisando.

— E estava grudado em você?

— Sim — respondi para ele. — Veja isso aqui também — coloquei sobre a mesa um garfo amassado e uma faca quebrada.

— O que são essas coisas?

— Eu utilizei isso em mim.

— Como assim?

— Ontem, antes de dormir, não consegui parar de pensar sobre essa bala. Então, peguei um garfo e forcei contra minha perna. O garfo amassou e não me fez nenhum arranhão. Não satisfeito com o resultado, fui mais ousado, então peguei a faca e fiz a mesma coisa. A faca quebrou.

— Mentira!

— Por que eu mentiria para você?

— É modo de falar, Juan. Estou surpreso! Isso significa que você é imortal?

— Não sei. Acho que só tenho um corpo forte ou resistente. Isso talvez explique o dia em que caí do quinto andar na Academia de Polícia e não me machuquei.

— Você pulou do prédio da Academia?

— Eu estava dormindo e caí. Em outra oportunidade conto

isso com detalhes. Eu estou preocupado. Será que nada é capaz de me machucar?

— Precisamos fazer mais testes com você!

— O quê? — perguntei observando David se levantar da mesa e pegar um prato. — David, o que você vai fa... — não consegui terminar a frase, pois David quebrou o prato em minha cabeça. Eu não senti nada.

— Parece que funcionou.

— Você está louco?! — exclamei. — Sujou o chão todo!

— Depois você limpa com sua mágica. Vamos ver outra coisa!

— Não! Chega, David!

— Corpo resistente parece que você tem. E forte? Também? Tente levantar algum móvel pesado! — David se mostrava cada vez mais entusiasmado. Parecia que era ele quem tinha habilidades paranormais. — A geladeira! Tente levantá-la!

— Não vai dar certo.

— Tente!

Fomos até a cozinha. Antes de tentar levantar a geladeira olhei para meu amigo.

— O que vai acontecer se eu realmente for forte?

— Significa que você é um super-herói!

— Um super-herói negro, deficiente físico e gay.

— E policial militar! Não se esqueça disso.

— Haha! Estou rindo, mas estou achando tudo isso assustador.

— Vamos logo! Levante essa geladeira, Hércules!

Respirei fundo. Agachei. Peguei a base da geladeira com as duas mãos. Fiz força para levantá-la. Percebi que, na verdade, eu não precisava fazer força alguma. A sensação era a de levantar uma caixa de papelão.

— Uau! — exclamava David. — Inacreditável!

Coloquei a geladeira de volta no lugar. Olhei para as minhas mãos. Depois, para meu amigo.

— David, o que está acontecendo comigo? Estou ficando assustado!

— No seu lugar, eu estaria saltando de prédio em prédio com a minha teia de aranha!

— Haha! Só você para me fazer rir. Eu não solto teia de aranha.

— Parece que é só isso que está faltando em você.

— Verdade! Se amanhã eu tossir e cuspir fogo, acho que não vou estranhar também.

— Haha! — rimos.

A pedido de David, levantei outros móveis pesados da casa. Sofá, estante, armários. Arrisquei-me a erguê-los, inclusive, com apenas uma mão. Essa brincadeira só me fazia pensar: “Qual era o significado disso tudo? Por que comigo? Será que preciso usar essas habilidades para a minha missão? E Emily? Será que ela também está desenvolvendo mais poderes também?”

Mais tarde, entrei em contato com minha amiga. Ela estava ciente sobre algumas coisas que aconteceram comigo. Capitão Theo havia contado. Contei sobre minhas novas habilidades. Como esperado, Emily disse que sabia desde o início que eu estava desenvolvendo poderes. Era questão de tempo até que eu admitisse isso. Ela quis saber todos os detalhes sobre o meu encontro com os alienígenas. Tentei contar com mais veracidade possível. Falei o máximo que eu consegui me recordar.

Aproveitei a conversa para perguntar se ela estava adquirindo novos dons. Ela disse que sim, disse que estava conseguindo fazer contato telepático com as pessoas a distância. Achei aquilo incrível! Ficamos muito tempo conversando.

..

A semana, que havia começado ruim com o assalto ao banco e com a confusão no restaurante envolvendo o meu irmão, estava se tornando uma das semanas mais emocionantes de minha vida. Come-

cei a aceitar meus poderes. Transformei a sensação de espanto em um potencial que eu poderia colocar a favor da sociedade. Com responsabilidade, dessa vez!

Ao fim de todos os dias de trabalho, David e eu éramos parabenizados por nossos colegas e nossos comandantes pelas ocorrências bem-sucedidas. Conseguimos recuperar objetos de roubos, evitamos um estupro, prendemos traficantes e impedimos que acidentes no trânsito ocorressem.

Richard e eu estávamos contentes com o retorno de nosso relacionamento. Todos os nossos amigos também ficaram felizes por nós. David, Shanti, Emily e Capitão Theo, o novo integrante do grupo.

Fiz visitas ao Projeto Alvorada. Donna Emma, como sempre, ficava muito feliz com a minha presença. Fiquei sabendo que Pedrinho havia saído do Projeto, pois a mãe dele, Sophia, não quis continuar lá.

Como eu já havia planejado, retomei meus estudos no doutorado. Foi difícil voltar às atividades acadêmicas. Eu estava muito tempo parado. Minha pesquisa era sobre o papel de projetos sociais na diminuição da criminalidade. Meu objeto de estudo, claro, não poderia ser outro senão o Projeto Alvorada.

Escrevendo minha pesquisa, lembrei-me de Jeferson. Se ele tivesse sensibilidade de aprender com o Alvorada, talvez ele não estivesse preso. Recordei-me do tiro na pizzeria.

— Como Jeferson foi capaz de fazer aquilo? — eu falava comigo mesmo. — Ele atirou em mim! Seu próprio irmão... Será que ele fez de propósito ou foi acidental? Eu preciso saber. Acho que vou visitá-lo. Sim! Vou visitar meu irmão.

••

Após a universidade, fui até a prisão onde Jeferson estava. Eu precisava olhar nos olhos dele e saber a verdade. Lá, colocaram-me numa sala com um vidro para separar prisioneiros de visitantes. Sentei-me em uma cadeira. Do outro lado do vidro, uma porta se abriu.

Surgiram dois agentes acompanhando meu irmão. Ele foi conduzido até a outra cadeira em minha frente. Os agentes afastaram-se de Jeferson e ficaram aguardando na porta.

— Não queria receber sua visita, mas eu precisava saber por que você veio — ele começou a falar e a fazer gestos com as mãos, mesmo estando algemado pela frente. Os ferimentos nas palmas das mãos dele, pelo que pude perceber, tinham sarado.

— Olá, Jeferson! Eu vim aqui, porque eu precisava saber se o disparo que você fez em minha direção foi acidental ou não.

— Eu manuseio arma desde os doze anos de idade. Você acha que eu erraria algum tiro naquela distância? Você acha que eu gastaria uma bala minha à toa? Eu não sou de dar segunda chance. Avisei você para não mexer com a minha gente, não pisar na minha área!

Olhei decepcionado para aqueles olhos castanho-escuros.

— Como você pôde?

— Eu que lhe pergunto: como você pode estar vivo ainda? Já sei, não precisa responder. Você estava usando colete à prova de balas por debaixo daquela roupa. Até que você não é muito burro! Por outro lado, sobre você ter retirado, sem tocar, as facas das minhas mãos, é algo que não estou conseguindo entender até agora!

Era tanta coisa para lembrar que acabei me esquecendo que, naquela noite, meu irmão havia me presenciado usar telecinese. Mas fui rápido ao responder:

— Usei o magnetismo da minha algema.

Ele fez uma cara desconfiada.

— Mesmo assim, aquilo foi muito estranho.

Para evitar que Jeferson perguntasse outras coisas sobre as facas, eu falei:

— Jeferson, queria dizer que, apesar de nossas diferenças, somos irmãos. E eu...

— Não! Está enganado! Você pode até ter o meu sangue, mas não é meu irmão!

— Por que essa raiva tão grande de mim? É ódio? Inveja? O que é? Pode falar!

— Inveja de você? Eu?! — Jeferson teve uma crise de risos. Depois de um tempo rindo, ele recuperou o fôlego. — Você é um boneco do Estado! Você e seus amiguinhos são um bando de robôs! Fazem tudo o que os políticos corruptos querem. Os próprios governantes provocam a desordem, o descaso, o caos e colocam vocês policiais para conter a sociedade. Você está do lado errado, “maninho”! Caiu direitinho na armadilha deles. Esses governantes, a elite, todos eles nos excluem há muito tempo! Primeiro nos jogaram nas senzalas, depois nos mocambos, nos cortiços, nas favelas. E, quando não tem mais jeito, descartam a gente nas prisões ou nos cemitérios. Somos lixo, Juan! Para eles, sempre fomos LIXO! E você caiu na armadilha deles!

— Que armadilha?

— Usar um contra o outro. Irmão contra irmão. Você não percebe? Você está sendo manipulado o tempo todo! Colocando excluídos contra excluídos, estaremos fazendo um favor para eles. Você deu as costas para o seu povo, para as suas origens, a partir do momento em que você entrou nessa instituição!

Respirei fundo antes de começar a falar.

— Você está enganado, meu irmão. Não sou manipulado por ninguém. Desde tempos remotos, infelizmente, povos sempre foram escravizados. Alguns por causa de sua origem, outros por causa de sua cor. As pessoas que dominavam os escravos sentiam-se superiores por motivos de crenças ou poder aquisitivo, entre vários outros motivos fúteis. Com o tempo, o homem compreendeu que existe apenas uma raça, a raça humana, e que todos devem possuir os mesmos direitos. Apesar das tentativas de reparar os erros do passado, no sentido de possibilitar às pessoas menos favorecidas o acesso a direitos básicos, pouco é observado com relação à igualdade, seja na saúde, na educação, no trabalho. Infelizmente, ainda existe muita desigualdade.

— Blá, blá, blá, blá, blá! Que discurso mais idiota e robótico! Isso não responde nada. Você fala sobre desigualdade? Eu luto contra essa desigualdade, e você o que faz para acabar com ela?

— O que você chama de luta contra a desigualdade? Roubar? Traficar? Matar? É essa a sua forma de ser reconhecido? De defender nossa gente? Eu luto contra a desigualdade também, Jeferson! Mas, diferente de você, eu escolhi outra forma de lutar. Sabe por que eu quis ser militar? Porque escolhi fazer a diferença! Compreendi que posso lutar para o bem da sociedade fazendo o meu trabalho da maneira mais honesta e digna possível, sendo exemplo para pessoas em situações como as que passávamos quando criança. Diferente de você, eu não quis escolher o lado mais fácil.

— E você acha que isso é questão de escolha?

— Claro! Você escolheu permanecer assim!

— E você queria que eu fizesse o quê? Catasse lixo nas ruas para ganhar em um mês o que eu levo um dia para conseguir?

— E qual é o problema? Pelo menos, você estaria vivendo de forma digna!

— Digna? O que você chama de digno? Sujar minhas mãos de lixo? Pegar doenças contagiosas? Depender do governo para nem ter uma casa com água e esgoto encanados? Esqueceu da nossa avó?

— Não fale de nossa avó! Ele morreria de desgosto ao saber que você roubava para ela.

— O que eu fiz e o que eu faço é justiça!

— Não, Jeferson. O que você faz não é justiça. Você quer enriquecer desonestamente e isso nunca será justiça. O que você está fazendo é cometer as mesmas atrocidades que pessoas do passado faziam com os nossos antepassados! As ações que você promove causam dor, pânico, sofrimento. Você tortura, rouba, mata. A diferença entre seus capangas e os carrascos da escravidão negreira é que seus capangas usam pistolas e os carrascos usavam chicotes! Existem várias formas de resistência, meu irmão, e a criminalidade nunca será uma delas.

— Cale essa boca! — Jeferson se levantou do outro lado do vidro.
— Deixe de ser ridículo! Onde já se viu? Um policial militar falar sobre resistência? Seu traidor! Você saiu da nossa favela e nunca mais voltou!

— Não foi porque eu quis! Eu precisava morar perto de onde eu estudava e trabalhava. Foi necessidade! — também fiquei em pé.
— E, toda a vez que eu ia visitar nosso morro, você me proibia de ir! Inclusive eu gostaria de saber como você descobriu que eu estive no Morro do Furgão.

— Não é da sua conta! Eu tenho várias pessoas de minha confiança que me contam tudo!

— Elas fazem isso não porque gostam de você, e sim porque o temem.

— Não me importo!

Aproximei-me do vidro.

— Eu tenho pena de quem fica bajulando você. Se eles soubessem quem você realmente é, eles não o tratariam como herói.

— Então, você é o herói dessa história, Juan? Um herói que mata pobre e defende os riquinhos?

— Eu defendo qualquer pessoa! Seja rico ou pobre. Defendo de sujeitos como você! Quer saber? Eu não vou ficar aqui explicando a minha profissão para alguém sem caráter e sem escrúpulos! Vou embora!

Afastei-me do vidro, mas não deixei de encarar Jeferson, pois ele continuou:

— Isso mesmo! Vá e não volte nunca mais! Bicha! Aleijado! Eu deveria ter acertado aquele tiro bem na sua cara! Queria ver você morto! — ele apontou o dedo para mim, encostando-o no vidro.

A luz daquela sala onde estávamos estava sofrendo curto circuito. Observei achando estranho. Mesmo com a iluminação intermitente, era possível ver a expressão de fúria do meu irmão. Falei:

— Não seja por isso, Jeferson, a partir de hoje, você pode considerar que não tem mais irmão.

Dei as costas e saí daquela sala repleta de péssimas vibrações.

Ver meu irmão naquela situação e ter que ouvir todas aquelas ofensas e provocações foi muito triste para mim. Até certo ponto, eu compreendia o seu sentimento de exclusão por ter nascido em um lado da sociedade historicamente negligenciado.

Nascer negro e pobre em um país onde ainda há racismo e grande desigualdade social não é fácil. Como constituir uma família nessas condições? Como cuidar da saúde? Como adquirir educação de qualidade? É difícil, mas não é impossível. E eu sou um exemplo de que é possível sim viver uma vida digna e honesta sem apelar para a criminalidade, mesmo nascendo em um ambiente pobre.

Infelizmente, as oportunidades que tive e que me ajudaram a mudar de vida, como o Projeto Alvorada, não surgem para todos que nasceram em condições como a minha. Jeferson e eu tivemos as mesmas oportunidades. No entanto, ele queria ter as mesmas condições que as pessoas ricas. Queria usar as mesmas roupas de marcas famosas, os mesmos aparelhos, os mesmos acessórios.

Eu nunca me importei com essas coisas. Eu sabia que estudando e trabalhando um dia eu poderia ter o que eu quisesse. Não estou dizendo que sou melhor que meu irmão. Todavia, minha escolha foi, sim, a mais sensata!

Compartilhei com Richard a minha experiência sobre a visita que fiz a Jeferson. Richard foi ao meu apartamento. Ficamos juntos no meu quarto. Deitei minha cabeça em seus braços. Enquanto eu contava o que aconteceu comigo na prisão, Richard fazia carinho em minha careca e me abraçava. Dormimos juntos.

**COLABORE COM O AUTOR, FAÇA UM PIX.
CHAVE PIX: helvister@yahoo.com.br**

**MUITO OBRIGADO! ESPERO QUE SUA
LEITURA SEJA FANTÁSTICA!**

WWW.GANDHOR.COM

CAPÍTULO 27

Homens de preto



Para muitos, abrir os olhos e encontrar a pessoa amada junto de você em sua cama é a melhor coisa que pode acontecer em uma manhã. Para mim, foi a melhor coisa do mundo!

Ainda sonolento, acariciei o rosto de Richard, ele abriu aqueles olhinhos puxados e retribuiu com um lindo e grande sorriso. Saímos juntos do meu quarto. Richard estava à minha frente e eu abraçado a ele, cobrindo-o de beijos. David estava sentado à mesa, porém de costas para nós.

— Juan, eu já tomei café, a louça fica para você lavar... — David olhou para trás. — Então temos visita!

— Olá, David! — cumprimentou Richard.

— Olá, Richard! — respondeu David. — Peço desculpas pela bagunça e pela correria, mas eu vou ter que sair daqui a pouco.

— Sem problemas! — disse Richard enquanto eu puxava a cadeira para ele se sentar à mesa.

Estávamos os três à mesa enquanto tomávamos café.

— Tenho que falar sobre o Alvorada! — lembrei-me de um assunto.

— Desculpa interromper, Juan. Eu fiz suco de laranja, vocês querem? — perguntou David.

— Eu aceito — disse Richard.

— A jarra está ao lado da pia. Eu vou pegá-la — comentou David.

— Eu trago — eu utilizei telecinese para fazer a jarra flutuar da pia até a mesa. — Como eu dizia, esta semana eu queria conversar

com o pessoal do Alvorada...

— O que é isso?! — perguntou e exclamou Richard observando a jarra lhe servindo, sozinha, um copo de suco.

Só então eu havia compreendido que estava utilizando meus poderes na presença de Richard, esquecendo-me de que ele não sabia dessa minha habilidade. Fiz com que a jarra pousasse sobre a mesa.

— Eu já vou sair. Até mais, pessoal! — David, sem graça, retirou-se da mesa e saiu apressadamente. Antes, pegou seu pedaço de pão para terminar de comê-lo no caminho.

Richard, estático na cadeira, encarava-me com a expressão de quem não estava entendendo nada.

— Que tipo de mágica é essa?!

— Richard, eu preciso lhe contar um segredo.

Não foi fácil. Nenhum pouco. Inicialmente, a reação dele era a de me rejeitar, assim como aconteceu com David. Eu aproximava para falar, e Richard tomava distância. Parecia que eu era uma pessoa completamente estranha, diferente. A reação dele mudou apenas depois que comecei a lamentar minha vida.

— Sinceramente, não sei o que eu fiz para receber tantos atributos que me colocam como diferente da maioria das pessoas. Já não bastasse nascer nas condições em que nasci, sofrer um acidente e ter que amputar metade da minha perna esquerda e, recentemente, assumir minha orientação sexual. Agora mais isso! Não sei o que eu fiz para Deus ou sei lá para quem comanda o Universo para que tudo se voltasse contra mim! Mas eu prefiro não pensar sobre isso. O problema é quando essa sensação de exclusão surge.

— Meu anjo, não me interprete mal. Só estou assustado. Jamais o excluiria!

— Eu sei. Compreendo sua reação. Eu também agiria assim. É que essa estranheza com relação a mim me remete a lembranças do passado. A primeira vez que senti a sensação de exclusão em minha vida foi aos cinco anos de idade. Eu queria muito conhecer a praia. Muito!

Minha avó, com muitas dificuldades, abdicou de cuidar da própria saúde para juntar dinheiro. Então, fomos nós três: eu, ela e meu irmão conhecer o mar. Foi uma alegria imensa. Certo momento, chegou um garotinho aparentando ter a mesma idade que a minha. Ele tinha nas mãos um pequeno balde e uma pazinha, ambos de plástico. Ele quis brincar comigo. Nós ficamos sentados construindo um castelo de areia.

Não sei se era chato ou não falar tudo o que eu estava com vontade de falar. Mas eu sentia vontade de desabafar. Meu namorado precisava saber sobre as situações pelas quais eu já havia passado.

— Escutei uns gritos. — eu seguia contando aquele caso. — Não sei se era Zezinho ou Joãozinho. Senti areia nas minhas costas com o aproximar de passos pesados e apressados. A dona dos gritos parou perto de mim bloqueando o sol. Não deu nem tempo de olhar para cima e ver como era. Ela pegou o menino pelo braço e arrancou com tanta violência a pazinha da minha mão que me machucou. Só me recordo das palavras de advertência: “Não encoste suas mãos sujas no meu filho! Seu ladrãozinho! Vá procurar outra praia para você brincar com gente da sua cor!”.

— Isso foi terrível! — exclamou Richard.

— Minha avó, que acompanhava de longe aquela mulher retirando seu filho de perto de mim, levantou-se, mas, como ela caminhava com dificuldade, eu a alcancei primeiro. Abracei minha avó com força e chorei como a criança que eu era. A dor maior não era a física. Eu não entendia. Então associei com a ferida. Eu só tinha cinco anos.

— Meu anjo, eu entendo que isso lhe traumatizou. Mas não procure pensar nisso novamente. Tente pensar que se uma situação desse tipo voltar a acontecer com você, você saberia lidar de uma forma muito melhor, com a consciência dos seus direitos... — Richard colocou as mãos dele sobre as minhas. Ainda estávamos sentados à mesa do café.

Continuei:

— Eu poderia ficar o dia todo lhe relatando situações que aconteceram comigo apenas envolvendo preconceito racial: na adolescência, na busca por trabalho, na faculdade. Acredita que até em transporte público? Se eu agregar questões de preconceito por classe social, vamos falar sobre isso até a semana que vem. Diante disso tudo, achei que já tinha aprendido a lidar com todos esses descasos. Então, perdi minha perna. E percebi o quanto eu estava enganado. Comecei a perceber coisas que antes eu não me preocupava. Demorei a adquirir a prótese. Então usava muletas. Subir escadas, correr ou fazer qualquer atividade simples, para mim, eram grandes desafios.

Richard me ouvia atentamente. Eu prossegui:

— No início, eu me preocupava mais com a atenção das pessoas. Elas faziam expressões de pena que me irritavam. Eu sempre ouvia “Coitadinho, tão novo e aleijado!”. Mas foi só no início. Depois, eu me preocupava mais com a acessibilidade e o respeito. Ou melhor, a falta de acessibilidade e a falta de respeito. Muitos locais não se importam em perder clientes deficientes. “Para que investir neles? São subalter- nos”. Quem pensa assim se esquece de que acidentes acontecem e podem acontecer com qualquer um, com um amigo, um parente e, inclusive, com quem tem esse tipo de mentalidade.

— O seu caso ainda foi menos complicado, meu anjo, pois a sua prótese consegue fazer muito bem o papel de uma perna. Mas e aquelas pessoas que possuem deficiências para as quais não há tratamento ou solução?

— Exato. Se ao menos os locais públicos se importassem com essas pessoas, a sensação de descaso provavelmente diminuiria.

— Com certeza. Mas o que quero dizer é que você não tem que se colocar como a pessoa mais marginalizada deste mundo. Você passou por muitas dificuldades na vida, eu sei, porém você venceu! Veja à sua volta. Você tem um teto, tem uma mesa farta como essa, cheia de comida. Você tem meios para se sustentar e sobreviver. Meu

anjo, — as mãos de Richard estavam quentinhas — se pensar que existem pessoas que dariam tudo para estar no seu lugar, mesmo com todas as dificuldades que você está me relatando, você veria que há muito mais motivos para agradecer do que lamentar.

Observei a mesa. Pães, biscoitos, frutas, café, leite e a jarra com o suco de laranja. Quantas pessoas no mundo estão passando fome neste momento e gostariam de ter o que comer como eu tenho? Abaixei a cabeça e reparei, abaixo da mesa, minha perna mecânica. Eu estava de bermuda e descalço. Movi os dedos mecânicos, contraindo-os e descontraindo-os. Quantas pessoas que nascem com deficiência ou sofrem acidentes conseguem ou têm condições de se recuperar como eu consegui?

Suspirei.

Olhei para Richard.

— Você tem razão. A questão sobre a minha orientação sexual me fez reviver todas as sensações de exclusão que eu já senti. Sempre percebia em mim uma atração por homens. Durante a minha adolescência e juventude, eu comecei a me relacionar com algumas garotas, porque todos da minha idade já tinham uma namorada. Meu irmão sempre dizia: “Arruma uma mulher para você, senão os garotos da rua vão chamar você de bicha!”. Tive duas namoradas.

— Acho que você já me falou isso.

— Após o término do último namoro, fiquei alguns anos sem me relacionar com ninguém e desejando, com todas as forças, que os pensamentos homossexuais parassem de invadir a minha mente. Por diversas vezes, eu me questionava por que eu era assim, por que eu era diferente dos outros. Por que eu não poderia ter nascido normal?

— Ser homossexual é normal, Juan. Olhe para a história da humanidade e você verá exemplos desde os povos primitivos. Temos exemplos até mesmo na natureza. Anormal é a falta de respeito, a falta de caráter, a falta de empatia.

— Exatamente. Entretanto, não é assim que todos pensam.

— Você não tem que pensar como a maioria, Juan. Você tem

que se preocupar com quem ama você. Eu te amo!

Richard segurava fortemente as minhas mãos. Foi maravilhoso receber aquela frase: “Eu te amo”. Fiquei até envergonhado. Mas não tive coragem de dizer o mesmo. Infelizmente, mesmo voltando a namorar com ele, mesmo tendo passado ótimos momentos juntos, mesmo tendo aquela conversa boa, eu ainda me recordava da mágoa que ele me fizera.

••

Fui para o serviço. Encontrando com David, falei para ele que, agora, Richard também estava sabendo tudo sobre mim. Inclusive sobre o meu contato com os ETs.

Como de costume, David e eu fomos até o estacionamento do nosso batalhão para pegarmos uma viatura. No estacionamento, próximo ao veículo que usaríamos, estavam sete homens uniformizados de preto. Seis estavam portando armas longas. Eles pareciam, mas não eram policiais.

— Quem são eles? — perguntei para David.

— Devem ser alguma força de apoio. Só não estou reconhecendo de qual área — disse David enquanto estávamos atravessando o estacionamento.

— Você reparou que eles estão com armamento diferente? — perguntei, porque as armas que eles seguravam eram estranhas.

— Sim. Que esquisito! Devem ser novos modelos de rifles.

Os homens de preto se aproximaram de nós.

— Sargento Juan? — disse um deles. O mais baixo de todos. Era o único que não estava armado; apenas segurava uma pasta preta.

— Sim. Sou eu — respondi quando eu e meu amigo paramos de frente para os estranhos.

— Temos um mandado de prisão para o senhor — o mesmo homem pequeno retirou um documento da pasta preta.

— Mandado de prisão para mim? — questionei recebendo o papel.
— O que foi que ele fez? — perguntou David.
— Calma, David. Deixe-me ver o documento — percebi que meu amigo estava achando tudo estranho, assim como eu. Li o documento bem depressa. — Não é possível!
— O que diz aí? — David queria saber.
— É sobre a ocorrência do assalto ao banco. Aqui diz que existem filmagens me mostrando utilizar “meios não convencionais” para a captura dos bandidos.
— E qual é o problema? — David perguntou para o homem pequeno. — O importante não é pegar os bandidos?
— Eu não tenho que responder nada. Só estamos aqui para conduzir o Sargento Juan. Ele sabe perfeitamente que possui habilidades ANORMAIS, que colocam a sociedade em risco e, por isso, precisa ser preso — falou o mesmo homem, os outros apenas ficavam calados cruzando as armas longas no braço.
— Eu agradeço o comunicado de vocês, mas vou recorrer a meus direitos — falei.
— Senhor Juan, nós não viemos trazer nenhum comunicado. Nós viemos prendê-lo e esperamos que o senhor nos acompanhe pacificamente. Depois, o senhor pode recorrer a seus direitos.
— Mostre-me onde está escrito o crime que o Juan cometeu para ele ser preso! — David disse.
— É melhor o senhor ficar quieto. Em breve, o mandado de prisão do senhor também deverá sair, porque o senhor foi cúmplice — disse para David. — Senhor Sargento Juan, o senhor deve nos acompanhar agora!
— Eu exijo a identificação de vocês e um responsável da minha instituição para me acompanhar! — pedi.
— Acompanhe-nos, agora! — repetiu o sujeito.
— Façam qualquer coisa com ele, e ele manda vocês pelo ar! — disse David.

— Imobilizem o outro! — pediu o homem aos demais.
Um dos sujeitos disparou dardos de arma de choque contra David. Ele caiu.
— Não façam isso! — retirei, com a mente, a pistola do militar que atirara contra David.
— Atirem! — ordenou o único sujeito que falava.
Outro homem atirou em mim. Dessa vez, uma espécie de esfera saiu do cano da arma esquisita. Aquela bola, que era um pouco menor que uma bola de pingue-pongue, grudou no meu braço. Senti algo me fincar. Outras esferas foram atiradas contra mim. Até mesmo as que acertaram o meu fardamento se grudavam e conseguiam acionar algum tipo de agulha muito fina até atingir minha pele. Imediatamente todo o meu corpo ficou dormente. Tentei mover as armas dos sujeitos com a mente. Não deu certo.
— O que foi que você fez? — perguntei.
— Você não quis ir por bem, vai ter que ir por....
Não consegui terminar de ouvir a frase. Perdi completamente os sentidos.

..

Acordei devagar e sentindo dor. Observei o chão em minha frente onde minha sombra projetava o contorno da minha cabeça. Percebi que estava de bruços sobre uma cama estreita e elevada. Minha cabeça e meus braços estavam para fora. Meus braços estavam esticados para baixo e presos pelos pulsos com correntes ligadas ao solo. Preso também estava o meu pescoço. Não conseguia sentir meu corpo da cintura para baixo. Porém, reparei que retiraram minha farda.

Era possível notar que pessoas estavam ao meu redor fazendo alguma coisa nas minhas costas. Alguma coisa muito dolorida.

— Ahhhhhh! — chiei de dor. — O que está acontecendo?! — eu fiz força para arreentar a corrente. Parecia que ia dar certo. Mas

não consegui. Eu me sentia fraco.

— Ele acordou — disse alguém. Minha posição não permitia que visse quem estava próximo.

— Cabo! Atire nele! — outra pessoa falou.

— Com prazer, senhor! — respondeu alguém com uma voz familiar.

Essa última pessoa ficou à minha frente. Ela estava fardada. Consegui levantar a cabeça o suficiente para saber quem era.

— Cabo Bob?!

— Olá, Sargento Saci Gay! Hora de dormir mais um pouco!
— falou o militar apontando uma arma para mim. Em seguida, atirou.

Senti algo grudar em minha testa. Tudo voltou a ficar escuro.

••

O sono estava indo embora mais uma vez. O cansaço ainda era intenso. As dores nas costas também. De bruços, percebi que, diferente de onde eu havia acordado na última vez, aquele lugar era mais claro. Eu não estava acorrentado. Levantei minha cabeça do travesseiro. Eu estava em uma cama, no meio de um cômodo iluminado. No entanto, era um cômodo com grades brancas no lugar de paredes. Uma cela.

Eu usava uma roupa hospitalar como se fosse uma túnica de cor marfim. Por baixo, senti que eu não usava nada. Minha prótese também foi levada. Sentei na cama. Observei tudo lentamente.

Decidi sair da cama. Levantei com um pouco de dificuldade, pois ainda não me sentia bem.

— Não levante tão rápido, imbecil!

Quando me virei para ver quem pronunciava essas palavras, descobri que era alguém que eu conhecia. Uma mulher. Negra.

— Você?!

— Olá, policial bonito! Sabia que nos encontraríamos de novo!

Era Malaika, a mulher com poderes que participou do assalto ao banco. Ela estava em outra cela. Estávamos separados por uma passagem e, claro, pelas grades.

— O que você está fazendo aqui? Ou melhor, o que estamos fazendo aqui? E que lugar é este? — fiz várias perguntas.

— Um policial que não sabe reconhecer uma prisão? Que vergonha!

Ela também usava uma túnica e estava sobre uma cama. Não se levantou. Apenas virava o pescoço para conversar comigo.

— Se eu fosse você, voltava imediatamente para a sua cama. Se eles perceberam que você está se recuperando, vão lhe aplicar mais antídoto.

— Antídoto?

— Isso! Aquelas esferas que eles disparam em nós injetam na nossa corrente sanguínea uma substância capaz de entorpecer os nossos sentidos, inibindo nossas habilidades. Agora, volte para a sua cama! Estamos sendo vigiados o tempo todo!

Encontrei câmeras sobre a minha cabeça. Havia várias delas espalhadas naquele lugar. Voltei para a cama.

— Ai!

— O que foi? — perguntou Malaika.

— Tem alguma coisa nas minhas costas!

Eu não consegui me deitar com as costas voltadas para a cama, pois senti como se dois enormes caroços estivessem, cada um, nas minhas escápulas.

— Realmente, parece que tem dois chifres saindo de suas costas — disse Malaika observando de longe os volumes sobressalentes, observáveis mesmo com a túnica.

Eu tentei colocar as mãos e senti! Eram como se fossem dois gravetos estancados em cada lado de minhas costas.

— O que fizeram comigo?!

— Eu não sei. Apenas vi quando o trouxeram. E a sua perna? Você tinha perna antes de vir para cá?

— Não. Eu sofri um acidente e perdi parte da minha perna esquerda. Que estranho! — eu ainda continuava analisando com meus dedos aquelas coisas nas minhas costas.

— Estranho é seus próprios amigos o prenderem.

— Meus amigos?

— Claro! A polícia está por trás disso tudo! Eu disse para nos unirmos. Você não me ouviu. E veja só aonde você veio parar: no mesmo lugar que eu. Eles nos prenderam, por causa de nossos poderes. Trouxeram-nos para essa prisão secreta.

— “Prisão secreta”?! Eu acho que sei onde estamos. Estamos em um setor de pesquisa da polícia. Eles estão fazendo pesquisas conosco. Essas esferas que você falou, eu as vi antes, quando eles ainda estavam fazendo testes. É isso! Estamos no Setor ST!

— Eu não quero saber onde estamos, quero é sair daqui!

— Eu vou tentar usar meu poder!

— Não faça isso! — Malaika se levantou. — Qual é o seu nome?

— Juan.

— Juan, eles vão descobrir e vão voltar aqui para lhe dar mais doses do antídoto! É melhor você fingir que está mal para se recuperar de verdade.

— Eu preciso tentar.

— Eu já tentei e não consegui. Nós ainda estamos fracos! Ainda tem antídoto no nosso sangue.

Não acatei os conselhos de Malaika. Tentei arrebentar as grades. Elas estremeceram. Eu me esforçava além do comum para movê-las com o pensamento. Não foi o suficiente.

— Eu disse! Ainda estamos fracos.

Ouvimos um barulho.

— São eles! Deite-se!

Malaika se deitou. Eu não. Continuei sentado na cama.

Alguns passos se aproximaram. A pessoa parou em frente à minha cela. Ela segurava uma daquelas armas com o antídoto. Era o Cabo Bob.

— Quer pular, Saci? Pule senão vou encher a sua cara de esferas inibidoras de poder.

— Vocês não tinham outro nome mais bonitinho para colocar nessas bolinhas não?

— Verdade. Acho que vou chamá-las de “Você perdeu”!

Cabo Bob atirou uma esfera em minha direção. Como essa atitude era a esperada, eu aguardei o momento certo para contorcer o meu corpo para trás e segurar um lado do colchão. Ao me virar de cabeça para baixo, dei uma cambalhota e usei o colchão como escudo. Ele atirava, mas a grossura do colchão impedia que as esferas me atingissem.

— Cretino! Eu vou chamar reforço! Vou abrir essa cela e você vai ver! Ah!!! O que é isso!

Retirei o colchão do meu rosto para ver o que estava acontecendo. Bob havia caído. Malaika usara o seu poder para fazer isso. Com a queda, a arma caiu das mãos de Bob. Ele engatinhou para tentar pegá-la, mas estava sendo contido pelos poderes de Malaika.

— Rápido, Juan! Eu não vou conseguir por muito tempo! — gritava ela.

Joguei o colchão para o lado e pulei até a beirada da grade. A arma estava longe de mim, eu precisava pegá-la com minha mente. Esforcei-me, o armamento começou a se mover. Os dedos do Cabo Bob estavam quase o alcançando. Consegui levitar o objeto. Ele flutuava em minha direção ameaçando cair, como se fosse um balão de gás tentando se manter no ar. Estava quase se aproximando. Estiquei meus braços para fora da grade a fim de pegar a arma mais depressa. Faltava pouco, muito pouco.

— Ah! — Malaika gritou. Ela percebeu que não conseguiria conter mais o Cabo Bob com seu poder. Então, ela também se aproximou da grade na cela dela e segurou o militar pela farda.

Assim que notou que não estava mais sobre o efeito de poderes, Bob pegou o braço de Malaika e o puxou contra as grades, fazendo ela se chocar com força e cair. Em seguida, ele pegou a arma que estava a poucos centímetros da minha mão.

— Você perdeu! — efetuou um disparo contra mim. Acertou meu ombro, eu caí. Depois disparou contra Malaika. Voltou-se para disparar mais em mim. Eu e Malaika retiramos as esferas o mais rápido possível de nossos corpos. Mas um pouco do antídoto ficou.

— Cabo Bob!

Mais alguém havia entrado no local.

— Capitão Theo?! — exclamou Bob.

— Eu termino de cuidar desses aí — disse Capitão Theo entrando por uma das três portas que havia no local.

— Mas, senhor, eu...

— Não me ouviu, Cabo? Eu cuido deles. Pode se retirar! — falou ao ficar em frente à minha cela.

— Sim, senhor — Cabo Bob se retirou.

Eu ainda estava caído ao chão e me sentia muito fraco. Consegui retirar a esfera de mim e a descartei. Olhei para o meu superior. Ele se abaixou para conversar comigo pela grade. O rosto pardo dele estava iluminado.

— Juan, Juan. O que eu lhe falei sobre a vida? Tudo tem um significado para acontecer. Esses acontecimentos dependem das suas escolhas. Cada ação gera uma reação.

— Por que o senhor...

Capitão Theo se levantou antes mesmo que eu pudesse ter forças para concluir a frase. Ele abriu a mesma porta por onde entrou e disse para alguém:

— Pode entrar! Vamos!

Eu não acreditei em quem estava vindo. Emily! Era Emily quem tinha entrado. Ela correu até mim.

— Juan! Meu Deus! O que aconteceu?

Ela também estava com uma túnica e segurava uma muleta. Capitão Theo colocou a digital dele na porta da minha cela. Ela se abriu. Emily entrou rapidamente e me ajudou a levantar.

— Malaika! Ajude a Malaika! — pedi.

— Ajudar quem?

Apontei para Malaika, ela já estava sentada sobre a cama. Parecia que estava bem, apesar de levar a mão à cabeça.

Capitão Theo e Emily me ajudaram a ficar em pé. Minha amiga me entregou a muleta. Fiquei me escorando nela e em Emily.

— Malaika, você está bem? — perguntei.

— Quem são eles? — ela ignorou minha pergunta e fez outra de forma desconfiada. Continuava com a mão sobre a cabeça. Talvez ela estivesse machucada.

— São meus amigos — falei.

— Vamos sair daqui! Não temos muito tempo! — alertou Capitão Theo.

— Sim! Vamos! — disse Emily. Ela e o Capitão me conduziam para outra porta.

— E Malaika? Não podemos deixá-la aqui, Capitão.

— Juan, precisamos de você fora da prisão o mais rápido possível. Não posso libertar a Malaika agora.

— Não vamos deixá-la!

— Eu prometo que ela ficará bem. Todos os outros também.

— “Outros”?! —

— Sim, Juan. Existem mais pessoas e outros seres com poderes nesta prisão.

Eu imaginava isso. E, naquele momento, eu recebia a confirmação pelo meu superior.

— Agora vamos! — insistiu o Capitão.

Olhei para Malaika, ela me enviou um olhar de decepção, posteriormente, virou o rosto.

Capitão Theo nos conduzia pelos corredores. Eu me recordava de muito deles, de quando eu estive na Seção X. Andei com dificuldades apoiando na muleta, por isso, precisava me apoiar também em Emily.

— O que você está fazendo aqui, Emily?

— Também me prenderam.

— Como o senhor pôde deixar isso tudo acontecer, Capitão?

— Juan, existem pessoas no Setor ST que estão atrás de você e de seus amigos. Ainda não sei quem são.

— É o Cabo Bob! — afirmei.

— Não apenas ele — Capitão continuava a falar enquanto corríamos. — Eu não posso interferir muito, senão vão descobrir minha ligação com vocês, e isso seria ruim. Chegamos! — disse parando em frente a uma porta. Ele ficou de costas para ela e, ao mesmo tempo, nos encarava. — Depois dessa porta, termina a Seção X. Vocês precisam seguir adiante.

— O senhor não vem?! — perguntei.

— Eu só posso ajudá-los até aqui! As câmeras depois deste corredor não sofreram a interferência que provoquei no sistema. Elas vão me captar.

Emily beijou o Capitão.

— Cuide-se! Prometa-me!

— Eu prometo, Emily! — acariciou o rosto de Emily. — Cuide dela, Juan!

— Sim, senhor!

— Vão depressa! Encontrem um elevador e vão para o térreo. David e Richard os aguardam do outro lado dos muros.

— David está bem?

— Sim, ele não precisou vir para cá. Andem!

Eu e minha amiga passamos pela porta. O Capitão ficou para trás. Emily estava se saindo muito bem me apoiando em seus ombros. Ela era forte. Eu resistia o máximo que podia para manter-me em pé apoiando na minha amiga e naquela muleta. Estava difícil para mim. O efeito daquela substância ainda estava ativo.

Sons de alarme com os piscapiscas das luzes intermitentes dos corredores foram acionados.

— Isso é um péssimo sinal! — dizia Emily. — Acho que descobriram a nossa fuga!

— Vamos nos apressar então!

CAPÍTULO 28

Anjo



Corremos o máximo que podíamos. Seguimos a orientação do Capitão Theo. Contudo, diante de nós, no fim da passagem, seguranças de preto apareceram! Notei que eles usavam capacetes transparentes. O mesmo capacete que assisti sendo testado em uma aula durante a invasão àquele setor.

— Eles estão ali! Vamos! — disseram alguns.

Emily e eu corremos para outro lado.

— Mais rápido, Juan!

— Estou tentando!

Emily me segurava fortemente para eu acompanhá-la. Entramos em outros corredores. Estávamos aflitos sem saber aonde ir e como fugir daquela situação. Eu caí.

— Juan! Levante-se!

— Ai! — eu sentia dor.

— Vamos! — Emily me puxava pelo braço para eu me levantar.

— Ali! Vamos pegá-los! — os seguranças nos encontraram.

Observei que, na parede, ao meu lado, estava uma mangueira de emergência.

— Afaste-se! — pedi para Emily. Ela compreendeu o motivo.

Usei toda a força que eu ainda tinha. Franzi minha testa. Aperfei meus olhos com as pálpebras. Contraí vários músculos faciais. O vidro quebrou. Direcionei a mangueira na direção dos homens. Emily abriu a torneira. Em seguida, perdi a força.

O volume e a pressão de água fizeram a mangueira serpentear pelo corredor na direção de onde os seguranças vinham. Aquela distração deu tempo para eu me levantar e continuar a fugir com Emily para outro lugar.

— Acho que tem um elevador naquela direção! — disse minha amiga.

De fato, parecia um elevador mais adiante. E era. Ele se abriu. Saíram mais homens de preto! Eles atiraram. Sorte que Emily se abaixou e me puxou para o corredor ao lado. Continuamos a corrida. Todavia, paramos quando encontramos uma parede de vidro. Era como se fosse uma imensa janela para o exterior do prédio. Uma janela que não se abria.

— O que vamos fazer agora? — Emily olhou desesperada para mim. Eu apenas observei o lado de fora. Mesmo sendo noite, era possível enxergar a grande muralha do Setor ST. Antes de chegar até ela, um campo gramado a separava do prédio onde nos encontrávamos.

— Achamos vocês! — disse um homem.

— Vocês não têm saída! — falou outro.

Fiquei à frente de Emily.

— Estão errados! Sempre haverá uma saída! — afirmei.

— Vigias! Preparam-se para atirar! — solicitou alguém.

Caí ao chão com a muleta. Comecei a me contorcer.

— Juan! Juan! O que está acontecendo com você? — Emily se abaixou para verificar o que havia comigo.

— Ah!!!! — eu esbravejava! — Ah!!!! — tentava colocar as mãos nas minhas escápulas. — Minhas costas! Estão doendo!!!

Os seguranças deveriam estar assustados comigo, pois não atiraram e só observavam a minha crise de dor. Fiquei de bruços ali mesmo. Minhas costas queimavam. Repentinamente, de onde emergiam aqueles gravetos estancados, senti algo atravessar de dentro para fora. A sensação era a de que duas hastes estavam saindo de mim. Duas hastes grandes. Depois elas pararam de crescer. Senti algumas vértebras.

Parecia que eu havia ganhado novos membros. Eu conseguia senti-os. Eles estavam contraídos. Eu queria expandi-los como num movimento de abrir as mãos. Fiz isso. Eu não sabia o que estava acontecendo. Ainda estava agachado no chão. Olhei para os seguranças. Mesmo com os capacetes, era possível admirar o espanto deles.

No chão, a sombra do que estava sobre mim se projetava. Era grande. Eram duas. Era um par de asas!

— Juan! Você... você... — Emily não conseguia falar mais nada.

Apoiando apenas em uma perna, levantei-me. Virando para os lados, olhei minhas asas. Sim! Eram minhas! Saíram de mim. Elas conseguiram atravessar a túnica que eu usava através de pequenos rasgos que fizeram. A penugem delas era acinzentada. Eram enormes. Direcionei a ponta das asas mais adiante para poder tocá-las. Era de verdade! Eu não acreditava.

— Atenção, vigias! — voltou a falar o chefe daqueles homens.

Direcionei minha atenção para frente. Estiquei meu braço.

— Atirem!!! — ordenou o chefe.

Contudo, fui mais rápido. Retirei todas as armas dos vigias. Elas levitaram sobre as cabeças deles.

— Abaixese, Emily! — puxei minha amiga e deitamos.

Os disparos foram intensos. Sem parar. Consegui o que eu queria. A parede de vidro se quebrou com os tiros. As munições acabaram.

Ao som das armas caindo, levantei e levantei minha amiga. Outros seguranças chegaram. Provavelmente, aqueles que a mangueira ajudou a distrair.

— Vem comigo! — falei para Emily.

— O que você vai fazer?

— Atrás deles! Eles vão escapar! — gritaram os homens.

Peguei Emily pela cintura. Ela abraçou o meu pescoço. Ficamos na beirada da grande janela olhando para baixo. Eram mais ou menos vinte metros de altura.

— Segure firme, Emily!

Abri minhas asas para fora da janela. Por cima do ombro, notei que os vigias estavam chegando. Concentrei-me. Além da muralha! Esse era o meu objetivo. Respirei fundo. Saltei.

Caímos, eu e Emily. Ela gritou durante a queda. Estávamos quase tocando o gramado. Mas inclinei as asas para frente. Esse movimento nos fez plinar.

— Você conseguiu, Juan!

— Sim! Estou voando!!!

Inclinei as asas mais ainda e fomos para cima. A grande parede estava à nossa frente. Eu voava de maneira vertical, paralelo ao muro. Meu propósito era chegar até o topo para ultrapassá-lo.

Ouvimos tiros!

— Eles estão atirando! — Emily disse.

— Falta pouco!

Realmente faltavam poucos metros para alcançar a parte alta da muralha, mas perdi a força novamente e não consegui bater as asas. Quando percebi que eu cairia, segurei a beirada do muro com as duas mãos. Emily, sem querer, despreendeu-se do meu pescoço. Só não caiu, porque se segurou em meu único pé.

— Juan!

— Segure-se!

Dois seguranças que estavam fazendo vigia na muralha nos viram e estavam a caminho.

— Juan, estou escorregando!

Eu estava transpirando. Emily não conseguiu se segurar. Ela soltou-se de mim!

— EMILY!!!

Gritar não traria minha amiga de volta, mas foi o que fiz.

— NÃÃÃOOO!!!

Não pude fazer nada. Absolutamente nada.

Ver o corpo da minha amiga atirado ao chão foi uma sensação horrível!

— Você está preso!

Levantei a cabeça. O cano de uma arma apontava para mim. Cerrei meus dentes. O impulso de minha força colocou-me naquele corredor da muralha. Sobre uma perna, fiquei frente a frente com os vigias. Eles estavam impressionados com minhas asas.

Com meus poderes, retirei pedaços compridos de ferro do corredor e acertei a cabeça dos sujeitos. Eles desmaiaram. Fui olhar mais uma vez para baixo onde estava a minha amiga. Também percebi que alguns seguranças no campo gramado estavam indo em direção a ela.

Antes que eu pudesse fazer alguma coisa, lá embaixo, um braço se mexia. Depois uma perna, outra perna, outro braço.

— Não pode ser! — espantei-me.

Mesmo ao se levantar, eu ainda não conseguia compreender o que estava acontecendo. Emily não estava morta!

— Emily! — gritei do alto do muro. Ela acenou de volta. — Cuidado, eles estão vindo!

Minha amiga estava cercada! Havia seguranças vindo de várias direções. E ela estava encurralada contra o muro. Para sair dessa enrascada, Emily cerrou o punho e abriu uma cratera na parede!

Foi um estouro! Ela pegou parte dos destroços e os arremessou contra os seguranças. Estes saíram correndo.

Assistindo a tudo do alto, eu pulei para o outro lado do muro até o chão. Estava confiando em minhas forças. Emily atravessou o buraco que fizera. Eu parei agachado no meio da rua. Levantei-me com o olhar para frente. Diante de mim, um farol me iluminava. Um carro estava parado a alguns metros de distância.

Estiquei minha mão à frente de meu rosto para tentar bloquear parte da claridade e observar quem estava no veículo.

— Juan!

Desligaram os faróis. Então, pude notar. David e Richard estavam no carro. Richard saiu do veículo e foi correndo ao meu encontro.

— Juan?! — ficou de frente para mim observando minhas asas.
— É você mesmo?

— Sim, sou eu. O seu anjo! — sorri.

Richard me abraçou. Beijamo-nos.

Barulhos de tiros recomeçaram.

— Entrem no carro, rápido! — pediu David que ligou o veículo e os faróis.

— Vamos, Juan! — falou Emily entrando no carro.

Pela cratera na muralha, observei vários seguranças se aproximarem. Inclusive viaturas. Uma delas atravessou o buraco e bateu na lateral do carro de David. Sorte que David havia colocado o carro em movimento, senão o estrago teria sido pior.

O veículo com meus amigos seguiu em frente para pegar a mim e Richard.

— Segure-se em mim, Richard! — pedi para ele.

Quando o carro de David se aproximou de nós, pulei com Richard sobre o teto.

— Não pare, David! Acelere!!!

Se David tivesse parado, não teríamos conseguido escapar. Outras viaturas e mais seguranças e policiais militares atiravam em nossa direção. Estávamos sendo seguidos! Os tiros não eram com aquelas esferas, eram com projéteis comuns, o que poderia matar os meus amigos.

David acelerava, ele fazia algumas manobras de modo que o veículo não fosse um alvo fácil. Com uma mão, eu segurava Richard e, com a outra, eu me agarrava na lateral do carro. Estávamos deitados no teto.

Pow! Pow!

— Acertaram um tiro nas suas asas! — Richard falou. — Você não sentiu?

— Não!

Assim que respondi, outros tiros me atingiram. Então, compreendi que minhas asas também serviam como escudo. Usei-as dessa forma para proteger Richard.

As viaturas estavam se aproximando cada vez mais. Estiquei a minha mão na direção de uma grande árvore que estava em nossa frente.

— O que você vai fazer? — perguntou Richard.

— Ver se meus poderes voltaram por completo.

No mesmo instante, uma árvore começou a tombar.

— David, não pare o carro! Acelere! — gritei para o amigo.

Assim que o carro passou, eu fiz com que a árvore caísse e bloqueasse toda a pista logo atrás.

Uma viatura não conseguiu frear a tempo. Com o impacto, ela capotou por cima do tronco. As que estavam atrás tiveram que parar.

— Isso serviu de distração, mas eles vão continuar nos seguindo! — falei para Richard.

— O que vamos fazer? — respondeu ele.

— David! Está me ouvindo?

— Sim! — gritou meu amigo, que não parava de acelerar e desviar de outros carros no caminho.

— Vá para o Projeto Alvorada com a Emily! Eu e Richard encontraremos vocês lá!

— Tem certeza?

— Sim! Podem ir! Vou despistar os sujeitos! Não pare o carro! Até mais!

Agarrei Richard e soltei-me do carro. Ele seguiu caminho. Eu pousei na rua. Coloquei Richard no chão.

— Você está bem? — perguntei.

— Acho que sim.

Pow! Pow! Mais tiros iniciaram. As viaturas haviam nos encontrado. Abracei meu namorado pela cintura. Ele se pendurou em meu pescoço. Segurei-o com uma mão enquanto eu corria, pulando sobre uma perna e tentando bater as asas para voar.

Era difícil iniciar um voo do chão. Para ser sincero, eu ainda não tinha voado de fato, apenas havia plainado com a Emily.

Eu precisava aprender a voar, senão seríamos pegos. Quando um carro veio em nossa direção, entendi que estávamos na contramão.

Pulei sobre o veículo, mas não voei. Veio outro carro. Aproveitei para pular no teto e ganhar impulso. Ainda assim, não consegui voar. Bati as asas mais forte.

Atrás de mim, as viaturas se aproximavam. E mais tiros eram disparados. Vários carros surgiram. Eles estavam parados no semáforo. Continuei a pular sobre eles assim mesmo.

Richard estava demonstrando espanto em seu rosto, tal qual faziam as pessoas nas ruas e nos veículos. Afinal, não é todos os dias que uma pessoa com apenas uma perna e um par de asas fica pulando sobre o teto de carros segurando alguém enquanto policiais fazem uma perseguição.

Eu estava começando a pegar o jeito. Depois de um pulo sobre um caminhão, não precisei voltar para o chão. Eu estava voando. Ainda um pouco torto, mas voava. Os tiros só cessaram quando entrei em outras avenidas, passando por entre os prédios.

— Você está voando! — Richard estava emocionado.

— Sim!

Fiquei receoso de voar muito alto. Estava preocupado com Richard. Se ele se desprendesse de mim, a queda o mataria. Então, o segurei com mais força. Ele me olhou nos olhos.

— Isso não pode ser real!

— Mas é.

— Meu anjo!

Ele me beijou. Olhei para frente. Interrompi o beijo. Quase batemos em um prédio.

— Essa foi por pouco! — olhei para ele. Vi o braço. — Seu braço está sangrando!

— Não foi nada.

— Temos que fazer um curativo. Mas não podemos ir a um hospital assim.

— Vamos para o meu apartamento!

Não estávamos longe do edifício onde Richard morava. Eu precisei voar alto. A ideia era pousar no terraço do lugar para não chamar mais atenção.

Contornei o prédio fazendo movimentos em espiral até chegar ao topo. Pousei. Fiquei me apoiando no meu namorado. Fomos até o apartamento dele.

Ele pegou um estojo de curativos. Eu o ajudei a fazer.

— Ainda bem que o tiro realmente foi de raspão — falei terminando de enfaixar o braço de Richard. — Jamais me perdoaria se algo de ruim lhe acontecesse.

Ele me beijou. Eu senti dores nas costas.

— Ai!

— O que foi, meu anjo?

— Minhas costas!

Quando acabei de falar, minhas asas se contraíram. Elas se afunilaram e encolheram para dentro de meu corpo.

— Elas desapareceram! — disse Richard.

Retirei a túnica hospitalar. Fiquei nu. Fui pulando até o quarto de Richard para me observar no espelho. Ele me acompanhou. Confirmei o que havia imaginado. As asas voltaram para onde estavam aquelas cicatrizes, que estavam mais salientes que antes.

Eu fiz força. Queria que as asas ressurgissem. Fiz isso sem tirar os olhos do espelho.

Como se fossem guardachuvas enrolados, as duas asas surgiam. Conforme iam crescendo, iam se abrindo. Logo o par alado tomou conta do quarto.

— Incrível! Como isso é possível, Juan?

— Pensei que fosse o pessoal do Setor ST que tivesse feito isso em mim. Mas me enganei. Essas asas foram colocadas pelos ETs! Assim que tive contato com eles, surgiram duas cicatrizes nas minhas costas.

— E por que as asas não apareceram antes?

— Não sei. Mas o pessoal do Setor ST deve ter feito alguma cirurgia em mim para dar espaço para as asas se afluarem. Talvez.

Richard tocava as asas. Assim como eu, ele parecia encantado.

— É tão leve! E firme! A textura das penas não se parece com nenhuma pena que conheço. Parece plástico — falou.

— Eu não sinto peso algum. Não devem pesar nem um quilo!

— Mas são enormes! E são resistentes. Você, inclusive, estava utilizando como escudo — falava e acariciava aqueles meus novos membros. — Abertas, elas devem medir uns seis metros de comprimento e uns dois de altura!

— Pode ser tecnologia alienígena!

— Haha! — achamos graça.

Concentrei-me. As asas se comprimiram de volta para dentro de minhas costas.

— Acho que já estou conseguindo controlá-las.

— Vou pegar umas roupas minhas para você. Tome um banho

rápido.

— Está bem. Não podemos demorar. Em instantes, a polícia saberá que estamos aqui.

— Vou falar com o porteiro para me avisar caso chegue alguém. Também vou ligar a TV no noticiário para descobrirmos o que a mídia está sabendo sobre o que houve conosco.

Richard fez o que ele disse que faria. Eu tomei banho. Peguei um banco de plástico emprestado para me sentar enquanto me lavava.

Sentado na cama, enxuguei o meu corpo com uma toalha. Richard entrou no quarto.

— Coloquei em vários canais de notícias e nenhum deles está falando sobre nós.

— Isso é bom.

Richard me olhava diferente. Sentou-se ao meu lado.

— Estou feliz que está bem! Quando soube que foi preso, eu fiquei desesperado! — abraçou-me.

— Também estou feliz que você esteja bem.

Depois de alguns beijos, logo deitamos na cama.

— Richard, acho que não podemos — olhei para ele. — Emilye David devem estar preocupados conosco.

— Eles estão bem. Preocupe-se apenas com o agora!

Mais carinhos e carícias. De repente, minhas asas ressurgiram.

— Por que você abriu suas asas? — perguntou Richard.

— Foi involuntário.

— Tudo bem. Continue assim!

O QUE ESTÁ ACHANDO DO LIVRO?

PARA SABER MAIS SOBRE O LIVRO, ACESSE: WWW.GANDHOR.COM

COLABORE COM O AUTOR, FAÇA UM PIX. CHAVE PIX: helvister@yahoo.com.br

COMPARTILHE ESTE LIVRO COM TODOS OS SEUS CONTATOS!

SIGA O AUTOR: @helvister

MUITO OBRIGADO! ESPERO QUE SUA LEITURA SEJA FANTÁSTICA!

CAPÍTULO 29

Velha mania



Algum tempo depois, eu experimentei as roupas de Richard e escolhi as que me serviram. Antes de colocar uma camisa, fiz dois buracos para a passagem das asas.

— Antes de irmos, eu preciso pegar algo. — Ele foi até outro cômodo. Voltou com um pequeno caderno de capa vermelho escuro.

— O que é isso? — perguntei.

— Meu diário. Nunca lhe falei sobre ele?

— Não.

— Achei que você sabia. Eu gosto de escrever algumas reflexões minhas, de vez em quando.

Retornamos ao terraço do prédio. O dia ainda não havia amanhecido. Segurei o meu amado.

— Pronto para voar comigo de novo?

— Estou pronto para o que você quiser! — respondeu Richard acariciando meu rosto. Aproveitei e beijei a mão dele.

Em instantes, estávamos no ar. Saímos da cidade. Dei uma volta antes de chegar diretamente ao Projeto Alvorada. Fiz isso para despistar qualquer um que pudesse nos avistar. Chegamos ao Projeto pelo quintal, onde ficam as quadras poliesportivas.

Emily, David e Dona Emma nos recepcionaram.

— Dona Emma, eu posso explicar! — falei assim que coloquei Richard ao chão.

— Não explique nada, meu jovem! Eu sei de tudo! Só quero saber se estão bem — falou a senhora indo ao meu encontro, munida de abraços.

— Sabe de tudo? — estranhei.

— Eu contei para ela. Dona Emma é médium. Ela disse que eventos assim estavam previstos para acontecer — falou Emily.

Descobrir que Dona Emma era médium foi mais uma peça do quebra-cabeças que se encaixava. Isso me fez lembrar quantas vezes achei muito mística aquela senhora simpática que considero como parte da minha família. Ela sempre foi muito sensível. Richard e eu abraçamos todos.

Meus amigos queriam tocar em minhas asas. Estavam curiosos. Eu também fiquei curioso sobre a força de Emily. Queria saber desde quando ela tinha aquela habilidade. Ela falou que percebia certa força fora do comum crescendo ao longo dos últimos dias, mas que nunca havia colocado em prática. Parabenizei a minha amiga e também falei que eu fiquei assustado quando a vi caída.

Depois que recolhi e revelei as minhas asas várias vezes a pedido de David — que ficou fascinado com elas —, Dona Emma nos chamou para conhecer o local onde ficaríamos escondidos. Era bem provável que alguém descobrisse a minha relação com o Alvorada e resolvesse nos procurar por lá.

A senhora nos levou para o porão da área esportiva. Fui caminhando me apoiando em Richard.

O cômodo não tinha muita ventilação. Apresentava um pouco de mofo, mas estava bem-organizado. Havia várias caixas com brinquedos velhos e equipamentos de esporte. David bisbilhotava tudo. Ali tinha banheiro, colchonetes para dormirmos, sofá, mesa, cadeiras e também uma televisão antiga.

— Vou trazer alguma coisa para vocês comerem! — falou Dona Emma com a simpatia de sempre.

Assim que ela saiu, eu falei:

— Qual é o plano agora? Vamos ficar escondidos até quando?

— Theo havia dito que por enquanto sim. Ele precisa saber quem está por trás de alguns eventos paranormais que estão colocando em risco a sociedade.

— Sim, Emily, e além de prejudicar a sociedade, também querem me prejudicar — completei. — Sabemos que um deles é o Cabo Bob. Mas o Capitão disse que têm outras pessoas.

— Assim que descobrirmos quem são, devemos agir. Enquanto isso, não poderemos nem utilizar os nossos aparelhos! Qualquer comunicação via aparelho eletrônico pode denunciar a nossa posição.

— Mas e nossas famílias, nossos amigos de confiança, Emily? Precisamos avisá-los ao menos para dizer que estamos bem. — Richard estava preocupado.

— Verdade! Shanti ainda não está sabendo de nada — David se manifestou enquanto olhava o interior de uma caixa.

— Eu sei, pessoal — disse Emily. — Vamos fazer com que nossos entes queridos saibam sobre o nosso estado. Não se preocupem.

— Vejam. Baralho! Alguém quer jogar? — David mostrou umas cartas que havia encontrado.

••

Não foi fácil ficar escondido. Ainda mais sabendo que não estávamos fazendo nada de errado. Por meio de contatos de pessoas de Dona Emma, os familiares de Emily, de David e de Richard tiveram notícias que eles estavam bem, mas não poderiam contar onde se encontravam. Shanti acabou desconfiando e foi até o Projeto. Assim que viu David, deu um grande abraço e um grande beijo nele. David ficou muito feliz, porém ficou preocupado. Pediu para Shanti o visitar pouco, pois alguém poderia segui-la caso descobrissem que eram namorados.

Capitão Theo não apareceu nenhuma vez. Emily se preocupava. Tentava esconder isso, mas eu sabia que ela estava aflita. Temia que alguém do Setor ST desconfiasse e fizesse algum mal a ele.

À noite, dormíamos no chão sobre os colchonetes. Dona Emma insistia para pegarmos as camas dos dormitórios. Porém, o cômodo não comportaria quatro camas. De vez em quando, ligávamos a TV no noticiário, para saber se estavam falando sobre nós. E estavam.

Algumas pessoas que presenciaram o meu voo carregando Richard filmaram o momento. Esses vídeos se espalharam. Entretanto, a maioria não acreditava, dizia que era efeito computadorizado ou então algum tipo de intervenção para anunciar algum filme ou série. Se era verdade ou não para o povo, a questão era que as fotos de Emily, Richard, David e, claro, a minha, apareciam em todos os veículos de comunicação como sendo procurados pela polícia.

Um dia pela tarde, após termos almoçado mais uma refeição deliciosa feita por Dona Emma, Emily disse que sentiu Capitão Theo chamando por ela. Era aquela capacidade de fazer contato telepático a distância. Ela explicou isso para os outros:

— Assim que desenvolvi a telepatia com humanos, não demorei muito para que eu enviasse e recebesse mensagens de pessoas que não estivessem perto de mim. Mas isso não funciona com qualquer pessoa. Eu preciso ter uma afinidade com alguém para que a comunicação saia perfeita.

Por telepatia, o Capitão Theo marcou um encontro apenas com Emily. Segundo ela, ele não poderia se encontrar conosco por enquanto. Esse encontro seria arriscado, pois, segundo os noticiários que acompanhávamos, a polícia estava desesperadamente atrás de nós. Mesmo assim, Emily foi.

A respeito dos noticiários, naquela tarde, Dona Emma apareceu no porão.

— Meus filhos, liguem a TV! — ela disse descendo as escadas com cuidado. — Vejam as notícias que estão acontecendo!

— O que está acontecendo, Dona Emma? — perguntou Richard. Ele, eu e nossos amigos estávamos sentados no sofá velho assistindo a um filme.

— Mais notícias falsas sobre nós? — disse David abraçado à Shanti. Ela estava nos visitando naquele dia.

— O mundo! O mundo todo está uma loucura! — Donna Emma concluiu a descida na escada.

Troquei o canal para um de notícias. Donna Emma estava certa. A reportagem que assistimos estava mostrando eventos paranormais acontecendo em todo o mundo. Pessoas com capacidades como as minhas e de Emily usavam esse diferencial para cometerem crimes. Tal como Emily temia. Assaltos, furtos e até mesmo assassinatos!

Algumas pessoas tinham capacidades diferentes como teletransporte e domínio de alguns elementos da natureza. Câmeras de segurança flagraram um homem surgindo em uma joalheria. Ele pegou várias joias e depois simplesmente desapareceu!

Outra câmera mostrou uma mulher tombando um trem em movimento! Em seguida, ela e outros que a acompanhavam saquearam a carga. Vários outros vídeos mostravam pessoas cometendo ações fora do comum. Numa sala de aula, um aluno levantou o colega parecendo usar telecinese e o arremessou contra a janela. Uma criança foi flagrada no parapeito de um edifício, quando os bombeiros foram resgatá-la, ela voou!

— Especialistas em casos paranormais atribuem essas anomalias, vistas em todas as partes do mundo, ao Discurso Mundial Fraternal, ocorrido há alguns meses, e que foi feito, aparentemente, por uma alienígena — dizia a âncora do telejornal que assistíamos.

— Mentira! — falei. — O Discurso apenas deu um alerta!

— Prova disso são relatos de pessoas que admitiram terem presenciado ataques de extraterrestres, como mostra a próxima entrevista de um criador de vacas do nosso Estado — a jornalista completou.

— Eu vi os ETs! — falou um senhor que estava sendo entrevistado. — A coisa mais horrorosa que já vi em todos os meus sessenta e cinco anos de idade. Eles atacaram meu rebanho! Mataram todos os meus animais sem piedade. Aquela ET, que eu nem sei se

era ET, que falou todas aquelas coisas no Discurso, é uma falsa! O que os alienígenas querem é destruir as pessoas para ficar com o nosso planeta!

— Que calúnia! — exclamei.

Em seguida, imagens de câmeras de vigilância da fazenda do senhor entrevistado conseguiram captar a criatura que atacou as vacas. As imagens não estavam muito nítidas, porém foi possível enxergar o ser.

— Que coisa mais horrível! — disse Shanti. — Esses ETs são feios assim mesmo?

— Não! Não são ETs! — expliquei. — São os monstros que eu falei que encontrei na floresta quando estava patrulhando. Provavelmente, são os mesmos que mataram o Subtenente Fred no acampamento.

— Você disse que eles não vieram de outros planetas. Tem certeza disso? — indagou David.

— Sim. Dheareka falou que são criaturas do planeta Terra, mas de um mundo paralelo. Eles chegaram através de portais abertos pelo ser maligno que quer me destruir.

— Será que Juan não foi enganado por essa ET? — ouvi Shanti cochichar para David.

— Instituições e organizações mundiais ainda não deram parecer sobre esses episódios paranormais que a cada dia ganham destaques com a aparição de um novo evento. Serão essas pessoas seres de outros planetas? Sobre a criatura que surgiu no nosso país, o caso ainda está sendo investigado pelos órgãos competentes. No entanto, especula-se que o monstro também possa ter ligação com os eventos paranormais — a jornalista continuava a falar na TV. — A próxima reportagem que veremos é sobre os desastres causados pelas fortes chuvas no sul do Estado. Várias pessoas estão se solidarizando para arrecadar alimentos para as vítimas.

Desliguei a televisão. Não queria saber de mais nenhuma notícia.

— Desse jeito, você e Emily serão sempre considerados uma ameaça. Veja as atrocidades que outras pessoas com poderes estão cometendo. E ainda estão associando as criaturas a vocês!

— Verdade, Richard — eu disse colocando minha mão sobre a perna dele. — Porém, eu também tenho certeza de que muitas pessoas com esses dons estão fazendo exatamente o contrário. Estão ajudando pessoas. Mas aquela velha mania de generalizar as coisas é que acaba prevalecendo...

— E todos pensam que David e Richard também têm poderes, só porque estavam ajudando vocês na fuga — comentou Shanti. — Por isso, também são considerados foragidos.

— Quem disse que eu não tenho poderes? — David afagou os cabelos ruivos e encaracolados de Shanti. — Eu solto raio laser pelos olhos, sabia? Só não faço isso senão Emily e Juan ficariam com inveja!

— Haha! — todos, até Dona Emma, riram. Exceto eu. Eu estava tenso com tudo o que acontecia.

Aquilo tudo parecia um pesadelo. O mundo todo acompanhava eventos fora do comum acontecer. Eu tinha certeza de que nem todos agiam de forma maldosa. Porém, onde estavam aqueles sujeitos com poderes e que são pessoas de boa índole? Por que não aparecem salvando os outros e praticando o bem? Logo lembrei de mim. E percebi que esses sujeitos deveriam estar fazendo a mesma coisa: escondidos e com receio de usar seus dons a favor do próximo.

Dona Emma, que também parecia ter dado uma pausa para reflexão, retomou a fala:

— Meus filhos, de uma coisa vocês podem ter certeza: enquanto estiverem aqui comigo, estarão seguros. E bem-alimentados também!

— Temos certeza que sim, Dona Emma. — levantei para abraçar a querida amiga. Fui pulando até ela. — A senhora é uma mãe para todos nós!

— Juan, meu querido, vou ver se consigo ao menos uma muleta para você não ter que ficar se movimentando assim. — falou ainda em meus braços.

— Não vai precisar, Dona Emma! — disse Emily descendo as escadas daquele porão. Ela carregava duas bolsas. Uma em cada mão. — Tome, Juan!

Emily me entregou uma bolsa. Eu abri.

— Não acredito! Como você conseguiu? — dei um sorriso.

Era a minha prótese! Não era outra qualquer, era exatamente a minha. O mesmo tamanho, o mesmo material, a mesma cor pretame-tálica. Fui logo colocando-a.

— Também consegui nossas fardas! — Emily abriu a outra bolsa para mostrar o interior. — Theo quem me entregou esses materiais.

— E aí? Como foi o encontro com ele? — David e os demais se levantaram para se juntar a mim, a Dona Emma e a Emily.

— Vocês não têm ideia do que acabou de acontecer! Daqui a pouco, devem noticiar na TV.

— O que houve? — perguntei.

— Deixe que guardo essa bolsa para você — Dona Emma se ofereceu para colocar a bolsa de Emily em um canto.

— Muita gentileza da sua parte, Dona Emma — agradeceu e depois encarou a todos. — Theo está sendo pressionado. Desconfiam que ele está nos acobertando. Por isso, ele não pode vir aqui.

— E o demônio? Descobriram quem é? — perguntou David.

— Quem? — todos perguntaram.

— Esse ser maligno aí que está atrapalhando o mundo e quer impedir que Juan cumpra a tal missão.

— Não, David. Theo não tem certeza de quem seja, mas ele desconfia.

— Basta pressionar o Cabo Bob a falar quem é. O Capitão não disse que o Bob está envolvido com esse ser? — falei.

— Sim. Mas isso poderia colocar em evidência o envolvimento de Theo conosco. O que aconteceu recentemente e que apresenta um grande suspeito é o que quero falar para vocês.

— O que aconteceu, Emily? E quem é o suspeito?

— Seu irmão, Juan.
— Meu irmão?! — assustei.
— Sim. Ele é um dos suspeitos.
— Jeferson?! Não acredito — Dona Emma colocou a mão contra o peito e sentou-se no sofá.
— A senhora conhece ele? — Shanti quis saber.
— Sim — respondi para Dona Emma enquanto fiquei ao lado dela. — Eu e Jeferson ficamos aqui no projeto Alvorada quando nossa avó morreu. No entanto, meu irmão não quis ficar e preferiu morar sozinho.
— Eu insisti tanto para ele ficar. A culpa é minha se ele está fazendo mal para os outros.
— Não diga isso, Dona Emma. — falei enquanto apoiava minha mão no ombro dela. — Emily, por que você afirma que Jeferson é suspeito?
— Com certeza, o episódio de hoje será a manchete do dia. Houve uma fuga em massa na prisão secreta do Setor ST.
Todos nós ficamos espantados. Inclusive Dona Emma, que nem conhecia a prisão e, portanto, não sabia que a segurança de lá era muito reforçada.
— Como isso aconteceu? — Richard queria saber.
— Foi nesta madrugada. Todo o circuito elétrico do Setor ST foi danificado. Inclusive geradores. Como todo o sistema de segurança depende de eletricidade, foi fácil abrir as celas. Vários prisioneiros com capacidades paranormais fugiram.
— Malaika! — falei.
— Sim, ela também.
— Quem é ela? — perguntou-me Richard.
— A mulher do assalto e que eu reencontrei na prisão.
— Ah, sim.
— Então, — continuava Emily — além disso, as criaturas que estavam na Seção X também desapareceram. Elas foram raptadas.
— Como? — perguntou David.

— Não sabemos. Mas a única câmera de segurança que não sofreu interferência, pois ficava na entrada do Setor ST, conseguiu captar quem provocou tudo isso. Foi um sujeito que teve o rosto identificado por reconhecimento facial e, pelo histórico da ficha, Theo descobriu que é o irmão de Juan.

— Impossível! Jeferson está preso em uma penitenciária comum.

— Estava preso, Juan. Ele conseguiu escapar há cinco dias, quando nós estávamos ainda servindo de objeto de pesquisa na Seção X.

— E como ele escapou?

— Jeferson também tem capacidades como nós. Fizeram um vídeo dele eletrocutando os seguranças da penitenciária onde estava. Ele consegue ter controle da eletricidade.

Aquela notícia me afetou. Foi uma surpresa para mim saber que Jeferson também tinha poderes. Ele já era um perigo sem essas habilidades, imagina as atrocidades que ele poderia cometer com elas!

— A gente precisa fazer alguma coisa! Meu irmão não pode ficar solto por aí eletrocutando as pessoas! Ele é covarde, cruel! Um inconsequente! Precisamos detê-lo.

— E você acha que já não estão fazendo isso? O problema é que, como descobriram que Jeferson é seu irmão, a polícia pensa que nós quatro estamos envolvidos com ele.

— Meu Deus! — a anfitriã se espantou.

— Calma, Dona Emma. A senhora e a Shanti não são suspeitas — tranquilizava Emily.

— Eu sei, minha filha! Estou preocupada justamente com vocês.

— E eu estou preocupado em saber o que tenho que fazer! Capitão Theo falou mais alguma coisa, se ele teve mais contato com os espíritos ou com os ETs?

— Não, Juan — disse Emily. — Ele não teve. Neste momento, a recomendação de Theo é para que todos nós fiquemos quietos, escondidos e confinados aqui.

Mais alguns dias se passaram. Estávamos naquele porão há mais de uma semana!

— Eu estou até engordando, porque estou sem fazer atividade física e estou comendo essas comidas gostosas que Donna Emma está fazendo para nós.

— Haha!

— David, só você mesmo para fazer a gente rir em uma situação dessa! — falou Emily jogando xadrez com Richard. David e eu estávamos assistindo à TV. Shanti não estava conosco naquele dia.

Ouvimos a porta do porão se abrir. Comentei com o amigo:

— Você falou em comida, David? Aposto que Donna Emma está trazendo mais um lanche para nós.

Era Donna Emma, mas ela não estava sozinha. Sabrina e Lukas desceram as escadas acompanhando-a. Todos nós levantamos.

— O que eles estão fazendo aqui?! Principalmente esse aí! — aponte para Lukas.

— Calma, meu filho!

— Falamos para a senhora não contar para ninguém sobre esse esconderijo!

— Juan, deixe Dona Emma falar! — Richard me pediu.

— Eu não traria esses dois jovens aqui se não fosse importante. Conte para eles, querida — mesmo com a minha forma grosseira de questionar, Dona Emma continuou com a mesma doçura nas palavras e pediu para Sabrina falar depois que eles desceram as escadas.

— Como o tio Juan sabe, eu estou namorando o Lukas. E meu namorado me conta todos os segredos dele. Eu estava achando estranho que ultimamente ele sabia tudo o que eu pensava antes mesmo de eu falar qualquer coisa. Então, ele me contou... ele me contou...

— O que ele lhe contou? — interoguei.

— Não sei se falo.

— Conte, Sabrina. Então fale você mesmo, Lukas — pediu Dona Emma.

O garoto apenas olhou sério para mim. E sem mover os lábios disse:

— Eu me comunico por pensamento!

— Você também! — falei.

— Ele também o quê? — perguntou David.

— Lukas é telepata — disse Dona Emma. — Sabrina ficou assustada. Veio me procurar. Eu expliquei para ela que algumas pessoas são assim, e que ela não precisava ficar assustada com o namorado.

— Então eu conversei com o Lukas — Sabrina continuava a história. — Pedi para ele falar com Dona Emma, porque ele mesmo estava com medo desse poder.

— Conte para eles o que você me disse, Lukas — insistiu a senhora.

Lukas olhou para todos. Demorou um pouco para começar a falar.

— Descobriram que tenho esse poder. E agora estão me forçando a trabalhar.

— Quem está fazendo isso? — indaguei.

— Você sabe quem, tio. Seu irmão.

Fechei os olhos. Respirei fundo.

— E o que Jeferson está obrigando-o a fazer?

— Ele não disse. Eu apenas fico fazendo a segurança do baraco onde ele mora no Morro do Furgão. Eu não consigo ler a mente dele, mas sei que está tramando algo.

— Eu sabia! — fechei o pulso e bati na beirada do sofá. Parte do móvel quebrou.

— Hei! Calma aí, meu irmão! — falou David.

— Desculpem-me. Estou furioso! Temos que ir atrás de Jeferson! Isso se o Lukas não contar onde estamos, claro.

— Eu não faria isso!

— Tem certeza? Então quem contou para o meu irmão que eu estive no Morro do Furgão naquele dia que eu lhe dei carona?

— Não sei, tio. Aquele lugar tem mais fofoqueiro que cidade pequena. Mas não fui eu, eu juro!

— E como ele descobriu que você tem poder? Você tem contato com ele? — David questionou o garoto.

— Não! — Lukas respondeu. — Jeferson, agora, está cheio de gente com poderes do lado dele. Gente que nem é da comunidade. Tem uma mulher lá que consegue sentir quem é diferente e quem não é. Agora, todos do Morro do Furgão que têm poderes são obrigados a servir Jeferson.

— Eu vou entrar em contato com Theo. Precisamos repassar essas informações para ele! — disse Emily, posteriormente, dirigiu-se para Lukas. — Enquanto isso, mocinho, não volte a se aproximar desse Jeferson.

— Pessoal, pelo contrário — David entrevistou. — Acho que esse garoto deveria continuar próximo ao Jeferson.

— Isso mesmo! — eu consegui entender o raciocínio do meu amigo. — Lukas será o nosso espião no território do inimigo! Ele pode ir passando informações para nós por meio da telepatia.

— Mas ele corre perigo estando perto do Jeferson! — falou Dona Emma.

— Não, Dona Emma. Se Lukas desaparecer do Morro do Furgão, será pior. Jeferson deve saber que Lukas frequenta o Projeto Alvorada. Aqui será o primeiro lugar que ele procurará pelo garoto. E, então, todos nós estaremos correndo perigo — expliquei.

Richard, Sabrina e Donna Emma não concordaram, mas acabaram aceitando depois que eu e David dissemos que daria tudo certo.

Emily fez um teste, e Lukas conseguiu se comunicar com ela por telepatia. Dessa forma, minha amiga seria o meio de comunicação do garoto.

— Qualquer coisa que Jeferson lhe fizer de mal, você me relata, ok? — perguntou Emily.

— Ok.

— E mais uma coisa, garoto — fiquei frente a frente com ele. — Espero que você não nos denuncie!

— Podem confiar em mim! Vou ajudar vocês. Farei isso por Dona Emma, pela Sabrina e também pela minha comunidade. Todos nós estamos com medo do Jeferson. Ele está aterrorizando e ameaçando a todos. Os poderes estão mexendo com a cabeça dele. Ele está ficando louco!

— Ele sempre foi um louco, um psicopata! Esses poderes só estão potencializando isso — complementei.

— Lukas, todos nós aqui contamos com você! — disse Richard.

— Ele não vai nos decepcionar! Não é mesmo? — disse Sabrina que não largava o braço do namorado.

— Podem confiar em mim!

— Eu confio e sempre acreditei nele desde o dia em que ele pisou aqui pela primeira vez! — Dona Emma disse abraçando o casal de adolescentes.

Depois que as visitas foram embora, Emily foi para um canto se concentrar para fazer telepatia com o Capitão Theo. Eu fiquei pensando em Lukas. Por mais que eu sentisse que ele havia mudado, a lembrança do envolvimento dele no assalto era forte em mim. Eu não conseguia esquecer. Temia que ele pudesse trair todos nós.

..

Na madrugada, eu me levantei. Richard, Emily e David não estavam ali. O lugar todo não estava. A escuridão predominava. Continuei a caminhar procurando o pessoal. Eu estava fardado.

Aos poucos, percebi que eu estava cercado por pessoas. Elas passavam de um lado para outro. Várias. Tudo foi ficando mais claro. Era uma praça. Uma grande praça movimentada. Ao centro, uma enorme haste ostentava a Bandeira Nacional. Eu conhecia aquele lugar.

— Ladrão! Pega o ladrão!

Alguém gritou. Posteriormente, notei que uma pessoa suspeita corria. Era o ladrão! Fui atrás. Tentei alcançá-lo. Só depois que o volu-

me de pessoas diminuiu que eu consegui ficar próximo. Reparei que corríamos sobre uma ponte. Faltava pouco para minhas mãos tocarem o sujeito. Quando eu iria pegá-lo, precisei parar. A ponte estava partida. Eu quase caí em um precipício escuro. O sujeito continuou a correr na outra parte da ponte que seguia após o buraco.

— Você se esconde de mim, Juan?

— Quem está aí? — perguntei para a voz que eu não sabia de onde vinha. Olhei para os lados e não achei ninguém.

— Eu sei onde você está!

— É você, Jeferson? Responda! — gritei para a voz, que era grave, assustadora. As palavras eram ditas de forma lenta e com uma entonação de suspense. Não parecia ser a voz do meu irmão. Porém, ele era o meu inimigo. Só poderia ser ele.

— Seu fim está próximo!

— O que foi que eu lhe fiz? Por que você me persegue?

Fiquei de costas para o buraco na ponte. Procurava por todos os lados quem estava me chamando. No início da ponte, bem longe, alguém se aproximava. Peguei a minha arma. Apontei para a pessoa.

Ela se aproximava. E quanto mais perto ficava, mais eu me assustava. Era uma criança. Uma criança que eu conhecia muito bem.

— Não pode ser! — falei colocando minha arma de volta no coldre. — Isso é impossível! Não é real!

A criança caminhava até mim. Era eu mesmo! A minha versão quando eu tinha sete anos de idade!

— Oi, Juan. — ela falou estando bem perto. — Abaixei. Vou entregar uma coisa para você.

— Não é verdade! — falei. Mas obedeci. Agachei até ficar na altura do pequeno Juan.

— Tome aqui.

O menino colocou no meu fardamento, no lado esquerdo do peito, o distintivo que eu ganhei do militar quando era criança. Olhei

para a insígnia bronze em formato de asas. Na sequência, quando levantei meu olhar, percebi que o menino não estava mais lá.

Senti um vapor quente atrás de mim. Notei uma sombra crescendo e me cobrindo. Levantei, fui virando vagarosamente para descobrir o que era. Um monstro gigante! Igual àqueles quadrúpedes que encontrei na floresta. Porém, maior. Muito maior. Tão grande a ponto de abrir a boca para me engolir. Gritei. Depois fui engolido.

— Juan! O que foi?! — Richard me perguntou. Acordei assustado. Eu o abracei. — Você está suando! Foi um pesadelo?

— Sim!

— Juan! O que houve? — Emily perguntou. Ela e David acordaram também. David acendeu a luz.

— Desculpe-me, pessoal — falei após abraçar Richard. — Tive um sonho horrível.

— Será que foi um daqueles sonhos premonitórios?

— Acho que sim, Emily! E, dessa vez, eu sei onde aconteceu os fatos!

Ainda sentados nos colchonetes e em meio aos cobertores, relatei a meus amigos o meu sonho. Contei que o cenário dos episódios era a Praça da Bandeira Nacional; uma praça situada na região central da capital, onde uma enorme Bandeira do país fica hasteada em um mastro com mais de trinta metros. A Academia de Polícia fica próximo àquele local.

— Ao amanhecer, vou até lá!

— Não, meu anjo! Você está louco?

— Se você for, eu vou também! Estou cansado de ficar trancafiado aqui neste porão e não poder fazer nada!

— Eu sei, David! E você acha que eu também não quero fazer alguma coisa? Todos os dias, estamos presenciando as pessoas ficarem assustadas com esses eventos paranormais. Eu me sinto impotente, mesmo sabendo que posso ajudar, mas não podendo agir.

— Então vamos ajudar, Emily! Vamos usar nossas habilidades para o bem, para fazer a diferença!

Estrutura faraônica

— Juan, o Theo disse...
 — Eu sei o que ele disse. Eu sei que todo o nosso Estado, todo o nosso país, todos estão a nossa procura. Por isso, tive uma ideia. Vamos nos fardar e ir até a Praça da Bandeira Nacional.

— Isso mesmo! Vamos lá! — David se empolgou.

— Isso é loucura! A Academia de Polícia fica a dois quarteirões dali. O que mais tem é policial naquela região.

— Sim, Emily. Exatamente por esse motivo que ninguém poderia imaginar nos encontrar fardados tão perto deles.

— Minha farda está em casa. E agora?

— David, mesmo que ela estivesse aqui, não acho conveniente você ir conosco.

— Por que, Juan? Só porque eu não tenho poderes como vocês? Isso é exclusão, viu!

— Não, David. Claro que não. Essas pessoas que usam poderes como o nosso precisam ser combatidas com poderes como os nossos. Armas podem ser inúteis.

— Isso não é desculpa, Emily. Vocês estão me excluindo.

— Ok. Quer saber a real desculpa? Nós amamos você, meu amigo! — Emily falou. David ficou sem reação. — E não queremos que você e nem Richard corram perigo. Vocês, cuidando um do outro e de Dona Emma, estarão fazendo um papel tão importante quanto o nosso.

— Então, estamos combinados, não é Emily?

— Sim, Juan. Theo ficará furioso comigo, mas eu vou com você à praça quando amanhecer.

Pela manhã, tomamos café. Peguei minha farda. Com a ajuda de Richard, fiz duas aberturas na parte de trás da gandola, pois era por ali que saíam minhas asas, caso eu precisasse utilizá-las. Despedimo-nos. Prometi que voltaria.

Emily e eu decidimos colocar nossas fardas em um shopping center próximo à praça. Pegamos um táxi até lá. Usávamos óculos escuros e chapéus para não sermos reconhecidos. Esses adereços estavam nas caixas do porão.

Ao chegarmos ao shopping, trocamos de roupas nos vestiários. No banheiro masculino, depois que coloquei a farda, joguei a outra roupa fora. Retirei do meu bolso o distintivo de par de asas. Coloquei no meu peito. Fiz isso de frente para o espelho. Tirei os óculos que estavam apoiados na minha gandola para colocá-los no rosto. Ajeitei minha boina na cabeça. Respirei fundo e falei para o meu reflexo:

— A morte não é o fim!

Quando saí do vestiário, encontrei com Emily saindo do outro. Ambos estávamos com os óculos escuros.

— Pronta para a batalha? — perguntei.

— Eu sempre estou! — eu não esperaria outra resposta de Emily.

A pé, deslocamos até a famosa Praça da Bandeira Nacional. Lá estava ela. Era grande e circular. Uma das principais avenidas da

**COLABORE COM O AUTOR, FAÇA UM PIX.
 CHAVE PIX: helvister@yahoo.com.br**

**MUITO OBRIGADO! ESPERO QUE SUA
 LEITURA SEJA FANTÁSTICA!**

WWW.GANDHOR.COM

capital cortava o local ao meio. Prédios altos e baixos faziam uma espécie de cerca. Árvores, arbustos, gramados e flores contrastavam com a paisagem daquela selva de concreto.

A praça chamava a atenção por dois monumentos. O primeiro, ao centro, era o grande mastro onde estava hasteada uma enorme Bandeira Nacional, motivo do nome do lugar. O outro era um viaduto que cruzava a diagonal da praça. Era um viaduto para carros com altíssimos arcos de concreto para sustentar aquela estrutura faraônica.

Andamos nas ruas normalmente, como se fôssemos uma dupla de policiais fazendo o patrulhamento. De fato, era exatamente isso que éramos e que estávamos fazendo. Observávamos, atentamente, tudo ao nosso redor, as pessoas, os veículos, as lojas. Os idosos dando comidas para os pombos. Crianças brincando com cachorros na grama. Algumas pessoas fazendo caminhada, outras fazendo compras no comércio, outras andando de um lado para outro, comprometidas com algum trabalho. Havia um movimento considerável de pessoas por ser uma terça-feira próximo ao meio-dia.

Circulamos pelo local durante algum tempo. Vimos um policial estacionar, próximo a nós, uma motocicleta que não era da instituição. Não acreditamos quando percebemos quem era.

— David?! — Emily e eu exclamamos.

— Olá, meus irmãos? Gostaram da surpresa? — David retirou o capacete e o prendeu no guidão da moto. Tentou ajeitar seus curtos cabelos loiros que se atrapalharam com o capacete. Ele também estava com um fuzil pendurado nas costas por uma bandoleira.

— O que você está fazendo aqui?

— E essa arma, onde conseguiu? — perguntei.

— Calma, pessoal — falou depois de sair de cima da moto e colocar a boina que estava no bolso. — Fui à minha casa pegar minha farda, minha moto e meu rifle para ajudar vocês. Simples assim.

— Você se arriscou muito indo à sua casa pegar suas coisas, David. Além disso, não pedimos para você ficar no Projeto cuidando do Richard e da Donna Emma?

— Emily, tenho certeza de que eles estão bem mais protegidos que nós. Deixei um bilhete para eles.

— Você saiu de lá sem falar nada para eles?

— Juan, você conhece Richard mais do que eu. Se eu falasse com ele, ele iria querer vir comigo.

— Você não devia ter vindo. É perigoso para você!

— Emily, você e Juan podem ficar tranquilos. Deixarei vocês cuidando do setor aqui embaixo. Eu ficarei no setor de cima.

— Não entendi.

— É muito simples, meu amigo. Eu vou ficar no alto de um prédio com meu rifle. Sou um exímio atirador. Caso precisem, estarei lá protegendo vocês e longe de qualquer pessoa com poder.

Olhei para Emily. Ela também me encarou. Eu não tinha certeza se era uma boa ideia. De qualquer forma, era a melhor que poderia ter, pois qualquer pedido para que David fosse embora seria em vão.

— Nós vamos concordar se você prometer que ficará bem! — eu disse.

— Conte comigo, meu irmão, sempre! Nós somos uma equipe. Sai junto, chega junto!

Olhamos um para o outro com sorrisos.

— Matheus estaria aqui também, se estivesse vivo — David falou. O tom da voz dele mudou.

— Ele está! — afirmou Emily. — Eu sinto!

Quando minha amiga disse essas palavras, eu senti uma energia diferente. Não sei se era emoção, mas era uma sensação boa. Muito boa!

— Então vou nessa! Cuidem-se!

— Você também, meu irmão! — falei.

Meu amigo entrou no maior dos prédios dentre os que estavam em volta da praça.

Minha guarnição voltou a patrulhar o lugar. Após certo tempo, Emily me perguntou:

— Tem certeza de que era aqui onde aconteceu o seu sonho?

— Sim. Eu vi perfeitamente. Era esse o local.

— Talvez a data não seja hoje.

— Pode ser.

— Espere! — paramos de caminhar. Estávamos em uma calçada larga, com vista para toda a praça. Várias pessoas transitavam perto de nós. A expressão de minha amiga não era agradável.

— O que foi, Emily? Você está bem?

— Estou sentindo!

— O quê?

— A sua sensação. A sensação do seu sonho. Juan, é horrível!

— Sim! Eu confirmo. Estou sentindo novamente.

Aquele mesmo arrepio que eu sentia todas as vezes já estava dominando o meu corpo. E isso, infelizmente, só significava uma coisa: algo ruim estava para acontecer!

— Juan, será que apenas nós dois daremos conta?

Eu não enxergava os olhos de Emily por causa dos óculos, mas nem precisava. O pânico era perceptível.

— Nós vamos conseguir! — de frente para minha amiga, coloquei minhas mãos sobre os ombros dela.

— Veja! — Emily apontou para um sujeito que passou correndo atrás de mim. — Eu li, de forma ligeira, o pensamento daquele homem. Ele vai fazer algo ruim!

Começamos a perseguir o indivíduo. Era um homem alto, de pele parda, cabelos encaracolados. Vestia bermuda jeans e uma camisa marrom. Ele corria e olhava para trás em minha direção e de Emily. Todas as pessoas no caminho dificultavam a nossa locomoção.

— Vou tentar usar minhas asas!

— Agora?

— Sim, temos que pegar o sujeito!

— Vai chamar muita atenção! — falava Emily enquanto corríamos.

— Tem razão. Vou deixar para depois. Vamos atrás do cara antes que a gente o perca de vista!

Continuamos atrás do sujeito. Ele havia entrado naquele mesmo shopping center onde trocamos de roupa. Entramos também. Eu o perdi de vista. Retiramos nossos óculos e os guardamos nos respectivos bolsos. Paramos para fazer uma varredura com o olhar no saguão.

— Ele está ali!

Emily apontou em direção a uma escada rolante pela qual o sujeito subia. Localizei-o. Ele corria desesperadamente. Com o pensamento, movi a escada rolante para que ela fizesse o movimento contrário. Enquanto isso, Emily e eu corríamos. Eu queria fazer a escada mover mais rápido para baixo, porém, seria perigoso para as outras pessoas que também estavam nela. Por isso, o fugitivo conseguiu escapar. A escada, então, voltou a subir normalmente.

No andar de cima, a perseguição continuava. Conseguimos visualizá-lo entrando em uma loja de roupas. Havia muitos corredores com vestimentas penduradas em cabides sobre pedestais.

— Eu vou dar a volta! — disse Emily contornando a loja em outra direção.

— Ok!

Continuei o caminho atrás do indivíduo que estava a mais de quinze metros de distância. Com telecinese, derrubei algumas estantes de roupas sobre ele. Outras pessoas também foram atingidas, porém, como as estantes eram leves, ninguém se machucou. O fugitivo ficou sob um amontoado de roupas. Cheguei perto e comecei a retirar as roupas jogando-as para os lados a fim de descobrir quem estava por baixo delas. Encontrei uma pessoa. Ao retirar uma blusa que cobria a sua cabeça, vi que era uma mulher. Do outro lado do monte de roupas, o indivíduo saiu correndo novamente pela loja.

Adiante percebi um manequim na direção do sujeito.

— Já sei!

Minha ideia começou a ser executada. O manequim ganhou vida. Seu primeiro movimento foi um tapa na cara do fugitivo. Ele caiu e se levantou imediatamente. Mas, antes que começasse a correr mais uma vez, o manequim colocou o pé à frente fazendo com que outra queda acontecesse.

Vendo que a boneca grande estava “viva”, o sujeito resolveu enfrentá-la dando-lhe um soco, o que fez sua cabeça rolar para longe. Ainda assim, os tapas do manequim continuaram.

— Agora você não escapa! — falei ficando frente a frente com o fugitivo.

Ele abaixou quando o manequim iria acertá-lo. O tapa me atingiu. Aquela distração foi o suficiente para o rapaz fugir de novo. Ele saiu da loja de roupas correndo em direção à praça de alimentação do shopping.

Emily apareceu por trás dele quase conseguindo agarrá-lo. Várias pessoas assistiam à perseguição. O lugar estava lotado. O fugitivo subiu sobre as mesas, correndo e pulando de uma para outra, pisoteando os alimentos dos clientes do lugar. Emily teve que fazer a mesma coisa.

Uma bandeja voando direto na cara dele seria mais que o suficiente para inibir a fuga. Eu fiz isso. O sujeito caiu sobre uma mesa cheia de alimentos, depois, foi para o chão. Emily conseguiu imobilizá-lo em seguida. Quando também cheguei próximo ao rapaz, perguntei:

— Quem é você?

— Não vou falar nada!

— Diga! — disse Emily se levantando e ficando ao meu lado.

Nós olhávamos para o sujeito que estava deitado ao chão. De repente, ele começou a gargalhar.

— O que é tão engraçado? Hein? — perguntei.

— Meu Deus!!! — exclamou Emily.

— O que foi, Emily?

— Isso tudo foi uma distração! Juan, a gente precisa voltar agora para a praça! — minha amiga estava aflita. Ela havia acabado de ler o pensamento daquele cara. E, pelo que parecia, não era nada bom.

— Hahaha! — o rapaz continuava a gargalhar.

Escutamos barulhos de colisões de carros vindos de fora do shopping.

— Quem está por trás disso? — agarrei o fugitivo pela camisa levantando-o do chão e suspendendo-o acima de minha cabeça. — Diga! — sacudi o rapaz.

— Ele nos deu dinheiro e várias garantias em troca desse serviço. Ele parece ser mais poderoso que você! O nome dele é Jeferson!

Meus olhos perceberam uma grande parede de vidro próximo de nós. Através dela, era possível ver, lá embaixo, pessoas nas ruas apontando para o que parecia ser alguma situação surpreendente que estava acontecendo mais adiante.

Então Jeferson era mesmo o culpado por tudo. Foi ele quem matou Matheus, a Coronel e o marido dela. Como ele sabia da minha relação com eles? Como ele conseguiu ter tanto poder a ponto de criar portais e trazer monstros para cá?

Ouvimos mais barulhos de carros colidindo. E também alguns gritos.

— Precisamos ir agora, Juan! — disse Emily, que percebeu meu momento de paralisação ainda segurando o sujeito no alto. Atirei-o contra algumas latas de lixo que estavam no local. — Temos que chegar lá embaixo o mais rápido possível!

— Vamos fazer um atalho! Siga-me! — corri na direção da parede de vidro. Não havia nenhuma saída ali. Até que eu fizesse uma!

Um grande estilhaçar aconteceu. A parede foi o atalho que criei. Caímos, eu e Emily, em pé, na calçada do lado de fora daquele shopping. Antes que os pedaços de vidro atingissem as pessoas na rua, eu os direcionei até a caçamba de um caminhão que estava ali perto.

Emily e eu, a dupla de policiais com poderes paranormais, corríamos na direção de onde vinham os barulhos de colisões de carros e os gritos. As ruas estavam congestionadas.

Chegamos até a praça e verificamos o porquê do engarrafamento. Cinco carretas obstruíram as vias. Algumas colidiram com carros,

outras subiram nos canteiros dos jardins. Os veículos eram parecidos entre si. Cada um transportava um comprido container. As laterais deles estavam sendo suspensas automaticamente.

— Juan! — gritou Emily. — Precisamos impedir que os containers sejam abertos! Existem monstros lá dentro!

— Como você sabe disso?

— Estou usando minha visão de raio X

Até havia me esquecido de que Emily tinha essa outra habilidade também. Fomos até um container cuja lateral estava começando a se abrir. Era como uma porta de garagem que se levanta verticalmente. Percebi que havia uma movimentação parecida com a de animais grandes no interior daquela cabine. Emily e eu conseguimos abaixar. Porém, a porta levantava novamente.

— Segure-a! Vou ver quem está na cabine controlando essas portas — falei com minha companheira.

Arranquei a porta do veículo com minha força! Checando a cabine, não encontrei ninguém. O painel do veículo era computadorizado, sugerindo que as carretas haviam sido programadas para chegarem até ali e abrirem as portas dos containers. Enchi o painel de socos. Quebrei tudo. Olhei pela janela. A porta do container havia parado de subir.

Vários gritos aconteceram.

— Juan! — Emily apontou para as outras carretas. Elas já estavam com as portas laterais quase todas abertas. Os animais no interior não esperaram abrir por completo e saíram.

Vi as criaturas, assim como todas as pessoas naquela praça. Eram quase do tamanho de rinocerontes. Pareciam grandes buldogues com cara de morcego. Eram os mesmos monstros que eu havia encontrado aquela vez na floresta.

Eu não estava acreditando no que acontecia. Fiquei pendurado na cabine observando as outras carretas. Todas elas estavam abrindo as portas laterais dos containers. As primeiras feras que saíram foram em direção às pessoas, que gritavam sem parar.

Fui atrás das criaturas. Emily também. Corri muito rápido, consegui puxar uma pela cauda. Parecia uma cauda curta de lagarto. De fato, toda a pele das criaturas parecia com a de um lagarto cinzaescuro. Joguei o animal para outra direção antes que ele abocanhasse as pessoas que estavam na calçada. Olhei para os lados. Outras criaturas surgiram. Movimentei, com o pensamento, carros contra os animais. Percebi que os veículos seriam ótimos instrumentos para eu utilizar como armas.

Uma criatura se aproximou entre corredores de carros. Esmaguei-a pressionando dois veículos contra ela. Porém, havia muitas feras. Eu não conseguia impedir o ataque de todas. E, algumas pessoas, infelizmente, foram devoradas ou tiveram membros arrancados.

Emily também impedia as criaturas de atacar outros cidadãos. Ela também segurava os bichos pela cauda, dava socos e chutes.

As portas de quatro carretas se abriram completamente. De cada uma delas, saíam, aproximadamente, dez daquelas bestas. Pessoas abandonaram seus veículos para empregar fuga.

A desordem estava feita! Muita movimentação pela busca por sobrevivência. Muito pavor. E aqueles animais monstruosos espalhados por toda a praça atacando quem quer que estivesse à sua frente.

— O que vamos fazer?! — perguntou Emily.

— Vamos salvar o máximo de pessoas que a gente puder! Temos que matar essas criaturas!

— Vou tentar controlá-las com minha mente.

— Certo! — falei para Emily e fui atrás de outra fera que corria em direção à calçada. Peguei-a pelo rabo. Ela voltou-se para mim.

— Vem me pegar, seu bicho feio!

Tinha os olhos vermelhos. Abriu a boca comprida de onde saíram aqueles rugidos estranhos. Seus dentes eram semelhantes aos de um peixediabo negro. O focinho e as orelhas grandes eram como as de um morcego. O monstro foi me atacar. Pulou sobre mim. O impacto me fez cair com as costas no chão. Com as mãos nos dentes

dele, impedi que o monstro engolisse minha cabeça. Ele conseguia abrir o maxilar como um jacaré o faz. Babava muito. Era uma saliva gosmenta e prateada. Recordei-me das secreções que eu havia encontrado nas outras vezes.

Outro rugido, mas não do animal que eu segurava. Com a cabeça inclinada para cima, olhei para ver quem vinha atrás. Mesmo com a visão invertida, notei que era outra besta. Segurei firme os dentes da criatura que estava sobre mim e, ainda deitado, arremessei-a contra a outra que se aproximava. Levantei. As criaturas também. Aguardei mais um ataque. Contudo, elas caíram ao chão. Foram atingidas por balas de fuzil na cabeça.

— David!

Olhei para o alto do prédio. Meu amigo acenou para mim. Eu retribuí.

Procurei por Emily. Ela estava protegendo uma mulher com duas crianças. Uma criatura estava indo na direção delas. Emily ficou imóvel. Acho que ela estava tentando fazer controle mental. A criatura se aproximava cada vez mais. Emily estava encurralada na lateral de um ônibus se posicionando à frente daquela família com os braços abertos. Ela estava com olhar fixo e nem piscava os olhos. A fera se aproximava. Eu corri para ajudar. Mas a criatura estava muito mais à frente. Algo precisava ser feito! E foi. Emily deu um golpe no animal que caiu a alguns metros de distância com a cara toda amassada. O sangue dos monstros era cinza.

— Emily! — fui ao encontro dela. — Vocês estão bem?

— Sim! — falava de forma exausta. — Juan, não consigo entrar na mente desses animais. Parece que eles sofreram algum tipo de manipulação em suas capacidades cognitivas.

— Então, não tem outro jeito senão matá-los.

Observei o ônibus atrás da minha amiga e daquela mãe com as crianças. Tive uma ideia. Continuei a falar:

— Peça às pessoas que você encontrar por aqui para entrarem no ônibus! É melhor que ficar circulando por aí sendo alvo dessas bestas.

— Ok!

Visualizei uma viatura da polícia. Ela trafegava pela calçada. Estava com a sirene e o sinal luminoso ligados. Quando uma criatura foi para o lado deles, os policiais recuaram o veículo. David fez o serviço de eliminar aquela criatura, então a viatura parou.

— Preciso que vocês avisem as Forças Militares sobre o que está acontecendo. Precisamos de tanques de guerra e aeronaves! — falei quando me aproximei da janela da viatura, com quatro militares.

— Quem é você, militar? — perguntou o comandante daquela guarnição.

— Sou o Sargento Juan.

— Eu conheço você! — falou o policial motorista. — É o policial fugitivo!

— Não vamos cumprir nenhuma ordem sua! — disse o comandante.

— Veja! — um militar do banco de trás apontou para uma fera que subira no teto de um carro adiante. Em seguida, ela saltou para cima de mim, mordendo meu braço. Comecei a golpear a cabeça do animal. De repente, outro surgiu e também pulou sobre mim. Usei, como defesa, a criatura que mordia meu braço, batendo-a na outra. Nem dessa forma as duas saíram.

A outra conseguiu abocanhar minha perna esquerda. Duas feras agora me mordiam. Minha prótese acabou saindo na boca do animal. Consequentemente, minha farda rasgou do joelho para baixo. Para me livrar da criatura que ainda mordia meu braço, utilizei-a para golpear a que estava com minha prótese na boca.

Dessa vez, nenhum dos dois monstros resistiram. Abri a boca de um. Retirei minha prótese. Estava melada de saliva, mas parecia intacta. Coloquei minha perna de volta. Ajeitei minha boina.

Voltei até a viatura onde estavam os policiais que assistiram a tudo.

— Vocês podem, por favor, chamar reforço?

— Senhor, estamos às suas ordens! — disse o militar comandante. Em seguida, ele entrou em contato com a central.

Escutei um choro de uma criança. Era uma menina que estava não muito longe dali escondida debaixo de um carro com um homem que parecia ser o pai dela. Fui até eles.

— Venham comigo! Vou levá-los para um local seguro! — Cheguei perto da garotinha e do pai dela. Precisei me abaixar no nível do chão. Estendi meu braço para ajudá-los a sair de baixo do veículo. Eles saíram. Eu estava os conduzindo até o ônibus. Antes de chegar ao veículo, outro ataque! Uma criatura pulou sobre mim. Caí. Na sequência, ela avançou para pegar a criança e o pai. Impedi que isso acontecesse segurando a cauda da besta.

— Corram! Vão para o ônibus!

Os dois correram. A besta que eu segurava parecia ser um pouco maior que as outras, eu precisei fazer mais força.

De repente, outro animal surgiu na frente do ônibus. Ele ficou diante da menina e do pai dela. Eles estavam encurralados. A criatura avançou. Arremessei o animal que eu segurava para longe e corri para tentar impedir que o outro atacasse aquela família.

Vários pássaros surgiram. Eram pombas. Com o bico, elas perfuraram os olhos do animal. Ele ficou enlouquecido. Perdeu o senso de direção. Olhei fixamente para um poste. Esperei o momento certo. Logo, ele serviu para esmagar o monstro.

— Venham aqui! — Emily estava ao lado do ônibus, ela chamou o pai e a filha. Eles foram até ela. — Rápido! Entrem no ônibus!

Fui até a minha amiga. Fora ela quem controlara os pássaros.

— Tem mais criaturas do outro lado da praça — disse Emily quando fiquei perto dela.

— Ok.

— O ônibus está cheio.

— Obrigado!

Subi no ônibus. Vi várias pessoas apavoradas. Reconheci uma delas. Ou melhor, duas delas. Eram Sophia e o filho dela, Pedrinho.

— Tio Juan! — o menino estava no colo da mãe. Ele segurava o seu inseparável boneco de super-herói.

— Olá, Pedrinho! — falei. Queria abraçá-lo e acho que ele também, mas me recordei do que a mãe dele disse e fez comigo. Algo difícil de se esquecer. — Pessoal — falei para todos do ônibus —, preciso que vocês fiquem quietos. Vou levá-los até um local seguro! — desci do ônibus e fechei a porta. — Emily, por favor, dê-me cobertura!

— O que você vai fazer?

— Isso!

Usei toda a minha concentração para mover o ônibus. As rodas começaram a sair do chão. As pessoas no interior ficaram assustadas assistindo a tudo pela janela. Logo o veículo estava flutuando!

Algumas criaturas pareciam ter sido atraídas pelo ônibus voador. Elas começaram a ir até ele.

— Emily!

— Não se preocupe. Eu dou um jeito. Continue se concentrando!

Emily controlou os pombos para ferir os olhos das bestas. Porém, elas conseguiram devorar todos eles. Elas corriam e se aproximavam de nós e do veículo que já estava a alguns metros do chão. Minha amiga conseguiu golpear algumas criaturas. Uma, no entanto, pulou e agarrou com os dentes a roda do ônibus fazendo com que a traseira fosse puxada para baixo. As pessoas no veículo gritaram.

Tentei mover uma moto para retirar o animal. Mas era difícil, pois eu precisava manter contato visual e, para isso, eu teria que olhar para baixo também. Não podia arriscar. Qualquer vacilo e o ônibus com dezenas de pessoas cairia.

Um tiro. E o monstro soltou a roda, depois caiu no chão. Não olhei para não me distrair, mas eu sabia que fora David com o fuzil.

O ônibus estava se aproximando de onde eu queria que ele fosse: no viaduto que passava sobre a praça.

Sem o ônibus ao alcance, o alvo das criaturas que estavam vivas parecia ser eu e Emily. Minha amiga defendia-me enquanto eu ainda fazia o ônibus flutuar. Pela minha visão tangencial, eu percebi Emily

golpear os animais. Eles eram arremessados para longe. Quase sempre a queda fazia com que eles morressem ou perdessem a consciência. Um deles, no entanto, foi arremessado para a lateral da única carreta que havia sido impedida de abrir a porta do container. O impacto foi tão grande que perfurou a laticina, fazendo um buraco. Isso foi o suficiente para que outros monstros de dentro da carga saíssem.

— Juan! Juan! Você precisa ser rápido!

— Calma, falta pouco — falei tendo a noção do que estava acontecendo, porém, o ônibus ainda não estava sobre o viaduto.

— Não vou conseguir dar conta de todos eles! São muitos!

— David! E David? — perguntei pelo amigo.

— Não estou ouvindo mais tiros. Acho que a munição dele deve ter acabado!

Eu precisava ser rápido. Mas era complicado conseguir concentração em uma situação como aquela. Eu percebia que as feras corriam todas para nos atacar. Faltavam poucos metros para o ônibus chegar até o chão do viaduto. Não daria tempo. Eu sabia que não ia dar. A não ser que... sim! Era isso!

Sem tirar o olhar e o foco do ônibus, abracei Emily.

— Ah!!! — gritei.

Emily me agarrou quando percebeu o que acontecia. Minhas asas surgiram! Flutuei! Por pouco, aquele monte de bestas não nos pegou. Assim que o ônibus, enfim, “pousou” no viaduto, voei com Emily até o prédio onde estava David.

— Que bom que vocês estão a salvos! — falou David aproximando-se de nós. — Minhas munições acabaram!

— Imaginamos isso mesmo. Muito obrigada por sua ajuda! — disse quando coloquei-a em segurança no chão.

— Não precisa agradecer, Emily.

— Ainda tem monstros lá embaixo! O reforço militar está demorando a chegar! — exclamei enquanto recolhi minhas asas.

— Não mais! Olhe!

Emily apontou para helicópteros e viaturas com hélices surgindo no horizonte. Lá embaixo, no início da avenida, também era possível avistar várias viaturas chegando. Os militares atiravam em alguns monstros que ainda restavam.

— Agora, esses monstros terão o que merecem! — falou David.

Estávamos no parapeito do prédio, acompanhando as cenas que se desenrolavam na praça.

— GRRRRRRRRRRRRRRR!!!!!!!!!!!!!!

O som mais estrondoso e medonho aconteceu.

— O que foi isso?! — perguntou Emily.

O prédio onde estávamos começou a estremecer. Abalos se aproximaram.

— Parece um terremoto!

— Não, David. Terremotos não rugem. Parece que alguma coisa muito grande está se aproximando — falei. Eu também estava assustado. Foi então que puxei na memória porque sabia que tinha ouvido aquele bramido antes.

Percebemos a direção de onde os sons vinham. Era no sentido da Academia de Polícia. Para além dos prédios do outro lado da praça, algo estava surgindo. Meus amigos e eu não acreditamos no que os nossos olhos começaram a ver. Uma criatura gigantesca apareceu! Ela se debruçou sobre os prédios e urrou de forma assustadora:

— GRRRRRRRRRRRRRRR!!!!!!!!!!

Cara de lagartixa, corpo de tiranossauro rex, pele escamosa um pouco cinza e um pouco verde. Além de um par de asas como as de um dragão. Reconheci o monstro. Era o mesmo que eu havia encontrado no interior, na noite em que os ETs me abduziram!

O monstro, do outro lado da praça, com suas garras, impulsionou os prédios onde estava debruçado para baixo fazendo com que parte dos andares caíssem. Em seguida, levantou voo! As aeronaves dispararam contra a criatura, assim como os militares que estavam no solo.

A besta gigante golpeou os helicópteros. Um deles perdeu o controle, rodopiou no céu e foi caindo pela diagonal quase atingindo o prédio onde eu e os outros estávamos.

— Juan! Precisamos fazer alguma coisa!

— Eu sei, Emily! Mas não consigo pensar em nada! Enquanto nenhuma ideia surgia, o monstro enorme pousou.

Ele começou a pisotear as viaturas e outros veículos no chão.

— Cadê as Forças Militares! Tem que atirar nesse monstro com um canhão! — exclamou David.

— Tive uma ideia! — posicionei-me mais à frente no parapeito onde estava. Levantei meus braços como se eu fosse invocar algo. Franzi minha testa e berrei — AHHHHH!!!!

— O que você vai fazer? — Emily queria saber.

Não respondi à amiga. Eu estava me concentrando ao máximo! Com o pensamento, comecei a movimentar uma torre de transmissão que estava no alto de um prédio, próximo ao monstro. Meu objetivo era derrubar aquela armação de ferro sobre o animal.

— Está quase conseguindo! — falou David. Ele e Emily logo perceberam minha ideia. — Mais um pouco! Mais um pouco! Isso!

A torre despencou do prédio onde estava e atingiu o monstro. Ele caiu.

— ARRRR!!! ARRRR!!!

O dinossauro de asas ficou balançando a cabeça e soltando ruídos como se fosse um cachorro quando se machuca.

— Coitadinho! — exclamou Emily.

David e eu olhamos para ela.

— Não acredito que você está com dó desse monstro!

— Emily, aquela besta matou várias pessoas e poderá matar muito mais! — falei também perplexo como David.

— Eu sei, mas deve haver outro jeito!

— Então, se você tiver outra ideia, execute-a já! O monstro está se levantando! — David apontou para baixo.

O monstro havia se levantado e continuou a esmagar e a derrubar tudo pela frente. Ele estava caminhando em direção ao viaduto.

— Ele vai derrubar o viaduto! — disse Emily. — E parece que tem alguém lá!

— Não é possível! Quem seria tão louco de estar lá? — perguntei.

— Não vejo ninguém no viaduto, Emily! — David disse. Eu também não via nada naquela distância.

— Está dentro do ônibus! — notei que minha amiga utilizava a visão de raio X — Parece que as pessoas já saíram dele, mas uma ainda continuava lá! Pela estatura, acho que é uma criança!

— Essa não! Deve ser o Pedrinho!!! — não pensei duas vezes. Pisei no parapeito, abri minhas asas e pulei!

Ignorei os gritos dos meus amigos. O monstro estava à minha frente. Ele tinha quase a mesma altura que o viaduto. Um pouco maior. Seu pescoço largo e grande se aproximava da ponte.

Voei o mais rápido que podia, passei à frente do monstro e o empurrei pela barriga. Meus movimentos fizeram a fera se preocupar comigo, mas não a fez sair de perto do viaduto. Eu a empurrava e me afastava para repetir o movimento na intenção de ganhar mais impulso. Logo notei que, abaixo do viaduto, havia algumas pessoas que não conseguiam se deslocar. Possivelmente, devido aos ferimentos feitos por aquelas criaturas menores.

Um dos golpes do animal para me acertar, lamentavelmente, acabou atingindo parte da ponte, fazendo com que ela se partisse. Como eu estava abaixo dela, não pensei em outra coisa senão segurar, enquanto eu voava, aquela parte ainda ligada ao restante da ponte. Caso contrário, o ônibus, que estava justamente sobre esse pedaço do viaduto, cairia também. No mesmo instante, aproveitei que alguns pedaços de concreto se desprenderam com o impacto e os utilizei para atingir o monstro. Fiz isso para distraí-lo, pois eu sabia que não eram suficientes para derrotá-lo.

Segurando uma parte da ponte ainda presa na mesma e me concentrando para o monstro não se aproximar dela, ouvi gritos. Não eram das pessoas abaixo de mim. Eram de uma criança. Os gritos vinham de cima. Logo compreendi que a criança ainda estava no ônibus sobre a parte da ponte que eu sustentava. Eu não sabia o que fazer.

Ouvi sons de uma motocicleta acelerando. Quando ela estava no meu campo de visão, não acreditei. Alguém usou a moto do David para subir pelas costas do monstro. Era Emily!

Assim que chegou no pescoço, ela saltou da motocicleta deixando o veículo cair. Então ela se segurou na nuca da enorme criatura.

— Emily!!! — gritei.

— Continue firme, Juan! Vou tentar dominar o monstro!

O monstro se agitava, mas não conseguia retirar Emily dele. Ela, corajosamente, subiu até a cabeça do animal. Ficou na ponta do nariz e o encarou. Por incrível que pareça, aquele dragão que não cuspiu fogo não se mexeu. Percebi que minha amiga guerreira usava toda a concentração e energia para entrar na mente do monstro. Parecia que estava dando certo.

KABOOOM!!!

Uma explosão! Era um tiro de canhão. As Forças Militares estavam chegando. O tiro fez o monstro voltar a se agitar. Emily voltou a segurar o animal pela nuca. Quase caiu.

— Preciso retirar o monstro daqui!

Eu compreendia Emily. Ela, assim como eu, estava preocupada que os tiros de canhão pudessem nos atingir também.

De repente, o monstro começou a bater as asas. Fez-se vento ali perto. Ele voou. Emily estava sobre ele. Montada nele! Uma cena fabulosa!

Outro tiro de canhão! Esse quase acertou o dragão. O bicho voou mais alto. Mais alto e para longe. Até eu não saber mais para onde foi. Emily também havia ido embora com ele.

Minha atenção voltou-se para o viaduto. Eu ainda estava sob a parte da estrutura da ponte, sustentando para que não caísse com o ônibus e sobre as pessoas lá embaixo. A estrutura não estava totalmente solta do restante da ponte. Algumas vigas ainda faziam essa ligação.

Eu precisava ter contato visual com o ônibus. Sabia que ele estava sobre mim. Inclinei, vagarosamente, a parte da pista que eu segurava, de modo que o veículo aparecesse até a beirada, sem cair..

Assim que a frente do ônibus apareceu, eu o coloquei no restante da ponte que ainda estava de pé. Vi Pedrinho pela janela.

— Pedrinho!!! — era mesmo o menino!

— Tio Juan! — falou o garoto com cara de assustado.

Eu ainda estava sustentando a estrutura de concreto que não se desprendia do outro lado da ponte. Continuei a orientar o garotinho gritando para ele:

— Desça do ônibus! Eu vou pegá-lo!

— Não posso, tio! O bicho vai me morder!

— Ele já foi embora!

— É o outro bicho, tio!

Ao terminar de falar, eu não compreendi de qual outro animal Pedrinho estava com medo. Porém, logo eu saberia do que o garoto estava falando. Uma daquelas criaturas menores, mas não menos assustadoras, apareceu e rodeava o ônibus. Ela sabia que tinha alguém ali dentro e, com as garras, forçava a entrada. A porta do veículo estava aberta. Com a mente, eu consegui fechá-la antes que o bicho passasse por ela.

O que eu poderia fazer naquele momento? Se eu soltasse o pedaço da ponte que eu segurava, ele iria atingir as pessoas no chão. Mas, se eu demorasse a agir, aquela fera iria conseguir adentrar o ônibus e pegar Pedrinho.

Os gritos de desespero da criança e os rugidos do animal não colaboraram para eu pensar em algo. Olhei para baixo. Eram mais ou menos vinte metros.

— Vai ter que dar tempo!

Pedrinho apareceu na janela do ônibus. Aflito, ele me pedia ajuda.

— Socorro, tio Juan!

Empurrei a pista que eu segurava para cima. Com esse impulso, ela se desprende do restante do viaduto. Voei até Pedrinho e o retirei do ônibus, pela janela, antes que o animal o abocanhasse. Ao saltar para morder o garoto, o bicho pulou em direção ao abismo feito pelo buraco na ponte.

Flutuando com o menino nos braços, eu precisava decidir algo antes que a parte do viaduto e a besta caíssem sobre as pessoas no chão. Então, com a mente, empurrei aquele bloco sobre o animal. Eles caíram para o lado, atingindo a grande haste que ostentava a Bandeira Nacional na praça.



O QUE ESTÁ ACHANDO DO LIVRO?

PARA SABER MAIS SOBRE O LIVRO, ACESSSE: WWW.GANDHOR.COM

COLABORE COM O AUTOR, FAÇA UM PIX. CHAVE PIX: helvister@yahoo.com.br

MUITO OBRIGADO! ESPERO QUE SUA LEITURA SEJA FANTÁSTICA!

CAPÍTULO 31

Efeito dominó



Voei até onde estava um aglomerado de pessoas. Pelo visto, todos os animais estavam mortos, e o maior havia voado para longe. Ou seja, não havia mais ameaças. Entre as pessoas, vários militares. Todos tinham assistido às minhas ações, que procurei executar o mais rápido possível, correndo contra a ação da gravidade. Quase não deu tempo, mas consegui. E o menino e as outras pessoas estavam salvos.

Meus pés encostaram-se no chão. Senti que, atrás de mim, a haste estava caindo. Mas eu sabia que onde eu estava ela não iria me atingir. Contudo, ainda senti o vento da enorme bandeira nas minhas costas quando ela encostou no solo.

As pessoas me encaravam espantadas. Elas abriram espaço para eu passar. Olhei para o menino no meu colo. Ele não parava de me agarrar. Passei entre alguns militares. Fiquei receoso de que eles fizessem algo comigo. Afinal, eu era um fugitivo. Um fugitivo de asas e uma perna mecânica à mostra. No entanto, para o meu espanto, os militares fizeram outra coisa diferente do que eu imaginava. Conforme eu caminhava naquele corredor humano, eles prestavam continência a mim, como num efeito dominó.

Fiquei emocionado. Aquele era um gesto de reconhecimento, um gesto de respeito. Algo que eu sempre quis diante de minhas diferenças: respeito!

— Meu filho! Deixem-me passar! Aquela criança é o meu filho!

Na multidão, uma mulher tentava se aproximar. Ela foi ao meu encontro.

— Meu filho!

— Mamãe! — falou Pedrinho. Eu entreguei o menino para Sophia. Ela o abraçou fortemente e o cobriu de beijos. — Mamãe, o tio Juan me salvou!

— Eu sei! — Sophia olhou para mim. Ela chorava. — Obrigada! Obrigada!

Sophia me abraçou mesmo com Pedrinho em seu colo. Senti o ar quente de sua respiração contra o meu peito. Ela chorava muito.

— Perdoe-me! — dizia ela entre os choros. Depois, olhou em meus olhos. — Perdoe-me, por favor!

Eu fiquei imóvel. Por um tempo, não consegui responder nada diante daquele pedido de perdão. Eu queria dizer “Sim, eu a perdoo!”. No entanto, eu me lembrei da sensação do seu cuspe deslizando no meu rosto. Então, falei:

— Como você pôde deixar seu filho sozinho naquele ônibus?

Sophia deixou de me abraçar para responder:

— Eu desmaiei. Quando acordei, estava aqui embaixo sendo atendida. Depois, fiquei sabendo que havia uma criança no ônibus. Eu sabia que só poderia ser Pedrinho.

— Eu voltei para pegar o meu brinquedo de super-herói, mamãe. Mas eu perdi ele de novo.

— Não tem problema, Pedrinho — falei. — Eu vou lhe dar uma coisa no lugar.

Retirei meu distintivo de asas da minha gandola, em seguida, preguei-o na camisa do menino.

— Pronto! Agora você é um super-herói! — eu disse para o pequeno.

— Então, eu posso ser um policial quando eu crescer?

— Só se sua mãe deixar.

— Você deixa, mamãe?

— Claro meu filho! Você pode ser o que você quiser que eu vou continuar lhe amando!

Sorri. Nós três sorrimos.

— Juan! Juan!

David surgiu entre as pessoas que assistiam a tudo. Abracei meu amigo.

— Você está bem? — perguntei preocupado.

— Sim e você?

— Ora! Ora! Agora tudo está explicado!

O autor desta última frase era alguém que eu não esperava ver tão cedo. Pietro! Ele estava segurando um fuzil. Aproximava-se com outros militares. Parecia que ele estava no comando daquela tropa.

— Então David também é veado! Por isso, ficou nervosinho naquele dia quando eu falei mal das bichas.

— Olá, Pietro! — cumprimentei sem nenhuma vontade.

— Senhor Sargento Pietro para você, seu bicha! Você está preso!

Olhei para Sophia que ainda segurava Pedrinho. Fiz sinal com o olhar para ela levar o garoto dali. Ela entendeu. Saiu em seguida.

— Eu não posso ir! — falei para Pietro.

— Quem você pensa que é para estar acima da lei? — Pietro ficou frente a frente comigo, encarando-me de modo inibidor. Ele franzia a testa. — Você nem precisava ter asas para estar na categoria de anormalidades desse mundo.

— Rotule-me como quiser. Mas, na categoria de sem caráter e sem escrúpulos, você é líder.

Pietro fechou os olhos deixando apenas uma fina abertura para enxergar.

— Atirem nele! — ordenou aos subordinados.

— Atirar? Mas senhor... — falou um soldado.

— Eu estou mandando, atirem nele! Qual é a diferença entre aquelas criaturas e esta aqui em nossa frente? São todas ameaças para a sociedade! Atirem!

— Você está louco, Pietro! — disse David.

— Prendam aquele ali também! — apontou para David.

Ninguém obedeceu às ordens ilegais de Pietro. Furioso, ele direcionou o cano do fuzil para mim.

— Vai se entregar ou não, sua bicha!

— Eu já lhe falei. Não posso! Outros monstros podem voltar, eu preciso deter quem está por trás disso.

— Então não me diga que eu não avisei!

Pietro atirou em mim. As pessoas que assistiam à cena se movimentaram. Eu, no entanto, permaneci da mesma forma. Olhei para o meu peito onde o tiro havia acertado. Observei Pietro. Nem preciso dizer a reação dele.

— Como pode ser possível?! — ele falou.

— Sua arma não me atinge.

— E quanto ao seu amiguinho?

Ele apontou a arma para David.

— Pietro, não! — adverti.

Todavia, ele atirou! Antes que a bala atingisse meu amigo, estiquei minhas asas. Elas o defenderam. Pietro não cessou os tiros. Eu fiquei diante de David. Fiz movimento de gancho com meus braços e suspendi meu amigo pelos braços dele. Retirei-o dali. Voamos para longe enquanto desviávamos dos tiros.

•

Carreguei David pelo ar. O rifle dele nas costas, pendurado pela bandoleira, atrapalhava-me um pouco, porém dava para carregar meu amigo. Ele estava um pouco apavorado, mas acabou se acomodando.

— Isso é loucura!

— Fique tranquilo, David. Voar ainda é um espanto para mim também.

— Não falo sobre isso, Juan.

— O que é então?

— Pietro. De onde vem todo aquele ódio dele? Eu não acredito que ele foi capaz de atirar contra nós.

— Isso tem um nome, meu irmão. Chama-se preconceito. Um mal que ainda persiste na nossa sociedade.

Eu voava até o Projeto Alvorada. Fiz a mesma coisa que eu havia feito quando levei Richard. Demos uma volta antes de chegar ao local para despistar quem pudesse nos seguir.

Antes de pousar no gramado aos fundos do Projeto, do alto mesmo, eu e David vimos um carro com um trailer acoplado estacionado ali. Vimos também outras pessoas com Dona Emma e Richard. Identifiquei Shanti, Emily e um homem. Era o Capitão Theo. Ele estava sem farda. Era a primeira vez que o via sem a farda.

Coloquei David no chão. Também aterrissei. Recolhi as asas. Fomos até os nossos amigos.

— Juan! — Richard veio me abraçar. — Que bom que você está bem! Vocês dois!

Shanti também nos recebeu. Ela foi ao encontro de David.

— Estávamos todos preocupados! — disse ela.

— Estamos bem, minha linda! Você deveria estar na sua casa, Shanti. Lá é mais seguro que aqui!

— Eu a chamei — falou Richard.

— Todos nós devemos sair daqui. Este lugar não é mais seguro — eu disse.

— Isso mesmo, Juan — disse Emily. Ela, Capitão Theo e Dona Emma se aproximaram.

— Emily! Bom saber que você está bem! — falei.

— E onde está o dinossauro com asas? — perguntou David.

— Está no meio da mata, entre as montanhas aqui perto. Comendo algumas árvores — respondeu Emily. — Vocês não imaginam as coisas que captei pela mente daquele animal. Coisas terríveis. Mas, agora, precisamos nos preocupar com outros assuntos mais importantes.

David e eu cumprimentamos o Capitão.

— Olá, Capitão. Presumo que, se o senhor apareceu, é para nos trazer notícias — eu não estava nenhum pouco simpático. Pelo contrário, por dentro, eu estava furioso com meu superior. Achava que ele poderia ter feito muito mais por todos nós durante todo esse tempo.

— Sim, Juan. Tenho algumas — respondeu ele.

— Pessoal, precisamos sair daqui o mais rápido possível — falava Emily. — Meu voo sobre aquele animal chamou muita atenção. A qualquer momento vão nos encontrar aqui. Além disso, a criatura gigante também está assustada.

— Assustada? Imagine nós!

— Eu sei, David. Mas ela não é má. Ela foi trazida à força para este mundo. As plantas que ela costuma comer não existem aqui.

— Emily, desculpe ser grosso com você. Mas não estou nenhum pouco interessado em saber sobre a alimentação de uma lagartixa gigante. Eu quero saber o que vamos fazer agora que o caos já teve início! — olhei para o Capitão.

— Recebi a notícia de que Jeferson planeja um ataque hoje à noite no Morro do Furgão.

— Como o senhor ficou sabendo disso? — falei desconfiado.

— Espíritos me contaram.

— Sério? Mais o que eles contaram?

— Acalme-se, Juan. Irei falar.

— Acalmar-me?! Estamos em guerra, Capitão! Com uma informação dessas, eu já teria acionado reforço há muito tempo!

— Foi a primeira coisa que fiz. Acontece que o ataque na Praça da Bandeira Nacional exigiu mudanças de plano. Se ao menos vocês tivessem me avisado antes... — Capitão Theo olhou para Emily. Ela apenas desviou a atenção.

— Bom, acho que não podemos voltar atrás — David começou a falar. — Se agora sabemos que Jeferson vai aprontar algo no Morro do Furgão, então devemos ir lá e detê-lo!

— Temos que ter cautela. Um ataque no Morro do Furgão só pode significar que Jeferson utilizará a própria comunidade como escudo — disse o Capitão.

— Cretino! — xinguei meu irmão, mesmo ele não estando ali.

— Capitão Theo chegou aqui mais cedo e não encontrou vocês — Richard falava. — Ele me contou tudo, então eu dei a sugestão de fazermos uma transmissão ao vivo e explicar para todos, tanto os militares quanto a comunidade, o que de fato está acontecendo. Por isso, chamei Shanti. Ela também trabalha, de vez em quando, para o meu primo que possui uma agência de comunicação.

— Então, eu vim dirigindo puxando esse trailer. É um estúdio e uma torre de transmissão móveis — disse Shanti.

— Então o senhor veio para isso? Para fazer um programa de TV — falei para o Capitão Theo.

— Juan! Pare de ser sarcástico! — pediu Richard.

— Não, Juan — falou Capitão Theo para mim. — Também vim para lhe dar um recado de Dheareka.

— Ok. Pode falar.

— Ela mesma deseja falar com você! Eu irei canalizá-la, ou seja, ela falará através de mim, sem precisar que o seu corpo esteja aqui presente. Preciso apenas de um lugar para me sentar.

— Ali tem um banco, senhor Theo — Dona Emma mostrou um banco que havia próximo ao gramado. Todos foram até lá.

Assim que se sentou, Capitão Theo colocou as mãos sobre os joelhos. Fechou os olhos. Respirou fundo. Todos ficaram em volta dele. Meu pé batia contra o chão incessantemente.

— Ela está vindo! Eu a vejo! — Emily estava deslumbrada.

— Eu também! — disse Dona Emma. — Como é diferente!

— Eu queria ver — disse Richard. — Você também está vendo, meu anjo?

— Não. Não vejo nada — eu queria poder notar o que estava acontecendo para além do que minha visão era capaz de enxergar.

— Eu não estou entendendo nada! — exclamou David. — Capitão disse que ela não precisaria vir até aqui e vocês estão dizendo que a estão vendo.

— Meu querido, o que está se aproximando é o espírito da ET. Ela não morreu, mas ela consegue desdobrar seu espírito — explicou Dona Emma.

— Ah, sim. Entendi.

Eu sabia que David não estava entendendo nada. Era tudo muito estranho para ele. Eu não via nada. Apenas senti o ambiente em volta ficar com uma sensação diferente. Uma sensação de paz.

— Dheareka está na forma de ET. Ela está tocando o ombro do Theo. — Emily narrava o que via.

O meu superior, que estava cabisbaixo, levantou a cabeça e abriu os olhos direcionando-os para mim.

— Olá, Juan! Bom vê-lo novamente! — começou a falar comigo. A voz era a do Capitão Theo, porém o modo de falar era diferente. — Por que você se esqueceu de nossa conversa na nave?

— Eu?! Eu me lembro daquela conversa todos os dias!

— Mas por que você não segue os meus conselhos?

— Você parece conversar em códigos. Eu havia lhe perguntado quem era esse ser maligno, mas você não quis me falar. Eu também queria saber qual era a minha missão e você também me negou essa informação.

— Você não tem que se preocupar com quem quer prejudicá-lo, você tem que se preocupar em fazer o bem. Sobre a sua missão, é a mesma que a de todo mundo: evoluir!

— Está vendo! Não está me ajudando em nada. Estamos em guerra. GUERRA! E vocês, ETs, não fazem nada para nos ajudar! Pregam a paz, mas deixam o mundo se acabar sabendo que podem fazer alguma coisa e não fazem nada!

— A única guerra que existe é a interior. Nós já estamos fazendo muito. Não podemos corrigir o que vocês mesmo causaram. Vocês precisam...

— Por que não? — eu não estava tendo paciência de esperar a ET terminar a fala.

— Se fizermos tudo para vocês, que mérito vocês teriam? Nossa função aqui na Terra é a de orientar. Já disse isso.

— Pois nem para isso vocês estão servindo!

— Juan! — disse Emily.

— Querem saber? — falei para meus amigos. — Se esses alienígenas não querem nos ajudar, eu farei tudo sozinho!

— Tenho mais a relatar, Juan — disse a ET com aquela paciência irritante.

— Não quero saber! Guarde seus enigmas para outro planeta decifrar! — dei as costas e saí. Richard foi atrás de mim.

— Juan! Espere! — ele disse afobado, ao certo tentando alcançar meus passos apressados. — Aonde você vai? — tocou meu ombro. Parei. Virei para ele.

— Não vou ficar aqui ouvindo essas besteiras enquanto tem uma realidade cruel acontecendo. Vou fazer alguma coisa!

— Essas besteiras também são reais, acredite ou não! — Emily aproximava-se. David vinha logo atrás.

— E quem disse que não vamos fazer nada? Estamos aguardando as orientações — David disse.

— Ótimo. Boa sorte com o oráculo! Eu vou agir sozinho então!

— O que você vai fazer? — perguntou Richard.

— O que eu deveria ter feito há muito tempo... — retirei, por meio da telecinese, o rifle da bandoleira de David. Quando a arma estava em minhas mãos, completei minha fala: — vingança!

Minhas asas surgiram e eu voei para o alto o mais rápido que podia.

— Juan!!!

Eu não queria olhar para baixo e ver Richard e meus amigos chamarem por mim. Eu estava decidido. Precisava pôr um fim em todo aquele tormento. Precisava pôr um fim no meu irmão, o verdadeiro culpado pelo caos na minha vida e no mundo!

Quem diria que Jeferson fosse capaz de fazer toda aquela maldade? Eu sabia que ele nunca fora uma boa pessoa, mas tudo aquilo era demais. Quando eu pensava que Jeferson fora o culpado por várias mortes, inclusive a de Matheus, eu sentia uma raiva muito grande! Eu precisava fazer justiça!

Eu estava tendo uma sensação muito familiar. Meu corpo parecia queimar por dentro. Minha cabeça, meu peito, tudo latejava. Minha respiração era como a de um animal grande bufando. Uma sensação que eu sabia já ter sentido. Era muito forte.

De longe, era possível ouvir o movimento do trânsito nas ruas abaixo. Minha percepção estava concentrada à frente. Aquele sentimento de vingança era a única coisa que eu mentalizava. Se alguém, ao longe, pudesse me observar, enxergaria, contra as luzes vermelholaranja do sol naquele entardecer, a silhueta de um homem com asas segurando um rifle e sobrevoando os principais cartões postais da cidade. Esse era eu.

Mais adiante, a ponta de um morro com aglomerado de casas apareceu. Jamais deixaria de reconhecer aquele lugar, mesmo estando a vários metros de altura e mesmo com a escuridão já tomando conta do céu. O Morro do Furgão é onde eu nasci. Onde eu dei meus primeiros passos. Onde fui criado com a pessoa que mais amei no mundo: minha avó querida.

É de lá que vêm minhas origens. Foi lá que surgiu minha vontade de seguir a carreira militar. Lá eu não me sentia tão diferente. Não me sentia tão discriminado. Passei muitas dificuldades. É verdade. Quase passei fome. Mas eu era feliz. Ao menos na infância, quando eu e Jeferson ainda éramos irmãos e amigos. No entanto, foi graças a ele que tudo mudou. Para pior! E eu não podia me esquecer dessa raiva que me contagiava.

Voei mais baixo. Pousei em uma das casas no início do morro. Eu poderia voar mais adiante, onde provavelmente Jeferson estaria,

mas eu corria o risco de ser visto. Fiquei sobre o telhado de uma casa. Abaixo de mim estava um beco. Uma viela escura, maliluminada, tal como todo aquele lugar. Pulei até lá embaixo. Conferindo os dois lados do beco, decidi seguir em frente em direção ao topo do morro. Não recolhi minhas asas, pois eu poderia precisar delas de imediato. Olhava para todos os lados. O cano do fuzil apontava para frente. Qualquer sinal de movimento ou barulho, eu o levaria até a mira de meus olhos.

Eu sabia que aquele rifle não estava municiado. David havia dito que as balas tinham acabado. Todavia, dependendo da situação, a arma seria útil para inibir alguma ação contra mim.

As esquinas eram complicadas. Eu precisava verificar cautelosamente antes de atravessá-las. Um olho surgindo na lateral de uma parede. Isso era o que eu precisava para me certificar de que o lugar estava vazio e eu poderia prosseguir com a busca.

Uma busca até o encontro do meu irmão que...

— Espere! — murmurei. — Ouço vozes!

Observei uma luz refletida no chão da viela. Ela vinha de uma janela de uma casa na esquina de outro beco que cruzava meu caminho. Conferindo um pouco mais, notei uma voz de mulher no interior daquele lugar. Eu precisava passar pela encruzilhada e passar em frente àquela janela para seguir adiante e alcançar umas escadas. Precisei engatinhar ao passar pela janela.

Levantei-me e segui o caminho. Então, alguns sujeitos que desciam as escadas me viram. Eu voltei. Abaixei ao passar pela janela novamente e virei no outro beco.

Eu estava na esquina, encostado na parede da casa da mulher que eu ouvi a voz. Assim que caminhassem um pouco mais, os sujeitos iriam me encontrar. Não consegui perceber se estavam armados. Rapidamente, eles surgiram pela viela e me procuraram. Não me encontraram.

— Para onde ele foi? — disse um cara.

— Não sei — respondeu o segundo.

— Deve ter descido a ladeira.

— Você reparou nele? Parecia que tinha algo nas costas.
— Deve ser uma capa. Deve ser um dos caras que o chefe disse que viria atacar a gente!
— Deve ser mesmo! Ele estava armado! Você viu?
— Não reparei. Vamos pegar esse cara! Depois a gente volta para a reunião na Quadra do Seu Zé. Vamos lá!
Os dois sujeitos seguiram caminho morro abaixo.
Fiquei acompanhando-os do alto. Eu havia levantado voo. Estava na varanda daquela casa de esquina.
— Quem é você?
Fiquei arrepiado! Vagarosamente fui virando para saber quem era o dono da frase, ou melhor, a dona da frase. Era uma menina! Muito linda. Aproximadamente oito anos. Cabelos crespos volumosos, pele negra, olhos brilhantes.
— Olá! — respondi com um sorriso sem graça.
A luz do luar projetava a minha sombra no chão da varanda. Era uma varanda inacabada, não havia parapeito. A menina me observava através de uma janela. No lugar, havia alguns entulhos, como pedaços de madeira encostados próximo à janela, latas e tijolos no chão.
Do quarto onde a garotinha estava, saía uma luz fraca de abajur e duas partes da pequena cortina que balançava ao vento.
— Você é um anjo?!
— Eu?! — falei e pensei que ela havia feito aquela pergunta por causa das minhas asas. — Eu... sim. Sou! Sou um anjo!
— Anjos usam armas? — ela inclinou a cabeça com olhar confuso para o fuzil que eu segurava. Ela estava se apoiando com as mãos na beirada da janela. Provavelmente estava em cima de algum banco para ficar naquela altura.
— Então — olhei para o meu armamento pensando em algo para responder. — Sim, somente os anjos que usam fardas podem ter armas!
— Mas a arma é para quê?
— Para... para destruir monstros!

— Monstros existem?
— Infelizmente, sim. Mas não se preocupe! Eu estou aqui para protegê-la!
— Que bom! — ela sorriu.
Fiquei intrigado com a reação da menina. Ela não estava assustada comigo, algo que provavelmente assustaria qualquer criança: um homem com asas, na varanda de casa, e armado.
— Qual é o seu nome? — eu queria saber.
— Ana Luz!
— Ana Luz? Que lindo nome! — falei me aproximando um pouco mais. — Aninha, você sabe onde fica a Quadra do Seu Zé?
— Sei sim, fica perto do campinho!
— Ana Luz! — alguém havia gritado — Ana Luz!
— É a minha irmã! Eu vou contar para ela que você está aqui!
— a menina saiu da janela correndo para dentro do quarto.
— Ana Luz! Você estava no quarto o tempo todo! Por que não me respondeu? — ouvi uma voz. Parecia ser de uma adolescente.
— Vanice, eu vi um anjo! Ele está ali na varanda!
— Um anjo? Na sua imaginação?
— Não, um anjo de verdade! Com asas! Ele está ali na varanda. Vem ver!
As duas se aproximaram da janela.
— Onde está? Eu não vejo nada!
— Ele estava aqui agorinha..
— Ana, vamos lá embaixo, a mamãe está nos chamando.
— Vanice, é verdade! Ele estava aqui. Tinha asas e uma arma!
— Haha! Ana Luz, só você mesmo para imaginar um anjo usando arma! Haha! Vamos, senão a mamãe vai xingar a gente!
Saí de trás das madeiras. Olhei para o corredor onde havia a escadaria. Eu lembrei que ela dava acesso ao campinho da comunidade. Ao menos, era o que eu me recordava quando eu morava naquele bairro. Pulei e fui até lá.

Com cautela, caminhei pelo percurso até o campinho. Era um campo de futebol sem grama, de terra, com um alambrado danificado em volta. Ao lado, havia um galpão grande feito de madeira. Escondi-me atrás de algumas latas de lixo. A uma certa distância, acompanhei o que acontecia. Próximo à entrada do galpão, estava um homem segurando uma arma longa. Ele conversava com outro.

Comecei a pensar: “Se o ‘chefe’ que os dois sujeitos disseram for meu irmão e se aquele for o Galpão do Seu Zé, então é naquele galpão que Jeferson está! Vou precisar dar a volta. Acho que vou subir pelo telhado do galpão para entrar.” Dei a volta no campinho para ter acesso à parte detrás do galpão. Eu caminhei aos poucos, usando carros e latões como abrigo para não ficar exposto.

Estando atrás do galpão, verifiquei todos os lados para me certificar de que não havia ninguém me observando. Então, mais uma vez, voei. Fiquei em frente a uma janela. Ela estava trancada. Com meu poder, consegui abri-la. Entrei voando, mas com cuidado.

Eu estava em algum cômodo escuro. Se não fosse a janela aberta, provavelmente eu não enxergaria nada ali. Muitas coisas velhas em volta. Caixas, ferramentas. A poeira e as teias de aranha tomavam conta de tudo. Uma porta fechada. Eu precisava passar por ela.

Cuidadosamente fui abrindo. Outro cômodo se revelou. Maior, mais comprido, mas também escuro e empoeirado. E muito barulho. Do chão de madeira, saíam luzes do andar de baixo, assim como uma gritaria infernal. Entre pilhas de caixas e latas, abaixei. Rente ao solo, deitei-me de bruços, coloquei o fuzil ao lado para ficar mais confortável.

Pela fresta, acompanhei o que estava acontecendo lá embaixo. Eu estava sobre um salão iluminado por lâmpadas incandescentes. Várias pessoas estavam reunidas, alegres, levantando os braços para cima com gestos de comemoração. Algumas exibiam armas. Ao centro, uma espécie de lona preta retangular se esticava pelo chão. Deveria ter o tamanho de uma quadra de vôlei.

— Cala a boca todo mundo!!! O chefe vai falar! — gritou um cara, posteriormente, ele deu um tiro para o alto. Como ele estava com o braço um pouco inclinado, o tiro acertou o solo onde eu estava, passando perto de mim.

Em seguida, aquelas cem pessoas, aproximadamente, ficaram em silêncio. O sujeito que havia falado retornou para o lugar onde estava: um tablado à frente de todos. Sobre ele, também estavam outros três caras armados. Um deles era o Lukas! Ao centro do palco de madeira, uma cadeira grande, com um encosto cheio de ornamento de ouro, lembrava um trono. Sentado sobre ele, Jeferson!

Ele estava debruçado no encosto do trono, apoiando a cabeça na mão. O olhar de desdém. Demorou um pouco a se levantar. Quando fez isso, prontificou-se na parte da frente do tablado. Ele vestia uma camiseta branca, com os braços à mostra, tal como também exibia cordões de ouro pelo pescoço e uma pistola dourada enfiada na parte dianteira da calça jeans. Em seguida, proferiu as seguintes palavras:

— Vocês pensam que isso tudo é uma grande brincadeira? — ele falava com raiva e para todos, andando de um lado para outro. — Vocês acham mesmo que eu cheguei aonde cheguei agindo feito um imbecil? Um fracote? — ele gesticulava de forma exagerada. — Estão enganados! Quem me conhece desde pequeno sabe que lutei muito para estar aqui! Não é, Sebastião? — apontou para um cara na multidão.

— Isso aí! — disse Sebastião. Eu me lembrei dele. Era amigo de infância do meu irmão.

— Quem me conhece sabe que enfrentei chefões piores! Até a polícia eu enfrentei diversas vezes. Aqueles que mereciam eu ajudava. Não importa o que fosse. Se a pessoa estava comigo, eu retribuía! — continuava Jeferson com seu discurso. Eu só queria saber qual era o seu objetivo com aquelas palavras — Mas existem pessoas que têm inveja. Pessoas que não merecem estar ao meu lado. São os traidores!!!

Todos começaram a gritar para concordar com Jeferson.

— Para esse tipo de pessoa só tem uma solução: a morte!

Mais gritos.

— Tragam o traidor!

Do meio do povo, saíram dois homens segurando um terceiro. Este estava com um capuz. Subiram com ele no tablado. Jeferson retirou o capuz do sujeito, que permanecia preso pelos braços dos outros.

— Que decepção! — disse Jeferson encarando o homem. Era negro, estava nitidamente assustado, o rosto inchado e com hematomas. Eu não sabia quem era.

— Este é Diego. Ele foi pego traindo minha confiança!

— Não, chefe! Não fiz isso! — disse Diego. Imediatamente, Jeferson deu um soco no rosto dele. Foi possível ver um pouco de sangue sair pela boca.

— Cala a boca! Verme! — Jeferson cuspiu em Diego, que não falou mais nada. — Como todos sabem, novos tempos chegaram. E, com eles, novas amizades. Sejam bem-vindos, meus amigos recém-chegados! Uma salva de palmas para eles! — apontou para um grupo de pessoas que estava mais próximo ao palco. Os demais aplaudiram.

Entre as pessoas que estavam sendo ovacionadas, estava Malaika! Então, compreendi que todos os prisioneiros libertos do Setor ST estavam ali. Eles haviam se integrado à quadrilha de Jeferson.

— Com esses novos amigos poderosos, nós dominaremos muitas coisas! — Jeferson continuava com o discurso, ele se posicionou mais adiante do palco. — Preparem-se, meus amigos, porque esta noite será incrível! Daremos início a uma nova era. Uma era em que só os poderosos sobreviverão. Eu, com a ajuda de vocês, conquistarei muitas e muitas coisas! E quem estiver ao meu lado terá tudo o que quiser também! Tudo! Mas quem não estiver... — virou o pescoço para trás onde estava Diego. Depois voltou a observar o público.

Jeferson esticou uma mão para o alto na direção das luzes do teto. Elas começaram a piscar. Parecia um curto circuito. Faíscas de eletricidade saiam de uma lâmpada a outra. De forma crescente, vários raios surgiram delas, aglomerando-se num emaranhado reluzente.

Algumas pessoas pareciam assustadas, outras riam ao mesmo tempo em que pareciam admirar aquele efeito. Efeito manipulado por Jeferson que não parava de gargalhar. Ele direcionou uma faísca para que saísse da bola de raios e atingisse Diego. Os guardas que seguravam o pobre coitado se retiraram celeremente para não serem atingidos.

— AHHHHH!!!! — gritou Diego, quando um raio o atingiu. Ele estremeceu todo o corpo e caiu sobre o tablado.

— O quê? Não ouvi direito. Você quer mais? Ok, então!

Jeferson fez mais um raio atingir Diego.

Eu acompanhava tudo pelas frestas entre as tábuas no chão do sótão. Lá embaixo, sobre o pequeno palco, Diego gemia. Assim que o raio cessou, Jeferson foi conferir. Deu um leve chute no eletrocutado.

— Vamos! Mexa-se! Eu não quero que você morra! Não dessa forma! — disse meu irmão. — Rapazes, ajudem esse infeliz a se levantar! Aqueles dois seguranças pegaram novamente Diego pelos braços. Levantaram-no. Diego ainda estava vivo, porém mal conseguia se equilibrar.

— Malaika! — chamou Jeferson.

Aquela mutante se manifestou entre a multidão aproximando-se do tablado, sem subir nele. As pessoas ao redor deram espaço para ela ficar em posição de destaque.

— Estou aqui! — disse Malaika com alegria no rosto.

— Suba! — pediu Jeferson também alegre.

A mutante levitou e posou no tablado de frente para o público. Todos se surpreenderam. Meu irmão beijou a mão de Malaika e direcionou a fala para os demais:

— Morro do Furgão! Agora, o show vai começar. Com vocês, Malaika!

A mulher ergueu a mão na direção de Diego. Ele levitou, soltando-se dos seguranças. Começou a berrar com dificuldade, talvez devido aos choques que levava. Flutuou sobre as cabeças da multidão

que o observava em silêncio, atenta para descobrir o que aconteceria. Diego ficou levitando acima da grande lona preta.

Com a outra mão erguida, Malaika usou sua habilidade para movimentar o grande plástico preto. Aquele artefato não estava à toa no lugar. Ele servia para cobrir algo. Cobria um buraco cavado no solo do galpão. O mais impressionante eram as coisas que estavam dentro do buraco.

A multidão, assim como eu, ficou estupefata. Era nítido isso. Naquela imensa cratera retangular com mais de quatro metros de profundidade, estavam vários monstros iguais aos utilizados no ataque na Praça da Bandeira Nacional. Os monstros começaram a se agitar quando viram os curiosos se aproximarem na beirada do buraco. Os bichos soltavam aqueles urros estranhos. Pareciam cães raivosos. Tentavam subir no buraco, mas não conseguiam. Faltava pouco para isso.

— Esses são os nossos mascotes. Batizei-os com o nome de crokzy! Temos mais de vinte crokzys nesse buraco. Malaika, acho que é hora de alimentar nossos bichinhos! — Jeferson ordenou.

Malaika fez Diego descer lentamente até o centro da cratera. Mesmo com limitação, ele gritava desesperadamente. Aproximava-se cada vez mais das bocas famintas dos monstros. As criaturas olhavam para Diego. Depois começaram a lutar entre elas para decidirem qual o devoraria primeiro.

Após aquela morte brutal, Jeferson concluiu:

— Uma salva de palmas para Malaika!

Mais gritaria e alvoroço entre as pessoas do lugar.

— Silêncio! — pediu Jeferson.

— Calem a boca, cambada! — aquele mesmo capanga de Jeferson, que atirou após pedir silêncio no início, voltou a repetir o gesto. Dessa vez, o tiro passou mais próximo de mim.

— Malaika — falou meu irmão —, quero que você receba alguém que teve grande participação na sua saída e na de seus amigos daquela prisão. Pode entrar, Bob!

Se fosse possível observar meus olhos pela fresta, daria para ver minha íris se contrair de tanto que arregalei minhas pálpebras. O Bob que também foi chamado para subir ao tablado era o Cabo Bob! Ele estava sem farda, mas eu o reconheci assim mesmo. Ele sorria levemente. Segurava uma caixa. Ficou entre Malaika e Jeferson.

— Meus amigos! Eu disse no início que esta noite seria incrível, não disse?

— Sim!!! — respondeu a multidão.

— Este homem ao meu lado é a nossa peça-chave — falou Jeferson com a mão sobre o ombro de Bob. — Graças a ele, agora temos um infiltrado na Polícia Militar!!!

— Eh!!! — a multidão se agitou novamente.

— Como vocês devem saber, nós temos mutantes do outro lado também. Pessoas que estão usando seus poderes para nos destruir! Mas, nesta caixa — colocou as mãos sobre a caixa que Bob carregava, — temos as armas necessárias para derrotar esses vermes! Muito obrigado, Bob. Você está se saindo muito bem. Logo darei sua recompensa.

— Eu que agradeço. — disse Bob entregando a caixa para Jeferson.

— Todo aquele que estiver comigo terá recompensa! E, para comemorar, hoje darei uma festa! Sebastião, manda trazer as bebidas e as comidas! A noite é nossa!!!

— Eh!!!

As pessoas se empolgaram tanto que algumas que estavam armadas começaram a atirar para o alto. Vários tiros acertaram o chão onde eu estava, até que ele se rompeu e eu caí.

**COLABORE COM O AUTOR, FAÇA UM PIX.
CHAVE PIX: helvister@yahoo.com.br**

**MUITO OBRIGADO! ESPERO QUE SUA
LEITURA SEJA FANTÁSTICA!**

WWW.GANDHOR.COM

CAPÍTULO 32

Gandhor



Despenquei a quase dez metros de altura com pedaços de madeira, caixas e latas. Nem vi onde foi parar o fuzil de David. Ao me levantar e sacudir toda a poeira, vários olhos estavam sobre mim. Lukas ficou surpreso com minha presença, mas não podia fazer nada.

— O que é isso?!

— Veja! Ele tem asas!

— Juan?! Não pode ser! — bradou Jeferson do outro lado do salão. — Esse daí é o meu irmão traidor! Peguem ele!!!

Muitos partiram para cima de mim. Golpeei um. Recebi chute de outro. Mas não deixei que o golpe passasse despercebido. Segurei a perna do que me chutou e o atirei sobre outros três que se aproximavam. Dei mais um soco em outro, que foi para o alto devido à força que apliquei.

Mais e mais capangas do meu irmão se juntavam para me deter. E mais e mais golpes eu aplicava. Levantei voo. Pisei sobre várias cabeças. Eles caíram no chão. Aterrissei. Pegaram em minhas asas. Pulei virando de ponta cabeça em cima dos que mexeram em mim. Um capanga disse:

— Saiam da frente!

E, segurando uma submetralhadora, começou a atirar em mim. Abaixei protegendo o meu rosto com minhas asas. Fiquei encolhido ao chão.

Após os tiros, a expectativa. Eu não havia morrido para a infelicidade deles. Levantei.

— Acabou ou tem mais? — falei.

Em seguida, corri atrás do cara que atirou em mim. Ele estava fugindo. Segurei-o pela camisa. Puxei para golpeá-lo. Com o impacto para o alto, ele caiu no buraco dos crokzys.

— Malaika! Acabe com ele! — pediu Jeferson.

Eu já não sentia mais o chão. Estava no ar. Malaika estava me controlando para ser atirado aos monstros. Vi Jeferson com a caixa. Com meu pensamento, movimentei o objeto das mãos de meu irmão. Mas ele pulou e conseguiu pegar de volta. Antes que eu pudesse ter qualquer outra reação, fui para dentro do buraco.

Talvez fossem as asas. Talvez fosse a forma que cai. Não sei. Apenas levantei depressa e me vi cercado por várias arcadas dentárias bufando hálito de carne. Ferozes. Famintos. Malignos. Deviam estar esperando qualquer movimento meu para atacarem-me simultaneamente.

Os amigos curiosos de meu irmão se aglomeraram em volta do buraco. Pude notar a felicidade no rosto de Jeferson. Eu não tinha escolha.

— Podem vir, seus animais!

Ao terminar minha frase, os monstros partiram para o ataque. O primeiro, agarrei-o pela boca. Fiz um giro de 360º com o animal utilizando-o para afastar os demais. Depois, o atirei para fora do buraco. Na multidão, ele começou a correr, abocanhando um cara, estraçalhando-o. Era isso que eu precisava fazer!

Golpeei os crokzys para fora da cratera, assim, eles iniciaram um terror naquele salão. Gritos, correria, tiros, devoração. Várias pessoas começaram a fugir. Jeferson saiu com a caixa por uma porta nos fundos do tablado acompanhado de alguns de seus capangas, inclusive Lukas, que olhava para mim a todo instante.

— Lukas! Se estiver me ouvindo, vá atrás de Jeferson! Não o perca de vista! E depois entre em contato comigo para dizer onde ele está! — eu me concentrava para enviar uma mensagem por telepatia para Lukas.

Ele fez um gesto afirmativo com a cabeça. A mensagem havia chegado! Em seguida, ele saiu atrás de Jeferson com os outros. Um deles fechou a porta. O Cabo Bob ficou para trás. Tentava abrir a porta, mas não conseguia.

Joguei um crokzy na direção do militar. O animal fez o que eu imaginava. Correu na direção do primeiro que avistou. Bob ficou desesperado e não teve como fugir. Foi atacado!

— Agora foi você quem perdeu! — falei observando aquela cena e aqueles gritos.

Aproveitei e saí do buraco antes que outras criaturas ali me atacassem.

— Quer lutar com alguém do seu tamanho?

A dona da frase era Malaika.

— Bom ver você também! — respondi.

O lugar já não tinha mais ninguém. Alguns quebraram até a parede de madeira do galpão para fugir dos monstros. As lâmpadas estavam piscando e ascendendo. Provavelmente, devido aos tiros que porventura acertaram a rede elétrica do lugar.

— Já vou avisando que não bato em mulher — eu disse.

— Ótimo! Assim eu acabo mais rápido com você!

Um amontoado de pó foi parar nos olhos de Malaika. Eu fiz aquilo. Assim, ela não faria contato visual nem comigo e nem com as coisas que ela poderia levitar. Enquanto ela se agitava coçando os olhos, eu a imobilizei com meus braços. Ela ficou à minha frente, de costas, com as mãos para trás.

— Acho melhor você não se meter no meu caminho. Minha luta não é contra você. É contra o meu irmão! — falei ao ouvido dela.

— Então é contra mim também! Diferente de você, ele me libertou!

Malaika conseguiu me chutar. Acertou minhas partes íntimas. Soltei-a no mesmo instante. Depois, ela me chutou com força. Caí

novamente no buraco, mas, antes que um crokzy me pegasse, senti algo me puxar. Malaika usara seu poder para me levar de volta até ela.

— Obrigado! — agradecei.

— Não agradeça!

A mutante me deu vários socos. O último deles me mandou para o teto. Um buraco no sótão de madeira velha se abriu. Estava de volta naquele lugar cheio de ferramentas. Peguei uma lata. Senti uma força me puxando para baixo. Outro buraco acabou sendo criado. Voltei para perto de Malaika.

— Jeferson não a libertou! Ele vai prendê-la, deixar você dependente dele, como ele sempre fez com muitas pessoas daqui da comunidade.

— Ao menos, se eu estiver com ele, ele vai me defender.

— Será? Onde ele está?

— Ele... — Malaika não concluiu a frase. A lata que peguei ficara escondida atrás de mim. Logo fiz com que parasse na cabeça da mutante.

Tentei imobilizá-la mais uma vez, porém ela me acertou com vários golpes. Eu me defendi deles. Ela voou, ainda tentando retirar a lata da cabeça. Eu voei também. Entramos em luta corporal no ar. Ela me atacando, eu tentando me defender e imobilizá-la.

Porém, Malaika conseguiu retirar a lata. Com seu poder, jogou-me ao chão. Não consegui me mover.

— Coitado... — disse Malaika aterrissando até o meu encontro. Ela sentou-se ao meu lado. Eu a observava deitado. Conseguiu mover apenas o pescoço. — Tão linda suas asas — ela colocou a mão em uma asa. — Combina com você! Ainda vou insistir naquela frase que disse a você na prisão. Você deveria ter aceitado o meu convite para uma parceria.

— Nunca! — afirmei.

— Nós dois... — Malaika começou a acariciar meu tórax. — Você e eu... faríamos uma ótima dupla no crime e quem sabe no amor? — ela aproximou o rosto de mim. Eu virei.

— Eu e você jamais daríamos certo — falei.

— Por quê?
— Eu luto contra o crime, e você, a favor dele.
— Mas e sobre o amor?
— Também não daria certo. Eu sou gay!
— Você é gay?! — afastou-se de mim.
— Sim.
— Que desperdício... — fez expressão de nojo.
— Desperdício? Por quê? Por acaso, se eu não fosse, você acha que teria alguma chance comigo?
— Realmente — levantou-se —, não teria nenhuma chance. Agora não vejo motivo para não o derrotar.
— Não se eu puder evitar! — disse alguém chutando a cintura de Malaika, mandando-a para longe.
— Emily!!! — espantei-me ao ver minha amiga. Consegui os movimentos de volta.
— Rápido, Juan! — Emily me ajudou a levantar. — Você tem que sair daqui. Eu cuido dela.
— Ela consegue mover as pessoas!
— Li o pensamento dela. Sei disso, mas o poder dela não serve em mim. Eu tenho controle sobre meu corpo. Mas você não! Vá!
— Você ficará bem?
Malaika voou com violência contra Emily. Minha amiga pegou a mutante pelo braço, girou-a e a arremessou contra uma pilastra. Após o golpe, Emily retirou o pé das mãos batendo uma contra a outra e me respondeu:
— Sim!
Saí do galpão. Voltei para os becos. Senti minha mente ficar estranha. Ouvia uma voz, mas não era som externo.
— Lukas! — compreendi que era o garoto tentando fazer contato comigo. Concentrei-me.
— Tio! O Jeferson está perto do precipício, numa casa roxa de três andares. No topo do morro! — ele falou na minha mente.

— Obrigado. Tenha cuidado com o meu irmão, Lukas! — eu respondi mentalmente. Mas não sei se ele recebeu.

Fui para o céu mais uma vez. Voando seria muito mais rápido. Não precisava ser mais discreto. Todos já haviam me visto mesmo. Ouvi tiros. Olhei para trás. Uma tropa das Forças Militares estava subindo o Morro do Furgão. Eles pareciam ter me visto. Um tiro acertou meu braço. Mas não me feriu.

— Eles vão invadir a favela! — falei sozinho. — Tenho que deter Jeferson, senão ele vai começar uma guerra!

Mais tiros. Acertaram a minha asa. Não consegui movimentá-la. Fiz um pouso forçado em uma laje.

— O que será que houve?

Fui conferir minha asa. Uma daquelas esferas inibidoras de poderes havia grudado nela. Retirei-a com meu poder. Fui para o ar novamente, mas com dificuldade. Outro tiro. Mais uma esfera atingiu e grudou na outra asa. Retirei também. Eu tinha que sair da mira da Força Militar. Pousei.

Minhas asas se enfraqueceram com o antídoto das esferas. Comecei a correr sobre os telhados das casas na favela. Os tiros passavam próximo. Um acertou a minha perna. Todavia, para minha sorte, era a minha perna mecânica. Retirei aquela esfera também.

Cheguei até o final de uma série de casas com o mesmo andar. A última tinha um andar a menos. Eu precisava pular. Estava com receio dos meus poderes terem sumido temporariamente. Ter escutado mais estampidos de tiros me motivou a saltar sobre o telhado. Mas ele não era resistente, então parei em um quarto. Um casal vociferou quando me viu junto aos destroços de telha no piso do lugar.

— Calma! Calma! Eu já estou indo embora! — falei.

— Seu sem vergonha! Saia da minha casa! — disse um homem. Ele estava tão bravo e assustado comigo que nem deve ter dado conta de reparar minhas asas.

Pulei a janela daquele segundo andar. Não consegui parar em pé do lado de fora. Sentia que estava um pouco mais fraco.

— Ali! Ele está ali!

Na parte de baixo daquela ladeira, três homens corriam. Não eram militares. Eles começaram a atirar na minha direção. Levantei e corri em outro sentido.

“A polícia e a favela contra mim. Não poderia estar pior!”. Eu pensava. Mas poderia sim! Um crokzy surgiu à minha frente. Era tão grande e gordo que mal passava naquele corredor estreito. Alguns daqueles monstros saíram do galpão quando eu os coloquei para fora do buraco e estavam à solta na comunidade.

— Corredor estreito? É isso! — falei.

Antes de me apavorar sem saber o que fazer, tive a ideia de pular. Eu ainda tive força para isso. Pulei e empurrei os muros das casas, de modo que fiquei pendurado naquela viela. O crokzy passou por baixo de mim atacando um dos caras que me perseguia. Contudo, os outros dois conseguiram escapar, deixando o amigo ser devorado. Eles então continuaram a me perseguir e voltaram a atirar contra mim.

Aproveitei minha posição e escalei as paredes, voltando para os telhados. Corri sobre eles saltando de uma casa para outra e pulando becos.

Sons e luzes no céu. Helicópteros e viaturas com hélices se aproximavam. Eu precisava voltar para o solo. Ouvi gritos. Apontei a cabeça em uma rua. Duas garotas, uma alta e outra mais baixa estavam correndo de um crokzy.

Mais uma vez, tornei a correr. Corri tanto que consegui alcançar a mesma velocidade e o mesmo alinhamento que o monstro, porém ele estava no chão e eu nos telhados. As garotas ficaram encurraladas na rua sem saída. Precisei me adiantar mais. Com um pulo, consegui saltar sobre o crokzy, impedindo-o de atacar as garotas. Joguei-o para longe. Não tão longe quanto eu gostaria, mas o suficiente para deixá-lo desacordado.

— Vocês estão bem, meninas? Ana Luz?! — era a garotinha que eu havia encontrado, ela estava com outra garota um pouco mais velha.

— Está vendo, Vanice! Eu disse que vi um anjo e que ele nos protegeria!

— Uau! — falou Vanice. — Você é um anjo de verdade?

— Sou sim! — respondi.

— Grrrrr!!! — bramiu a criatura.

— Vocês precisam vir comigo! Você sobe nas minhas costas — pedi à mais velha. — Eu seguro a Ana Luz.

Com as meninas comigo, empurrei a porta de uma casa com o pé. O crokzy foi atrás de nós. A casa parecia vazia. Estava escura, mas era possível enxergar. Subi o conjunto de escadas que encontrei para o andar superior.

— Grrrrr!!!

— O monstro entrou na casa! — disse Vanice.

— Calma, vamos sair daqui! — tentei tranquilizar as meninas. — Preciso que vocês fiquem quietas.

No andar de cima, o corredor estava com a luz acesa. Havia vários quartos, porém sem portas. Entramos em um. Escondemo-nos. Ficamos encostados no canto escuro do quarto. Observamos o monstro se aproximar. A luz do corredor sob a criatura deixava-a mais horripilante. Ela ameaçou querer entrar no quarto, porém, passou direto. Ana Luz quis gritar. Eu tampei a boca dela.

— Ah!!!!!! — alguém gritou. — O que está acontecendo aqui? Quem são vocês? — disse um homem que estava deitado em uma cama. Não havíamos notado ele antes, e nem ele a nós.

Quando ouviu o grito, o crokzy ressurgiu na entrada do quarto. Houve mais um grito, pois o rapaz se assustou com a criatura. O crokzy pulou sobre o homem. Retirei-me com as meninas do quarto antes que elas vissem o que o monstro era capaz de fazer.

Do lado de fora da casa, encontrei com alguém.

— Minhas filhas! — disse uma mulher desesperada. Era negra, com os cabelos grandes e anelados. — Procurei por vocês em toda a parte! Quem é você? — falou quando me viu e notou as asas.

— Ele é um anjo, mamãe! — disse Ana Luz ainda no meu colo.

— Sim, ele nos salvou de um monstro! — falou Vanice ainda nas minhas costas.

— Não salvei totalmente, a gente precisa ir antes que... — não completei a frase.

Do segundo andar, o crokzy explodiu a janela do quarto onde estava até cair na rua. Sacudiu-se para se ver livre dos cacos de vidro e pedaços da parede. Depois nos encarou.

— Fique atrás de mim — pedi para a mulher. Ela me obedeceu.

Nós estávamos andando de costas e devagar. Eu segurando Ana Luz e com a irmã nas costas, e a mãe das meninas atrás de mim. Havia um muro alto na nossa retaguarda. Era o fim da rua.

— Quando a criatura se aproximar, ao meu sinal, você me agarra. Eu vou pular — murmurei para a mulher.

— Pular? Achei que você voava — disse ela.

— Sim, mas minhas asas estão fracas.

Não deixamos de encarar a criatura. Depois de tanto rosnar, ela partiu para nos atacar. Eu estava aguardando o momento certo. No entanto, ele não chegou. A mulher passou à minha frente correndo de encontro ao crokzy. O monstro foi arremessado pelos braços da mulher. O bicho passou ao meu lado até parar no muro, destruindo-o.

— Pode fechar a boca, bonitão! — disse a mulher quando viu minha expressão. — Meninas, deixem o moço!

Vanice desceu das minhas costas. Eu coloquei Ana Luz no chão. Elas foram correndo abraçar a mãe delas.

— Minha heroína! — Vanice disse, depois beijou a face da mulher.

— Como você fez aquilo?! Você também é um tipo de mutante?

— Sim. Obrigado por cuidar de minhas filhas. Meu nome é...

— Selena! — apareceu outra mulher. — Selena! Nós precisamos ir embora daqui! O Morro do Furgão está sendo invadido!

— Eu sei, Simone — respondeu Selena, mãe das meninas.

— Quem é esse? — disse Simone quando me viu.

— Ainda não sei o nome. Quem é você?

— Sou Juan. Eu também preciso ir. Fico feliz que as meninas estão a salvo — falei. — Será que o monstro irá voltar?

— Só se for outro, pois esse já era! Venha ver! — Selena me chamou até o muro destruído.

De perto, foi possível notar que, do outro lado do muro, havia um precipício. Eu me esqueci disso. Também pudera, muitos anos sem voltar àquele lugar.

— Adeus, meninas! Cuidem-se! — abracei as meninas. — Cuidem-se vocês também — falei para as duas mulheres.

— Vamos, meninas! — disse Selena. — Precisamos levar a vovó Ruth até os amigos dela.

— Ruth?! — perguntei. — Dona Ruth?

— Sim, é nossa mãe. Você a conhece? — perguntou Selena.

— Sim. Eu fiquei sabendo do neto dela que morreu — falei o que me veio à cabeça.

— Era o meu filho — comentou Simone.

Por um instante, fiquei estático. Decidi falar:

— O que o Jeferson é de vocês?

— Ele é meu ex-marido — revelou Selena. — Pai da minha filha mais nova. Mas meu relacionamento com ele acabou depois que ele voltou a traficar.

— Pai de sua filha?!

A menina era minha sobrinha! E eu nem sabia disso. Fiquei olhando para ela admirado.

— Como você disse que se chama mesmo? — perguntou Selena. Olhei para ela.

— Eu preciso ir! — falei antes que Selena pudesse descobrir algo sobre mim.

Segui meu caminho em direção ao topo do Morro.

Fui correndo!

“A casa roxa de três andares!”. Pensei assim que avistei o lugar. Eu já sentia minhas energias de volta. O efeito daquelas esferas devia ter passado.

Não tive cautela nenhuma. Queria chegar de uma vez! Arrombei a porta. Vários tiros para cima de mim. Com o pensamento, retirei as armas dos três capangas que me aguardavam. Arremessei para longe as submetralhadoras. Lutei contra os caras. Venci um. Venci outro. Agarrei o último. Segurei o pescoço dele com o meu braço. Perguntei:

— Onde está o seu chefe?

— Lá em cima! — apontou para o segundo andar. Finalizei o golpe. Venci o terceiro.

Meus passos desaceleraram no segundo piso. Eu sabia que estava próximo. O lugar emanava energia negativa. Uma cortina separava o corredor da sala onde estava Jeferson. Eu passei pela cortina.

— Pode entrar, Juan! Nós o estávamos aguardando. Eu e seu falecido amigo — Jeferson disse sentado em uma cadeira. Diante dele, ao chão, estava Lukas. Morto com um tiro na testa.

— Seu cretino!

— Atire!

Um capanga, que estava escondido na sala, atirou em mim. Mas o que me acertou não foram balas. Foram várias esferas inibidoras de poder. Antes de fazerem efeito, usei meu poder para retirar a arma dele. Com a coronha, o golpeei fortemente. Em seguida, fui perdendo a força até ficar de joelhos.

— Isso! Muito bom! De joelhos! É assim que você tem que ficar diante de mim! — falou Jeferson me circulando. — Viu o que faço com traidores? Um dos meus comparsas que tem poderes percebeu Lukas entrando em contato com você! Eu bem desconfiei que ele estava diferente. Eu sabia que ele cumpria atividades sociais em alguma instituição, e, pelo que imagino, é a instituição da Dona Emma, aquela velhota.

— Não fale assim dela! Ai! — eu estava sentindo muita dor e me contorcia. Minhas asas começaram a se mexer de forma descontrolada.

— Interessante! — falou Jeferson admirando minhas asas. — Será que eu terei uma também?

— Não! Ai! Demônios não têm asas!

— Haha! Que estranho! Agora você acredita em demônios? Mas você não acreditava em nada... Haha! É muito clichê: o irmão bom é o que tem asas, assim como um anjo; e o irmão mau? Quero saber onde estão os meus chifres!

— Ai! Ai! — estava doendo demais.

— Espere. Vou ajudá-lo.

Jeferson foi até o capanga caído. Enquanto isso, eu olhei para Lukas. Sentia-me culpado. Pensei em Sabrina. Ela gostava muito dele.

— Olha para mim! — pediu Jeferson. Olhei para saber o que ele queria dessa vez. Ele havia pegado a arma no chão. Efetuou disparos. Mais esferas me atingiram. Elas foram parar nas asas.

— Ah!!! — não aguentei. Fiquei estirado no chão.

— Gostou do brinquedo que o policial Bob trouxe para mim? Seu colega de trabalho é muito diferente. Ou era, não é? Você sabe me dizer se ele continua vivo? Hein?

Eu não respondia. Só conseguia ficar gemendo no chão.

— Ok — disse Jeferson. — Se não quer falar, eu falo. Acho curioso como, em todos os lugares, inclusive na polícia, existem pessoas que fogem da regra. Você é um que abandonou sua comunidade e suas raízes quando decidiu entrar para a polícia. Esse tal Bob, por outro lado, abandonou a instituição quando se juntou a mim. Um tolo, coitado. Nunca que eu faria amizade com um policial! Daqui a pouco, aparece outro militar trouxa para conseguir mais informações para mim sobre a polícia. Se você não fosse tão idiota, você seria uma ótima ferramenta de intercâmbio para me ajudar nos negócios.

— Jamais... faria... parceria com você! — consegui dar um chute em Jeferson, mas foi um chute tão fraco que ele nem se mexeu.

— Ora, ora! Você está conseguindo reagir. Acho que terei que usar minhas habilidades agora! — Jeferson colocou a bandoleira da arma que segurava em volta do pescoço. Ele pôde ficar com as mãos livres. — Veja, maninho, aprenda com o seu irmão mais velho!

Com as mãos fazendo giros em círculos de sentidos opostos, Jeferson fez sair vários raios elétricos das lâmpadas daquela sala. Ele conseguiu absorver uma grande energia a partir delas. Só havia duas lâmpadas. Elas estouraram, mas as faíscas luminosas saíam cada vez mais e se aglomeraram no teto em um bolo de raios. Começou a ventar. A cortina que estava na porta saiu do lugar. De cada mão de Jeferson, um raio se estendia ligando-se à esfera brilhante.

De repente, meu irmão conduziu o emaranhado luminoso até o meu peito! O calor foi tão intenso que chegava a queimar! Se alguém tivesse atravessado uma tocha em chamas no meu peito, talvez, a sensação seria a mesma. O impacto me arrastou até a parede do lugar.

— Haha!!! — ele riu.

Os raios ainda não haviam cessado. Eles continuaram presos no meu peito. Jeferson, por meio dos raios, conduziu-me para o outro lado. Bati em outra parede.

— Haha!!! Isso é muito divertido, não é maninho?

Ele continuou essa brincadeira de me jogar de um lado para outro sendo arrastado pelos raios.

— Que tal subirmos de nível? Vamos para a fase dois!

Usando os raios, ele me atirou com tanta força para cima que fiz um buraco no teto. Na parte superior daquele prédio, caí no chão. Jeferson pulou até lá através do buraco que provoqueei. O lugar era uma laje. Um muro baixo, ainda inacabado, cercava aquela área com varais esticados e um tanque de roupas em um pequeno cômodo com telhado. Era uma lavanderia.

— Que incrível esta vista! — Jeferson foi observar o outro lado do pequeno muro de tijolos. Os raios cessaram, mas eu fiquei ao chão sem forças. — Sabia que esta casa foi construída rente ao barranco do

precipício? É uma altura e tanto até lá embaixo naquelas pedras. Ainda mais porque estamos no topo do morro.

Aeronaves estavam sobrevoando a comunidade. Eu tentei ficar em pé. Com dificuldade, consegui retirar o meu tronco do chão firmando a palma de minhas mãos contra o solo.

— Seus irmãos chegaram! — Jeferson disse. — Como um bom anfitrião que sou, vou recebê-los como merecem!

Eu realmente havia subestimado o poder de Jeferson. O que ele foi capaz de fazer em seguida foi terrivelmente destruidor. Ele ergueu os braços para cima. As luzes de toda a comunidade começaram a piscar. Eu pude enxergar o que acontecia, pois, mesmo estando agachado, por causa do muro incompleto, eu tinha uma visão quase total do Morro do Furgão a partir daquele ponto.

Várias fagulhas de raios dos postes e das casas subiram para o céu, mas morriam em seguida. Eram feixes compridos de luzes saindo de baixo para cima. Um ali, outro acolá. Vários surgindo e desaparecendo. Um, porém, mais intenso, subiu até atingir um helicóptero. A aeronave teve uma pane no sistema, despencando do ar. A queda provocou uma explosão em algumas casas. O mesmo aconteceu com uma viatura com hélices: um raio, de baixo para cima, atingiu-a, fazendo-a cair. Aconteceu com outra e outra até não sobrar mais nenhuma aeronave no céu.

— Você... acabou atingindo... algumas casas da comunidade!

— Não tem problema. Espere! Você está conseguindo falar? Acho que o efeito das esferas está acabando — meu irmão colocou a arma para frente, mirou em mim, apertou o gatilho. — Não acredito! Acabaram as munições. — ele retirou a bandoleira do pescoço e jogou a arma num canto. — Vou dar um jeito em você com minhas próprias mãos!

Mais uma vez ele fez a dança com os braços. Usou a eletricidade da lâmpada que estava no cômodo com o tanque. A lâmpada estava apagada e acendeu. Saíram raios dela. Entre nós, formou-se uma bola de raios. Eu não conseguia fazer nada. Estava fraco. Olhava para alguns objetos ao redor, mas nem ao menos um tijolo eu conseguia mo-

ver, por mais que eu me concentrasse. Restou apenas aguardar o golpe do meu irmão. Fui arremessado contra o pequeno cômodo. Pedacos da parede e do telhado caíram sobre mim.

O impacto foi intenso. Senti dores em partes do meu corpo que eu nem sabia que eu poderia sentir. Apenas a minha cabeça não estava soterrada naqueles escombros. Eu conseguia mover alguns dedos. Tateei umas pedras. Mas eu sabia que, para sair daquela situação, era necessária uma força muito maior. Com dificuldades, consegui mover minhas pálpebras. Na nuvem de poeira, uma figura se movia até mim.

— Você é uma vergonha para família. Sempre foi! — Jeferson não estava disposto a desistir de me derrotar. Era nítido o quanto queria acompanhar o meu fim. E parece que estava conseguindo. — Nossa avó teria vergonha de você! — continuou ele.

— Não... não fale de minha avó! — não sei como consegui dizer essas palavras. Minha boca não se abria por completo, devido às pedras abaixo do meu queixo. Eu mal conseguia olhar para cima e ver a expressão de soberania dele. Ele estava de pé, próximo aos escombros, observando-me de cima para baixo. Eu conseguia sentir o sangue escorregar de minha testa. Há muito tempo eu não sangrava.

Ouvir meu irmão falar sobre minha avó fez minha cabeça doer. Balbuciei:

— Se ela soubesse... sobre o bandido que você se tornou...

— Haha! — Jeferson gargalhou. — Como você é inocente... você acha mesmo que a vovó não sabia que eu roubava?

— O... quê? — consegui levantar a cabeça e enxergar aquela feição.

— Você acha mesmo que ela não sabia de onde vinham aqueles presentes que todos os dias eu dava para ela? Você acha mesmo que ela acreditava que eu ganhava todo aquele dinheiro lavando carros? Ela sabia, ela sabia de tudo!

— Men... mentira! — minha boca começou a espumar.

— Ela acobertava meus crimes. Era cúmplice.

— Cale-se! CALE-SE!

— Juan, o que foi? Está surpreso ao saber que sua tão adorável vovozinha era uma criminosa também? — ele abaixou-se próximo ao meu rosto. — Isso mesmo, irmãozinho, nossa avó era uma C—R—I—M—I—N—O—S—A!

— AHHHHHHHHHHH!!!!!!!

Eu não estava interessado em saber como fiquei em pé, como minhas asas se abriram, como as esferas inibidoras de poderes desgrudaram de meu corpo e como todas aquelas pedras e pedacos de concreto saíram de cima de mim e se espalharam como uma bomba. O que me interessava era silenciar, de uma vez por todas, aquela boca que dizia aqueles absurdos.

Não sei como explicar o que aconteceu. Estiquei minha mão direita para o lado. Minha perna mecânica foi parar entre meus dedos. Ela havia saído com o impacto da minha queda. Coloquei-a no lugar sem deixar de acompanhar meu alvo. Estiquei minhas asas o máximo que pude para deixá-las bem grandes e majestosas.

Meu olhar era fixo, firme e sedento de vingança. Diferente dos meus, os olhos do meu alvo eram arregalados, espantados ao ver aquela cena inesperada de minha recuperação brusca. Ele andava de costas ao me encarar enquanto eu caminhava lentamente, mas com firmeza.

Um passo em falso e Jeferson caiu justamente no precipício. Porém, consegui se segurar na beirada da laje.

— Meu irmão! Ajude-me!

— Agora eu sou seu irmão? Não era você mesmo que disse que eu nem era da família? — fiquei próximo a ele.

— Eu falei porque estava com raiva. Eu jamais faria algo de ruim com você! Se eu quisesse matá-lo, eu já teria feito isso, não é mesmo?

— Deixe de dizer bobagens! Você tentou me matar várias vezes.

— Eu só queria machucar você, mas nunca matar. Eu juro! — um pedaço do tijolo que segurava caiu e ele ficou pendurado apenas por uma mão. — Ajude-me, por favor!!!

— Que ironia! — fiquei com os pés próximos à única mão que ainda sustentava Jeferson. — Você pedindo ajuda para um policial? Quem poderia imaginar!

— Por favor, Juan! Eu não vou sobreviver a essa queda. Me perdoe, meu irmão! Por favor, me perdoe! — lágrimas saíram daqueles olhos escuros.

Agachei bem próximo ao rosto de Jeferson para dizer:

— Nunca! — minha mão ardeu fortemente. Olhei para a palma de minha mão. Minha marca de nascença brilhava com intensidade. Fechei meu punho ignorando aquela dor e aquele efeito luminoso. — Nunca perderei todo o mal que você me fez e fez para os outros! Quero ver sua derrota, seu monstro!

O semblante de Jeferson já não era mais o de alguém desesperado. Ele mudou. Começou a gargalhar.

— Está rindo de pânico? — perguntei.

— Haha! Não! Eu me enganei. Você é verdadeiramente meu irmão. Nós dois somos terrivelmente iguais!

— É claro que não. Não sou como você!

— Não mesmo? Quantas pessoas você matou somente nesta noite? Quantas pessoas você está colocando em perigo por sua causa? — essas perguntas me fizeram ficar estático. — O verdadeiro monstro sempre existiu dentro de você, Juan. O tempo todo! E você não conseguiu derrotá-lo. Você só o alimentou! E, assim como eu, você se rendeu a ele! Haha! Nos encontraremos do outro lado, irmãozinho!

Os dedos de Jeferson se desprenderam do tijolo. A queda dele foi silenciosa. Não consegui fazer nada. Fiquei em estado de pânico! Quando me lembrei de que eu poderia fazer algo, como voar até ele, era tarde demais...

Recordei-me do que a extraterrestre queria me dizer o tempo todo.

Fiquei em pé. Deixei de ver o corpo estirado de Jeferson nas pedras daquele penhasco para analisar minha marca de nascença. Parou de brilhar, mas continuava dolorida. Fui para o outro lado da varanda

de onde era possível contemplar a favela. Muitos tiros e gritos ainda tomavam conta do lugar. Eu ainda segurava a minha mão.

— Eu falhei! Agora eu entendi qual era a minha missão. E eu falhei!

O panorama do lugar ficou embaçado com minhas lágrimas. Abaixei a cabeça, mas não por muito tempo. Algo a fez levantar novamente.

No céu, ainda escuro, sobre todo o Morro do Furgão, várias telas foram projetadas. Naquelas imagens de hologramas, vi Richard!

— Por favor, parem! Parem essa guerra absurda!!!

— Aqui é o Capitão Theo, e eu também exijo que vocês parem! — disse o Capitão surgindo ao lado de Richard. Eles estavam numa espécie de estúdio com o fundo branco.

— Comunidade do Morro do Furgão, por favor, não briguem mais! — disse Dona Ruth, aquela senhora que Richard convidou para ir à casa dele, avó do garoto que eu matei e também avó da menina Ana Luz. A senhora também estava enquadrada naquela transmissão, que parecia ser ao vivo.

Não ouvi mais tiros e nem gritos. Parecia que todos pararam para ver o que estava acontecendo. Vários dispositivos aéreos circulavam a favela. Alguns projetavam as telas no ar, outros emitiam o áudio do vídeo.

— Todos vocês, de ambos os lados, estão lutando em vão! — disse Capitão Theo.

— Nenhuma guerra tem sentido, e essa menos ainda! — falou Richard, ele, assim como os outros, estava visivelmente emocionado. — Vamos contar tudo o que aconteceu e quem está por trás disso!

— Meus amigos e irmãos de comunidade, vocês são minha família! — Dona Ruth disse. — Nenhuma vida é melhor do que a outra! Todos nós cometemos erros em nossas vidas. Alguns aprendem mais rápido, outros demoram mais. Temos que ter paciência com aqueles que ainda não aprenderam, pois um dia alguém teve paciência conosco e não nos abandonou. Se revidarmos com o mesmo ódio tudo o que nos fizeram, a guerra não terá fim.

— Por outro lado, se combatermos o mal com amor, essa será a nossa maior defesa!

— A polícia não é contra os marginalizados, os mais pobres, os moradores de favela.

— A comunidade não é contra a polícia.

— Se todos querem viver em um mundo melhor, sem discriminação, sem violência, sem guerra, sem ódio, então por que brigar?

— A causa principal da violência, de ambos os lados, é motivada por uma coisa: a falta de respeito pela opinião diferente!

— E a disseminação desta guerra aqui, agora, está acontecendo por causa de uma pessoa: General Skirmjan!

Um dispositivo aéreo projetou uma luz, como um holofote, sobre um tanque de guerra que subia o morro, em cima do qual estava um senhor. Nas telas, apareceram as imagens desse senhor. Era o General Skirmjan. Ele não parecia estar surpreso.

No chão de onde eu estava, peguei a arma que Jeferson havia descartado. Utilizei a mira telescópica do objeto para assistir melhor àquilo que estava acontecendo para baixo do morro. Os militares ao redor do General pareciam confusos.

— O General Skirmjan foi quem matou o General Gabriel e a Coronel Luísa para conseguir tomar o poder! — Capitão Theo revelou.

— Não pode ser! — falei retirando o olho da mira.

— Ele também matou o Sargento Matheus, pois este, provavelmente, havia descoberto os seus planos maquiavélicos e foi morto para não contar nada — disse Richard.

— Foi esse General quem incentivou Jeferson a libertar os monstros daquela prisão e dar início a uma guerra. Jeferson me contou isso e disse que receberia mais poder em troca — disse Dona Ruth.

— Sabem como e por que o General Skirmjan fez isso? Porque ele possui poderes paranormais há muitos e muitos anos!

General Skirmjan começou a aplaudir.

— Belo trabalho de investigação, Capitão Theo! — o som da voz dele estava audível para todos. — Uma pena que sua equipe foi descobrir esses fatos no final dessa história, quando é tarde demais para impedir o que eu pretendo desde o início!

Todos ficaram espantados com as revelações e, mais ainda, quando o General Skirmjan começou a flutuar metros e metros acima. O holofote o acompanhava. E nos telões tudo era transmitido.

De repente, o general ergueu uma das mãos na direção do início do morro, onde um carro puxava um trailer. Pela mira, descobri o que era. David e Shanti estavam no veículo. Eles mexiam em equipamentos, possivelmente controlando os dispositivos aéreos. O trailer começou a levitar. David e Shanti saíram do carro. Alguns segundos depois e o automóvel se despreendeu do trailer, caindo com a dianteira no chão. Por pouco não atingiu meus amigos. Em seguida, todos os dispositivos que estavam sendo utilizados para realizar a transmissão caíram também. A favela voltou a ficar mais escura sem o brilho das projeções.

Deixei o rifle de lado. Fiquei em pé observando o trailer e o General Skirmjan voarem. Eles pareciam estar vindo até a minha direção. De fato, estavam! Saí da beirada da varanda. O trailer acabou destruindo o pedaço do muro da laje. Depois “estacionou” de forma violenta sobre aquele lugar. O chão estremeceu, mas não se rompeu.

O General, ainda flutuando, mas dessa vez sobre minha cabeça, usou seus poderes para abrir a lateral do trailer, como se fosse uma tampa. Lá dentro, vi Richard, Capitão Theo e Dona Ruth! Era de lá que eles estavam transmitindo suas imagens e sons.

— Juan! — disse Richard quando me viu.

— Richard! — fui em direção a meu amado.

O General Skirmjan desceu até a laje, ficando entre mim e o trailer. Eu o encarei.

— Seu... — não consegui falar e nem me movimentar. Fui impedido por alguma força.

— Ora, ora! Onde estão os seus modos militares? Não o autorizei a ficar à vontade. E cadê minha continência?

Meu braço direito moveu-se involuntariamente.

— Agora sim. Muito bom. — disse o General logo que prestei a continência indesejada. Depois permaneci na posição de sentido. Eu estava tremendo tentando me mover. Em vão.

— Vejamos vocês. — Richard, Capitão Theo e Dona Ruth também ficaram com seus movimentos contidos. Eles foram retirados do trailer até flutuarem próximo a mim. — Confesso que eu não havia imaginado esse encontro dessa forma. Mas tudo está saindo bem melhor do que eu esperava. Graças a esse rapaz. — ele se aproximou. — Acho que consigo ler seus pensamentos, Juan. Você quer saber o porquê de tudo isso, não é mesmo? — a voz dele era aveludada, transmitindo uma falsa serenidade. — Meu querido e tão esperado Juan. — começou a acariciar o meu rosto. Eu conseguia apenas mover meus olhos. Uma imensa sensação de repugnância tomou conta de mim. — Foi muito difícil esperar para encontrá-lo, mas eu sabia que você surgiria — ele cessou a carícia. — E eu precisava estar preparado. Precisei me adaptar a esse mundo contemporâneo. Entrar para o meio militar. Conquistar minhas posições, conquistar as pessoas, conquistar a sociedade. Tudo isso, claro, usando minhas artimanhas com meus poderes. Até que chegou o momento de encontrar com você! E, agora, acabar contigo. Vamos fazer isso da melhor maneira? Devagar e com sofrimento. Vamos começar por grau de afinidade, do menor para o maior. Venha aqui minha senhora. — Dona Ruth flutuou até o General. — Tudo bem com a senhora? Espero que não. Assim que eu estralar meus dedos, quero assistir a um show de encenação, certo? Com muita dor e sofrimento. Um, dois, três e já!

Skirmjan estralou os dedos. Dona Ruth deixou de ficar estática. Ela levou as mãos ao pescoço. Parecia que estava engasgando. Ela abaixou e ficou sentada apoiando uma mão ao chão e a outra ainda no pescoço.

Eu tremia demais. Meus olhos diziam: “Pare!!! Por favor, pare! Vai matá-la! Seu covarde! Covarde!!!”. Eu estava me sentindo agoniam-

do ao ver aquela senhora sofrendo daquele jeito. Ela esticou a mão que apoiava o chão em direção ao General. Ele apenas observava alheio à situação com um leve sorriso no rosto. O gesto de Dona Ruth era de súplica. O braço esticado perdia força e ia ao chão morosamente junto ao restante do corpo, até não se mover mais.

— Excelente! — falou Skirmjan. — Agora o próximo. Capitão Theo. Que nome sugestivo! Haha! Um oficial deve morrer como tal, não é mesmo? Acho que à minha espada caberá esta honra.

O General Skirmjan desembainhou sua inseparável espada. Quando a retirou por completo, ergueu-a sobre a cabeça. Acompanhei com os olhos. A espada reluzia. Era um brilho magnífico. Notei que ela havia se transformado em uma espada maior. O pomo, o cabo, o guardamão, o gume, tudo! Era outra espada. A lâmina parecia ser mais larga. O guardamão era feito de diamantes em formato de raios.

— O que você prefere, Capitão? Uma fincada no peito, nas costas ou uma decapitação? — o Capitão parecia querer dizer algo, um “Vá para o Inferno!”, talvez. — Não quer falar nada não? Ok. Então, eu escolho a melhor forma para a sua morte. Que tal nas suas costelas? Assim você demora mais a bater as botas.

Sem pestanejar, aquela espada penetrou a cintura do Capitão, atravessando seu corpo. Assim que retirou a espada ensanguentada, o meu superior caiu. Eu não pude fazer nada.

— Haha! Gostou dessa, Juan? Ainda falta mais um. Seu namoradinho! — disse o General.

Algo incrível aconteceu em seguida! A cabeça enorme de um dragão emergiu atrás de Skirmjan. Era aquele dinossauro alado. Emily estava sobre suas costas! O vilão virou para trás quando se deparou com a sombra do dragão. A espada dele caiu. Não deu tempo para reagir. O General foi engolido pelo monstro.

Em sequência, eu e Richard conseguimos nos mexer novamente. Nós fomos acudir o Capitão.

— Capitão!

— Theo! — gritou Emily. Ela estava machucada, provavelmente pela luta contra Malaika. Minha amiga pulou do dragão até a laje onde estávamos.

— Juan! — Capitão respirava e falava com dificuldades. Havia muito sangue escorrendo por sua cintura. — Você precisa pegar a espada. É ela que dá o poder a ele. Desfaça-se dela, o mais rápido possível!

— Sim, senhor!

— Meu querido! Por favor, não morra! — dizia Emily agachada segurando o Capitão Theo nos braços.

— Emily, obrigado por me fazer feliz nesses últimos tempos — os dois seguraram as mãos um do outro.

— Emily! — chamou Richard. — Está acontecendo alguma coisa com o dragão!

O monstro voava próximo de onde estávamos, porém, estava se contorcendo no ar. De repente, houve um estouro. Do estômago do animal, o General Skirmjan surgiu como se fosse uma bala saindo de dentro para fora. Com o ferimento, o dragão caiu no penhasco.

— Não!!! — gritou Emily.

— Juan! Rápido! — disse Capitão Theo apontando para a espada no chão.

Eu corri para pegar aquela arma. Consegui alcançá-la.

Eu queria atirar a espada o mais longe possível, agarrei o instrumento com minhas duas mãos. Senti uma energia saindo da minha marca de nascença. Por instantes, foi possível observar a espada com mais precisão. Os cristais no guardamão formavam uma rosa dos ventos de onde, na parte superior, emergia a lâmina. Aquele formato de rosa dos ventos parecia com algum símbolo que eu já tinha visto. Era uma espada deslumbrante. Mas não pude admirá-la por muito tempo. Agi para lançar a espada ao longe. O General quase conseguiu tomá-la de mim. Lancei-a com toda minha força. E logo a espada estava a quilômetros e quilômetros de distância. Skirmjan foi voando atrás do objeto.

— Vocês precisam sair daqui antes que ele volte! — disse Capitão Theo gemendo de dor.

— Não vamos abandoná-lo! — disse Emily ainda segurando as mãos do Capitão.

— É a mim que ele quer! Vocês precisam sair daqui! — falei.

— E deixar você? Nunca! — Richard levantou-se para me abraçar.

— Juan! — chamou-me o Capitão Theo. Olhei para ele. Ele fez um gesto de afirmação com a cabeça. Eu compreendi. Eu precisava salvar as pessoas que amávamos. — Cuide-se, Emily! Utilize seu dom para ajudar a salvar este mundo. Eu tenho fé que ainda é possível salvá-lo.

— Nós faremos isso juntos! — falou Emily começando a chorar.

— Sim! Faremos sim, mas a minha ajuda, agora, será enquanto espírito.

— Não diga isso!

— Emily! — falei. Minha amiga voltou-se para mim. — Eu sinto muito!

— O quê? — uma das esferas inibidoras, que estava no chão, foi parar na testa de Emily, ela ficou tonta ameaçando cair. Utilizei a corda do varal para amarrá-la e também amarrar Richard.

— O que você está fazendo?! — Richard disse.

— Espero que vocês me entendam. É para o bem de todos! — Peguei Richard e Emily pela cintura. Coloquei-os dentro do trailer. Emily estava desmaiada.

— Solte-me! — pediu Richard.

— Assim que eu parar de mover o varal, ficará fácil para você se soltar. Depois, você retira a esfera de Emily. Salvem-se e ajudem a salvar outros também!

— Não faça isso! Meu anjo, não!!!

— Richard! Escute-me! — segurei-o pelos ombros com as duas mãos. Ele não parava de chorar. — Eu preciso fazer isso!

— Não! Por favor!

— Richard! — olhei nos olhos dele. Eu senti que era a última vez que eu o veria. Fiquei emocionado também. — Obrigado por me amar do jeito que sou! Eu te amo!

Beijei os lábios inconformados de Richard. Posteriormente, dei um beijo na testa dele. Saí de dentro do trailer. Richard não parava de clamar. A tampa da lateral do trailer se fechou. Movi o trailer para que ele flutuasse até as ruas no início do morro. Assim que fiz isso, fui até o Capitão. Peguei-o cuidadosamente.

— Vamos sair daqui, Capitão!

— Não adianta, Juan! Estou morrendo. Salve-se!

Abri minhas asas, levantei voo com o meu amigo nos braços. Um vulto surgiu no céu.

— É ele! Fuja, Juan!

Virei para outra direção. Alguma coisa puxou o meu pé. Olhei para baixo. Era Skirmjan.

— Aonde você pensa que vai? Eu o autorizei?

Fiz força e minha perna saiu. Era a perna mecânica. Ainda assim, o sujeito não desistiu e, com seu poder, me jogou de volta na laje onde estávamos. Eu não soltei Capitão Theo em nenhum momento.

— O senhor está bem, Capitão? — falei depois de me ajeitar. Fiquei sentado com o meu superior nos braços. — Capitão? Capitão!!!

Meu amigo não respondia. Ele estava morto.

— NÃOOOO!!!

— Que pena, queria vê-lo morrer — Skirmjan posou em minha frente.

— Seu monstro!!! Você vai ver! — deixei o amigo ao lado. Levantei, mas caí. Esqueci que estava sem a minha perna mecânica.

— Vou ver o quê? Eu já consegui o que eu queria, Juan. E você me ajudou nisso. — mostrou-me a espada.

— A espada?! Mas você já tinha essa espada antes.

— Sim, mas não com os poderes que faltavam. Os seus poderes! Concentrei-me para que alguns pedaços de concreto acertassem o General. Ele se desviou de todos eles.

— Não perdi meus poderes.

— Não me refiro a esses, seu tolo. Estou falando de outras energias mais grandiosas! Vou lhe contar uma história. Fique sentado. Fiquei. Involuntariamente. Observei de baixo para cima, aquele sujeito se aproximar segurando a espada.

— Sabe como se chama esta espada?

— Não! E não quero saber! — consegui falar, apesar de não mover meus membros.

— Ela se chama Gandhor! Esse nome não lhe parece familiar? Gandhor! Eu me concentrava e parecia que lá no fundo da minha memória, aquela palavra soava familiar. Era uma lembrança vaga. Porém, eu tinha certeza de que já ouvira antes.

— Talvez você não se recorde muito bem, Juan, pois você estava em outra vida.

— Do que você está falando?

— Em uma reencarnação passada, você conhecia essa espada poderosa e jurou guardá-la e protegê-la. Você e outros seres eram os Guardiões da Espada Gandhor! Mas vocês acabaram morrendo, e a espada perdeu os poderes. Na verdade, os poderes da espada foram divididos entre os guardiões e os acompanhariam por todas as reencarnações, assim como as marcas do juramento.

Tentei abrir a palma de minha mão para ver minha marca de nascença.

— Sim, é essa mesma! — ele ficou perto de mim. — Depois que descobri como conseguir os poderes da espada de volta, foi questão de tempo para encontrar quem eu precisava. E encontrei você! Tive tempo suficiente para arquitetar um plano de conquistar o mundo. Esses extraterrestres chatos tentaram intervir, mas consegui bloqueá-los para não me perturbarem. Vejo o belo presente que lhe deram — ele

falava das minhas asas. — Um desperdício. Provavelmente, foram esses ETs que me denunciaram para o Capitão Theo. De toda forma, como ele era inteligente, acabaria descobrindo também. Bom, agora, após a sua morte, vou continuar a causar discórdia entre as nações. É tão fácil fazê-las brigar entre si. É só envolver qualquer coisa que tenha dinheiro! Haha! O ser humano só pensa nisso! Nos prazeres imediatos da matéria. Haha! Gostou da história? Agora, levante-se. Essa é a parte em que eu omato. — uma força me fez ficar em pé, sobre um pé. — Vamos ficar ali próximo ao penhasco. Quero que você morra como o seu irmão.

Olhei assustado para o General. Eu fui flutuando até ficar ao lado dele. Daquele ponto onde estávamos, para além de umas montanhas dali, percebi que os primeiros raios do dia chegavam. Com um lado do rosto iluminado pelo sol, aquele sujeito falou:

— Ah! Você acha que eu não sei o que estava acontecendo aqui? Fiquei observando de longe. Assistindo à sua energia crescer. E ainda dizem que energia ruim não pode ser grandiosa. Pode sim! E você é a prova disso. Era o ápice que eu precisava para transferir seu poder para a espada. Uma pena seu irmão ter morrido. Eu prometi tanto para ele. Ele fez tudo exatamente como eu pedi. Muito obediente. E você, que tentou ir para o outro lado, terá o mesmo fim. Haha! Não é cômico?

— Quem é você? — frente a frente com o sujeito, olhei profundamente nos seus olhos castanhos até conseguir ver meu reflexo.

— Meu nome verdadeiro é Zannfer! Se você sobrevivesse, você ouviria falar muito de mim. Mas chega de conversa e vamos ao que interessa. — ele empunhou a espada.

— Você não vai conseguir me derrotar, nada pode perfurar o meu corpo!

— Será? — Zannfer atravessou a espada contra o meu estômago.

Nenhuma dor física que eu já havia sentido na vida chegava próximo àquela. A lâmina estava gelada. Como era possível aquela espada me transpassar? Eu não era superforte? De que material era feita aquela arma?

Não adiantava pensar, questionar, indagar, duvidar, refletir. Eu simplesmente sentia a morte se aproximar. Tudo em volta estava ficando frio.

— Até mesmo você, com sua força, não é páreo para a espada Gandhor! — cochichou em meu ouvido. — Esse é o seu fim, Juan!

— Não... não é! — sussurrei com dificuldade. — A morte não é o fim!

Vagarosamente, Zannfer afastou-se de mim, em seguida, retirou a espada do meu estômago. Eu estava caindo. Com o pé, ele me empurrou para o precipício. Caí de costas.

Sentia o vento tocar minhas asas. Elas não se mexiam. Com a cabeça virada, pude ter uma das últimas visões daquela minha vida antes de o meu corpo se espatifar nas pedras.

Mesmo de ponta-cabeça, era um fenômeno lindo de se ver: o nascer do sol.

Como eu queria mais uma chance...



SERÁ QUE ACABOU?

OBRIGADO POR LER ESTE SONHO MATERIALIZADO EM LIVRO! ESPERO QUE VOCÊ TENHA GOSTADO! QUER DEIXAR COMENTÁRIO? QUER SABER COMO FOI O PROCESSO DE CRIAÇÃO? ACESSE O SITE DO LIVRO (GANDHOR.COM). SE NÃO FOR PEDIR MUITO, POR FAVOR, ASSINE O ABAIXO-ASSINADO PARA QUE ESTE LIVRO SE TORNE UMA SÉRIE DE TV OU UM FILME. SERIA FANTÁSTICO, NÃO É MESMO? SE VOCÊ COMPRAR O LIVRO IMPRESSO TAMBÉM ESTARÁ ME AJUDANDO. BEM COMO SE VOCÊ COLABORAR COM A QUANTIA QUE PUDER EM MEU PIX (HELVISTER@YAHOO.COM.BR). DESSA FORMA, ESPERO TER CONDIÇÕES PARA PUBLICAR MAIS UMA HISTÓRIA. SERIA ELA CONTINUAÇÃO? SIGA-ME NAS REDES SOCIAIS PARA SABER (@HELVISTER). MAIS UMA VEZ O MEU MUITÍSSIMO OBRIGADO!

HELVISTER RESENDE, AUTOR DE "AS LENDAS DE GANDHOR".

LINK DO ABAIXO-ASSINADO: CHNG.IT/RQXRVBZSHS

AJUDE A DIVULGAR A ARTE NACIONAL! COMPARTILHE ESTA EDIÇÃO GRATUITA ENTRE SEUS CONTATOS!



Helvister Resende é natural de São João del-Rei (Brasil), cidade do interior do Estado de Minas Gerais, terra cercada de misticismos e lendas. Lugar que inspirou seu primeiro romance de ficção científica, *As lendas de Gandhor*. Formou-se em Comunicação Social – Jornalismo pela Universidade Federal de São João del-Rei, mesma instituição em que cursou o Mestrado em Educação. Como escritor, é autor de crônicas e poesias, além de textos acadêmicos.

Pandemias; catástrofes naturais; acentuação das divergências políticas, ideológicas e de crenças... Será que tudo o que está acontecendo atualmente no mundo é uma mera coincidência?

Segundo uma teoria espírita, não. Diante desse cenário, *As lendas de Gandhor*: a revelação narra a história de Juan, um policial militar que descobre que coisas estranhas estão acontecendo com seus amigos e com o mundo a seu redor. Enfrentando problemas pessoais de relacionamento e de preconceito, Juan ainda terá um encontro fantástico, que o despertará para a missão de auxiliar no destino do planeta Terra, antes que forças ocultas das trevas tenham o controle disso.

www.gandhor.com

ISBN: 978-65-00-07579-3



Contato com o autor via E-mail: helvister@yahoo.com.br ou helvister1@gmail.com